ALMIRANTE USBORNE MOORE

Vislumbres da Nossa Condição Futura

Tradução de Amadeu Duarte

(A Educação de um Agnóstico)
Vice-Almirante W. Usborne Moore
1911

À minha companheira e guia espiritual,
Iola,
este registo da investigação sobre fenómenos espiritualistas,
na qual ela teve um papel tão proeminente,
é dedicado com gratidão.

PREFÁCIO

Há seis anos publiquei um pequeno livro intitulado *O Cosmos e os Credos*. Tratava-se de uma investigação sobre a alegada finalidade da fé cristã. Implícita estava a descrença na imortalidade tal como geralmente é entendida. Nessa altura, pensava que a imortalidade que o homem possuía residia na influência que as suas acções, palavras ou escritos tinham sobre os seus contemporâneos ou sobre os que viessem depois; mas que ele próprio, enquanto entidade consciente individual, desaparecia para sempre, sem possibilidade de ser reconhecido novamente.

A teoria do que acontecia após a morte não era parte essencial do que me propunha demonstrar. Era apenas um apêndice a um argumento em prol de uma conceção mais ampla da Bíblia. O meu livro era um ataque aos dogmas ultrapassados das Igrejas e à atitude presunçosa e nociva dos sacerdotes que, na minha opinião, estão a enganar as crianças deste país. A Bíblia parecia-me então, e continua a parecer-me, uma compilação de grande valor que foi grosseiramente mal interpretada.

Contém livros de valor muito desigual, cheios de fábulas, poesia e romance, oferecendo uma história fragmentária da evolução de um ramo da raça semítica ao longo de alguns milhares de anos, bem como a história parcial de um homem santo chamado Jesus Cristo, cujo curto ministério provocou uma mudança marcante na ética de uma grande parte da humanidade. Esse homem, afirmei — e não mudei de opinião — não era Deus, não nasceu de uma virgem pura, e não ressuscitou no seu corpo físico.

Logo após a publicação do meu livro, comecei a sentir dúvidas quanto ao meu agnosticismo em relação à vida futura, pois não tinha investigado as evidências apresentadas por aqueles que se autodenominavam "espiritualistas". É verdade que os ensinamentos dos pastores eram fracos; mas teria eu esgotado todas as fontes de evidência fora dos estreitos limites das Igrejas? Decidi aprofundar a questão. Resumidamente, constatei que, quanto mais me aprofundava no estudo do espiritualismo, mais evidente se tornava que, quisesse ou não, a individualidade do homem não se extinguia com a morte.

Li livros, visitei clarividentes e assisti a sessões de materialização. Em tudo, era constantemente recordado da existência de uma parente próxima e querida, mais velha do que eu, que faleceu há trinta e sete anos no auge da sua vida. As suas reaparições constantes só podiam levar-me a uma conclusão: estava a ser guiado para reconsiderar o problema da imortalidade. Por fim, cheguei à convicção absoluta de que aquilo a que chamamos "morte" é

apenas um incidente, uma porta para uma vida superior que, na realidade, é mais substancial para os sentidos que futuramente possuiremos do que aquela a que tanto damos valor aqui.

A parente próxima que me provou esta verdade valiosa é referida neste volume como "Iola", um nome espiritual que ela própria adotou para evitar complicações desagradáveis que possam surgir de disputas quanto à sua identidade entre amigos e familiares que não estão familiarizados com o espiritualismo.

A maior parte da informação aqui apresentada foi publicada em forma resumida no *Light*, *Broad Views* e *Reason*.

O plano que adotei para registar os fenómenos foi o seguinte: levava sempre comigo um pequeno caderno de notas, onde escrevia, no momento ou imediatamente após a sessão, os tópicos e a ordem dos acontecimentos. Dentro de vinte e quatro horas, essas breves anotações eram desenvolvidas num registo do que se passara, com base na memória, auxiliada pelos tópicos. Onde havia luz durante toda a sessão, como com as irmãs Bangs, o registo é naturalmente mais completo do que nas sessões em escuridão total ou com luz reduzida.

Os termos "médium", "sensitivo" e "psíquico" são usados de forma indistinta, mas o primeiro não é aplicado a sensitivos não-profissionais.

Sempre que há probabilidade de as minhas observações serem confundidas com a continuação de um diálogo, são colocadas entre parênteses.

A palavra "espírito" é usada ao longo do texto para indicar uma entidade desencarnada. É um termo impreciso, mas de uso corrente, e por isso conveniente. Existem boas razões para crer que a alma humana, ou o que é chamado pelo psíquico São Paulo de "corpo espiritual", é composta por matéria extremamente refinada.

Os episódios que considero como evidências especialmente fortes de poder ou manifestação espiritual são precedidos por um número.

Desejo expressar a minha gratidão ao revisor de imprensa dos meus editores por várias sugestões e correcções.

W. U. M.
8 Western Parade, Southsea
1 de Setembro de 1911

INTRODUÇÃO

Quando iniciei as minhas investigações sobre o espiritualismo, não foi o desejo de consolo que me atraiu para esse estudo. Durante trinta anos, tinha perdido apenas um parente próximo, o meu pai, e ele faleceu quase doze anos antes, já com idade avançada. Nesse aspeto, fui particularmente afortunado; mas o incentivo mais poderoso que qualquer homem pode ter para se debruçar sobre o oculto estava ausente no meu caso. Eu queria conhecer a verdade. "Se um homem morrer, voltará a viver?" — esta era a questão a ser resolvida.

Os primeiros livros que li sobre o assunto foram alguns relatórios da *Society for Psychical Research* e *Researches into the Phenomena of Modern Spiritualism*, de W. Crookes, para os quais fui dirigido pelo Sr. A. P. Sinnett, o conhecido autor e teosofista. Esta obra, infelizmente esgotada, foi responsável por levar centenas de homens refletidos ao conhecimento das forças exercidas por inteligências invisíveis. Muitos pensadores racionais deste país, da Europa e dos Estados Unidos, que se tinham afastado, desiludidos, da escatologia cristã, encontraram aqui algo em que podiam basear a sua fé. "Seria possível", argumentavam, "que este célebre químico e físico, cujas capacidades de observação analítica eram tão conhecidas, e que entrou nesta investigação com o mesmo distanciamento com que procuraria um novo metal ou qualquer outro facto obscuro da Natureza, estivesse enganado na sua avaliação das manifestações que testemunhou na presença de D. D. Home e dos outros sensitivos com quem se sentou?"

Haveria razão para supor que, se não tivesse certeza do que via, teria recuado, e, como tantos outros cientistas antes e depois dele, teria "ficado à margem" até que outros homens do seu calibre intelectual estivessem prontos para o apoiar nas suas surpreendentes conclusões — pois em 1874 o público em geral estava muito menos preparado para uma nova verdade do que está agora.

O relatório de Crookes foi profundamente impopular e atraiu-lhe um descrédito que só agora começa a dissipar-se. Um dos episódios mais caricatos na história da investigação psíquica é a tão falada "conversão" do secretário honorário e de outro membro do Conselho da SPR, em 1909, ao reconhecimento dos factos da telequinesia e da materialização — quando se pensa que estes tinham sido cientificamente comprovados por Crookes trinta e sete anos antes.

Em Setembro de 1904, participei numa sessão em Portsmouth com a Sra. Crompton, de Bradford; ela viu, em clarividência, uma forma espiritual próxima de mim que correspondia bastante à imagem que guardava de Iola, e o Sr. Yango descreveu-ma duas ou três vezes, mencionando o seu nome. Estas foram as primeiras indicações que recebi do desejo da minha parente em estabelecer contacto comigo.

Em Novembro de 1904, por amável intermédio da Srta. Katherine Bates, fui introduzido em sessões privadas bem organizadas em Londres, dirigidas com grande competência pelo Sr. Gambier Bolton, que dedicava uma parte significativa do seu tempo, como secretário honorário, ao seu sucesso. O médium cego, Cecil Husk, o psíquico mais frequentemente envolvido nessas sessões, estava então no seu auge. Os fenómenos que ocorreram incluíam a materialização de cabeças e bustos de entidades desencarnadas, canto espiritual, sussurros, e o voo de um instrumento musical pela sala, sobre as cabeças dos presentes, enquanto tocava uma melodia definida.

As salas usadas eram espaçosas, proporcionando boas condições acústicas para o canto. Havia um órgão e uma mesa capaz de acomodar confortavelmente treze pessoas. Husk participava sempre do círculo, sentado à mesa. Depressa percebi e testemunhei vários fenómenos que não podiam ser explicados por qualquer tipo de ilusionismo ou fraude. O espírito principal que controlava Husk era o famoso bucaneiro do tempo de Carlos II, Sir Henry Morgan, que agora se apresentava como "John King".

Muitas vezes ouvi a sua voz potente e vi-o materializar-se por cima da cabeça do médium e desmaterializar-se através da mesa. As sessões decorriam na escuridão. Quando um espírito se materializava, mostrava-se com a ajuda de uma ardósia iluminada, previamente preparada e colocada sobre a mesa. Por vezes falavam quando estavam visíveis, mas mais frequentemente no escuro, depois de deixarem cair a ardósia; quando visíveis, podia-se ver os seus lábios a mover-se. Exceto John King, em tamanho real, os rostos e bustos tinham cerca de dois terços do tamanho natural. O canto era notável; as vozes juntavam-se às nossas, e também faziam solos. Ouvi até oito vozes masculinas diferentes, do tenor ao baixo profundo, a cantar em diferentes momentos da mesma sessão; e, em sessões distintas, ouvi doze línguas diferentes faladas na voz direta.

Numa noite, um rosto apresentou-se diante de mim que não consegui reconhecer, pois estava envolto por uma faixa branca à volta da boca. Após fazer duas suposições erradas, a cabeça, até então voltada para mim, rodou subitamente para a esquerda, ficando de perfil. Nesse momento reconheci-a e nomeei o grau de parentesco; três fortes batidas soaram em frente de mim, sobre a mesa. Era Iola; esta foi a sua primeira materialização.

Vale a pena referir que nenhuma das sessões a que assisti em casa de Husk se compara às que frequentei nestas salas amplas.

Bulwer Lytton, o místico e romancista, escreveu numa carta ao Comité da Sociedade Dialética, datada de 28 de Fevereiro de 1869, sobre fenómenos psíquicos: "Nestes estados de idiossincrasia constitucional, quer os fenómenos manifestados através deles sejam classificados como clarividência, manifestação espiritual ou feitiçaria, encontrei invariavelmente uma notável predominância de fluido elétrico; e os fenómenos são mais ou menos impressionantes consoante a eletricidade na atmosfera.

Daí que as manifestações mais notáveis pareçam ocorrer nas noites secas de inverno em Nova Iorque." Ouvi da Srta. Bates relatos das suas experiências pessoais em Nova Iorque e outras partes dos Estados Unidos e decidi ir até lá em Dezembro de 1904, chegando no dia de Natal, um domingo. Nessa noite, assisti a uma sessão de materialização; o médium era o Sr. de Witt Hough. As figuras femininas apareciam veladas, mas uma surgiu na abertura do gabinete, após seis ou sete materializações, com exatamente a altura e figura de Iola, e deu o seu nome terreno.

Aproximei-me do gabinete; a figura veio ao meu encontro com as mãos estendidas; tremia muito e apenas conseguiu pronunciar algumas palavras. Voltei a vê-la duas vezes através da mediunidade de Hough e comuniquei com ela muitas vezes por intermédio de psíquicos em Nova Iorque e Boston. Numa ocasião, disse: "Não sabia que tinha morrido até ver alguém cortar-me uma madeixa de cabelo por detrás da orelha direita." Eu desconhecia este facto, pois encontrava-me no Oceano Índico quando a minha parente faleceu na Escócia; mas, ao investigar, confirmei que era verdade: após a sua morte, uma madeixa de cabelo foi-lhe cortada de trás da orelha direita.

Não é fácil para qualquer homem recordar a data exata em que chega a um entendimento firme consigo mesmo sobre a certeza de que uma nova ideia se tornou, para ele, uma questão

de crença; mas creio poder afirmar que houve uma noite, durante esta visita a Nova Iorque, em que pude dizer a mim próprio:

"Podem existir enganos; há, por vezes, fraude, sem dúvida, tal como em qualquer outra matéria terrena; mas agora sei que este espiritualismo merece uma investigação cuidadosa, pois tenho provas de que há realidade por detrás dele."

(1) Foi no dia 30 de Dezembro de 1904, e a médium era uma jovem chamada Dora Hahn. Lamento saber que faleceu há seis anos e que não voltarei a encontrá-la neste plano de consciência. Nunca me tinha visto nem ouvido falar de mim. Sentámo-nos frente a frente, no escuro. Primeiro, descreveu uma forma perto de mim e deu o nome terreno de Iola; depois entrou em transe, e uma jovem índia chamada "Lark" assumiu o controlo. Lark, acompanhada por Iola, iniciou então uma viagem por mim; os detalhes dessa viagem serão descritos em devido tempo, noutro capítulo. Passados cerca de trinta minutos, Lark partiu e a médium saiu do transe.

As luzes foram acesas, e tirei do bolso um maço com catorze retratos tipo *carte-de-visite*, que coloquei sobre a mesa, afastando-me o suficiente para evitar qualquer sugestão visual. Disse: "Por favor, escolha o retrato de Iola; descreveu-a antes de entrar em transe." Demorou algum tempo; mas, ao folhear as fotografias, pegou numa e trouxe-ma com ar de absoluta confiança, dizendo: "A Iola diz que esta é a sua esposa; e diz-me que, entre as outras, há outro retrato da sua esposa. Vou procurá-lo."

Voltou então à mesa. Segui-a, e entregou-me um segundo retrato da Sra. Moore. Ambos estavam corretos.

Repare-se nos seguintes pormenores. Esses dois retratos tinham sido tirados, um em 1865 e o outro em 1871; o primeiro mostrava-a ainda criança, com um vestido curto. Quando estava viva, Iola conhecia bem essas fotografias, bem como todas as outras do conjunto, exceto uma, pois, em jovem, estivera muito próxima da minha esposa. Naquele momento, eu não tinha em mente ninguém além de Iola.

Debati este episódio com muitas pessoas, tentando desacreditá-lo — atitude sensata após qualquer aparente manifestação de inteligências invisíveis. Mas, neste caso, todos os que tentaram apresentar uma explicação naturalista acabaram por propor algo ainda mais incrível do que a própria hipótese espiritualista. Para mim, só há uma explicação racional: Iola estava na sala e influenciou a psíquica a escolher esses dois retratos e a entregá-los como sendo da minha esposa. O retrato da própria Iola não foi escolhido à primeira tentativa. Dois foram-me inicialmente apresentados; um deles era de uma parente próxima, considerada pela família como parecida com ela.

Desta vez, permaneci um mês na América e vi e ouvi o suficiente para me convencer de que aqueles que eu julgava mortos estavam, afinal, muito vivos. Regressei a Inglaterra com o espírito recetivo à verdade do espiritualismo, caso a pudesse encontrar em qualquer fonte honesta.

Cometi então um erro. Tentei persuadir outros de que o espiritualismo não era uma ilusão vã, mas uma hipótese com fundamento, que não podia ser ignorada. Fiz enviar cartões aos meus amigos para sessões privadas e, depois de realizadas, debatia o assunto com eles. Os homens e mulheres que convidei pertenciam a classes sociais elevadas e possuíam, em geral, intelecto acima da média.

Entre eles havia membros da Royal Society, militares e marinheiros com mérito reconhecido nas suas carreiras, engenheiros, proprietários rurais e outros cuja capacidade e bom senso estavam fora de dúvida. No entanto, percebi que não conseguiam ver o que eu via, nem ouvir o que eu ouvia. As suas mentes não estavam preparadas. Alguns ficaram bastante impressionados no momento, mas no dia seguinte convenceram-se de que tinham sido vítimas de truques do médium ou de algum cúmplice. Não suspeitavam que as salas estivessem preparadas, nem que eu e os meus amigos os estivéssemos a enganar; mas, em geral, a sua posição era: "Não somos peritos em ilusionismo, e não sabemos o que pode ser possível nesse campo; isto contradiz toda a experiência humana; não podemos acreditar." Lembro-me especialmente de um engenheiro eletrotécnico e de uma senhora que quase nada viram ou ouviram. Ambos eram hostis ao tema e os seus sentidos estavam abertos apenas ao que as suas mentes esperavam — ou seja, nada, ou fraude.

Desde então, convenci-me de que qualquer esforço de proselitismo é inútil. Aqueles que têm o privilégio de observar os efeitos das forças mais subtis da natureza devem simplesmente declarar, de forma clara, o que viram; não é sua obrigação tentar converter os outros. Ninguém pode dar a outro o entendimento necessário para assimilar factos que são novos na experiência comum. Nem imagino que a ciência venha a provar algo sobre os aspetos mentais ou físicos do espiritualismo.

Os mortais conhecem apenas três dimensões. Podem suspeitar da existência de seres que operam noutras dimensões, mas só conseguem observar os efeitos dessas operações. Os efeitos da gravidade foram reduzidos a uma lei, mas, até hoje, nada se sabe sobre a sua natureza. Quando se trata da passagem de matéria através de matéria, e de outras forças superiores do espiritualismo — fenómenos que só podem ser testemunhados em condições mentais e atmosféricas favoráveis — é difícil ver como a ciência poderá provar algo.

Cada homem e mulher tem de procurar a verdade individualmente. Se todos os que tiverem tempo o fizerem dentro das suas possibilidades, e partilharem as suas experiências com os demais, será recolhido um corpo de testemunhos tão robusto que permitirá fundar a fé sobre uma base razoável.

Mas retomando: até 1908 eu já tinha presenciado todos os fenómenos dignos de nota em Inglaterra. Lera todos os livros relevantes sobre espiritualismo, e também muita literatura de fraca qualidade, incluindo *As Confissões de um Médium*, obra que demonstra, por sinais internos, ter sido escrita por um anti-espiritualista e que, embora seja pura ficção, tem sido apresentada como narrativa verídica. Sabia que, devido ao nosso clima pouco propício, era inútil prosseguir as investigações neste país; por isso, decidi regressar à América em Dezembro de 1908 para concluir os meus estudos.

Desta vez, determinei-me a viajar para o interior, onde ninguém me conhecia. Passei dois meses e meio em Rochester (Nova Iorque), Toledo (Ohio), Detroit (Michigan) e Chicago (Illinois). As evidências que recolhi nessas cidades convenceram-me de que tinha estado em contacto direto com Iola e com muitos familiares e amigos por sua mediação, através de médiuns profissionais e não-profissionais.

Os fenómenos incluíam escrita automática em espelhos, materializações, escrita direta, imagens produzidas por inteligências invisíveis e voz direta. A coerência dos testemunhos, vindos de diferentes psíquicos que não se conheciam nem tinham ouvido falar uns dos outros, foi impressionante e, para mim, conclusiva quanto à genuinidade de cada um; deixei os Estados Unidos com a convicção — difícil de abalar — de que existia apenas uma alternativa à hipótese espiritualista: a presença constante de demónios personificadores, capazes de ler todos os pensamentos dos mortais e de criar, à vontade, situações dramáticas que respondessem a todas as dúvidas e incertezas na mente do investigador. Esta é a doutrina da Igreja Católica Romana. Rejeito-a, não só pela sua improbabilidade intrínseca, mas também pela consideração de muitos episódios de natureza estritamente privada, que não podem ser aqui relatados.

Durante uma terceira visita aos Estados Unidos, em 1910, obtive provas abundantes de que tudo o que anteriormente tinha visto e ouvido naquele país era verdadeiro; além disso, recebi novas evidências do retorno dos espíritos, de carácter verdadeiramente impressionante.

Existem dois tipos de investigadores: os primeiros são os que consideram todos os psíquicos como ilusionistas empenhados em enganar, até provarem o contrário após repetidas tentativas; os segundos acreditam na honestidade dos psíquicos até que detetem fraude intencional. Supondo que dois indivíduos, um de cada tipo, estejam sinceramente empenhados em descobrir a verdade e que ambos sejam igualmente perspicazes, não há dúvida sobre qual deles terá mais sucesso.

A atitude mental é um factor essencial nesta questão; é o segundo tipo de investigador quem mais benefícios obterá. As manifestações por intermédio de um bom psíquico, quando rodeado por mentes hostis, são impossíveis. Uma expectativa imparcial, baseada nos relatos de investigadores anteriores, oferece as melhores condições aos psíquicos e aos seus guias espirituais. Durante a sessão, é necessária uma postura de passividade.

Há muita fraude no espiritualismo — tanto intencional e consciente como inconsciente. Não há dúvida de que a burla praticada aqui e na América afastou milhares de pessoas de investigarem este campo. Alguns exemplos serão apresentados no corpo desta obra.

Nas páginas seguintes, tentarei contribuir com a minha parte para o conhecimento geral sobre os fenómenos espiritualistas, registando aquelas experiências que, com plena razão, acredito terem sido manifestações genuínas de poder exercido por seres desencarnados que, em tempos, viveram neste plano terrestre.

1911

CAPÍTULO I

AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS

A fraude – As tentações dos médiuns profissionais – A mediunidade não é a única profissão onde existe fraude – As piores fraudes – O médium ou psíquico é apenas uma estação telegráfica – É utilizado devido à sua organização peculiar – O carácter pessoal, aparentemente, não tem qualquer relação com o dom – O que é um médium? – Fraude e fenómenos genuínos frequentemente misturam-se numa sessão – Em condições favoráveis, os médiuns profissionais não recorrem à fraude – O mal das sessões promiscuas – O único remédio contra a fraude – Rejeitar provas obtidas através de um médium anteriormente acusado de fraude é um erro – Cada sessão com um médium profissional deve ser avaliada pelos seus próprios méritos – A escuridão, por vezes, é benéfica para os testes – O efeito de uma atitude mental hostil por parte dos participantes – As minhas primeiras sessões – Razões a favor e contra a genuinidade de Husk – A minha partida para Nova Iorque.

Nenhum relato de experiências no espiritualismo é útil sem algumas observações sobre a fraude por parte do narrador; se este ignorasse esse assunto desagradável, seria com razão considerado ignorante da história do movimento. É desejável que o narrador demonstre ao leitor que está consciente, e sempre esteve, da sua prevalência. É o cancro que corrói a sua paz e ensombra as suas horas de observação e reflexão. Mais de metade do seu tempo é ocupado com interrogações interiores – "Poderia isto ou aquilo ter sido feito por meios normais e, se sim, como?"

Esta é a pior parte do estudo. A investigação psíquica está cheia de perplexidades e dificuldades, mesmo quando se está convencido da honestidade do médium; pois, o tempo todo, lidamos com seres invisíveis que parecem operar em mais do que três dimensões; cada manifestação escapa à experiência humana comum; nenhuma pode ser explicada pelas leis naturais conhecidas; e, quando a isso se junta a dúvida quanto à fidelidade do médium, a tarefa torna-se tão árdua que muitos desistem com repulsa da busca. A fraude tem sido dolorosamente comum entre médiuns profissionais.

Contudo, queixarmo-nos não adianta, pois, quando se trata de fenómenos físicos, é necessário recorrer a médiuns públicos. São poucos os psíquicos privados dispostos a suportar o cansaço inevitável que acompanha as manifestações de telecinesia e materialização. Os fenómenos mentais são inconclusivos; nenhum homem com julgamento crítico razoável se satisfará apenas com eles.

Thomson Jay Hudson e autores do mesmo estilo descartam tudo isso, focando-se nas capacidades do subconsciente – e essas capacidades são reconhecidas por todas as classes de investigadores. Assim, quem deseja investigar os mistérios da natureza e tentar descobrir, experimentalmente, se a vida continua depois da morte, é forçado a recorrer a médiuns profissionais. As tentações desses psíquicos são grandes; quaisquer que sejam os seus dons, estes são esporádicos e não podem ser invocados à vontade.

Descobrem isso logo no início da sua atividade, e, para manterem sessões regulares, aprendem truques de ilusionismo para "complementar" o seu dom nos momentos em que sentem que não têm o poder habitual. Pessoas viajam longas distâncias para se sentarem com eles.

Falta-lhes a coragem moral para dizer: "Hoje tenho pouco ou nenhum poder; voltem noutra altura." Talvez nem saibam quanta força têm, nem até que ponto os seus guias os podem auxiliar, até entrarem em transe.

Se mandam os clientes embora, rapidamente se espalha o boato de que não são fiáveis, os participantes deixam de aparecer, o rendimento – que nunca foi grande – diminui, e acabam sem meios de subsistência. Depois de dois ou três anos entregues ao transe, não conseguem voltar a nenhuma ocupação comum e tornam-se indigentes. A concorrência é feroz, e veem outros prosperar mantendo as sessões com ajuda artificial. Embora não se possa justificar, pelo menos compreende-se a origem da fraude na mediunidade.

Importa lembrar que aqueles que possuem o dom mediúnico não são os únicos membros da sociedade a recorrer à fraude. É necessário encarar o problema com frontalidade. Todo o ministro religioso que repete o Credo dos Apóstolos sem acreditar firmemente no nascimento de Cristo por uma virgem, na Sua ressurreição corporal e na Sua ascensão ao céu no mesmo corpo, é um impostor. Todo o médico que faz visitas desnecessárias a pacientes e cobra por elas é um impostor; todo o advogado que aceita honorários para representar um cliente e não comparece em tribunal é um impostor. A fraude é endémica no comércio; na navegação; nas autarquias; e, até mesmo, em certos governos de países ditos cristãos. Torna-se escandalosamente visível durante a guerra, quando a supervisão rigorosa se relaxa; e, em tempo de paz, só é limitada pela vigilância exercida. É inútil, portanto, tratar a fraude como se fosse exclusiva dos médiuns.

Na minha opinião, algumas das piores fraudes são os que afirmam saber "como tudo é feito", e explicam todas as manifestações como truques de ilusionismo. Essas pessoas merecem vigilância apertada. Está a tornar-se uma profissão lucrativa escrever livros a descrever como todos os fenómenos das sessões podem ser reproduzidos por meios normais; tais obras são populares.

Uma palavra contra as manifestações espiritualistas tem hoje mais impacto do que cinquenta a seu favor, e a maioria das pessoas no mundo ocidental é hostil a qualquer ideia nova que sugira que existem à nossa volta coisas que não podemos ver, influências que não conseguimos classificar, seres que não podemos perceber com os sentidos conhecidos.

Um homem que é conhecido na sua vivenda suburbana apenas pelos seus fornecedores e por alguns vizinhos, e que de outro modo morreria na obscuridade que o seu estatuto social e importância oficial lhe conferem, é chamado de "sábio" se escrever um livro que põe em causa a observação científica de um Crookes ou a honestidade e integridade de um Stainton Moses.

Amigos disseram-me que esses livros são úteis, pois apresentam truques que nos podem ajudar a detetar fraude em manifestações aparentemente genuínas de médiuns. Eu nego tal utilidade. A maioria das explicações plausíveis não passam de exercícios de imaginação, e não só não ajudam em nada como nos desviam da pista certa. Nas minhas investigações, nunca fui ajudado por nenhum desses detetives de poltrona. Nada do que eles escrevem se relaciona com aquilo que observei.

Ao desviar a nossa atenção dos verdadeiros problemas do espiritualismo, tornam-se um incómodo público. Para dar um exemplo concreto das sugestões tolas feitas por um desses "sabichões" ignorantes, cito uma obra recente onde se descreve como, alegadamente, se realiza fraude na escrita em ardósia. O autor afirma que o participante traz a sua própria ardósia dupla e que o médium insere habilmente um pequeno pedaço de giz (substituindo o lápis), previamente misturado com limalha de aço. Enquanto a ardósia é mantida sob a mesa ou noutro local, o médium movimentaria o giz por meio de um íman oculto na manga e escreveria em espelho.

Note-se: ele não diz "é assim que penso que poderá ser feito"; isso seria tolice, mas não criminoso. Ele afirma: "É assim que se faz." Declara-o como um facto. Essa afirmação é falsa; tal coisa não pode ser feita. Mesmo com um eletroíman visível, seria impossível escrever vinte palavras legíveis; com alguém sentado ao lado a observar, não se conseguiriam escrever cinco sem ser apanhado.

É com esse tipo de material que se escrevem livros a explicar "como tudo é feito". Quando os li por curiosidade, pensei: "É só isto? Nesse caso, nada do que vi foi explicado." Mas essas obras vendem bem; conferem aos seus autores uma reputação de astúcia superior e fazem-nos ascender a um meio social acima do seu. Isto porque a maioria das pessoas instruídas receia ser incomodada nas suas agradáveis crenças sobre um Dia do Juízo Final e um inferno material ardente para quem delas discorde.

Com isto, não me refiro aos ilusionistas genuínos, que acreditam sinceramente que o espiritualismo é uma farsa e estão dispostos a dedicar tempo e recursos a provar o seu ponto de vista — que se propõem a reproduzir os fenómenos e que passam dias a praticar truques que, acreditam, explicam as ocorrências das sessões. Homens como William Marriott, em Inglaterra, e David Abbott, nos Estados Unidos, são bastante úteis para os investigadores. Refiro-me, sim, aos escritores de poltrona, que elaboram explicações apenas com base na sua imaginação.

Os médiuns ou psíquicos são, afinal, apenas estações telegráficas pelas quais podemos, quando as condições são propícias, entrar em contacto com o próximo estado de consciência. O dom da verdadeira mediunidade, tal como o da poesia, da arte ou da invenção, é completamente independente do carácter. À primeira vista, pareceria natural e justo que este dom divino de ver para além deste mundo, de ser instrumento passivo de consolo para os que choram e conforto para os enlutados, fosse concedido apenas a quem levasse uma vida virtuosa. Mas nada disso acontece.

Existem muitos médiuns de bom carácter, mas também há vigaristas. Lembro-me de um excelente médium americano que me deu (sendo eu um completo desconhecido) provas muito convincentes — mas ele era um vigarista. Conheço uma boa clarividente neste país que, no seu estado normal, não consegue dizer a verdade completa sobre nada. Certa vez foi testemunha em tribunal e o juiz disse dela: "Quanto àquela senhora, não acredito numa única palavra do que disse" — e tinha razão. No decorrer das minhas investigações, assisti a manifestações mentais e físicas altamente convincentes realizadas por psíquicos de carácter moral duvidoso. Isso também se encontra na Bíblia.

Veja-se o caso de Balaão, provavelmente o médium mais célebre da Síria. Chamado para amaldiçoar Israel, tentou fraudar, mas não conseguiu: o espírito do Senhor apoderou-se dele e ele acabou por abençoar o povo. A poesia é um dom divino, e no entanto veja-se o carácter de alguns poetas. Quando vamos a uma estação dos correios enviar uma mensagem, não perguntamos pelo carácter do operador ou do teclado. Por que motivo, então, esperar que os médiuns usados para comunicar com o mundo invisível sejam todos de conduta irrepreensível?

Neste momento, ainda não sabemos ao certo o que constitui um médium. Apenas podemos afirmar que certos fenómenos ocorrem exclusivamente na presença e proximidade de determinadas pessoas. Estas pessoas são geralmente anómalas e capazes de se colocar voluntariamente num estado de passividade que as torna altamente sensíveis a impressões de espíritos encarnados e desencarnados. Existem, claro, muitos tipos de mediunidade, mas acredito que todos acabarão por revelar-se sujeitos à mesma lei. Mas qual é essa lei?

Penso que a seguinte hipótese poderá servir até encontrarmos uma melhor: o ser humano tem dois corpos — um natural e um espiritual — bem descritos por esse notável psíquico que foi o apóstolo Paulo: "Se há um corpo natural, há também um corpo espiritual" (1 Cor. 15:44). Ambos existem aqui e agora. Não será irrazoável supor que, em algumas pessoas, o corpo espiritual esteja ligado de forma mais solta ao corpo natural e, por isso, consiga exercer mais livremente as suas funções. A clarividência, a clariaudiência e a clarsenciência são funções do corpo espiritual e, com treino, esses dons podem ser desenvolvidos. No caso do homem ou da mulher comum, os dois corpos parecem estar muito entrelaçados, por assim dizer, e as exigências constantes do corpo natural impõem-se sempre, enquanto o corpo espiritual fica adormecido.

Sabe-se agora, sem margem para dúvida, que o corpo espiritual de um homem pode separar-se do corpo natural mesmo em vida, percorrer longas distâncias e ser visto por pessoas vivas. O fenómeno da materialização — o surgimento súbito de um simulacro de corpo humano e o seu desaparecimento repentino — só pode ser explicado assumindo que a forma vista na sessão deriva a sua materialidade do médium, dos participantes e dos componentes da atmosfera, mas que o núcleo é o corpo espiritual ou astral do médium, todo ele moldado segundo as necessidades do espírito que deseja ocupá-lo. O corpo espiritual, segundo informações que me foram dadas, é uma réplica exata do corpo natural e constitui o elo de ligação entre nós e o próximo estado. No momento da morte física, parte para o seu novo lar.

O corpo espiritual não é necessariamente "espiritual" no sentido religioso; frequentemente, é o contrário. Um médium é simplesmente o veículo mais eficaz que o espírito encontra. Por vezes, a atração reside numa grande reserva de magnetismo animal, da qual os operadores invisíveis retiram força para realizar as suas manifestações extraordinárias. Há muito que cheguei à conclusão de que fenómenos genuínos e fraudulentos são frequentemente misturados numa sessão, especialmente nas sessões abertas ao público. Podemos estar certos disto: é mais fácil não enganar, e os métodos falsos só são usados quando o poder falha.

As sessões promiscuas são um erro. O círculo é geralmente composto por várias pessoas que não se conhecem entre si. Algumas comparecem por curiosidade, outras com a intenção de detetar fraude, e algumas, sem dúvida, com motivos sinceros. No entanto, as suas vibrações não se misturam de forma harmoniosa, e o resultado é uma pressão sobre o médium.

As melhores sessões, em qualquer parte, ocorreram quando cinco ou sete participantes, bem conhecidos entre si, se reúnem com o mesmo psíquico uma ou duas vezes por semana, ao longo de um período prolongado. O verdadeiro antídoto para a fraude é a criação de uma sociedade composta, digamos, por trinta homens e mulheres unidos por um desejo comum de conhecer a verdade. Devem contratar um médium exclusivamente para as suas reuniões e atribuir-lhe um salário fixo.

Estranhos à sociedade não devem ser admitidos. Sei que é difícil impedir o médium de dar sessões fora do grupo, mas essa violação deveria implicar demissão imediata. Uma das condições para o seu contrato deveria ser a obrigação de passar pelo menos quatro horas por dia ao ar livre. As sessões deveriam realizar-se apenas duas vezes por semana, e cada círculo não deveria ter mais de sete pessoas. O Sr. Gambier Bolton fez uma boa tentativa ao organizar duas sociedades deste tipo.

Estas fracassaram por várias razões, sobretudo pela impossibilidade, naquela altura, de garantir uma renda fixa ao médium, o que o levou a esgotar-se ao prestar serviços fora das reuniões da sociedade. Mas os obstáculos ao meu esquema proposto não são intransponíveis, e a sua realização provavelmente não custaria mais do que dez libras por ano a cada membro, além de uma taxa de cinco xelins por cada sessão em que participasse.

Rejeitar provas obtidas por intermédio de um médium que tenha sido acusado de fraude uma ou duas vezes é um erro. Cada sessão deve ser avaliada pelos seus próprios méritos. Algumas das minhas primeiras lições neste estudo foram obtidas em sessões com F. Craddock, que mais tarde foi apanhado a deambular fora do seu gabinete, quando se supunha que estivesse sentado dentro dele em transe. Estive presente e não tenho dúvidas da sua culpa nesse episódio. Mas em condições favoráveis, no campo, participei em sessões com este médium onde observei e ouvi fenómenos que, sem dúvida, foram genuínos.

Tudo estava a seu favor e não havia qualquer motivo para enganar. Não existe médium profissional em Inglaterra que não tenha sido, em algum momento, suspeito de fraude; mas posso garantir ao estudante que deseje obter todo o conhecimento possível que o seu progresso será muito lento — se é que não estagnará por completo — se se limitar a trabalhar apenas com psíquicos privados. Sem manifestações de materialização e telecinesia, a evidência da existência de espíritos desencarnados permanece incompleta.

Quero também dizer uma palavra sobre duas objeções comuns à prática do espiritualismo: (1) Porque devem os médiuns ser pagos? (2) Porque é frequentemente necessária a escuridão? Quanto à primeira, a verdadeira pergunta deveria ser: "Porque não hão de ser pagos?" A mediunidade é um dom, tal como a pintura, a música, a poesia ou a oratória. Se negas o direito dos médiuns a serem remunerados pelo uso do seu dom em benefício dos outros, com que justificação permites que padres, artistas, cantores, compositores ou qualquer outra pessoa dotada por natureza para determinada atividade recebam pagamento? Na verdade, há ainda mais razões para pagar aos médiuns do que a outros. Um bom psíquico, devido ao desenvolvimento do seu dom, está geralmente inapto para qualquer outra ocupação, e esse dom pode abandoná-lo a qualquer momento.

Quanto à necessidade da escuridão, quando me fazem essa pergunta, costumo responder: "Meu amigo, sabes que foste gerado na escuridão? E não só tu, mas todos os mamíferos que alguma vez nasceram vivos. Sabes dizer-me porquê?" Quando souberes responder a isso, então eu explico-te porque é que o simulacro de um ser humano não pode ser gerado senão no escuro." O único simulacro alguma vez nascido em plena luz foi o corpo espiritual do próprio médium; e isso só foi observado uma ou duas vezes nos últimos sessenta anos. A luz desintegra os materiais de que são compostas as formas e fantasmas. Depois de formados, podem emergir em luz parcial e manter-se por algum tempo, mas a sua "gestação" tem de ocorrer dentro de um gabinete, ou pelo menos na escuridão.

Na verdade, a escuridão permite bons testes quanto à genuinidade de um médium. As sessões de Husk decorrem sempre em completa escuridão. Cito três bons testes que obtive em sessões com este médium. Quando levava um amigo ao nosso espaço, por vezes colocava-o na extremidade da mesa oval, a cerca de um metro e vinte do lado esquerdo de Husk, cuja mão era segurada por um amigo meu.

O castiçal era então colocado à sua frente na mesa, e pedia-se-lhe que colocasse um dedo sobre ele, mas sem resistir à sua eventual remoção. Depois de as luzes elétricas serem apagadas e quem o fazia ter regressado ao seu lugar, a vela era apagada. Poucos minutos depois, sentia um toque leve de uma pequena mão sobre a minha, e o castiçal era retirado do meu amigo e colocado, com ruído, num canto da sala.

Uma noite, uma convidada minha chegou à sala meia hora antes do início da sessão. Deixou cair a bolsa aberta no chão e as moedas espalharam-se pelo tapete. Eu e o Sr. Gambier Bolton recolhemos tudo o que conseguimos encontrar, e a senhora declarou-se satisfeita por ter recuperado tudo.

Vinte minutos depois, chegou o médium (Husk). No meio da sessão, "Joey", um dos espíritos habituais do círculo, aproximou-se da senhora e disse: "Sra. Arnold, aqui está um penny que deixou cair no tapete." Numa sessão posterior, perguntei a Joey como sabia que a moeda pertencia à Sra. Arnold. Ele respondeu: "Um espírito que estava na sala quando ela a deixou cair contou-me."

Noutra ocasião, estava na casa de Husk quando "Uncle", um dos seus controladores espirituais, apareceu aparentemente à minha frente para conversar um pouco. Enquanto falava, virei a cabeça primeiro bem para a esquerda, depois para a direita, tentando localizar exatamente a posição da voz. Uncle disse-me: "Porque estás a virar a cabeça de um lado para o outro?"

Poderia citar outros exemplos de testes satisfatórios realizados no escuro.

Quando se trata de materialização, é inútil querer impor regras quanto à luz e à escuridão. Em todos os fenómenos físicos, os resultados são mais rapidamente obtidos na escuridão. Com psíquicos altamente desenvolvidos — dos quais não existe nenhum na Europa — é permitido um pouco de luz mesmo durante a fase de materialização; e, como mostrarei mais adiante, alguns dos feitos mais extraordinários são realizados por inteligências invisíveis em plena luz do dia.

Há um médium em Inglaterra através do qual ocorrem materializações e que não entra em transe. Ele é frequentemente encontrado a conversar inteligentemente com o vizinho enquanto figuras auto-iluminadas comunicam com outros participantes a vários metros de distância, identificando-se e dialogando com eles. Não pode haver dúvidas quanto ao seu poder psíquico; mas receio que também haja poucas dúvidas de que, em várias ocasiões, tenha sido apanhado em fraude.

O melhor exemplo que conheço da combinação de fraude e fenómenos genuínos numa sessão foi-me contado há alguns anos por um dos cientistas mais célebres da Europa. Havia um jovem entre os presentes que se destacou por troçar dos objetivos do encontro, e isso continuou mesmo depois da sessão ter começado. Subitamente, ficou em silêncio. A sessão correu bem e muitas mensagens foram recebidas pelos participantes. Quando as luzes foram acesas, o meu informador dirigiu-se ao jovem cético: "Então, meu caro, porque ficaste tão calado durante a sessão?"

A resposta foi: "Foi o seguinte. Quando a sessão começou, posicionei-me de forma a poder bater com o pé por baixo da mesa sem levantar suspeitas, e assim iniciei uma mensagem. Passado algum tempo, cansei-me da brincadeira, retirei o pé e sentei-me normalmente... mas a mensagem continuou! Isso assustou-me bastante, e permaneci em silêncio o resto da sessão."

Várias vezes se observou que a atitude mental dos participantes tem uma influência marcante no sucesso das sessões. As condições atmosféricas, embora possam facilitar ou dificultar as manifestações em grande medida, não são tão importantes quanto isso. A condição essencial é um círculo pequeno e harmonioso de pessoas unidas por uma fé comum na possibilidade de comunicação com seres noutro estado de consciência — não uma fé cega ou crédula, mas uma disposição vigilante dos sentidos, acompanhada de expectativa passiva quanto à manifestação de qualquer individualidade específica.

Se o médium estiver em transe, estará recetivo a sugestões e sensível aos pensamentos que o rodeiam. Suspeição e hostilidade impressionam-no de imediato; e não será exagero dizer que, se mais de metade do círculo suspeitar de fraude, a sessão como um todo acabará por recebê-la de algum modo. Pessoalmente, recuso-me a voltar a participar numa sessão com qualquer investigador pseudo-científico ou materialista assumido. Se alguém não é capaz de admitir que os nossos sentidos limitados não captam sete oitavos das maravilhas da natureza, não está num estado mental adequado para compreender o que está a acontecer.

Nenhum homem foi mais honesto do que Charles Bradlaugh, George Jacob Holyoake, Charles Watts ou Robert Ingersoll. No entanto, nenhum deles conseguiu presenciar fenómenos que os convencessem de que estavam em contacto com outro mundo. Bradlaugh chegou a dizer em público: "Dedico atenção a este assunto há vinte anos e nunca vi um único fenómeno." Naturalmente! Apesar de ser um homem digno, as manifestações subtis do espiritualismo não estavam destinadas a ele. O agnóstico de mente aberta não faz mal; mas quem acredita, como ele acreditava, que nada existe para além da matéria perceptível pelos nossos sentidos empobrecidos, veste uma armadura que nenhuma arma espiritual conseguirá perfurar; é invulnerável.

Há muito que suspeito que é o corpo espiritual que funciona predominantemente na sala de sessões. Se estiver certo, isso explica muito do ceticismo. Um homem vê e ouve coisas que o espantam. Fica impressionado, vai para casa a pensar no que tudo aquilo significará; adormece a pensar nisso, acorda, toma banho, toma o pequeno-almoço e vai trabalhar. A essa altura, o seu corpo espiritual já recuou para o lugar habitual, o corpo natural reassumiu o controlo, e a mente objetiva convence-o de que tudo não passou de uma ilusão.

A primeira sessão a que assisti foi a 16 de Novembro de 1904, numa sala privada — um estúdio em Acacia Gardens, em St. John's Wood. O médium era Cecil Husk, praticamente cego. Acredito que ele consiga ver imagens ou letras colocadas muito perto do rosto, mas, para todos os efeitos práticos, é incapaz de se orientar sozinho e precisa de ser acompanhado por um familiar quando sai à rua. A mesa, naquela ocasião, era circular e teria entre um metro e vinte e um metro e cinquenta de diâmetro. Estavam sentadas doze pessoas à volta dela, incluindo o Sr. e a Sra. Husk e os nossos anfitriões; também havia um organista atrás de uma cortina pesada.

Entre os convidados encontrava-se o médium de materialização F. Craddock. Sentei-me em frente a Husk, com uma senhora de cada lado, ambas dotadas de capacidades psíquicas. Sobre a mesa havia dois cartões pintados com tinta luminosa, montados em molduras de alumínio com um cabo do mesmo material na parte de trás, colocados com a face virada para baixo; um tubo de cartão e uma cítara leve, com dois pontos fosforescentes na parte inferior da caixa de ressonância, permitindo que a víssemos quando se elevava acima da mesa.

Husk entrou em transe. A sala ficou completamente às escuras; o organista tocou uma peça voluntária. Passado pouco tempo, começaram a ver-se luzes a mover-se sobre a mesa. Eu apenas consegui ver uma ou duas, mas os meus vizinhos psíquicos viram várias; a senhora à minha direita disse que conseguia ver nuvens fracamente iluminadas. Também se sentiu fragrância no ar. Em seguida, uma voz antiga e fraca, vinda de cima e à direita de Husk (do meu ponto de vista), recitou uma oração em latim, terminando com o "Benedicite". Disseram-me que se tratava do Cardeal Newman.

Ele percorreu a mesa abençoando cada participante individualmente e, após uma bênção final coletiva, não se ouviu mais nada da sua parte. Cantámos então "Lead, Kindly Light" com acompanhamento do órgão. Vozes espirituais, em tons de baixo e tenor, juntaram-se com grande vigor, vindas de vários metros acima da cabeça do médium e de ambos os lados. Julguei ouvir três vozes distintas, de grande qualidade; a sala encheu-se de som.

Depois disso, um espírito-guia chamado "Uncle" anunciou a sua presença com voz clara, cumprimentando cada membro do círculo. Falava de forma natural, mas como se tivesse uma pequena pedra na boca. Subitamente, uma voz grave e poderosa, vinda de cima e à esquerda de Husk, exclamou: "Deus vos abençoe a todos." Era o guia principal, "John King", que, em vida, se chamara Henry Morgan, o famoso bucaneiro do tempo de Carlos II. Cumprimentou todos os presentes pelo nome, exceto a mim, que precisei de ser apresentado. Mais tarde, disse-me que foi governador da Jamaica por três vezes e que fora armado cavaleiro por Carlos II.

A chegada de John King é sempre o prelúdio para as materializações, mas, antes disso, a cítara — conhecida como "os sinos das fadas" — foi tocada com destreza por um espírito cujo nome, soube depois, era Ebenezer. A cítara elevou-se da mesa e voou por cima do círculo, tocando uma melodia distinta o tempo todo. Os pontos fosforescentes na parte inferior permitiam acompanhar os seus movimentos. Subiu até uma altura considerável (julgo que uns três metros), manteve-se ali durante um minuto, depois desceu e, após algumas voltas sobre as nossas cabeças, caiu no chão com força.

Aparentemente atravessou o soalho, pois uma música ténue passou a ouvir-se debaixo de nós; essa música tornou-se gradualmente mais forte, até que uma alteração súbita no volume nos deu a entender que a cítara voltara à sala. Após mais algumas voltas, foi pousada suavemente sobre a mesa.

As materializações duraram cerca de três quartos de hora. Cerca de quinze espíritos materializaram-se. Apenas o rosto e o busto eram visíveis. Mostravam-se com o auxílio de um dos cartões iluminados, que seguravam de lado junto ao rosto com a mão direita. Os rostos femininos estavam cobertos por uma espécie de ligadura abaixo do nariz. Um dos participantes, que não conseguiu reconhecer o seu ente querido, pediu que essa cobertura fosse removida; o cartão foi largado e, pouco depois, a forma reapareceu sem a ligadura, permitindo-lhe identificar o visitante.

Desta vez, o cartão iluminado não era segurado pela pega traseira, mas por dois pequenos dedos que vi a segurá-lo de lado. Os rostos eram cerca de dois terços do tamanho natural. Três vieram até mim. Apareceram no centro da mesa, a meio caminho entre mim e o médium. Um saudou-me três vezes com o cartão iluminado. Não o reconheci de imediato, mas vim a descobrir depois que se tratava do Almirante T., um oficial sob cujas ordens servi há dezanove anos. A primeira e terceira aparições eram iguais. Não consegui identificá-las na altura, e só meses depois percebi que era um estranho a tentar, através de mim, entrar em contacto com um membro da minha família.

Também apareceu um hindu, dirigido a mim ou à minha vizinha da esquerda (Miss Bates). Afundou-se através da mesa; observei-o até que só a cabeça ficou visível, o cartão iluminado caiu sobre ela — e desapareceu.

Um solo de Handel foi interpretado por uma voz grave de grande alcance e potência; as notas mais baixas eram de um tipo que nunca ouvira antes.

O último fenómeno das materializações foi uma sucessão de rajadas de ar, com duração de dois a três minutos, que lembravam nitidamente o efeito de um *punkah* (ventilador manual), bem como arranhões fortes sobre a mesa. Durante esses ruídos, ouviu-se a voz do "Uncle" a avisar o espírito para não fazer tanto barulho. Foi respondido por uma voz vinda do centro da mesa que exclamava: "*Chuprao, Chuprao!*" (calem-se, calem-se!).

Antes de partir, Uncle dirigiu-se a cada pessoa do círculo, chamando-as pelo nome, para lhes desejar "Boa noite". A voz pareceu-me vir de baixo, abaixo dos meus joelhos. Em todas as sessões posteriores, as vozes pareceram sempre vir de cerca de meio metro a sessenta

centímetros acima da mesa. Não consigo explicar essa diferença; talvez tenha tido algo a ver com a construção peculiar e os suportes da mesa redonda que nunca mais voltámos a usar.

Durante a noite, a guia de Craddock, "Sister Amy", foi vista por clarividentes a posicionar-se atrás dele. Teve várias conversas com o seu médium e com os que estavam próximos. Durante o canto de "*Abide with Me*", ouvi nitidamente um "boa noite" que soube depois vir de Amy, que se estava a retirar. Ela não conseguia ouvir o canto, e a interrupção foi totalmente involuntária.

Quando esta sessão terminou, fiquei bastante surpreendido. Mais tarde participei em sessões com Husk bem mais ricas em fenómenos e superiores em todos os aspetos; mas sendo esta a minha primeira, surpreendeu-me que tais manifestações fossem ignoradas pelos homens de ciência e não fossem mais conhecidas pelo público. O canto, as materializações e as vozes diretas pareceram-me totalmente genuínos. Não me senti particularmente tocado pelo lado espiritualista da sessão, embora tenha presenciado um ou dois momentos comoventes de reencontro com entes queridos; o que mais me perturbou foi a aparente indiferença do público pensante em geral.

A sessão seguinte a que assisti teve lugar na sala da Sociedade Psicológica, no nº 67 da George Street, em Portman Square, a 22 de Novembro de 1904, com o mesmo médium, Husk, e um círculo de dezasseis participantes. As manifestações foram muito semelhantes às de St. John's Wood, mas vi John King com mais clareza várias vezes. Ele materializou rosto e busto em tamanho real e aproximou-se de mim quatro vezes, uma delas dois pés acima da minha cabeça. Era um rosto forte e muito escuro. Calculei que a distância entre o ponto onde ele se materializou e o corpo de Husk, sentado na cadeira, fosse de cerca de 1,20 metros, atravessando a mesa. O almirante T. também veio até mim de forma nítida e falou algumas palavras; a semelhança era razoável.

O misterioso estranho que já se apresentara antes também apareceu, mas só mais tarde viria a saber quem era. O Cardeal Newman, como antes, recitou o "*Gloria in Excelsis*" e deu o *Benedicite* com pronúncia italiana, como se houvesse um "h" depois do "c" — algo que, vim a saber, era seu hábito em vida. Dois ou três rostos e bustos materializados apresentaram-se a cada participante, que em geral os identificavam como entes falecidos. Uma senhora ao meu lado identificou o filho, e quando o cartão iluminado foi largado, conversou com ele. No final da sessão, ouviu-se um cântico de sacerdotes gregos que não tínhamos escutado anteriormente; era melodioso e de grande efeito.

A 29 de Novembro de 1904, voltei a participar numa sessão com Husk, na mesma sala e com quinze pessoas no círculo, incluindo, como antes, o médium e a esposa. O primeiro fenómeno foi uma série de rajadas frias sobre as costas das nossas mãos, que estavam ligadas às dos nossos vizinhos ao redor da mesa. O Cardeal surgiu novamente, abençoando todos coletivamente e individualmente; ao chegar e partir, apresentou uma cruz brilhante diante de cada pessoa. Cantámos "*Lead, Kindly Light*", como de costume, com uma voz de baixo e dois tenores a juntarem-se. Depois, uma bela voz iniciou o solo "*Lock'd in the Cradle of the Deep*". A interpretação colapsou antes do segundo verso, aparentemente por falta de energia. Eu disse:

“É o Foli.” De imediato, três toques soaram sobre a mesa diante de mim, indicando confirmação.

John King fez-se ouvir com o seu poderoso “Deus vos abençoe a todos” e cumprimentou individualmente todos os participantes. O seu assistente, “Uncle”, aparece sempre no início das sessões e dá a volta à mesa. As materializações começaram pouco depois da chegada de John. Ele é sempre o primeiro a apresentar-se e nunca fica satisfeito até todos o verem claramente. Cerca de trinta e cinco a quarenta espíritos apareceram em forma. Eram todos menores do que o tamanho natural, mas a maioria foi reconhecida.

Uma mulher apresentou-se a mim, com a parte inferior do rosto envolta numa ligadura. Perguntei: “És minha parente?” — um aceno afirmativo da cabeça. “És a minha...?” — mencionando uma familiar (nenhuma reação). Depois a cabeça virou-se repentinamente para a esquerda — reconheci-a pelo perfil e disse em voz alta o grau de parentesco. A figura colapsou e ouvi três batidas na mesa à minha frente, confirmando a identificação. Era a Iola.

A cítara — ou “os sinos das fadas”, como lhes chamávamos — executou vários movimentos em torno da mesa, sobre as cabeças dos presentes, tocando uma melodia regular, antes e depois das materializações. O espírito responsável por esse fenómeno chama-se Ebenezer. A última coisa que fez foi cair abruptamente no chão e, aparentemente, atravessar o soalho, pois ouvimos sons fracos por baixo; estes tornaram-se mais intensos até que se ouviu um estalo e a música soou novamente forte dentro da sala, onde o instrumento foi depois pousado suavemente sobre a mesa.

As sessões do Sr. Cecil Husk têm sido muito debatidas entre os espiritualistas. Já participei em mais de quarenta sessões com ele e só uma vez suspeitei de fraude. Nessa ocasião, as condições eram desfavoráveis, e nem sequer estou seguro de que as minhas dúvidas fossem justificadas. Mesmo que as primeiras impressões estivessem certas, havia bons motivos para atribuir o que me pareceu um truque a fraude inconsciente. Tenho muito mais a dizer sobre ele após o meu regresso da América. Entretanto, convém expor os argumentos que podem ser apresentados a favor e contra a sua autenticidade.

Comecemos pelos que sustentam a sua fiabilidade. Ele é, para todos os efeitos, cego. Entra numa sala com catorze pessoas. Algumas cumprimentam-no, outras não. No entanto, quando os seus controladores se manifestam, num momento em que se acredita que ele está em transe, falam com cada pessoa pelo nome e na ordem correta ao redor da mesa. É verdade que a sua esposa, nas ocasiões referidas, estava presente e sentava-se ao lado dele; mas a precisão com que esse reconhecimento era feito não pode ser explicada pela ajuda dela, pois era praticamente impossível que ela conseguisse memorizar a localização exata de cada membro do círculo antes das luzes serem apagadas, e raramente conhecia o nome de todos.

Além disso, depois da morte da esposa, foi a sobrinha que passou a acompanhá-lo, e não houve qualquer alteração na exatidão com que os seus guias espirituais saudavam os participantes, nem nas manifestações em geral — a única diferença foi que as formas não se afastavam tanto do médium como antes. Uma das senhoras mais conhecidas da nossa sociedade segurava sempre a mão esquerda de Husk.

Admitindo que a mão direita estivesse livre (e é justo considerar essa possibilidade), seria impossível para ele manipular os "sinos das fadas" ou provocar as materializações; também não o ajudaria a retirar a vela e colocá-la num canto da sala; e muito menos contribuiria para os cânticos, que são talvez o fenómeno mais extraordinário que ocorre na sua presença. Faz sentido que um dos membros do círculo sentado ao seu lado seja alguém com quem tenha plena familiaridade.

As manifestações que ocorrem através da mediunidade de Husk em salas privadas são muito superiores às que se dão na sua própria casa. Todos os investigadores que participaram em ambos os contextos concordam neste ponto.

As materializações que representam os amigos dos participantes são de tamanho inferior ao real. Se forem fraudes, terão de ser manequins. Mas, sendo manequins, como se explica que os lábios se movam ao falar? E se fossem manequins, aparentariam um aspeto mais natural. Já vi rostos com metade do tamanho real — variam bastante — mas não me recordo de nenhum com uma aparência fresca ou cor viva, como se esperaria de um rosto destinado a simular um ser humano.

Todos os que vi tinham um aspeto algo de pergaminho, e em alguns notava-se uma semelhança indefinível com Husk. Esse "ar de Husk" é precisamente o que se deve esperar — a menos que se suponha que o médium através do qual se manifestam não transmite absolutamente nada da sua própria individualidade à forma e ao rosto que se materializa.

Os movimentos dos "sinos das fadas" enquanto tocam desafiam qualquer explicação normal. Já vi tentativas débeis de os justificar com a hipótese de haver dentro do instrumento uma pequena caixa de música, que seria acionada e parada com uma vareta manuseada pela mão direita do médium. Essa, e a ideia de que ele próprio moveria o instrumento — a cítara — são histórias sem fundamento. O dedilhar deliberado das cordas, como se por dedos humanos, ouve-se claramente, e o instrumento eleva-se muitas vezes a mais de três metros do médium. Aparentemente, atravessa tetos, paredes, pavimentos e portas, e toca do outro lado.

O canto é surpreendente pelo seu volume, e continua com a mesma intensidade mesmo quando Husk está constipado. Acredito que tenha uma boa voz; mas isso não lhe permitiria cantar em tenor, baixo e todos os registos intermédios, nem sem que o vizinho do lado percebesse.

Diferentes línguas são faladas por espíritos com os participantes. Sempre que havia estrangeiros presentes, ouviam-se conversas curtas com os seus entes queridos do outro lado. Ao longo das várias sessões, ouvi doze línguas diferentes.

Por outro lado, estaria a mentir se dissesse que Husk nunca "ajudou" as manifestações. Ele participa em sessões com demasiada frequência, e não é possível a um psíquico manter o poder disponível durante todo o ano, especialmente se realiza sessões três ou quatro vezes por semana. Penso que é possível que, ocasionalmente, recorra a manequins na sua própria casa. Há 19 anos, foi apanhado a personificar um espírito. Pessoalmente, nunca o apanhei em fraude, mas consigo conceber uma sessão onde ocorram fenómenos genuínos e fraude em simultâneo. As suas sessões são demasiado regulares e frequentes para não levantar a suspeita de ajuda artificial.

Diversos testemunhos — de pessoas com todo o tipo de inteligência e estatuto social — atestam o reconhecimento de entes queridos falecidos, tanto por voz como por aparência, nas sessões com Cecil Husk. Milhares de pessoas já se sentaram com ele. Muitas foram apresentadas sob nomes falsos e mesmo assim reconhecidas pelos guias espirituais. Centenas foram consoladas no luto. Talvez esteja errado, e espero sinceramente estar, ao pensar que nem todas as sessões que realiza em casa sejam completamente genuínas. De uma coisa tenho a certeza: durante mais de vinte anos, exercitou um dom real, e nas sessões privadas em que participei com ele, apenas uma vez suspeitei de fraude — e mesmo nesse caso, pode ter sido involuntária.

Em Dezembro de 1904, decidi ir a Nova Iorque, partindo de Southampton no dia 17 e chegando no dia de Natal. Os vários indícios da presença espiritual que recebi em Nova Iorque e Boston serão tratados no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

PRIMEIRA INVESTIGAÇÃO NA AMÉRICA

Materializações com De Witt Hough — Aparição de Iola — A rendeira romana — Sessões de clarividência com a Sra. Conklin e Hough — Diagnóstico de um alemão com problemas renais por parte do Dr. Baker — Visita ao Dr. S. H. — Sessão de fim de ano com Maggie Gaule — Acompanha-me o espírito do filho do Dr. S. — Psicometria e clarividência por Maggie Gaule — Dora Hahn — Provas convincentes da presença de Iola — Os Hermann — Festa de Ano Novo em casa do Juiz Dailey — May Pepper — Clarividência da Sra. Dailey — Retorno do espírito do marinheiro Carey — Bright-Eyes e o teste da fotografia — Novo encontro com Maggie Gaule — Visita a Boston — Sra. Morgan, Sra. Henderson e Sr. Porter — Iola manifesta-se através da Sra. Henderson — Regresso a Nova Iorque — Sessão pública com a Sra. Pepper — Sessão privada com a Sra. Pepper — Iola novamente — Regresso a Inglaterra.

Cheguei a Nova Iorque no domingo, 25 de Dezembro de 1904, e assisti a uma sessão nessa mesma noite, em casa do Sr. De Witt Hough, então residente no nº 203 da West 38th Street, com a sua parceira, a Sra. Conklin, uma boa clarividente. Conversei com Hough durante meia hora antes da sessão começar. Ele parecia apático, meio atordoado e muito reservado. Era impossível que ele, a parceira ou qualquer dos presentes soubesse algo sobre mim.

Estavam presentes sete pessoas, além da Sra. Conklin, que permanecia junto ao gabinete para ajudar a identificar os espíritos. Sentámo-nos confortavelmente em semicírculo, em cadeiras e sofás. O participante mais afastado do gabinete estava a cerca de cinco metros dele; a sala media aproximadamente sete metros por quatro e meio, e o gabinete tinha cerca de um metro e vinte de lado. Numa mesa em frente ao gabinete estavam dois sinos, folhas de papel, um lápis, duas harmónicas e um tubo de papel. Antes de se apagar o gás, a Sra. Conklin disse-me: “Tem algum familiar chamado Elizabeth? Não sei se está viva ou morta, mas vejo

esse nome ligado a si." (Tenho duas familiares com esse nome, uma viva e uma falecida — esta última muito próxima de mim e de Iola.)

Após apagarem o gás, permanecemos meia hora na escuridão. Durante esse tempo, o Dr. Baker, um dos guias, falou em voz direta. Um ou dois clarividentes presentes viram fantasmas a deslizar pela sala — um deles perto de mim. Eu não vi nada, mas senti uma presença entre mim e o meu vizinho e ouvi alguns suspiros. Ouviram-se pancadas no gabinete e à sua volta, e melodias foram tocadas nas harmónicas, acompanhadas por sinos. Cantámos, e por vezes pedíamos temas aos espíritos no gabinete, que os executavam conforme solicitado. A melodia que conseguiram extrair de harmónicas de dez cêntimos era impressionante.

Após meia hora, o guia "Star-Eyes", um espírito pequenino e coxo que já se manifestava há alguns minutos dentro do gabinete, a falar e rir, pediu que se acendesse a luz. A Sra. Conklin acendeu um candeeiro a óleo num canto da sala, do lado oposto ao gabinete. Estava coberto com um anteparo azul e uma tampa, ligada ao gabinete por um cordel, o que permitia aos guias controlar a intensidade da luz. A iluminação durante a sessão era suficiente para ler um relógio com mostrador branco, e distinguir os espíritos femininos dos masculinos. As feições masculinas eram visíveis de forma esporádica; as figuras femininas vinham veladas, com os vestidos cintados.

Cerca de quinze ou dezasseis espíritos materializaram-se por completo, sendo reconhecidos como amigos dos presentes ou entidades habituais do gabinete. A meio da sessão, as cortinas abriram-se e surgiu uma figura pequena e esguia, de estatura inferior à média feminina. A Sra. Conklin pronunciou o nome terreno de Iola. Levantei-me do meu lugar, e a mulher aproximou-se de mim, percorrendo uns três metros, pegou nas minhas mãos e conduziu-me de volta ao gabinete. Vibrava intensamente. Perguntei: "Tens alguma mensagem?" — "Sim! Sim!" respondeu. "Vou escrever." Pegou num lápis, ajoelhou-se e escreveu sobre o papel na mesa. Após escrever algumas palavras, retirou-se atrás da cortina, aparentemente para recuperar forças; depois regressou e terminou a mensagem, que me entregou. Acompanhou-me de volta ao meu lugar e disse: "Senta-te! Senta-te!", ajoelhou-se ao meu lado e murmurou: "Estou tão feliz por teres vindo." Naquele momento, segurava-lhe ambas as mãos. Pouco depois levantou-se lentamente e regressou ao gabinete com um andar natural e leve. Disse: "Deus te abençoe" — e desapareceu.

No fim da sessão, examinei a escrita e encontrei uma mensagem algo banal de alegria pelo reencontro, assinada com o nome próprio correto, mas não com a caligrafia de Iola. A altura e a silhueta estavam certas; os braços (desnudos) eram femininos; as mãos ligeiramente maiores do que o esperado e um pouco morenas; os pés muito pequenos, em proporção com a figura.

Hough mede cerca de 1,70 m, tem ombros largos e é algo corpulento. Seria impossível para ele simular uma figura de cerca de 1,55 m, esguia. Qualquer tentativa de reduzir a sua altura, andando de joelhos dobrados, seria facilmente detetada.

Sentei-me com Hough várias vezes para sessões de materialização; uma delas, sozinho. Iola apareceu três vezes. Notava-se que, quando se chamava um nome comum, como "Mary", e a pessoa errada se aproximava do gabinete para reclamar o espírito, este desaparecia; nenhum

espírito dava a mão a um estranho. Os guias alegados eram o Coronel Baker, morto na Guerra da Secessão, o Dr. Baker e o espírito "Star-Eyes". O Coronel raramente se materializava, mas vi-o uma vez em uniforme.

Star-Eyes mantinha uma conversa contínua ao longo de cada sessão, e geralmente materializava-se uma ou duas vezes. Quando me aproximava dela, tocava suavemente na minha mão; apresentava-se como uma pequena coxa. Houve muitas materializações e desmaterializações fora do gabinete.

Talvez o aspeto mais interessante de todas as sessões fosse a visita de uma mulher que chamávamos de "a rendeira romana". Por vezes surgia do gabinete, outras vezes diretamente do chão, fora dele. Costumava pedir emprestado um lenço a mim ou a outro participante e, sacudindo-o, produzia metros de um tecido que lançava, por turnos, sobre cada membro do círculo. Já o tive nas mãos — era de textura firme e aparentemente tão mundano quanto qualquer tecido comprado numa loja.

Depois retirava-se, estendendo o tecido no chão em direção ao gabinete, onde este se desmaterializava a partir da extremidade mais próxima. Quando o participante a quem o lenço pertencia pedia a devolução, ela voltava ao círculo e retirava-o das minhas costas, do meu peito ou do topo da cabeça, lançando-o de volta ao seu dono. Já a vi materializar um lenço diretamente do carpete — inclinava-se e, escavando com as mãos, fazia surgir uma pequena substância branca que aumentava de tamanho até se tornar num lenço completo.

A vibração na sala era mantida por uma caixa de música comum. De tempos a tempos cantávamos. Nenhuma das formas materializadas se assemelhava à constituição de Hough, exceto o Dr. Baker e o Coronel Baker; mas os rostos destes dois espíritos habituais eram visíveis e de forma alguma confundíveis com o do médium. Disseram-me que Hough era ocasionalmente alvo de um fenómeno desconcertante: a transfiguração — quando o médium é retirado do gabinete e, por assim dizer, moldado para se parecer com algum ente querido do participante. Contudo, devo dizer que nunca vi qualquer forma que me lembrasse Hough.

Desde aquelas sessões, há sete anos, ouvi dizer que Hough foi apanhado em fraude durante uma sessão de materialização. As alegações que me relataram são tão detalhadas que não consigo ignorá-las. Junta-se assim à longa lista de médiuns que, ao verem o seu poder esmorecer, recorrem ao embuste. Levei isto em consideração ao redigir o relato anterior, omitindo pormenores que pudessem estar associados a truques, e mantendo apenas aqueles que considero manifestações autênticas.

Na manhã seguinte à minha primeira sessão com Hough, tive uma consulta com a Sra. Conklin, a clarividente. Iola apareceu-lhe pouco depois de nos sentarmos. A descrição foi acertada, e respondeu corretamente às seguintes perguntas: "Por que nome eu te chamava?"; "Por que nome me chamavas?"; "Em que país morreste?"; "Qual o nome da tua irmã?"; "Por que nome ela te chamava?"; "Qual a tua relação comigo?" Em seguida, o meu pai manifestou-se à clarividente e deu-lhe os seus nomes próprios. Alguns pormenores adicionais transmitidos por Iola confirmaram de forma decisiva a sua identidade para mim.

No dia seguinte, 27 de dezembro, sentei-me novamente com Hough e a Sra. Conklin. À nossa frente havia um cartão com as letras do alfabeto dispostas fora de ordem. Hough segurou a minha mão direita com a sua e usou o seu dedo indicador para apontar as letras que compunham as respostas às minhas perguntas faladas. Mantive os olhos fechados até sentir que pressionava a letra correspondente.

Assim, obtive respostas exatas a perguntas dirigidas a Iola, como: "Diz os nomes dos membros da tua família que já encontraste no além"; "Quem foi o último a falecer?"; "Qual era o nome do marido dela?"; "Qual o teu nome completo?" (foram dados corretamente os dois nomes próprios e o apelido); "Qual o meu nome completo?" (resposta: William Usborne Moore); "Diz o nome da cidade onde morreste" (foi dado corretamente — e estou certo de que o médium nunca tinha ouvido falar desse lugar).

A alegria de Hough ao verificar que as respostas estavam certas foi enorme. Exclamava como uma criança, especialmente quando surgiram o meu segundo nome próprio e o nome da cidade.

Tendo sido confirmada a presença do meu pai, escrevi num pedaço de papel que Hough não viu: "Onde morreu o meu irmão mais velho?" A resposta foi correta. Hough ficou em êxtase.

Recorde-se que, até esse momento, nem Hough nem a sua parceira sabiam nada sobre mim, a não ser que era inglês — facto que a Sra. Conklin descobrira no dia anterior. Na pior das hipóteses, esta sessão foi um exemplo impressionante de leitura mental. Mas inclino-me a atribuir-lhe um significado muito superior. É raro ler pensamentos com tanta precisão, até porque os nomes não eram fáceis para um americano. É mais provável que Iola e o meu pai estivessem presentes e tivessem influenciado diretamente o médium.

A 28 de dezembro voltei a visitar a Sra. Conklin e obtive bons resultados com um conjunto de fotografias. Perguntou-se a Iola: "Quantos filhos tenho?" A resposta foi: "Vejo um rapaz e duas raparigas. Uma das raparigas chama-se Harriet. O teu filho tem o mesmo nome que tu — 'Usborne'. Há vários Usbornes na família. É o teu nome e o do teu filho. Os teus filhos não são nem novos nem velhos. Uma das raparigas tem cerca de dezoito anos. Só consigo ver três." (Tudo isto está correto. Tinha, nessa altura, um filho e duas filhas. A mais nova chamava-se Harriet e tinha dezoito anos. O segundo nome do meu filho era o mesmo que o meu, e há outros com esse nome na família.)

A 29 de dezembro, voltei a sentar-me com Hough e a sua parceira. Hough e eu sentámo-nos em mesas separadas por cerca de três metros. Escrevi uma mensagem e dobrei-a para que ele não a pudesse ler, e depois entreguei-lha. Ele encostou-a à testa. A Sra. Conklin sentou-se ao meu lado após ele receber o bilhete. Ele escreveu as respostas com grande pressa e entregou-mas.

As respostas eram algo genéricas, mas demonstravam ter captado o conteúdo da minha pergunta de alguma forma. Como prova de identidade, não eram muito conclusivas. Um exemplo: (P) "Iola, porque não me falaste ontem à noite aqui?" (R) "W., tentei, mas as condições não eram as ideais; além disso, materializar-me é muito difícil. Estarei contigo e ajudar-te-ei como puder. — Iola." A caligrafia era a do médium.

Depois de algum tempo, concordámos em voltar ao método do alfabeto, como antes. Iola deu corretamente o nome de trabalho da minha esposa, e quando perguntei ao meu pai: "De que doença morreu o meu irmão mais velho?", a resposta foi "Difitir". Pedi que repetisse, e foi soletrado "difteria" — o que estava certo.

Concluirei o meu relato sobre Hough com um episódio que me marcou bastante. Um dos participantes na última sessão em que estive era um jovem alemão robusto, com mais de 1,80 m de altura, aparentemente saudável. Era um perfeito desconhecido para o médium. Quando o Dr. Baker saiu do gabinete, avançou três metros e chamou o jovem, virou-o com as mãos e fez vários passes nas suas costas, à altura da cintura. Ao sair da casa, acompanhei esse jovem e perguntei se aquela ação de Baker tinha algum significado. "Muito", respondeu ele. "Tenho sofrido de problemas agudos nos rins há três meses."

(7) No dia 30 de Dezembro, fiz uma visita ao Dr. S., um célebre ministro unitário e fervoroso investigador de fenómenos psíquicos. É autor de dois ou três livros sobre o tema, e a conversa naturalmente centrou-se na sua mais recente obra. Um dos melhores exemplos de mediunidade em transe que ele apresenta nesse livro estava relacionado com uma mensagem recebida do seu filho, falecido há cerca de três ou quatro anos.

Levou-me até uma extremidade do seu gabinete e mostrou-me um retrato, dizendo: "Este é o meu filho, de quem falávamos há pouco." Em seguida, dirigiu-se ao outro lado da sala e descreveu os retratos sobre a lareira, comentando sobre um deles: "Este é outro retrato do meu filho." Discutimos sobre a Sra. Piper, e autorizou-me a usar o seu nome se isso me ajudasse a conseguir uma sessão com ela. Por minha parte, mostrei-lhe uma fotografia com valor probatório que me fora dada por um médium no dia anterior.

Após a visita, regressei ao hotel e escrevi uma carta ao Dr. H., em Boston, pedindo-lhe uma entrevista com a Sra. Piper. À noite, dirigi-me à casa de uma médium de materializações, mas ao descobrir que estava fora da cidade, fui à residência da Sra. Margaret Gaule Reidinger — mais conhecida por "Maggie Gaule" — com o intuito de marcar uma sessão privada. Para minha surpresa, encontrei a casa cheia de gente. Fui recebido pelo Sr. e pela Sra. Reidinger, e expliquei a esta última que tinha sido recomendado pelo Dr. H., de Boston, e pelo Dr. S. "Como está o Dr. S.?" perguntou ela. "Ele esteve doente." Respondi que o vira nessa manhã e que parecia estar muito bem. "Sabia que tenho hoje uma reunião especial?" "Não, minha senhora; vim apenas marcar uma sessão particular." O Sr. Reidinger indicou-me então um lugar na sala de estar, onde se encontravam cerca de quarenta ou cinquenta pessoas bem vestidas. Tratava-se de uma divisão dupla, e no local onde normalmente haveria portas de correr havia uma pequena mesa coberta de cartas fechadas e diversos objetos — alguns embrulhados em papel, outros visíveis.

Em cerca de um quarto de hora, Maggie Gaule entrou, e, posicionando-se junto da mesa, fez um discurso sobre os objetivos do espiritualismo e as várias faculdades dos médiuns. Negou que o poder que exercia fosse o da telepatia. Disse que os seus amigos naquela sala traziam os seus espíritos consigo, e era a partir desses espíritos que ela obtinha a informação transmitida. Pediu apenas ao público que, se reconhecessem como verdadeira uma leitura, a confirmassem.

Pegou então num pequeno embrulho fechado e disse:

"Este embrulho traz-me a presença de uma criança que estende os braços para a mãe. Contém um sapatinho e, dentro dele, outro objeto que pertencia à criança. A quem pertence isto? A si, senhora? Vejo agora junto de si a forma de uma menina. O seu nome é tal, e diz que ficaria muito feliz se sentisse que a senhora deixou de chorar por ela. Diz: 'Diz à mamã que a vi quando ela estava a fazer isto ou aquilo ontem de manhã. Quero que saiba que estive com ela'."

Seguiram-se mais pormenores. A senhora a quem se dirigia baixou a cabeça, incapaz de falar. Virando-se para outro objeto:

"Posso perguntar quem trouxe isto? O senhor? Obrigada. Posso supor que contém tal coisa? Sim? Obrigada."

(Aproximando-se do dono do objeto):

"Vejo atrás de si o espírito de um homem. Ele dá o nome de Alberto e diz que é seu pai. Quer que lhe diga para ter paciência mais um mês — esse negócio do caminho-de-ferro vai resolver-se."

Depois, virando-se de repente para outra direção, sem tocar em qualquer carta ou objeto, dirige-se a uma senhora idosa do outro lado da sala:

"Ah, minha senhora, vejo ao seu lado uma menina que diz: 'Mamã, a Carrie pediu-me para lhe dizer tal coisa.' Tem uma filha no além chamada Carrie e outra com este outro nome? Tem? Obrigada. Estou certa de que veio esta noite com esperança de ouvir falar delas, e que teve uma sessão em sua casa na passada terça-feira, onde foi aconselhada a visitar-me?"

Seguiram-se outros detalhes minuciosos. A senhora, emocionada, exclamou:

"É tudo verdade."

Maggie Gaule regressou à mesa, pegou numa carta selada, examinou-a durante alguns minutos e disse:

"Aqui está algo que mostra uma situação muito complicada. Quem trouxe isto?"

O homem ao meu lado ergueu a mão. Ela caminhou até ele, mas parou de repente e voltou-se para outro homem:

"Tem alguma ligação com esta carta. Vejo uma conexão entre si e esta carta."

(Fica pensativa durante uns segundos.)

"É juiz?"

"Não."

"Mas tem ligação ao mundo jurídico. Eu sei. O seu pai era juiz?"

"Sim."

"O seu pai não acreditava no espiritualismo em vida, mas era justo e mente aberta, e se soubesse que o senhor estava aqui esta noite, diria tal e tal coisa." (O homem assentiu.)

"E agora, senhor," (virando-se para o homem a quem se dirigira inicialmente), "quanto à sua carta. Encontra-se em grandes dificuldades. Parece-lhe que os seus problemas nunca terminam. Mal se resolve um, outro começa. Mas tempos melhores estão a caminho. Devo dizer-lhe o que os espíritos me transmitem, não aquilo que seria mais agradável ouvir. As palavras soam-me ao ouvido — 'Teria sido melhor não ter iniciado o litígio com aqueles dois filhos'."

Após a saída de Maggie, o homem ao meu lado sussurrou:

"Sabe por que ela me confundiu com aquele homem? Ele é o meu advogado. O pai dele era juiz."

Vinte minutos depois, Maggie voltou-se para ele e disse: "Pensa que o confundi com outra pessoa — está enganado."

A uma jovem que trouxe uma das cartas seladas, disse-lhe ao aproximar-se:

"Posso dizer-lhe que esse pequeno caso amoroso vai correr bem" (riso e embaraço da rapariga).

"Mas devia continuar com a música."

"Ora," exclamou a rapariga, "essa foi precisamente a pergunta que fiz!"

"Bem, a sua mãe está aqui presente e diz que deve continuar a estudar música. Posso abrir a carta?" (Rasgando a nota, leu em voz alta):

"Minha querida mãe, valerá a pena continuar a praticar?" (Grande entusiasmo por parte da rapariga e muitos aplausos da audiência.)

Durante a noite, Maggie Gaule aproximou-se de mim e disse:

"Vejo que usa uma corrente, com algo pendurado que pertenceu a alguém muito querido."

(Pegou na corrente e no relógio e examinou-os.)

"Não foi dada por alguém que já faleceu, mas pertenceu em tempos a uma pessoa que já partiu." (Tudo correto.)

"Veio de longe, e tem viajado bastante. Trouxe consigo do outro lado do oceano algumas fotografias."

(Seguiram-se pormenores pessoais que reconheci como verdadeiros, mas incompreensíveis para os outros.)

"Está a investigar as questões do espiritualismo e da imortalidade da alma. Vai em breve para Boston. Sabia que é muito curioso — já tentei pôr o Dr. S. em contacto com o filho dele, e nunca consegui. Mas ele está agora ao meu lado e quer que diga ao pai que estava com ele no

gabinete esta manhã, quando o senhor o visitou. Disse: 'O meu pai apontou para um retrato e disse:

"Este é o meu filho."'

Depois mostrou-lhe outro retrato. Deu-lhe uma carta, ou autorizou-o a usar o seu nome para o ajudar a obter uma sessão com a Sra. Piper. Posso dizer-lhe que não conseguirá essa marcação esta semana, nem na próxima, mas alcançará o seu objetivo antes de regressar ao outro lado do oceano. Quer levar esta mensagem ao Dr. S. da parte do filho? Escreveu hoje ao Dr. H."

Tudo isto estava certo nos aspetos essenciais. Para além das poucas palavras já mencionadas, trocadas com o Sr. e a Sra. Reidinger no vestíbulo à minha chegada, a médium nada sabia sobre mim, nem da minha relação com o Dr. S. ou o Dr. H. Ela não sabia que eu viera do outro lado do Atlântico (mesmo que o meu lamentável "sotaque inglês" me tivesse denunciado, eu poderia ser do Canadá ou do sul dos Estados Unidos).

As fotografias apenas tinham sido mencionadas ao Dr. S. Nunca antes pusera os pés naquela zona de Nova Iorque, e era um completo estranho para todos os presentes na sala. Os meus pensamentos não estavam sequer concentrados nos acontecimentos daquela manhã, e mais tarde confirmei junto do Dr. S. que ele não mencionara a minha visita a absolutamente ninguém.

Não temos a mais leve prova de que o subconsciente possa ser acedido por um estranho à primeira vista. Acreditar nisso seria o mesmo que crer que um médium é capaz de ler os motivos, o carácter e os pensamentos mais íntimos de todas as pessoas que encontra na rua. Não será mais fácil aceitar, de imediato, que Maggie Gaule recebeu a sua informação dos espíritos presentes — neste caso, do filho do Dr. S., que me acompanhara até à casa dela? Ele e eu éramos os únicos que sabíamos o que se passara. O próprio Dr. S. não fazia ideia de que eu tinha escrito ao Dr. H. nessa noite.

Um pressentimento curioso foi dado por Maggie Gaule a um empresário:

"Está com dificuldades relacionadas com uma fábrica de tijolos ou telhas. Já teve de mudar mais do que uma vez porque os vizinhos se queixam do perigo que julgam estar associado ao seu método de fabrico."

"Bem, sim. Fomos expulsos de mais do que um lugar."

M. G.: "Eu sei. Não há realmente perigo, mas as pessoas à volta acham que sim. Deixe-me dizer-lhe — usando a sua própria expressão — que vai ser expulso de novo. E também tem tido negócios importantes com um homem que, suspeita, não é tão temperante quanto deveria."

"Bom, eu acho que ele bebe," foi a resposta.

Dei aqui apenas um breve esboço do que aconteceu naquela noite no salão de Maggie Gaule. Foram "lidos" cerca de quinze a vinte cartas seladas e objetos. Todas as leituras foram confirmadas como corretas. Não pretendo aqui defender os métodos americanos. Os investigadores ingleses preferem guardar as suas dores para si e retraem-se perante a ideia

de expô-las numa sala cheia de gente, por mais empática que esta seja. Seja como for, não há dúvida de que pelo menos uma dúzia de homens e mulheres saíram daquela casa mais felizes do que quando lá entraram, convencidos de que tinham estado em contacto próximo com os seus entes queridos que já partiram.

(1) Talvez volte a falar de Maggie Gaule mais adiante. Por agora, tentarei descrever a visita que fiz no dia seguinte à Srta. Dora Hahn, uma médium de transe em Nova Iorque. Naturalmente, era-me totalmente desconhecida. Sentámo-nos no escuro, a cerca de quatro pés de distância um do outro. Ela descreveu com precisão o meu estado de saúde e os cuidados necessários — que creio estarem corretos, ainda que não interessem particularmente aos leitores. Depois, descreveu com exatidão vários espíritos que me rodeavam, alguns dos quais eu não recordava há anos, e deu os seus nomes.

Seguidamente, entrou em transe e foi tomada por um espírito indígena chamado "Lark", que, com uma voz completamente diferente da da médium, perguntou:

"Para onde queres que eu vá?"

"Está presente o espírito de Iola?"

Lark: "Sim, ela está aqui comigo."

"Então, vai até à casa da minha mãe."

Lark: "Vou até à casa da tua mãe. Fica muito longe, do outro lado do oceano; não é em Londres, mas perto." (Seguiu-se uma descrição da casa e dos membros da família que cuidavam da minha mãe, que estava correta.)

Lark: "Para onde devo ir agora?"

"Vai até à minha casa em Southsea."

Lark: "Onde é Southsea? É na praça B—, ou na praça R—?" (em Londres).

"Porque é que disseste praça E—?"

Lark: "Bem, a Iola diz que viveu lá em tempos, mas o grande hotel de um dos lados ainda não existia nessa altura. Alguns edifícios foram demolidos e o hotel foi construído no seu lugar." (Correto.)

"Agora, Lark, como é essa praça? Tens praças aqui — Madison Square e outras. Descreve a praça R—."

Lark: "É uma espécie de parque."

"Tem árvores?"

Lark: "Oh, sim! Muitas. E é preciso uma chave para abrir o portão." (Seguiram-se mais detalhes, todos corretos.)

"Agora, Lark, vai a Southsea, perto de Portsmouth — conheces, é a cidade naval."

Lark: “Está bem. Vejo muitos navios e soldados. Tens alguma ligação com eles. Caramba! Que quantidade de carros! Estão mesmo a evoluir no teu país!” (Seguiu-se uma boa descrição da minha casa, bem como um relato preciso do meu genro, da minha filha e dos seus filhos, que viviam numa rua próxima.)

O cético poderá dizer: “Todas essas informações foram obtidas de si próprio. Dora Hahn não lhe disse nada que o senhor já não soubesse antes de entrar naquela sala.” Isso pode ser verdade; mas, recorde-se, estávamos no escuro.

Para concluir a sessão, acendeu-se a luz. Coloquei um conjunto de quinze fotografias sobre a mesa e, cuidando para que ela não visse quais, pedi à médium que identificasse os retratos de qualquer espírito que tivesse visto naquela noite. Enquanto examinava as fotos, entregou-me uma imagem da minha esposa, dizendo:

“A Iola acaba de me dizer que esta é a sua esposa, e diz que há outra fotografia dela aqui.”

E então entregou-me uma segunda foto da Sra. Moore. Gostaria de saber como é que qualquer teoria de telepatia pode explicar isto. Como poderia a médium ter obtido tal informação se não da fonte que afirmou — ou seja, Iola?

No dia seguinte, visitei o Sr. e a Sra. Hermann, dois médiuns numa zona remota de Nova Iorque. Descobriram rapidamente o meu nome. Testei o método das fotografias. A Sra. Hermann fez um movimento convulsivo e gritou:

“Quem é a menina? Um espírito está a dizer-me ao ouvido: ‘Dá-lhe a menina.’”

Havia apenas uma menina no conjunto de fotografias: era um retrato da minha esposa aos quinze anos, ainda com vestido curto.

Outros bons testes foram dados nessa sessão, mas este foi dos mais impressionantes. Ouviam-se pancadas por toda a sala, e fortes batidas na mesa confirmavam qualquer informação verdadeira. Nenhuma pessoa presente poderia ter deixado de reconhecer a atividade de inteligências que não pertencem a este plano da existência.

No dia 2 de Janeiro, almocei com o juiz Dailey, em Brooklyn. A minha anfitriã era clarividente; e a bem conhecida reverenda May Pepper, da Primeira Igreja Espiritualista de Brooklyn, era uma das convidadas. Foi um daqueles encantadores encontros familiares para celebrar o Ano Novo, que só quem já experimentou a verdadeira hospitalidade americana pode compreender.

(8) Durante a refeição, sentei-me à esquerda de May Pepper. Quando estávamos sensivelmente a meio do almoço, ela disse-me:

“O teu pai encontra-se na vida espiritual há doze anos; a tua mãe ainda está na vida terrena, mas tem, por assim dizer, um pé já no além — e não permanecerá muito mais tempo nesta Terra. Não verá outro Natal.”

Estas informações estavam corretas — o meu pai tinha falecido há doze anos, e a minha mãe faleceu com noventa anos no dia 8 de dezembro, pouco tempo depois deste episódio.

Após o almoço, a anfitriã chamou-me de parte e disse:

"O teu pai esteve atrás de ti durante a refeição, juntamente com um homem que acredito ser teu irmão. O nome dele começa com a letra 'A' — Albert, Alfred ou algo do género. Também estava presente uma tua irmã, cujo nome é tal."

(As informações sobre os nomes estavam corretas: tratava-se de Alldin e Catherine.)

Deveria ter mencionado que, quando fui apresentado pela primeira vez à Sra. Dailey, cerca de uma hora antes deste episódio, ela disse:

"Está aqui um marinheiro. Está encharcado e sinto que se afogou enquanto estava sob o teu comando. O nome parece ser Leroy."

Não consegui de imediato lembrar-me de quem seria, mas, ao regressar a Inglaterra, fui procurar nos meus diários e descobri que, em junho de 1878, quando era tenente num cúter no Oceano Índico, ocorreu um acidente. Estávamos apenas à vela — sem motor disponível — e, durante a travessia de Socotorá para as Maldivas, apanhámos a habitual tempestade conhecida como monção do sudoeste.

Numa dessas tardes, enquanto recolhíamos o terceiro rizo das velas de gávea, um jovem marinheiro chamado Carey caiu do mastro, embateu nos cabos e foi projetado ao mar. Lançámos a boia de salvação. Saltei para um bote, acompanhado por cinco voluntários, para o socorrer. O mar estava agitado, mas um homem de boa visão no bote viu a boia do alto de uma vaga.

Quando chegámos até ela, encontrámos Carey agarrado à boia, já sem vida. Tinha conseguido nadar até lá — como, não faço ideia — mas o esforço foi fatal. Lá estava ele, com os braços em redor do suporte da boia, afogado.

Regressámos ao navio antes do anoitecer, com grande dificuldade. Acredito que foi este o homem que regressou do outro lado com um sentimento de gratidão pelos esforços que fizemos, trinta e um anos antes, para lhe salvar a vida.

Todos sabem quão difícil é para os médiuns lerem nomes no chamado "plano astral". Repare-se: esta senhora não conseguiu ler "Alldin", mas disse "Albert, Alfred ou algo do género".

Os nomes "Leroy" e "Carey" têm três letras em comum; ambos terminam em "y", têm o mesmo número de letras, e a letra central é "r".

Quando o grupo passou para a sala de estar, após o almoço, a Sra. Pepper — que, antes da refeição, recusara dar-me uma sessão nesse dia por estar cansada dos serviços religiosos de domingo — foi subitamente controlada por um espírito indígena chamado "Bright-eyes". Este agarrou-me as mãos e, com uma voz completamente diferente da de Sr.ª. Pepper, disse:

"Trouxeste contigo um embrulho; posso vê-lo?"

(9) No bolso interior do casaco trazia um maço de fotografias (completamente fora de vista) e duas ou três cartas fechadas dirigidas a espíritos. Uma dessas cartas dizia:

“Por favor, faz com que o médium seja impressionado a escolher tais e tais retratos” (mencionando quatro da coleção).

Ninguém na casa — nem em Nova Iorque, nem em Brooklyn — sabia que eu trazia essas fotografias, nem muito menos o conteúdo das cartas fechadas.

Entreguei o maço à Sra. Pepper (ou melhor, a “Bright-eyes”), que colocou as fotografias viradas para baixo no colo. Assim posicionadas, eu não conseguia distinguir uma da outra, o que eliminava qualquer hipótese de telepatia — o grande espantalho do espiritualismo — interferir. Em menos de cinco minutos, três dos quatro retratos escolhidos foram-me entregues.

Durante o almoço, estive sentado junto à Sra. Pepper, e é possível que, com a sua intuição extraordinária, tenha lido corretamente o meu pensamento quanto ao tipo de prova que mais desejava obter.

Contudo, gostaria de saber por que outro meio teria ela conseguido escolher os retratos, se não através da intervenção da inteligência supranatural que eu havia solicitado e que conhecia os retratos que eu procurava. Ao sair do transe, a Sr.ª Pepper ficou bastante aborrecida por não ter conseguido encontrar o quarto retrato.

Estou a escrever para relatar as minhas próprias experiências com fenómenos psíquicos, e não as de terceiros; mas não posso apresentar de forma suficientemente clara ao leitor os dons da Rev.ª May Pepper sem relatar pelo menos um exemplo do seu talento, que teve grande utilidade prática, e que me foi contado naquela manhã por um cavalheiro que recorrera aos seus serviços.

(10) O Sr. R. é filho de um casal que se separou poucos anos após o casamento. Foi criado pela mãe, que nunca escondeu o facto de o pai estar vivo, mas sempre evitou dizer onde vivia. O Sr. R. estava quase a atingir a maioridade quando a mãe faleceu, e ficou ainda mais determinado em encontrar o pai.

Frequentava regularmente a Igreja Espiritualista da Sra. Pepper e, certa noite de domingo, ocorreu-lhe colocar uma carta fechada no púlpito, pedindo à mãe que lhe revelasse o paradeiro do pai.

Através da orientação do espírito, Sr.ª. Pepper indicou-lhe o nome de uma empresa em Liverpool onde o pai trabalhava. Escreveu-lhe para essa morada e recebeu, em breve, uma resposta afetuosa e honesta (o Sr. R. mostrou-me a carta).

O pai não tentou justificar os desentendimentos que o afastaram da mulher e do filho; disse que não podia viajar até à América naquela altura, mas esperava fazê-lo dentro de um ou dois anos, e desejava sinceramente o sucesso do filho.

No entanto, estavam destinados a não se reencontrar, pois poucos meses depois, o pai faleceu vítima de um acidente na rua.

(11) Na manhã seguinte ao almoço em Brooklyn, fui, por marcação, a casa de “Maggie Gaule” para uma leitura privada. Ela disse:

"O teu pai está aqui. Diz que esteve contigo ontem ao almoço, numa casa em Brooklyn." (Seguiram-se depois alguns pormenores que me convenceram de que não era adivinhação.) "Ouço a palavra 'Capitão' ou 'Almirante'. És Almirante?"

Depois, transmitiu uma mensagem do meu pai, muito característica, juntamente com pormenores sobre a minha família imediata, que estavam corretos.
A médium então disse: "Gostaria de ver o embrulho que tens no bolso."

(Tira-me o maço de fotografias.) Enquanto ela as segurava, eu não conseguia distingui-las. Ela entrega-me uma: "Esta tem uma ligação." (Correto.)

"Sinto que há um grande significado na tua vida ligado a esta." (Entrega-me uma da minha esposa.)

"Sinto-me muito impressionada por esta." (Entrega-me uma das quatro que eu tinha assinalado como especiais.)

"Aqui está outra senhora com forte ligação contigo." (Entrega-me a segunda fotografia da minha esposa.)

É notável:
(a) que esta senhora soubesse que eu tinha fotografias no bolso;
(b) que tenha escolhido três das quatro pelas quais eu tinha especial interesse;
(c) e que tenha corroborado a presença do meu pai no almoço em Brooklyn no dia anterior.

Depois de várias sessões com outros médiuns em Nova Iorque, que forneceram informações mais ou menos corretas, fui para Boston a 10 de janeiro. No dia 11, visitei três médiuns — Sr.ª. Morgan, Sr.ª. Henderson e Mr. Porter — que não poderiam saber absolutamente nada sobre mim: nem o nome, nem a profissão, nacionalidade ou sequer os meus pensamentos.

A Sra. Morgan, sentada com luz natural, começou por anunciar a presença do meu pai e do seu guia médico. Descreveu corretamente o meu estado de saúde e disse:

"Sinto... ligação ao mar. Tu, ou alguém muito próximo de ti, está ligado ao mar como profissão. Tens algo a ver com telegrafia sem fios?"

(O meu filho estava prestes a ser nomeado responsável pela secção de telegrafia sem fios da Escola de Torpedos em Portsmouth.)

Seguiram-se outros detalhes, todos corretos. Esta médium recusou-se a fazer o teste das fotografias, mas deu-me algumas informações privadas muito interessantes.

(12) A Sra. Henderson, após alguns minutos de conversa, entrou em transe e foi possuída por um dos seus guias, "Sunflower", uma jovem indígena, que anunciou a presença de Iola e disse:

"Tens algo dela contigo."

"Sim, tenho uma fotografia."

Sunflower: “Sim, há uma fotografia tirada algum tempo antes de ela falecer, e outra tirada numa fase posterior” (correto). Entreguei então o maço de fotografias a Sunflower, que as colocou no colo com as imagens viradas para baixo e começou a descrevê-las.

Sunflower: “Esta faz-me sentir muito mal” (entrega-me a fotografia de uma senhora cuja irmã foi assassinada, em circunstâncias horríveis, na Nova Zelândia). “Há algo de especial ligado a esta” (entrega uma fotografia à qual o comentário se aplica). “Parece ser uma irmã” (absolutamente correto). “Esta traz-me um riso — um tempo feliz” (entrega um retrato de juventude de Iola). “A condição espiritual predominava quando esta foi tirada” (entrega um retrato de Iola já mais velha).

E assim continuou, fornecendo descrições corretas de pelo menos nove das fotografias. Como eu próprio desconhecia qual era qual, só consigo explicar a presciência de Sunflower de uma forma: Iola — que, em vida, conhecia todos os rostos, exceto um — estava a orientar as escolhas.

Foram dados outros detalhes sobre a minha família, que não posso aqui repetir, mas que estavam corretos. Foi-me dito até o meu próprio nome cristão.

O Sr. Porter vendou os olhos. Deu-me algumas boas provas; no entanto, algumas das pessoas que descreveu estavam de facto presentes no meu pensamento naquela manhã, e suspeito que, embora vendado, terá conseguido, de algum modo, aceder ao meu pensamento consciente.

Contudo, houve uma afirmação particularmente curiosa no final da sessão:

“Este espírito diz que esteve contigo em St. Louis. Estiveste em St. Louis?”

Respondi: “Não, mas esse era o nome do navio em que viajei para cá.”

O espírito prometeu fazer-se reconhecer mais tarde.

O Sr. Porter não sabia o meu nome nem a minha nacionalidade, mas descreveu com grande precisão a minha profissão.

(13) Voltei a Nova Iorque a 14 de Janeiro. No dia 17 assisti a uma leitura pública de cartas seladas no salão da Sra. Pepper. Desta vez, coloquei algumas cartas minhas, fechadas, sobre a mesa, dirigidas a diferentes familiares.

Por exemplo, uma carta era dirigida ao meu pai, perguntando-lhe quantos filhos tinha no mundo espiritual; outra, a uma tia que falecera há cinquenta anos, questionava a causa da sua morte.

A clarividência demonstrada pela Sra. Pepper nesta ocasião foi uma das mais extraordinárias que já presenciei. Estariam presentes cerca de quarenta pessoas.
Creio que foram lidas entre vinte a vinte e cinco cartas seladas naquela tarde. Não foi cometido um único erro. Todas as pessoas que tiveram as suas cartas lidas ou os espíritos descritos confirmaram que a interpretação clarividente era correta.

A vidente movimentava-se pela sala com total segurança, descrevendo a aparência, nomes e ligações dos espíritos aos seus familiares na assistência — muitas vezes mencionando um espírito ao lado de alguém que nem sequer tinha deixado carta na mesa.

A certa altura, pensei que a Sra. Pepper se tinha enganado. Dirigiu-se a uma mulher vestida elegantemente, sentada no centro do grupo, e disse:

"Senhora, vejo junto de si um espírito com o nome R."

"Não conheço ninguém com esse nome," respondeu friamente.

"Ah! Vejo que pertence a este cavalheiro à sua frente. É um menino que faleceu recentemente. Era o filho adorado do pai. Posso perguntar, senhor, se perdeu há pouco tempo um filho chamado R.?"

(O homem acena afirmativamente, enquanto a sua esposa permanece rígida, de lábios apertados, olhando em frente.)

"Perdeu? Deixe-me dizer-lhe que existe uma barreira; o seu filho não consegue manifestar-se aos pais enquanto este muro de tristeza e desespero estiver presente em casa. Isso impede-o de se aproximar. O pai e a mãe perderam a esperança; olham em redor e nada encontram que suavize a dor. Mas não devia ser assim. O senhor verá o seu filho. Ele há de dar-lhe a certeza da sua presença dentro de dois meses, tão certo como estou viva. Mudou recentemente o lugar de um quadro?"

"Não, não mexemos no retrato dele."

Sr.ª. P.: "Mas (ouve atentamente) ele diz-me que estava convosco quando alteraram a posição de um quadro. Eu não disse que era o retrato dele."

O homem, agora a chorar em silêncio e a observar atentamente o rosto da vidente, diz: "Sim, mudámos a posição de um quadro há poucos dias."

Sr.ª. P.: "Sim, eu sei disso. O pequeno R. pede-me que lhe diga isso como prova de que tem estado convosco em casa."

A Sra. Pepper pegou então noutra carta selada e disse:

"Este envelope contém uma carta que não foi escrita por ninguém nesta sala... Ah! Já vejo. Quem reclama este envelope? É a senhora? Obrigada. Pode dizer-me se estou certa ao supor que esta carta é de uma pessoa anónima a tentar prejudicar a imagem do seu marido?" (A senhora confirma.)

"Pois bem, aceite o meu conselho e não pense mais nisso. Trata-se de uma calúnia, escrita com más intenções, para perturbar a paz no vosso lar. É esta a resposta ao que quer saber. Se quiser esperar no final, direi mais sobre este assunto."

Depois de ter tratado sete ou oito cartas, virou-se para mim e disse:
"Um homem, o espírito do seu pai, aproximou-se quando peguei neste envelope. É seu?"

Confirmei.

"Bem, voltarei a si já de seguida."

Em seguida, virou-se na direção oposta, pegou noutro envelope fechado, mordeu um canto, pensou durante uns instantes e disse:

"Esta é uma pergunta de alguém que quer saber se seria bom a sua irmã voltar para o marido. Quem colocou esta carta aqui? Foi a senhora? Muito bem. Estou a ser informada de que ela deve continuar como está; a separação teve bons motivos e o melhor será não voltarem a viver juntos. Ele é um homem mesquinho, capaz de esfolar uma pedra. Quando viviam juntos, ele até lhe censurava a comida que ela era obrigada a comer para se manter viva."

(A remetente confirma esta descrição pouco lisonjeira.)

"Diga à sua irmã que é melhor manter a independência, mesmo que tenha de trabalhar para se sustentar. Talvez lhe possa dizer mais no fim da sessão."

(14) Depois dirigiu-se a mim:

"O seu pai está a rir e diz: 'Estão a perguntar-se em casa porque é que voltas uma semana mais cedo do que planeado.'" (Correto.)

E acrescentou: "'O meu filho pensa que eu não sei quantos filhos tenho?'" (Seguiu-se uma resposta correta à pergunta que eu fizera na carta.)

"Quem é E.? A sua tia? Mas não percebo. Esta E. que está aqui a falar comigo (ouve) diz que casou com alguém da sua família."

(Correto. Dezoito anos após a morte da minha tia, casei com a filha dela, minha prima.)
"Ela esteve doente muito tempo antes de falecer; a família não sabia o quão mal ela estava, e o desfecho foi um grande choque."

(Isto estava absolutamente correto.)

MAY PEPPER

Transcrevi aqui algumas das afirmações da Sra. Pepper. Todas foram igualmente interessantes e verdadeiras, e nunca tive dúvidas, naquele momento, de que esta mulher extraordinária via, de forma clarividente, entidades espirituais que acompanhavam os seus entes queridos até à casa, e que, com a sua ajuda, conseguia ler o conteúdo das cartas seladas quase tão bem como se as tivesse aberto e lido com os olhos.

(15) Na véspera da minha partida para Inglaterra, tive mais uma entrevista com ela, desta vez a sós. Ela tinha regressado momentos antes de Filadélfia, onde se dirigira a um público de mil e trezentas pessoas e lera setenta e cinco cartas (soube que quinhentas pessoas ficaram à porta).

Nessa altura, enfrentava também dificuldades domésticas, pelo que não esperava tirar grande proveito da sua clarividência.

Mas enganei-me redondamente. Deu-me imensa informação, de natureza privada e complexa, descreveu com exatidão o carácter e as circunstâncias da morte de um oficial distinto, e parecia estar tão lúcida como se nada a preocupasse.

Contarei apenas uma parte da nossa conversa. Uma das cartas que eu escrevera, selara e identificara do lado de fora era dirigida ao espírito de um homem muito amável que faleceu em 1868, e a quem chamarei aqui Major Jones.

Conheci-o bem na minha juventude, e tinha razões para crer que ele se faria presente — e fez-se.

O seu único nome próprio era "Major"; não era militar, e nunca tinha visto nada mais perigoso do que um foguete de festa durante a sua vida.

Faleceu com cinquenta e nove anos. Como muitas outras pessoas do século passado, antes de existirem estatísticas sobre o assunto, ele mantinha uma objeção profunda aos casamentos consanguíneos, acreditando que eram obra do diabo. Nove anos após a sua morte, a filha mais nova casou com um primo. Três outros filhos também se tinham casado. O número total de netos ascendia a dezoito, e o casamento mais bem-sucedido, tanto do ponto de vista físico como mental, era justamente o da filha mais nova.

A médium foi instruída a perguntar-lhe:

"Quantos filhos tem na vida espiritual e quantos na vida terrena?"

A resposta foi perfeitamente correta:

"Duas filhas na vida terrena, duas na vida espiritual, dois filhos na vida espiritual, e houve um menino que morreu pouco depois de nascer."

(Este último detalhe não me era consciente, mas admito que possa ter ouvido falar dele em algum momento.)

Ele continuou e especificou qual das filhas — ambas nomeadas — havia falecido primeiro. Mencionou também, pelo nome, ambas as esposas.

Disse: "Tenho um neto na vida terrena que está doente. Terá de ser tratado com muito cuidado."

P.: "Aprovas o casamento da tua filha mais nova?"

R.: "Não. Esse neto de que falei é filho dela."

(Esta informação estava correta: o jovem fora acometido por febre tifoide em Agosto do ano anterior; na altura desta sessão, encontrava-se praticamente recuperado.)

Repare-se nesta resposta. A doença do neto nada tinha a ver com a ideia popular dos efeitos de casamentos consanguíneos. No entanto, o Sr. Jones, que devemos supor ter tido ampla oportunidade de aprender a verdade no além, continuava apegado à sua antiga convicção. Comentei esta hipótese com a vidente, que foi instruída a perguntar de novo.

Mas ela respondeu: “Não posso fazer nada, senhor; ele abana a cabeça.”

Foram dados outros detalhes que confirmaram a identidade do espírito comunicante e de quatro ou cinco outras entidades presentes.

Disse à Sra. Pepper:

“Sinceramente pensei que ficaria confusa ao supor que o Major Jones fosse militar.”

Ela respondeu:

“Não, ele não parecia ser.”

É impossível que esta médium pudesse, por qualquer meio, ter conhecimento prévio da existência de Major Jones, ou de qualquer pormenor da sua família. Tampouco vejo como a leitura da mente pudesse ajudá-la, pois eu não estava focado nas respostas — e, na verdade, foram bastante inesperadas.

Iola estava presente durante esta sessão e deu algumas informações interessantes. Disse à médium:

“Pergunte-lhe se alguma vez se materializou em Nova Iorque.”

A resposta foi imediata:

“Ela diz que sim, quando chegaste pela primeira vez. Está a sorrir e a dizer algo sobre uma bengala.” (Ouve-se.)

“Diz que foi contigo à sala da sessão, e que levaste a bengala para impedir que alguém soubesse quem eras. É verdade?”

R.: “Não; o que aconteceu foi que caminhei dois ou três quarteirões na neve desde o hotel, quando me lembrei que a bengala tinha o meu nome e morada gravados. Por isso, voltei ao quarto e deixei-a lá.”

Sra. P.: “Sim, foi isso mesmo. Ela dá-te este pormenor como prova de que estava contigo nessa noite.”

Este foi o meu último contacto psíquico durante esta visita à América. Deixei o país com a sensação de ter sido plenamente recompensado pelo esforço de atravessar o oceano.

No que respeita à clarividência e à mediunidade em transe, considerei os fenómenos presenciados de qualidade muito superior a qualquer coisa que se obtenha no nosso país, provavelmente devido à pureza do ar e às condições elétricas mais favoráveis.

Regressei a Inglaterra com o espírito totalmente preparado para aceitar as verdades do espiritualismo — desde que encontrasse provas honestas e autênticas.

CAPÍTULO III

OS MÉDIUNS CRADDOCK E HUSK

Alguns investigadores estão convencidos de que não se pode recolher prova fiável a partir de médiuns que tenham sido apanhados, em algum momento, a cometer fraude — o autor discorda. Se assim fosse, todos os registos de materializações em Inglaterra seriam inúteis. Médiuns profissionais imbuídos de uma espécie de doutrina "jesuítica". Todos vivemos do nosso engenho. O médium e o "positivo" formam uma bateria — ambos essenciais ao êxito. Hostilidade mental impede qualquer fenómeno positivo. Médiuns podem cometer fraude em transe — sonâmbulos. F. Craddock — a sua exposição — condenado por se recusar a ser revistado — ainda assim, um caso curioso. A sua mediunidade não está em causa — registos de fenómenos genuínos — mas não é seguro confiar-lhe provas espirituais. Husk — os seus controladores — alguns episódios das sessões em que foi médium — sessão de teste — levitação de Husk — línguas estrangeiras faladas pelos espíritos — "Tio" visita-me em Southsea — provas por clarividência com Husk — espírito de Signor Foli canta árias escolhidas no momento — comentários gerais sobre Husk — movimentos da cítara, formas brancas, "prova irrefutável", e a memória de John King inexplicáveis por qualquer teoria de fraude.

Os dois médiuns cujas sessões frequentei com maior regularidade após o meu regresso a Inglaterra foram os senhores Husk e Craddock. Já descrevi três sessões com o primeiro e darei agora mais detalhes de outras; mas antes disso, direi o que sei sobre o segundo.

Aqueles investigadores que acreditam que nenhum fenómeno digno de nota pode ser obtido com um médium que tenha alguma vez sido apanhado em fraude não considerarão os episódios das sessões de Craddock como prova da presença espiritual. No entanto, volto a lembrar que, se um registo sem mácula for o critério da nossa fé, teremos de rejeitar toda a evidência recolhida neste país sobre telecinesia e materializações.

Florence Cook, que mais tarde foi apanhada a representar fraudulentamente espíritos, proporcionou muitas sessões genuínas sob a supervisão rigorosa de William Crookes. A entidade "Katie King" manifestava-se facilmente num ambiente simpático; contudo, quando a médium estava entre elementos hostis, recorria a truques para "ajudar" os fenómenos que ocorriam.

O mesmo se aplica à maioria dos médiuns profissionais que exerceram em Inglaterra, onde o clima húmido é desfavorável ao sucesso, a menos que as condições mentais e atmosféricas sejam de excelência.

Uma razão pela qual os médiuns são tão indiferentes à necessidade de retidão absoluta nas suas interações com os consulentes — nesta matéria tão vital de comunicação com o invisível — é que, na maioria dos casos, sabem que possuem, de facto, poder suficiente para manifestações genuínas, e pensam que algumas falhas aqui e ali não alteram a verdade do retorno espiritual. Trata-se, claro, de uma ideia profundamente errada; mas não têm discernimento suficiente para percebê-lo.

A honestidade rigorosa está quase sempre aliada ao bom senso — precisamente a qualidade que estes indivíduos "negativos" mais frequentemente não possuem. São das criaturas mais impraticáveis da Terra; a palavra "casuais" é a que melhor os define. São negligentes nos compromissos, desastrosos em negócios, e acabam por afastar os melhores amigos. Creio que

tudo isto pode ser corrigido com formação adequada desde cedo; mas ainda não chegámos à fase de haver colégios ou escolas para educar pessoas com dons não reconhecidos na vida quotidiana.

A propósito dos médiuns profissionais, um amigo meu — de quem esperava melhor — disse-me há alguns meses:

"Desconfio das pessoas que vivem do seu engenho."

Era um homem que recebia um salário generoso de um departamento governamental, por trabalho bem e conscienciosamente realizado. Mas estive tentado a responder-lhe:

"E tu, não vives do teu engenho? O que te trouxe à honrosa posição que hoje ocupas? O teu engenho!"

Todos vivemos do nosso engenho, desde o Primeiro-Ministro até ao ardina, com exceção daquela minoria que vive do engenho dos seus pais ou avós.

Se o meu amigo tivesse dito:

"Desconfio de todas as pessoas cuja organização negativa é tal que o seu engenho não as alerta quando se aproximam da fronteira entre a honestidade e a desonestidade,"
teria estado muito mais próximo da verdade.

A maioria dos médiuns de materialização consegue exercer o seu dom genuíno — se este não estiver temporariamente suspenso — quando se sentam num círculo simpático, com vários membros "positivos".

Um verdadeiro positivo é o complemento do médium.

Forma-se uma bateria, e estabelecem-se as vibrações necessárias que permitem ao psíquico tornar-se útil à equipa do "outro lado", que deseja manifestar-se ou ajudar os entes queridos do consulente a fazê-lo.

Um "positivo" raramente, ou nunca, tem qualquer capacidade recetiva. O seu corpo espiritual não está suficientemente dissociado do corpo físico para lhe permitir ver clarividentemente, ouvir clariaudientemente ou sentir clarsensitivamente.
Contudo, pode — e muitas vezes faz — emitir uma substância extremamente ténue que ajuda na formação das materializações.

Não entra em transe; mantém os sentidos alerta, e é um valioso observador do que se passa.

Se os médiuns são necessários, o positivo é igualmente essencial; a sua presença é imprescindível para se obterem os melhores resultados.

A substância subtil que dele emana pode, em certas condições, ser visível. Muitas vezes deitei-me num sofá, de frente para um biombo de flanela vermelha escura, com um aquecedor elétrico atrás de mim, e observei uma substância ténue a fluir do meu lado, atravessando o fundo do biombo.

Assemelha-se ao efeito gasoso que se observa sobre uma planície arenosa sob o sol quente.

Sabe-se que dois médiuns dificilmente conseguem obter mensagens ou descrições quando se sentam sozinhos um com o outro. Ambos são negativos. Seria o mesmo que esperar gerar uma corrente elétrica com duas placas de zinco mergulhadas em ácido: a bateria não está completa. A comunicação com o estado seguinte há de, um dia, ser reconhecida como resultado de uma lei natural, sendo apenas uma extensão da telefonia sem fios, tendo como instrumento de propulsão as forças inerentes aos corpos espirituais invisíveis — tanto dos espíritos terrenos como dos desencarnados.

Todos os médiuns estão em risco de perder a sua capacidade durante uma sessão devido à ação mental de participantes hostis. Estão geralmente em estado de hipnose autoinduzida. Se alguém se senta no círculo e constantemente os impregna com o pensamento "Vais enganar-me", esse pensamento torna-se uma força dinâmica ativa, e o médium acaba por sentir intensamente: "Vou enganá-lo."

Se tiver preparado alguma artimanha antes de entrar na sala, muito provavelmente tentará executar o engano nessas circunstâncias. Não é prudente condenar um médium sem primeiro se certificar de que ele tem na sala, ao alcance ou sobre si, objetos que provem claramente a intenção de fraudar antes de entrar em transe hipnótico.

Na materialização, o médium e a forma estão ligados por um cordão espiritual. Esse cordão pode ser visto por bons clarividentes. À medida que a forma se afasta do médium, o cordão torna-se naturalmente mais fino. Sabe-se que alguns médiuns sentem, com frequência, uma compulsão de sair do gabinete e seguir a figura; o que faria sentido, se acreditarmos que isso reduz a tensão do cordão.

Alguns investigadores acreditam que um médium em transe não pode cometer fraude. Isso é um erro. Se a intenção estiver na sua mente antes de entrar no estado hipnótico, poderá ou não levá-la a cabo. O sonambulismo é uma forma de transe ou hipnose. É sabido que, se o sonâmbulo tiver decidido realizar determinada ação antes de adormecer, é provável que a execute durante o sono.

Um parente meu, com faculdades psíquicas, foi sonâmbulo durante vários anos. Uma noite, ao regressar tarde a casa, imaginou que poderia encontrar a porta trancada e que teria de tocar à campainha do médico, que comunicava com o segundo andar. Descobriu, no entanto, que podia entrar como de costume. Apagou as luzes, subiu até ao quarto no último piso e deitou-se. Dez minutos depois, desceu (em pijama) sessenta e oito degraus, abriu a porta interior do vestíbulo, desceu mais cinco degraus, destrancou a porta da rua (exigindo rodar dois puxadores ao mesmo tempo), e saiu para a rua (mais quatro degraus). Depois regressou, tocou à campainha do médico e voltou a entrar.

Nessa altura, a luz do gás já estava acesa num dos patamares e a minha esposa encontrava-se no seguinte. Ele passou por ela, a menos de um palmo de distância, sem a ver nem notar a luz. Subiu com passo firme, entrou no quarto, contornou a cama no escuro sem tropeçar, deitou-se e adormeceu profundamente. Após trancar a casa, fui acordá-lo. Estava completamente alheio ao que acontecera, e insistia que nunca saíra da cama.

Se isto pode ser feito por um sonâmbulo, porque haveremos de presumir que um médium, tendo premeditado algo em estado normal, não possa cometer fraude em transe?

Craddock é um homem de cerca de 45 anos. Tem vários espíritos familiares: Graem, um médico canadiano que teria vivido no final do século XVIII; Red Crow, um indígena norte-americano; Irmã Amy, uma freira canadiana da mesma época que Graem; Alder, um cavalheiro irlandês; Cerise, uma francesa que não fala inglês; Abdullah, um ghazi; e Joseph Grimaldi, alegadamente o famoso palhaço do início do século XIX.

Não tenho dúvidas quanto à realidade espiritual de Graem, Amy, Alder, Cerise e Grimaldi — embora, por razões óbvias, não possa confirmar as suas identidades.
Abdullah e Amy eram os únicos que se materializavam com frequência. Há fortes razões para supor que Craddock, em certas ocasiões, tenha representado Abdullah. Mas, sendo ele um homem robusto, seria impossível fazer-se passar por uma mulher esguia como Amy, com mãos e braços delicados, agindo e falando como ela. Amy manifestava-se em praticamente todas as sessões, quer ocorressem em casa do médium, quer em casas privadas.

Talvez, porém, as provas mais convincentes do dom genuíno de Craddock fossem a aparição simultânea de dois rostos em diferentes pontos do círculo, e as pequenas figuras astrais que surgiam e desapareciam fora do gabinete. Ambos os fenómenos eram raros.

Quanto à autenticidade de Amy, mesmo que não tivesse confirmado de várias formas, o seguinte episódio teria bastado: Um conhecido meu, de pernas compridas e pouco escrupuloso, estendeu uma perna quando Amy aparentemente se encontrava à sua frente, mostrando o rosto iluminado por uma ardósia. A sua perna descreveu um arco por baixo da forma sem encontrar resistência, indicando que a aparição não estava de pé — mas sim a flutuar a cerca de um palmo de distância.

A 18 de Março de 1906, um grupo de dez pessoas — oito das quais eram espiritualistas — reuniu-se, a convite do Sr. Craddock, na sua casa em Pinner, para participar numa sessão. Foi-lhes também solicitado um pagamento de meia guinea pelo privilégio.

Após vinte e cinco minutos da parte da sessão realizada no escuro, o Coronel Mark Mayhew, um dos participantes, que já se convencera anteriormente do carácter fraudulento de uma das sessões de Craddock, agarrou uma figura que lhe mostrava o rosto. A figura tentou recuar para o gabinete, mas o consulente e a entidade caíram juntos no chão — com o consulente por cima.

Acenderam-se as luzes, e Craddock foi encontrado nos braços do Coronel Mayhew, com uma expressão de puro terror. Aparentemente, estava em transe; pois, mal conseguiu voltar à sua cadeira, começou a tagarelar energicamente na voz de Graem, o seu principal guia espiritual.

A esposa correu para a sala, fechou-o no gabinete e colocou-lhe uma venda nos olhos.
A porta foi trancada, as luzes mantiveram-se acesas, e, quando o médium saiu do gabinete — cerca de oito a dez minutos depois — ele e a esposa foram convidados a permitir que tanto os seus corpos como a sala fossem revistados, de forma a ilibar Craddock da acusação de fraude consciente.

Entretanto, o Coronel Mayhew encontrou uma lanterna elétrica de bolso ("ever-ready") numa gaveta de uma mesa dentro do gabinete — uma lanterna que ali não estava antes da sessão.

A situação era, pois, a seguinte: O médium, que supostamente estaria sentado na cadeira dentro do gabinete, fora apanhado a circular cerca de 1,2 metros fora das cortinas, disfarçado como espírito, para enganar um participante. Isto constitui uma prova evidente de fraude contra o círculo, reunido com o objetivo de testemunhar fenómenos autênticos.
Não se podia afirmar, com certeza, que fosse fraude consciente da parte do médium, já que ele poderia ter sido conduzido até ali em estado sonambúlico por entidades de outro plano. Mas que era fraude de algum tipo, era inquestionável, e os participantes tinham todo o direito de exigir uma explicação e prova de que Craddock não tinha preparado antecipadamente uma encenação de fenómenos espiritualistas.

A descoberta da lanterna elétrica — um objecto sem qualquer função numa sessão autêntica — era uma evidência de fraude consciente, reforçada pela alegação da Sra. Craddock de que a lanterna teria sido levada para a casa pelo Coronel Mayhew e colocada na gaveta por ele com o intuito de desacreditar o médium — uma mentira óbvia, que não convenceu ninguém presente.
A este respeito, uma carta publicada no jornal Light de 31 de Março de 1906, assinada por um amigo indiscreto, afirmava que Craddock já lhe tinha mostrado aquela lanterna várias vezes.

Apesar de estar agora completamente consciente e capaz de compreender o verdadeiro impacto das suas palavras e ações, Craddock recusou-se a ser revistado, propondo em alternativa "realizar uma sessão de teste nas instalações da Alliance". Foi-lhe feita essa solicitação por três vezes, e três vezes recusou, mostrando um desejo febril de abandonar a sala. Cinco homens reuniram-se e decidiram que a recusa era prova suficiente de artifício. A porta foi destrancada, e o médium teve autorização para subir as escadas.

Usar a força teria sido impróprio e desnecessário. Para além disso, uma revista a Craddock teria sido incompleta sem que também a sua esposa fosse examinada — visto que ela tivera tempo mais do que suficiente para esconder consigo algum dos seus acessórios.

O consulente que agarra uma entidade incorre numa responsabilidade grave. O contrato tácito entre ele e o médium pode resumir-se assim:
(a) O médium compromete-se a realizar a sessão; pode não acontecer nada, mas qualquer fenómeno que se manifeste será genuíno.
(b) O consulente compromete-se a manter as mãos em contacto com os vizinhos e a respeitar as condições impostas pelo líder do círculo.

Um consulente só está justificado a quebrar essas condições se estiver convencido de que o médium quebrou a sua parte do acordo. Caso contrário, incorre na acusação de conduta desonrosa — especialmente se se provar que o médium não estava consciente da fraude.
Mais ainda: se a apreensão ocorrer tardiamente na sessão, quando o médium está em transe catatónico profundo, com pulso muito fraco, o choque poderá ser fatal.

Neste caso, o consulente teve razão — Craddock recusou-se a oferecer a única prova que o poderia ter ilibado. Se a revista tivesse ocorrido e nada fosse encontrado com o Sr. ou a Sra. Craddock, nem na sala, o Coronel Mayhew teria ficado numa posição extremamente delicada.

Tal como aconteceu, todos os espiritualistas devem sentir-se gratos pela sua actuação rápida e firme.

Até ao momento, Craddock não apresentou qualquer explicação pública, e ninguém presente naquela noite tentou defendê-lo na imprensa. A acusação que pesa sobre ele é esta: tendo sido apanhado fora do gabinete, recusou-se terminantemente a submeter-se ao único teste que poderia afastar a suspeita de ter agido com intenção deliberada de enganar os participantes. Os acontecimentos foram relatados no jornal Light de 24 de Março de 1906.

Surgiu, entretanto, uma teoria por parte de alguns poucos irresponsáveis, segundo a qual, ao ser agarrada uma figura astral, o corpo do médium poderia "voar" até ela e fundir-se, levando o captor a acreditar que sempre tivera nas mãos o próprio médium. Mas para tal não existe qualquer prova. É verdade que uma forma pode escapar ao seu captor e voltar ao seu médium; mas um ser humano a atravessar subitamente as cortinas do gabinete e cair nos braços de alguém sem que este sinta qualquer impacto é um fenómeno que exige mais do que uma simples afirmação para ser acreditado.

A esta altura, a pergunta que se impõe é:
"Se houve intenção de fraude por parte de Craddock, os seus principais controladores espirituais estavam cúmplices?"

É evidente que sim. Independentemente do que possa ser objeto de especulação, não há dúvida de que verdade e mentira são conceitos comuns tanto a este mundo como ao além. Graem, pelo menos, tinha de saber o que se passava — e estava claramente em conluio com o médium. É, por isso, com pesar que chegamos à conclusão de que, para fins espirituais, a mediunidade de Craddock é inútil. Graem, por mais inteligente que seja, é um associado indesejável.

À luz da exposição ocorrida a 18 de Março de 1906, sinto-me justificado em afirmar que algumas das materializações que presenciei em várias ocasiões — em duas salas diferentes — foram, afinal, Craddock disfarçado.

Para ser justo, há um detalhe curioso a mencionar:
Quando Craddock se apresentava perante o seu captor, iluminando o próprio rosto com uma ardósia luminosa, trazia uma espécie de veste cobrindo o colarinho e o colete.
Vi-o no chão, nos braços do Coronel, com boa iluminação e antes da Sra. Craddock o tocar.
O aperto do Coronel impedia-o de mover sequer um dedo — no entanto, a veste tinha desaparecido, e nunca foi encontrada durante a revista à sala. Alguma influência sobrenatural esteve em ação para remover essa veste — mas isso não iliba o médium da acusação de ter entrado na sala com intenção de enganar os presentes.

Ainda assim, este homem é, sem dúvida, uma curiosidade fascinante. O objetivo destas observações não é tentar restaurar-lhe o crédito junto dos espiritualistas, mas sim registar determinados fenómenos que presenciei e que, na minha convicção, foram autênticos. A meu ver, o seu erro é tanto mais grave por ele ser, de facto, um sensitivo autêntico, que prostituiu um dom raro por ganância.

Sob condições de teste rigorosas e com um rendimento moderado mas garantido, é provável que um comité obtenha informações valiosas ao observar os fenómenos ocorridos durante os seus estados de transe. Naturalmente, Craddock teria de ser retido exclusivamente para esse fim, impedido de realizar sessões para qualquer pessoa fora desse comité.

Nas notas seguintes menciono um sensitivo que é membro da minha família, aqui referido como A. Trata-se de um profissional ocupado, que participou em algumas sessões com Craddock — algumas numa casa particular, outras em Pinner. Desde Janeiro de 1906, começou a ficar desconfiado, tendo observado calças de homem por baixo da túnica de "Abdullah" e outros pormenores que, a seu ver, justificavam a suspeita de que nem todos os fenómenos eram genuínos.

A correlação entre as comunicações obtidas na minha sala em Southsea (através de A.), por meio da mesa, e os fenómenos nas sessões, é apresentada como indicativa de conhecimento supranormal, e da consequente realidade da existência dos espíritos familiares — o que, necessariamente, implicaria mediunidade autêntica por parte de Craddock.

Ouvi esses "familiares" em vinte e cinco sessões e nunca detetei uma nota falsa. Cada um tem a sua idiossincrasia de voz e de maneira de se expressar.
Mesmo que se admitisse que as vozes de Graem e Red Crow pudessem ser imitadas, seria impossível reproduzir continuamente as vozes e os modos específicos de falar de Alder, Sister Amy, Joey Grimaldi, e, sobretudo, da jovem francesa Cerise.

Craddock não tem cúmplices, e quaisquer acessórios de que se serve são levados consigo. A esposa nunca se sentou no círculo quando estive presente em Pinner, nem o acompanhou à casa particular mencionada nestas notas. Em Pinner ou nessa casa, qualquer pessoa era livre de fazer os exames que entendesse. Na última, uma pequena lâmpada de gás com abajur vermelho era a única luz permanente; em Pinner, a luz vermelha era mais forte.

16 de Novembro de 1904 – Numa casa particular

Círculo de treze pessoas. Husk era o médium, e Craddock estava entre os convidados.
Sister Amy, um dos guias de Craddock, apareceu atrás dele (uma forma visível para os clarividentes na sala) e falou com os vizinhos dele durante toda a sessão. A voz disse "boa noite" em tom suficientemente alto para eu ouvir, a vários metros de distância, no meio de um hino. Durante a noite, afirmou que não conseguia ouvir o cântico.
Entre Husk e Craddock havia três pessoas; entre Craddock e eu, duas.

(16) Nessa mesma sessão, um rosto apareceu diante de mim — desconhecido. Descrevi-o nas minhas notas como:

"Um rosto firme e bem formado... dá a impressão de um homem militar com experiência de combate."

O mesmo rosto apareceu-me duas vezes depois noutra sala particular, também com Husk como médium; mas nunca consegui identificá-lo.

A 6 de Fevereiro de 1905, A. acompanhou-me a uma sessão na mesma sala (referida acima em 16 de Novembro). O médium era Craddock. Um rosto semelhante ao da minha "charada" apareceu-me — não consegui identificá-lo. Depois, moveu-se rapidamente até A., que exclamou de imediato "D.", o nome de um camarada que morrera na China. O espírito bateu três vezes na ardósia e deu palmadinhas na cabeça de A. D. tinha o rosto magro e um bigode claro; os seus gestos eram típicos de um militar — enérgicos e vivos. Não consigo conceber que Craddock conseguisse personificar tal rosto e figura.

Este espírito apareceu posteriormente em todas as sessões frequentadas por A. ou por mim, e comunicou também através da mesa em Southsea, tendo uma vez indicado uma morada que procurávamos — e que se revelou absolutamente correta.

Joseph Grimaldi (Joey) exclamou:

"Esse é o Capitão D." (o nome dado por A.), "e foi ele quem influenciou o Almirante a trazê-lo, Sr. A."

Pouco depois, outro rosto apresentou-se a A. Ele reconheceu-o.
Joey comentou:

"Penso que esse espírito é para si, Sr. A., mas tinha um nome francês."
(correto)

Curiosamente, A. só conhecera esse homem com o rosto barbeado. No entanto, o espírito apareceu com barba e bigode. A. não o via há um mês antes da sua morte.
Após investigação, soube-se que, durante a sua doença (tifo), o cabelo lhe fora deixado crescer.

Durante essa mesma sessão, fiz um comentário a um dos presentes sobre determinado almirante, mencionando-o pelo seu apelido e não pelo posto. Joey respondeu de imediato:

"Ah! Nós sabemos tudo sobre ele e sobre a *Renown*."

H.M.S. Renown é o nome do navio que, anos antes, içava a bandeira do oficial em questão.

Um cardeal materializou-se com as suas vestes. O rosto era distinto, pois segurava a ardósia iluminada, e lembrava nitidamente as imagens que todos conhecemos do Cardeal Newman.

13 de Março de 1905 – Numa casa particular

Círculo de onze pessoas. A. presente. Joey disse-lhe:

"Nem todos podemos ser violinistas, pois não?"

Uma pequena piada que revelava conhecimento íntimo de um esforço persistente (e infrutífero) de A., quando criança, para aprender violino. OJoey materializou-se. O rosto era cerca de metade do tamanho real e muito escuro.
Quando se aproximou de um dos membros do círculo — um autor de renome —, pôs a língua de fora.

(17) 27 de Março de 1905 – Numa casa particular

Círculo de doze pessoas. Duas mãos pequenas foram colocadas nas minhas por trinta ou quarenta segundos. Estavam com temperatura normal, menos carnosas do que mãos humanas, e com menos de dois terços do tamanho das minhas.

Um rosto apresentou-se a um dos presentes, ao mesmo tempo que se ouvia a voz de um espírito familiar a falar no gabinete, e o som do médium a mover-se.
Fenómenos simultâneos como estes ocorriam em todas as sessões, mas nem sempre estão anotados.

10 de Abril de 1905 – Numa casa particular

Círculo de treze pessoas. Ouviu-se uma voz feminina a cantar o último verso de "Lead, Kindly Light" dentro do gabinete.

(18) 5 de Junho de 1905 – Numa casa particular

Círculo de treze. A. presente. OJoey disse ter-me visto a escrever no meu quarto — a escrever o meu "artigo" (de facto, pouco antes contribuíra com um artigo para uma revista). Perguntou-me se eu "andava a fazer de César no Canal" (uma alusão ao naufrágio do *Afghanistan* pelo H.M.S. *Caesar*, navio-almirante de Sir Arthur W. Moore, no dia anterior). Disse ainda a A. que tinha havido inundações em Southsea nesse mesmo dia. (Correto — nenhum de nós sabia disso.)

Quando regressei a casa, descobri que o cave do meu prédio tinha estado inundado às 14h — poucas horas antes da sessão.

10 de Julho de 1905 – Numa casa particular

Círculo de treze pessoas. Sister Amy dirigiu-me uma observação em particular, revelando conhecimento exato do carácter de um familiar meu. Foi o tipo de comentário que apenas uma mulher — e uma mulher delicada — poderia fazer.

(19) 17 de Julho de 1905 – Numa casa particular

Círculo de catorze pessoas. A. presente. Graem disse:

"Todos sabem muito bem que basta pendurar um fio telegráfico numa árvore para que todas as outras árvores fiquem a saber."

Poucas semanas antes, um patente americano chegara ao Reino Unido. O seu princípio era exatamente esse: Se um aparelho telegráfico for ligado à base de uma árvore viva, qualquer pessoa num raio de 32 km pode comunicar fazendo o mesmo com outra árvore — as próprias

árvores vivas funcionam como antenas.
É impensável que Craddock conhecesse este sistema por meios normais. Provavelmente nem cinquenta pessoas no país tinham ouvido falar disso. Um dos participantes era técnico de telegrafia sem fios e encarregado de analisar patentes — e confirmou-me que esta só recentemente lhe fora enviada.

16 de Outubro de 1905 – Numa casa particular

Círculo de treze pessoas. Um espírito tentou materializar-se a partir do chão, junto aos pés do meu vizinho. Elevou-se cerca de 55–60 cm, mostrou o braço e o manto junto à ardósia iluminada, e depois colapsou.

(20) 29 de Outubro de 1905 – Na residência do Sr. Craddock, em Pinner.
Círculo de cinco pessoas. Eu era o único presente que não reclamava possuir qualquer dom mediúnico.

O espírito de um familiar meu apareceu-me três vezes, sempre acompanhado por uma menina — alegadamente filha da minha vizinha no círculo. Numa dessas visitas, o meu familiar mostrou o rosto à luz da ardósia iluminada; e, numa outra, vi o rosto da criança enquanto se desmaterializava junto ao joelho da mãe — o rosto era menos de metade do tamanho de um rosto adulto.

Joey disse:

"O General D. está aqui, e pede-me que lhe diga que não era realmente egoísta; achava que o melhor era manter as materializações restritas, pois assim as condições seriam melhores."

(Esta frase dizia respeito a uma conversa que eu tivera recentemente, em Southsea, com uma senhora, sobre sessões privadas que ela e o marido realizaram com um tal General D. A senhora dissera:

"O General era egoísta, não permitia ninguém de fora no círculo."
Craddock não podia ter tido conhecimento normal desta conversa.)

(21) 18 de Novembro de 1905 – Na minha biblioteca, em Southsea. Sessão de mesa com A. apenas. O nome "Grimaldi" foi soletrado. Perguntou-se-lhe qual palavra poderia dar-nos como confirmação na próxima vez que nos encontrássemos. Soletrou: "Money" (Dinheiro).
Pareceu apropriado, visto que, numa sessão anterior em Pinner, faláramos com ele sobre a investigação psíquica relativa à morte da Srta. Money.

26 de Novembro de 1905 – Pinner. Círculo de sete pessoas.
Perguntei a Joey pela palavra. Ele respondeu:

"Não me foi oferecido grande contributo."

E quando insisti, disse:

"Não posso dar a palavra, a não ser que esteja nas mesmas condições."

Noutra ocasião, repetiu o mesmo:

"Se lhe der uma palavra em Southsea, através de A. (o sensitivo da sua casa), não posso repeti-la por meio do meu médium aqui."

A 2 de Dezembro, voltou a manifestar-se na minha sala através dos habituais movimentos violentos da mesa. Quando lhe pedi a palavra, bateu com a mesa e soletrou: "Money."

A presença de Grimaldi é inconfundível. Ele faz girar a mesa sobre uma perna, como se tentasse levantá-la. Ao soletrar palavras, bate com uma perna da mesa no chão repetidamente até chegar à letra certa — por exemplo, bateria 13 vezes para chegar à letra M.

Sister Amy também esteve presente nessa noite, tal como o espírito Violet, controlo da médium Sra. Endicott. Dois dias antes, eu escrevera à Sra. Endicott a pedir-lhe que enviasse Violet até mim entre as 21h e as 22h de 2 de Dezembro, e que me escrevesse nessa mesma noite. Naturalmente, não fiz qualquer alusão ao que pretendíamos fazer.
Nessa mesma noite, recebi uma carta da Sra. Endicott dizendo que Violet "descera" e lhe dissera que havia muitos espíritos na sala, e que uma sessão estava a decorrer.
O nome "Violet" foi soletrado na mesa.

Voltando à sessão em Pinner de 26 de Novembro:

O pulso de Craddock foi examinado por um médico antes de entrar em transe — estava normal. No final da sessão, após a absorção das formas mas antes de Graem abandonar o corpo, o médico sussurrou-me:

"Cerca de 40 — limite mínimo da vida."

Durante a sessão, Joey mostrou a sua localização com uma pequena ardósia iluminada, saiu do círculo e flutuou até ao tecto duas vezes (a cerca de 3,3 metros).
Era impossível a um corpo físico atravessar a barreira de cadeiras — ou contorná-la — sem que um ou dois participantes se apercebessem.

8 de Dezembro de 1905 – Em Pinner. Círculo de sete.

Durante a sessão, Joey, com uma luz espiritual, flutuou por cima de nós, a cerca de 1,2 metros de altura.

Perguntei-lhe:

"O que estavas a fazer ontem à noite às nove e meia?"

Ele respondeu:

"Fui até tua casa ver o A."

"Quem estava contigo?"

"O teu irmão e irmã, o Almirante T. e a equipa."

(Ver registo da sessão com A. na minha sala, em 2 de Dezembro.)

Um familiar meu materializou-se duas vezes, e em ambas as ocasiões trouxe consigo a filha da minha vizinha de círculo.

Ouviu-se uma voz feminina maravilhosa a cantar um solo no gabinete.

(22) 4 de Dezembro de 1905 – Numa casa particular.
Círculo de quinze pessoas, metade com capacidades mediúnicas. A. esteve presente.

O médium chegou atrasado — o círculo já estava formado e todos nos nossos lugares.
Sentei-me ao lado de um velho pescador, o Sr. Endicott, que é clarividente.
Viera de Devonshire para ver Craddock pela primeira vez e nunca antes entrara naquela sala.

Assim que se apagaram as luzes, o Sr. Endicott descreveu uma forma em frente de mim e, passados alguns minutos, disse:

"Ela foi agora até aquele senhor perto do gabinete (A.) e está inclinada sobre ele."
(O Sr. Endicott nunca tinha visto A. antes.)
Mais tarde, um familiar materializou-se duas vezes para mim e para A., chamando-nos pelos nomes e mostrando o rosto ao Sr. Endicott.

O Sr. Endicott descreveu Red Crow e outros espíritos.
Disse ainda ver, dentro do círculo, um velhinho de boina e com uma bengala, a deslocar-se.
(Esta descrição coincide com a de Mr. Schafer, antigo proprietário da casa — descrição essa que também fora dada pela Sra. Imison (Enfermeira Graham) uma semana antes, quando Husk era o médium. O Sr. Endicott e a Sra. Imison não se conhecem.)

Os espíritos orientais estiveram especialmente ativos nessa noite.
Vi um, que trazia a sua própria luz, cair para a frente e desmaterializar-se aos pés de uma senhora, a cerca de um metro de mim.

Duas ardósias iluminadas foram vistas no ar, entre 1,2 e 2,4 metros de altura, separadas por cerca de 2 metros. Aparentemente, havia três ou mais espíritos indianos — uma das ardósias, acima de mim, caiu de 2,5 metros e foi apanhada por um espírito que estava à altura da minha cabeça. O Sr. Endicott confirmou que via as formas.

No gabinete, uma voz feminina cantou "Ora pro nobis."

Joey disse a A. que andara "a passear pela Western Parade" no sábado à noite e a fazer truques com a mesa. (Ver notas de 2 de Dezembro.)

14 de Janeiro de 1906 – Pinner. Círculo de oito pessoas.

Duas formas astrais apareceram ao mesmo tempo. Foi anunciado no gabinete um espírito chamado "Grant Duff".
Dois dias depois (16 de Janeiro), o jornal The Times noticiou a morte, no dia 12, do Right Hon. Sir Mountstuart Elphinstone Grant Duff, G.C.S.I.

Pouco tempo antes, através de Sr.ª. Arnold em Southsea, um espírito prometera aparecer-me "sem ardósia".
Nessa noite, o mesmo espírito apresentou-se sem ardósia e identificou-se.

Uma voz feminina cantou um solo dentro do gabinete.

Uma irmã de Amy aproximou-se de mim com um vestido feminino bem definido: mangas brancas, corpete e saia escuros. Convidou-me a tocar na saia com a mão.

(28) 21 de Janeiro de 1906, em Pinner. Círculo de sete pessoas.

Uma forma astral aproximou-se de mim de forma muito lenta e silenciosa. Graças à luz espiritual que trazia consigo, consegui reconhecer o rosto de uma velha familiar, bem como distinguir o manto e a delicada indumentária.

Ela inclinou profundamente a cabeça ao ouvir o nome que lhe dei, como em sinal de assentimento, pronunciou o meu nome e permitiu-me segurar-lhe a mão.
A forma tinha cerca de 1,35 metros de altura, e a mão era do tamanho da de uma criança.
Permanecendo por quase um minuto, desceu lentamente até desaparecer, desmaterializando-se aos meus pés. Era Iola.

Joey, falando comigo desde o gabinete, disse os nomes de certos espíritos que, segundo ele, estavam presentes. Um deles era um colega de profissão, e o outro, um amigo que falecera há cerca de quinze anos, e que eu não via há mais de vinte, desde que nos separámos nas distantes Ilhas Fiji (Joey, equivocadamente, disse "Ilhas Canárias").
Ambos os nomes eram bastante invulgares.

Após o fim da sessão, Graem chamou um dos presentes para fazer passes junto ao médium, e pediu-me que colocasse as mãos sobre os ombros desse homem.
A cortina foi puxada à volta de nós. Graem deu instruções através da boca de Craddock. Ouvi claramente Joey, Cerise e Sister Amy falarem nesse momento dentro do gabinete.
Passados dois ou três minutos, quando Graem cessou de falar, Craddock estremeceu bruscamente e regressou lentamente à consciência.

Em menos de vinte minutos conseguiu sair da sala. Permaneci na casa por mais um quarto de hora para completar as minhas notas. Ao despedir-me de Craddock, encontrei-o bastante desorientado e, aparentemente, surpreendido por me ver ainda na casa, muito depois de os outros participantes terem saído. Quando lhe apertei a mão, o gesto pareceu causar-lhe dor.

(24) 11 de Fevereiro de 1906. Círculo de dez pessoas. Seis dos presentes eram dotados de mediunidade, e todos eram espiritualistas.

Uma forma astral aproximou-se silenciosamente de mim, trazendo a sua própria luz, pela qual reconheci o rosto de Iola. Tinha cerca de 1,35 metros de altura; o rosto era pequeno, pálido e etéreo.
Esta bela forma desmaterializou-se aos meus pés; a luz persistiu até cerca de 40 cm do chão.
Uma criança pequena tocou todos os membros do círculo por duas vezes.

18 de Fevereiro de 1906. Círculo de doze.
Uma figura envolta em mantos veio até mim, sem luz, em duas ocasiões, emergindo e voltando através da abertura das cortinas num canto do gabinete, junto ao qual eu estava sentado. Chamou-me pelo nome. Toquei-lhe nas mãos, que tremiam violentamente.

O Joey Grimaldi disse-me:

"Ouvi-te a conversar com o A. outro dia sobre o médium ter sido trazido cá fora como Abdullah. Não é o médium em si, é o seu corpo astral que usamos para modelar a forma dos espíritos. Ele estava errado nesse ponto."

(Esta conversa de facto tivera lugar na minha sala, em Southsea — A. e outro participante tinham notado calças por baixo da túnica de Abdullah.)

O Joey disse ainda:

"Está aqui o Sr. B., que pensa que podes dar um recado à esposa dele. Gostava que ela soubesse que ele ainda está vivo e vela por ela."

(O Sr. B. fora um ministro evangélico em Southsea. Eu ouvira falar dele, mas nunca o conheci pessoalmente, e desconhecia que tivesse deixado viúva. Dias depois, soube que a viúva vivia em estrito recato em Southsea.)

(25) Duas figuras materializadas, após me mostrarem os rostos, tombaram lateralmente no chão sem emitir som, sendo os rostos visíveis até estarem a cerca de 30 cm do tapete.

Fiz passes dentro do gabinete para ajudar o médium a despertar. Graem falou comigo durante algum tempo, ainda antes de deixar o corpo do médium. Sister Amy e Joey despediram-se de mim de diferentes pontos do interior do gabinete.

(26) 25 de Fevereiro de 1906. Em Pinner. Círculo de seis. Todos os participantes, excepto um, eram dotados de mediunidade. Sister Amy disse-me que estivera na minha sala, em Southsea, enquanto eu organizava papéis numa secretária. (Tinha-me sido oferecida uma secretária americana pouco tempo antes, e eu dedicara quase meio dia a arrumar papéis nela.) Disse ainda que "o Doutor" (Graem) também estivera presente quando A. e eu discutíamos as astralizações. O Doutor achava que nos tínhamos enganado num ponto.
(Essas conversas eram frequentes entre mim e A.)

Nessa noite, ocorreram não menos que quarenta materializações. Como muitas surgiram em sequência rápida e algumas apareceram ao mesmo tempo — em determinado momento, dois rostos eram visíveis em simultâneo a dois participantes — é impossível que todas tenham sido personificações de Craddock. Não tenho dúvidas de que a maioria eram formas espirituais genuínas.

(27) 8 de Março de 1906. Numa casa particular. Círculo de catorze pessoas. Sentei-me junto à cortina do gabinete, num dos cantos. A cortina, nessa casa, era feita de uma única peça de tecido, com uma abertura apenas no centro da frente, por onde os espíritos entravam e saíam.

Após alguma demora — atribuída à necessidade de acumulação de energia — as formas materializadas (ou assim aparentavam ser) saíram aparentemente em grupo. Dois rostos mostraram-se em simultâneo a dois participantes, separados por cerca de 2,5 metros, e havia indícios de outras presenças ao centro do semicírculo. As aparições sucederam-se com grande rapidez — seis ou sete rostos — e durante essas manifestações, ouvi claramente o médium a friccionar-se dentro do gabinete.

O espírito francês, Cerise, falou comigo junto ao canto da cortina. Pedi-lhe que me tocasse na mão. Ela respondeu que eu era "demasiado masculino", mas agarrou-me a mão com a cortina entre nós. Pedi-lhe então que tocasse na senhora ao meu lado esquerdo, e, com a minha mão esquerda, guiei a mão direita dessa senhora até ao canto da cortina. O braço dela foi tocado, e a sua mão nua foi acariciada por uma mão também nua — a de Cerise.

Considero este episódio como uma manifestação de passagem de matéria através de matéria, pois não havia qualquer abertura na cortina por onde Cerise pudesse ter passado a mão. No seu livro de memórias, o Dr. Alfred Russel Wallace relata casos semelhantes observados por si nos Estados Unidos.

17 de Março de 1906. Na minha biblioteca em Southsea.
Sessão de mesa com A. apenas. Iola manifestou-se e transmitiu uma mensagem que sugeria dúvida quanto à sua presença numa sessão a realizar-se na quinta-feira seguinte, dia 22, numa casa particular em Londres.

Joey fez-se notar movimentando a mesa com a sua habitual violência. Pouco depois, A. sentiu uma espécie de descarga elétrica pelo braço direito, e disse que se sentia impelido a escrever automaticamente. Era a primeira vez que sentia tal impulso. A escrita foi ilegível — as três primeiras palavras pareciam ser "Will you inquire?" (Poderá perguntar?), mas não estavam claras; o resto era rabiscos. Na altura, atribuíamos o impulso à influência de Iola, que tinha aparecido mais cedo — não o associamos ao Joey.

Domingo, 18 de Março, foi o dia da exposição de Craddock. Cerca de vinte minutos antes de o médium ser agarrado, perguntei a Joey:

"O que estavas a fazer ontem à noite entre as 9h30 e as 10h?"

Ele respondeu:
"Estava no teu quarto a tentar fazer o A. escrever."

(Em circunstância alguma Craddock poderia ter tido conhecimento, pelos meios normais, da tentativa de A. de escrita automática na noite anterior.)

A exposição pôs fim à sessão programada para a casa particular, que estava agendada para a quinta-feira seguinte. Assim, a dúvida expressa por Iola (numa sessão anterior) ficou explicada.

Os registos que aqui apresentei não representam sequer um quarto das anotações feitas por mim na altura, as quais me convenceram de que Craddock possui, de facto, o dom da mediunidade.
Qualquer homem ou mulher que tenha assistido a dez sessões com este médium poderia fornecer provas semelhantes — desde que tenha feito apontamentos até 24 horas após a sessão; se deixadas para depois, essas anotações já não têm utilidade.

Aqueles que afirmam que Craddock é apenas um embusteiro vulgar estão tão errados quanto as mulheres iludidas que lhe escreveram mensagens de simpatia e confiança.
Seis clarividentes de inquestionável capacidade — cinco dos quais profissionais que não o conheciam anteriormente — sentaram-se ao meu lado em sessões com ele.
Todos me garantiram que as manifestações que testemunharam eram autênticas, e três deles descreveram-me formas que depois se revelaram a mim por meios não-mediúnicos.

Desde a exposição, nunca mais me sentei com Craddock. Ele é, sem dúvida, um médium sensitivo, mas o seu guia, Graem, não é digno de confiança, e nunca se sabe quando poderá voltar a ceder à tentação de "complementar" a sessão com panos ou objetos que traz consigo e que não deveriam estar presentes.
Foi condenado não por ter sido apanhado fora do gabinete, mas por se ter recusado a aceitar um teste de honestidade que os participantes tinham pleno direito de exigir.

Ficámos todos satisfeitos por ele ter escapado à prisão no subsequente julgamento por fraude. A multa imposta pelos magistrados em Edgware deixou-o financeiramente debilitado durante algum tempo — e espero que lhe tenha ensinado a valiosa lição de que "a honestidade é o melhor caminho."

Passo agora a descrever brevemente algumas manifestações que testemunhei com o médium Husk nos anos de 1905-1906. Todas as sessões que relato ocorreram em salas privadas nossas em St. John's Wood e na George Street, Portman Square. Muitos dos fenómenos repetiam-se de sessão para sessão, por isso apenas relatarei os mais marcantes.

7 de Fevereiro de 1905 — Círculo de onze pessoas.

Durante as materializações, o espírito Foli cantou *"Rock'd in the Cradle of the Deep"* com uma força e clareza impressionantes. A sala encheu-se do seu som profundo. Ainda teve fôlego para entoar algumas palavras de *"Off to Philadelphia in the Morning"* antes de se retirar.

O zither (instrumento conhecido como "os sinos das fadas"), manipulado pelo espírito "Ebenezer", percorreu o círculo por cima das cabeças dos participantes, elevando-se até cerca de três metros de altura, sempre tocando uma melodia definida.
Depois atravessou o chão, tocando por baixo, e retornou à sala — como já acontecera noutras sessões.

O Capitão D. (referido nas sessões com Craddock) apareceu-me.
Perguntei-lhe:

"Fico muito contente por o ver. Foi o senhor quem se materializou para mim na noite anterior? Nunca nos conhecemos em vida, por isso não o reconheci."

A cabeça acenou e a ardósia caiu. Depois, senti a minha mão ser acariciada três vezes e uma voz sussurrou na escuridão:

"Tem razão, Almirante. Vim até si como elo de ligação entre mim e o A. Envie-lhe as minhas saudações."

John King fez questão de demonstrar a sua desmaterialização, mergulhando lentamente a cabeça dentro da mesa até desaparecer.

Os espíritos "Uncle" e "Joey" continuaram a falar até o médium Husk recuperar por completo. Um dos presentes perguntou a Uncle:

"Está a usar a garganta do médium para falar?"

A resposta foi um berro mesmo ao seu lado:

"Achas que isto é a garganta do médium? Então ele deve ter um pescoço bem comprido!"
(O questionador estava a cerca de 1,20 metros de distância de Husk.)

Durante os cânticos, ouviam-se vozes espirituais a cantar com grande intensidade desde o alto da sala.

18 de Fevereiro de 1905 — Uncle foi ouvido a falar mesmo depois de Husk ter saído do transe.

14 de Fevereiro de 1905 — Um participante falou em russo com os "padres gregos" e recebeu respostas claras e adequadas. A sala chegou a abanar sob os nossos pés.

21 de Fevereiro de 1905 — A sala voltou a tremer ligeiramente.

6 de Março de 1905 — Círculo de treze pessoas.

A. reconheceu dois amigos durante as materializações.
Um deles tinha, em vida, um nariz característico judaico, que serviu para a sua identificação.

14 de Março de 1905 — Círculo de treze pessoas.

Durante uma conversa com uma senhora sobre a superfície irregular da mesa, o espírito Uncle aproximou-se de mim e disse:

"Almirante, isto precisava era de uma boa esfregadela com pedra-pomes, não era?"
(A expressão inglesa usada foi "holystoning" — prática naval antiga de limpar os conveses com pedra-pomes.)

Este comentário denotava um conhecimento surpreendente de pormenores náuticos pouco comuns. Nenhuma outra pessoa na sala percebera a referência. Durante as materializações, apareceu-me uma esfera de cor terra-cota, sem traços faciais.
Como parecia ser uma cabeça, perguntei:

"És tu, Iola?"
A esfera fez um gesto afirmativo.

"Então, por favor, vem falar comigo."

A esfera desapareceu.

Um minuto depois, uma face feminina, com o rosto parcialmente coberto, surgiu diante de mim. Fiz a mesma pergunta e a cabeça voltou a acenar. Mais tarde, nessa mesma sessão, o espírito veio até mim e manifestou-se de forma inequívoca. A clarividente profissional, Sr.ª. Fairclough Smith, também estava presente e disse-me que uma senhora (descrição correta) esteve a pairar atrás de mim toda a noite.

20 de Março de 1905 — Círculo de catorze pessoas.

Dois dos participantes eram um bondoso judeu alemão idoso e a sua sobrinha. Uma voz surgiu da escuridão, falando-lhes em hebraico. Ocorreram quatro ou cinco materializações, todas eventualmente reconhecidas, e um hino favorito foi tocado no zither.

Nessa noite também se manifestou um espírito indiano, que falou de forma rápida e fluente em hindustani. Iola apareceu para mim fora do círculo, segurando a ardósia com a ajuda de "Uncle". Eu estava sentado entre a Sra. Husk e a Sra. Fairclough Smith. Esta última deu uma descrição correta da minha guia — embora o seu nome nunca tenha sido mencionado.

28 de Março de 1905 — Círculo de doze pessoas.

John King apertou-me o ombro esquerdo e disse-me que andara a "pesquisar registos antigos" e descobriu que sucedera a Lynch como Governador da Jamaica.
Aparentemente, existia também um tal Richard Morgan, que fora governador antes dele, e os nomes eram por vezes confundidos. Acreditava que ele (Sir Henry) tinha sido governador três vezes, não consecutivamente, mas que ia investigar mais a fundo.
(Nota: não consegui confirmar se isto é correto. — W.U.M.)

A Sra. Husk disse-me que a senhora espiritual que já tinha estado presente em sessões anteriores estava novamente a pairar atrás de mim. Pedi-lhe para descobrir o seu nome. Cerca de dez minutos depois, deu-me o nome terrestre de Iola — não o nome pelo qual eu a chamava, mas sim aquele pelo qual era tratada apenas por um ou dois membros da família.
"Uncle" aproximou-se e disse-me que a Sra. Husk tinha obtido o nome por via clairaudiente.
Depois da partida de John King, a figura foi-se desvanecendo gradualmente.

Uma senhora à minha direita foi cumprimentada pelo nome por John King. Perguntei-lhe quando tinha sido a última vez que o vira, e respondeu:

"Há dois anos."
A memória deste espírito guia é verdadeiramente notável — como eu próprio já comprovara várias vezes.

Joey falou depois de Husk ter saído do transe. Quando Husk estava a ser ajudado a descer as escadas, Uncle foi ouvido a dizer:

"Deviam ter aqui um sentinela."

(Isto referia-se a um ruído de alguém a mexer na porta durante a sessão.)

3 de Abril de 1905 — Círculo de quinze pessoas.

Três dos presentes eram céticos irredutíveis, e foi de certa forma surpreendente que a sessão tivesse sido tão bem-sucedida. A única manifestação de falta de harmonia foi uma mudança na ordem habitual da apresentação dos fenómenos. Três materializações ocorreram logo após a manifestação de Uncle, e só depois disso se ouviram a voz do Cardeal e os sons do zither.

O fenómeno que Uncle chama de "prova marcante" esteve particularmente presente nessa noite:

O espírito segura o tubo, toca ligeiramente na cabeça de um participante e, quase de imediato, toca no teto da sala. Depois, o tubo é deixado cair em cima da mesa, sem tocar nas mãos dos participantes, nem nas ardósias ou no zither — e ressalta levemente. Dois dos céticos receberam esta "prova", e o tubo foi colocado sobre os seus braços durante os solos cantados, para demonstrar que não estava a ser usado como auxílio pelo médium. Ocorreram cerca de vinte materializações, muitas das quais foram reconhecidas.

4 de Abril de 1905 — Círculo de quinze pessoas.

Logo no início da sessão, depois da manifestação de Uncle, a minha guia tocou-me no ombro e disse-me o seu nome terrestre. Não a esperava naquele momento, e a manifestação tão cedo surpreendeu-me bastante. Uma senhora da sociedade, que se enganara na hora da reunião, chegou com a filha à porta. Ao perceberem que a sessão já tinha começado, ficaram do lado de fora — mas conseguiram ouvir perfeitamente o canto. Isto serviu como uma boa prova contra a teoria da "alucinação coletiva" — hipótese que eu nunca aceitei.

17 de Abril de 1905 — Círculo de catorze pessoas.

Husk compareceu apesar de estar constipado. O canto manteve-se bom, mas as materializações foram menos numerosas.

1 de Maio de 1905 — Círculo de treze pessoas. Um espírito escocês surgiu e cantou, com grande energia, o hino "Scots wha hae wi' Wallace bled".

2 de Maio de 1905 — A Sessão de Teste

Com o consentimento de Husk, realizámos uma sessão experimental na nossa sala da George Street. Sentei-me entre Husk e a sua esposa. O meu dedo mindinho esquerdo estava entrelaçado com o dedo direito de Husk; e a Sra. Alleyne — uma senhora absolutamente fiável — sentou-se à esquerda dele, ligando o seu dedo mindinho direito ao esquerdo do médium.

Durante dez anos, Husk estava habituado a ter alguém com poderes psíquicos à sua direita — neste caso, eu, que não possuo qualquer faculdade mediúnica. Consequentemente, esperava-se uma redução dos fenómenos.

A sessão decorreu no escuro, como era habitual. Durante cerca de meia hora, nada aconteceu, exceto um toque que senti no ombro esquerdo.

Depois de um dos presentes manifestar dúvida sobre a presença de espíritos, dez cadeiras encostadas à parede foram atiradas ao chão atrás de mim. Pouco depois, "Uncle" deu sinal da sua presença, seguido por Christopher. John King manifestou-se apenas por voz, cerca de uma hora e um quarto após o início. Cumprimentou os conhecidos e conversou com Uncle, junto ao médium.

Uncle comentou:

"O médium está numa má posição."

(Aparentemente, Husk tinha caído com a cabeça virada para a Sra. Alleyne.)

John King respondeu:

"Está, sim," e logo depois retirou-se, dizendo que não achava que conseguissem fazer muito naquela noite. Foli ainda conseguiu cantar um verso de *"Rock'd in the Cradle of the Deep"*. Antes disso, duas vozes espirituais tinham -se juntado a nós nos cânticos.

Deve ter passado mais de uma hora e meia desde que nos sentámos quando o Tio se aproximou de mim e disse: "Almirante, não esteja tão colado ao médium" (eu tinha mantido os nossos antebraços juntos). Afastei um pouco o cotovelo. Passou um ou dois minutos e ouvi uma cadeira pesada ser colocada com força sobre a mesa, atingindo algum objeto à minha frente (a cadeira era pesada; o objeto, como vim a descobrir mais tarde, era uma das ardósias; a cadeira estava de costas para mim).

O Tio disse então, por trás das costas de Husk, à Sra. Alleyne e a mim: "Por favor, levantem-se quando levantarmos o médium." Houve um "um, dois, três" e Husk foi retirado da sua cadeira junto à mesa e colocado noutra cadeira em cima da mesa. Devem tê-lo passado por cima do encosto, porque a Sra. Alleyne teve de ficar em bicos de pés e eu tive de esticar o meu braço esquerdo o mais alto que consegui. Foi um trabalho muito bem feito. Não senti nada tocar no meu corpo ou braço; mas por duas ou três vezes ouvi o Tio exclamar para Christopher: "Para cima com ele", tal como um mortal faria ao levantar um peso.

As luzes foram acesas e lá estava o médium, sentado tristemente no topo da mesa, de costas para mim, a sair do transe. Olhei imediatamente para a cadeira que ele tinha deixado. A parte da frente do assento estava alinhada com a borda da mesa!

Durante esta sessão não houve materializações, nem apareceu o Cardeal, nem se ouviu a cítara (os "sinos das fadas"). Junto transcrição das palavras da Sra. Alleyne:

Sessão de Teste, Sociedade Psicológica, 2 de Maio de 1905.

O meu testemunho terá necessariamente de ser semelhante ao do Almirante Usborne Moore, pois estávamos muito próximos um do outro (com o médium, Sr. Husk, entre nós), de forma que ouvi tudo o que o "Tio" disse ao Almirante, bem como a conferência entre "John King" e o "Tio". Tive consciência de que o Sr. Husk (no seu estado inconsciente) estava numa posição muito desconfortável, pois o meu dedo mindinho direito, que segurava o seu dedo mindinho esquerdo, estava torcido para a frente e bastante dolorido, devido ao aperto firme que ele mantinha mesmo em transe.

No final desta sessão, o meu dedo mindinho estava bastante inchado e inflamado devido ao esforço a que foi sujeito. Durante cerca de meia hora não aconteceu nenhum fenómeno; no entanto, senti o meu braço ser pressionado várias vezes e o meu marido conseguiu falar comigo três ou quatro vezes, uma das quais me chamou por um nome carinhoso que ninguém mais na sala conhecia.

O "Tio" aproximou-se então de mim e pediu-me para me levantar da cadeira quando os espíritos fossem levantar o médium. Assim fiz e, sendo uma mulher alta, tive mesmo de ficar em bicos de pés, ainda segurando a mão do médium. As luzes foram então acesas e vimos o Sr. Husk, sentado numa cadeira sobre a mesa onde todos nos encontrávamos, a sair do transe, com um ar muito atordoado e confuso, claramente surpreendido por se ver naquela posição tão invulgar. Não houve materializações, pois muito da energia foi gasta na levitação do médium. Alguns espíritos juntaram-se a nós no cântico de um hino, e Foli cantou a segunda estrofe de "Rock'd in the Cradle of the Deep".

Assim terminou uma prova absolutamente convincente do poder deste grande médium, auxiliado pelo seu grupo de bons amigos espirituais — uma das muitas e grandes provas que me foram concedidas.

(Assinado) E. A. K. Alleyne.

Esta foi a última vez que vi a Sra. Husk. Ela faleceu três semanas depois, enquanto eu estava no estrangeiro.

A 29 de Maio de 1905, numa sessão com onze pessoas, uma clarividente sentada ao meu lado, que eu nunca tinha visto antes, corroborou o que outras clarividentes já tinham dito a respeito de uma figura que se encontrava junto a mim, que era sem dúvida "Iola". Ela materializou-se duas vezes nessa noite. Na segunda vez, a sua cabeça desceu lentamente a partir de cerca de sessenta centímetros acima da mesa; quando o pescoço ficou ao nível da mesa, a ardósia caiu sobre ela.

Husk estava acompanhado por um velho amigo, que se sentou ao seu lado. As manifestações foram semelhantes às habituais em qualidade, embora não tão numerosas.

A 20 de Junho, numa sessão com catorze pessoas, durante as materializações foram entoados dois novos solos por espíritos masculinos, que se recusaram a dizer os seus nomes — "For Ever and for Ever" (de Tosti) e "The Children's Home" (de Cowen).

Quando Ebenezer levou a cítara através do chão, ouvimos claramente a música lá em baixo. Quando ela irrompeu de novo pelo chão, vi uma luz — ou talvez fosse a mancha fosforescente sob o instrumento — ao tocar nas cadeiras vazias ao lado da sala. Nessa noite, ouvi, em momentos distintos, oito vozes masculinas diferentes, de baixo a tenor, e vi vagamente a figura do Cardeal ao passar perto de mim para dar uma bênção individual.

A 26 de Junho de 1905, participei numa sessão com o médium Williams num apartamento de um amigo em Eaton Mansions.

A 27 de Junho, numa sessão com treze pessoas, no nosso salão privado, com o médium Husk, o Tio aproximou-se de mim e disse: "Vi-te ontem à noite sentado entre o Major e a Sra. B." (correto). Williams e Husk são ambos controlados por John King e o seu assistente "Tio". Em tempos, estes dois médiuns trabalharam em conjunto.

A 24 de Julho, sessão com doze pessoas. Sentei-me agora a cerca de sessenta centímetros da mão esquerda do médium, onde poderia ter uma visão mais privada de qualquer rosto que se materializasse para mim. A cítara, nessa noite, alterou os seus movimentos à volta do círculo a meu pedido, passando de pessoa para pessoa conforme eu desejava. Quando Iola apareceu, estendeu-se e tocou-me com a ardósia.

Uma senhora norueguesa foi abordada pela sua mãe, que lhe falou na sua língua materna.

Alguns dias antes desta noite, a sala tinha sido emprestada a alguns parses, que realizaram uma sessão com Husk como médium, sendo o único estranho presente o Sr. Gambier Bolton. Percebi que a única língua falada pelos espíritos era a dos participantes. O Tio referiu-se a esse círculo e disse que, durante todo o tempo, havia uma discussão animada entre os espíritos que rodeavam a sessão acerca da conveniência de se abolirem as Torres do Silêncio em Bombaim, onde os mortos são colocados sobre grades para serem comidos por abutres. Muitos dos visitantes invisíveis defendiam a adoção dos métodos hindus de cremação.

(31) 17 de Outubro de 1905, círculo com quinze pessoas. Cerca de quinze minutos depois de começarem as materializações, vi uma luz sobre a cabeça de Husk. Esta visão foi corroborada por uma clarividente no círculo, que viu essa luz desprender-se do médium em forma de figura e mover-se até à posição acima de mim, onde permaneceu muito brilhante. Outra senhora, que era uma estranha, também viu essa luz. Ficou junto de mim durante quase uma hora.

23 de Outubro de 1905, círculo com catorze pessoas.

No dia 21 de Outubro, na minha biblioteca em Southsea, o meu familiar A. estava a usar um tabuleiro ouija, quando a palavra "Bailer" foi soletrada. Na sessão de 28 de Outubro, o Tio disse que tinha ido ao meu quarto no sábado anterior (dia 21) e tentado impressionar A.

Quando lhe perguntaram o que dissera, respondeu: "Oh! Não me lembro bem. Provavelmente disse 'Sou o teu tio' ou 'Tio'; ou talvez tenha dito o meu nome, 'Buller'." O Tio fala sempre como se tivesse uma pedra na boca. Na verdade, disse "Buller", mas o seu nome correto em vida era Muller.

Note-se a forma curiosa como o nome surgiu no meu quarto. O sensitivo A. estava a brincar com o ponteiro do ouija, mas é evidente que o nome lhe surgiu primeiro de forma clara, como se o tivesse ouvido. A mão apenas moveu o ponteiro sob comando do cérebro.

Estava sentado à esquerda de Husk, a cerca de sessenta centímetros. O lado esquerdo da minha cabeça foi tocado várias vezes. Mesmo que Husk tivesse a mão direita livre, seria impossível alcançar essa distância sem chamar a atenção da senhora sentada entre nós.

(32) 7 de Novembro de 1905, círculo com catorze pessoas.

A clarividente, Sra. Endicott, de Brixham, em Devonshire, estava sentada à minha esquerda. Pouco depois da chegada de John King, ela viu uma figura branca ao meu ombro esquerdo e recebeu as seguintes mensagens: (a) "Lamento que a minha irmã tenha estado doente. Ela já está melhor." (b) "Vou fazer uma visita com a minha irmã." A figura vista era Iola. A sua irmã tinha, de facto, estado doente e estava melhor. No dia seguinte à sessão (8 de Novembro), essa irmã foi visitar outra irmã que tinha perdido recentemente o marido. É quase desnecessário dizer que a Sra. Endicott não tinha qualquer conhecimento prévio sobre Iola ou as suas irmãs em vida.

14 de Novembro de 1905, círculo com catorze pessoas.

Vários espíritos deram-se a conhecer aos presentes cantando melodias familiares ou tocando canções conhecidas na cítara. Uma pequena mão surgiu do lado esquerdo da minha cabeça e tocou-me várias vezes.

27 de Novembro de 1905, círculo com quinze pessoas.

Sentei-me ao lado da Sra. Imison (Enfermeira Graham), uma clarividente bem conhecida. Ela descreveu uma senhora muito próxima de mim, à minha direita. Como nunca tinha assistido antes a uma sessão de materialização e era uma completa estranha para todos nós, considero as suas observações como uma boa evidência. Em relação ao espírito que se encontrava junto de mim, ela corroborou as declarações de todas as outras clarividentes com quem já tinha estado em sessões com Husk. Disse ainda que viu o Tio, o Cardeal, Ebenezer a tocar cítara, o coro angélico e os cantores dos solos; descreveu a faixa de luz que ligava o Tio ao plexo solar do médium e, mais tarde, como essa faixa de luz também ligava cada materialização a Husk.

O poder espiritual era muito forte; durante quase toda a noite senti correntes de ar a passarem sobre os meus nós dos dedos.

28 de Novembro de 1905, círculo com doze pessoas.

Pouco antes de John King surgir, senti o meu ombro esquerdo ser apertado. Perguntei: "Quem é?" A resposta foi o nome de um homem que, em vida, negara o retorno dos espíritos, e que, cerca de seis meses antes, tinha estado comigo numa das sessões de Husk. Ele continuou:

"Sim! Rendo-me." Curiosamente, era a primeira noite desde a sua morte em que três dos seus amigos estavam juntos numa sessão.

"Tom Cole," um mineiro de Lancashire, apresentou-se e cantou uma canção no dialeto local.

30 de Janeiro de 1906, círculo com catorze pessoas.

Um cavalheiro presente, que raramente comparecia, pediu a Foli, após este ter cantado "Rock'd in the Cradle of the Deep," para interpretar "A Flauta Mágica." O Tio aproximou-se e perguntou: "Ele quer saber qual ária deseja?" "A segunda", respondeu o senhor. Foli cantou então corretamente a segunda ária de "A Flauta Mágica", sem acompanhamento.

A cítara, enquanto era tocada, alterou o seu trajecto a pedido, passando de pessoa para pessoa várias vezes e voltou a atravessar o chão, como habitualmente.

12 de Fevereiro de 1906, círculo com quinze pessoas.

Depois de Foli ter cantado "Rock'd in the Cradle of the Deep", o mesmo cavalheiro pediu-lhe que cantasse "The Diver," o que ele fez de imediato, corretamente e sem qualquer acompanhamento.

20 de Fevereiro de 1906, círculo com dez pessoas.

Vi a cítara voltar a subir através do chão, com um clarão de luz ou uma mancha iluminada.

(33) 26 de Fevereiro de 1906, círculo com doze pessoas.

Duas mulheres materializaram-se sem qualquer faixa à volta da boca. Uma delas era uma parente próxima minha que tinha falecido três meses antes. A semelhança era impressionante.

Um espírito foi visto por duas clarividentes atrás de mim. Uma delas disse-me que era Iola.

Os incidentes que registei nas páginas anteriores são aqueles que me pareceram especialmente dignos de menção do meu ponto de vista, numa única sessão com círculos numerosos. Sem dúvida, os outros participantes observaram fenómenos que, do seu ponto de vista, mereciam igualmente ser reconhecidos. A julgar pela insistência com que muitos dos membros das nossas sociedades regressavam repetidamente às sessões, é de presumir que tenham reconhecido os seus entes queridos nas materializações e acreditado na veracidade das restantes manifestações.

Cansaria os leitores descrever os fenómenos que habitualmente ocorriam; geralmente surgiam na mesma ordem e de forma igualmente convincente: (a) as saudações e bênçãos do Cardeal Newman; (b) cânticos do círculo acompanhados por vozes espirituais; (c) música na cítara (os chamados sinos das fadas); (d) deslocações da cítara, sempre tocando uma melodia definida, até pontos da sala fora do alcance do médium; (e) chegada de John King; (f) materializações; (g) solos cantados; (h) mais deslocações da cítara, que tocava continuamente; (i) o seu voo através de paredes, chão ou portas, e o seu regresso; (k) por vezes, cânticos de sacerdotes gregos; (l) um hino final com vozes espirituais a acompanhar.

Seja qual for a teoria corrente sobre o canto aéreo e as materializações — e são muitas — não tenho conhecimento de que alguém tenha ousado tentar explicar os movimentos e o controlo da cítara, ou a coluna de luz vista por diferentes clarividentes a pairar ou a flutuar por detrás de certos participantes. A cítara desloca-se rapidamente e muda de rumo ao pedido dos assistentes, sem nunca deixar de ser tocada por dedos nas suas cordas. Mesmo que o médium tivesse a mão direita livre, não poderia controlar os movimentos do instrumento e tocá-lo ao mesmo tempo; nem poderia controlar as formas brancas materializadas.

A "prova marcante" constitui um teste inexplicável por qualquer teoria de fraude por parte do médium. Apesar de alguns sussurros vindos através do tubo serem "ásperos" como a voz de Husk, as vozes dos controladores — John King, Tio, Joey, Christopher (que tem um ligeiro ceceio) e Ebenezer — não se assemelham minimamente à do médium. O Tio fala durante toda a noite e responde prontamente a todo o tipo de perguntas. Nunca há uma palavra fora de tom ou imprópria, e John King recorda-se de todos os participantes que alguma vez estiveram com o seu médium.

CAPÍTULO IV

FENÓMENOS MENTAIS EM INGLATERRA

Manifestações adicionais — Inclinação de mesas — Desvantagens do uso de objetos materiais — Escrita automática, tabuleiro ouija, planchette e inclinação de mesas são apenas meios físicos para expressar um mesmo fenómeno espiritualista — O Almirante T. fornece informações em Southsea sobre uma catástrofe iminente na China — A sua previsão coincide com a do diretor do Observatório de Hong Kong — Sessão com inclinação de mesa com os Endicott — Teoria da leitura da mente é considerada — Teste fotográfico — Sra. Endicott tem grande sucesso — A forma astral do Sr. Henry Crookes — Novo êxito com o teste fotográfico — O Capitão Alleyne, já no mundo espiritual, identifica a fotografia de Iola — Testes do Sr. Peters — Sra. Arnold — Srta. MacCreadie — Sucesso geral com o teste fotográfico — Premonição da morte de um parente através da Sra. Davies — "Clairibelle" — Uma fotografia tipo "carte-de-visite" do espírito presente cai ao chão — Escrita com planchette da Sra. Arnold — Falácia da teoria de leitura mental — Srta. Earle prevê a morte da minha mãe, que ocorre poucas horas depois — Sr. Von Bourg — Um parente meu, sob controlo de Iola, é levado a retirar papéis de uma gaveta — As minhas próprias tentativas de fotografia espiritual — Sr. Richard Boursnell — Por vezes cometeu fraude, mas tinha poderes genuínos — Fotografia de um cavalheiro na sua biblioteca, enquanto decorria o seu funeral — Precipitações sobre fotografias antigas — Nova visita minha aos Estados Unidos.

Quando procuramos estabelecer comunicação com o mundo invisível sem recorrer a médiuns profissionais, é comum utilizar um intermediário como uma pequena mesa de três pernas, um tabuleiro ouija ou uma planchette. Estes métodos são rudimentares e lentos, especialmente o primeiro, e todos partilham a mesma limitação. O verdadeiro sensitivo está consciente de que as letras ou palavras surgem na sua mente antes de o objeto se mover.

Por conseguinte, não sabe com certeza, quando a palavra é soletrada, até que ponto provém do espírito ou do seu próprio automatismo. Participei muitas vezes em sessões com uma mesa na minha biblioteca, com o meu parente A., e segundo ele, está ciente de duas letras de antecedência relativamente ao que se manifesta através da perna da mesa naquele momento. Não tem consciência de mover a mesa, mas acredita que os movimentos são realizados de alguma forma através do seu organismo. Isso não invalida a mensagem. Na verdade, as respostas às perguntas que coloquei através da mesa eram do tipo que ele não poderia fornecer com base nos seus próprios conhecimentos.

Se me for permitido fazer uma previsão sobre como as mensagens do invisível serão recebidas no futuro, diria que a chamada "escrita inspirada" será considerada o meio mais eficaz de comunicação entre o espírito desencarnado e o encarnado. Pelo que consigo perceber, a escrita automática, a inclinação de mesas, o tabuleiro ouija e a planchette são apenas meios físicos de expressão de um único fenómeno — a mensagem do espírito impressa no cérebro do sensitivo, provavelmente através do cérebro espiritual.

Este, por sua vez, comanda os nervos e músculos para transmitir a mensagem, seja com lápis, mesa ou outro objeto inorgânico presente na sala. Não pretendo dogmatizar sobre este ou qualquer outro tema, mas creio que assim será. Se estiver certo na minha conjetura, então é inútil recorrer ao intermediário. Porque não sentar-se e escrever diretamente o que lhe vier à mente?

Cheguei gradualmente à conclusão de que o melhor método consiste em o sensitivo e o elemento positivo sentarem-se frente a frente, junto de uma pequena mesa de madeira simples, sem verniz e com três pernas, com as mãos sobre ela, mas sem se tocarem. Após algumas palavras surgirem pela inclinação normal da mesa, o sensitivo começará a receber impressões. Estas devem ser registadas nas notas entre parêntesis. A mesa serve de elo de ligação entre o sensitivo e o interlocutor. Passados alguns minutos, as impressões surgem com razoável rapidez e a inclinação — que consome muita energia — pode quase ser dispensada.

Através do processo rudimentar da inclinação de mesas, recebi muitas mensagens de familiares e amigos. Com o tempo, passei a identificar qual dos meus familiares estava presente pelo tipo de inclinação. O movimento suave da mesa por Iola e os toques decididos e dignos do meu pai eram bastante característicos. A., o sensitivo, conseguia pouco sozinho. Eu, por mim, não obtinha absolutamente nada da mesa se estivesse só; mas quando nos sentávamos juntos e as condições eram favoráveis, conseguíamos receber mensagens fidedignas. Passo a dar um exemplo:

(34) No domingo, 30 de abril de 1905, às dez da noite, o meu familiar e eu estávamos a ter uma conversa interessante com um amigo que recentemente passara para o outro lado, quando a direção da inclinação da mesa mudou subitamente. Em vez de se inclinar na direção do sensitivo, como vinha a fazer até então, passou a mover-se ao longo da linha que nos separava, o que indicava que uma nova influência estava presente. Perguntei: "Por favor, diga o seu nome", e os toques indicaram a letra "T". Esse era o nome de um almirante distinto sob cujas ordens servi vinte anos antes.

Pergunta: “Tem alguma mensagem a transmitir?”
Resposta: “Sim; espero que Rojdestvensky enfrente um tufão amanhã.”

Ora, dez da noite de 30 de abril em Inglaterra correspondem às seis da manhã de 1 de maio na China. Se o Almirante T. estivesse a formular a sua mensagem no horário da China, referir-se-ia a terça-feira, 2 de maio, como “amanhã”.

O Almirante T., que falecera há muitos anos, tinha-se manifestado a mim em pelo menos vinte ocasiões, em ambos os lados do Atlântico, e por intermédio de cinco ou seis médiuns diferentes. Embora um tufão em maio, no mar da China, seja um fenómeno bastante raro, considerei que a mensagem tinha algum significado e, no dia seguinte, entreguei uma cópia a um amigo em Londres.

Verificou-se mais tarde que o Almirante Rojdestvensky, com a maior parte da sua frota, estava na baía de Van-Phong, na costa sul de Hainan, no dia 1 de maio. É uma ancoragem bastante exposta.

Na quinta-feira, 4 de maio, os jornais diários de Londres publicaram a seguinte notícia: “Um tufão atingiu esta semana a costa sul da China, e há relatos de que a esquadra russa do Báltico foi apanhada por ele, tendo as embarcações mais pequenas sido dispersas.”

Escrevi então ao meu amigo Dr. Doberck, Diretor do Observatório de Hong Kong, e recebi a sua resposta em agosto, juntamente com uma cópia do seu relatório mensal, do qual extraio os seguintes pontos:

30 de abril de 1905, às 12h10: O barómetro desceu na costa chinesa, particularmente no norte, e subiu rapidamente em Luzon. O tufão encontra-se agora a oeste de Luzon, provavelmente em movimento para oeste-noroeste.

1 de maio, às 12h14: O tufão no mar da China poderá estar situado a sul-sudeste de Hong Kong, entre as ilhas Paracel e a costa oeste de Luzon. Provavelmente desloca-se para oeste-noroeste.
[Sinais de alerta para tufão foram hasteados — cone vermelho sul e tambor.]

2 de maio, às 6h25: Os sinais foram retirados. A depressão no mar da China já não era rastreável.

Fica assim claro que os jornais londrinos estavam errados, e que o tufão se dissipou no meio do mar da China. Isso, no entanto, pouco importa. O Almirante T. não afirmou que Rojdestvensky iria encontrar um tufão, apenas disse “Espero que...”. O ponto essencial é este: houve de facto um tufão no mar da China a 1 de maio, e encontrava-se numa posição tal que, se tivesse seguido o percurso previsto pelo Diretor do Observatório, teria passado por Hainan no dia seguinte.

Dada a posição exposta da frota russa, é provável que tenha sofrido bastantes danos — talvez tantos como aqueles infligidos pelas armas japonesas duas semanas mais tarde. Em resumo, o Almirante T. fez a mesma previsão que o Diretor, que ordenou o içar dos sinais de tempestade em Hong Kong.

Este é um bom exemplo de informação precisa transmitida por um habitante do além. Sem dúvida, foi-me dada como teste. A comunicação do Almirante T. ocorreu seis horas antes da emissão oficial dos sinais de tempestade. Ele pode ter feito o juízo por si próprio ou pode ter lido o pensamento do Dr. Doberck. De qualquer forma, isso pouco importa; o que conta é o facto de me ter dado, numa casa em Southsea, uma informação inesperada sobre um acontecimento desastroso, que viria a ser oficialmente previsto seis horas depois, na China.

(35) Para continuar as minhas experiências com a inclinação de mesa. A 20 de setembro de 1905, visitei um pescador, o Sr. Endicott, e a sua esposa, em Brixham, no Devonshire. Eles possuem uma velha mesa de três pés, feita a partir de destroços de naufrágio, à qual se sentaram muitas vezes e de onde obtiveram manifestações. Ambos são sensitivos, mas a Sra. Endicott tem maior poder. Sentámo-nos com as mãos espalmadas sobre a mesa. Passados poucos minutos, a mesa deu sinais de animação e indicou que estava presente um espírito para mim. Fui chamando as letras do alfabeto, e seguiu-se o seguinte diálogo:

Pergunta: "Quer dizer o seu nome?"

Resposta: "Sim; Iola."

Pergunta: "Tem alguma mensagem para transmitir?"

Resposta: "Sim, W.; vou aparecer na noite da sessão para vos saudar a ambos."

(Correto. A série de sessões iria começar daí a duas semanas nas nossas salas privadas em Londres, após uma pausa de três meses; um membro da minha família decidira acompanhar-me.)

Pergunta: "Pode dar-me uma prova? Sabe dos problemas que temos tido com espíritos que se fazem passar por outros?"

Resposta: "Sim."

Pergunta: "Qual o nome da tua irmã mais nova em vida?"

Resposta: "Querida T."

(Correto. O nome mencionado já não era usado para se referir à irmã há trinta e cinco anos, como vim a confirmar. Era um nome carinhoso, utilizado apenas por um membro da família.)

Cinco minutos depois, a Sra. Endicott perguntou: "Quem é G. — uma senhora pequena?" (G. era o nome pelo qual a irmã chamada T. era tratada no dia-a-dia.)

Pergunta: "Por favor, indica o nome da cidade onde faleceste."

Resposta: "Kilmarnock." (Correto.)

Pergunta: "De que país?"

Resposta: "Inglaterra." (Errado.)

Pergunta: "Consegues dizer há quantos anos faleceste? Por favor, bate uma vez no chão por cada ano."

Resposta: Trinta e um toques. (A resposta correta seria trinta anos e quatro meses.)

Pergunta: "Qual o nome curto do teu irmão mais velho?"

Resposta: "T." (Correto.)

Pergunta: "Qual o número da casa na Praça R. onde viveste?"

Resposta: Trinta e cinco toques. (Correto.)

Pergunta: "Qual o número da casa em que viveste na Praça E.?"

Resposta: Vinte e um toques. (Errado; mas, ao eu dizer isso, foram dados mais dois toques, tornando o número correto.)

Seguiu-se depois uma conversa privada com um parente do sexo masculino, com a mesa a inclinar-se em ângulo reto em relação à direção anterior.

Agora tomámos chá e, depois, sentámo-nos novamente. A Sra. Nowell Endicott (uma médium, nora do pescador e da sua esposa) entrou e passou a ser a quarta pessoa à mesa. Passado um ou dois minutos, Iola anunciou a sua presença.

Pergunta: "Consegues dizer-me o que tenho no bolso?"

Resposta: "Sim; fotografias." (Correto.)

Pergunta: "Quantas?"

Resposta: Três toques. (Correto.)

Pergunta: "Qual das três gostas mais?"

Resposta: "Aquela que aumentaste." (Coloquei as fotografias na mesa e numerei-as a lápis como 1, 2 e 3.)

Pergunta: "Queres dizer a número 1?"

Resposta: "Sim." (Correto. O rosto está quatro vezes maior do que os outros.)

Pergunta: "Lembras-te daquela que o Capitão Alleyne escolheu?" (Este episódio é descrito mais à frente neste capítulo.)

Resposta: "Sim." Um toque. (Correto.)

Pergunta: "Qual é o nome da senhora que aparece contigo na número 2?"

A Sra. E. sentiu o nome Agnes, que está correto como primeiro nome. O espírito não conseguiu fornecer o apelido.

Pergunta: "Qual é o teu primeiro nome?"

Resposta: (Dado corretamente.)

Após alguns detalhes de carácter privado:

Pergunta: "Sabes que acabámos de mudar um quadro teu?"

Resposta: "Sim." (A Sra. E. disse "Há pouco tempo.")

Pergunta: "Em que divisão o coloquei?"

Resposta: "No consultório." (A Sra. E. deu a resposta correta.)

Pergunta: "Sabes o nome do marido da minha filha mais velha?"

Resposta: "G..." (Apelido correto.)

Foram fornecidos vários outros detalhes. Ficou claro, ao longo de toda a sessão, que as perceções da Sra. Endicott eram tão fiáveis quanto os sinais da mesa, mas esta última era necessária para estabelecer a ligação entre os membros do círculo. Ela deu corretamente o apelido de Iola. Durante a segunda sessão (depois do chá), deixei a mesa escorregar-me pelos dedos enquanto se inclinava, e em todos os momentos apenas a toquei levemente.

Já tinha conhecido a Sra. Endicott em Londres, bem como a sua nora; mas nenhuma das duas sabia, normalmente, absolutamente nada sobre os meus assuntos ou familiares, vivos ou mortos. Foi a primeira vez que vi o pescador. Existem apenas duas teorias que podem explicar os fenómenos descritos: (a) leitura da mente; (b) presença de inteligências invisíveis.

Vejamos esta teoria tão falada e, na minha opinião, excessivamente utilizada da leitura da mente. Primeiro pergunto: de quem se lê a mente? É a minha? Pois bem, se assim for, como explicar o nome carinhoso "T." e a resposta errada "Inglaterra" em vez de "Escócia"? Certamente nenhum destes elementos veio da minha mente. Então, como é que nunca mais consegui obter informação tão precisa através da mediunidade dos Endicott, embora, naturalmente, tenha tido boas experiências com a Sra. Endicott por outros meios? Mais ainda, quem movia a mesa?

Geralmente, mas não sempre, ela inclinava-se na direção da Sra. E. Observei cuidadosamente ela e o marido. Estou certo de que ela não movia conscientemente a mesa. As impressões que recebia muitas vezes não tinham relação com os pensamentos que me passavam pela cabeça. Veja-se a primeira mensagem de Iola nesse dia em particular. Não teve origem em mim, e tratava de um assunto completamente desconhecido pelos Endicott. Fiz várias visitas a estes médiuns depois da que descrevo, e saí com várias perguntas por responder ou com respostas erradas, embora em todos os casos eu conhecesse a resposta correta. Se a "leitura da mente" é a explicação certa, por que razão é poderosa num dia e ineficaz no seguinte?

Atribuo o fenómeno à presença de espíritos, que influenciaram os médiuns, principalmente a Sra. Endicott. Não nego que Iola possa ter ajudado a sua própria memória acedendo à minha consciência, especialmente no caso dos números dados; mas foi ela quem deu as respostas através do organismo da médium. Tal como no caso da minha parente A., pode ser que as mãos da Sra. Endicott movessem automaticamente a mesa depois de a mensagem ser recebida no seu cérebro. Isso não está provado; é possível. Mas Iola estava ali na sala, e isso é tudo o que pretendo estabelecer neste momento.

No final de agosto de 1906, voltei a visitar os Endicott. As sessões com a mesa foram muito cansativas e pouco frutíferas. Fiz muitas perguntas, mas recebi apenas uma resposta digna de registo. Iola manifestou-se, e perguntei o primeiro nome do pai dela. A resposta foi correta, e trata-se de um nome muito peculiar; duvido que exista outra pessoa no Reino Unido com o mesmo nome. Foi acrescentada uma mensagem característica, como se fosse do pai.

Noutro tipo de manifestação espiritual tivemos mais sorte. Entreguei à Sra. Endicott um maço contendo quarenta fotografias tipo carte-de-visite, e pedi-lhe que identificasse o retrato de Iola, a quem ela já tinha visto várias vezes em visões clarividentes. Afastei-me para outra parte da sala e virei costas à médium, que abriu o maço sozinha. Após manuseá-las durante um ou dois minutos, disse: "Há mais do que um espírito aqui." Respondi: "Sim; dois." Em dois minutos, ambas as fotografias foram-me entregues por cima do ombro. Isto foi feito sem qualquer tentativa prévia; foram as duas primeiras que me foram devolvidas. Nenhuma das imagens tinha sido mostrada à médium anteriormente.

No final de agosto de 1907, voltei a visitar a casa do pescador. A minha primeira sessão foi no dia 19. Passados cinco minutos do meu cumprimento à Sra. Endicott, ela disse:

Um homem veio contigo. É um homem corpulento; chama-se Henry; tem uma testa larga e aberta, rosto quadrado e maxilar forte. Um dos olhos parece um pouco mais cheio do que o outro. Diria que abre um dos olhos um pouco mais do que o outro. O cabelo é castanho, mas com fios grisalhos. Capto um B. O que será?

Isto aconteceu por volta das 15h43, hora média de Greenwich. Às 16h10, ela disse: Esse homem ainda está aqui. Não é velho; aparenta cerca de quarenta anos. Tenho reparado que a forma astral parece sempre mais jovem do que o corpo físico. Tenho a sensação de que está sentado, a descansar. Ele alguma vez fala contigo sobre Nova Iorque? Tenho essa impressão.

Às 18h40, enviei um postal ao Sr. Henry Crookes, no Carlton Hotel, em Southsea, pedindo-lhe que anotasse o que fizera entre as 15h40 e as 16h40 daquele dia. Ele só recebeu o postal na manhã de quarta-feira, dia 21, e escreveu de memória:

Entre as 15h e as 16h (na segunda-feira, dia 19), estava sentado numa poltrona na sala de lazer do Carlton Hotel, em Southsea, a ler o *Express*. Por volta das 15h40, senti-me algo sonolento. Tentei manter-me acordado, mas não consegui. Cerca das 15h45, adormeci por cinco ou dez minutos. Fui acordado pelo barulho de chávenas e pratos provocado pelo empregado. Às 16h, fui, com a minha esposa e mais quatro senhoras, até às Mikado Tea Rooms, na Palmerston Road, onde tomámos chá e permanecemos até cerca das 17h.

A descrição que a Sra. Endicott fez de Henry Crookes é muito boa; melhor do que qualquer outra, exceto a que deu de Iola. Ele disse-me que a referência aos olhos é significativa e que os seus óculos são feitos para corrigir diferentes formas de astigmatismo em cada olho. Esta particularidade não é agora visível a um observador casual, por causa dos óculos; e eu desconhecia completamente qualquer diferença entre os seus olhos.

Regressei a Southsea vindo de Devonshire na tarde de quinta-feira, 22 de agosto; e às 18h li a descrição no meu caderno ao Sr. e à Sra. Henry Crookes. Só depois abri as notas dele, que ainda não tinha visto, e as li.

Na noite anterior à manifestação da sua forma astral, tinha estado a discutir com o Sr. Crookes o meu teste fotográfico com Dora Hahn em Nova Iorque. Antes de chegar a Eastleigh na manhã do dia 19, tinha terminado as minhas notas sobre uma sessão a que assistira com o Sr. Crookes na noite anterior; e durante a viagem até Brixham, não pensei nele. Não foi nenhuma "forma-pensamento" que a Sra. Endicott viu; ela afirmou-me diversas vezes que consegue distinguir formas-pensamento de formas astrais ou espirituais.

Em conversas posteriores, o Sr. Crookes disse-me que nunca dorme à tarde e que, naquela segunda-feira, adormeceu profundamente à hora referida, contra a sua própria vontade. Não usava os óculos nesse momento.

Observações do Sr. Henry Crookes:

Os meus dois olhos são astigmáticos; o eixo cilíndrico da lente direita dos óculos é quase vertical, enquanto o da esquerda é quase horizontal. Uso óculos há apenas dois anos e meio; e, até há poucos anos, não conseguia ler texto comum com o olho esquerdo. O Sr. Juler, o oftalmologista, diz-me que, sem óculos, a minha visão é apenas um décimo da normal. Esta referência aos meus olhos é certamente significativa, pois nada de especial é visível a um observador comum. Outro ponto a referir é que, quando fecho os olhos, eles perdem a focagem quase verticalmente, ao contrário da maioria das pessoas, cujo movimento é horizontal.

Quanto a dormir à tarde, não é de todo um hábito meu; e esta foi a única vez que o fiz durante a minha estadia em Southsea.

H. C.

Depois disto, voltámos a sentar-nos à mesma mesa, como nas ocasiões anteriores. Iola manifestou-se e descreveu corretamente o que me viu a fazer dois dias antes na minha biblioteca. Um cunhado apareceu e identificou-se pelo nome. De seguida, coloquei um maço de quarenta fotografias nas mãos da Sra. Endicott, pedi-lhe que o abrisse sozinha e escolhesse o retrato de Iola, enquanto eu me afastava vários metros e lhe voltava as costas. O maço continha algumas fotografias já usadas num teste semelhante no ano anterior e muitas novas. Ela nunca tinha visto nenhum dos dois retratos de Iola que eu tinha inserido entre elas. Em menos de cinco minutos, um deles foi-me entregue por cima do ombro, e pouco depois o outro (sem quaisquer tentativas prévias).

No dia seguinte, após uma tentativa falhada de comunicação através da mesa, a Sra. Endicott disse sobre Iola: Uma vez, ela apareceu-me com um vestido terreno. Era aos quadrados, com mangas largas mas curtas; o corpete era curto.

Pergunta: "Quantos anos tinhas quando essa fotografia foi tirada?"

Resposta: "Onze anos." (Correto.)

Sra. E.: "Era um corpete curto, com mangas largas, decote baixo; três ou quatro folhos pequenos na bainha do vestido, com aplicações em volta dos folhos; algo ao pescoço. Era um vestido aos quadrados; o cabelo estava puxado para trás."

Pergunta: "Tenho uma fotografia da Iola com esse traje. É um daguerreótipo."

Resposta: Três toques (sim).

Pergunta: "Onde está?"

Resposta: "Estante grande." (Correto.)

Pergunta: "Em que parte da estante?"

Resposta: "Topo." (Errado.)

Pergunta: "Tu viste-o muitas vezes. Sabes que não está no topo da estante?"

Resposta: "Gaveta." (Correto.)

Descrevi o local, que é a gaveta superior privada da única grande gaveta da maior estante do meu escritório. Isso provocou inclinações enfáticas da mesa.

O episódio do daguerreótipo é muito bom. A existência da fotografia só é conhecida pela minha esposa e pelos meus filhos, e é o único retrato de Iola em minha posse que nunca foi usado como teste; nunca saiu de casa. A descrição não é perfeita, mas suficientemente próxima para tornar absolutamente claro o que o espírito quis indicar através da Sra. Endicott.

Houve muitas outras comunicações através da mesa, mas eram na sua maioria disparates, e não vale a pena registá-las. Em todas, porém, foi evidente o conhecimento de assuntos terrenos.

Dou agora um exemplo de um espírito mentiroso (*Diakka*) que se manifestou nesta casa no ano seguinte:

Às 20h40 de segunda-feira, 17 de agosto de 1908, iniciei uma sessão com o pescador, o Sr. Endicott, e a sua esposa, no número 11 de St. Peter's Terrace, Brixham, Devonshire. As condições meteorológicas eram satisfatórias.

Às 20h50, a mesa inclinou-se, e um guia chamado "Racca" apresentou-se, prometendo proteger o círculo.

Às 20h55, um espírito enérgico manifestou-se e forneceu a seguinte informação em resposta às perguntas que lhe fiz:

Sarah Matherson; faleceu em Londres, no Hotel Savoy, a 9 de setembro de 1891, vítima de cancro na garganta, com trinta e três anos. Viúva de um militar, coronel de artilharia no Exército Inglês. Viveu em Maclinwater, perto de Dumbarton. Faleceu há dezassete anos. O marido morreu de febre solar oito anos antes de mim, quando eu tinha vinte e seis anos.

Pergunta: "O que te fez vir até nós hoje?"

Resposta: "Percebi uma luz espiritual brilhante."

"Harris" é o nome do meu pai. Tive apenas uma filha — um espírito infantil — Ida, que morreu com um ano de idade; está sepultada em Dumbarton. Frequentava a Igreja Protestante — Igreja Escocesa. A minha irmã, Mary Louisa Harris, está atualmente em Leith; não consigo fornecer o endereço.

"Gordon" era o primeiro nome do meu marido. (A Sra. Endicott descreveu o espírito como uma mulher alta, corpulenta e ereta.)

Durante esta comunicação, a mesa inclinou-se na direção do Sr. Endicott.

Fiz investigações específicas no Ministério da Guerra, em Dumbarton, Leith, no Hotel Savoy, e junto de dois antigos oficiais da Artilharia Real. Não existe nenhum local chamado Maclinwater, e nunca existiu um oficial de artilharia no Exército Inglês chamado Gordon Matherson. Esta comunicação tem, no entanto, um valor negativo. Demonstra conhecimento de assuntos terrenos e, por isso, provavelmente, teve origem numa entidade que já viveu na Terra.

Já mencionei anteriormente certos testes com fotografias. Recordo que esse método de testar as capacidades de clarividência revelou-se eficaz nos Estados Unidos. Ao regressar a Inglaterra, aumentei o número de fotografias no maço para vinte e, mais tarde, para quarenta. Alguns críticos amigos diziam-me: "Tudo bem, mas a médium pode ver na tua mente e captar a imagem da pessoa cuja fotografia esperas receber; feito isso, selecionar a fotografia certa no maço torna-se fácil."

Por isso, entre as vinte ou quarenta fotografias, incluía sempre duas de Iola em idades e posturas muito diferentes. Pensei que, se a clarividente conseguisse escolher, por meios normais, um retrato composto dessas duas imagens mentais que se dizia estarem presentes na minha mente, isso explicaria a seleção de forma ainda mais notável do que pela hipótese espiritual. Proponho agora registar quantas vezes este teste teve sucesso. Mas, antes disso, vou referir um teste de natureza algo diferente.

Já falei da Sra. Alleyne, membro de uma das nossas sociedades de investigação em Londres, que se sentava geralmente à esquerda de Husk nas sessões que fazíamos com ele. Durante muitas dessas noites agradáveis, eu era o seu vizinho; por conseguinte, quando Iola se manifestava, era tão visível para a Sra. Alleyne como para mim. O marido da Sra. Alleyne costumava manifestar-se mais ou menos ao mesmo tempo que a minha guia, e por isso considerei que ele deveria conhecê-la bem e ser capaz de escolher o seu retrato.

No dia 20 de junho de 1905, depois de Iola se ter manifestado duas vezes perante nós os dois, entreguei à Sra. Alleyne doze fotografias num maço fechado e pedi-lhe que o levasse para casa e pedisse ao marido que identificasse o retrato do espírito que tinha visto. Uma semana depois, devolveu-me o maço e mostrou-me a fotografia que o marido tinha escolhido. Era a única imagem de Iola no conjunto.

Disse-me que tinha disposto as fotografias em linha sobre uma tábua de ouija no seu quarto; que o marido, através da sua mão que segurava o ponteiro, indicou com as letras do alfabeto

"Pega na terceira a contar da direita" e empurrou então o retrato escolhido para fora da fila exposta.

Naturalmente, Husk não teve qualquer influência neste fenómeno, visto que a escolha foi feita em casa da Sra. Alleyne. Nem ela nem o seu marido, em vida, tinham conhecido Iola. A única pessoa em Londres que conhecia o espírito ou a sua fotografia era eu; e encontrava-me a quase cinco quilómetros de distância quando a escolha foi feita. Não havia qualquer circunstância normal que pudesse ter ajudado na seleção, exceto o facto de a Sra. Alleyne ter visto o rosto materializado do espírito em duas ocasiões.

Se isso a ajudou na escolha, tanto melhor para a mediunidade de Husk; mas duvido que tenha transmitido muito ao cérebro da senhora, pois em ambas as ocasiões o rosto estava coberto até abaixo do nariz, e apenas um assistente como eu, que conhecia bem o original, poderia reconhecer a semelhança.

Não registo aqui nenhum teste fotográfico como bem-sucedido a menos que um dos retratos do espírito alegadamente presente tenha sido escolhido fora do meu campo de visão, logo à primeira tentativa. Receber dois retratos como aconteceu com a Sra. Endicott em duas ocasiões, separadas por doze meses, e quando o maço continha quarenta imagens, é raro e só se pode esperar de clarividentes de primeira ordem.

O Sr. Peters, numa entrevista privada a 7 de julho de 1905, entregou-me uma fotografia de Iola, que já tinha descrito com precisão, escolhida de um conjunto de vinte. Havia duas no conjunto. A segunda que me entregou era o retrato da irmã mais nova de Iola, ainda viva, que já tinha sido mencionada nestas notas.

Este médium também descreveu uma peça de vestuário usada pelo espírito que eu nunca tinha visto. Era algo tão invulgar que declarei não acreditar que ela alguma vez o tivesse vestido. Peters manteve firmemente a sua descrição, negando qualquer erro na sua visão clarividente. Alguns dias depois, tive oportunidade de investigar a veracidade dessa afirmação e descobri que, cinquenta anos antes, essa peça estava na moda, e que, em criança, Iola a usara de facto durante cerca de seis meses.

Peters também descreveu dois oficiais da Marinha. Um deles, disse ele, "afirma que serviu sob o teu comando num país estrangeiro. O nome dele é 'Fred'. Ouço o nome 'More', 'More'." (Enrola um jornal no formato e tamanho de um pequeno telescópio.) "Está a segurar algo debaixo do braço assim. Estava contigo quando tiveste uma febre muito grave há mais de vinte anos. Não sou bom com datas; quase morreste; estiveste em grande perigo de vida.

Outros morreram nessa altura, mas tu sobreviveste." (Correto. Um subtenente, J. Frederick B., há muito falecido, serviu sob o meu comando numa altura em que contraí uma forte febre africana junto a um rio perto de Zanzibar.) A segunda forma foi identificada de imediato; foi dado um nome muito próximo do seu apelido verdadeiro, e o médium reproduziu as condições da sua morte, que foi por afogamento. Acrescentou, o que é verdade, que no dia da sua morte no estrangeiro, este oficial foi visto em Londres por clarividência.

No dia 27 de setembro de 1905, espalhei vinte *cartes-de-visite* sobre uma mesa em Southsea e, voltando-lhes as costas, pedi à Sra. Arnold, uma clarividente, que escolhesse a fotografia de Iola, que ela já havia declarado estar presente. Havia duas no conjunto; em menos de dois minutos, a médium entregou-me uma das duas, e depois pegou noutra fotografia dizendo: "Ela diz que esta é a irmã." (Correto.) Era uma menina com um vestido curto.

A 20 de maio de 1906, fui visitar Miss MacCreadie, a quem era completamente desconhecido. Fez-me uma boa leitura e, entre outras coisas, descreveu Iola com razoável precisão. Pouco depois, disse: "Alguém saiu da tua vida há seis anos." Neguei, mas a médium recebeu uma mensagem clarividente: "Alguém saiu da vida dele há seis anos." Ao refletir melhor, lembrei-me da morte de um parente por afinidade em quem não tinha grande interesse, e que falecera no ano 1900.

Essa pessoa era uma grande amiga de Iola. A médium foi então controlada, dez minutos mais tarde, pela sua guia "Sunshine", que deu uma descrição mais precisa da minha guia. Após alguma conversa, entreguei-lhe o meu maço fechado de quarenta *cartes-de-visite* e dirigi-me para o canto da sala, virando costas, pedindo a "Sunshine" que escolhesse a fotografia de quem estivesse presente em espírito. Esperei no canto cerca de cinco minutos, até que a guia me chamou de volta à mesa e me entregou um retrato de Iola, tirado pouco antes da sua morte. Havia três fotografias do espírito no conjunto.

Não consigo compreender como é que a seleção da fotografia, nas circunstâncias descritas — estando eu sem possibilidade de saber que imagem estava a ser manuseada pela médium ou pelo seu guia e, por isso, totalmente incapaz de influenciar por sugestão — pode ser atribuída a qualquer inteligência mundana. Poder-se-ia argumentar, com alguma lógica, que o fenómeno se deveu à ação de um espírito terrestre que me acompanhou durante dois anos com o objetivo específico de me enganar em cada sessão a que assisti.

Tal entidade, tendo uma vez descoberto as fotografias de Iola, poderia influenciar repetidamente a médium a escolher uma ou duas delas; mas nenhum ser humano poderia fazer isso sem assistência — benéfica ou malévola. Se tivesse feito este teste apenas uma vez, o sucesso poderia ser atribuído ao acaso, pois as hipóteses de escolha correta seriam apenas de uma em dez ou uma em vinte. Contudo, a verdade é que raramente deixei de obter este resultado com médiuns de reconhecido talento. Consegui-o quatro vezes na América, duas com as fotos viradas para baixo, e dez vezes em Inglaterra; e a seleção da imagem foi, geralmente, precedida por uma boa descrição do rosto e da personalidade de Iola. Não acredito na teoria do espírito malévolo. Que motivo teria tal entidade para me fornecer uma prova da imortalidade?

Com toda a certeza, se este teste não foi orquestrado por um demónio, então foi Iola, a minha guia, quem o proporcionou. As suas aparições e manifestações têm sido consistentes e conduziram-me gradualmente à convicção de que ela está viva e, por conseguinte, de que a existência além da morte é um facto. Há muito tempo cheguei à conclusão de que, em cada uma das ocasiões que relatei, Iola estava presente na sala e foi quem selecionou os seus próprios retratos e os da irmã.

Tenho mais dois episódios para relatar nos quais as fotografias desempenharam um papel. A 30 de setembro de 1905, entreguei à Sra. Davies, uma clarividente então em Portsmouth, o meu maço de quarenta fotografias e pedi-lhe que escolhesse os retratos das pessoas que lhe parecessem próximas de mim. Como combinado em todas as outras ocasiões em que usei fotografias, incluí imagens de parentes próximos, parentes distantes, estranhos e amigos. Cerca de metade do conjunto eram retratos de pessoas ainda vivas.

Virei-lhe as costas. Passado pouco tempo, ela entregou-me, por cima do ombro, a foto de uma senhora com cerca de sessenta anos, dizendo: "Vejo uma luz brilhante sobre esta imagem; estou certa de que esta senhora está prestes a falecer, se é que já não faleceu." Era o retrato de uma parente muito próxima e querida, que morreu dez semanas depois, com noventa e um anos. De seguida, mencionou outro parente, prevendo a sua morte iminente (algo que temo se venha a concretizar).

Finalmente, ouviu uma mensagem clara para pegar na "pequena engraçada" e entregou uma *carte-de-visite* de Iola com onze anos, tirada cerca de cinquenta anos antes. Havia duas fotografias da minha guia no conjunto.

A Sra. Davies é uma boa clarividente. Visitei-a duas vezes pouco depois da morte de familiares. Não havia nada na minha aparência que indicasse luto, mas em ambas as ocasiões ela viu Iola a ajudar esses familiares. Por meios normais, não podia ter sabido de nenhuma dessas mortes recentes.

Certa vez, ao entrar no seu gabinete, disse-me: "Um homem chamado Alldridge esteve aqui esta tarde. Disse: 'Diz-lhe [isto é, a mim] que vi East.'" Não havia forma alguma de a médium saber, por vias normais, que eu conhecia esses nomes. Na verdade, o primeiro era um antigo capitão da Marinha de quem ouvira falar, mas que nunca conheci. Morreu no oeste do país alguns meses antes. East tinha falecido há muitos anos. Era tenente e conheci-o vagamente. Nunca tinha pensado em nenhum dos dois; mas ambos pertenciam ao serviço de hidrografia da Marinha, ao qual também estive ligado antes da minha reforma — facto que a médium desconhecia. Alldridge era tido como alguém com faculdades mediúnicas; morreu com noventa anos.

A 3 de abril de 1908, tive uma sessão com "Clairibelle", na York Street, perto da Baker Street, em Londres. A sua leitura, como se chama, não foi muito clara. Foi controlada logo no início da sessão e, após algumas descrições mais ou menos certeiras, entreguei-lhe o meu maço de quarenta fotografias, entre as quais estavam duas de Iola, e virei costas. Após alguns minutos, em que o controlo examinava as imagens ao colo da médium, ouvi uma fotografia cair no chão.

Olhei e vi que era um dos retratos da minha guia. A clarividente apanhou-a, segurou-a, mas nada disse na altura. O controlo continuou a falar, oferecendo uma descrição algo vaga de Iola. Tentou depois fazer nova seleção e chamou-me para me entregar o mesmo retrato que caíra ao chão. Informei-a de que havia uma segunda fotografia do mesmo espírito no maço, e ela entregou-me duas imagens, ambas de parentes com o mesmo nome próprio da minha guia e com alguma semelhança com ela.

Houve mais descrições e ela saiu do transe. No estado normal, tentou novamente escolher imagens e voltou a dar-me a mesma foto de Iola e a do parente anteriormente escolhido, aquele que mais se parecia com ela. A segunda fotografia da minha guia não foi encontrada.

Agora, o que fez com que essa fotografia específica caísse ao chão da médium? Havia espaço suficiente no seu colo para todas. Note-se que o controlo não reconheceu o significado daquele pequeno acidente e voltou a passar a mesma imagem algum tempo depois. Antes de sair da casa, a médium disse: "As energias que rodeiam todas estas fotografias estão confusas, porque não há papel entre elas.

Provavelmente o espírito atirou o seu retrato para o chão para o separar dos outros." Na minha opinião, a seleção foi feita assim, e foi lançada ao chão intencionalmente; neste caso, o fenómeno é tão evidencial quanto os testes fotográficos realizados com a Sra. Endicott. "Clairibelle" nada sabia sobre mim, e continua a não saber.

Através da Sra. Arnold, referida nas minhas notas sobre os testes com fotografias, obtive muitos escritos por planchette. Alguns são completamente inúteis; quase todos têm carácter privado. Algumas frases mostram sinais internos de especulação por parte da escritora; mas, entre os registos de muitas sessões, encontro abundantes provas da presença de Iola. A Sra. Arnold nada sabia sobre os meus parentes falecidos; não havia qualquer meio de adquirir tal informação.

Nunca estivera na minha casa, e, no entanto, os escritos referiam-se a parentes que tinham falecido e mencionavam ajuda prestada por Iola, que, desde o início, assinava com os seus nomes cristãos completos e apelido. Também surgiram alusões à minha casa que estavam corretas. Tentei deturpar muitas das mensagens, mas algumas são impossíveis de contrariar; são claramente espontâneas e inesperadas. Por exemplo, um dia perguntei: "Podes dizer-me de quem são os retratos que estão de cada lado da lareira no meu quarto de vestir?"

A resposta foi bastante clara: "Minha e da tua esposa." (Correto.) "E quem está entre elas?" "Pai." (Correto.) Tenho inúmeros parentes, próximos e distantes; não vejo razão para uma resposta tão precisa, a não ser que o espírito que influenciava a médium tivesse realmente visto o quarto e os retratos. Noutra ocasião, o espírito deu uma resposta que implicava conhecimento do conteúdo da minha biblioteca e da disposição dos objetos.

Numa outra, fez a médium escrever um nome estrangeiro — extremamente incomum — que era o de uma amiga íntima sua em vida. A minha esposa era frequentemente mencionada pelas suas iniciais, de uma forma como apenas eu, na família, as escrevia. As sessões de cristalomancia com esta médium também eram, por vezes, muito boas. Conheci-a a descrever fielmente a nossa sala de sessões em St. John's Wood, Londres, apesar de nunca ter lá entrado.

Certa vez, um amigo veio passar o fim de semana comigo. No domingo de manhã, foi visitar a Sra. Arnold, que lhe era completamente estranha. Um espírito manifestou-se através da *planchette* e deu-lhe o apelido. Quando questionado sobre o nome próprio, deu-lhe não o nome verdadeiro, mas o apelido carinhoso que os seus camaradas no Canadá, onde morreu, lhe haviam dado.

A falácia da teoria da "leitura da mente" era evidente nas sessões com esta médium. Muitas vezes fazia perguntas cuja resposta estava, por assim dizer, na ponta da língua, mas ou não obtinha resposta ou recebia uma incorreta.

Sentei-me com Miss Earle na nossa sala da George Street, Portman Square, duas ou três vezes. Geralmente havia entre doze e quinze pessoas no círculo, e ela dava mensagens a todos por ordem. Às 19h de 7 de dezembro de 1905, antes de o círculo se formar, disse: "Vejo a figura de um cavalheiro atrás de ti. Está em vida espiritual há alguns anos. Estende os braços como se quisesse saudar uma senhora que também vejo.

Sinto que estes dois estão intimamente ligados a ti — são marido e mulher, e tu és o filho." Depois de o círculo estar formado, e ser a minha vez de receber uma mensagem, ela falou-me ao ouvido como se estivesse sob o controlo do meu pai: "Estou num navio com muitos a bordo, mas não temos bandeiras suficientes." (Simbólico.) "Gosto das tuas investigações; eu e outros estamos a ajudar-te. O fio de ouro está quase a romper-se."

Pergunta: "O que queres dizer com isso?"

Resposta: "Alguém que é querido para nós dois."

A minha mãe faleceu na manhã seguinte, após estar inconsciente durante várias horas. Estava acamada há pouco tempo e em idade muito avançada; mas no momento em que encontrei Miss Earle, estava consciente, e nada fazia prever um fim tão repentino. Não tenho motivos para crer que a médium soubesse, por meios normais, que o meu pai estava falecido ou que a minha mãe ainda vivia. Na altura acreditei — e ainda acredito — que se tratou de uma visão profética autêntica e que o meu pai esteve efetivamente presente.

A 4 de novembro de 1905, o conhecido médium Sr. Von Bourg realizou uma sessão em Southsea, numa residência privada. Fui convidado, mas não pude comparecer. O meu parente A. estava hospedado comigo nessa altura, e pedi-lhe que fosse em meu lugar, ao que ele acedeu. Voltou tarde e contou-me que durante a sessão um espírito se lhe manifestou; pela descrição, percebi que se tratava de Iola. Enquanto me relatava o episódio na biblioteca, de pé junto à lareira, foi subitamente parcialmente controlado, correu até um aparador onde eu guardava os registos de fenómenos psíquicos, murmurando "terceiro da fila do meio", puxou um maço de papéis e, selecionando um, entregou-mo dizendo: "O que é isto?" Enquanto eu lia, ele continuava a repetir: "Não estava certo? Não estava certo?" — como se verbalizasse uma mensagem clara.

O papel continha notas de uma sessão privada de julho de 1905, na minha sala. Nessa altura, tinha sido dado um pressentimento sobre um problema familiar. A. disse: "Ela quer que eu compreenda que naquela altura não tinha certeza, mas agora tem." Deixei A. ler o papel e, quando ele se preparava para guardar os documentos no aparador, disse-lhe: "Deixa-me ficar com os papéis." Ele entregou-mos, e foi então impelido a dizer: "Pega no terceiro." Assim fiz, e encontrei referências ao mesmo assunto numa sessão de abril de 1905.

Em abril daquele ano, encontrava-me em apuros; uma desgraça ameaçava-me e eu não sabia como evitá-la. Consultei a minha amiga Miss Bates, que escreveu por inspiração que tudo se

resolveria. As coisas não se resolveram e, em julho, voltei a pedir ajuda à mesma pessoa. Desta vez, a resposta foi menos animadora, mas o espírito ainda considerava que o problema desapareceria.

Em agosto, desapareceu completamente, sem eu saber como; mas estou convencido de que foi, de alguma forma, graças à influência de Iola. Também creio que foi ela quem controlou parcialmente A. na minha sala e o levou a entregar-me os papéis. Os dois documentos que me colocou nas mãos foram as notas das sessões com Miss Bates em abril e julho. O de julho foi entregue primeiro. No aparador havia mais de cem documentos.

A 17 de dezembro de 1905, A., que estava novamente hospedado comigo, foi comigo à casa da Sra. Arnold para uma sessão de escrita com planchette. Iola manifestou-se e escreveu para A.: "Estive contigo e era sobre os papéis."

Pergunta: "Que papéis?"

Resposta: "Não te fiz procurar um documento numa certa gaveta?"

Pergunta: "Aquela última mensagem era para o Almirante Moore ou para mim?"

Resposta: "Era para ti, num sábado, há cerca de uma lua. Dei a mensagem e não devias tê-la esquecido, e o papel não estava em Y. B. [Von Bourg], mas sim no Parade" (n.º 8, Western Parade).

É impossível que a Sra. Arnold soubesse algo sobre a cena inusitada na minha biblioteca no dia 4 de novembro.

Expus centenas de chapas fotográficas tentando obter imagens de espíritos. Usei um fundo de flanela vermelha e uma lâmpada de mercúrio Jena para iluminação. Cerca de um terço das cópias mostram anomalias de vários tipos; há muitos rostos muito esbatidos, difíceis de distinguir com clareza, e nenhum suficientemente nítido para ser reproduzido fotograficamente. Os sensitivos conseguem ver muito mais nestas imagens do que eu; por outro lado, metade das pessoas a quem as mostrei não veem absolutamente nada.

O Sr. Richard Boursnell obteve com frequência fotografias psíquicas genuínas. Era médium, e, quando tinha poder, as suas imagens eram fiáveis. Mas, como alguns outros médiuns profissionais, quando o dom lhe faltava, recorria à fraude. Entreguei à *London Spiritualistic Alliance* uma prova completa de uma produção fraudulenta deste homem. Os negativos e as cópias demonstram claramente como o embuste foi feito.

No entanto, tenho em minha posse duas ou três das suas fotografias que acredito serem provas autênticas da presença de espíritos. A única prova é a semelhança com a pessoa quando em vida, aliada à certeza de que o fotógrafo não teve acesso a nenhuma imagem existente dessa pessoa. Há inúmeros duplicados, triplos e quádruplos das fotos espirituais de Boursnell. Há alguns anos, um homem ficou hospedado comigo e possuía fotografias de três das mesmas figuras espirituais que aparecem nas minhas.

A atitude, o rosto e a forma eram exatamente os mesmos, até cada prega nas vestes. A explicação de Boursnell era que os espíritos, depois de entrarem no seu estúdio, reapareciam

repetidamente. Isso pode ser verdade, mas parece improvável que conservem exatamente a mesma postura durante anos — ao ponto de se poder sobrepor o contorno de uma fotografia à de outra sem notar qualquer diferença.

Não há dúvida de que alguns participantes criam melhores condições do que outros, o que permitia a Boursnell exercer ao máximo o seu dom mediúnico; vi várias fotografias tiradas na sua presença que, acredito, mostram formas espirituais genuínas atrás ou ao lado dos retratados. Ele era também um excelente clarividente. Uma vez descreveu-me com exatidão um capitão da Marinha bastante excêntrico, falecido há mais de quarenta anos. As suas particularidades foram bem descritas e o nome do último navio que comandou foi mencionado — informação que não era acessível ao público.

Embora eu tivesse ouvido falar desse oficial, nunca o conheci pessoalmente. Noutra ocasião, disse que via um marinheiro afogado aquando do naufrágio do *Eurydice*, e deu o nome. Verifiquei que esse homem constava efetivamente da tripulação do malogrado navio.

A possibilidade de um espírito se manifestar numa chapa fotográfica sensível é, a meu ver, comprovada tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido por numerosos retratos obtidos ao longo dos anos.

Há alguns anos, o corpo de um senhor idoso que falecera em Londres foi transportado para a sua propriedade no campo para ser sepultado. A casa estava ocupada por familiares e o caixão foi levado diretamente da estação de comboios para a igreja. Uma jovem, hóspede na casa e prestes a partir, tirou uma fotografia da biblioteca durante a cerimónia fúnebre. Quando o negativo foi revelado, o falecido aparecia na imagem, sentado na cadeira que costumava ocupar em vida. Vi essa fotografia e não tenho dúvidas quanto à sua autenticidade. Existem detalhes na imagem que confirmam a fidelidade da reprodução, e a forma espiritual foi reconhecida por membros da família. Além disso, as circunstâncias em que foi obtida tornam a hipótese de fraude completamente implausível.

Existe um fenómeno associado a fotografias que ainda não recebeu a devida atenção. Refiro-me às "precipitações" de rostos e formas em fotografias antigas que estiveram na posse de uma mesma pessoa durante muitos anos. Tenho comigo uma *carte-de-visite* de uma jovem parente, tirada aos quinze anos de idade, em Brighton, no ano de 1865. Cerca de quatro anos atrás, o fundo dessa imagem começou a apresentar sinais que julguei serem de deterioração do verniz; esse defeito, como parecia, tornou-se gradualmente mais claro; seis ou oito meses depois, tornou-se visível a ténue impressão de um rosto.

É agora evidente que o rosto é o do pai da jovem. Os olhos estão fechados, como se em sono, mas os traços assemelham-se aos do retrato existente. Ele estava vivo quando a foto foi tirada, e só faleceu três anos mais tarde. Não sei explicar por que razão apareceu desta forma, mas estou convencido de que a imagem não é uma coincidência imaginária causada pela deterioração química.

Tenho também em minha posse uma fotografia de Iola tirada aos quinze anos. Há um rosto levemente precipitado no fundo, sobre a sua cabeça, e cinco no vestido. As iniciais de uma irmã

e o nome de outra estão impressos na roupa. É uma curiosidade. Já vi precipitações semelhantes noutras fotos da minha coleção.

Este fenómeno é uma introdução moderada às precipitações coloridas feitas por ação espiritual na presença das irmãs Bangs, em Chicago, que descreverei num capítulo posterior.

Tive entrevistas com vários outros clarividentes em Inglaterra além dos já mencionados. A maior parte das informações transmitidas era de carácter privado. Bons testes foram obtidos através de Ronald Brailey, J. Vango, Otto Von Bourg, entre outros. Relatar tudo o que se passou nessas sessões seria fastidioso para os leitores, sem acrescentar muito à evidência já apresentada que sustenta a minha crença de que aqueles que outrora, por ignorância, considerei mortos estão, na verdade, muito vivos.

Tornou-se cada vez mais claro para mim que a apresentação de todos os fenómenos subtis do espiritualismo dependia, em grande medida, do estado mental do assistente. Se este acreditava, por investigação pessoal ou por estudar os registos da experiência de outros, que a comunicação com o invisível era possível, então recebia algum tipo de prova — raramente aquela que esperava, mas uma resposta, talvez, a uma pergunta feita semanas antes, ou, pelo menos, uma informação clara e concreta que não podia ser atribuída a qualquer conhecimento do médium nem ao conteúdo consciente da mente do interrogador.

Em 1908, já tinha lido tudo o que valia a pena ler sobre espiritualismo — e também muito que não valia — e, como era impossível fazer progresso real neste assunto neste clima húmido, decidi regressar à América.

CAPÍTULO V

O REGRESSO DE THOMSON JAY HUDSON

Itinerário nos Estados Unidos — Chegada a Rochester, Nova Iorque — A Sra. Georgia — Hudson manifesta-se através da sua mão — *The Law of Psychic Phenomena* — As ideias de Hudson em vida — Conversas com Hudson — A sua visão sobre o subconsciente e a telecinese — Os títulos dos seus livros dados corretamente — Revela totalmente a sua identidade — Muitos diálogos — Acompanha-me a Chicago e Detroit, e leva mensagens até Rochester — Ajuda Iola a escrever — Tenta impedir que eu obtenha uma imagem em Chicago — Manifesta-se em Chicago por escrita precipitada — Cumpre em Rochester e Nova Iorque uma promessa feita em Chicago — Possíveis razões que influenciaram Hudson a realizar tais brincadeiras — A Sra. Georgia escreve para o Dr. Hyslop e o Dr. Funk em Nova Iorque — A esmola da viúva.

As datas da minha chegada e partida dos locais visitados nos Estados Unidos durante esta segunda viagem de investigação foram as seguintes: —

Chegada e partida nos EUA:

- **Rochester, N.Y.**: 22 Dez. 1908 – 28 Dez. 1908

- **Buffalo, N.Y.**: 28 Dez. 1908 – 2 Jan. 1909
- **Toledo, Ohio**: 2 Jan. – 7 Jan.
- **Detroit, Michigan**: 7 Jan. – 11 Jan.
- **Toledo, Ohio**: 11 Jan. – 17 Jan.
- **Chicago, Illinois**: 17 Jan. – 24 Jan.
- **Toledo, Ohio**: 24 Jan. – 2 Fev.
- **Detroit, Michigan**: 2 Fev. – 6 Fev.
- **Rochester, N.Y.**: 6 Fev. – 26 Fev.
- **Chicago, Illinois**: 27 Fev. – 6 Mar.
- **Nova Iorque**: a partir de 7 Mar.

Primeiro contacto mediúnico nos EUA: Sr.ª. Georgia, Rochester, N.Y.

A primeira médium com quem me sentei, ao chegar aos Estados Unidos, foi a Sra. Georgia, que vivia com a mãe em Rochester. Era uma jovem de boa posição social, instruída, de carácter reservado, e, na altura, inclinava-se a crer que o dom estranho que possuía há quatro anos — a escrita automática invertida (espelhada) — provinha de alguma força interna e não de influências externas. Nunca escrevera para desconhecidos, apenas ocasionalmente para amigos íntimos.

Apresentei-me com uma carta de recomendação de um homónimo local, o Sr. A. W. Moore, que nada disse sobre a minha nacionalidade ou profissão, apenas me referiu como "Sr. Moore". Não entreguei cartão de visita, apenas a carta.

Quando a Sra. Georgia entrou na sala, perguntou: "É parente do meu amigo Sr. Moore?" Respondi: "Não." Ela então pegou num lápis e, colocando folhas de papel sob a mão direita, esta começou a escrever ao contrário, com o seguinte conteúdo:

"Podemos vir, mas estás enganado ao pensar que o Sr. Moore é um parente ou um velho conhecido. Ele é um homem do mar. É amigo de um homem que inventou o *radiopath* (sic), e que também é especialista em saneamento. Trata-se de Sir —. Ele também conhece Lady —. Voltará ao seu país e encontrará ambos, contando-lhes sobre ti. Estão interessados nestes assuntos. Esse homem (Sir —) é uma figura célebre no seu país.
Eu sou Hudson."

A Sra. Georgia sabia apenas que alguém chamado Hudson tinha escrito um livro chamado *The Law of Psychic Phenomena*, que lera superficialmente cinco anos antes. Tinha ouvido falar de Sir —, mas não sabia que era casado.

Quanto a mim, nunca conhecera pessoalmente Hudson, mas lera com interesse dois dos seus livros: *The Law of Psychic Phenomena* e outro que, erradamente, recordava como *Proofs of*

Immortality, o qual julgava ser o seu último. Desconhecia por completo os dois livros que publicou depois.

Visão de Hudson em vida:

Hudson acreditava que o ser humano é um ser tão notável, com capacidades tão extraordinárias, que o seu *ego*, ou individualidade, necessariamente sobreviveria à morte, continuando as experiências inacabadas noutra fase de consciência. Defendia que dentro de nós existem duas consciências distintas:

- **A consciente, que usamos no quotidiano, capaz de raciocínio indutivo.**
- **A subjetiva (ou subliminar), infalível como registo, que armazena cada palavra, imagem, som** ou experiência vivida, mas apenas raciocina de forma dedutiva.

Segundo ele, a mente subjetiva pode ser acedida pela mente consciente, mas, se se sobrepuser a esta, o resultado será desordem mental.

Hudson afirmava que a comunicação com os habitantes do "além" era impossível. Para ele, o que os médiuns interpretavam como comunhão com espíritos era, na verdade, a mente subjetiva a devolver memórias e a iludir o sujeito, fazendo-o crer que se comunicava com entes queridos já falecidos.

Ele defendia firmemente esta doutrina e evitava abordar os fenómenos físicos do espiritualismo. Atribuía enorme importância às manifestações de Jesus Cristo, baseando-se fortemente nos Evangelhos para sustentar as suas teses. Já vi escritores mal informados referirem-se a Hudson como "espiritualista" — o que está longe da verdade. Zombava da ideia de comunicação com os mortos. Sim, acreditava na imortalidade e em fenómenos alegadamente espirituais, mas os fundamentos da sua fé divergiam radicalmente dos espiritualistas.

A minha reflexão:

Durante algum tempo, a teoria de Hudson abalou-me. Tinha lido os argumentos sobre a mente subliminar (como Myers a chama) e acreditava na sua existência — para mim, era apenas outro nome para "alma". A sua teoria era coerente e bem estruturada. Mas recuperei a confiança, e por esta razão: a existência da mente subjetiva pode, talvez, explicar algumas das minhas experiências mentais; mas como poderia justificar fenómenos físicos?

- O movimento de sinos entre salas trancadas?
- A criação repentina de corpos humanos simulados?
- A levitação de pessoas?
- A desmaterialização de flores?

Tudo isto são factos para mim, comprovados. Foi com clareza súbita que percebi o motivo pelo qual os fenómenos físicos acompanharam os mentais durante o renascimento do

espiritualismo em Rochester, sessenta anos antes: antecipar o argumento que Hudson viria, mais tarde, a apresentar com tanto rigor.

O simples facto é que uma crença sólida na existência de amigos desencarnados não pode ser estabelecida apenas por fenómenos mentais, porque não sabemos até que ponto as mensagens que recebemos dos médiuns — em transe ou fora dele — estão contaminadas pela sua própria individualidade. Tais mensagens são extremamente valiosas, mas necessitam ser apoiadas por manifestações de força que nos convençam da presença de uma entidade que possa exercer poder independente do médium e do participante.

Se hoje recebo uma mensagem característica através de um médium e amanhã vejo o amigo falecido materializado, quando estou com outro médium, a convicção instala-se. Mas se apenas recebo a mensagem, isso não acontece. A informação nela contida pode ter sido obtida sub-repticiamente de fora, ou possivelmente de mim — embora isso só possa ocorrer se o tema estiver na minha consciência ativa, e mesmo assim muito raramente.

Quando Sr.ª. Georgia chegou à frase "Ele voltará", pedi-lhe que escrevesse com a mão esquerda, o que fez de imediato. Perguntei então a Hudson:

P: "Qual era o nome do seu livro?"

R: "*Law of Psychic Phenomena*. Eu disse que as coisas inanimadas tinham alma."

P: "Não me lembro disso."

R: "Não; o que disse foi isto: 'Pega na outra mão; não sou ambidestro' [aqui a médium voltou a usar a mão direita]; 'a minha cunhada conseguia contar a história e vida de uma pedra'. Quero falar contigo de coisas melhores do que títulos que já conheces; quero falar-te das provas que posso mostrar."

P: "Mudou de opinião sobre os poderes da mente subjetiva? E quanto à telecinesia?"

R: "Não, não mudei. É o centro da força da alma e pode ser usada tanto em vida como após a morte; pode ser cultivada, e a mente projetada para países distantes; é possível educar a alma dentro de nós — cada pessoa pode atrair. Isso é o que sei. Quando a alma interior deseja a aproximação de um objeto, atrai toda a força da alma em volta da sua aura. Sim, é isso que move o objeto; não é a mente subconsciente que atrai, mas sim a força espiritual que o pode mover; é o comando que move, o desejo que cria as forças para a ação."

P: "Pode dizer-nos mais alguma coisa?"

R: "Não; pergunta-me — isso dá-me força."

P: "Fale-nos, Sr. Hudson, dos seus sentimentos após a morte. Pode descrever o seu estado como mais feliz do que quando estava no corpo?"

R: "Não sabia que tinha morrido; parecia-me estar lá, tal como antes. A morte é uma progressão; como nas mesas de 'whist' progressivo, sobes de nível. Trabalho lá como fazia aqui, só que o meu ambiente é mais afim."

P: "O que quer dizer com 'afim'?"

R: "São as almas que estão no mesmo grau de progresso — 'do mesmo rim', como dizem os ingleses."

P: "O que pensa do meu teste com fotografias?" (Aqui descrevi o teste referido no Capítulo IV.)

R: "Esse é um teste apenas do sensitivo. Todas as criaturas são médiuns em maior ou menor grau. Há uma impressão da chapa sobre a vontade do médium — será um belo dia."

P: "O espírito cuja fotografia se pretende identificar está presente para ajudar?"

R: "A força espiritual está sempre presente. Algumas pessoas... Lê o que escrevi — [aqui Sr.ª. Georgia levantou-se para buscar mais papel] — estás a irritar-me, interrompendo os meus pensamentos. Sou uma alma antiga, e cansada... alguns podem ver forças; outros apenas senti-las."

P: "A forma no mundo espiritual é igual à do mundo material?"

R: "É luminosa, não pesada com as imperfeições da carne."

P: "Estou certo ao pensar que os espíritos são atraídos por amor mais do que por afinidade intelectual?"

R: "Os espíritos que vêm estão muitas vezes inquietos, procurando a antiga vida e os lugares que conheceram em vida, tal como um velho procura os cenários da infância."

P: "O fenómeno da materialização é verdadeiro?"

R: "Só alguns, com visão suficientemente clara, podem vê-lo. É verdadeiro, assim como esta sala e o mundo estão cheios de formas luminosas que rarefazem a Terra. Mas é a expectativa que faz os milagres acontecer. Jesus esperava ver o homem levantar-se. Quando esperamos e desejamos, temos."

Houve mais conteúdo, de carácter privado. Esta primeira sessão com Sr.ª. Georgia durou mais de três horas. As condições eram excelentes: lá fora fazia muito frio, mas o céu estava limpo e seco.

Sr.ª. Georgia ficou muito impressionada. Nenhuma inteligência tão forte ou estranha tinha antes guiado a sua mão. Ela não era espiritualista; creio que posso afirmar que esta foi a primeira vez em que suspeitou que podia estar a servir de instrumento a uma força invisível. Gentilmente, permitiu-me voltar, e a escrita atribuída a Hudson continuou por vários dias em dezembro e fevereiro.

Verifiquei que ela podia escrever com ambas as mãos, enquanto conversava ou lia, mesmo no escuro. Nenhuma palavra era legível a olho nu — só se podia ler com a folha virada contra um espelho ou colocada, com o verso voltado para cima, sobre uma cartolina branca fina, caso o papel fosse suficientemente translúcido. Quando a força era forte, escrevia rapidamente; quando era fraca, escrevia devagar.

Às vezes, o lápis apontava para longe dela, num ângulo de 60 graus em relação ao papel; outras vezes, apontava para si, num ângulo de 20 graus. Escrever ao espelho não é difícil de aprender, mas nunca ouvi falar de alguém que o fizesse com a rapidez ou o grau de abstração que ela demonstrava. Não duvido de que, mesmo neste caso, o cérebro tenha primeiro recebido a mensagem e impulsionado a mão a escrever; mas foi feito de forma tal que é altamente improvável que ela estivesse consciente de uma única palavra até que o texto fosse transcrito.

Sessão de 24 de dezembro de 1908 com Sr.ª. Georgia:

P: "Se alguém estiver aqui, pode por favor identificar-se escrevendo o seu nome através da Sra. Georgia?"

R: "Tens de esperar; conversa um pouco. Sim, nada de música além da voz. Tentem um dueto." (O fonógrafo tocou então um dueto.)

R: "Experimenta uma canção 'coon' — uma daquelas com riso. Isso mostrará ao cavalheiro o típico grito 'coon' do Sul. Então podes escrever, pois Hudson virá."

R: "Não é preciso pergunta. Gostaste da música?"

Estou aqui. Quero dizer que sou muito mais forte ao anoitecer do que durante o dia. Quero pedir-te que venhas na noite de Natal às oito horas, em vez da tarde de Natal, porque a minha "luz" [médium] funciona melhor a essa hora; foi por isso que te fiz esperar. As forças espirituais são esquivas. Disseste-lhe algo errado. (Eu tinha dito à Sra. Georgia algo sobre o que pensava ser o seu último livro.) Não era isso; é aquele que conheces, aquele a que te referes como o último livro antes de eu partir. É aquele que já leste. Foi publicado em 1908. (Na verdade, eu não tinha lido a sua última obra, mas pensava que sim.)

Deves copiá-lo mais tarde, antes de ires embora, não agora, enquanto estou forte. (Isto refere-se a uma proposta minha de escrevermos agora a interpretação da escrita ao espelho.) Falei em Detroit, Michigan, em 1908. (Correto.) Estive num cargo governamental durante alguns anos; também fui jornalista. (Correto.) Não te preocupes com a conversa. (A Sra. Georgia e eu falávamos quase todo o tempo, e eu tinha expressado dúvidas sobre se seria sensato fazê-lo.) Consigo comunicar melhor com o som da voz. A vida num jornal do Michigan era dura. Fazia de tudo. Fui advogado em Ohio. (Correto.)

Pergunta: Onde praticaste advocacia em Ohio?

Resposta: Cleveland. (Correto.) Exerci advocacia. (Eu disse: "Pensava que ele era médico.") Não, Sir Oliver Lodge é o homem da física. Ele é o chefe e figura central do colégio. Sim, já ando por aqui há muito tempo. Venho através desta rapariga porque tem um espírito alegre, e essa alegria atrai-me. É essa força que me atrai. Em vida procuramos o sol — é isso que procuramos. Fico feliz por vir a este cavalheiro; é por isso que venho com tanta força; é o seu interesse vital que me ajuda a chegar até ti. Podes copiar isto agora; deixa-me descansar um pouco. (Copiámos.) Sobe e tranca a porta. (A Sra. Georgia obedeceu.) Quando voltou, propus

apagar o gás para verificar se ela conseguia escrever no escuro. A luz foi apagada, e ela escreveu o seguinte:

Gosto da alegria da luz; gosto de ver o rosto da bela mãe e o semblante completo da filha, e o rosto inteligente do ilustre visitante.

(A luz foi acesa para lermos o que estava escrito e não voltou a ser apagada.)

Pergunta: Qual era o nome do teu último livro?

Resposta: Deixa-me pensar. *Lei dos Fenómenos Psíquicos*, *A Linhagem Divina do Homem*. O tema é a lei da vida após a morte.

(Eu disse que nunca tinha ouvido falar de *A Linhagem Divina do Homem*.)

Não, esse não foi o último livro. Escrevi *A Linhagem Divina* primeiro. Quero ter tempo para pensar, pois foi publicado após a minha doença. Morri no ano de 1908; o livro foi publicado em 1908.

Pergunta: Qual é o teu nome completo?

Resposta: Jas., como Hyslop.

(Eu disse: "Acho que o nome dele era Thomas Jay Hudson.") Não, estás errado; o meu nome não era Thomas. Vai até à porta da frente. Abre-a e deixa entrar o outro. Abre-a bem e sozinho.

(A Sra. Georgia foi até à porta da frente, abriu-a totalmente e ficou ali uns minutos; depois fechou-a e voltou para a sala.)

O meu nome era Thomson Jay Hudson. Não copies ainda. Saí pela porta de trás e tenho de voltar pela frente. Fui buscar novas forças.

James Hyslop está a continuar o meu trabalho desde onde o deixei; é por isso que disse que o meu nome era Jas., no sentido simbólico. Estou com ele; um dia ele ouvirá falar de mim através da mão desta rapariga. (Correto.) Vou ajudá-lo. Podes copiar agora.

(Eu disse: "Ele tem estado a escrever há uma hora e meia.")

Isso não importa; não posso vir muitas vezes, por isso quero ficar.

(A Sra. Georgia disse: "Acho que ele podia ter dito algo mais simpático sobre mim do que apenas que tenho um 'semblante completo'.")

Não precisas de te sentir assim; tens encanto, e isso basta.

(Houve uma discussão sobre pancadas na sala — tinham-se ouvido três. Eu disse que não conseguia obter respostas inteligentes dessas pancadas.)

Podes conseguir se quiseres. Podes canalizar a inteligência que vem até ti. Podes moldar uma inteligência pessoal à tua vontade, dominando-a, como fazes aqui.

(A mãe da Sra. Georgia perguntou: "Gostaria de saber qual é a condição dos suicidas na outra vida.")

Deixa de lado esses assuntos de suicídio.

Escrevi um livro sobre o poder da cura mental; esse é o meu último livro. (Correto.) Talvez seja melhor dizeres-me o nome do livro a que te referes, pois estás a confundir-me.

(Eu disse: "Era *Provas da Imortalidade.*")

Vai até à porta da frente; deixa-me pensar lá.

(A Sra. Georgia foi até à porta da frente durante alguns minutos e depois voltou ao seu lugar.) Não te referes à minha última obra; referes-te a um livro chamado *A Demonstração Científica de uma Vida Futura.*

(Isso está correto, e lamentei ter-me esquecido do nome certo; mas, como disse antes, sabia muito pouco sobre Hudson. Disse então que estávamos sentados há quase duas horas.)

Posso ficar até lá — até às 10h30, quero dizer.

Pergunta: Mas isto é um pouco frívolo, estar sempre a mandar a médium à porta da frente.

Ganho força ao ar livre; gosto de vir. Tenho de levar a rapariga ao ar para que ela não se canse demasiado. Para mim, ela é muito jovem, pois sou um homem velho. Nasci em 1834. (Correto.) Não é uma grande diferença de idades? Tinha cinquenta e nove anos quando morri.

(Eu disse: "Isso deve estar errado; ele tinha sessenta e nove.")

O cavalheiro tem razão; nasci em 1834. Mas deixa-me dizer cinquenta e nove. Só as mulheres é que escondem a idade?

Pergunta: Sabias que eu vinha visitar a Sra. Georgia?

Resposta: Sabia que viria alguém com o interesse e vitalidade necessários para me chamar. Estive à porta da frente desta rapariga durante dois anos. Ninguém apareceu com força suficiente para dizer "Abre-te Sésamo."

Pergunta: Vivem-se pares de homem e mulher na vida espiritual?

Resposta: Como um cardume de peixes. Os afins agrupam-se. Sim, vivem.

Pergunta: Não me entendeste. Quero dizer: se duas pessoas estão unidas aqui, podem viver em união lá?

Com certeza, se as almas forem gémeas. Duas pessoas podem ser unidas por um padre numa igreja e estarem tão afastadas como os antípodas.

Mas muitas pessoas dignas acreditam que, na vida futura, o ideal elevado deve ser o do afeto universal e igual para todos.

Enquanto as almas forem individuais, procuram a afinidade num sentido espiritual. Se homens e mulheres amassem coletivamente, e não individualmente, causariam problemas suficientes na

Terra, assim como no Céu. Sei o que queres dizer; não gostas da ideia de um amor espiritual universal, pois isso roubaria ao amor o seu verdadeiro valor.

A campainha da porta da frente tocou. Pediu-se que a mãe da Sra. Georgia fosse até à porta, onde recebeu um telegrama.

Foi sugerido que talvez ele pudesse dizer-nos mais sobre esse estado espiritual. A resposta foi que sim, havia muita informação, mas teria de ser partilhada na manhã seguinte. Eram 10h10, demasiado tarde para entrar num tema tão exaustivo. O relógio no meu bolso confirmou que o espírito tinha indicado a hora exata ao minuto.

Foi pedido que esperássemos mais um pouco, para que a médium ganhasse força, e depois ele diria boa-noite e "fecharia a porta", como dizem os ingleses. Em resposta a um comentário da mãe, referi que o clima de Inglaterra não favorecia este tipo de fenómeno e que a escrita da Sra. Georgia provavelmente não seria tão eficaz lá. A resposta foi que a médium conseguiria. Ele viria de manhã, mas não estaria forte. Pediu que se esperasse até que copiássemos a mensagem.

A 25 de dezembro de 1908, com a Sra. Georgia, foi escrito o seguinte:

Estou aqui, mas não suficientemente forte. Que a minha rapariga vá até à porta da frente e respire durante cinco minutos; depois conseguirei vir.

A Sra. Georgia foi até à porta da frente e regressou cerca de cinco minutos depois.

Fiquei surpreendido, ao reler os meus artigos, com o quão falha estava a gramática e a dicção. Peço como favor que, se os publicares em forma de livro, os faças editar. Não me interessa o estilo ou floreado retórico, mas que o sentido do que disse seja preservado. Não sei se quero que a minha rapariga se sente com um cético americano, a não ser para lhe mostrar a verdade. Se ele a chamar, ela pode ir, mas não deve zombar de mim ou do valor do que sei e provei. Podes ver que sou sério e leal a alguns dos meus antigos ideais.

A Sra. Georgia e eu discutíamos por vezes se ela deveria colaborar com o Dr. Hyslop, que é extremamente gentil com jovens médiuns, mas cuja inclinação mental não incentiva os espíritos a darem o seu melhor. Disse-me ainda que a razão pela qual eu não gostava do Natal era porque, nas festividades passadas, o contacto com o Amado era mais próximo. Isso foi dito porque ele viu esse pensamento na minha mente. Era claramente uma alusão à morte do pai da Sra. Georgia, quatro anos antes.

Explicou ainda que o que quis dizer com "uma boa mesa" era que eu tinha refinado os alimentos, passando de uma alimentação grosseira para uma dieta mais leve. Pediu que eu explicasse à médium como transmitir mensagens e como se aperfeiçoar nisso. Ela era uma luz brilhante, mas uma principiante no estudo da alma. Eu deveria instruí-la nos métodos de progresso. Disse-me para ser o Colombo deste mar inexplorado que se abria diante de nós.

Numa comunicação anterior, que omiti por não interessar aos leitores, Hudson fez um retrato amistoso mas honesto de mim. A única frase que me incomodou foi "És apreciador de uma boa mesa". Senti-me injustiçado, e a Sra. Georgia e eu comentámos abertamente essa

acusação durante a refeição. A referência à transmissão de mensagens surgiu porque, durante a sessão, tentámos enviar telepaticamente uma mensagem a uma médium em Itália, previamente combinada. No entanto, a mensagem não foi recebida, pois ela esqueceu o compromisso.

Na tarde do mesmo dia, 25 de dezembro de 1908, com a Sra. Georgia, fiz a seguinte pergunta:

Suponhamos que duas almas na Terra estão fortemente unidas, mas em planos muito diferentes no que toca ao desenvolvimento espiritual. Elas continuam juntas quando ambas passam para o outro lado?

A resposta foi que eram exatamente 19h85. Pediu-se que esperássemos um pouco. Verifiquei o relógio no meu bolso e indicava exatamente 19h85. Foi-me dito para conversarmos um pouco e depois a resposta seria dada.

Perguntei se ele queria que usássemos o grafofone. Respondeu que não, queria a voz humana. Era através da conversa que percebia o que desejávamos saber.

A propósito do matrimónio na esfera celestial, afirmou que o homem que ama com devoção única e isolada acabará por se aproximar da sua amada, como se tivesse um bilhete de comboio até à casa da sua alma gémea. Nem a Igreja, nem os religiosos, tornam o casamento legítimo senão aos olhos humanos. O casamento baseado em instintos inferiores e com fins secundários corrompe a alma. Através dessa via, as vidas matrimoniais humanas são profanadas. O casamento divino é o reconhecimento das almas uma da outra.

Perguntei o que acontecia se um homem tivesse duas esposas, ambas ligadas por afetos verdadeiros. Qual seria o destino da segunda esposa?

A resposta foi que aquela que tivesse o apego espiritual mais forte seria a que se manteria mais próxima do homem.

Perguntei o que impediria os três de viverem em harmonia.

Foi-me dito que seria mais agradável para dois do que para três. Perguntaram-me se eu conseguia imaginar isso aqui na Terra.

Perguntei o que deveria imaginar.

Responderam que era imaginar um estado livre do impulso amoroso humano. As vidas são progressivas; os instintos que levamos connosco para o além são os mesmos que temos nesta fase. Passamos de uma fase para outra. Há almas gémeas que estiveram separadas durante séculos e que acabam por se reencontrar. A separação, inicialmente, foi causada por um crime contra essa união amorosa, sendo que uma delas cedeu à tentação de palavras sedutoras. As infidelidades são punidas dessa forma. Existem muitos pares de almas infiéis, separadas, que vagueiam pelo espaço e pelas distâncias infinitas à procura uma da outra — às escuras.

Perguntei o que acontecia se apenas uma delas fosse culpada.

A resposta foi que a alma inocente encontraria alívio após alguns séculos de paz e felicidade com outra alma também inocente e ainda não emparelhada. E este é também o caso de um segundo casamento. O espírito de juventude presente no primeiro matrimónio, muitas vezes, no segundo, transforma-se numa tranquila e serena refeição de contentamento. Depois disso, disse que poderíamos experimentar no escuro, se quiséssemos.

As luzes foram apagadas.

Perguntei por que razão o espírito não conseguia ver as linhas no escuro.

Não consigo dedicar tempo a calcular o espaço, e outra coisa que quero dizer é que tentei provar a minha identidade e penso que o consegui de forma bastante livre. Sei que isso é feito para satisfazer a Sociedade. Não fazes ideia de até onde posso ir com isto, mas já esgotei a força ao explicar-te isto desta maneira. Posso dizer-te que o teu amigo, Sir —, foi condecorado com o título de cavaleiro em 1897. (Correto.) É membro da Royal Society e escreveu um livro. (Correto.) Provei que sei que estou a dizer a verdade. Agora despeço-me.

As luzes foram acesas. Verificou-se que a caligrafia, como noutra ocasião, estava ligeiramente mais espaçada do que quando escrita com luz plena.

São 20h18. Não gosto que a minha rapariga se vista de preto. Detesto preto. (A Sra. Georgia subiu e mudou para uma túnica vermelha.) Adoro vermelho, é a cor astral. Dá ao convidado o teu anel de sinete, e antes de ele ir embora, pede-lho de volta. Coloca-o no dedo dele. Quero que o anel retenha o seu magnetismo. Assim a minha rapariga terá um vínculo, e eu poderei vir até ela.

Podes escrever-lhe e ela dir-te-á se eu vier. Há aqui um guia que diz que a Sra. Georgia deve continuar a escrever, pois o trabalho da minha rapariga não deve ser interrompido. Planeiam uma grande obra para ela. (Isto refere-se a uma peça que a Sra. Georgia estava a escrever na altura e que veio a ser um sucesso.) Quero dizer o seguinte: se eu puder vir sem ti, fá-lo-ei, apenas para a testar.

A Sra. Georgia deve ter o teu endereço, e quando eu vier, ela escrever-te-á. Então envias uma pergunta; pensa em mim a uma hora específica — e eu virei até ti. Acho fúnebre o vestido preto. Acho-a adorável, se não bela, pobre criança. (Isto é uma alusão à brincadeira da noite anterior, sobre o elogio feito por Hudson à Sra. Georgia.)

Espero regressar em fevereiro. Poderíamos então ter uma série de sessões?

Com todo o gosto, se tiveres as tuas perguntas todas escritas; mostra-mas todas as noites em que eu estiver contigo. Sou o guia do Almirante e vou partir com ele. Conheci-o nesta casa e esperei dois anos por alguém com força suficiente para me chamar. Não o conhecia antes de ter esperado aqui à porta dela.

Porque não vieste antes?

Porque este senhor tem o mesmo interesse, a mesma ideia de escrever; porque nenhum sensitivo tinha força mental suficiente. Com isto quero dizer que a minha rapariga tem uma

inteligência aguçada, sim, muito aguçada, e isso atrai-me. A minha retórica e gramática são fracas, só isso.

Como é que tu, autor de vários livros, és fraco nesse aspeto?

Minha querida, é assim: os meus pensamentos voam tão rapidamente que a forma pouco importa; é a jóia, não a moldura, que tem valor. Espero que o Almirante edite os textos, é só isso. Quero que os pensamentos estejam claros e que a linguagem seja refinada — e isso espero dele.

C — escreveu um livro sobre esta investigação. (Correto.) Ele aprofundou o tema. Sabes que Hodgson não consegue voltar porque era tão cético?

Isto é o sujo a falar do mal lavado, Sr. Hudson. Nos teus livros afirmaste claramente que não acreditavas na comunicação entre este mundo e o outro.

Eu estava na Terra naquela altura. Céus, um homem não pode mudar de ideias tal como uma mulher?

Eu diria que eras mais cético do que o meu amigo Dr. Hodgson.

A progressão acontece através da mudança. Escrevi muitas coisas para preencher os livros, tal como todos fazem. Algumas acreditei, outras eram apenas para preencher. Citei a Bíblia no meu livro. (O espírito referiu-se então a uma conversa anterior sobre a possibilidade de a Sra. Georgia escrever para ele em Inglaterra, quando eu disse:

"Ele está a falar disparates.") Não estou a falar disparates. Através do conhecimento que tenho da minha rapariga, sei que ela consegue escrever em qualquer país. L — também é membro da Royal Society. Não te consigo dizer quando foi condecorado; esteve à frente de um dos vossos colégios; ocupou a cátedra de Física num colégio aí — por nada consigo recordar-me do nome.

Birmingham?

Não me refiro a esse. Ele nem sempre esteve lá.

Comentei que a escrita estava a tornar-se algo desconexa e leviana.

Se chamas levianas às minhas tentativas de demonstrar o meu conhecimento sobre os homens que conheces, não sei como te agradar. Abri-te uma luz sobre o futuro; que mais exigem? Posso escrever a noite inteira; a minha rapariga não se vai desgastar.

Agradecemos tudo o que fizeste por nós. Qual é o destino espiritual do suicida?

É um destino que ninguém desejaria — tateando na escuridão para apanhar os pontos caídos das agulhas de tricô.

E se a vida de um homem se tornar insuportável — digamos, devido a uma doença incurável — e ele não tiver mais nada por que viver? Não é essa vida dele para manter ou abandonar?

O destino dele terá de ser cumprido nesta fase ou na próxima. O sofrimento só pode ser superado com resistência. Nunca se pode escapar à lei das consequências.

Referes-te à teoria teosófica do Karma?

Refiro-me ao facto de que cada alma tem de expiar o mal de cada vida na fase seguinte. Não me refiro à teosofia no seu sentido geral.

Existe tal coisa como a reencarnação?

Não no sentido teosófico; sim, noutro.

Queres dizer que cada fase de progresso na vida espiritual é uma espécie de reencarnação?

Sim, noutro mundo; podes pertencer à raça latina, à eslava, a vários ramos da torre de Babel. Estás a seguir-me?

Não compreendo bem. A progressão é uma série de nascimentos?

Isso é uma punição. O eslavo está na base da escada; o amarelo ou oriental está no início; o anglo-saxónico é o mais elevado. Partirei se quiseres que vá embora.

O que queres dizer com "nossa punição"?

Sim, nesse estado inferior, como forma de pagar por qualquer crime cometido.

Então, devo entender que um criminoso regressa?

Mas não necessariamente neste planeta; existem outros planetas habitados. Vou deixar-te agora. A minha rapariga levará o anel que estiveste a usar durante uma hora, e assim irei embora. Mas talvez te veja às onze. Irás compreender.

Nem a Sra. Georgia nem eu percebemos exatamente o que Hudson queria dizer nas suas últimas respostas; mas achei oportuno registar tudo o que não era de carácter privado. Nota-se que as afirmações se tornaram menos definidas à medida que a sessão se aproximava do fim, o que parece natural.

Às 11h15 da manhã do dia 26 de dezembro de 1908, com a Sra. Georgia, foi escrito o seguinte:

Estou aqui, mas terás de ler a minha escrita com a tua bela voz, para que eu possa reunir a força que preciso que me dês.

Comentei que as nossas sessões não deviam durar mais do que duas horas, pois isso é prejudicial à médium, e eu próprio sinto-me bastante drenado; além disso, as mensagens tornam-se confusas depois desse tempo.

Falarei contigo mais tarde; por agora dita-me, para que eu possa reforçar-me com a vibração. Depois ajudarei a enviar a mensagem ao ministro ou reverendo do outro lado do mar.

O Sr. W. T. Stead não é ministro, mas o pai dele era. O filho passou para a vida espiritual há alguns meses. Espero que o venhas a conhecer em breve.

Não conheço o filho. Dita agora, para que eu ganhe força suficiente.

Após ditarmos à Sra. Georgia uma mensagem telepática destinada ao Sr. W. T. Stead, repetimo-la várias vezes durante meia hora. Hudson escreveu então a seguinte aproximação da mensagem pela mão da Sra. Georgia:

Consegui entrar em comunicação com Thomson Jay Hudson, de Detroit, Michigan, autor de várias tentativas para iluminar mentes curiosas nesta fase da vida, através da minha rapariga em Rochester. Um dia identificar-me-ei ao filho de William T. Stead, assim como ao seu pai, um homem devoto da fé Baptista, que se insurgiu contra os males sociais.

Tem visitado frequentemente o filho e sente grande orgulho por William T. Stead. Encontrá-los-ei a ambos quando a minha rapariga for a Inglaterra. É tudo por esta manhã, pois a minha pobre rapariga está muito fraca; não me atrevo a exigir-lhe mais. — T. J. H.

A mensagem que tentámos transmitir telepaticamente foi a seguinte: "Através da Sra. Georgia, uma sensitiva de escrita ao espelho em Rochester, consegui comunicar com Thomson Jay Hudson, autor de A Lei dos Fenómenos Psíquicos e A Demonstração Científica de uma Vida Futura." Esta mensagem não foi recebida por Mr. Stead.

Perguntei como poderíamos atrair aqueles que desejamos que venham até nós a partir da vida espiritual. A resposta foi que me diria no domingo.

Perguntei ainda se ele não teria cometido um erro em relação ao ministro batista. Respondeu que estava a falar do pai do homem para quem estávamos a enviar a mensagem.

A Sra. Georgia comentou que não se sentia fraca. A resposta foi que a razão era o esforço contínuo, a força da alma e o desgaste provocado; qualquer exigência torna o sensitivo mais frágil.

No domingo, 27 de dezembro de 1908, com a Sra. Georgia, foi feita a pergunta: como podem os espíritos ser atraídos para um participante?

Pega na fotografia que tens contigo, guarda-a no bolso, se tiveres um. Depois, Sra. Georgia, vai até à tua caixa debaixo da mesa de carvalho envelhecido, apresenta os suportes de placas ao distinto emissário; depois leva a tua câmara pequena para a sala, ajusta-a, cobre-a com o manto vermelho e expõe durante doze tempos. Revela sozinha à meia-noite. Dois dias depois, o emissário deverá concentrar-se na fotografia à hora combinada; e, se possível, transferirei a imagem do bolso dele para a placa com ele. Este é um teste muito importante. Se tiver sucesso, o espírito estará sempre com ele.

Disse que isso não era bem o que pretendia e que duvidava que estivesse a comunicar com o Sr. Hudson. A resposta foi afirmativa: sim, sou eu.

Disse que não podia fazer isso. A resposta foi que perderia um grande teste se não o fizesse. C — nasceu dois anos antes de mim; isso provará que sou Hudson. (Correto.)

A Sra. Georgia quis verificar se a caixa da câmara estava no local indicado pelo espírito. Foi até à mesa de carvalho envelhecido e não a encontrou. Foi dito que estava no chão, debaixo da

mesa, não na prateleira. Fui ver e encontrei-a, tal como descrito por Hudson, no chão, ligeiramente ao lado da borda da mesa. A Sra. Georgia apenas tinha procurado na prateleira. Ela disse que não usava a câmara desde o outono e que os suportes de placas estavam carregados. Enquanto mo contava, ficou subitamente gelada e em estado de histeria. Esteve incapaz de se controlar durante vinte minutos. Por fim, retomou a escrita.

Tens de te sentar para a minha fotografia, se quiseres.

Neste momento, a escrita tornou-se grande e ilegível. Um espírito de má índole surgiu e escreveu: "São ambos estúpidos; adeus. Odeio-vos." A assinatura era ininteligível. Hudson regressou pouco depois.

Fui-me embora quando não me puderam ajudar. Tenho algum direito. Quero a minha imagem apenas como teste da minha força. Esperei dois anos à porta desta rapariga para obter isso. (Seguia-se um esboço rudimentar de uma imagem.) Estou zangado convosco por não me ajudarem; é por isso que escrevo em letras grandes, para que vejam como o éter sopra.

Sugeri que não tinha tempo para esperar pelo desenvolvimento da fotografia, caso fosse tirada, pois partiria no dia seguinte. A resposta foi que não era necessário; ela podia enviar pelo correio. Estás a perder tempo. Vai buscar o suporte de placas e a câmara. Disse que não ficaria acordado até à meia-noite. A resposta foi afirmativa: sim, não fiques acordado. Invoca a tua mente subconsciente e a imagem aparecerá na placa; é possível ficar irritado deste lado. Como não acreditava no sucesso do experimento, disse que não conseguiria satisfazer o pedido de Mr. Hudson.

Hudson disse que era necessário, caso contrário nunca mais voltaria a comunicar, nem em fevereiro. Acrescentou que não era apenas por interesse próprio, mas sim por desejo de investigar a sua própria capacidade. Perguntou se, vindo ele até mim, eu não podia retribuir. A vida ali continuava num plano de trabalho semelhante. Queria ver se conseguiria... Respondi que isso me parecia razoável.

Ele pediu apenas que me mantivesse quieto e que não voltasse... (referindo-se à minha observação de que não conseguiria regressar à meia-noite). Acrescentou que bastava pensar nisso, se estivesse acordado, ou então, antes de dormir, carregar a mente com a imagem espiritual. A Sra. Georgia observou que o dia estava demasiado escuro para conseguir focar a imagem; segundo a sua experiência, o trabalho em interiores exigia muito mais luz. Hudson respondeu que eu cuidasse dos meus assuntos, que ele trataria do seu: conseguir a fotografia era da sua responsabilidade.

Para restaurar a harmonia, decidimos cumprir as instruções de Hudson. A câmara foi montada e seguimos as suas indicações à risca. O dia estava muito nublado, mas foi possível obter foco com a ajuda de uma vela acesa. Posteriormente, Hudson afirmou estar satisfeito, despedindo-se de forma amigável, dizendo: "Não é um fracasso." No entanto, quando as chapas foram reveladas dois dias depois, não apareceu nenhuma forma espiritual. Ainda assim, tratava-se de uma impressão notável: com uma exposição de doze tempos — cerca de nove segundos — num quarto escuro, não se esperaria que surgisse qualquer imagem, e no entanto foram produzidas duas fotografias distintas, cheias de detalhes.

Proponho relatar neste capítulo tudo o que sei sobre o Sr. Hudson, independentemente da sequência cronológica das minhas investigações. Creio que o leitor compreenderá melhor assim, do que se interrompesse a descrição de outros fenómenos espiritualistas para regressar a um episódio envolvendo este espírito. Posso dizer desde já que não segui à risca a instrução de Hudson de "editar" os seus textos transmitidos através da Sra. Georgia. Julgo que o leitor beneficiará mais ao ver as frases exatamente como surgiram. Limitei-me a pontuar o que foi dito e, muito ocasionalmente, acrescentei uma palavra para evitar mal-entendidos.

Num dia previamente combinado, às 22h de Nova Iorque, a 20 de janeiro, sentei-me à mesa no meu quarto no Auditorium Annex Hotel, em Chicago, e li várias vezes a seguinte mensagem:

Senhor Thomson Jay Hudson,

Quer ter a bondade de dizer à Sra. Georgia, "a sua rapariga", que Cleópatra, Rainha do Egipto, vai projetar o seu retrato na manhã de sexta-feira? O retrato da minha irmã está esplêndido.

W. Usborne Moore, "Um Homem do Mar"

Enviei isto ao Sr. A. W. Moore, que guardou a mensagem consigo. A Sra. Georgia só a leu cerca de duas semanas depois, quando lhe escrevi.

A Sra. Georgia não captou a mensagem no dia 20 de janeiro, provavelmente por excesso de ansiedade, o que costuma causar falhas em todos os experimentos psíquicos. No dia 23 escreveu-me para Chicago a dizer que não a tinha recebido e sugeriu um novo teste para o dia 27. Só recebi a carta no dia 26, pois tinha-me mudado de Chicago para Toledo e houve um atraso na entrega do correio da estação de Toledo para o Hotel Secor. Já não havia tempo para responder antes da hora marcada para o novo teste. Ainda assim, ela fez a sessão e recebeu a seguinte mensagem:

Estou convencido de que as irmãs Bangs são genuínas. Estou muito satisfeito com os meus retratos, tanto da minha irmã como do da grande egípcia. Gostaria que me tivesses permitido dar-te o retrato do teu pai.

O Almirante está num hotel construído assim [esboço], um dos maiores hotéis modernos do Oeste. Encontra-se num quarto no oitavo andar. O dia em Chicago está enevoado, o ar carregado de fumo e nevoeiro; ele não consegue ver bem o lago por causa da névoa. Está sentado numa cadeira grande perto da janela; a cadeira não é de baloiço, mas de estilo semi-oriental e William Morris.

O quarto tem cerca de treze pés e meio por quinze. As cores são claras; a cómoda é de mogno, com um espelho largo. Esta mensagem é trazida por três pessoas: Hester Hudson, William Hudson e Thomson Jay Hudson, que diz: "A minha rapariga é extraordinária, e a sua peça será um grande sucesso. Todos a ajudamos."

Quero que o Almirante vá até Denver. Um amigo em Chicago dar-lhe-á o contacto de um médium que está lá. Agora tenho de ir, pois estamos a enfraquecer.

Tudo isto estava correto, com algumas exceções: (a) o meu quarto estava no sétimo andar do Auditorium Annex, mas havia um piso subterrâneo que ligava ao edifício principal do Auditorium, onde existia uma barbearia e outros serviços. Por extensão, o meu quarto poderia ser considerado no oitavo andar; (b) o quarto tinha cerca de onze pés de largura, e não treze e meio; (c) o retrato de Cleópatra ainda não tinha sido precipitado no momento em que me concentrei na mensagem.

A precipitação do retrato de Cleópatra ocorreu dois dias depois. Trata-se de um caso de perceção adiada, e é provável que Hudson soubesse, ao entregar a mensagem no dia 27, que o retrato já tinha sido obtido. Curiosamente, a caminho de Toledo, conheci um homem de Denver interessado em investigações psíquicas, que certamente me poderia ter dado o nome do médium com quem Hudson queria que eu me sentasse. Também é curioso que Hudson tenha respondido a uma pergunta da Sra. Georgia, que me tinha escrito a pedir, caso eu encontrasse um bom médium, que perguntasse se a sua peça teria sucesso.

A Sra. Georgia não poderia ter sabido que tipo de mensagem eu estava a enviar, nem teria tido acesso a ela antes de escrever, no dia 27, a resposta em escrita ao espelho.

O próximo caso não está tão bem definido. Pedi à Sra. Georgia que fizesse uma sessão às 10h da manhã de 4 de fevereiro, para que o Dr. Hudson me transmitisse uma mensagem. Propositadamente, escondi-lhe a cidade onde me encontrava. Esta foi a mensagem:

Dr. Thomson Jay Hudson,

Queira, por favor, dizer à "sua rapariga", a Sra. Georgia, em Rochester, que a verei na próxima segunda-feira; que falei consigo aqui; e que pensa que a peça dela será um sucesso e será bem recebida pelo público. Diga-lhe que agora compreendo por que motivo foi capaz de fazer tanto por nós os dois.

W. Usborne Moore, Vice-Almirante, R.N.

Esta mensagem foi enviada da casa da médium Sr.ª. Wriedt, em 414 Baldwin Ave., Detroit, Michigan. Hudson escreveu, através da mão da Sra. Georgia:

O Almirante está num hotel em frente ao antigo edifício da Câmara Municipal, no quarto andar, numa cidade junto a um lago. O dia está frio e nublado, e ele está cansado e exausto; digam-lhe que se está a esforçar em demasia, devia preservar melhor as suas forças; estão a sobrecarregá-lo. Não consigo captar bem o pensamento, por isso digo apenas que há uma sala de jantar atraente que é uma das características do hotel; já tomou o pequeno-almoço. A sua mensagem diz-me que espera obter excelentes resultados com a sessão de Hudson. Diz-me que está convencido da imortalidade da alma. Está satisfeito com a médium de trompete.

Ele ainda não descobriu nada sobre os Hudsons; tem de mencionar "Hudson", que sou eu, no teu endereço. Muitas pessoas aceitaram a minha hipótese sobre o subconsciente. Quero que ele diga que teve notícias minhas.

Ele deve manter-se muito calmo e não se esforçar em demasia.

A minha Rapariga sentar-se-á para ele aqui e em Nova Iorque, para James e Hyslop, em conjunto. Se puder, trarei F. W. H. Myers e o Dr. Hodgson.

T. J. H.

Duas horas depois, Hudson veio ter comigo à casa de um médium de voz direta, chamado "Kaiser", em Detroit, e falou comigo diretamente no escuro. Disse que tinha feito o melhor para impressionar "a luz", mas achava que só tinha conseguido parcialmente.

O que quero salientar é que, embora a minha mensagem não tenha sido transmitida com exatidão, Hudson conseguiu captar os meus pensamentos. Eu estava, nessa altura, indisposto devido ao excesso de sessões. Estava satisfeito com o médium de trompete. Procurava os Hudsons em Detroit, cidade onde Hudson viveu durante alguns anos e onde faleceu. Ainda não os tinha encontrado. É curioso que este pensador profundo, cujas obras são as únicas verdadeiramente relevantes em negação do espiritualismo, não fosse conhecido na sua própria cidade.

Acabei por encontrar um homem que fora seu amigo. Enquanto estava em Rochester, em fevereiro, Hudson disse-me que me tinha visto com esse amigo e, como prova, deu-me uma descrição tão pouco lisonjeira do cavalheiro — incluindo o seu peso em libras avoirdupois (cada palavra acredito ser verdadeira) — que não posso repeti-la, pois correria o risco de um processo por difamação.

Há um detalhe na mensagem que merece atenção. O hotel que Hudson descreveu não era aquele onde eu me encontrava na altura — o "Cadillac" — mas sim aquele onde tinha ficado na visita anterior, três semanas antes: o "Pontchartrain". Perguntei a Hudson, em Rochester, porque descrevera o hotel e o quarto onde eu não estava quando a mensagem foi recebida. Ele respondeu, em suma: "Quando fui ter contigo a casa de K. (o médium de trompete), não esperei para ir contigo para casa, pois outro espírito queria entrar; por isso, não vi o 'Cadillac'."

Julgo necessário mencionar que a Sra. Georgia nada sabia dos meus movimentos, nem de Detroit.

A palestra referida por Hudson era uma que eu iria dar a 26 de fevereiro de 1909, em Rochester. Em março, a Sra. Georgia sentou-se no meu quarto em Nova Iorque para uma sessão conjunta com o Dr. Hyslop e o Dr. Funk. Quando esta mensagem foi escrita, tal sessão parecia altamente improvável. A peça da Sra. Georgia foi um sucesso.

Segunda-feira, 8 de fevereiro de 1909, com a Sra. Georgia, em Rochester, que escreveu:

Estou aqui, mas preciso ouvir a tua voz para ganhar força e conseguir vir. Diz à minha rapariga o que fizeste. Quero voltar a manifestar-me. [Ele quer o grafofone?] Não, quero o meu homem do mar!

Ajudei com a peça, e espero que tenha sucesso. Planeei com ela, para que os seus guias me deixassem entrar no seu círculo. Lê-lhe o plano que te enviei mentalmente; depois virei.

A Sra. Georgia leu-me então um pequeno ensaio com os pontos principais a ter em conta ao escrever uma peça. Disse que aquilo lhe surgira na cabeça dias antes, e sentiu que devia

escrevê-lo na altura. Também me descreveu o enredo do drama que tinha escrito. Eu critiquei a inocência excessiva da heroína e comentei que o público poderia achar a personagem ingénua demais.

Hudson respondeu: Se leres ao Almirante algum diálogo, ele não perderá a esperança na tua peça.

Perguntei se todas as mulheres não sabiam que eram amadas desde os dez anos.

Não creio nisso. A peça será um sucesso. Todas as mulheres acham que são amadas, mesmo que não o sejam. É por isso que algumas se sentem tão satisfeitas.

Perguntei se todas as mulheres com inteligência normal não tinham o dom da intuição como forma de defesa, permitindo-lhes reconhecer o carácter de alguém à primeira vista.

Sim, à primeira vista. Mas se permanecerem tempo suficiente na presença de alguém, acabam por absorver a sua aura.

A Sra. Georgia contou-me então algumas experiências pessoais.

Hudson comentou: Fico feliz que tenhas sido franca com o homem do mar.

Perguntei qual era a melhor hora do dia para os nossos encontros.

Preferia que viesses entre as 17h30 e as 20h. Quero dizer, chega às 18h e fica até às 20h. Quero que saibas que a minha rapariga será honrada, pois a peça torná-la-á famosa, disso tenho certeza. Quero dizer-te que ela é uma alma antiga, e encontrará o seu grande propósito neste trabalho. Escreverei um livro inteiro através da sua mão. Este é T. J. H.

Na quinta-feira, 11 de fevereiro de 1909, com a Sra. Georgia.

Sugeri o uso do grafofone para ajudar o Sr. Hudson a manifestar-se.

Sim, isso ajudar-me-á. Vou datar a mensagem: é o décimo primeiro dia de fevereiro de mil novecentos e nove. (O grafofone foi posto a funcionar.)

Espera até o Almirante ouvir os outros; isso ajuda-me. Venho pelas vibrações. Toca a balada irlandesa, depois direi ao homem do mar tudo o que ele quiser saber. Estou a tentar trazer Fred. W. Myers comigo. (A balada irlandesa foi tocada.) Era uma das minhas preferidas. Escreve ao meu filho.

O teu filho está na Universidade de Stanford, na Califórnia?

Deves escrever-lhe; ele esteve lá. Uma carta chegará até ele.

Queres que lhe diga o motivo do meu contacto?

Esta noite? Sim. Ele não acredita muito nisto. Prometi voltar para ele, mas ele não me encontrou.

Acreditará que comuniquei contigo?

Não de imediato. Sim, no geral, acreditará, dado que és um homem de probidade.

A Sra. Georgia virou acidentalmente a folha e escreveu do lado errado.

Se conseguires trazer o Sr. Myers e o Dr. Hodgson, será excelente. Eu não conhecia o Sr. Myers.

Myers prometeu voltar aos seus amigos mais próximos, mas não conseguiu. O Almirante vai ralhar contigo por teres escrito do lado errado da folha. Estás a ver? Realmente irritas o "homem do mar" com a tua falta de método.

Viste o meu retrato? (Referindo-se a um que foi precipitado na presença das irmãs Bangs.)

Não, eu não estava lá; encontrei-te na minha cidade natal. Estive naquela sala pela primeira vez, foi aí que te vi.

A Sra. Georgia e eu discutimos a caligrafia, que não estava alinhada horizontalmente na página. Pedimos a Hudson que tentasse escrever paralelo ao topo e fundo da folha. A escrita mudou de carácter.

Hudson disse que isso lhe apertava a mão ao sentar-se no colo da sua rapariga.

Perguntei se não tinha falado comigo em Detroit da última vez que lá estive.

Ele respondeu que não podia ficar, mas que eu o tinha chamado, e por isso veio e permaneceu apenas por um curto período.

Perguntei se tinha vindo duas vezes.

Sim, mas nenhuma das vezes foi muito satisfatória.

Perguntei por que razão descrevera à Sra. Georgia o Hotel Pontchartrain.

Ele respondeu que não me tinha seguido até ao Cadillac; pensava que o hotel fora construído no antigo local do "Plankington". (Segundo o Sr. H. C. Hodges, um dos residentes mais antigos de Detroit, isto não é correto. Diz que o "Plankington" é um hotel em Milwaukee, e que o "Pontchartrain" foi construído sobre o antigo local do Hotel "Russell".)

Perguntei porque é que, tendo recebido a mensagem na quinta-feira anterior, desde Detroit, descrevera o hotel onde eu estivera um mês antes.

Porque não saí da casa de K. contigo; outro espírito queria manifestar-se depois de eu sair. Vi-te com o meu velho amigo, o homem do Free Press.

Disse-lhe que o tinha visto no escritório do Detroit News.

Ele respondeu que, quando o conheceu, esse homem trabalhava no Free Press.

Perguntei se o podia descrever.

Seguiu-se então uma descrição pouco lisonjeira do homem, com nome próprio, apelido e peso corporal. Acredito que a descrição seja verdadeira; os nomes confirmam-se, e o peso parece-me plausível.

Perguntei em que esfera espiritual se encontrava.

Na terceira.

Após isso, seguiram-se algumas mensagens confusas, que me convenceram de que Hudson estava em contacto com Iola, o meu guia espiritual. Esta sessão foi particularmente interessante para mim, pois a médium, Sra. Georgia, não conhecia Detroit, nem os hotéis, nem o homem da redação do Detroit News. Eu próprio não sabia o nome próprio desse homem, e só o descobri meses mais tarde.

Hudson prometeu trazer Dick Hodgson na terça-feira seguinte e disse que o Sr. Myers tentaria revelar o conteúdo da mensagem que tinha selado para um amigo em Inglaterra — uma mensagem que nenhum médium alguma vez conseguiu ler. Encontra-se numa secretária de nogueira escura, em três envelopes. Myers disse que já não se recordava do que escrevera, mas que era um pequeno verso tolo que nenhum médium poderia adivinhar. Já foi esquecido, pois Myers morreu há quase dez anos.

A Sociedade possui esse documento. Hudson não sabia quem exatamente o guardava, mas disse que era um membro da K. S. Não conseguia ver quem era, mas afirmou que, quando o descobríssemos, veríamos que era apenas um verso trivial. Esperar-se-ia algo esotérico, não é?

Disse para eu ir na terça-feira às 18h30. Myers também viria, mas afirmou que era demasiado velho para chegar antes dessa data e que se cansaria. Hodgson, por ser mais novo, não teria esse problema. Queria que eu copiasse agora, para que a rapariga pudesse recuperar um pouco de força.

13 de fevereiro de 1909. Com a Sra. Georgia, que escreveu:

Estou aqui; hoje é dia 13.

O casamento assenta numa base totalmente falsa. Quando o Senhor de tudo disse "à minha imagem", referia-se à alma, e que o homem, como criança, poderia desenvolvê-la grandemente. O templo é dado no nascimento; cabe-te convidar a alma a habitá-lo.

Perguntei o que queria dizer com "convidar".

Exatamente isto: uma criança nasce com mente e inteligência — isso é puramente físico. A alma é uma cultura, um crescimento do espírito. Compreendes que os teus termos terrenos limitam as minhas expressões?

Então, não existe alma antes do nascimento físico?

A alma é a expressão do mais elevado sentido que é gerado no feto.

É por isso que o período pré-natal tem tanta influência; a responsabilidade masculina termina quando a semente é lançada, a feminina perdura durante todo o período. Nenhuma criança atinge plena compreensão até chegar ao momento físico da primeira função. Consegues perceber o que quero dizer?

Perguntei o que significava exatamente a palavra "atinge" nesse contexto.

Queria dizer ao homem do mar que, quando as crianças atingem o primeiro período, então começa o crescimento da alma; podem expandir ou retrair o seu desenvolvimento espiritual.

Perguntei o que chamava de “primeiro período”.

Atingido — é isso; a idade da puberdade.

A forma como se entra num casamento não influencia o espírito da criança?

Com certeza. Todas as crianças são, mais frequentemente, um acidente do que fruto de planeamento. Os resultados são evidentes com observações cuidadas. Escrevi “vibrações” errado ontem à noite. (Tinha escrito “viberations”.) *A culpa foi da minha rapariga.*

Respondi que isso não tinha importância, pois o Doutor tinha-me pedido para editar o seu trabalho.

Faz isso, ou morro de vergonha.

Pensei que já estavas morto.

Estou vivo em espírito, mas a minha rapariga escreve com tanta rapidez que não consigo parar para pensar na ortografia. (Isto pode ser uma alusão humorística à "nova ortografia" de que se falava nos Estados Unidos dois anos antes.)

O verdadeiro amor não produziria uma criança espiritualmente melhor do que um casamento convencional?

Claro que sim. Um nascimento iniciado no amor é mais favorável do que uma submissão involuntária numa união sem amor. Sabes que cientistas concluíram que filhos ilegítimos têm, em média, um começo melhor do que filhos legítimos, por duas razões: nascem do amor, são concebidos com amor, e a influência pré-natal é de grande perspicácia, pois há o desejo de evitar a descoberta. Isso aguça a inteligência e o cérebro da criança; e o amor proporciona uma realização física perfeita.

Respondi que não via razão para que o verdadeiro amor tivesse de ser ilegítimo.

Pensei que o homem do mar se referia ao Amor que é maior do que a lei ou a ordem.

É verdade; estava a pensar no grande talento de Alexander Hamilton.

Estavas a pensar no ilegítimo. Ele está frequentemente perto de ti — um espírito ousado, intrépido.

A mãe de Hamilton foi uma vítima do seu tempo. Se não tivesse casado com o escocês, poderia ter casado com o pai de Hamilton. O divórcio, na sua época, nas possessões britânicas, era uma sentença de morte social; ela não podia ter feito pior.

O espírito do homem já viveu antes?

Essa é uma fase que não consigo ver, pois cada esfera é como um colégio; eu apenas atingi o terceiro grau.

Quando entraste na vida espiritual, para que esfera foste?

Passei diretamente para esta. Só posso olhar para baixo, para os menos afortunados. O desenvolvimento terreno é o bilhete para a tua esfera.

Vi Myers, e ele quer que venhas na segunda-feira em vez de terça.

Farei o que o Sr. Myers desejar, mas terça-feira é mais conveniente para mim.

Ele diz que acha que o tempo estará melhor na segunda-feira, para ele. É uma alma velha e cansada. (A Sra. Georgia comentou: "Acho que o Sr. Hudson deve ter falecido com algum problema no estômago. Sinto as condições.").

De que doença morreste?

Gastrite foi o meu problema; para a minha rapariga absorvê-lo, é mau. (Ainda não consegui confirmar isto.)

Escrevi ao teu filho através da Universidade de Stanford, na Califórnia. Podes assegurar que ele receberá a carta?

Farei com que saibas o que acontece com ela. (Até agora, em 1911, não recebi resposta.)

Que relação tinhas com Hester Hudson?

Irmã em espírito.

E William Hudson?

Irmão do meu pai. (Ainda por confirmar.)

Hester Hudson era tua cunhada?

Sim. (Correto.)

Devemos copiar agora, Dr. Hudson?

Com todo o gosto.

15 de fevereiro de 1909. Condições atmosféricas muito más. Com a Sra. Georgia, que escreveu com uma caligrafia diferente da dos registos anteriores:

Estou muito fraco hoje. Myers arrasta-se. Aqui é Richard Hodgson. Quero que fales com a minha rapariga. Conseguimos ouvir a tua voz, nada mais.

Quem está a escrever agora?

Vi-o nas sessões com Piper. Myers.

Podes dar-nos algo como prova? Como não te conheci em vida terrena, isso teria ainda mais valor.

Dir-te-ei quando estiver mais forte. Se colocares a tua mão sobre o lápis, talvez ganhe força. (Coloquei a mão sobre o lápis.) Tens uma força muito poderosa. Podes escrever. Irás escrever.

Refere-se a escrita ao espelho?

Sim, isso virá até ti. Deixa-me experimentar.

Expliquei à Sra. Georgia como cheguei a acreditar na existência dos espíritos de amigos falecidos.

Eras agnóstico antes.

A Sra. Georgia disse: "Diz-nos algo sobre o Almirante Moore."

Que tem quatro filhos, oito raparigas e um rapaz. (Correto.) É magistrado num pequeno tribunal da mesma vila (Gosport, divisão de Fareham, Hampshire). Vive na mesma casa há muitos anos, quase 35 anos (na realidade, 28 anos na vila e 20 na mesma casa). Casaste há 30 ou 31 anos (31 anos — correto), num local distante, não em Inglaterra mas sob a tua bandeira. (Correto: Sydney, Nova Gales do Sul.) Conhecias a tua esposa há 35 anos. Viverás nessa casa por 35 anos (provavelmente).

Como descobres estas coisas?

Pelo guia que está ao teu lado. Ela diz-me. Estou à espera de força. Tenho de voltar mais tarde.

O meu guia, de que falaste, está aqui agora?

Sim, mas ela nunca poderá manifestar-se pela mão. (Perguntei uma questão sobre um assunto pessoal em casa. A previsão dada revelou-se correta e era inesperada.)

Podes dar-nos mais alguma informação, Dr. Hudson?

Não ouves a chuva, o granizo e a neve? (As condições atmosféricas eram mesmo das piores.) Hodgson e Myers querem tentar novamente — quarta e quinta-feira. Sim, se o tempo melhorar. Myers era um profeta muito fraco! (Alusão à previsão meteorológica dada por Myers no escrito do dia 13.)

Quarta-feira, 17 de fevereiro de 1909. Com a Sra. Georgia, que escreveu:

O Dr. Hodgson e o Professor Myers não conseguem reunir força suficiente para vir. Sou o homem que entrou contigo. Deixaste o doutor que esperavas na baixa da cidade.

Espero que, se o Sr. Myers não puder vir, o Sr. Hudson me deixe uma mensagem.

O Sr. Hudson não se manifestou diretamente, mas ajudou Iola, o meu guia, a entrar. Esta foi a primeira vez que ela se fez conhecer através da Sra. Georgia. Identificou-se completamente, referiu-se a uma sessão com outro médium particular em Toledo, que ocorrera duas semanas antes, de forma tão precisa que excluía qualquer hipótese de leitura mental. Creio que Hudson foi quem escreveu por ela.

A conversa foi interessante, tratando de assuntos que não são relevantes para o leitor. A Sra. Georgia, com grande gentileza e paciência, continuou a escrever durante uma hora e meia sobre coisas que, quando traduzidas, não poderiam ter qualquer interesse pessoal para ela.

19 de fevereiro de 1909. As condições atmosféricas continuavam extremamente desfavoráveis. Havia desgelo e chovia. Com a Sra. Georgia, que escreveu:

P: Iola está aqui?

R: Sim, estou aqui, mas tens de conversar um pouco. Gosto dela e gosto de vir pela mão dela.

P: Devemos conversar ou usar o grafofone?

R: Conversar. O tempo está tão mau.

(Eu disse: "Sabemos que as condições estão muito más.")

Eu sou o fundador da Sociedade Psíquica. Fui o primeiro presidente dessa sociedade.

P: É o Professor Sidgwick?

R: Morri em Roma. Não, sou Frederick William Henry Myers. Estive em Trinity e Cambridge.

P: Fico muito feliz por ouvir notícias suas, Sr. Myers. Pode dar-me uma prova?

R: Prometi que voltaria, se fosse possível, e deixei um verso, mas não consigo recordá-lo. Escrevi muitos poemas no meu tempo, além da prosa. Escrevi A Vida Futura Científica, em prosa, e São Paulo, em poesia.

(Eu disse: "O que ele quer dizer é *Personalidade Humana e a sua Sobrevivência após a Morte Corporal*.")

Escrevi sete livros no total; morri em 1901, em Roma. (Correto.) Nasci nos anos 40. (Correto.) Não posso ficar, mas o dia foi 6 de fevereiro. Diz ao L. e ao C. que me viste.

P: Lamento muito que tenha de partir. Voltará? Pode enviar Iola?

R: Talvez volte, se conseguir lembrar-me melhor; o ano foi 43. (Correto.)

(Tudo isto foi escrito numa caligrafia incomum. A Sra. Georgia nunca ouvira falar dos trabalhos de Mr. Myers, nem em prosa nem em poesia; nem sequer conhecia o seu nome antes de Hudson o mencionar no escrito de 11 de fevereiro de 1909. Eu nunca tinha visto Mr. Myers. Lera *Personalidade Humana*, *São Paulo*, e alguns artigos seus nos registos da S.P.R., mas não sabia nada dos restantes trabalhos nem conhecia o seu terceiro nome próprio, datas de nascimento e morte, nem nada sobre a sua vida pessoal.

Lembrava-me vagamente de ter lido algo quando foi erguido um memorial em sua homenagem numa das universidades, mas esses factos tinham-me escapado por completo. Só quando regressei a casa confirmei que tudo era verdade. Enviei os escritos à secretária da S.P.R., pensando que poderiam coincidir com algum texto nas suas mãos.

Foi-me devolvido com uma nota cortês dizendo que Miss Johnson "não encontrou nada de evidencial". Penso que o termo "verso" foi mal utilizado por Myers. Ainda assim, considero esta comunicação uma das mais evidenciais já conseguidas, no que toca a identificação pessoal.)

Depois da partida de Myers, Iola entrou, e tivemos uma conversa privada muito interessante para mim, mas sem valor para os leitores.

22 de fevereiro de 1909. Com a Sra. Georgia, que escreveu:

Estou aqui; as condições estão excelentes, o dia glorioso, e o distinto homem do mar está bem-disposto.

P: Iola também está aqui?

R: Quero conversar um pouco; são os toques dela na mesa.

A razão pela qual não estive aqui nas duas últimas vezes foi porque era melhor eu ausentar-me para que Myers pudesse vir. Ele está numa esfera superior à minha e queria muito comunicar contigo.

Ele quer que eu te diga para o chamares, onde quer que estejas, e receberás o verso através de outro médium.

Deves chamar por nós sempre que puderes, porque inspiraremos o teu livro com a atmosfera maravilhosa que trouxeste contigo.

P: O Sr. Myers está aqui?

R: Ele gosta mais do lugar onde está agora do que de estar aqui, e regressar exige um grande esforço. Ele quer manifestar-se através de um inglês; tu és um controlo psíquico muito forte.

P: Pergunta ao Sr. Myers se poderá responder a uma carta junto das Irmãs Bangs na segunda-feira, 1 de março.

R: Ele tentará, mas a mentalidade delas não o atrai tanto quanto esta rapariga. O magnetismo animal pode conseguir sinalizá-lo (desenho de uma bandeira que presumo querer dizer "sinalizar"). Inglaterra no outono!

P: Refere-se à vinda da Sra. Georgia a Inglaterra?

R: Verás a Sra. Georgia em Inglaterra ainda este ano. Tu abrirás o caminho! Conseguirás provar o fenómeno a algumas poucas pessoas muito inteligentes. Vais fazer isso; não voltes para casa sem desmascarar um médium falso. Se fores a um charlatão e o denunciares, terás mais credibilidade junto dos médiuns genuínos.

P: Não tenho interesse em converter ninguém. Se as pessoas não acreditarem que és Thomson Jay Hudson, nada as convencerá da veracidade destes fenómenos.

R: Subir a escada de Jacob é espalhar bons pensamentos. Um dia, revelarei as grandes verdades ocultas na Bíblia. Todos estes fenómenos estão na Bíblia, mas o mundo era tão cego então como é hoje.

P: Já viste o discurso que pretendo fazer na próxima quarta-feira à noite?

R: Verei quando o apresentares amanhã. Não podes fazer nada sem o Almirante.

(Eu disse à Sra. Georgia: "Escreveste antes de eu chegar.")

R: Não comigo. És demasiado egoísta para partilhar as minhas cartas com o mundo; és demasiado amigo de uma boa refeição!

P: A quem te referes?

R: Refiro-me à minha rapariga. Quero que ela desperte! Quero que ela tome consciência do seu potencial espiritual; ela faz isto para te agradar, não para me agradar, nem para educar o público, nem sequer para evoluir a si própria. Sou suficientemente velho para ser o pai dela, por isso tenho o direito de a alertar para este desperdício assustador de talento!

Iola quer entrar, se preferires que seja ela.

P: Tens sido muito amável. Gostaria que Iola viesse.

R: Ficarei contente por vir sempre que estiveres presente. Levo esta mensagem. T. J. H.

Pega noutra folha de papel.

(Lamento não ter tido oportunidade de seguir o conselho de Hudson para "expor um médium". Como se verá mais adiante, o meu correspondente da terceira esfera queria que a sua mensagem fosse o ponto principal do relato das minhas experiências na América e não hesitou em insinuar fraude noutros médiuns para atingir esse fim. No entanto, não adiantou de nada. Não consegui satisfazer esse desejo.)

O resto desta sessão foi ocupado por uma conversa com Iola, que é de interesse apenas para mim.

Aconteceu um incidente curioso quando regressei ao meu hotel. Tive o cuidado especial de guardar todos os meus papéis referentes a esta sessão numa só gaveta do quarto. À noite, encontrei-os divididos em dois grupos: a segunda parte estava na gaveta onde os tinha colocado originalmente; a primeira parte apareceu noutra gaveta, uma que nunca usara para guardar registos de sessões, nem sequer para outras cartas ou papéis. Esta separação foi explicada no dia seguinte, como se verá a seguir.

28 de Fevereiro de 1909. Com Sr.ª. Georgia.

Esta sessão foi inteiramente ocupada com comunicações de Iola.

Perguntei-lhe se podia dizer-me algo sobre os meus papéis da noite anterior.

Ela respondeu que sim, que tinha estado lá e os lera para ver se conseguia escrever com clareza.

Perguntei por que razão colocara metade dos papéis na gaveta errada.

Respondeu que queria que eu soubesse que fora ela e acrescentou que fora um pouco descuidada em vida.

Comentei que, embora não me lembrasse com certeza, achava que sim, que ela o tinha sido.

Ela replicou que os parentes próximos deviam saber.

24 de Fevereiro de 1909. Com Sr.ª. Georgia.

Esta sessão também foi ocupada por comunicações de Iola. Seguem-se alguns excertos.

Perguntei-lhe se tinha visto Hipátia.

Ela respondeu que não.

Disse-lhe que Hipátia tinha aparecido no gabinete de Jonson.

Ela respondeu que não a tinha reconhecido, que naquela altura Hipátia não lhe interessava. Estava demasiado exausta.

Perguntei se sabia que eu tinha um retrato de Cleópatra.

Respondeu que sim, que sabia tudo sobre Cleópatra.

Ele tem um ramo de carvalho no bolso, uma bolota de ouro. Pedi-lhe que retirasse uma corrente do bolso exterior. Isto foi um incidente notável. Tirei do bolso exterior do meu casaco a chave do meu quarto no hotel. Estava presa por uma corrente de aço a uma bolota dourada. Nem vale a pena dizer que Sr.ª Georgia não fazia ideia do que tinha no bolso.

25 de Fevereiro de 1909. Com Sr.ª Georgia.

Pedi a Sr.ª Georgia que experimentasse fazer escrita automática invertida enquanto lia em voz alta. Trouxe-lhe um dos livros da sua biblioteca, uma peça de Victor Hugo, e enquanto me lia, escreveu. A escrita saiu algo desorganizada. Fiz uma primeira pergunta ao Dr. Hudson.

Perguntei se ele estivera comigo na noite anterior quando transmiti a sua mensagem, durante uma palestra no hotel.

Respondeu que sim, que lá estivera. Disse que se eu quisesse que a sua rapariga atraísse Iola, teria de guardar o primeiro mandamento. Não ter outros deuses antes dela; neste caso, "deuses" com letra pequena, sem irreverência. Que continuasse a ler. Sem desrespeito ao Deus Eterno.

Comentei que achava que Myers também tinha intervindo aqui.

A resposta veio dizendo que não conseguia escrever com barulho na mente. Explicou que Iola não podia usar a mente consciente da sensitiva, porque isso interferia com o processo. Iola não queria que houvesse outros "deuses" antes da sua escrita.

Aquela era uma mensagem de Myers.

Sr.ª Georgia parou de ler a peça de Victor Hugo.

Perguntei se poderiam responder a uma carta em Chicago, na segunda-feira seguinte às 11h da manhã.

Responderam que sim, que tentariam vir. Explicaram que utilizavam o subconsciente da sensitiva para recolher o material terrestre e que eu prejudicava os seus recursos ao ocupar-lhe a mente consciente. Que ela era um reservatório de onde extraíam informação. Se o acesso fosse cortado, não conseguiriam oferecer grandes realizações.

Perguntei se poderiam dar-me uma prova para Sir (nome omitido).

Responderam que poderiam vir, mas que isso esgotaria a força da boa condição presente. Por isso é que ela (a sensitiva) recordara o primeiro mandamento. A referência aos "outros deuses" era uma metáfora. O subconsciente era o seu princípio divino de ação; o consciente era físico e humano.

Sr.ª. Georgia perguntou se todos os médiuns tinham isso. Eu respondi que todos tinham, mas que nem sempre estava desenvolvido pela educação ou experiência.

Apareceu então Iola com uma mensagem privada.

Perguntei se Mr. Myers tinha assinado.

Responderam que sim. Aqui estava a assinatura: F. W. H. Myers. Acrescentaram que ele nunca usava mais do que as iniciais. Pediu mais uma folha de papel.

Iola entrou e ocupou o restante tempo da sessão com reminiscências interessantes da sua vida na Terra.

Numa sessão anterior, perguntei como era possível que Iola, estando numa esfera e reino superiores, precisasse da ajuda de Hudson, que estava na terceira esfera e sem reino, para se manifestar. A resposta foi que ela era superior espiritualmente e ele intelectualmente. Hudson também explicou que estudara os métodos de comunicação com o plano terrestre e, por isso, estava mais apto a aproximar-se de mim. Parece ser um facto que, quanto mais um espírito progride para longe das condições terrenas, mais difícil se torna usar meios materiais para se manifestar.

Vou agora relatar como quase fui induzido em erro por uma comunicação assinada por Iola, mas que na realidade vinha de Hudson. Esta história não é favorável para a reputação de Hudson. Quando a fraude foi descoberta, ele pediu-me que a guardasse para mim. No início pensei em fazê-lo, não tanto por ele, mas pelas Bangs Sisters. Um crítico superficial, ao ler a narrativa seguinte, poderá pensar que contém provas contra essas médiuns. Eu não partilho dessa opinião, e sinto-me na obrigação de relatá-la, pois é uma prova de primeira ordem da ação espiritual e mostra como espíritos pouco evoluídos mantêm os mesmos instintos humanos que as pessoas aqui na Terra.

Durante a terceira semana de Fevereiro, escrevi às Bangs Sisters a dizer que ia regressar a Chicago para mais testes e que talvez me sentasse para obter um retrato de Hipátia. Ao mesmo tempo, encomendei uma moldura do mesmo tamanho daquela já pedida para o retrato de Cleópatra (as molduras levam quatro semanas a fazer). Informei Iola da minha intenção.

Para minha surpresa, ela mostrou-se fortemente contra essa ideia, como se verá a seguir. Quando insisti nas razões, ela (ou Hudson, escrevendo em nome dela) declarou que o retrato já estava feito e deu-me uma descrição vaga da sua aparência. Contudo, à medida que a escrita avançava, tornou-se claro que Hudson receava que os seus próprios textos perdessem impacto em Inglaterra se fossem apresentados lado a lado com os relatos dos retratos feitos pelas irmãs Bangs. Por isso, fez todos os possíveis para me impedir de obter mais retratos e tentou descreditar as Bangs Sisters desafiando-as a responder a uma carta que ele próprio ditaria através de Sr.ª. Georgia.

26 de Fevereiro de 1909. Com Sr.ª. Georgia.

Disse-lhe: "Gostava de saber se Iola esteve connosco ontem à noite na Igreja de Plymouth."

Ela respondeu que sim, que esteve na primeira parte da palestra, mas não conseguiu ficar. Sentiu a influência depressiva da multidão.

Perguntei se compreendia que, de futuro, o seu nome "Iola" substituiria o "X" nas narrativas futuras.

Respondeu que sim, que preferia muito mais assim. Que "X" parecia um símbolo de álgebra, representando uma qualidade ou quantidade desconhecida.

Perguntou a que horas partia o meu comboio. Respondi que às 17h30 para Chicago. Ela disse que queria avisar que eu não conseguiria encontrar o livro de Arnold. Isso estava certo. Na sessão anterior, Iola tinha-me recomendado que fosse a uma loja da cidade comprar um certo livro. Quando lá fui, o livro não estava disponível.

Ela disse que gostava que eu não fosse para além de Detroit.

Perguntei porquê.

Respondeu que queria que eu voltasse para M. G. (as iniciais estavam corretas). Disse que, se eu fosse a Chicago, não deveria procurar outra mulher, referindo-se ao retrato de Hipátia. Acrescentou que já bastava. Que, se eu fizesse a experiência, devia deixá-la por ali. Que não devia tentar obter esse retrato; que já tinha Cleópatra.

Respondi que queria o retrato para fins educativos, não por gratificação pessoal.

Ela respondeu que não podia esperar educar os tolos britânicos que são teimosos como porcos. Que tais experiências, para terem valor educativo, teriam de ser pessoais. Que eu devia poupar os meus dólares. Que, se quisesse, podia oferecer Cleópatra à Sociedade, mas não ao museu. (Esta foi uma observação curiosa, pois nunca me passara pela cabeça oferecer o retrato nem à S.P.R. nem ao Museu Britânico, embora tivesse pedido a este último que guardasse a obra por algum tempo.)

Escreve às irmãs Bangs e informa-as de que o teu plano em relação ao retrato foi alterado, e verás que insistirão para que o aceites. Já está feito! Aqui fala Thomson Jay Hudson.

Espera, experimenta o meu plano e verás que tenho razão. O envio do telegrama custar-te-á 40 cêntimos. Faz isso. Digo-te isto a pedido de Iola. A mulher está retratada como loira, com

cabelo solto; a túnica é branca, de estilo grego (razoavelmente correto). Foi a pedido dela que investiguei o assunto. Numa folha separada, escreverei uma carta para a senhora Georgia ler. Sim, ela está presente. Tens de perceber que eles são preguiçosos; a imagem muda no papel, poupa-lhes esforço — o pouco que têm. Iola está aqui enquanto te escrevo. – T. J. H.

Escreverei uma carta para entregares e que será duplicada em papel químico. Deverás selá-la sem a leres. A senhora G. guardará a cópia aqui; verás que o conteúdo se altera, apenas isso.

Escreverei uma nota científica com um teste que eles nunca conseguirão responder; é um teste que Iola quer que utilizes para te prevenir; ela avisou G. sobre o retrato; ela não gosta do retrato de Hipátia. (Iola entra agora.) Quero que o teu teste termine com a Grã-Bretanha. Quero dizer, não aceites esse retrato; testa as cartas das irmãs Bangs, mas não aceites mais retratos. Verás que tenho razão quando perceberes que te forçarão a aceitar o retrato. Acho que ainda não te direi tudo, até voltares a ver a senhora Georgia. Mas não deves aceitar o retrato. (Fiz um comentário sobre já ter encomendado o retrato e, por isso, ter de aceitá-lo.) "Então aceita um meu."

Têm de te entregar a cópia do retrato de rosto inteiro. Envia um telegrama e verás como tentam impor-te o retrato da mulher de cabelo comprido. Quero que seles o retrato com o teu sinete...

P.: "O retrato que tenho de ti não é uma precipitação genuína?"

R.: "É genuíno nalguns aspetos, mas pensa: se fui capaz de te dar um, por que não outro? Achas-me limitada?"

O teste tem de ser feito de modo a dignificar a tua crença; sim, sou eu, Iola. Digo-te que vim até ti através do retrato, mas não quero que aceites mais nenhum. Se enviares o telegrama, eles não te poderão obrigar a manter a meia encomenda. Disse-o porque eles não conseguirão fornecer esse retrato. Se um espírito pode pintar um — um espírito artista — porque não um retrato de rosto inteiro? Está o artista limitado? Eu estou lá, o teu retrato está lá, mas verás que tenho razão. Poupa o dinheiro, seis libras.

Se te obrigarem a aceitar algum, insiste que seja esse o retrato que queres. Diz à May Bangs que não aceitarás nenhum outro, a menos que possam dar-te esse com semelhança perfeita; isso poupar-te-á as seis libras. O teu objetivo é provar, não ser enganado. Vou tentar impedir que isso aconteça. Envia o telegrama e faz o teste da carta. Quero que te certifiques de que o teste das cartas seja isolado e autónomo.

Se testares apenas a carta, Crookes perceberá que levaste a sério o seu pedido. Vais prejudicar o efeito do teu teste se misturares a experiência com o retrato; isso prejudicará a influência do teu livro, pois as pessoas acreditarão no teste das cartas, mas não no do retrato. Vou descansar dez minutos.

(Decorridos cerca de dez minutos.)

Quero que proves aos povos de língua inglesa que o teu teste às cartas é puramente mental, sem artifícios. Sei que o retrato (o retrato de Ida) está correto. Ele não sabe; é por isso que

não deves aceitar mais nenhum. Já fizeste o suficiente pelas irmãs Bangs. Envia-lhes o telegrama sem falta. Hudson falou por mim, por isso não reconheceste o meu "estilo" literário.

Tens de pedir ao homem de Nova Iorque (Dr. James Hyslop) que investigue a senhora Georgia, pois os trechos que ele publicar do teu livro irão gerar grande interesse neste país. Eu sou Iola, quero que o teu livro chegue ao mundo.

Hudson ditou então à senhora Georgia uma carta para eu levar às irmãs Bangs. Não li o conteúdo até receber a resposta em Chicago, a 4 de março.

Durante a conversa, disse à senhora Georgia que o principal motivo do meu regresso a Chicago era obter um novo teste às cartas das irmãs Bangs, para Sir William Crookes (ver Capítulo VII). Falámos sobre a minha visita anterior a Chicago, e ela viu o retrato de Iola a que se faz referência acima. Ambos acreditávamos na autenticidade das manifestações das irmãs Bangs. O texto acima foi escrito com grande clareza e rapidez, como era habitual nela, em escrita espelhada.

Para mim, o aviso era incompreensível. A veemente rejeição do retrato proposto de Hipátia contrastava com o tom geralmente suave das comunicações de Iola. Sabia que Hudson queria que a sua mensagem tivesse destaque no relato das minhas investigações, e sentia fortemente que não era contra os desejos de Iola que eu obtivesse o retrato de Hipátia, que, estou certo, a tinha ajudado na vida espiritual. Não enviei o telegrama, deixando que as coisas se resolvessem por si quando chegasse a Chicago no dia seguinte.

No sábado, 27 de fevereiro, fui ter com as irmãs Bangs. Disse-lhes que tencionava obter um retrato, mas que provavelmente não seria o de Hipátia. A irmã mais velha respondeu: "Faz como quiseres; mas e a moldura dourada que pediste que fosse feita?" Respondi: "Isso não tem importância; podem usá-la para outro retrato. Estão sempre a precisar de molduras para os retratos desta dimensão precipitados através da vossa mediunidade."

Não houve qualquer objeção; não tentaram insistir em fazer aquele retrato em específico. À noite, coloquei uma carta fechada para o meu guia entre as ardósias, depois de May Bangs ter visto o exterior do envelope, e recebi uma resposta (quanto aos métodos, remeto o leitor para o Capítulo VII). A principal questão que coloquei foi: "Ela (Iola) poderia dar-me um retrato de corpo inteiro na segunda-feira seguinte, 1 de março?" Eis excertos da sua resposta:

Sei exatamente o que pretendes. Posso manifestar-me com semelhança na tela mais pequena, mas acho que deverias escolher uma tela maior e com forma de painel, consideravelmente mais longa num dos sentidos; será mais artística e elegante. Pode parecer-te estranho que te faça este pedido, mas faço-o porque vejo que as oportunidades não voltarão a ser favoráveis. Quero que poses para o retrato de Hipátia enquanto estiveres aqui. Hipátia foi uma grande ajuda para mim na progressão espiritual e está profundamente interessada no teu progresso mediúnico.

Pode parecer-te estranho que tenha alterado o plano, mas há uma razão que te explicarei plenamente. Das duas, preferia dar-te o retrato de Hipátia, mas sei que nos permitirás a ambas aparecer, e não te arrependerás. Pergunta aos médiuns sobre a tela em forma de painel

para o meu retrato. Eu hei de impressioná-los com o que quero dizer.
(Assinado) Iola.

No exterior do envelope estava a instrução: "Lê a tua mensagem antes de partires, para que possas combinar com a médium." Ficou então decidido que posaríamos para o retrato de Iola na manhã de segunda-feira.

Na segunda-feira, 2 de março de 1909, disse às irmãs Bangs que queria obter um retrato precipitado de Hipátia, bem como de Iola. Elas propuseram, como teste da sua mediunidade, que tentássemos obter ambos nesse mesmo dia. Enquanto esperávamos que as telas em painel viessem da cidade, May Bangs trouxe-me duas grandes telas que seriam usadas para o retrato de Hipátia, para eu as inspecionar. Estavam empenadas, e manifestei a minha objeção a utilizá-las; mas, como May Bangs disse que tinham esgotado todas as outras, concordei em tentar endireitá-las. Pregámo-las então a uma parede e deixámo-las ali durante quatro horas.

Às 11h20, chegaram as duas telas em painel vindas da William Horsley and Co., localizada na Rua Clinton, números 17-19 — ainda húmidas. Colocámo-las à janela, sob a luz direta do sol, e permanecemos junto delas até secarem. Este processo demorou cerca de vinte e cinco a trinta minutos. Depois de secas, foram colocadas novamente à janela; e às 11h50 iniciámos a sessão para o retrato. Este foi precipitado em dez minutos e, por volta das 12h20, saí de casa para almoçar no Hotel Annex, a cerca de três quilómetros de distância.

Para uma descrição mais completa da execução deste retrato e do de Hipátia, remeto o leitor para o Capítulo VII. Basta dizer aqui que o retrato de Hipátia foi precipitado com sucesso às 16 horas. Cerca das 20h30, May Bangs veio ter comigo com duas telas direitas, dizendo: "Encontrei duas telas que não estão empenadas. Preferes usar estas em vez das que pregámos à parede?" Respondi: "Não; fiquemos com as empenadas", e retirámo-las da parede para as usar.

Nessa noite, escrevi uma carta a Iola; e, entre outras coisas, perguntei-lhe qual o significado desta mudança repentina — ou seja, o facto de me pedir que posasse para um retrato de Hipátia depois de ter feito tudo ao seu alcance em Rochester para me impedir de o obter. Incluí quatro folhas de papel em branco com uma marca privada, para a resposta, e fechei o envelope com goma. Na manhã seguinte, terça-feira, 2 de março, levei esta carta a May Bangs e fiz uma sessão com ela para obter a resposta. Eis alguns excertos da carta-resposta:

Relativamente às mensagens em Rochester sobre o retrato de Hipátia, direi apenas que fui influenciada nas minhas comunicações pelo Prof. H—. Compreendes... e quando estava livre e independente, comuniquei diretamente. Fico feliz por teres seguido o meu desejo. Teria ficado realmente desapontada se tivesses regressado a Inglaterra sem o retrato. Tratou-se, pura e simplesmente, de um espírito tentar dominar outro. Estas experiências não deves divulgá-las ao mundo agora; chegará o tempo em que todas essas comunicações ainda em desenvolvimento terão o seu lugar. Thomson Jay Hudson é inteiramente responsável pela mensagem transmitida — mas deixa isso passar.

Já referi que Hudson escreveu uma carta por intermédio da Sra. Georgia poucas horas antes de eu sair de Rochester, cujo conteúdo eu desconhecia. Levei essa carta à casa das irmãs

Bangs a 4 de março, e May Bangs e eu fizemos uma sessão para obter uma resposta; a médium viu a carta, mas não a tocou. Quando regressei ao hotel, abri-a pela parte superior e li o conteúdo, que era o seguinte:

A Hester e Thomson Jay Hudson:

Onde nasci?

Quantos anos tinha quando morri?

Qual era a minha situação financeira?

Onde está o meu filho?

Qual era o seu primeiro nome?

Tentarei responder a todas estas questões através das irmãs Bangs; se não for possível, que o seu guia as responda corretamente, assinando com o nome completo G. S. H. S.

Thomson Jay Hudson.

(G. C. H. S. são as iniciais completas de Sr.ª. Georgia.)

Resposta: Meu bom amigo, irmão e companheiro de trabalho,

Saúdo-te hoje e fico muito grato por poder comunicar contigo através desta influência. Agora percebo o quão pouco sabia em vida comparado com tudo o que há para conhecer. São pequenas coisas como este fenómeno que confundem os poderosos.

Reconheço sinceramente que, nas minhas investigações enquanto encarnado, fui demasiado preconceituoso para ser honesto em certos aspetos. Hoje vivo acima desses princípios e esforçar-me-ei por trazer fenómenos que sirvam de prova inequívoca de todo o poder psíquico e da continuidade da vida após a morte.

Nas minhas comunicações recentes, em que te aconselhei a não obter o retrato de Hipátia, fui influenciado por outras inteligências, tal como o espírito Iola foi influenciado pelos meus conselhos; mas, desde que tive o prazer de vir até ti aqui, testemunhar o poder maravilhoso e o trabalho realizado, e perceber todo o bem que está planeado, fico encantado por terem ocorrido mudanças e por teres o retrato.

Com amizade, sempre ao serviço da luz e da verdade,
Thos. Jay Hudson.

O texto acima está escrito com a mesma caligrafia das outras respostas obtidas através da mediunidade das irmãs Bangs. Se estas cartas fossem retiradas da sala e as irmãs Bangs conseguissem ler escrita espelhada, não haveria nada nas respostas que indicasse intervenção supranormal. No entanto, o que está acima não é tudo o que encontrei na carta de Hudson. Na segunda metade da última página, havia um pós-escrito, escrito a lápis azul e em escrita espelhada, com uma caligrafia diferente do corpo da carta e também diferente da escrita mediúnica da Sra. Georgia, que dizia o seguinte:

Estas perguntas [as questões de Hudson em escrita espelhada transmitidas pela Sra. Georgia em Rochester] serão respondidas através do poder psíquico da médium pela qual foram escritas; tanto os médiuns como os guias compreendem agora.

No exterior do envelope estava escrito: "Meu bom amigo — Guarda esta carta para ti por razões que explico no interior. — Thos. Jay Hudson." A caligrafia deste pensamento adicional parece ser a mesma do corpo principal da carta.

Não dou demasiada importância ao facto curioso de Hudson admitir ter aconselhado Iola a não obter o retrato de Hipátia, pois May Bangs sabia que eu tinha recebido várias mensagens de Hudson em Rochester, embora não soubesse através de quem — nem sabe ainda hoje. Disse-me: "Hei de conseguir dizer-te quem é esse médium", mas foi incapaz de o fazer. A Sra. Georgia e as irmãs Bangs não têm qualquer conhecimento uma das outras.

Enquanto a resposta estava a ser escrita, May Bangs disse-me: "O autor desta carta chama-se Thomson Jay Hudson." A assinatura no final das perguntas de Hudson estava em escrita espelhada.

O meu principal objetivo neste capítulo é demonstrar que Hudson continua vivo. Suponhamos, por exemplo, que não acreditamos na autenticidade das irmãs Bangs — existirá algum facto concreto, entre os vários incidentes complexos que acabo de relatar, que, tomado isoladamente, prove a sua existência continuada? Admitamos que as médiuns em Chicago seriam capazes de escrever em espelho com a maior perfeição — seria possível fazê-lo de tal forma que, se o papel (um dos mais finos disponíveis, tipo papel de imprensa) for segurado sob uma determinada luz e num ângulo específico em relação à linha de visão, a escrita se torne invisível?

No verso desse papel extremamente fino não há qualquer marca de pressão; e, a não ser que seja observado sob as condições certas, a escrita do outro lado não é visível. Na medida do possível, isto constitui uma prova de intervenção espiritual — embora não necessariamente de Hudson.

Mas existe uma prova direta da presença de Hudson. No pós-escrito afirma-se: "Estas perguntas serão respondidas através do poder psíquico da médium pela qual foram escritas."

Será que isso se concretizou? Se sim, então Hudson teria inevitavelmente estado comigo em Chicago.

Ora, a 6 de março — o dia em que deixei Chicago rumo a Nova Iorque — a Sra. Georgia escreveu uma mensagem automática em Rochester:

"Sim, sou Hudson. Vim responder às minhas perguntas. Não consegui entrar em sintonia com as irmãs.

Nasci no mesmo dia em que nasceu o pai da minha pátria, a 22 de fevereiro (não confirmado), 1848. Enganei-me nos números — foi em 1834. (Correto.) Vês, também cometo erros. Nasci numa pequena vila em Ohio chamada Windham. (Correto.)

A minha situação financeira era razoável; o meu filho tem a minha influência e Hester também está com ele. Ela conhece bem o seu trabalho e o seu nome. Estou cansado agora.
T. J. Hudson."

A Sra. Georgia perdeu esse documento durante seis semanas, mas disse-me que tinha recebido a mensagem quando nos encontrámos em Nova Iorque, a 13 de março, e comunicou-me o seu conteúdo. Talvez Hudson soubesse que ela o tinha extraviado, pois, quando a visitei na casa da Sra. Brattan, no Central Park West, nesse mesmo dia, sentiu-se impelida a escrever:

"Sou Hudson, quem respondeu às perguntas em Rochester. Nasci no aniversário de Washington, em 1834, numa pequena cidade do interior do Ohio chamada Windham. A minha condição financeira na altura da morte era apenas... [palavra ilegível]. O nome do meu filho era Jonson (ou Thomson?)."

Hudson disse que não conseguiu estabelecer sintonia com as irmãs Bangs. Presumo que isso significa que não conseguiu escrever diretamente através delas; mas, ao que parece, conseguiu influenciar o guia de escrita delas e precipitar a mensagem que chamei de "pós-escrito". Já disse anteriormente que a senhora de Rochester nada sabia (para além do nome) das médiuns profissionais de Chicago, nem estas sabiam nada sobre a Sra. Georgia. Não é possível que tenha havido qualquer comunicação entre elas. Não tenho dúvidas de que Hudson esteve comigo em Chicago.

Todos os dados da vida de Hudson que consegui verificar revelaram-se corretos. Ele nasceu em 1834 — embora eu não saiba o dia exato; escreveu os livros que afirma ter escrito, na ordem em que os mencionou; era um homem de múltiplos ofícios; exerceu advocacia em Cleveland, Ohio, e ocupou um cargo governamental em Washington. O nome da sua cunhada era Hester; e faleceu, como diz, em 1908. Quanto aos restantes pormenores, considero-me devedor a quem me possa confirmar a sua veracidade. Se estas linhas forem lidas por algum dos seus amigos que conheçam os factos, agradeceria imenso que me contactassem. Não consegui localizar o seu filho.

Ao despedir-me neste capítulo da jovem espirituosa e talentosa que escreveu para mim em Rochester, deixo aqui publicamente os meus sinceros agradecimentos pela sua gentileza. Passou muitas horas fatigantes a escrever por pura generosidade. O que transcrevi neste capítulo representa apenas metade do total de escrita que veio pela sua mão. Iola inspirou-a a escrever cerca de cinquenta ou sessenta páginas sobre assuntos que eram de grande importância para mim, mas que não lhe poderiam interessar minimamente.

Escrever em espelho pode ser aprendido sem grande dificuldade, mas a Sra. Georgia nunca o estudou. Ninguém ficou mais surpreendido do que ela própria ao descobrir esse dom. Tudo foi feito à plena luz do dia, com exceção de dois casos experimentais; ela nunca entrou em transe, e a escrita era geralmente clara e fácil de ler. Como nunca tinha lido literatura psíquica, as referências que surgiram nos escritos são particularmente valiosas. A nossa última sessão foi em Nova Iorque, a 18 de março de 1909, especialmente organizada para o Dr. James Hyslop.

O Dr. Funk também esteve presente. A Sra. Georgia nunca o tinha conhecido antes dessa noite e não tinha lido o seu livro *The Widow's Mite*. No meio da sessão, o Dr. Funk dirigiu uma

pergunta a Hudson: "Doutor Hudson, escreveu-me uma carta poucos dias antes de morrer. Consegue dizer-me a que se referia?" A resposta surgiu de imediato, pela mão da minha amiga: "Referia-se a uma pequena moeda." Gostaria que os leitores consultassem a página 507 de *The Widow's Mite* para compreenderem o significado desta resposta. Os documentos redigidos nessa sessão estão na posse do Dr. Hyslop, que, creio, teve sessões posteriores com a Sra. Georgia.

Pode argumentar-se que uma jovem dramaturga com tanta imaginação como a Sra. Georgia poderia inventar, sem qualquer influência do além, as situações e os diálogos algo rudimentares que surgiram nas nossas sessões. Admito que essa ideia me passou pela cabeça; mas rapidamente foi descartada ao observar a facilidade com que escrevia da direita para a esquerda. A rapidez e a naturalidade com que produzia essa escrita espelhada não permitiam qualquer elaboração prévia de pensamento. Além disso, teria sido impossível para ela inventar as recordações precisas de Iola.

Não consigo compreender o truque do Dr. Hudson ao tentar impedir-me de obter o retrato de Hipátia, nem o facto de ter convencido Iola a emprestar o seu nome à farsa. Provavelmente queria assegurar que a sua mensagem se tornasse o elemento mais marcante do relato que sabia que eu iria escrever. Mas de uma coisa estou certo: ele queria que os seus leitores soubessem que era capaz de comunicar com o plano terreno e, assim, corrigir os erros que transmitira nos seus livros — apesar de, no geral, serem excelentes. Deixemos as coisas assim.

Estou-lhe grato por me ter dado a oportunidade de ser seu porta-voz e de aprender, em primeira mão, o facto da sua existência continuada. Não pretendo compreender por completo tudo o que ele impeliu a médium a escrever, nem afirmo que não tenha cometido erros. Todo o conhecimento nasce do erro. A astronomia surgiu das cinzas da astrologia medieval; a química evoluiu da alquimia. Sabemos muito pouco, mesmo os mais sábios da nossa era. Quem pode prever quando surgirá um novo Darwin que, a partir dos registos das nossas lutas no labirinto obscuro da investigação psíquica moderna, construa uma crença definitiva?

Carta da Sra. Georgia ao Almirante Usborne Moore

Rochester, N.Y.,
16 de setembro de 1910

Meu caro Almirante,

É com muito gosto que lhe dou um breve relato sobre mim mesma e respondo às suas perguntas.

Não sou espiritualista no sentido habitual do termo; nem, à data em que nos conhecemos, alguma vez tinha inclinado a minha fé nessa direção. Acredito que o conhecimento dos factos e fenómenos espiritualistas não entra em conflito com a religião em que nasci e fui criada.

O meu pai, o Coronel H—, faleceu em abril de 1902; a sua morte foi súbita e inesperada, pois gozava de boa saúde até sofrer um ataque de paralisia. A nossa dor foi tanto maior por estarmos completamente desprevenidas.

Os meus pensamentos voltaram-se para o espiritualismo devido a um sonho. Ouvi claramente a voz do meu pai a dizer-me: "Se tirares o auscultador do telefone, eu falo contigo." A vibração da sua voz despertou-me, e fui imediatamente ao telefone, plenamente convencida de que o que o sonho prometera se concretizaria. Escusado será dizer que não havia mensagem alguma, e fiquei profundamente desapontada. No entanto, esse sonho levou-me a procurar a única via que conhecia — o médium espiritualista.

Descrente, mas esperançosa, assisti a uma palestra. O orador, um psíquico profissional, aproximou-se de mim e disse: "Tens o dom da escrita." (Eu estava a envolver-me em algumas iniciativas literárias, pelo que não liguei muito.) "Vem ter comigo e eu ajudarei a desenvolver esse dom."

No dia seguinte, procurei outro médium, que me disse exatamente o mesmo; e nessa noite, sentei-me com uma amiga que tinha sido educada na crença espiritualista, numa sala escura. Estávamos viradas para norte e entoávamos em uníssono: "Queremos os nossos guias, os mais elevados e os melhores."

Em menos de uma hora, as minhas mãos começaram a tremer e perdi o controlo; em poucos instantes, estava em histeria, a chorar convulsivamente. A minha amiga, a Srta. W—, colocou um lápis na minha mão e tentou acalmar-me dizendo: "Está tudo bem." No entanto, eu estava em pânico; e quando o lápis se moveu sem que eu o dirigisse, gritei e recusei continuar a sessão no escuro.

Acenderam-se então as luzes. Apesar de ainda estar muito nervosa e agitada, a Srta. W— insistiu que eu mantivesse o lápis na mão para não perturbar as condições. Cedi à sua vontade e, ao segurar o lápis, percebi que ele começou lentamente a mover-se, escrevendo algumas frases de forma direta; depois, alterou-se e escreveu da direita para a esquerda, numa língua que julgávamos estrangeira. Algumas semanas mais tarde, ao pôr o chapéu diante do espelho, vi escrita no vidro a frase "Jennie Reutlinger" (nome que ninguém nesta casa conhecia). Ao olhar em volta, percebi que era o reflexo de uma das folhas que eu tinha escrito. Peguei nelas, segurei-as diante do espelho e descobri que aquilo que pensara ser uma escrita estrangeira era, afinal, uma longa história pessoal de uma desconhecida, escrita em inglês — mas ao contrário.

Continuei a escrever todas as noites, na expectativa de que a escrita regressasse ao estilo direto e de que recebêssemos alguma mensagem pessoal. Curiosamente, os primeiros escritos não tinham uma única frase privada; referiam-se a pessoas de quem nada sabíamos. Mas à medida que as forças se tornaram mais intensas, as mensagens tornaram-se pessoais e trouxeram grande consolo a mim e à minha mãe.

Um aspeto estranho desta escrita psíquica é que sinto grande relutância em escrever para pessoas de fora. Até começar a escrever para si, recusei persistentemente fazê-lo para qualquer outra pessoa além da minha querida mãe, que retirava imensa felicidade dessas

mensagens. Não fosse a influência dela, nunca teria continuado com a escrita, pois sentia sempre um temor pessoal estranho ao fazê-lo — uma sensação inquietante, semelhante à que se sente ao andar por um lugar desconhecido. Nunca consegui libertar-me disso.

No outono de 1908, o Sr. A. W. Moore, desta cidade, pediu-me como favor que escrevesse para um amigo inglês que vinha à América para investigar o espiritualismo. Naturalmente, o Sr. Moore queria mostrar ao seu compatriota alguns fenómenos fora dos circuitos habituais. Concordei então em fazer o que pudesse quando o tal estranho chegasse.

Nunca tinha ouvido falar de si, e dei pouca importância à conversa acima mencionada até que, nas mensagens noturnas para a minha mãe, começaram a surgir referências ao "Homem do Mar." Nessa altura, estava a escrever uma peça para os irmãos S—, e nos dias em que me mostrava demasiado indolente para continuar, aparecia na escrita automática da noite a ameaça: "Se não trabalhares na tua peça, serás humilhada diante do inglês." A minha escrita vinha sempre assinada como "Líder da Banda."

Na tarde de dezembro de 1908, quando veio visitar-me pela primeira vez, enviou-me uma carta do Sr. A. W. Moore. Nela, era apresentado como "Sr. Moore." Tinha um compromisso marcado, mas, devido a uma forte impressão que senti no início da tarde, desmarquei-o. Nem a mim mesma conseguia explicar porquê, pois tinha planeado esse encontro com entusiasmo. Como se veio a confirmar, isso deixou-me livre para o receber; e, como lhe disse na altura, estou convencida de que alguma influência exterior interveio para evitar que eu estivesse ausente quando chegou à casa. Tudo indica que "há um destino que molda os nossos fins, por mais que os tentemos talhar." Fiquei tão surpreendida quanto o senhor quando a primeira das nossas mensagens foi escrita.

Não tinha qualquer conhecimento sobre as diversas pessoas que escreveram para si através da minha mão, nem sobre aquelas mencionadas nas mensagens. De facto, já tinha ouvido falar de Sir W— C—, mas desconhecia as suas invenções ou que fosse casado.

Quanto ao Professor L—, ao Dr. Funk, ao Dr. Hodgson e ao Sr. Myers, nunca tinha ouvido falar deles. Sabia que o Sr. James ocupava uma cátedra em Harvard, mas nada mais; e nada sabia sobre o Professor James Hyslop, exceto o nome, até fevereiro de 1909.

Do Dr. Thomson Jay Hudson, que me controlou durante as sessões consigo, apenas sabia isto: que, anos antes, tinha lido, de forma ocasional, um livro chamado *The Law of Psychic Phenomena*, escrito por um tal Hudson; não conhecia os seus nomes próprios. Recordo vagamente o livro como sendo um que consultei durante uma leitura geral; foi o único que alguma vez li sobre esse tipo de temas. Nunca ouvi falar de *The Widow's Mite*.

Até nos conhecermos, não tinha visto nem ouvido falar de quaisquer médiuns em Toledo, Detroit ou Chicago. Quando era rapariga (cerca de catorze anos, em 1889), visitei uma vez Detroit, Michigan, com os meus pais. Ficámos hospedados no Russell Hotel, o melhor da cidade na altura.

Pergunta-me se tive experiências invulgares em criança. Quando tinha sete ou oito anos, vi o rosto de Cristo com tal nitidez que nunca esqueci essa impressão; mas os meus pais

consideraram a visão um fruto da imaginação. Na primeira noite em que escrevi automaticamente, julguei ver o contorno de uma mulher que era costureira da família e que falecera pouco antes de o meu pai adoecer. Nunca fui dada a histórias de fantasmas.

Nunca aprendi "escrita espelhada"; na verdade, nunca tinha visto tal coisa na vida até ler "Jennie Reutlinger" no espelho.

Não tenho qualquer consciência do conteúdo do que é escrito pela minha mão, e um fenómeno curioso é que nunca consigo lembrar-me do que foi escrito. Contudo, se uma profecia feita durante uma sessão se concretiza, recordo instantaneamente que me tinha sido dita "antecipadamente".

"Tenho impressões fortes e intuitivas; quando sigo os meus primeiros impulsos, geralmente acerto; mas, se hesito e pondero demasiado sobre determinada decisão, costumo seguir o caminho errado."

"Jamais obtive resultados tão bons como aqueles que tive nas sessões consigo, e acredito firmemente que o senhor era a força de atração, sendo o êxito das comunicações devido aos seus guias."

"Não consigo explicar como a escrita acontece. Apenas sei que é feita independentemente da minha vontade. Parece-me provável que todas as pessoas tenham este poder latente."

"Hoje acredito firmemente na vida após a morte e na eternidade da força espiritual. Penso que cada um de nós possui a capacidade de atrair os próprios entes queridos e amigos."

Com cordiais cumprimentos,
– Georgia

Vice-Almirante W. Usborne Moore
8 Western Parade, Southsea, Inglaterra

CAPÍTULO VI

MANIFESTAÇÕES EM TOLEDO, OHIO

O Enigma Psíquico — Ouço algumas das mesmas vozes descritas pelo Dr. Funk — Condições elétricas nos EUA e no Canadá durante o inverno — Razão do êxito dos investigadores na região dos Grandes Lagos — Os Jonson em Toledo — Opinião de um detetive de reputação reconhecida — Primeira sessão — Mãos materializadas — Sessão com trompete — Primeira sessão de materialização — Um espírito dirige-se a mim pelo nome completo — Jonson permanece fora do gabinete — Médium e espíritos visíveis ao mesmo tempo — Aparece Cleópatra — John Nicholson — Uma sessão falhada — Comunicação interessante de Grayfeather, um índio norte-americano — Segunda sessão de materialização — Aparecem

quarenta formas — Identificação — Traços característicos de cada forma espiritual — Sessão com a Sra. Jonson sozinha — Hipátia — Sessão de materialização a sós com ambos os Jonson — Iola cumpre uma promessa — Viola surge do chão — Kitty — Sessão com o Sr. e a Sra. Jonson dentro do gabinete — A túnica iluminada — Kitty renuncia ao pai — McBlin, o engenheiro — A sessão de despedida — Abdullah — Tim O'Brien — Discussão sobre a possibilidade de fraude — Membros da Sociedade Inglesa de Investigação Psíquica admitem a existência de fenómenos como telecinesia e materialização — Sra. Alexander — Eterealizações — Whitesnow — Diferenças de sotaque entre espíritos americanos e britânicos — Uma nova médium em Toledo, Miss Ada Besinnet — O assobio — Movimentos violentos da mesa — Opinião do Professor Hyslop — Opinião do autor — Leitura mental não é explicação.

Os leitores de *The Psychic Riddle*, do Dr. I. K. Funk (1907), poderão interessar-se ao saber que, graças à gentileza de amigos em Rochester, Nova Iorque, tive a oportunidade de participar em sessões com a médium mencionada nesse livro, nas mesmas condições descritas pelo autor. Desde que o meu amigo Dr. Funk fizera as suas sessões, a referida senhora estivera às portas da morte. Contava já setenta e oito anos, pelo que talvez seja justo considerar que, como testes, as minhas sessões terão sido tão úteis quanto as dele, ainda que a primeira tenha sido um fracasso e as duas seguintes tenham sido interrompidas por Dr. Hossack, o espírito guia da médium, devido à fragilidade do seu coração.

Muito se tem debatido sobre esta médium. Ela é extremamente surda. Não consigo compreender como alguém em pleno juízo, tendo ouvido "Red Jacket" ou o "Espírito Risonho", possa imaginar que tais vozes emanam desta senhora idosa e frágil. Red Jacket fala com mais volume e fluência do que John King, o principal espírito guia de Cecil Husk.

Antes de descrever as manifestações em Toledo, Ohio, devo lembrar aos leitores que as condições atmosféricas no norte dos Estados Unidos são muito diferentes das da Europa. Durante cerca de sessenta dias por ano, quando os termómetros descem até zero graus e o ar está límpido, é possível — em qualquer local entre Rochester e Denver — acender um bico de gás apenas com o toque de um dedo depois de deslizar pelos tapetes.

Ainda não conheci um americano, homem ou mulher, que não tenha feito ou visto isso. Nestas regiões, as crianças pregam partidas aos pais, deslizando até eles e dando-lhes um beijo na face, o que gera uma faísca e uma sensação semelhante a uma picada de alfinete. Ignoramos as causas de muitos fenómenos, mas sabemos que as vibrações necessárias para produzir os melhores resultados na investigação psíquica estão intimamente ligadas ao grupo das elétricas. É a esta carga elétrica elevada no ar de inverno que se deve, principalmente, o sucesso dos investigadores — e disso não resta dúvida.

Devemos ainda considerar que os habitantes originais deste vasto território viviam em estreita comunhão com a Natureza e eram espiritualistas puros. A terra está repleta dos seus ossos, e os seus espíritos pairam sobre o solo que outrora habitaram. Encontramo-los em todas as sessões, e é razoável supor que exercem alguma influência e auxiliam as manifestações.

Nos subúrbios da cidade de Toledo, Ohio (n.º 632 da Orchard Street), há uma casa de dois andares pertencente ao Sr. Ben Jonson, pintor e decorador de interiores. A sala de sessões é

um amplo compartimento no piso superior, acessível por uma escada estreita a partir da sala de estar nas traseiras do rés-do-chão. O gabinete situa-se a cerca de sete metros do topo da escada, num dos cantos do quarto.

A escada não possui porta no topo. Ignoro a razão dessa ausência, mas fui informado por frequentadores das sessões dos Jonson que um dos espíritos que habitualmente comparece no gabinete consegue, por vezes, reunir energia suficiente para descer as escadas e trazer de volta um acessório feminino, como uma pequena estola ou outro objeto físico da sala da frente — algo impossível de realizar em forma corpórea através de uma porta trancada. No entanto, é praticamente impossível que cúmplices entrem por ali, pois teriam de passar pelos participantes da sessão para aceder ao gabinete. Como veremos mais adiante, os cúmplices — e muitos deles — são a única explicação que o mais cético dos céticos poderia propor para o que ali se passa.

O Sr. e a Sra. Jonson permitem que os assistentes examinem a sala, o gabinete e as divisões inferiores. Eles dependem um do outro para gerar o poder psíquico necessário, e uma sessão de materialização bem-sucedida só ocorre se ambos estiverem de boa saúde. A Sra. Jonson realiza sessões sozinha no gabinete para um ou dois visitantes. Nessas sessões, ocorrem frequentemente eterealizações e vozes são ouvidas através de uma trombeta. Durante as sessões de materialização, as vibrações são mantidas por uma caixa de música de qualidade modesta e, nas sessões da Sra. Jonson, por uma caixinha musical de cilindro.

O Sr. J. B. Jonson é um homem forte, com cerca de cinquenta e cinco anos, um metro e oitenta de altura, bem-educado e de hábitos sóbrios; tem uma risada franca e um modo afável. Usa botas durante as sessões e, por vezes, um casaco claro ou robe, o que permite vê-lo claramente; tal precaução, contudo, é desnecessária, pois a luz na sala é sempre suficiente para que todos o vejam durante a primeira parte da sessão, quando está fora do gabinete. A esposa é uma mulher robusta e agradável, ligeiramente mais nova.

Circula pela sala geralmente com uma blusa branca e está sempre à vista. A luz é controlada a partir do interior do gabinete e permite, por vezes, ler um relógio com mostrador branco — e, para os de visão mais apurada, até textos em letra grande.

Antes de iniciar a investigação dos Jonson, consultei o meu amigo Homer Taylor Yaryan, antigo chefe da polícia secreta durante o governo Grant. Quem se recordar do escândalo das fraudes do uísque — desmascaradas pela polícia até às portas da Casa Branca — saberá reconhecer a competência de quem conseguiu frustrar um roubo planeado dos fundos federais.

O Sr. Yaryan é um detetive de enorme talento e o último homem nos EUA a deixar-se enganar facilmente. Os Jonson realizaram sessões em sua casa, uma das quais — da qual possuo registo — foi tão bem-sucedida quanto aquelas que me proponho descrever. Ele observou cuidadosamente estes médiuns durante anos e assegurou-me da sua autenticidade. Depois de ter participado em várias sessões com eles — sempre à tarde —, estou convencido de que tem razão.

A minha primeira sessão com os Jonson teve lugar a 4 de janeiro de 1909. Estavam presentes três outros participantes — o Sr. e a Sra. Z. e um familiar deles — que gentilmente

me permitiram integrar o seu círculo privado. O Sr. Z. e eu examinámos cuidadosamente o gabinete e nada encontrámos que levantasse suspeitas. As condições atmosféricas eram desfavoráveis: chovia. A luz era regulada a partir do gabinete e permitia-nos ver claramente os traços dos rostos a uma distância de cerca de dois metros, bem como ler as horas num relógio de mostrador branco.

A parte inferior das cortinas do gabinete estava puxada para os lados e uma tela cobria a parte inferior da entrada. À frente desta, sentados em três cadeiras, estavam, da esquerda para a direita, o Sr. Z., a sua parente (a quem chamarei aqui Sra. M.) e Jonson, todos de mãos dadas. Depois de se posicionarem, uma manta foi amarrada à volta dos seus corpos, até ao pescoço, de modo que apenas os rostos ficavam visíveis. Em frente a estes três, a cerca de um metro, estavam outras três cadeiras, ocupadas pela Sra. Z., por mim e pela Sra. Jonson. Assim, a Sra. Z. estava sentada em frente ao Sr. Z., eu frente à Sra. M., e a Sra. Jonson frente ao seu marido.

Primeiro apareceu um par de mãos delicadas por cima das cabeças do Sr. Z. e da Sra. M.; depois, em diferentes momentos, surgiram mãos individuais — uma pequena e delicada, outra maior, mas igualmente elegante — sendo que esta última trazia um anel num dos dedos. Uma dessas mãos manifestou-se mais de vinte vezes, várias sobre o Sr. Z. e, pelo menos em quatro ocasiões, acariciou o lado direito do seu rosto (o ponto mais afastado do médium, cuja mão direita estava a ser segurada pela Sra. M.).

Levantei-me da cadeira e segurei ambas as mãos de Jonson com a minha mão direita. Estendendo a mão esquerda, fui tocado por uma mão espiritual visível que surgiu por cima da cabeça da Sra. M. Dois bilhetes foram lançados para fora do gabinete — um de um guia espiritual da Sra. Z., outro de uma criança falecida da Sra. M. As duas mãos espirituais surgiram simultaneamente quatro ou cinco vezes. Um grafofone, cuja abertura aparecia à direita do gabinete, tocou várias vezes; o mecanismo de ativação não poderia ter sido alcançado pela mão livre do médium.

Atirei o meu lenço para dentro do gabinete, entre o Sr. Z. e a Sra. M. Poucos segundos depois, foi devolvido, com três dos cantos fortemente atados em nós. O mesmo ocorreu com o lenço da Sra. Z. A Sra. Jonson esteve sentada ao meu lado durante todo o tempo, sem participar no que se passava; Jonson encontrava-se em transe parcial.

Cerca de uma hora após o início, esta fase da sessão terminou. Acenderam-se as luzes e abriram-se as janelas durante dez minutos para arejar o ambiente e reanimar Jonson, que se encontrava algo debilitado. Formámos então um círculo no centro da sala, com uma trombeta ao meio. Jonson foi então completamente controlado por "Grayfeather", um espírito indígena, que falava com uma voz distinta da sua. A vibração do ambiente era mantida por uma pequena caixa de música, controlada pela Sra. Jonson. Durante a sessão, esta caixa foi levitada sobre as nossas cabeças, tocando uma melodia contínua. Estávamos agora no escuro e não dávamos as mãos.

Ouviram-se sussurros vindos da trombeta dirigidos aos diferentes participantes. Um espírito aproximou-se de mim, embora eu não tenha conseguido identificar com certeza a entidade.

Após um minuto ou minuto e meio de conversa com cada pessoa, a trombeta era deixada cair no chão; pelo som, parecia que caía de uma altura de um metro e meio. Um espírito conhecido por "Kitty" falou com voz direta, sem uso da trombeta.

A última manifestação foi de um espírito que, em vida, fora maquinista de locomotiva e que se afogara no Lago Superior. Falou claramente através da trombeta, anunciando a sua chegada e partida com sons que imitavam o arranque de uma locomotiva: *Puff, puff — puff, puff, puff* — e assim sucessivamente. Ao partir, reproduziu os sons de aceleração e o afastamento gradual de uma locomotiva ao longe. Foi bastante impressionante.

Tendo em conta as condições atmosféricas e o facto de haver um estranho completo no círculo (eu), considerei esta sessão um sucesso em termos de manifestação de poder espiritual.

Passo agora a descrever outras sessões em que participei com os Jonson como médiuns. Todas ocorreram na mesma sala.

6 de janeiro de 1909. Condições atmosféricas excelentes. A temperatura rondava os – 12 °C, com ar seco e limpo. A sessão decorreu das 14h às 16h. Os participantes foram os mesmos da sessão anterior, com a adição de outra parente do Sr. Z. (a quem chamarei aqui Sra. J.), perfazendo um círculo de três senhoras e dois homens, todos investigadores experientes.

O Sr. Z. e eu examinámos o gabinete, e depois tomámos os nossos lugares a cerca de um metro e vinte à frente dele. A sala foi escurecida durante quatro ou cinco minutos, durante os quais uma entidade no interior do gabinete exclamou: "Como estão, tio Z., Ande Z., Ande M., Ande J. e tio William Usborne Moore?" (Os médiuns sabiam que o meu apelido era Moore e talvez soubessem que o meu primeiro nome era William, mas não tinham forma de saber o meu segundo nome próprio. No livro do hotel assinei apenas "W. Moore". Devo notar que W. Moore é um nome muito comum nos Estados Unidos — algo como "João Silva" em Portugal.)

Jonson sentou-se numa cadeira, cerca de trinta centímetros à frente e à esquerda do gabinete. Foi imediatamente controlado por "Grayfeather", o índio. Uma pequena lâmpada a óleo atrás de nós tinha um abat-jour, que foi ligeiramente levantado. A sessão começou com luz suficiente para alguém com boa visão conseguir ler as horas num relógio de mostrador branco.

Dentro de dois minutos, uma figura feminina, de estatura inferior à média, vestida com uma túnica branca apertada na cintura, surgiu do chão muito próxima do médium, estendendo as mãos na minha direção. Levantei-me e aproximei-me. Pela compleição e proporções, consegui adivinhar quem era.

Tentou falar, mas apenas consegui perceber "A1" ou "All", porém, infelizmente (presumo que devido à ansiedade mútua), desmaterializou-se no tapete antes que conseguisse distinguir-lhe bem os traços. Esta materialização e desmaterialização repetiu-se uma segunda vez sem melhor êxito. Na terceira tentativa, em vez de se desfazer no chão, desapareceu gradualmente.

Logo depois, duas figuras bem definidas emergiram da abertura do gabinete à minha direita. Estava com o meu braço esquerdo quase a tocar no médium em transe; a cerca de sessenta centímetros à minha direita apareceu uma mulher da altura de Jonson, envergando uma túnica branca, uma faixa de prata ou aço brilhante na testa e, aparentemente, braceletes e joias nos braços. Após algumas palavras de conversa, deu a entender que era Cleópatra, outrora rainha do Egito.

Um pouco atrás dela estava uma figura mais pequena, que se apresentou como Josefina. Nem Cleópatra nem Josefina tinham traços humanos na tez ou nas feições — eram morenas, de rosto arredondado e expressão vibrante. Josefina tinha o rosto algo avermelhado; o efeito geral não era desagradável, embora em nenhum momento me tenha ocorrido que se tratasse de rostos mortais. Perguntei a Josefina quem era o espírito que tinha aparecido primeiro, e ela confirmou a minha impressão inicial: era Iola.

Grayfeather exclamou de repente: "Gosto daquela índia, ela é uma índia muito simpática." Respondi: "Imagino o quanto Cleópatra teria ficado lisonjeada, em vida, por ouvir isso!"

O índio não gostou do comentário inocente e gritou, irritado: "Eu digo que ela é boa índia, digo-lhe na cara, Grayfeather não tem quatro línguas. Não! Não!" Cleópatra então dirigiu-se a Jonson e agitou os braços sobre ele, restaurando a paz.

Certa vez, Grayfeather fez Jonson levantar-se e ficar lado a lado com dois espíritos grandes. As três figuras, muito próximas e totalmente visíveis para todos, causavam forte impressão. Noutra ocasião, Grayfeather (controlando Jonson) aproximou-se da minha cadeira, a cerca de dois metros e meio, e colocou a mão esquerda do médium nas minhas duas mãos. Em seguida, começou a dar-me alguns conselhos em voz alta, aparentemente sob a impressão de que eu nunca tinha assistido a uma sessão antes:

"Quando índia espírito vem, tu não perguntas: 'Quem és?' 'Qual o teu nome?' Tu dizes: 'Como estás? Muito contente por ver-te.' Da próxima vez que ela vier, talvez diga o nome."

Enquanto falava, a cortina do gabinete abriu-se e um homem saiu diretamente em direção ao Sr. Z., que o reconheceu como o seu irmão falecido, tendo regressado ao gabinete com ele.

Incluindo algumas repetições, entre quinze e dezasseis formas materializadas emergiram do gabinete e conversaram com os seus conhecidos, enquanto Jonson permanecia fora. Outras seis ou oito surgiram depois de Grayfeather o ter levado para dentro — todas estas além dos espíritos familiares habituais do gabinete. Uma das visitantes era uma freira, com um rosto de aparência muito espiritual, usando uma cruz de prata brilhante com cerca de dez centímetros. Apareceu especialmente para a Sra. Z.; a pedido desta, a freira avançou bastante para a luz, de forma a que eu a pudesse ver bem. O esforço foi demasiado para ela, e em vez de se desmaterializar suavemente no chão (como normalmente acontece), colapsou de repente.

Cada membro do círculo foi visitado por pelo menos dois amigos reconhecidos. Dois ou três homens vieram ter comigo, mas não consegui identificá-los com clareza; um deles fazia sinais com os braços, como se usasse semáforos.

Um incidente curioso ocorreu enquanto Jonson ainda estava visível. Grayfeather gritou: "Vai embora, volta para a caixa!" (referindo-se ao gabinete).

Pergunta: "O que se passa, Grayfeather?"

Grayfeather: "Disse-lhe que não! Vai para a caixa e sai de lá. Ele quer entrar no médium e expulsar-me."

Pergunta: "Quem é?"

Grayfeather: "Veio por causa do Sr. Moore. Diz que se chama John Nicholson."

Conheço um John Nicholson ainda vivo e outro que faleceu há anos. O primeiro é um profissional atarefado que, estou certo, não estaria a dormir em Inglaterra às 21h00; o segundo era um velho e gentil cónego de uma catedral no oeste de Inglaterra — a última pessoa que se esperaria, neste mundo ou no outro, a tentar desalojar um índio do corpo de Jonson.

A única hipótese que me ocorreu foi a de se tratar do corajoso líder do ataque a Deli, cuja memória venero, como tantos ingleses, desde os tempos da Rebelião. O seu carácter não exclui a possibilidade de, querendo comunicar com um compatriota, não hesitasse em tomar posse de um corpo que lhe parecesse adequado. Ele tinha estado muitas vezes nos meus pensamentos — embora não recentemente.

Depois de Jonson estar cerca de meia hora dentro do gabinete, Grayfeather trouxe-o para fora e sentou-o no tapete, com as pernas cruzadas. Enquanto estava assim, uma figura fantasmagórica surgiu lentamente atrás dele, mas desapareceu antes de poder ser reconhecida.

14 de janeiro de 1909, das 14h30 às 16h00.

Esta sessão com os Jonson foi um fracasso, mas ocorreram alguns episódios interessantes. As condições atmosféricas não eram favoráveis; estava a degelar. A Sra. Jonson estava indisposta, embora Jonson se apresentasse em boa forma.

Cerca de meia hora depois de se apagar a luz, Jonson, que inicialmente estava sob o controlo de Grayfeather, saiu parcialmente do transe; Grayfeather retirou-se e um marinheiro inglês tomou conta do médium. Usou uma linguagem muito vulgar, lamento dizer, e quando a Sra. Jonson lhe pediu educadamente que se retirasse, recusou, dizendo: "Tenho tanto direito de estar aqui quanto vocês."

Mais tarde, foi convencido a abandonar o corpo de Jonson; Grayfeather reassumiu o controlo e levou o médium para dentro do gabinete. De lá, chamou-me, referindo-se a mim como "o chefe do outro lado do grande lago", e pediu-me que me juntasse a ele no interior, dizendo: "Quero retirar energia dele. Não retiro nada da Squaw Jonson, ela está doente esta noite." Assim, levei a cadeira para o interior do gabinete, e teve lugar o seguinte diálogo:

Grayfeather: "Vi-te ontem noutra tenda. Não recebeste muito lá."

Almirante Moore: "Oh, sim, recebemos, Grayfeather! Correu bem; Yiola, Kitty e Tim vieram falar connosco, vindos daqui."

Grayfeather: "Ugh! Ugh! Vi-te com dois outros chefes."

Pergunta: "Quem eram eles?"

Resposta: "Penso que um era Hyslop." (Errado.) "Não quero dizer nomes. Chefe Yaryan estava lá." (Certo.) "Tu pensas que eu não te vejo. Vi-te de manhã a entrar numa tenda — sim, num grande edifício de pedra — e a pegar num livro, papel para riscos."

Pergunta: "Queres dizer que escrevi num livro?"

Resposta: "Ugh! Não, leste um livro." (Correto.) "Índia jovem veio ter contigo e pediu-te wampum (dinheiro). Tu disseste: 'Wo! Wo! Wo!'"

Almirante Moore: "Isso é calúnia, Grayfeather. Não tive qualquer problema com a jovem."

O que aconteceu foi isto: na manhã anterior, fui à biblioteca pública de Toledo devolver um livro e, ao mesmo tempo, requisitei outro, do qual copiei um excerto (papel para rascunhos). A funcionária devolveu-me dois dólares de caução pagos no dia anterior. Mais tarde, disse-me: "Tenho de lhe pedir vinte e cinco cêntimos." "Para quê?", perguntei.

Resposta: "Cobramos sempre vinte e cinco cêntimos a mais para cobrir danos eventuais ao livro." Coloquei a moeda sobre o balcão sem protesto, embora me sentisse levemente indignado, pois considerava que os dois dólares já cobriam qualquer risco.

A sessão com outro médium, na tarde anterior, será mencionada mais adiante neste capítulo. Pouco depois desta conversa, fui dispensado do gabinete e Grayfeather disse: "Vou sair." Tentou sentar-se do lado de fora, comigo ao lado, mas não resultou. Abandonou Jonson com um sobressalto violento (sempre um mau sinal), e o médium voltou lentamente a si. Antes de partir, Grayfeather comentou: "Estou doente; sem força" (batendo fortemente no peito do médium); "sem wampum para o meu médium; mas não vale a pena continuar a falar como uma squaw."

Ao oferecer o pagamento habitual, Jonson recusou aceitá-lo, dizendo: "Nunca aceitamos nada quando não se manifestam formas."

Este episódio merece alguns minutos de reflexão. O Sr. Yaryan esteve comigo no dia anterior na casa da Sra. Alexander, uma nova médium; no entanto, ele não tinha qualquer intenção de ir até cerca de dez minutos antes de partirmos. Foi algo decidido à última hora; cancelou subitamente um compromisso profissional para me acompanhar.

Nem ele nem eu éramos conhecidos da médium com quem nos sentámos, e essa mesma médium também é desconhecida de Jonson. O nome do meu amigo Dr. Hyslop tinha sido mencionado antes do início da sessão com Jonson; mas, se Grayfeather sabia alguma coisa sobre os meus pensamentos em relação a esse senhor, teria sabido que, mesmo que não houvesse outro investigador disponível nos Estados Unidos, eu não me sentaria com ele numa sessão (por razões totalmente impessoais).

No essencial, o relato do que aconteceu na biblioteca pública é verdadeiro; não só Grayfeather aparentemente viu o que se passou, como também foi capaz de ler os meus pensamentos no momento em que me foi pedido um quarto de dólar.

As seguintes explicações podem ocorrer a quem leia isto:

(a) A médium da tarde anterior e o funcionário da biblioteca contaram aos Jonsons os vários acontecimentos.
(b) Jonson seguiu-me durante o dia todo.
(c) Grayfeather leu a minha mente subconsciente.
(d) O meu guia esteve comigo o tempo todo e contou os factos a Grayfeather, como uma prova, não havendo outros fenómenos disponíveis.
(e) Grayfeather seguiu-me e teve conhecimento de cada acção e pensamento meu.

Respostas:

(a) Isto é tão intrinsecamente improvável que nem merece refutação.
(b) Se isso tivesse acontecido, certamente eu teria visto Jonson na sala da biblioteca! No seu estado normal, ele não poderia ler os meus pensamentos.
(c) Se assim fosse, Grayfeather teria sido mais preciso ao falar dos meus acompanhantes.
(d) Não posso ter a certeza, mas penso que esta é a explicação mais plausível.
(e) Também aqui há uma improbabilidade notável; Grayfeather conhece bem o segundo cavalheiro que me acompanhou na tarde anterior, e a quem, no seu discurso, confundiu com o Dr. Hyslop. Os espíritos-guia do gabinete de Jonson costumam seguir os participantes pelo país e encontram-se com eles noutras sessões, fazendo-se reconhecer pela voz; mas não tínhamos conhecimento da presença de Grayfeather na casa da outra médium no dia anterior. Se ele lá tivesse estado, não teria cometido o erro no nome.

A minha guia, Iola, viu e ouviu tudo na sessão da tarde anterior; esteve muito presente. É bastante provável que também estivesse comigo na biblioteca de manhã e, quando chegou aos Jonsons, tenha contado tudo a Grayfeather para o ajudar a realizar uma prova, não tendo ela própria força suficiente para usar a voz direta. Esta sessão de materialização em particular com os Jonsons foi um completo fracasso.

16 de Janeiro de 1909. Com os Jonsons. Das 14h15 às 16h15. O círculo era composto pelos mesmos participantes do dia 14. As condições atmosféricas não eram boas; nevava intensamente durante quase todo o tempo, e havia cerca de 15 cm de neve nos passeios antes de chegarmos à casa.

Em certos aspetos, esta sessão foi melhor do que a de 6 de Janeiro, pois apareceram mais formas; mas não me agradou tanto, já que a luz permitida pelos espíritos no gabinete era bem mais fraca (sem dúvida devido às más condições). Manifestaram-se cerca de vinte e cinco personalidades distintas; contando com as repetições, houve mais de quarenta materializações ou eterealizações.

Da minha parte, apenas vi claramente os rostos de duas figuras, o suficiente para as reconhecer: Viola e Edna, a freira. Viola é uma jovem muito viva, de dezoito ou dezanove anos,

com longos cabelos esvoaçantes; tocou na minha mão com a sua. Edna surgiu quatro ou cinco vezes, dando-me oportunidades de ver claramente o seu rosto, o vestido e a cruz; Iola trouxe o meu pai e a minha mãe. A certa altura, fui até à entrada do gabinete e vi duas formas juntas, que rapidamente identifiquei como os meus pais, com a pequena figura de Iola por detrás deles.

Manifestou-se também Cleópatra. Nesta tarde, tinha cerca de 1,75 m de altura, e não era tão corpulenta como na primeira ocasião. Afirmou claramente ser a rainha egípcia, disse estar feliz por se manifestar para mim e que tencionava acompanhar-me "para Oeste". Na testa, usava a mesma faixa ou coroa de prata, e mantinha o mesmo porte majestoso.

Uma explicação adicional: consultei os meus amigos deste pequeno círculo privado quanto à sua interpretação do termo "identificação". Perguntei: "Querem dizer que reconhecem os vossos amigos sempre pelas feições?" A resposta, na prática, foi: "Não, identificamo-los pela aparência geral; nem sempre conseguimos ver o rosto com nitidez suficiente para afirmar que se trata do nosso amigo. Por vezes vemos as feições, mas nem sempre. Cada forma espiritual tem os seus próprios gestos e movimentos com os braços e mãos. Alguns colocam as mãos sobre a cabeça; outros cruzam os braços; outros ainda têm um traje particular.

Uma vez adotados, esses traços são exibidos em todas as aparições; no entanto, a altura das formas varia consoante as condições." O Sr. Yaryan, cuja experiência valorizo muito, embora nunca tenha assistido com ele a uma sessão nos Jonsons, dava grande importância a isso. Dizia: "As formas que se manifestam a um participante têm cada uma uma maneira peculiar de andar e movimentar os membros. Se as condições não forem boas, talvez não se veja bem o rosto para identificar o amigo pelo olhar; mas reconhece-se pelos gestos distintos, pela roupa e pela postura. Será concebível que Jonson consiga reunir cúmplices suficientes para imitar estas características em todas as sessões? Centenas de pessoas participam com ele ao longo do ano.

Pense no tipo de organização que isso exigiria, mesmo que ele tivesse consciência do que se passa, o que não tem: ele está em transe. Poderia ele produzir o traje adequado ou os gestos certos, quando nem ele nem a esposa sabem quem irá participar ou onde se irão sentar? Pondo de parte, por um momento, as precauções que tomamos ao inspecionar o gabinete e o local, como se explica a certeza com que a forma, o vestuário e os movimentos corretos se manifestam a cada membro do círculo?

Para mim, esta é uma das principais provas da autenticidade dos Jonsons. O custo e a dificuldade de encontrar atores com tal capacidade interpretativa na vizinhança excluem tal explicação para os fenómenos sobrenaturais que ali ocorrem. O custo por si só já inviabilizaria essa hipótese; pois não faria sentido para os médiuns se três quartos do que arrecadam fossem gastos a pagar cúmplices e adereços."

Concordo inteiramente com o que diz o Sr. Yaryan. Tal encenação não compensaria. Tomando a média de todo o ano, os Jonsons não devem estar a ganhar mais de dez dólares por semana; um cúmplice exigiria pelo menos meio dólar por sessão, e os trajes não se obtêm por quantias irrisórias.

(59) Mas, voltando a esta sessão em particular: Jonson esteve fora do gabinete durante pelo menos metade do tempo em que ocorreram as materializações. O andar e o movimento dos braços de Cleópatra eram os mesmos da ocasião anterior. "Jeanie", uma rapariga escocesa, apareceu nas duas sessões, vestida com o tradicional xadrez. Um dos episódios mais interessantes da sessão foi o reaparecimento, após muitos meses, de "Martha", uma antiga criada dos Yaryan, com o traje próprio de serviço — avental, peitilho, e demais adereços.

A Sra. Yaryan tinha-me falado dela no dia anterior; a própria entidade admitiu que isso foi o que lhe permitiu manifestar-se. Uma das visões mais encantadoras foi a de uma pequena rapariga índia, chamada "Oviola", mais baixa que a estatura média, a saltitar para dentro do círculo. Naturalmente, não conhecia nem Martha nem Oviola, mas foram ambas claramente reconhecidas pelos restantes membros do círculo. Durante esta sessão, vi várias formas desmaterializarem-se, duas ou três fora do gabinete; uma forma masculina fê-lo deliberadamente, para me mostrar como o processo se dava, e Cleópatra desmaterializou-se dos pés para cima.

Na manhã seguinte, domingo, 17 de Janeiro, fui para Chicago e regressei a Toledo no dia 24 de Janeiro.

Na segunda-feira, 25 de Janeiro de 1909, participei numa sessão com a Sra. Jonson, a sós, dentro do gabinete, das 14h às 14h45. Ela não se encontrava bem, pois passara a noite inteira a cuidar de um neto gravemente doente.

(60) Houve uma tentativa de eterealização por parte do meu pai. Viola foi a primeira a manifestar-se, para falar com o "Tio Moore". Todos os espíritos usaram a corneta, exceto "Crotcho" (ou Pau Torto), uma jovem índia, que falou através da Sra. Jonson. O meu pai e a minha mãe falaram, assim como Iola. O meu pai disse: "W., não te preocupes com essa questão da identidade. As provas virão quando menos as esperares." (Isto referia-se à minha tentativa de identificar Iola, alguns dias antes, na casa das irmãs Bangs, através de um conjunto de vinte e três perguntas escritas, das quais apenas algumas foram respondidas.

No momento da sessão com a Sra. Jonson, eu não estava a pensar nisso.) Iola disse: "Agora que perdeste as tuas dúvidas, vamos progredir melhor." (Depois de ver uma determinada imagem precipitada na presença das irmãs Bangs, deixei de duvidar da identidade de Iola.) Quando lhe perguntei se o meu retrato já tinha sido enviado de Chicago, ela respondeu: "Está tudo certo; quando o receberes, vais gostar. Preparei uma surpresa para ti." (Ficou combinado em Chicago que um dos meus retratos me seria enviado para Toledo.

Chegou na quarta-feira, 27 de Janeiro. Ao examiná-lo, encontrei uma inscrição num dos cantos. Não havia escrita alguma quando deixei Chicago. Este é um episódio notável. Lembremo-nos de que deixei Chicago no domingo, véspera da sessão com a Sra. Jonson.) Iola, que falou sem usar a corneta, disse ainda: "Na próxima sessão, serei eu a vir primeiro, quando a força estiver no seu auge."

Foi durante esta sessão no gabinete que Hipátia se manifestou a mim pela primeira vez. Já se tinha apresentado várias vezes ao meu amigo, o Sr. H. C. Hodges, em Detroit, revelando a sua

história, cujos detalhes foram todos confirmados como verdadeiros. Presumo que a nossa conversa sobre ela, duas semanas antes, terá sido o que facilitou a sua manifestação para mim.

Crotcho controlou a Sra. Jonson no final da sessão, falando durante uns bons cinco minutos através da sua boca. Edna, a freira, falou comigo em voz directa, sem usar a corneta. Quando Viola regressou uma segunda vez, disse: "Iola diz que, quando receberes o retrato, presta atenção ao olho — ele vai seguir-te com o olhar." (Isto é curioso. De facto, acontece numa das imagens de rosto inteiro precipitadas na presença das irmãs Bangs; ambos os olhos seguem o observador por toda a sala. Mas o retrato que esperava receber em Toledo era de perfil, e tal fenómeno não ocorreu.)

A Sra. Jonson segurou-me nas mãos durante quase todo o tempo (claramente para demonstrar que não estava a manusear a corneta) e, por vezes, colocava a minha mão sobre a sua boca enquanto os espíritos falavam (para mostrar que não tinha qualquer participação na produção das vozes).

(61) A visita seguinte aos Jonsons foi a 29 de Janeiro, das 13h50 às 15h10, para uma sessão de materialização a sós com eles. Foi uma experiência interessante, e surpreendeu-me bastante por ter sido tão bem-sucedida. Jonson entrou em transe em cerca de dez minutos. Menos de cinco minutos depois, Iola surgiu lentamente do chão à minha frente, fora do gabinete, e passou entre as cortinas, cumprindo assim a promessa feita a 25 de Janeiro. Fui até à abertura com a Sra. Jonson, que acompanha sempre o participante (para dar mais força às manifestações), e perguntei ao espírito: "Foste tu que escreveste a inscrição no retrato?" Um sussurro respondeu: "Com a ajuda de outros." O meu guia afundou-se então no chão.

Viola apareceu três vezes. Aproximou-se de mim, a cerca de 1,20 metros fora do gabinete, por duas vezes, e consegui vê-la razoavelmente bem — melhor do que a Iola. Perto do fim da sessão, enquanto a Sra. Jonson tentava descobrir o nome de um homem que tinha surgido à entrada do gabinete, Viola ergueu-se do chão a cerca de 1,20 metros atrás dela e, deslizando silenciosamente, passou entre ela e a cortina para dentro do gabinete.

Seguiu-se a eterealização de um homem em vestes prateadas. (A sala foi escurecida para isto, com o abat-jour da lâmpada puxado a partir do interior do gabinete e as cortinas abertas.) Grayfeather, que até então falara pouco, disse que esse espírito me tinha encontrado antes, do outro lado do "grande lago", e que o seu nome era Abdullah. Presumo que fosse o Abdullah do grupo de Craddock. Fez várias vénias, mas não falou.

A materialização seguinte foi a de Cleópatra, que emergiu do gabinete com a sua coroa habitual e gestos característicos, mas com apenas cerca de 1,72 m ou 1,62 m de altura. (Atribuo isto à falta de força, por eu ser o único participante.) Ela disse que protegeria o seu retrato (ver Capítulo VII) e apareceu mais duas vezes.

Cleópatra foi seguida por Hipátia, que se manifestou três vezes. Deu o seu nome e caminhou (ou deslizou) pela sala, a cerca de 60 cm do gabinete. Tinha o rosto de uma mulher bonita, com muito cabelo, e os movimentos eram graciosos. Não conseguiu falar muito. Perguntei: "Se eu voltar a Chicago, ajudarás a precipitar o teu retrato?" A resposta foi: "Com muito prazer."

Não havia nada no seu rosto (nem no de Cleópatra) que sugerisse uma figura humana comum. Não sei porquê, mas a Sra. Jonson ficou encantada com a aparição de Hipátia.

Na sua terceira manifestação, Hipátia trouxe um velho amigo meu. Penso que o reconheci pela aparência geral (possivelmente a telepatia esteve envolvida) e perguntei: "És um oficial da marinha britânica?" A cabeça foi inclinada, e ele levou a mão à testa duas vezes, indicando a doença que o levou à morte. (Este colega oficial faleceu com perturbações mentais há cerca de seis anos.) Perguntei: "Estás feliz?" A cabeça acenou afirmativamente com vigor. As duas figuras foram claramente vistas juntas.

O meu pai e a minha mãe materializaram-se. Não havia possibilidade de erro. O meu pai tinha um nariz semelhante ao do Duque de Ferro, e vi-o claramente, a cerca de um metro do gabinete; essa característica proeminente era bem visível. Três homens surgiram, que não reconheci; um deles foi identificado como o Sr. Marshall Fields, um comerciante rico de Chicago; mas, como nunca o conheci, nem tinha ouvido falar dele antes daquela noite, não posso confirmar a sua identidade.

A pobre menina abandonada, "Kitty", que morreu há alguns anos em Nova Iorque, vítima de frio e fome, e que é frequentemente ouvida, mas raramente vista nas sessões dos Jonson, manifestou-se nesta ocasião. Tinha um aspeto mais substancial do que qualquer outra figura, e veio ter comigo duas vezes enquanto eu estava sentado na cadeira, a cerca de um metro e vinte do gabinete. A certa altura, contornou a Sra. Jonson, que estava sentada à minha direita, e posicionou-se atrás das cadeiras, acariciando-me a cabeça várias vezes. Esta menina é conhecida dos frequentadores das sessões dos Jonson há cerca de seis anos; aparece sempre com o mesmo vestido, do mesmo tamanho e manifesta, invariavelmente, as mesmas características. Já foram tiradas fotografias com flash da sua aparição. Tenho uma comigo, tirada três anos antes, e posso afirmar que é a mesma criança que vi naquela noite. A imagem é tão natural e humana que confesso que, quando mo emprestaram em Inglaterra, pensei tratar-se de uma fraude.

Depois de ter visto a forma materializada, deixei de ter qualquer dúvida quanto à sua autenticidade. Kitty deverá ter agora, em termos terrenos, uns vinte ou vinte e um anos de idade; mas continua a aparecer como uma menina de cerca de treze, com vestido curto, meias descaídas e sem sapatos. Será possível que lhe seja permitido manifestar-se sempre com a idade em que faleceu como prova da veracidade destes médiuns?

Grayfeather levou o médium para dentro do gabinete depois de Cleópatra se ter manifestado. Enquanto eu falava com Iola, Jonson levantou-se. Toquei-lhe com o braço esquerdo enquanto estava virado para o espírito.

A luz era suficiente para ler um relógio de mostrador branco, exceto durante a aparição de Abdullah. As condições meteorológicas eram más. Nevara, e a neve derretia ao cair; o ambiente estava húmido e desagradável. Fiquei profundamente impressionado com as provas de atividade espiritual evidenciadas naquela tarde.

As condições atmosféricas eram detestáveis; havia apenas um participante humano; apenas três pessoas na sala; e, mesmo assim, foi produzida evidência de tal qualidade que a sua

genuinidade era inegável. Corroborava a evidência da primeira sessão de materialização, que contou com cinco participantes, e não lhe ficava muito atrás em termos de riqueza de fenómenos.

(62) No dia 30 de Janeiro de 1909, das 14h às 20h, participei numa sessão no gabinete com a Sra. Jonson. Jonson perguntou-me se poderia também assistir. Nunca tinha presenciado uma sessão conduzida pela esposa e gostaria de o fazer, mas disse que, se eu tivesse a mínima objeção a investigar sob essas condições, preferia não estar presente. Acabei por aceitar de bom grado. Assim que nos sentámos, foi tomado por Grayfeather e permaneceu em transe durante toda a sessão, o que frustrou o seu objetivo de assistir, embora a sua presença provavelmente tenha reforçado a força das manifestações.

Viola foi a primeira a surgir, falando sem auxílio da corneta. Depois, um manto ou xaile, iluminado com grande brilho, elevou-se lentamente do chão. Grayfeather fez Jonson colocar ambas as mãos nas minhas enquanto a manifestação decorria; a Sra. Jonson também juntou as suas às nossas. Ficou claro que nem Jonson nem a esposa tinham qualquer envolvimento no fenómeno. O manto ou xaile estava coberto de flores bordadas — rosas, lírios e, penso, lótus e narcisos. Estava a mais de sessenta centímetros de mim, e não consegui distinguir o padrão com precisão. Após permanecer suspenso no ar durante um ou dois minutos, desceu para dentro do chão. Não sei qual era o significado deste fenómeno. Tim, um dos frequentadores habituais do gabinete, que falou mais tarde, disse acreditar tratar-se de um esforço de Cleópatra para mostrar parte de um vestido que usara em vida.

Iola manifestou-se com força, usando a corneta. Conversámos sobre os retratos precipitados pelas irmãs Bangs, em Chicago (ver Capítulo VII). Disse que a cabeça está representada como é atualmente, mas que o vestido serve apenas para ajudar na identificação. Antes de se despedir, disse-me: "Vamos progredir muito mais agora que já não tens dúvidas."

Tanto Iola como Cleópatra garantiram-me duas ou três vezes que os retratos estariam bem. Parecia-me extremamente improvável que chegassem ao seu destino em Inglaterra sem danos. Na realidade, chegaram; duas molduras estavam danificadas e três vidros partidos, mas nenhum dos seis retratos sofreu o menor estrago. Durante esta sessão, Iola assegurou-me que colocara uma inscrição num dos retratos que então seguia para Inglaterra. Isto também era verdade, como verifiquei ao chegar a Southsea, dois meses depois. Quando deixei Chicago, não havia qualquer escrita nesse retrato.

Cleópatra falou com ajuda da corneta; Hipátia, sem ela. Esta pediu-me que dissesse ao Sr. Hodges que a tinha visto materializar-se. Viola regressou uma segunda vez e comentou: "Estavam aqui duas pessoas a tentar falar ao mesmo tempo. Disse-lhes que isso era falta de educação."

Kitty falou com clareza e força. Perguntei-lhe:

"Gostas da vida aí, Kitty?"

"Sou feliz como o dia é longo."

"Frequentas a escola?"

"Sim."

"Quem é a tua professora?"

"Chama-se Angelina. É muito, muito bonita. Aprendemos tudo o que se aprende aqui e muito mais."

"Estás com o teu pai e a tua mãe?"

"Vivo com a minha mãe. Não quero saber do meu pai; não sei se ele está deste lado. Era mau para a minha mãe. Quando ela lavava roupa, ele chegava a casa, tirava-lha e ia embebedar-se."

A Sra. Jonson interveio:

"Agora, Kitty, tens de tentar esquecer isso e procurar ajudar o teu pai."

"Bem, não quero saber do meu pai, nem quero vê-lo."

Kitty continuou a falar como Viola, sem ajuda da corneta, da forma mais natural, durante alguns minutos. Quando usou uma expressão popular, a Sra. Jonson repreendeu-a. Certa vez, utilizou corretamente a palavra "exclusive", o que lhe valeu elogios. Disse:

"Tio Moore, tinha treze e meio quando cheguei aqui; agora tenho mais de vinte; e sabes, sempre que venho aqui, sinto-me como se tivesse ainda treze e meio. Consegues explicar isso?"

"Não, Kitty, não consigo", respondi. "Mas porque é que não puxas as meias para cima?"

"Porque não tenho ligas."

"Não usas sapatos?"

"Não, não quero usar sapatos; mas agora tenho de ir, que há outros a querer vir."

A minha mãe falou um pouco, e depois surgiu McBlin, o engenheiro, que se anunciou com os ruídos do comboio, imitadas de forma admirável através da corneta. Assim que a "locomotiva", por assim dizer, chegou, disse que estava feliz por me ver, que era engenheiro e que se afogara no Lago Superior há alguns anos.

P.: "O que estás a fazer agora?"

R.: "Ah! Temos lojas do lado de lá; estou a fazer praticamente o mesmo tipo de trabalho."

P.: "Mas o que farei eu quando chegar a minha hora de passar para o outro lado? Sou marinheiro. Vocês aí não têm mar."

R.: "Já estiveste cá?"
Respondi: "Não."

McBlin: "Então como sabes? Digo-te, há uma réplica de tudo o que existe na Terra."
Depois de mais algumas palavras, a locomotiva voltou a arrancar: "Puff, puff... puff, puff, puff!" O som foi-se tornando cada vez mais ténue, transmitindo perfeitamente a sensação de afastamento, e ele desapareceu.

Antes de partir, Viola disse: "Tio Moore, quando vieres na segunda-feira, vais ver como faço a Ande Z. saltar."
Eu disse: "Não deves fazer nada que a assuste."

R.: "Não, não lhe vou fazer mal; mas vou fazê-la saltar."

(Espero que a Sra. Z. me perdoe por não a ter avisado deste plano bem-humorado, mas a tentação de ver o que ia acontecer foi demasiado grande.)

A caixa de música foi erguida no ar e moveu-se sobre as nossas cabeças enquanto tocava uma melodia.

A Sessão de Despedida

Segunda-feira, 1 de Fevereiro de 1909, das 14h40 às 16h20

As condições atmosféricas estavam boas. Estava a gear; havia neve seca e gelada no chão. O céu estava muito escuro a oeste, onde provavelmente nevava, mas não caiu neve em Toledo.

(63) A luz foi regulada, como antes, através do mecanismo que subia e descia o obturador do candeeiro num canto da sala, por cordas que passavam para dentro do gabinete. Jonson permaneceu fora do gabinete até após quatro formas materializadas terem aparecido, sendo então levado para dentro por Grayfeather.

Ao longo da tarde foi anunciado que esta seria a minha sessão de "adeus", e que o grupo espiritual se esforçaria especialmente por mim. O círculo era composto pelos mesmos amáveis amigos que tinham estado presentes na minha primeira sessão de materialização com os Jonson.

Dezanove espíritos diferentes manifestaram-se. Alguns reapareceram duas ou três vezes, e um deles quatro vezes. Estimei que mais de quarenta formas tenham surgido ao longo da sessão. Dez dessas manifestações foram dirigidas a mim. Iola foi a primeira. Vi nitidamente o seu perfil; o olho direito estava fechado. Falou-me em sussurros, dizendo que "iria comigo".

A representação foi boa, o rosto muito semelhante ao real, e a altura e proporções da figura estavam corretas. No entanto, permaneceu demasiado tempo à entrada do gabinete e desmaterializou-se de forma um tanto antinatural. Durante esta sessão vi vários espíritos desmaterializarem-se; alguns afundaram-se no chão lentamente e, por assim dizer, de forma natural — era possível acompanhar com o olhar a descida das suas cabeças até os ombros estarem ao nível do tapete. Outros dobraram-se antes de se dissiparem, e alguns tombaram para o lado.

O meu pai e a minha mãe apareceram juntos, o meu pai com óculos. Atrás deles consegui distinguir uma terceira forma, com a altura e proporções de Iola; mas, como estava na sombra do gabinete, não consegui ver-lhe o rosto nessa segunda manifestação. Hipátia e Cleópatra também se materializaram, e Edna, a freira, apareceu quatro vezes.

Viola cumpriu a promessa feita no sábado. Foi a sétima forma a surgir. Ouvi uma exclamação de surpresa à minha esquerda, da Sra. Z., e lá estava o espírito, com o cabelo comprido, em frente dela. Tinha emergido do chão fora do gabinete. Uma velha parente apareceu para mim, que reconheci. Beijei-a, como faria quando era viva, e ela retribuiu; mas o esforço foi demasiado e ela tombou para o lado e desapareceu.

Abdullah manifestou-se sob a forma eterealizada, tal como fizera noutra ocasião em que eu estava sozinho.

Um espírito materializou-se que era conhecido dos restantes membros do círculo, mas não por mim — o "doutor químico". Eu e o Sr. Z. falámos com ele à entrada do gabinete. Disse-me que tinha feito o possível para ajudar Iola a apresentar-se bem. Assegurei-lhe que ela surgira melhor nesta noite do que em qualquer sessão anterior.

Houve duas falhas de materialização. A figura de uma mulher tentou formar-se fora do gabinete, mas colapsou antes de se completar; e houve uma eterealização brilhante no exterior que se desfez após subir cerca de sessenta centímetros.

O habitual "Tim" O'Brien falou durante alguns minutos. Repetiu o que muitos outros espíritos me disseram ao longo do tempo: que não é possível contarem-nos muito sobre o outro lado, nem sobre os motivos que regem as ações dos espíritos. Fui repetidamente informado de que é de grande benefício para os espíritos comunicarem com os mortais; qualquer pessoa que tenha investigado isto notará que parecem genuinamente gratos por essa oportunidade. Perguntei a Tim: "De que forma pode isso ser útil para os espíritos?"

R.: "É útil. Cada boa ação beneficia um espírito."

P.: "Mas, por exemplo, no caso de Hipátia. Ela vive no mundo espiritual há mil e quinhentos anos, e está numa esfera elevada. Como pode ser-lhe útil vir visitar-me?"

R.: "É útil. Não conseguirás compreender estas coisas até cá chegares."

Ao encerrar-se a sessão, Grayfeather foi bastante comovente:
— "Quero falar com o grande chefe que volta a atravessar o grande lago. Espero que regresse em breve, e que todos os bons espíritos o acompanhem" — e continuou com mais palavras do mesmo teor.

Não será necessário dizer que os Jonson, tal como todos os médiuns profissionais — bons, maus e medíocres — foram acusados de fraude. Nunca ouvi falar de qualquer acusação concreta que tenha sido provada contra eles. Tudo o que conheço são as calúnias habituais, vindas de médiuns rivais, de amigos bem-intencionados dos participantes, ou de autores — privados e públicos — do tipo "teórico de poltrona". Estes últimos estão completamente à vontade: sabem que não serão processados por difamação, pois tanto nos EUA como em Inglaterra nenhum médium conseguiria, perante as influências hostis de um tribunal, provar que possui o dom que está em causa. O seu dom, seja ele qual for, apenas se manifesta em condições favoráveis. Qualquer cobarde de caneta na mão pode atacar impunemente um médium.

Como Jonson se senta fora do gabinete durante parte de cada sessão, e a sua esposa raramente se aproxima dele, a única questão que o mais cético dos céticos poderia levantar seria a da presença de vários cúmplices em cada sessão. Considero que esta hipótese pode ser descartada, pelas seguintes razões:

(a) Não poderiam entrar por baixo ou por fora da casa sem serem notados, nem poderiam subir pelas escadas sem passar pelos membros do círculo; em sessões com mais de nove pessoas, teriam de atravessar o próprio círculo.

(h) Com exceção de Kitty — que me pareceu quase tão sólida como uma pessoa viva e que se manifesta com praticamente o mesmo tamanho há sete anos — nenhuma das materializações nas sessões dos Jonson tinha aparência verdadeiramente mortal. Os rostos não eram desagradáveis, mas os traços, a expressão e a cor tinham algo de nitidamente estranho, quase inquietante. Na minha opinião, as formas não eram substanciais.

Fiquei com a impressão clara de que essas formas possuíam uma base de matéria atenuada, e que qualquer parte podia ser solidificada pelo espírito naquele instante, como o rosto ou as mãos. Contudo, se eu tivesse estendido subitamente a mão, esta provavelmente teria atravessado qualquer uma dessas formas sem encontrar resistência. Num dos casos, como relatei, toquei num rosto; a temperatura era normal e a face tão suave como veludo.

Durante a minha estadia com os Jonson, encontrei-me no hotel com um dos vice-presidentes da Society for Psychical Research, que me informou que dois membros do Conselho tinham ficado efetivamente convencidos, através da mediunidade de Eusapia Palladino, da veracidade dos fenómenos de telecinesia e materialização! Espero ter recebido esse anúncio solene com o respeito e a gravidade que uma afirmação tão importante exigia.

Na manhã de 18 de Janeiro, durante a minha primeira visita a Toledo, o meu amigo Sr. Z. marcou uma sessão com a Sra. Alexander, na rua Superior, n.º 719, para as 20h. Seriam duas pessoas — ele próprio e um acompanhante. Não forneceu o seu nome nem o meu. Às 14h30, foi buscar-me no seu coche. O Sr. Yaryan estava comigo nesse momento. Conseguimos persuadir o Sr. Yaryan a adiar um compromisso para nos acompanhar até esta nova médium. Chegámos à casa às 14h45 e a sessão decorreu das 15h às 17h.

(64) Deve entender-se claramente que a Sra. Alexander nunca tinha visto dois de nós e só por breves momentos vira o Sr. Z. uma vez. Desconhecia os nossos nomes.

Ficámos, por isso, muito surpreendidos quando Viola e Kitty se eterealizaram e disseram, em voz baixa, "Tio Yaryan." Tim, outro espírito conhecido do gabinete dos Jonson, também apareceu e falou através da corneta.

A sessão decorreu numa escuridão total, e estávamos à espera de manifestações eterealizadas. Contando com as reaparições, foram vistas cerca de vinte e cinco formas. O gabinete consistia numa pequena divisão que dava para a sala onde estávamos sentados. A médium permanecia fora do gabinete — isto é, na mesma sala que nós. Não consegui compreender a utilidade desse gabinete; talvez, por ser um espaço mais pequeno, facilitasse a conservação da energia.

Cerca de quinze minutos após nos termos instalado nas cadeiras, começaram a surgir formas fracamente iluminadas. Regra geral, eram espectrais e pouco satisfatórias; mas falavam através da corneta, e por vezes sem ela. O interesse desta sessão residiu em alguns episódios que ilustraram bem a dificuldade de estabelecer a identidade quando tanto o espírito como o participante estão ansiosos por comunicar — bem como no conhecimento supranormal revelado por uma médium completamente desconhecedora da identidade dos presentes.

Já referi as aparições de alguns espíritos habituais do gabinete dos Jonson, que cumprimentaram o Sr. Yaryan pelo nome (um nome invulgar, importa dizer). Uma mulher com um bebé nos braços dirigiu-se a ele. O Sr. Yaryan colocou a mão sobre o que lhe pareceu ser a cabeça da criança. A princípio, não se lembrou de nenhuma amiga ou conhecida que tivesse morrido durante o parto ou em circunstâncias associadas a uma mãe e ao seu recém-nascido. Mais tarde, porém, recordou-se de uma senhora que morreu pouco antes de dar à luz, devido a uma doença no estômago, e a quem a Sra. Yaryan tinha prestado auxílio. Um homem também se lhe apresentou.

O Sr. Yaryan teve uma forte intuição quanto à identidade, mas pediu-lhe o nome. Não obteve resposta. Insistiu: "Qual é o teu nome?" O fantasma murmurou: "Não posso dizer agora." A nossa atenção foi então desviada por outras manifestações, e a questão do nome ficou suspensa. Quase meia hora depois, ouviu-se um grito rouco vindo do teto da sala: "Sou o Lee." Este era o nome do irmão falecido do Sr. Yaryan, cuja figura ele julgara ter reconhecido. A médium deu ainda uma descrição do espírito, que coincidia com a aparência que ele tivera em vida.

Não consegui encontrar uma explicação normal para este episódio. Era impossível que a Sra. Alexander conhecesse o Sr. Yaryan ou o seu irmão. A ansiedade de ambos os irmãos em comunicar criou, a princípio, uma condição de tensão, impedindo o espírito de responder. Quando o Sr. Yaryan se tornou mais passivo, concentrando-se noutras manifestações, o irmão conseguiu reunir energia suficiente para dizer o seu nome.

Noutros pontos deste volume são descritos episódios semelhantes de "paralisia" do espírito, causada pelas mesmas razões. Aconteceu-me tantas vezes, tanto na América como em Inglaterra, que aceitei a seguinte regra como certa: a identidade nunca é revelada quando tanto o espírito como o participante estão ansiosos por comunicar. Pelo menos um deles deve estar num estado passivo.

Durante esta sessão, Iola e a minha mãe manifestaram-se. Vieram juntas uma vez, e separadamente em outras ocasiões, comunicando por sussurros. Iola trouxe alguns narcisos; o perfume intenso foi claramente sentido na sala.

Perto do fim, o espírito familiar da Sra. Alexander, "Whitesnow", assumiu o controlo. Não esquecerei facilmente o riso inconfundível desta pequena índia. Uma das últimas coisas que disse foi: "Espero que não venhas tornar esta casa quente para a minha médium."

P.: "O que queres dizer com isso, Whitesnow?"

R.: “Bem, acho que tu costumas aquecer casas... mas nós não queremos que aqueças esta casa.”

Presumo que isto seja uma referência a uma das muitas invenções do Sr. Yaryan, que contribuiu para a instalação de sistemas de aquecimento central em cerca de vinte e cinco cidades dos Estados Unidos.

Ambos os senhores americanos comentaram com ênfase a diferença clara de sotaque entre os espíritos americanos e os ingleses. Já notei este curioso fenómeno noutras ocasiões; é uma boa prova da autenticidade das manifestações. Não me vou deter a discutir qual o inglês mais “puro” — o falado no Ohio e no Michigan ou o do sul de Inglaterra. Basta-me saber que são bastante diferentes; para os fins que tinha em mente, essa diferença era muito significativa e útil.

Uma Nova Médium em Toledo, Ohio

Em Toledo, Ohio, há uma jovem médium, com 19 anos à data da minha visita, na presença de quem ocorrem manifestações notáveis. Chama-se Ada Besinnet, e é filha adoptiva do Sr. e da Sra. Murray Moore, então residentes na Glenwood Avenue, n.º 2617. Até essa altura, tinha apenas participado em sessões privadas com amigos e não era, de modo algum, uma médium profissional.

Os investigadores podem, grosso modo, ser divididos em dois grupos:

1. Os que acreditam que a médium comete fraude — consciente ou inconscientemente — até se provar o contrário;

2. Os que acreditam na sua inocência até a apanharem em fraude.

Supondo que ambos os grupos têm a mesma capacidade de observação e discernimento, será o segundo grupo que chegará mais rapidamente à verdade, pois a sua atitude mental favorece muito mais a ocorrência dos fenómenos.

Quando reflito sobre o quão ignorantes somos, mesmo os mais sábios entre nós, e quão limitados são os nossos sentidos — a começar pelo facto de não compreendermos o significado de mais do que um oitavo dos raios do sol —, não consigo entender a perspetiva do primeiro grupo. Miss Besinnet é precisamente um daqueles médiuns que provocarão um conflito aceso entre essas duas posições. Espera-se que, por meio da sua mediunidade, muitos dos problemas pendentes venham a ser resolvidos.

Tive a sorte de participar em duas sessões com ela. A primeira, por amável convite do Sr. e da Sra. Yaryan, realizou-se em sua casa, na companhia de sete familiares e amigos; a segunda, na própria casa da médium, em que a única outra participante foi a Sra. Murray Moore. Em ambas as ocasiões, as condições atmosféricas eram razoavelmente boas.

(65) Primeira sessão, 5 de Janeiro de 1909 — das 20h10 às 23h50
Sentámo-nos no escuro em redor de uma mesa de carvalho retangular que pesava entre

sessenta e setenta e cinco quilos. Assim que a luz foi apagada, a médium entrou em transe. Os fenómenos incluíram canto e assobios em acompanhamento a um grafofone; toques de pandeireta, triângulo e sinos ao som do mesmo; vozes através da corneta; toques nas mãos e cabeças dos participantes; movimentos violentos da mesa; amarração da médium e luzes espirituais.

Sentei-me à direita da médium, e a minha mão esquerda esteve toda a noite ou amarrada à dela ou apoiada sobre a sua. Sobre a mesa, antes do início da sessão, foram colocados uma corda longa e macia, uma pandeireta, uma corneta, um sino e um triângulo. Os fenómenos começaram de forma hesitante e, durante quase uma hora, tentámos compreender o descontentamento do espírito-guia ("Dan") com a disposição dos objectos. Por fim, através da Sra. Moore (que é impressionada sobre o que fazer), descobrimos que Dan queria que o grafofone estivesse mais próximo da mesa, o que o separaria eficazmente da médium. Assim fizemos; houve também pequenas alterações na disposição do círculo, e a verdadeira sessão começou por volta das 21h.

Músicas foram reproduzidas pelo grafofone, com vozes espirituais a juntar-se ao canto; seguiram-se assobios de grande qualidade, vindos aparentemente de vários palmos acima da mesa. Apesar de estar atento, nunca me ocorreu que os sons pudessem vir da minha vizinha. A mão dela permanecia imóvel, e, por vezes, a cabeça repousava sobre a mesa por longos minutos. O assobiador não parava para respirar, emitindo notas melodiosas com uma força que, a meu ver, nenhum ser humano poderia alcançar. Entremeando, ouvia-se a pandeireta e os outros instrumentos.

Mais tarde, senti o meu pulso esquerdo a ser amarrado ao pulso direito da médium; minutos depois, a Sra. Moore disse que podíamos acender a lâmpada vermelha atrás de mim. Quando o fizemos, vimos que Miss Ada estava amarrada pelas costas e laterais da cadeira, com o pulso esquerdo atado à cintura, um lenço firmemente apertado sobre a boca, e o pulso direito atado ao meu pulso esquerdo.

Com a luz apagada novamente, o canto e os assobios recomeçaram, acompanhando o grafofone. Após cada canção, a médium era impelida a pegar na minha mão e colocá-la sobre a atadura da boca e depois na mão presa à cintura, aparentemente para provar que não poderia ter participado nos fenómenos.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, senti que a amarra à volta do meu pulso estava a ser desfeita. Estimamos que a médium e eu ficámos libertos em cerca de dez minutos. A luz vermelha foi novamente acesa para que todos no círculo pudessem verificar que as cordas tinham sido removidas. Após nova extinção da luz, os cânticos e acompanhamentos espirituais prosseguiram, bem como os toques de pandeireta.

Agarrei o instrumento com a mão direita, e segurei-o com toda a força de que fui capaz — mas foi-me arrancado com um movimento repentino. Tentei então segurá-lo com ambas as mãos, sem sucesso. Em ambos os casos, quem quer que fosse puxava para cima e para o meu lado esquerdo. É minha firme convicção que a jovem frágil sentada ao meu lado não teria força física para replicar a força de um homem adulto nessa posição.

Durante a última parte da sessão, houve movimentos violentos da mesa, tanto lateralmente como para cima. Uma das extremidades, a cerca de um metro e vinte da médium, ergueu-se duas vezes vários centímetros do chão. As mãos e cabeças dos participantes foram tocadas em vários pontos da mesa, e ouviram-se vozes sussurradas através da corneta.

Uma mão firme e masculina pousou sobre a minha várias vezes durante a noite, pressionando-a sobre a mão direita da médium. Por bastante tempo, saíram pequenas luzes do corpo de Miss Besinnet, e em menor grau, de mim também; extinguiam-se a cerca de vinte a trinta centímetros do ponto de origem. A cabeça da médium ficou parcialmente iluminada.

Às 23h50, a sessão terminou por desejo dos presentes; se esperássemos pelos guias espirituais, creio que teria continuado por mais uma hora ou mais. A jovem regressou do transe naturalmente em cerca de cinco minutos e parecia perfeitamente bem, apesar do esforço a que o seu organismo fora sujeito.

(66) Segunda sessão, 29 de Janeiro de 1909 — das 20h30 às 23h00

Esta sessão teve lugar por convite na casa da Sra. Murray Moore. As únicas pessoas presentes eram a Sra. Moore, Miss Besinnet e eu. No centro da sala havia uma mesa redonda de carvalho, com cerca de cinquenta quilos, e um grafofone num dos cantos. Os procedimentos habituais foram seguidos: inspeção de janelas e portas, vedação com tiras de papel, nas quais assinei o meu nome. Notei que a assinatura do Professor Hyslop estava numa tira semelhante, um pouco acima da minha — ele tivera uma sessão ali dias antes.

Assim que apaguei a luz, a mesa moveu-se rapidamente na direção do grafofone, percorrendo cerca de um metro e meio, e abriu-se ao meio, no local onde se coloca uma folha adicional. Movemos as cadeiras com ela. O grafofone ficou entre a Sra. Moore e a médium. Sentei-me à direita de Miss Ada, com a minha mão esquerda sobre a sua direita. Desta vez, os fenómenos começaram sem demora.

O grafofone iniciou as músicas, e as vozes espirituais juntaram-se aos cânticos como antes. Os assobios começaram quase de imediato, e houve acompanhamento de pandeireta numa das músicas. Como na sessão anterior, os assobios magníficos repetiram-se várias vezes, e, numa ocasião, dois espíritos assobiavam ao mesmo tempo. A qualidade do canto espiritual foi superior à da vez anterior. Uma música foi repetida com acompanhamento espiritual cinco vezes para meu benefício.

Surgiram pequenas nuvens pela sala, com a consistência do fumo de charuto, mas não houve eterealizações. Línguas de luz espiritual emergiram do corpo da médium — tinham cerca de um centímetro de largura numa das extremidades e afunilavam até desaparecerem ao fim de cerca de quatro centímetros. Fui tocado na cabeça e nas mãos várias vezes.

Foi tentado um fenómeno chamado "escrita de fogo", mas não teve tanto sucesso como o habitual. Nunca tinha ouvido falar desta curiosa manifestação. Trata-se de nomes desenhados no ar diante do participante, em letras de luz intensa; o efeito não é permanente — o início de

uma letra desaparece antes do fim estar completo. É um fenómeno que requer atenção muito rigorosa.

Depois de estarmos sentados durante duas horas, começaram os violentos fenómenos físicos. A mesa foi levantada completamente do chão por duas vezes e balançou para a frente e para trás, a cerca de sete ou oito centímetros acima do tapete. Por fim, a Sra. Moore foi trazida por uma mão até três quartos do caminho à volta da mesa, ficando de pé com a mão esquerda na minha mão direita, enquanto a mesa se abria e fechava duas vezes, os discos eram trocados no grafofone e o aparelho era posto a funcionar e interrompido por alguma força desconhecida.

Precisamente quando a médium estava a sair do transe, o refrão de Sankey, *"Está bem com a minha alma"*, estava a ser cantado pela segunda ou terceira vez naquela noite. Isso atraiu um espírito infeliz e soluçante, e a máquina teve de ser parada pela Sra. Moore, que afirmou que esses espíritos melancólicos afetavam negativamente a sua protegida.

Tive a oportunidade de discutir os fenómenos que ocorrem enquanto Miss Besinnet está em transe com o Professor Hyslop; ele já tinha assistido a sessões com ela, e fico satisfeito por podermos concordar em dois pontos: (a) que ela e a Sra. Murray Moore estão acima de qualquer suspeita quanto à honestidade dos procedimentos; (b) que esta jovem senhora contribuirá para a resolução de alguns problemas interessantes e lançará nova luz sobre acontecimentos que alguns investigadores até agora atribuíram a fraude consciente.

Contudo, aqui os nossos caminhos divergem. É certo que os músculos da garganta da médium foram observados a atuar em sincronia com os cantos e assobios misteriosos; também foi demonstrado (através de uma fotografia tirada com flash, com permissão da Sra. Moore) que a sua mão livre foi vista a segurar um pandeireta no ar. Mas o Professor conclui a partir disto (disse-o publicamente e também a mim) que, enquanto em transe, ela é quem canta e assobia, e que é a causa principal de todos os fenómenos, com ou sem a ajuda de inteligências externas.

A isto respondo com uma negação categórica. A ação simpática dos músculos de um médium durante fenómenos físicos é um facto conhecido. Foi afirmado por cientistas italianos recentemente no caso de Eusapia; mas eu afirmo que Miss Besinnet, com os seus próprios órgãos físicos, não conseguiria cantar ou assobiar sem que a pessoa ao seu lado percebesse; não conseguiria arrastar uma mesa pesada por metro e meio; não conseguiria levitar essa mesa, nem abri-la e fechá-la, sem ajuda terrena; não conseguiria falar através de um tubo ao vizinho sem que este se apercebesse; não conseguiria fazer luzes emergirem do corpo do vizinho, nem arrancar-lhe uma pandeireta das mãos.

Não é segredo que, até agora, o Professor Hyslop não viu nem ouviu qualquer prova fiável que o levasse a acreditar na existência de um fenómeno como a "materialização". Com tal preparação, como pode ele emitir uma opinião sobre fenómenos físicos?

Considero que o que ouvi quando estive com a Miss Ada se deveu a inteligências externas. Tenho abundantes provas, para mim mesmo, de que tais inteligências estavam presentes e ativas. Durante esta interessante sessão de 29 de janeiro, recebi uma mensagem do meu guia

que se referia, com espantosa precisão, a um assunto que me ocupava o pensamento há dois dias.

Foi transmitida de forma notavelmente delicada e cuidadosa pela Sra. Murray Moore, que é sensitiva; mas atrevo-me a dizer que essa senhora não sabe qual o significado que lhe atribuo. Duas semanas mais tarde, estava eu com a Sra. Georgia em Rochester, Nova Iorque, quando o mesmo espírito se manifestou inesperadamente através da sua escrita automática em espelho, e referiu-se, de forma clara e inequívoca, a esta sessão em Toledo, de forma a excluir completamente a teoria, já desgastada, da "leitura da mente". As duas senhoras de Toledo e a Sra. Georgia não se conhecem. É lamentável que as melhores provas do espiritualismo sejam de carácter tão íntimo que não podem ser publicadas sem ferir suscetibilidades de pessoas ainda vivas. Mesmo dizendo tudo o que posso, não terei revelado as razões mais fortes que sustentam a minha crença.

Em Miss Ada Besinnet temos uma médium de grande promessa. Espero que os seus amigos não permitam que ela realize sessões com pessoas que não tenham já desenvolvido convicções sólidas sobre telecinesia e materialização; pois, se o fizerem, receio que ela seja incompreendida.

Capítulo VII
AS IRMÃS BANGS EM CHICAGO

Razão da visita às Irmãs Bangs — Relato de um cavalheiro canadiano — Primeiro encontro com May Bangs — Lê carta dentro de envelope fechado — Cleópatra aparece na visão clarividente — Primeira imagem precipitada — Imagem surge do lado oposto da tela, junto ao consulente — As médiuns recebem mensagens dos espíritos por toques num objeto sólido — Escrita precipitada dentro de envelope colado e selado com cera — Selo intacto — May Bangs não toca na carta ou nas ardósias depois de estas serem atadas — Exemplos de passagem de matéria através de matéria — Perfil de Iola — Semelhança notável com fotografia no meu bolso — Uso de ardósias, elásticos e tinta próprios para as cartas — Citrato de lítio misturado na tinta — Respostas escritas com a mesma tinta — Carta de um espírito que afirma ser Cleópatra — Retrato de Cleópatra — Diversas outras cartas e retratos — Cartas sob molduras esticadas, com tinta à vista — Diminuição da tinta no tinteiro — Essência extraída da tinta — Desmaterialização de flores — Um frasco de tinta esgotado na precipitação de uma carta — Flores transferidas para envelope fechado — Agitação e perda de controlo de May Bangs — Retratos para habitantes remotos do Oregon — Muita discussão sobre os fenómenos na presença das irmãs Bangs — Teoria da fraude — Razões pelas quais a teoria não pode ser aceite — Como provavelmente são produzidos os retratos — Experiências com o ilusionista William Marriott — Bangs nem sempre bem-sucedidas.

Uma das principais razões que me levou a visitar os Estados Unidos foi observar um fenómeno descrito na seguinte carta, datada de 19 de outubro de 1908, por um cavalheiro de posição e influência consideráveis no Canadá:

A nossa próxima experiência foi em Chicago, com as Irmãs Bangs, de quem ouvimos tanto relatos positivos como negativos. Estávamos, por isso, particularmente atentos. Deixo-lhe o julgamento do que ali obtivemos. Amigos que já as tinham visitado aconselharam-nos a escrever as perguntas antes de irmos a casa delas, e a colocá-las, juntamente com várias folhas de papel em branco carimbadas ou rubricadas, dentro de um envelope colado e selado. Assim fizemos, utilizando papel de um hotel de Toledo decorado com um monograma dourado. Chegámos a Chicago na manhã seguinte. Às nove horas, encontrámos a residência das Bangs e conseguimos uma sessão imediata, antes da chegada dos seus numerosos clientes. Sentámo-nos com a Srta. May Bangs. Até hoje, ela desconhece os nossos nomes e a nossa proveniência; nem fazia ideia da nossa visita ou do seu propósito. Cada um de nós, por sua vez, acompanhou-a até a um pequeno e confortável boudoir do lado soalheiro da casa, com vista para um relvado; a única janela estava aberta. No centro da sala havia uma mesa quadrada, de cerca de um metro e vinte de lado, coberta com um pano de lã. A médium sentou-se em frente a mim, a pouco mais de trinta centímetros da mesa; o único objeto sobre a mesa era um tinteiro aberto. Disse-lhe que tinha trazido perguntas num envelope selado e esperava obter respostas através da sua mediunidade.

Ela respondeu: "Vamos tentar." Foi então buscar um par de ardósias articuladas, com molduras cobertas de tecido escuro, entregou-mas e voltou a sentar-se, dizendo: "Coloque a sua carta entre as ardósias, feche-as e prenda-as com estes elásticos fortes; deposite as ardósias sobre a mesa, à sua frente, e mantenha ambas as mãos pousadas sobre elas."

Tendo sido seguidas as instruções da médium, envolvemo-nos numa conversa geral. Por três vezes, ela interrompeu a conversa para perguntar: "Este nome ou local está corretamente escrito?" (referia-se a nomes estrangeiros mencionados nas minhas perguntas), o que indicava que algum conhecimento do conteúdo da minha carta lhe estava a chegar. Se eu confirmava ou fazia uma pequena correção, ela tomava nota num bloco que mantinha sobre o joelho, e depois retomávamos a conversa.

Passou-se assim cerca de meia hora, até que três pancadas distintas foram ouvidas e sentidas por mim, aparentemente vindas do centro da mesa. Miss Bangs disse então: "A sessão terminou; recebeu o que tinha a receber; pode abrir o envelope agora ou mais tarde." Abri as ardósias articuladas, encontrei o envelope tal como o tinha colocado — intacto e ainda selado —, agradeci à senhora e saí da sala, dando lugar ao meu irmão.

Enquanto esperava pelo meu irmão, na sala ao lado, abri a extremidade do envelope com o meu canivete e encontrei, além das minhas perguntas, nove páginas e meia do papel branco cobertas de escrita a tinta, como se com uma pena metálica, devidamente numeradas e assinadas, em nome do espírito a quem eu tinha dirigido quatro das cinco perguntas. As respostas eram categóricas, fornecendo ou confirmando informações de grande valor pessoal para mim; referiam-se a factos e acontecimentos de há quarenta anos, que apenas eu e o espírito conhecíamos, e mencionavam nomes de pessoas que eu não incluíra nas perguntas, mas que ambos conhecíamos no passado e que participaram nos eventos referidos.

A resposta à quinta e última pergunta consistia numa saudação de amigos espirituais que conheci em vida e que agora se apresentam como os chamados "guias".

Quando se escreve rapidamente, normalmente é necessário usar mata-borrão ao virar a página; aparentemente, isso não foi preciso para o espírito escritor, pois a tinta tinha a mesma intensidade no início e no fim das páginas. A caligrafia da última mensagem (e cada uma das assinaturas no final) diferia da usada nas respostas às primeiras quatro perguntas.

Não se afirma que a escrita tenha sido feita pelos próprios espíritos, mas sim que foi ditada por eles ao "controlo" da médium, que se tornou perita nesta forma de manifestação.

Poderá a telepatia explicar estas respostas? Conseguirá justificar a transferência da tinta do tinteiro na mesa para as folhas dobradas e seladas dentro de um envelope entre as ardósias, sob as minhas mãos? Um escritor muito rápido levaria pelo menos uma hora e um quarto a escrever o que o espírito fez em meia hora — e isto sem contar com o tempo de reflexão necessário para redigir respostas tão complexas. Lamento que o conteúdo seja de tal forma pessoal que não possa nem sequer enviar excertos.

As respostas do meu irmão preencheram cerca de treze páginas; entre elas, havia três mensagens assinadas por três amigos espirituais diferentes que já o tinham visitado na minha casa, em Detroit, e na dos Jonson, em Toledo.

A caminho de Nova Iorque ouvi muitos relatos negativos sobre as Irmãs Bangs; mas também tinha visto cinco retratos, feitos, segundo os donos, na sua presença, a menos de um metro delas, por uma agência invisível e através da mediunidade das irmãs, cuja única participação teria sido segurar as telas. Quis então realizar um teste rigoroso tanto com as cartas como com os retratos. Muitas pessoas em Londres estavam muito interessadas no relato do cavalheiro canadiano. O tema tinha sido amplamente debatido, e estava decidido a não regressar a Inglaterra sem tentar resolver este mistério o melhor que pudesse.

Cheguei a Chicago na tarde de domingo, 17 de janeiro de 1909, e fui ter com as Irmãs Bangs às 18h, com o pretexto de marcar sessões para a semana. Consegui convencer May Bangs a realizar comigo, naquela mesma noite, uma sessão para obter uma carta. Antecipando a sua aceitação, trouxera uma carta no bolso. Ela levou-me a uma pequena sala, com cerca de 3,60 por 2,40 metros, e apresentou duas ardósias, entre as quais coloquei a minha carta.

Sentámo-nos a uma mesa de carvalho, de aproximadamente 1,10 por 70 centímetros, coberta com um pano verde que não ultrapassava os limites do tampo. May Bangs segurou uma das extremidades das ardósias enquanto eu as prendia com quatro elásticos, dois em cada direção. A minha carta era dirigida à minha guia, Iola, e dentro do envelope incluí quatro folhas brancas do papel do Hotel Secor (Toledo), com uma marca privada minha, esperando que fossem usadas na resposta. O envelope estava fechado com um selo postal de dois cêntimos.

Sobre as ardósias, agora nas minhas mãos, ela colocou um pequeno frasco de tinta, e por cima uma cartolina ("bristol-board") ligeiramente maior do que as ardósias. Perguntou então, com alguma hesitação: "Endereçou a carta a um espírito com nome definido?" Respondi que não. "Então, por favor, escreva o nome num pedaço de papel e coloque-o por cima das ardósias." Assim fiz, sem que ela pudesse ver o que eu escrevia; dobrei o papel e coloquei-o do meu lado do tinteiro, sob a cartolina.

Ela começou então a descrever, em visão clarividente, a figura de uma jovem que reconheci como Iola, acompanhada de dois idosos, que pelas suas palavras percebi serem meus pais. Viu também dois jovens, provavelmente os meus irmãos no além.

Passou então a repetir, frase por frase, as perguntas exatas da minha carta. Em certo momento perguntou: "É este o nome?" e entregou-me, do bloco que segurava, um pedaço de papel onde estavam claramente escritos o nome próprio e o apelido de Iola em vida, o mesmo nome que eu escrevera e colocara sobre as ardósias, debaixo da minha mão. Disse ainda: "O papel com o nome entrou entre as ardósias."

Durante todo este tempo, May Bangs manteve-se a cerca de 30 centímetros da mesa, do lado oposto ao meu, com um bloco e um lápis nas mãos, a pelo menos 60 centímetros das ardósias. A iluminação a gás era forte.

Passados 45 minutos desde o início da sessão, três toques nas ardósias anunciaram que a resposta estava concluída. Retirei a cartolina e percebi que o meu papel com o nome tinha desaparecido. Ao abrir as ardósias, encontrei o papel dentro, junto da carta. Esta estava aberta no topo, e no interior encontrei quatro páginas de resposta. Verifiquei que era o mesmo papel do Hotel Secor, com a minha marca privada.

A carta de resposta continha mensagens privadas que não posso divulgar. Estava corretamente assinada e respondia a quase todas as minhas perguntas.

Durante a sessão, May Bangs viu a forma de uma rainha oriental rodeada de acompanhantes. Era claramente Cleópatra, que vinha cumprir a promessa feita no dia anterior em Toledo.

18 de janeiro de 1909, das 11h às 12h30.
Condições atmosféricas boas. Um ligeiro degelo sob os pés, mas o ar estava seco.

(67) Pedi que fosse precipitado um retrato da minha guia "tal como ela é agora, na vida espiritual". No interior do meu colete, tinha um bolso para notas onde coloquei duas fotografias de rosto inteiro (cartes-de-visite) de Iola. Uma fora tirada em 1857, a outra em 1867. Duas telas finas esticadas em molduras de madeira e cobertas com papel fino foram colocadas frente a frente e seguradas na janela. O estore foi subido até ao topo das telas, e cortinas foram penduradas dos dois lados, tudo na minha presença.

A janela estava virada a sul, e a luz que passava pelas duas telas semi-transparentes era suficiente para tomar notas e ver tudo o que se passava. A pequena mesa de carvalho estava colocada no sentido do comprimento sob a janela; a base das telas repousava sobre ela. May Bangs sentou-se à minha direita, de frente para mim, segurando com a mão direita um dos lados das telas; Lizzie Bangs sentou-se à minha esquerda, também de frente para mim, segurando com a mão esquerda o outro lado.

Eu olhava diretamente para o centro das telas, com o nariz a cerca de 60 a 75 centímetros de distância. Tivemos de esperar algum tempo. Ao fim de alguns minutos, a tela começou a mostrar várias tonalidades — rosadas, azuladas e castanhas —, tornando-se mais clara ou mais escura independentemente de o sol estar encoberto ou não.

Contornos ténues de rostos apareciam ocasionalmente em diferentes partes da tela. Após cerca de vinte e cinco minutos de sessão, May Bangs levantou-se e disse: "Segure nisto, por favor; vou buscar algo para a constipação da minha irmã." Tomei então o seu lugar, segurando as telas com a mão direita. Cerca de cinco minutos depois, regressou com um pequeno frasco para a irmã cheirar, e voltámos às posições originais. Já tínhamos estado sentados durante quarenta minutos quando as extremidades direita e esquerda da tela começaram a escurecer, e o rosto e busto surgiram subitamente.

Estava concluído trinta e cinco minutos depois — ou seja, uma hora e quinze minutos após o início da sessão. Ao separar as duas telas, verificou-se que a imagem estava no lado oposto da que estava mais próxima de mim, e o material encontrava-se bastante húmido; a outra tela, que esteve em contacto com esta o tempo todo, estava limpa. A substância saía ao toque do dedo — uma matéria oleosa e suja. Este facto invalida a hipótese de se terem usado apenas gizes ou pastéis.

A imagem propriamente dita demorou, portanto, trinta e cinco minutos a ser precipitada. Está hoje com uma tonalidade mais rica do que quando foi colocada no sofá após a sessão, mas permanece igual em todos os outros aspetos. A semelhança com as fotografias que eu guardava no bolso do colete não é notável, mas há detalhes que demonstram que os "trabalhadores invisíveis" tiveram acesso a essas imagens.

Queríamos agora saber qual das outras fotografias em minha posse a minha guia queria que eu levasse no dia 20, data marcada para a próxima imagem. Sem que as médiuns vissem, coloquei cinco fotografias debaixo de uma cartolina, viradas para baixo. May Bangs disse: "Não é a pequena" (uma era de quando Iola era muito nova). "A que está mais próxima de mim é uma de perfil." (Correto.) "Ela não gosta muito do penteado antiquado, mas escolhe essa porque sabe que é a sua preferida." (Correto.)

Durante a sessão, comunicámos ocasionalmente com os espíritos através de pancadas. Percebi que os invisíveis usavam o código Morse.

(68) **19 de janeiro de 1909, das 10h às 12h.** As condições atmosféricas estavam boas. Levei às Irmãs Bangs uma carta com duas folhas (quatro páginas) de perguntas. Dentro do envelope coloquei quatro folhas em branco de papel de hotel, todas com uma marca privada. O envelope com as seis folhas foi colado e selado com o meu anel de sinete. Escrevi vinte e três perguntas para a minha guia. Fui recebido por May Bangs na mesma pequena sala, que, como anteriormente, estava bem iluminada.

Coloquei a carta entre as suas duas ardósias, cujas bordas estavam cobertas de lã para bloquear qualquer feixe de luz. Ela segurou as pontas das ardósias com uma mão enquanto eu as prendi com quatro elásticos, tal como fizera dois dias antes. As ardósias foram colocadas sobre a mesa, com o mesmo pequeno frasco de tinta por cima, e por cima disso, a cartolina já referida. A partir desse momento, May Bangs deixou de ter contacto com as ardósias, que permaneceram sob as minhas mãos. Ela e eu sentámo-nos frente a frente, ela recostada na cadeira, escrevendo num bloco de papel.

Após quinze minutos de conversa, May Bangs começou a dizer-me quais eram as minhas perguntas e a responder a algumas delas. Em determinado momento disse: "Rasgue um canto do seu cartão de visita para que possa identificá-lo depois; coloque-o sobre as ardósias e vejamos o que acontece." Cerca de quinze minutos mais tarde disse: "Por que escreve de forma tão formal ao seu parente? Escreva um posfácio num pedaço de papel, mencionando a sua esposa de forma tão familiar como faria se estivesse a escrever a esse espírito em vida."

Fiz isso sem que ela visse o que escrevi, dobrei o papel e coloquei-o também sobre as ardósias. Ela continuou como antes, repetindo as minhas perguntas seladas no envelope. Às 11h10, a médium disse: "O seu cartão já está dentro da carta." Quando passou uma hora e quarenta e cinco minutos desde o início da sessão, três pancadas na mesa anunciaram que a escrita estava concluída.

Abri então as ardósias. No seu interior estava o meu envelope intacto, com o selo por abrir. No exterior do envelope estava escrito: "O pequeno papelinho (o meu posfácio) foi colocado no seu chapéu, na outra sala." Estava assinado por uma inicial — o nome próprio da minha guia. Rasguei o topo do envelope e encontrei no seu interior: (a) as minhas perguntas, em quatro páginas; (b) oito páginas de resposta do espírito, escritas a tinta, como se com uma pena metálica; (c) o meu cartão de visita. Fui então até à sala de estar, onde tinha deixado o meu chapéu, e encontrei-o ligeiramente deslocado. Dentro do forro estava o meu posfácio.

Antes de sair, May Bangs leu-me as perguntas da minha carta, que escrevera no seu bloco ao vê-las na "luz astral". Estavam todas corretas quanto ao conteúdo, embora não na formulação exata, e curiosamente, ela leu-as pela ordem certa — da (1) à (23). Com alguma relutância, acabou por me entregar as páginas do bloco; é um dos documentos mais curiosos que possuo.

Segue-se a carta de resposta às minhas perguntas:

Meu querido —,

Estou contigo mais uma vez e, como sempre, encantada por manifestar a minha presença, por mais leve que seja. Agora estás a pôr-me à prova novamente — a testar a minha memória sobre coisas, lugares e pessoas terrenas — e como eu gostaria de poder romper a pequena barreira que me impede de me exprimir com liberdade e plenitude. Mas sabes... em todas estas questões a minha memória é perfeitamente clara quando estou livre e desimpedida na atmosfera espiritual, mas, de algum modo, quando retorno à atmosfera terrena, tantas coisas se tornam nebulosas e incompletas.

Em outras palavras, não está destinado aos mortais saberem tudo. Se assim fosse, a investigação pertenceria ao passado e os assuntos espirituais na Terra estariam paralisados. Essas pequenas insuficiências (sic) levam a mente a inquirir mais, e pouco a pouco vão chegando as respostas que trazem reafirmação.

Não estou familiarizada com todas as leis que regem o regresso dos espíritos em manifestações exteriores. Estou constantemente a aprender e sei que, com o tempo, conseguirei trazer a bela verdade até à tua casa. Estou a esforçar-me — e continuarei a fazê-lo — para alcançar as condições desejáveis, pois sinto-me a aproximar de ti, e sozinha

procurarei alcançar aquele estado de pensamento que até agora tem faltado, e assim poder oferecer-te livre e plena evidência da identidade que tanto desejas.

A lei da evolução conduz-nos para diante e para cima na verdade espiritual, tão rapidamente quanto a mente mortal é capaz de aceitar e compreender essa verdade na sua luz real; e se, por vezes, não conseguimos dar-te tudo o que a tua mente deseja, não duvides — mas acredita — que o tempo te recompensará. E irá mesmo. E é precisamente agora que quero dizer-te que a nossa bela "Cleópatra", que foi uma inteligência extraordinária aqui na Terra e que, ao longo dos muitos anos de vida e estudo nas esferas espirituais mais elevadas, se tornou ainda mais capaz, poderá guiar-te nestas questões científicas melhor do que aqueles que se encontram na vida espiritual desde os tempos do século passado.

Ela pode ajudar-te a resolver e a fornecer o elo perdido para o mundo da ciência. Isso nunca foi dado antes, porque a ciência do mundo material ainda não atingiu a compreensão dos elementos e leis da sua própria atmosfera. Reconhecem a existência da eletricidade, os seus resultados e efeitos sob determinadas condições — descobertas após longos estudos e experiências — mas não conseguem produzi-la como substância independente.

A eletricidade é a força propulsora de toda a vida, de toda a ação, e chegará o dia em que os teus cientistas a compreenderão melhor. E há outros elementos, na própria atmosfera que vos rodeia, que os espíritos devem entender e utilizar para provocar esses resultados. É por causa da vossa ignorância sobre esses elementos, e pela falta de conhecimento da maioria dos espíritos — eu incluída — em contacto com essas leis, que se forma a barreira à expressão.

Como disse antes, no meu próprio domínio, tudo o que procuras saber de mim esta manhã é tão claro como o sol ao meio-dia, mas o meu profundo desejo de transmitir tudo isso — e o teu grande anseio por receber — acabam, por agora, por me impedir de o expressar livremente.

Há muitos temas da tua carta que gostaria de abordar em explicação mais completa, mas receio não o conseguir fazer nesta única sessão, por isso irei apenas referir-me brevemente a alguns, pois todos estão sob a mesma lei.

Que estou contigo em todos os teus movimentos, desde o local onde te encontras até à tua casa em Inglaterra, disso não tenhas dúvidas. Não contabilizo o espaço intermédio da ação, mas deslizo através dele, por assim dizer, num piscar de olhos. Não tenho consciência de tudo o que ocorre na tua vida material do dia-a-dia, mas reconheço os acontecimentos no seu todo, especialmente o teu sucesso e felicidade — que estão sempre presentes na minha mente.

Irei ter com ela e preparar a sua mente, para que possa vencer a timidez em relação às questões espirituais, pois tenho um desejo profundo de me manifestar a ela tal como o faço contigo. Acredito — aliás, sei — que, com a sua disponibilidade e os vossos esforços combinados, poderá ocorrer alguma demonstração maravilhosa no vosso lar, provando esta grande verdade.

Tenho estado a impressionar a médium sobre como responder a algumas das tuas perguntas, pois não posso tratar de todas por escrito. Agora sinto as forças a esmorecer, e terei de terminar em breve.

As pequenas marcas que se estão a formar numa das fotografias são fruto do meu esforço, e espero concluir o meu trabalho com alguma manifestação conclusiva e interessante para ti… Adieu. *(Assinado com o nome terreno de Iola)*

A caligrafia é igual à da carta anterior e não se assemelha à de Iola quando estava viva. Todas as cartas obtidas por via da mediunidade das Irmãs Bangs têm características semelhantes, como se fossem escritas ou precipitadas por um único amanuense. Parece provável que o espírito dite a uma espécie de "guia de escrita", cujas idiossincrasias acabam por se manifestar. Há americanismos na carta que certamente não provêm da minha guia. Considero que o tom geral da carta ultrapassa bastante a capacidade mental da médium presente na sala. As páginas foram numeradas pela própria entidade que escreveu, e a sequência encontrada foi: página 5 atrás da página 4, página 6 atrás da página 8, e página 7 atrás da página 2.

(69) No dia seguinte, 20 de Janeiro de 1909 — boas condições atmosféricas. Fui ter com as Irmãs Bangs para obter um retrato de perfil de Iola, conforme combinado a 18 de Janeiro. Tudo estava pronto às 10h50, e permanecemos sentados até às 11h30. No meu bolso para notas tinha uma carte-de-visite de Iola, tirada em 1874. As médiuns nunca tinham visto essa fotografia, nem qualquer outra da minha posse. Quinze minutos após o início da sessão junto à janela, surgiram o rosto e o busto; o perfil estava virado para a direita, precisamente como está agora no retrato emoldurado que tenho pendurado no meu quarto.

É importante lembrar que eu estava a olhar pelo verso da imagem, que se formava no lado oposto da tela mais próxima de mim; por isso, se tivesse sido concluída nessa posição, o retrato final, quando emoldurado, mostraria o perfil virado à esquerda. Quando o retrato estava quase concluído, as duas telas foram inclinadas em direção a mim sobre a mesa (aparentemente por sugestão espiritual). Uma mensagem telegráfica chegou por pancadas a May Bangs, que disse: "Ela quer que este retrato seja especialmente para a tua esposa, assim como para ti.

Acha que a tua esposa preferirá vê-la na pose a que está habituada." As telas foram então novamente erguidas para a janela, e percebi que toda a imagem tinha sido invertida, de modo a que o perfil agora olhasse para a esquerda em vez da direita. Poucos minutos depois, o retrato estava concluído, e May Bangs comentou: "Ela diz que não consegue incluir a mão."

Desde o momento em que o rosto e o busto apareceram até à separação das telas e colocação do retrato acabado no sofá da sala ao lado, passaram-se vinte e cinco minutos. Nenhuma das médiuns tinha alguma vez visto a carte-de-visite que eu trazia. Como sabiam que deveria haver uma mão na imagem? Na verdade, nessa fotografia há uma mão (a esquerda) a sustentar o rosto do lado esquerdo. Isso foi omitido no retrato colorido.

O retrato final apresentava uma semelhança muito próxima com a fotografia. Olhava na mesma direção — para a direita. Quanto à semelhança, é impossível que alguém compare a fotografia com o retrato e negue que se trata da mesma pessoa. Ao mesmo tempo, o retrato

não é uma cópia servil da fotografia. A pose é mais ereta, o rosto mais espiritualizado, e o vestuário não é exatamente o mesmo.

Há uma firmeza, uma determinação e uma aparência de serenidade e felicidade no rosto que estão ausentes na carte-de-visite. É uma obra de arte. Só posso dizer isso de mais um retrato na minha coleção. Todos são interessantes, cada um tem o seu valor de teste particular; mas alguns trajes são rígidos e há várias falhas anatómicas. Este, no entanto, não apresenta qualquer defeito, e há diferença suficiente entre ele e a fotografia para mostrar claramente, mesmo ao observador mais casual, que um não é uma cópia profissional do outro.

Nessa altura, eu e as Irmãs Bangs já tínhamos estabelecido uma relação quase de colegas de estudo, e elas ofereceram-se para realizar qualquer teste que eu desejasse. Combinou-se então que, dali em diante, eu traria as minhas próprias ardósias, elásticos e tinta.

Foi nessa mesma noite que o Dr. Hudson levou de mim a mensagem que viria a escrever através da Sra. Georgia, uma semana depois, em Rochester (ver Capítulo V).

21 de Janeiro de 1909. Condições atmosféricas boas. Sessão com May Bangs das 10h45 às 12h30.

Levei comigo duas ardósias ligeiramente maiores do que as das Irmãs Bangs. As bordas estavam cobertas com um tecido de lã, tal como as delas (para excluir o mais ténue raio de luz). Levei também seis elásticos de borracha, um frasco de tinta de cinco cêntimos misturada com citrato de lítio, e uma carta para um velho amigo, Sir A. G., que já estava no mundo espiritual há alguns anos.

Já me referi anteriormente a uma discussão que teve lugar em Londres antes da minha partida, acerca da conveniência de verificar se a tinta utilizada nas cartas de resposta era a mesma que se encontrava no recipiente sobre as ardósias; era evidente que, se isso pudesse ser comprovado de forma satisfatória, estaríamos a mais de meio caminho de provar o carácter sobrenatural da escrita. Nessa ocasião, Sir William Crookes estava presente e sugeriu que eu misturasse lítio na tinta; uma investigação espectroscópica permitir-lhe-ia determinar se as duas tintas eram, ou não, idênticas.

Naturalmente, segui o seu amável conselho e, antes de partir para a América, comprei uma pequena quantidade de citrato de lítio à firma Cruse and Co., Farmacêuticos, no nº 68 da Palmerston Road, em Southsea. O frasco de tinta de cinco cêntimos foi comprado em "The Fair", em Chicago; cerca de um terço do conteúdo foi vertido fora, o citrato de lítio foi todo adicionado ao frasco e este foi bem agitado. Com esta mistura, enchi uma pequena taça e coloquei-a sobre as ardósias; depois, o frasco foi tapado e guardado no bolso do meu casaco.

A carta que escrevi a Sir A. G. era a seguinte:

Meu caro Sir A—,
Tive o prazer de ouvir falar de si em Detroit, no dia 9, quando tivemos uma conversa sobre o desastre do Maine. As ideias que então expressou não coincidem com a sua opinião enquanto em vida terrena. Poderia ter a amabilidade de se identificar da melhor forma possível e dizer-me o que sabe agora sobre a perda do Maine?

Com os melhores cumprimentos,
W. Usborne Moore.

Sir A. G. ocupou o cargo de cônsul-geral britânico em Cuba durante a Guerra Hispano-Americana. Tivemos conversas em Londres, depois da sua reforma, sobre a catástrofe; e a sua opinião era que o desastre se deveu a alguma negligência a bordo do navio, e não à explosão externa de uma mina. Em Detroit, ele expressou uma opinião contrária (ver Capítulo VIII). A resposta foi a seguinte:

Alegra-me poder vir ter consigo hoje e agradeço-lhe o privilégio que me concede neste grandioso fenómeno, demonstrativo de que a vida é, de facto, eterna. Há muitos temas sobre os quais gostaria de conversar consigo, partilhando o conhecimento que adquiri deste lado da vida; mas vejo que colocou perante mim, na sua carta de hoje, o assunto do desastre do Maine. Pois bem, meu caro amigo, de facto comuniquei-me consigo recentemente com ideias bastante diferentes sobre este desastre em relação à minha opinião enquanto em vida.

Ao chegar à vida espiritual e ao tomar conhecimento da verdadeira existência e maiores possibilidades, este foi um dos temas principais que me interessou. As minhas simpatias e indignação foram profundamente tocadas com o assunto quando estava na forma física, e como tão pouco da verdadeira origem do desastre podia ser apurada, levei comigo o desejo de provar definitivamente o segredo para a minha nova vida. Desde então examinei atentamente todo o contexto e o modo de operação e resolvi o mistério; foi isso que lhe transmiti na minha recente comunicação.

Assim se explica a minha mudança de opinião desde que entrei nesta vida superior. Mas, meu caro amigo, aprendi também que todas as circunstâncias da vida terrena têm um propósito. Do ponto de vista material, muitos incidentes e condições podem parecer desnecessários para a formação de uma vida perfeita aqui; no entanto, se tudo fosse perfeitamente liso, uniforme e harmonioso, não haveria investigação, nem disposição ou inclinação para maior conhecimento.

E sem o erro, não seríamos capazes de reconhecer o acerto. Portanto, todos os erros, desilusões e fracassos da vida são lições necessárias que compreenderemos um dia quando iniciarmos a nossa jornada como iguais nos reinos superiores da vida eterna. A minha experiência tem sido maravilhosa desde que passei por essa grande transformação e, ao fazer o balanço de todos os problemas resolvidos, vejo que, até agora, apenas comecei.

A vida é, de facto, maravilhosa, e quanto mais aprendemos sobre as suas leis, propósitos e possibilidades, maiores se tornam as nossas experiências aqui e no além — e mais plenamente compreendemos o que o tempo e a eternidade nos reservam.

É com alegria que o reencontro desta forma, meu caro amigo, e espero poder continuar a vir frequentemente em troca de pensamentos. Estarei disponível para lhe oferecer mais informações sobre qualquer assunto que deseje, na medida do meu conhecimento e experiência atuais, adquiridos nesta nova vida.

O seu, como na Terra, A. G.

A caligrafia desta carta apresentava semelhanças com outras duas já existentes.

Assim que entrámos na sala, pedi a May Bangs que se sentasse do lado oposto da mesa, em relação ao lugar onde normalmente se sentava. "Vire a mesa ao contrário," pediu ela. "Não," respondi, "quero a sua gaveta do meu lado. Tire da gaveta o que precisar e coloque sobre uma cadeira ou mesa ao seu lado." Ela disse: "Muito bem, farei isso." Limitou-se a pedir para ver a carta e segurou nas minhas ardósias enquanto eu colocava à volta delas quatro elásticos, dois numa direção e dois na outra.

Depois, verti a minha tinta para o pequeno recipiente, que tem capacidade para cerca de uma colher e três quartos de chá. O cartão foi colocado por cima de tudo. Segurámos o cartão e as ardósias juntos durante cerca de cinco minutos; ela depois recostou-se no assento, escrevendo ocasionalmente no seu bloco de notas e falando o tempo todo. Contou-me o conteúdo da minha carta a Sir A. G.

A resposta demorou uma hora e meia a ser escrita; provavelmente o facto de eu ter alterado as condições na sala teve algum efeito no atraso da escrita. Havia uma nota de Iola no verso da minha curta carta a Sir A. G., que se referia a algumas brincadeiras que ocorreram durante a sessão, relacionadas com certos erros ortográficos numa carta anterior. No exterior do envelope estavam as palavras "From Sir A. G." (De Sir A. G.), numa caligrafia diferente da nota acima referida e também da escrita da carta de resposta. A assinatura desta última apresentava alguma semelhança com a do meu amigo em vida, mas não o suficiente para ter a certeza de que era mesmo dele.

Às 16h, esta carta foi enviada por correio a Sir William Crookes.

Na mesma noite, a 21 de Janeiro de 1909, sentei-me com May Bangs das 19h15 às 20h50 para obter resposta a uma carta que tinha escrito durante a tarde a Cleópatra. As condições atmosféricas eram más. Chovia e o ar estava pesado e abafado. Esta carta também demorou uma hora e meia a ser escrita. A médium sentou-se no seu lugar habitual. Tal como antes, usei a minha própria tinta misturada com lítio, as minhas próprias ardósias e elásticos. A conversa de May Bangs demonstrava algum conhecimento do conteúdo da minha carta, mas não na totalidade.

Na minha carta, pedia que Cleópatra fizesse precipitar o seu retrato às 10h30 da manhã seguinte, começando assim: "Poderias precipitar o teu retrato na tela amanhã às 10h30, e acrescentar palavras ou sinais que possam ser reconhecidos por um estudante experiente da história egípcia?"

Os seguintes são excertos da resposta:

Meu bom amigo da Terra. Foi-lhe dito que vim à sua vida com propósitos específicos, e é verdade. Há muito, muito tempo que estou do lado espiritual da vida. São eras, conforme calculam o tempo, e durante esse período passei por reinos muito distantes da Terra. Tudo o que me era querido e próximo no vosso plano há muito me acompanhou e também evoluiu por inúmeros planos.

A verdade está sempre no topo das aspirações da alma, e chegou o momento em que os mortais devem avançar mais para a luz. Existem muitos mistérios que apenas espíritos com

longa experiência e estudo podem transmitir aos do vosso plano com algum grau de compreensão e aplicação prática. Foi por isso que entrei na sua vida, para ajudar nesta obra tão desejável, e escolhi-o a si como o meu sujeito através do qual trabalhar. Sei do seu desejo sincero e honesto de compreender, por si e pelo mundo, esta grande e importante questão.

Trago-lhe estes diferentes fenómenos como prova da minha presença e como introdução da minha identidade. Desejo muito apresentar-lhe o meu retrato por meio desta influência e do bom artista que é também elevado e proficiente no seu conhecimento artístico, para que me possa conhecer melhor. E assim se formará uma corrente de harmonia e recetividade que assegurará o maior bem espiritual. Em resumo, desejo vir até si através do seu próprio poder psíquico e da recetividade que está gradualmente a desenvolver-se à medida que prossegue com a sua investigação.

Prometo aparecer-lhe em semelhança, vestuário e todos os emblemas característicos da minha terra natal na Terra — elementos que, estou certa, serão reconhecidos por estudiosos experientes de história egípcia. À medida que abre o caminho, por agora, todas estas experiências maravilhosas são apenas para si. Trazer-lhe-ão a verdade e a luz de modo a demonstrar a outros e a inspirar o pensamento.

Sim, pessoas de diferentes esferas vivem juntas na vida espiritual. Esta verdade voltarei a explicar-lhe quando as condições e o tempo forem mais propícios. É sempre mais sensato qualquer contacto espiritual ocorrer de manhã, quando a corrente de vida está, por assim dizer, na maré alta.

À medida que adquire conhecimento espiritual aqui, prepara-se espiritualmente para uma compreensão mais elevada na vida futura. As suas hipóteses de progresso nessa vida vindoura são boas.

Meu caro amigo, esta noite não venho até si nas melhores condições. Por isso, peço-lhe uma nova oportunidade quando lhe for conveniente.
Na orientação,
Cleópatra

Claro que não estou em posição de afirmar que a Cleópatra histórica escreveu esta carta. Não posso, de forma alguma, garantir que não se tratou de uma personificação; não tenho meios de o saber. O interesse imediato da carta, neste caso, não está na identidade da autora, mas sim na natureza da tinta com que foi escrita.

A caligrafia não difere muito daquela na resposta de Sir A. G. Parece bastante provável que todas as cartas tenham sido escritas, ou "precipitadas", pelo mesmo espírito — um "guia de escrita" da médium — que os indivíduos do outro lado utilizam tal como nós usamos uma datilógrafa. A carta foi enviada a Sir William Crookes na manhã seguinte, 22 de Janeiro.

22 de Janeiro de 1909.

As condições atmosféricas eram más; chovia e o ar estava pesado e abafado. Sentei-me com as Irmãs Bangs para obter um retrato de Cleópatra. Como anteriormente, foram apresentados dois quadros cobertos com papel de desenho em branco, colocados frente a frente e

segurados contra a janela, com a base dos quadros, neste caso, a descansar no parapeito, pois eram bastante maiores do que os utilizados para os dois retratos de Iola que já haviam sido obtidos.

Sentei-me entre as médiuns, como nas ocasiões anteriores, com os olhos fixos no centro dos quadros a uma distância de cerca de 60 a 75 cm. Tomámos os nossos lugares às 10h55. Por volta das 11h05, a forma começou a surgir e ficou grosseiramente concluída em dez minutos. Depois, recebemos a instrução, através de toques numa ardósia, para colocar os quadros sobre a mesa e sentarmo-nos em volta.

Colocámos a mesa no centro da sala, pousámos os quadros sobre ela, cobrimo-los com a toalha de feltro e sentámo-nos em volta como indicado. Às 11h30 foi-nos comunicado que o retrato podia ser levantado; os quadros foram então separados e o retrato colocado num sofá na sala de estar adjacente.

Em todas as precipitações realizadas através da mediunidade das Irmãs Bangs, o retrato é encontrado no lado mais afastado da tela que está virada para o assistente. A substância da qual é feita a imagem é húmida e solta-se com o mais leve toque, como fuligem. Apesar disso, o papel na tela mais distante do assistente permanece limpo. O retrato, enquanto está a ser formado, pode ser visto claramente através da parte traseira da tela; mas, naturalmente, apresenta-se invertido em relação ao que se vê quando é emoldurado — o braço esquerdo aparece como direito, por exemplo.

O retrato de Cleópatra mantém-se praticamente igual ao momento em que foi retirado da mesa. Posteriormente — mas não enquanto eu o observava — as cores intensificaram-se ligeiramente, flores foram acrescentadas ao bordado do vestido, um anel foi colocado no dedo da mão esquerda, e o retrato adquiriu um aspeto geral de maior riqueza e acabamento.

Esteve exposto durante quatro meses na sala de conferências da London Spiritualistic Alliance, pelo que é desnecessário descrevê-lo. Não se pode chamar uma obra de arte refinada; o vestido é rígido, e os traços anatómicos são deficientes; mas é, sem dúvida, uma representação de uma rainha egípcia e, considerando a forma como foi obtida, um excelente exemplo de manifestação espiritual.

22 de Janeiro de 1909, das 19h30 às 21h.

Sentei-me em casa das Irmãs Bangs para obter resposta a uma carta enviada a Iola. As condições eram más. Chovia, por vezes, lá fora. Experimentei sentar-me com as ardósias nas mãos na sala ao lado da pequena sala de sessões. Lizzie e May Bangs estavam na sala de sessões. Por volta das 20h30, como parecia não haver sucesso — não se ouviam toques a indicar que a carta estivesse concluída — fui até à sala de sessões e sentei-me com May Bangs, a sós.

Poucos minutos depois de nos sentarmos, recebemos sinais percussivos a indicar que olhássemos para as ardósias. Fixámos então a atenção no centro do cartão branco que, como já expliquei, cobre tanto as ardósias como a tinta. Após cerca de um quarto de hora, um ramo de cravos cor-de-rosa e narcisos perfumados caiu do alto com alguma força sobre o cartão. Isto

ocorreu com iluminação a gás plena. May Bangs sobressaltou-se como se tivesse levado um tiro; não havia dúvidas quanto ao seu susto momentâneo.

Pouco depois deste fenómeno, abri as ardósias e a carta. Não havia resposta; as folhas em branco que, como habitual, tinha incluído com a minha carta, permaneciam em branco; não havia uma única palavra escrita.

23 de Janeiro de 1909.

Queria uma cópia mais pequena do retrato de perfil que tinha sido precipitado a 20 de Janeiro. A imagem original foi colocada na vertical sobre a mesa e as novas telas atrás dela. Esta nova forma começou com o perfil para a esquerda e mudou de orientação durante o processo de precipitação. O vestido era de cor lavanda clara.

24 de Janeiro.

Parti de Chicago para Toledo, deixando instruções às Irmãs Bangs para me enviarem o último (pequeno) retrato, e os outros para Inglaterra.

6 de Fevereiro.

Cheguei a Rochester.

14 de Fevereiro.

Recebi uma carta de Sir William Crookes, com data de 4 de Fevereiro de 1909, enviada de 7 Kensington Park Gardens:

Caro Almirante Moore, — Recebi a sua interessante carta há alguns dias e testei de imediato a tinta quanto à presença de lítio, com o seguinte resultado: —

Foi cortada uma palavra da folha 4 da carta de Sir A. G., e queimada no espectroscópio. Obteve-se prova abundante da presença de lítio.
Uma mancha de tinta na parte inferior da mesma folha também continha muito lítio.
Um pedaço de papel em branco da mesma folha não continha qualquer lítio. Uma palavra da carta da Irmã (nome omitido) no verso da sua também continha bastante lítio. Um pedaço da imagem do hotel, com tinta de impressão, cortado do cabeçalho do papel, não continha lítio.

Do envelope endereçado por si a si próprio, com as palavras "Communication from A. G.", foram cortadas a palavra "from" e também a palavra "Admiral", esta última escrita pelo próprio Almirante Moore. Ambas foram testadas no espectroscópio, com o seguinte resultado: a palavra "from" continha muito lítio, enquanto "Admiral" não continha nenhum.

Recebi esta manhã a carta assinada "Cleópatra" — a tinta aqui também contém bastante lítio.

Pode confiar nestes resultados como absolutamente corretos. Será possível que alguma sugestão sobre a adição de lítio à tinta tenha escapado? Posso sugerir uma experiência que poderá ser útil? Volte à médium de onde foram obtidas estas cartas, levando a sua própria tinta e materiais, como antes; mas tenha o cuidado de usar uma tinta que não contenha lítio. Obtenha uma nova carta como anteriormente e deixe-me testá-la quanto à presença de lítio.

Se a médium estiver a usar tinta com lítio, voltará a usá-la e será descoberta; mas se for genuína, não haverá lítio na tinta com que a carta foi escrita.

Quando regressei a casa, Sir William disse-me que algumas pessoas achavam que havia lítio em quase tudo. Depois de concluir os testes nas cartas, examinou um pouco de cinza de cigarro para ver se continha lítio. Verificou-se que sim; mas a quantidade de lítio presente na tinta era, sem dúvida, mil vezes superior à da cinza.

A sugestão de repetir o teste à médium, vinda de uma autoridade tão eminente, não podia ser ignorada. Não podia afirmar com certeza que, antes da segunda carta (a de Cleópatra), não tivesse usado a palavra "lítio". A essa altura, eu e a médium já tínhamos estabelecido uma relação quase de colegas, e ela estava tão interessada como eu neste teste. Sabia apenas o seguinte: se, por acaso, a palavra me tivesse escapado, nada significaria para ela, e não saberia onde obter o citrato, nem o que pedir. Contudo, a minha mera palavra não bastaria para convencer Sir William.

Tendo tempo livre, regressei a Chicago (600 milhas) e visitei May Bangs na manhã de 27 de fevereiro de 1909, com toda a aparência de desejar uma nova carta de teste, levando os meus próprios materiais, incluindo um pequeno frasco de tinta comum. A carta selada, desta vez, foi escrita para um amigo comum meu e de Sir William, incluindo como sempre quatro folhas em branco de papel do hotel. A tinta usada na resposta foi analisada por Sir William, que não encontrou qualquer vestígio de lítio.

Estou muito grato a Sir William Crookes pelo seu amável interesse nas minhas investigações; os seus testes permitiram-me ter plena confiança nas minhas conclusões.

Na noite de sábado, 27 de fevereiro, sentei-me para obter uma resposta de Iola, e consegui-a em quarenta minutos. O conteúdo versava principalmente sobre um retrato de corpo inteiro de si mesma, a ser feito na segunda-feira, 1 de março, e um retrato de Hipátia, para o qual me pediu que me sentasse (ver Capítulo V). Decidiu-se que ambos seriam precipitados no mesmo dia.

1 de março de 1909.

Fui à casa das Irmãs Bangs e soube que tinham mandado vir duas telas do tipo painel da cidade, o que causou algum atraso. Finalmente chegaram, cobertas com papel ainda húmido, e deixei-as ao sol durante cerca de 25 minutos para secar. Sentámo-nos para o retrato de corpo inteiro de Iola às 11h40. Às 11h46, a figura apareceu no lado mais afastado da tela virada para mim. Estava grosseiramente concluída às 11h51 e foi colocada numa cadeira, ainda a desenvolver-se. Às 12h10 fomos instruídos a cobri-la e sair, regressando às 15h.

As médiuns só ficaram livres às 15h30, altura em que voltámos a sentar-nos diante do retrato durante vinte minutos. Algumas alterações tinham ocorrido nesse intervalo, melhorando bastante o retrato. Quando saí às 12h10, tinha expressado a opinião de que a figura — então com os braços nus — parecia demasiado juvenil, e também desejava que fosse colocado um medalhão com corrente ao pescoço. Deixei um medalhão semelhante ao que Iola usava em vida, junto ao retrato. Ao regressar, os braços estavam cobertos com mangas, a

corrente e o medalhão estavam ao pescoço; o vestido também tinha sido finalizado com bordados, entre outras melhorias.

Às 19h30 voltei à casa e vi que o retrato tinha sofrido mais alterações, especialmente no céu e no fundo. Desejei mentalmente que o medalhão fosse aumentado e que o monograma fosse gravado. Ocorreu então um fenómeno muito notável de poder invisível. Ninguém estava presente quando observei o medalhão desta vez; as médiuns não estavam em casa. Retirei o medalhão do pé do retrato e levei-o comigo. Na visita seguinte, às 10h20 da manhã seguinte, 2 de março de 1909, verifiquei que o monograma tinha sido impresso no medalhão — não uma cópia exata das letras em relevo do verdadeiro medalhão, mas as três letras corretas estavam lá; uma linha fora omitida, e o medalhão, como eu pedira, fora aumentado. Foram adicionadas sombras que melhoraram o retrato.

A semelhança com a pessoa não é muito boa. O interesse deste retrato não reside na sua fidelidade enquanto retrato, mas nas várias alterações realizadas depois de ser retirado da janela, e especialmente no monograma precipitado a meu pedido mental quando ninguém estava presente.

O retrato de Hipátia, como já mencionei, foi precipitado no mesmo dia do retrato de corpo inteiro de Iola — ou seja, a 1 de março de 1909 — e referi os pormenores da sua execução no fim do Capítulo V. Sentámo-nos às 16h. O retrato surgiu muito rapidamente após nos sentarmos, e a figura ficou concluída às 16h05. Fomos então instruídos a levar as telas para a sala adjacente e colocá-las na janela iluminada pela luz do dia. Ao colocá-las nessa janela, notou-se que a figura tinha-se virado, de modo que a mão direita ficou sobre os livros, em vez da esquerda. Os livros e o globo tornaram-se mais nítidos, e a parte inferior do vestido desenvolveu toda a sua cor.

Às 16h08 fomos instruídos a tirar o retrato, que foi então colocado no chão encostado à parede. A tela em branco foi retirada; o fundo surgiu, e o retrato foi sendo gradualmente completado enquanto eu o observava. Está praticamente igual hoje ao que estava às 16h20 daquela tarde, embora agora com um aspeto de maior riqueza e acabamento.

Devem ser anotados os seguintes incidentes relativos ao fenómeno do aparecimento deste retrato:

(a) Enquanto se desenvolvia na pequena sala de sessões, ouviu-se um leve som de estalido nas telas, como se areia fina estivesse a ser lançada sobre papel ou vidro.

(b) A cor não surgiu de forma uniforme, como nos outros retratos; havia uma grande mancha escura na parte inferior do vestido durante a exposição na pequena sala de sessões, o que me levou a pensar que a tela ou o papel estariam danificados.

(c) Ao transportar as telas para a sala contígua e colocá-las (unidas) na janela bem iluminada, a mancha escura transformou-se nas pregas azul-escuras do vestido.

Se o objetivo dos operadores invisíveis era convencer o assistente de que a teoria da "imagem previamente preparada" era falsa, não poderiam ter escolhido meio mais eficaz para o conseguir.

(78) No dia 2 de março, escrevi uma carta no meu hotel ao Sr. F. W. H. Myers, relembrando-lhe a promessa que me fizera em Rochester de tentar responder a uma carta minha na casa das Irmãs Bangs, em Chicago, e pedindo-lhe que se identificasse tanto quanto possível para benefício dos seus amigos em Inglaterra. A seguinte foi a resposta encontrada na carta fechada entre as ardósias:

Meu bom amigo e companheiro de trabalho,

Saúdo-o esta noite e é com grande prazer que venho até si. É muito generoso da sua parte proporcionar oportunidade para todo este grandioso fenómeno que comprova a continuidade da vida após a chamada morte. É, de facto, lamentável que o espírito tenha um poder de expressão algo limitado, especialmente quando chamado a relatar ou recordar algum evento ou circunstância específicos ocorridos durante a existência terrena; isto, meu caro amigo, deve-se ao facto de o espírito estar ansioso por se manifestar conforme o pensamento sugere — e o conhecimento é perfeitamente claro para o espírito na sua atmosfera livre — mas, ao regressar para se manifestar aos mortais, a atmosfera e todas as condições desta vida são tão densas e turvas que, momentaneamente, a memória desses assuntos só se renova quando lhes faz referência.

Assim, a ciência da comunicação espiritual com os mortais é tão intrincada que é bastante difícil dominá-la isoladamente, quanto mais entrar por outros ramos; ou será que foi concebido pela grande e omnipresente força que os homens chamam Deus, que os mortais não devem conseguir penetrar tudo o que diz respeito a esta ou à vida superior? Se assim não fosse, os homens da Terra ficariam muito insatisfeitos com a vida e encurtariam com frequência o seu tempo cá, ou, por outras palavras, desfariam as leis estabelecidas da Natureza.

A convicção é individual. A ciência do mundo material nunca poderá alcançar um grau de entendimento que explique estas coisas; é completamente inútil, mas cada um pode receber e ficar satisfeito com a sua própria compreensão — e isso é tudo. No entanto, a lei da evolução continua a conduzi-los para a frente e para cima, até todos sentirem uma íntima correspondência da sua própria alma com a Alma do Grande Ser, e pequenos fenómenos como estas manifestações confundem — e continuarão a confundir — os poderosos.

Envie os meus melhores cumprimentos aos nossos grandes irmãos e companheiros de trabalho, Sir [...] e também Sir [...]. Estou com eles de coração e mãos neste grande propósito, e embora tenham já conseguido alcançar o ponto em que podem determinar esta questão para o mundo, maiores conquistas estão em marcha, até que, dentro de pouco tempo, provas suficientes serão dadas para que o mundo possa receber uma solução clara que leve a maioria dos mortais a aceitá-la como verdade, uma verdade absolutamente firme.

Exorto-o a continuar a sua investigação, meus amigos. Descobri, ao entrar neste grande mundo dos mundos, que pouco sabia — ou melhor, nada — em comparação com o que há para saber. Continuo profundamente interessado na investigação e, de tempos a tempos, partilharei consigo assuntos de interesse, pois os nossos sensitivos estão a tornar-se mais sensíveis a cada dia, e este é o elemento necessário para permitir liberdade de expressão que traga prova de identidade.

Sempre ao seu dispor na causa de toda a verdade e luz,

F. W. H. Myers

Começámos a sessão às 19h03 e às 20h05 a carta estava concluída. Lizzie Bangs juntou-se a nós às 19h55, a meu pedido. Em ambos os lados do exterior do envelope havia uma mensagem de Iola sobre o seu retrato e outros assuntos. A escrita no interior ocupava seis páginas de papel do hotel. É da mesma caligrafia das outras cartas que recebi através da mediunidade das Irmãs Bangs. Não faço a menor ideia se foi ou não ditada por Mr. Myers. Não contém elementos comprovativos.

Não conhecia Mr. Myers; mas ele apareceu, sem ser chamado, por intermédio de Sr.ª. Georgia, em Rochester, o que me levou a pedir-lhe que correspondesse por via das Bangs. Pode ter sido ditada por um espírito imitador — há-os em legião. Achei melhor registá-la, nem que fosse para mostrar o quanto pode ser produzido em apenas uma hora. O estilo certamente não é o de Myers; mas, na minha opinião, os sentimentos expressos estão acima da modesta capacidade literária de Lizzie Bangs.

Além disso, se quiséssemos supor que a carta tivesse sido retirada da sala (coisa em que não acredito), o tempo para a redigir teria de ser inferior a quarenta minutos. Nem nesta nem em qualquer outra ocasião consegui detetar qualquer sinal de que os envelopes tivessem sido adulterados.

Obtive respostas a outras quatro cartas na casa das Irmãs Bangs, e também a comunicação de Hudson referida no Capítulo V. Seria fastidioso e pouco interessante registar todas, pois tratam de assuntos privados. Contudo, tenciono referir mais adiante alguns acontecimentos curiosos relacionados com duas delas que, na altura, me pareceram provas de primeira ordem do poder espiritual (ver números 80 e 81).

Referi três cartas de teste — duas com tinta contendo lítio, na minha primeira visita a Chicago, e uma com tinta comum, na segunda. Na primeira destas cartas havia um pós-escrito da minha guia Iola, fazendo referência a alguma brincadeira que ocorrera durante essa sessão específica. Tinha comentado com May Bangs (a única outra pessoa na sala) certos erros ortográficos numa carta anterior que também teria sido escrita pela minha guia, ou sob o seu ditado, e a autora alegada defendeu-se com vigor. As portas da sala estavam sempre fechadas.

Além disso, quando nos sentámos para a última das três cartas, a de 27 de fevereiro de 1909, May Bangs pediu-me que cortasse um pequeno pedaço de madeira, o apara-se e o colocasse entre as ardósias onde estava a carta; ela achava que o escritor invisível o usaria como instrumento de escrita. Quando a carta foi concluída, disseram-me para não a abrir. Estava endereçada sobre a aba a "Sir William Crookes, F.R.S.". Quando foi aberta por ele em Londres, encontrou no seu interior o meu pequeno pedaço de madeira afiado. Fora mergulhado em tinta, e uma palavra no início fora efetivamente escrita com esse instrumento rudimentar. A carta em si era fraca.

As provas complementares de que nenhum mortal teve intervenção nas respostas às minhas cartas são bastante sólidas. Várias vezes foram feitas referências a conversas tidas à mesa enquanto as escritas estavam em curso.

Seguem-se alguns incidentes finais para encerrar o assunto:

(79) Na quarta-feira, 8 de março, das 11h15 ao meio-dia e quinze, sentei-me com May Bangs para obter uma resposta de Hipátia. Durante a sessão, comentei com a médium que alguns senhores em Inglaterra tinham discutido comigo a possibilidade de descobrir se a tinta nas ardósias era a mesma usada nas respostas, através da medição da diminuição da tinta no tinteiro. A minha opinião era de que essa questão não podia ser determinada por esse método, e May Bangs concordou comigo.

Nesta ocasião não estávamos a usar ardósias, mas sim uma carta selada colocada sob uma tela esticada, coberta por um pano cuidadosamente ajustado. A tinta estava colocada por cima, visível, e não coberta. Imediatamente após May Bangs ter falado (as suas mãos estavam a cerca de um metro da tinta, e estávamos em plena luz), a tinta no pote começou a ferver.

Quando a resposta foi concluída, encontrei, no exterior do envelope, uma comunicação da minha guia referindo-se a um assunto — não relacionado com a tinta — que a médium e eu tínhamos acabado de discutir minutos antes. Ao levar a minha carta, fui instruído (por toques nas ardósias) a trazer flores à tarde.

Devo aqui referir que, desde que comecei a trazer os meus próprios materiais, as ardósias usadas para comunicações por toques de origem invisível eram as das próprias irmãs Bangs. É importante esclarecer isto, pois um leitor desatento poderia supor que a médium e eu segurávamos as ardósias com a carta selada.

(80) Às 16h do mesmo dia, voltei com outra carta selada, um botão de rosa de chá e dois cravos cor-de-rosa; coloquei as flores num vaso de vidro com cerca de 23 cm de altura, quase cheio de água. May Bangs e eu sentámo-nos às 17h10 para receber a resposta à carta. Era ainda plena luz do dia. A carta estava sob uma tela esticada, coberta com um pano vermelho ajustado. Por cima coloquei o meu pequeno tinteiro aberto, cheio de tinta comum comprada na Van Buren Street duas horas antes, e também a garrafa de tinta com tampa.

O botão de rosa começou a abrir-se pouco depois de nos sentarmos. Às 17h30 as flores começaram a agitar-se espasmodicamente no vaso e giraram até meio do rebordo. Às 17h35, o botão de rosa e um dos cravos foram puxados por uma força invisível na direção da carta. A agitação das flores na água continuava constantemente; a certa altura, a rosa quase saiu completamente do vaso.

Às 17h40, disse: "Nunca ouvi falar de um fenómeno deste tipo a ocorrer com os olhos dos observadores concentrados no objeto." As ardósias das irmãs Bangs estavam entre nós, e uma mensagem foi batida: "Olhem pela janela." Ambos virámos as cabeças simultaneamente para a janela; nesse instante, o vaso virou-se, afastando-se da carta, a água foi lançada sobre o tapete (onde se evaporou rapidamente) e as flores desapareceram.

Às 17h42, com a luz a enfraquecer, pedi a May Bangs que acendesse o gás por detrás de si; o estore da janela continuava levantado.

Às 17h48, o meu pequeno pote de tinta estava quase vazio. Reenchi-o, a pedido, a partir da garrafa principal.

Às 17h52, a tinta borbulhava novamente. Estando o pote vazio, voltei a enchê-lo uma terceira vez. Fomos então instruídos, por impressão ou toques, a examinar a garrafa principal. Deitei um pouco do líquido num pedaço de papel e verifiquei que a essência tinha sido extraída: estava aguado.

Às 17h56, a tinta no pequeno pote continuava a borbulhar e a diminuir; às 18h estava seca. Voltei a enchê-lo pela quarta vez.

Às 18h05, toques anunciaram que a carta estava pronta. No exterior do envelope lia-se: "Reivindico levar comigo o cravo que resta — Iola." Abri a carta pelo topo e encontrei dentro do envelope: (a) a minha carta; (b) uma resposta de seis páginas, contendo uma alusão ao fenómeno floral acima descrito; (c) o botão de rosa de chá, um cravo e algumas folhas. Não encontrei vestígio do segundo cravo na sala. Vazei a tinta do pequeno pote de volta à garrafa e examinei novamente o conteúdo: restava apenas água suja. Toda a essência da tinta fora extraída, e um frasco inteiro de cinco cêntimos tinha sido consumido numa só sessão.

Na noite de 5 de março de 1909, levei uma rosa de chá, um cravo e uma carta à casa das Bangs. Queria que Iola levasse as flores como presente de despedida, pois no dia seguinte partiria para Inglaterra. Se os invisíveis tinham conseguido o que haviam feito na noite anterior, certamente conseguiriam desmaterializar estas flores. E não fui desiludido; mas o fenómeno foi, em certa medida, prejudicado pelo nervosismo de May Bangs.

Já tinha observado o seu comportamento agitado em várias noites anteriores; provavelmente estava exausta. Todos os médiuns têm limitações, e talvez devesse ter sabido que um fenómeno tão delicado não devia ser iniciado após um dia intenso de trabalho. As flores foram colocadas em água no mesmo vaso usado anteriormente e este foi posicionado da mesma forma sobre a mesa, com a carta sob a tela esticada.

Às 19h42 sentámo-nos para obter a resposta à carta e com a esperança de que as flores fossem desmaterializadas.

(81) Às 20h as flores começaram a tremer e saltar levemente, a água borbulhava no vidro. A luz do gás foi reduzida e protegida do vaso, mas havia luz suficiente para nos vermos claramente e aos objetos na sala. Desde o início, a médium fixou o olhar no vaso. Pedi-lhe que relaxasse a concentração, pois temia um fracasso. Pouco depois, a rosa ergueu-se do vaso e May Bangs, aparentemente incapaz de se conter, estendeu a mão e atirou-a de volta para o vaso num gesto de excitação.

Pensei que a experiência tinha falhado; mas não — as duas flores restantes continuaram a mover-se animadamente, parecendo até encolher. Peguei no vaso com a mão esquerda durante alguns minutos. Uma mensagem foi recebida por impressão através de May Bangs: "Coloque o vaso do seu lado da prateleira da mesa." Às 20h15 coloquei-o quase a tocar na minha perna

direita, por baixo da mesa, fora da vista e do alcance da médium. Às 20h20, May Bangs abriu uma porta e chamou a sua irmã Lizzie para vir ajudar com o seu poder. Às 20h28 uma mensagem indicou para aumentar a luz, o que foi feito por May Bangs. Levantei o vaso; a água ainda lá estava, mas as flores tinham desaparecido.

Às 20h31 os toques habituais anunciaram que a carta estava pronta. O pequeno pote de tinta (desta vez debaixo da moldura) foi examinado — toda a tinta se evaporara.

Este foi o único fenómeno que ocorreu com luz parcial durante a minha experiência com as duas irmãs. Todos os outros aconteceram à plena luz.

O nervosismo e a falta de controlo de May Bangs nesta ocasião, quando uma bela manifestação foi parcialmente arruinada, podem ser explicados por um incidente que ocorreu no fim da tarde, e que deve ter exigido ao máximo as capacidades mediúnicas das duas irmãs. Dois agricultores do Oregon tinham chegado à casa entre as 16h e as 17h. Um deles trouxe no bolso uma fotografia e pediu que fosse precipitado um retrato da sua esposa falecida.

O outro acompanhava-o como amigo e planeava pedir um retrato da sua própria esposa falecida, caso o do companheiro fosse bem-sucedido; deixara a fotografia no bolso do sobretudo no corredor. Duas telas foram preparadas e a sessão começou. Em pouco tempo, surgiram o rosto e busto de uma mulher. Pareciam pertencer a uma pessoa refinada, com trajes delicados e expressão etérea. O homem observou com impaciência e, quando o retrato estava quase concluído, exclamou: "Essa não é a minha esposa; se eu levar esse retrato para casa, as minhas filhas dirão que não é a mãe delas!" Imediatamente o retrato desvaneceu.

Duas novas telas foram então preparadas, e, como antes, surgiram o rosto e busto de uma mulher. Após cerca de dez minutos de desenvolvimento, o primeiro homem disse ao amigo (que, recorde-se, não tinha revelado a intenção de pedir um retrato precipitado): "Bill, essa não é a minha esposa; é a tua!" Ao que o outro respondeu: "Já te podia ter dito isso há algum tempo." O retrato continuou a formar-se até ficar concluído, com inteira satisfação do viúvo a quem pertencia.

O quadro foi então posto de lado, numa cadeira. "Agora," disseram as médiuns ao primeiro homem, "vamos tentar novamente obter para si uma precipitação da sua esposa tal como ela era em vida terrena." Montaram-se novas telas (desta vez fora da janela, pois já era noite) e, pouco depois, surgiu o rosto e busto da sua esposa — exatamente como na fotografia que ele trouxera no bolso.

Eram cerca de 18h40 ou 18h50 quando cheguei à casa. May Bangs abriu-me a porta e pediu-me que fosse à sala de sessões ver o que tinha acontecido. Ao entrar, deparei-me com o retrato de quem, à primeira vista, me pareceu ser um homem — um frade. Felizmente, não deixei transparecer a minha impressão quanto ao sexo da figura retratada. Falei brevemente com os dois homens. Ambos estavam muito satisfeitos por terem obtido bons retratos das suas esposas tal como eram em vida. Aceitaram os quadros e partiram encantados.

Nenhum outro médium foi tão intensamente e por tanto tempo alvo de críticas como as Irmãs Bangs. Registo o facto, mas sem surpresa. As manifestações que surgem através da sua

mediunidade são de tal modo impressionantes que é extremamente improvável que alguém, por mais experiente que seja como investigador, possa acreditar nos relatos do que ocorre sem ter presenciado pessoalmente os fenómenos. Foram feitos inúmeros esforços para provar que tudo o que acontece na sua presença é mera ilusão criada por elas. Todos falharam.

Durante anos, os críticos sustentaram que os retratos estavam previamente preparados e ocultos por processos químicos, como se estivessem cobertos por um "invólucro" que desaparecia com a luz. Hoje está absolutamente claro que esse processo não existe; nenhuma pintura da natureza das produzidas pelas Bangs pode ser encoberta de modo a tornar-se invisível. A única hipótese plausível de fraude seria substituir uma imagem já feita pela tela mais distante do assistente e, depois, fazê-la aproximar-se lentamente da tela da frente (a que está mais próxima do observador).

Ainda assim, o retrato final é sempre encontrado no lado mais afastado da tela que está voltada para o assistente. Para que tal substituição ocorresse, seria necessário girar ambas as telas completamente. Como, em nome do bom senso, tal manobra poderia acontecer sem que o assistente — que está sentado entre as duas médiuns — notasse a fraude?

Dois argumentos decisivos tornam essa hipótese ainda mais insustentável:

(a) Quando se trata de um grande retrato, como o de "Cleópatra", com 101 por 76 centímetros, a única maneira possível de efetuar essa suposta substituição seria pela janela — e a janela nunca é aberta. Fui deixado sozinho na sala por uma hora de cada vez e examinei-a cuidadosamente; trata-se de uma janela de guilhotina à prova de arrombamento, com as folhas que sobem e descem como é habitual. Além disso, seria impossível ao assistente não perceber a abertura da janela, especialmente no inverno, pois ela dista apenas cerca de 84 cm da cadeira. Também seria impossível não ver a sombra que um quadro substituído lançaria sobre a outra tela.

(b) Mesmo assumindo essas condições fraudulentas, como se explicaria a semelhança do retrato? O segundo retrato de Iola produzido é um fiel, ainda que eterealizado, retrato dela com a idade em que faleceu. É verdade que a fotografia mais semelhante a esse retrato estava no meu bolso interior — mas as médiuns não a viram e não tinham acesso a ela.

Estou plenamente convicto de que estas irmãs não praticaram qualquer fraude comigo. Assim sendo, passo à questão mais relevante: que papel desempenham as médiuns no processo de precipitação? Como intermediárias, têm certamente a sua função. Acredito que elas (ou uma delas) funcionam como espelhos. São clarividentes e veem a fotografia no meu bolso; é por meio delas que os artistas invisíveis conseguem obter a semelhança. O espírito está presente, sem dúvida, mas o artista espiritual é muito auxiliado pela fotografia.

William Marriott, o ilusionista, estudou estas imagens das Bangs e cortou pedaços do canto de um dos meus retratos de Iola. Constatou que a base material era feita a tempera, sendo trabalhada com pastel, giz, tinta e aerógrafo. Mesmo que estes não sejam os materiais exatos, são pelo menos os mais próximos dos que os invisíveis parecem utilizar em Chicago.

Realizámos dois testes importantes em dezembro de 1909 para verificar se Marriott conseguiria replicar os fenómenos das Bangs sem que os seus métodos (assumidamente de ilusionismo) fossem detetados. Foram tentativas engenhosas e divertidas — mas falharam. No entanto, demonstrou que é possível produzir um esboço num espaço de uma hora e meia, desde que se tenha a fotografia em mãos, e que um retrato muito bem acabado pode ser feito à mão livre em dois dias úteis.

A teoria de fraude para explicar as respostas às cartas em envelopes selados afirma que a carta é retirada das ardósias ou debaixo da tela esticada, passada pela porta para fora da sala fechada, aberta, respondida normalmente por Lizzie Bangs (ou outra cúmplice), e devolvida da mesma forma. A tinta também seria retirada da sala. Eu afirmo que, nas circunstâncias em que me sentei com May Bangs, tal proeza de ilusionismo era impossível.

Em oito dos doze casos, ela não teve qualquer oportunidade de tocar nas cartas ou na tinta. Qualquer tentativa de manipular as ardósias, a tela esticada ou a tinta teria resultado no derramamento da tinta; por vezes, usei cinco elásticos; em três ocasiões, a tinta estava à vista, a cerca de 30 ou 40 cm de mim. Em todos os casos, as ardósias ou a tela estavam mais próximas de mim do que da médium. Mas mesmo que admitíssemos esse procedimento, ainda restaria explicar as referências, nas cartas, a conversas tidas à mesa durante a sessão, bem como o conhecimento demonstrado por May Bangs (a única pessoa na sala comigo) do conteúdo da minha carta. Em pelo menos seis casos, ela disse-me os pontos principais (por vezes tudo) do que eu havia escrito, enquanto ainda estávamos sentados à mesa.

As irmãs Bangs nem sempre têm sucesso. Pelo que pude observar, os fenómenos ocorriam geralmente quando o assistente era alguém de natureza positiva, como eu — ou seja, uma pessoa completamente desprovida de faculdades mediúnicas recetivas. O seu tempo está totalmente preenchido; eu era apenas um entre muitos visitantes. Ofereciam todas as facilidades para examinar o local, e vagueei sozinho pelas suas salas, em média, por pelo menos um quarto de hora por dia, durante toda a minha estadia em Chicago.

CAPÍTULO VIII
ETEREALIZAÇÕES E A VOZ DIRECTA

O conhecimento da imortalidade por um dólar — Sr.ª. Wriedt — Método das suas sessões — Um antigo colega identifica-se — Iola fala e refere-se a uma sessão com os Jonson — Josephine — O Sr. Henry Clay Hodges acompanha-me a uma sessão — Manifesta-se o antigo cônsul-geral britânico em Cuba — Diferença evidente entre espíritos americanos e ingleses — O excesso de ansiedade em comunicar impede a manifestação — Sir W. W. identifica-se — Dr. Sharp, o espírito guia de Sr.ª. Wriedt, fala claramente em todas as sessões — O comandante Scott Willcox manifesta-se — A minha guia diz-me o que eu fiz no dia anterior — Acontece várias vezes — O vestido lavanda-claro — Uma criança que cresceu na vida espiritual — O espírito do Capitão Calver, R.N. — O espírito do Capitão Andrew Balfour, R.N. — Iola e o meu cunhado — Mr. Kaiser — Dr. Kurgan fala — Tim, do gabinete dos Jonson — Pessoas com diferentes graus de avanço espiritual podem viver juntas nas esferas — Edifícios formados

por concentração das vibrações — Dr. Thomson Jay Hudson manifesta-se — Hester e William Hudson — A médium e o Dr. Jenkins falam ao mesmo tempo — Um espírito que se apresenta como Sir Isaac Newton — Dr. Richard Hodgson manifesta-se — Boa prova de identidade — Madame Julienne de Leamont — O Presidente Lincoln é visto atrás de mim.

Durante as minhas investigações sobre os fenómenos do espiritualismo, nunca encontrei ninguém cuja mediunidade me tivesse levado tão perto do estado seguinte de consciência como Sr.ª. Wriedt, de Detroit, Michigan. Não gosto de introduzir a questão do dinheiro em dissertações sobre comunicação com o invisível; mas os médiuns têm de viver, e há tanta razão para serem pagos como há para que o sejam pastores, advogados, artistas, médicos ou oficiais da Marinha e do Exército.

A mediunidade é uma ocupação exaustiva, que geralmente incapacita quem a pratica para qualquer outra profissão. É justo dizer que Sr.ª. Wriedt e os Jonson reduzem as suas tarifas ao mínimo. Em ambos os casos, o preço é de um dólar se a sessão for bem-sucedida; se não for, recusam-se a aceitar qualquer pagamento.

Sr.ª. Wriedt vive numa moradia isolada de madeira, concebida por si, no número 414 da Baldwin Avenue, num subúrbio de Detroit, a quase cinco quilómetros da Câmara Municipal. É muito procurada e está sempre ocupada; em média, recebe quatro ou cinco pessoas por dia. Para garantir uma sessão, é necessário marcar com antecedência.

Ela não entra em transe, e frequentemente participa nas conversas entre o assistente e o espírito visitante; por vezes, fala ao mesmo tempo que o seu espírito-guia ou outros espíritos. Tenho-me questionado bastante sobre qual o papel real que ela desempenha nas manifestações; tudo o que posso afirmar com certeza é que a sua presença é essencial.

Os fenómenos que ocorrem são eterealizações e a voz direta através da trombeta espiritual; os primeiros são mais raros que os segundos. É possível ouvir as vozes através da trombeta em plena luz do dia ou à luz do gás; mas o processo é mais lento e menos satisfatório, sendo preferível ao investigador sentar-se na escuridão total. A médium está disposta a sentar-se em qualquer parte da sala — onde o investigador escolher — ao seu lado, a tocá-lo ou à sua frente. Achei melhor colocá-la em frente a mim, a cerca de um metro e meio a dois metros de distância. A trombeta é colocada na vertical, no chão, entre a médium e o assistente. Passo a descrever as minhas sessões.

6 de Janeiro de 1909, 17h10

Experimentei primeiro com luz a gás, colocando a extremidade estreita da trombeta junto ao ouvido. Sem dúvida que ouvi vozes no tubo, mas só consegui distinguir os nomes "William Roger Drake" e "Mary Ella". Passavam carros junto à casa a cada três minutos, tornando impossível obter um momento de silêncio absoluto; infelizmente, fui até lá na altura em que os operários saíam da cidade rumo às suas casas. Sr.ª. Wriedt foi impressionada com as seguintes mensagens de um espírito chamado "Mary": "Thomas está aqui" e "Joana d'Arc é uma das nossas guias."

Os nomes “Drake”, “Mary” e “Thomas” eram-me familiares, pertencentes a amigos que tinham falecido há muitos anos. Não conheço nenhuma “Ella”, e os nomes próprios de Drake estavam errados. Mary e Thomas eram irmãos. Esta sessão foi um fracasso; mas, a convite da médium, regressei às 20h15 para me juntar a um grupo já agendado.

(82)

O círculo era composto pelo Sr. e Sra. Smith, um parente deles — o Sr. Andrews —, a médium e eu. A trombeta foi colocada no centro do círculo. Cantámos um pouco, e uma voz vinda da trombeta juntou-se a nós; era o espírito-guia, Dr. Sharp. Depois, manifestou-se um espírito ligado a Mr. Andrews e aos Smith, falando em voz baixa pela trombeta, e foi plenamente identificado.

Em seguida, surgiu um antigo colega meu, o Capitão W. W. P., que se identificou de forma satisfatória e falou sobre a última sessão de materialização em que o vi — em Pinner, perto de Harrow. Curiosamente, o espírito disse que nos tínhamos encontrado em Buckinghamshire, quando na realidade o local estava dois ou três quilómetros fora dos limites desse condado. Recordei-lhe uma ação específica sua que me permitira comprovar a sua identidade naquela ocasião. Ele respondeu: “Sim, esse foi o meu adeus.” (Correto — desapareceu logo depois.)

Depois disso, o espírito anterior manteve uma longa conversa com os seus familiares. Ouvi-os fazer várias perguntas, incluindo o que tinham feito naquela tarde. Mais tarde garantiram-me que todas as perguntas foram respondidas corretamente. O espírito seguinte a manifestar-se foi Iola, que forneceu os seus dois nomes próprios e também o de um parente nosso, falecido há cinquenta e cinco anos, ainda em criança. Referiu também o meu nome, e mencionou uma sessão ocorrida dias antes, na casa dos Jonson em Toledo, dizendo: “Viste a mãe?”

P.: “Não podias falar?”

R.: “Não. Mas estendi as mãos.” (Correto.) “Josephine falou.” (Correto.)

Formas foram vistas de forma clarividente a tentar materializar-se, mas nenhuma teve êxito.

Foi uma sessão convincente, embora realizada no escuro, e fiquei convencido de que Sr.ª. Wriedt era uma médium de notável poder. As condições atmosféricas eram ótimas — frio, seco e céu limpo. Soube que o Sr. e a Sra. Smith já tinham assistido a sessões com essa médium anteriormente, mas não recentemente; o Sr. Andrews nunca a tinha encontrado antes.

(83)

8 de Janeiro de 1909, das 11h10 às 12h10

Sessão a sós com Sr.ª. Wriedt, no escuro. Condições excelentes: frio, seco e céu limpo. Cerca de quinze minutos depois de apagada a luz, vi uma nuvem levemente iluminada flutuar entre a médium e mim; gradualmente, desenvolveu-se no rosto completo de um homem. Não o reconheci, mas soube mais tarde, pelo Dr. Sharp (controle espiritual), que o nome era “George”. A aparência da eterealização fazia lembrar as encenações da peça de Sir Herbert Tree, quando o fantasma de César aparece a Bruto.

As duas aparições seguintes foram de familiares: um falecido há dezoito anos, o outro há seis. A quarta foi a misteriosa "Josephine", que me aparecera numa sessão dos Jonson, em Toledo. Perguntei-lhe por que razão se ligava a mim, e ela respondeu através da trombeta, ainda visível: "Para te ajudar, com bondade amorosa."

Foi a única vez que vi uma forma falar através da trombeta, o que me fez recordar velhas imagens medievais. O espírito disse que Iola estava com ela. Agradeci-lhe por ajudar Iola, ao que respondeu: "É ela quem me ajuda a mim." Soube mais tarde que Josephine era uma "curandeira espiritual".

As eterealizações terminaram, e o restante da sessão decorreu com os espíritos a falar pela trombeta, no escuro. Após o desaparecimento de Josephine, Iola falou durante algum tempo, começando por dizer corretamente os seus dois nomes próprios.

Respondeu a várias perguntas e descreveu, de forma precisa e detalhada, o que me vira fazer a uma determinada hora no dia anterior. Uma resposta, em particular, deixou-me muito impressionado. Perguntei-lhe onde vivera durante a infância e ela respondeu, com voz fraca: "Torrington."

P.: "Qual era o nome da praça?"

A.: "Torrington."

(O facto é que ela morava na praça ao lado de Torrington Square, em Londres. Isto é semelhante ao caso de *W. W. P.*. Ele não se materializou em Buckinghamshire, mas a poucos quilómetros dali, em Middlesex. Isto acontece frequentemente nas comunicações espirituais, mas a razão para tal é difícil de compreender. Certamente seria mais natural que Iola se lembrasse do nome da sua própria praça do que da vizinha. Não preciso de recordar ao leitor que a Sra. Wriedt nada sabia, em termos normais, sobre mim, a minha família ou os meus amigos; nunca estivera em Inglaterra e a ideia de que pudesse distinguir entre duas praças em Londres ou dois condados pode ser considerada absurda.)

O "George" acima referido conversou comigo durante algum tempo, e o Dr. Sharp, o espírito-guia, falou durante alguns minutos. A sua voz era tão audível quanto a de um mortal e, por vezes, parecia dispensar o auxílio da trombeta. Respondeu a várias perguntas, principalmente sobre o meu guia. Posso afirmar que nenhuma das vozes podia ser identificada como pertencente aos amigos que afirmavam estar presentes; a única voz que se assemelhava à do médium era a de Josephine. A operação é semelhante a comunicar com um parente ou amigo através de um telefone de longa distância.

9 de Janeiro de 1909, das 13h40 às 14h40

(*84*) Fui acompanhado pelo veterano espiritualista Sr. Henry Clay Hodges, editor de *The Stellar Ray*, bem como de *Two Thousand Years of Celestial Life* (por "Clytina") e *Science and Key of Life* (por Alvidas). As condições atmosféricas não estavam tão favoráveis como no dia anterior; nevava. Após cerca de vinte minutos de conversa entre nós, o Dr. Sharp apareceu e deu-nos algumas informações interessantes, negando, entre outras coisas, a possibilidade da reencarnação.

Depois, um homem falou através da trombeta em inglês puro, deu um nome e disse que fora, em vida, cirurgião em Brighton; declarou que me conhecia, mas não me recordo dele. Seguiu-se o Sr. W. O. Shipman, amigo do Sr. Hodges, que se identificou falando com entoação e sotaque yankee; depois veio o meu guia, com sotaque inglês, com quem tive uma longa conversa. Perguntei-lhe os nomes de uma das minhas filhas, nascida no aniversário da sua morte; a resposta foi correta.

P.: "O que estive eu a fazer esta manhã?"

R.: "A escrever apontamentos da sua investigação." (Correto.) "Depois pensou que estava um mau dia e que não sairia; por isso escreveu cartas." (Correto.) "Quem era o homem com quem estava a falar?"

Respondi que era o Sr. Hodges (que eu fora buscar ao escritório). Foi então feita a apresentação.

P.: "Compreendi pelo Dr. Sharp que estás na sexta esfera?"

R.: "Sim. Sexta esfera, sétimo reino."

P.: "Como está a minha esposa?"

R.: "Recebeu a sua carta do Oriente."

(Verifiquei mais tarde que havia alguma preocupação devido ao atraso na chegada da minha primeira carta de Nova Iorque, que só tinha sido recebida poucos dias antes desta sessão.)

Depois surgiu "Clytina", que falou de forma muito clara, embora algo afetada, com o Sr. Hodges, em inglês puro. Pareceu-me que essa pronúncia formal devia-se ao desejo de ser bem compreendida. Disse-me que dois amigos ingleses desejavam que ela os apresentasse a mim; até agora, ainda não consegui identificá-los. A seguir, surgiu Sir A. G., nosso Cônsul-Geral em Cuba à época da Guerra Hispano-Americana, que falou sobre o desastre do *Maine*.

Mudara a opinião que tinha desse desastre em vida, e entrou em longas explicações sobre minas e fios que não consegui acompanhar devidamente, pois não conheço o Porto de Havana. Prosseguiu dizendo:

"Éramos cinco na minha família." (Correto.)

"Lembras-te da última vez que nos vimos?"

Respondi: "Sim; jantei consigo em -."

"Sim; ficámos sentados a fumar e conversar. Admiraste uma almofada bordada que tínhamos."

(Notar este pormenor aparentemente trivial! Tinha uma leve lembrança do episódio e, ao escrever para Inglaterra, confirmei com uma das pessoas presentes que era verdade.)

Este detalhe aparentemente insignificante é daqueles que os críticos superficiais desprezam.

"É disto que os espíritos falam?", exclamam.

Para mim, este pormenor — que eu não conseguiria recordar sem ajuda — foi mais valioso do que se o meu amigo tivesse descrito os vários cargos que ocupou em vida com distinção, pois essas informações são do domínio público e poderiam ser extraídas de um livro de referência.

Após a partida de Sir A. G., dois amigos do Sr. Hodges falaram pela trombeta — o Sr. Dan Revell e o Senador James McMillan. Ambos se identificaram de forma convincente e este último manteve uma conversa bastante longa com ele. O Sr. Revell fazia parte do círculo de sete pessoas que recebiam as mensagens de "Clytina" há alguns anos.

É importante referir que há uma grande diferença entre a linguagem do americano médio e a do inglês. Esta diferença manifesta-se nos idiomatismos, na pronúncia, no sotaque e, especialmente, na entoação. Mesmo entre americanos cultos, o inglês correcto não é usualmente falado a oeste de Nova Iorque. Por exemplo, não me recordo de alguma vez ter ouvido a palavra "Yes"; com frequência ouvia-se, como substitutos, "Eyah", "Yah", "Yup" e "Yap". Ora, durante esta sessão, o cirurgião de Brighton, Sir A. G., "Clytina" e Iola falaram inglês puro; os amigos do Sr. Hodges falaram em yankee, como seria de esperar.

O meu companheiro ficou muito impressionado com esta característica da sessão e, após Iola ter falado durante algum tempo, exclamou involuntariamente: "Nenhuma senhora americana fala assim!" Nem o médium nem o seu espírito-guia falavam bom inglês. As vozes, como já disse, não eram as dos meus amigos, mas a nacionalidade de cada orador era evidente.

O Sr. Hodges não via a médium, Sra. Wriedt, há anos. A condição positiva induzida por um desejo excessivo de comunicar nunca me foi tão evidente como nas sessões da Sra. Wriedt. Ao início, com alguns comunicadores, o nome saía de forma confusa, indistinta, e só após várias tentativas se conseguia percebê-lo claramente.

10 de Janeiro de 1909, das 11h10 às 12h10

(*85*) Perguntei à Sra. Wriedt se importava com o lugar onde se sentava. Ela respondeu: "De modo algum"; por isso, pedi-lhe que se sentasse perto de mim, à minha esquerda. A sala estava, como de costume, completamente às escuras; a única vez que tentei ouvir vozes com luz foi na minha primeira visita. A trombeta estava a cerca de sessenta centímetros à nossa frente.

Após cerca de dez minutos de conversa entre nós, começaram a surgir vários véus de nuvens e grinaldas de uma substância com a consistência do fumo de charuto; uma vez, apareceu uma mancha luminosa. A médium disse que via uma senhora idosa à nossa frente, mas a iluminação não era suficientemente intensa para que eu a identificasse. Esta imagem desapareceu rapidamente e nada mais consegui ver além da porta e das paredes, que consegui distinguir graças a uma visão temporariamente clarividente.

Passados dez minutos, uma voz rouca chamou através da trombeta: "Sir Walter", foi o que me pareceu ouvir. Após muitas perguntas, e alguma frustração expressa pelo espírito, percebi que o meu visitante era um amigo — Sir W. W. — que falecera em 1905. Com o tempo, começou a falar de forma mais clara e disse que "morrera em África, para onde fora cumprir o seu dever." (Correto.) Sentira-se mal antes de deixar Inglaterra.

P.: “Sim; foste a Bath e a Aix-les-Bains?”

R.: “Quando estive em Bath, lembro-me de atravessar a ponte e pensar: ‘Será que voltarei a ver este lugar?’ Mas nunca imaginei que iria partir tão cedo.”

P.: “Como está Lady W.?”

R.: “Está muito bem.”

P.: “A sua filha esteve hospedada comigo há pouco tempo.”

R.: “Sim, eu sei; ela interessa-se pelo assunto que está a estudar.” (Tanto quanto sei, isto não é correto.)

P.: “Encontrei-me recentemente com o seu filho Z.”

R.: “Sim, ele é um jovem notável. Lembra-se de eu lhe ter escrito de África?”

P.: “Não, não me escreveu — talvez tenha escrito a F.?”

R.: “Ah! Muito provavelmente foi a ele.”

P.: “Consegue ver o que F. está a fazer?”

R.: “Oh, sim; está a ir bem.”

P.: “Lembra-se de ter ido comigo ver o Husk?”

R.: “Sim, perfeitamente.”

P.: “Não gostava dele, mas ele é médium, não é?”

R.: “Sim, é; mas não gostava da sua personalidade.”

P.: “Lembra-se do que disse sobre ele ir à estação de comboios?”

R.: “Patetice.” (Correto.)

Não consegui perceber com clareza o local onde este espírito morreu. A palavra estava confusa; julguei ouvir “Governo” e “Sir G.” Se entendi corretamente, trata-se de uma identificação excelente, pois ele faleceu num edifício do governo, então ocupado por um tal Sir D. G. Estava, evidentemente, num estado de perturbação. Admitiu que se opunha a mim quanto ao espiritualismo, mas agora percebia o seu erro; declarou ainda que desejava que a sua esposa pudesse alcançar esse conhecimento, mas sabia que tal só aconteceria quando ela “passasse para este lado”.

Não posso negar que é possível tratar-se de um espírito imitador. No entanto, é muito improvável, pois a identificação foi boa, e o espírito não concordava com todas as sugestões — como normalmente fazem os falsos espíritos; por várias vezes disse: “Não, não, não é isso.” Em qualquer dos casos, fraude por parte da médium era absolutamente impossível, pois ela não poderia, de forma alguma, conhecer o nome de Sir W. W., a minha ligação com ele, a ponte de Bath, a viagem a África, o local da sua morte, ou a sua repulsa pelo espiritualismo enquanto estava neste plano.

Sir W. W. foi seguido por Iola, que descreveu de forma minuciosa e correta como eu estivera ocupado no hotel na noite anterior. Entre outras coisas, disse: "Bebeu um copinho."

P.: "O que quer dizer?"

R.: "Uma pequena bebida; ha! ha! ha!"

Isto era, suponho, uma alusão a um copo de uísque com água que tomei antes de ir para a cama.

Seguiu-se o Dr. Sharp. Disse que nascera em Glasgow e morrera em Evansville, Indiana; que a doutrina da reencarnação não era verdadeira; e que pessoas de diferentes esferas podiam viver juntas. Conversou por algum tempo e, dizendo "Adeus", atirou a trombeta com grande força para o chão.

As condições atmosféricas eram más. Chovia, havia nevoeiro e o ambiente estava pesado.

8 de Fevereiro de 1909, das 19h35 às 21h05.

Condições atmosféricas muito boas.

(*86*) O Dr. Sharp foi o primeiro a aparecer, para uma breve conversa. Depois surgiu Josephine, que — como talvez se recordem — conheci pela primeira vez em casa dos Jonson, em Toledo. Repetiu que viera como guia para me ajudar.

P.: "Estás a ajudar a Iola?"

R.: "É mais provável que a Iola me possa ajudar a mim."

Isto foi posteriormente explicado por Sharp, que disse que Iola conseguia aproximar-se mais de mim, e que a ajuda de Josephine ocorria a partir daí.

Sir W. W. estava bastante forte; ria-se e falava com mais força do que é habitual através da trombeta. Repetiu que a esposa detestava o espiritualismo e não conseguia compreender como eu podia tolerar tal disparate.

P.: "E o F.?" (um amigo comum)

R.: "Oh!" (risos pela trombeta) "zombava disto."

P.: "Sim, mas lembro-me de si e dele a zombarem de mim juntos."

R.: "Oh, sim; mas eu não sabia melhor naquela altura. Agora estou a fazer tudo o que posso para aprender."

Iola apareceu a seguir, muito forte, e conversou durante alguns minutos. Referiu-se a ter estado comigo em casa do "jovem de cabelo claro", e disse "que se tinha confundido lá." (O jovem de cabelo claro era o Sr. Kaiser, outro médium de trombeta em Detroit. As suas sessões estão descritas mais adiante. Compreendi perfeitamente a sua alusão à "confusão" e isso constituiu uma excelente prova de que realmente estivera presente.) Mais uma vez, a meu pedido, descreveu com precisão o que eu fizera na noite anterior. Seguiram-se alguns

pormenores de carácter privado, durante os quais deu corretamente os nomes da minha esposa e do irmão desta. *

P.: “Lembras-te de uma sessão em Toledo?”

R.: “Na casa da jovem — sim. Pousei a mão sobre ti; toquei-lhe.”

P.: “E o canto?”

R.: “Sim, sim!”

P.: “Lembras-te da Praça E.?”

R.: “Sim, e das nossas brincadeiras em casa.”

(A jovem referida é a Srta. Ada Besinnet, com quem estive alguns dias antes e de quem recebi um notável testemunho por parte de Iola. As “brincadeiras em casa” referem-se a momentos de diversão natalícia há cinquenta anos.) Surgiu então uma nova voz na trombeta: “Scott, Scott”; depois, uma palavra indistinta.

P.: “Que nome?”

R.: “Scott W.” (indicando apenas a inicial; por fim: “Scott Willcox.” Era um homem que morreu há dez anos em Southsea.) Aconteceu agora um episódio curioso. A Sra. Wriedt teve, de repente, a impressão de que devia dizer-me para lhe perguntar como tinha vindo ali naquela noite. Fi-lo, e a resposta foi: “O Sr. Henry Usborne convidou-me.”

(Não creio que exista nas minhas anotações sobre a estadia na América nenhum episódio mais convincente do que este. O Sr. Henry Usborne é meu cunhado, falecido em 1890. A leitura de pensamento não explica o caso, pois nunca me passou pela cabeça que esse espírito andasse a procurar conhecidos meus para os trazer a uma sessão. Os dois homens não se conheciam em vida; além disso, a médium era completamente ignorante quanto aos meus familiares, e a última coisa que poderia adivinhar seria que o meu segundo nome próprio — que vira em Janeiro — era o apelido de um parente próximo.) Continuei:

P.: “Não tinhas grande apreço por este tema em vida, pois não?”

R.: “Não! E não conseguia entender como tu o podias levar a sério.”

P.: “O que estás a fazer agora?”

R.: “Estou a ajudar pessoas ignorantes a compreenderem as condições quando chegam a este lado.”

Quando se despediu, disse: “Adeus, Scott Willcox.” Ele respondeu: “O meu nome é Willcox.” “Foi isso que disse.” “Ah, pensei que tinha dito ‘Scott McDonell’.” “Não.” “Ah, enganei-me. Adeus.”

Dr. Sharp, que normalmente encerra as sessões, fez agora um pequeno discurso em voz alta, nem sempre — penso eu — através da trombeta. Entre outras afirmações, disse: “Meu caro irmão Moore, temos tudo aqui — as flores mais belas e a música; e queria referir

especialmente — temos o reino animal." Em resposta às minhas perguntas, declarou que o matrimónio era um "ato espiritual", e que o espírito era gerado na sua consumação. Não tinha existência prévia. As estrelas (planetas?) influenciam o destino do espírito.

4 de Fevereiro de 1909, das 9h05 às 10h30.

Condições atmosféricas muito boas.

(*87*) Primeiro, ocorreram algumas eterealizações, sendo que a substância que as formava parecia emanar de mim, por cima da minha cabeça. Por diversas vezes, a médium disse: "Vejo tal e tal sobre a sua cabeça"; isto antecedia o aparecimento de uma eterealização à minha frente. O meu pai e a minha mãe surgiram, em separado e juntos, embora não de forma nítida. Um sargento do exército tentou manifestar-se três vezes. Disse que eu era amigo do seu coronel, mas não conseguiu dizer o nome; o coronel já havia falecido, mas ele (o interlocutor) tinha partido antes.

Um ministro, de casaco preto e gravata, eterealizou-se e deu o nome de Stead. Presumo que fosse o pai de W. T. Stead, que se manifestara em Rochester.

Depois, durante cerca de meia hora, talvez um pouco mais, surgiram e desapareceram fantasmas; então, começou a comunicação pela trombeta. Pedi à Sra. Wriedt que falasse por vezes enquanto os espíritos falavam (para provar que a voz que saía da trombeta não era a dela).

Assim o fez, não apenas nesta ocasião, mas em outras também, e fiquei convencido. O nome "Catherine" foi indicado pela médium como sendo o de uma pessoa presente, mas que não se manifestou; este é o nome de uma irmã minha que faleceu na infância. "Josephine" voltou a manifestar-se; depois surgiu um homem chamado A. R., que me disse ter chegado primeiro à terceira esfera, mas que os amigos o ajudaram a alcançar a sexta. Não parecia estar em nenhum "reino".

Quanto à questão de saber se pessoas de esferas diferentes podiam viver juntas, mostrou-se algo confuso. Relatei depois o que ele dissera à Iola, que riu pela trombeta e disse: "O que é que ele sabe sobre as vibrações superiores?"

Depois vieram Iola e o meu cunhado ao mesmo tempo. A primeira falou pela trombeta enquanto o segundo dizia-me ao ouvido direito: "William, como estás, velho amigo?" Respondi: "Não consigo falar com duas pessoas ao mesmo tempo." "Tudo bem," disse ele, "só queria mostrar isto como prova"; e, por algum tempo, pude dedicar-me apenas à trombeta. Iola voltou a relatar com precisão as minhas atividades da noite anterior.

Entre outros detalhes, disse que me vira a escrever os meus apontamentos e que ficara satisfeita por ver como eu compreendera bem o que ela dissera "aqui" (referindo-se às sessões com a Sra. Wriedt). Ela e a Sra. Wriedt trocaram palavras, e por quatro vezes chamou a médium pelo nome, com pronúncia muito clara.

O meu cunhado conversou também com a médium acerca das cores dos vestidos nas esferas. "Que cor usa a Srta. Iola na sua posição?" "Lavanda clara", respondeu ele. "E qual é a sua cor, Sr. Henry?" Resposta: "Vermelho-claro."

(O último retrato pintado na presença das irmãs Bangs, aquando da minha primeira visita a Chicago, era de Iola vestida com um vestido lavanda-claro. Tinha esse quadro no meu hotel em Detroit, mas a médium nunca o vira, e ninguém, exceto as Bangs e eu próprio, tinha qualquer interesse nele. Considerei esta resposta do espírito notável e convincente.)

Perguntei a Iola sobre os retratos precipitados na presença das irmãs Bangs.

P.: "Estavas presente quando o teu retrato foi precipitado?"

R.: "Estive lá o tempo todo, e os artistas fizeram o quadro a partir de mim. Há três artistas: um para o desenho, um para as cores e um para o magnetismo."

P.: "Marcaste o retrato de perfil que foi para casa?"

R.: "Sim. Inscrevi-o para G."

(Este quadro não tinha qualquer inscrição visível quando o deixei com as irmãs Bangs em Chicago. Quando cheguei a casa, confirmei que a afirmação estava correta.)

Iola acrescentou ainda: "O que tornou o retrato um sucesso foi a tua presença. Se tivesses pousado o teu relógio de ouro sobre a mesa, eu poderia ter extraído a essência e colocado um alfinete dourado no cabelo ou no vestido. Se tivesses levado rosas contigo para a sala da sessão, poderia ter colocado rosas. Os espíritos adoram flores."

6 de Fevereiro de 1909. Condições atmosféricas boas.

(*88*) Antes de começar a comunicação através da trombeta, a médium viu os nomes "Andrew", "George", "Catherine" e "Millais" (ou "Millay").

O primeiro nome transmitido pela trombeta foi "Catherine". Como já referi, presumi tratar-se de uma irmã minha que morreu em tenra idade. Neste dia, deixou isso bastante claro e disse que crescera na vida espiritual.

O segundo espírito a comunicar foi um homem chamado Calver, que se identificou bem. Em vida, fora capitão da Marinha. Indicou corretamente a cidade onde vivia quando faleceu e disse, com muita clareza: "Ambos estávamos no serviço de levantamentos do Exército." Se se substituir "Exército" por "Marinha", a afirmação está correta, e considerei isto uma boa prova.

Antes de Calver falar, a médium dissera: "Vejo um homem com cabelo avermelhado." Enquanto falava comigo, o espírito disse: "Sim, Redhill era onde eu vivia, não Redhead." (Depois de se reformar, viveu em Redhill, perto de Reigate, em Surrey. Que associação existiria na mente da médium entre "Redhill" e cabelo avermelhado, não sei; mas sugiro que talvez tenha captado uma palavra por clarividência auditiva, o que levou ao erro.)

O espírito seguinte foi um homem que tinha morrido em Southsea dois anos antes, chamado Andrew Balfour, um capitão reformado da Marinha. Fora meu primeiro-tenente vinte anos antes, quando eu comandava um navio na China, e víamo-nos com frequência nos quatro anos que antecederam a sua morte, durante os quais eu praticamente geria os seus assuntos financeiros, dado estar fisicamente incapacitado.

Lembrou-me um pequeno incidente ocorrido em Chicago, em Janeiro, o que demonstrava que estava ciente das minhas actividades nessa cidade, e anunciou com tom bem-humorado: "Peço desculpa por vir sem convite. Ha! ha! ha!" Esta observação indicava que sabia o que se passara quando Scott Willcox se apresentou, a 3 de Fevereiro.

Iola e o meu cunhado voltaram a aparecer juntos e ambos falaram pela trombeta. Provavelmente foi feito como teste, mas era confuso; pedi então ao segundo que se retirasse, o que fez, e conversei a sós com Iola sobre assuntos sem interesse para o leitor. Ainda assim, isso ajudou a confirmar a identidade do espírito.

Durante esta sessão, uma senhora apresentou-se dizendo ter falecido há vinte anos. Declarou estar feliz, e achei que não havia mal em aludir a um assunto delicado que muito a perturbara nos seus últimos dias e que terá acelerado, se não causado, a sua morte. Perguntei: "Pensas alguma vez em James Montgomery?" A resposta foi: "Agora não, mas gostava que nunca o tivesse conhecido"; e seguiu-se um longo e profundo suspiro através da trombeta, que me fez arrepender de ter tocado num ponto tão sensível da sua memória.

O Dr. Sharp apresentou-se a seguir. Referiu-se ao meu ceticismo relativamente ao falecido conhecido A. R., e disse: "Ele tem trabalhado arduamente e feito progressos notáveis desde que chegou deste lado. Está na sexta esfera, mas em nenhum reino. Disse-lhe que era a sexta, e tinha razão.

Há uma grande diferença entre a sexta esfera sem reino e a sexta esfera no sétimo reino" (isto em alusão à minha dúvida sobre ele ter alcançado uma posição igual à de Iola). "Não falamos em 'reinos' antes de chegar à sexta esfera. Existem treze reinos na sexta esfera. As esferas são, por assim dizer, condições de lugar; os reinos são condições de progresso espiritual."

Enquanto Sharp falava, Henry (o meu cunhado) dirigia-se a mim, primeiro ao ouvido esquerdo, depois ao direito; por vezes, ouvia-o também a falar com Sharp.

Esta foi a minha última entrevista, nesta visita, com os meus amigos através da mediunidade da Sra. Wriedt. Ela estava sentada a cerca de sessenta centímetros à minha direita. No fim da sessão, colocou ambas as mãos nas minhas; enquanto eu falava com ela, fui atingido na cabeça, no braço esquerdo e no peito esquerdo pela trombeta, que foi então atirada para um canto da sala, atrás dela, onde se desfez.

Relatei nestas páginas tudo quanto é possível registar publicamente sobre os meus encontros com familiares e amigos por intermédio da Sra. Wriedt. A médium nunca entrou em transe, e não me recordo de um único episódio que me levasse a suspeitar da sua integridade, embora me mantivesse atento o tempo todo. Naquele quarto sossegado em Detroit, ouvi, através da

trombeta, manifestações de quase todas as emoções humanas, com exceção da ira. Riso, suspiros e expressões de desapontamento eram frequentes. Cheguei a ouvir três vozes a falar em simultâneo — uma em cada ouvido e uma pela trombeta; por vezes, duas pela trombeta.

O Dr. Sharp, sendo o orador mais eficaz, por vezes transmitia mensagens de um dos meus visitantes; e, se não as relatava com exatidão, podia ouvi-lo a ser corrigido: "Não, não! Eu não disse isso! Eu disse..." Então Sharp corrigia-se perante mim e dizia: "Enganei-me; o que ele queria que eu lhe dissesse era isto ou aquilo." Os lamentos dos espíritos por não conseguirem fazer-se ouvir ou compreender eram comoventes: "Oh, céus! Porque é que não consigo fazer-me ouvir?" ou "Não, não; não era isso que queria dizer!" — estas e outras exclamações semelhantes eram frequentes. No geral, nunca estive presente em sessões tão realistas; de facto, muitas vezes esquecia-me de que estava a conversar com aqueles a quem, de forma ignorante, chamamos "os mortos".

Sr. A. W. Kaiser

Existe outro médium de trombeta (além da Sra. Wriedt), que vivia há cinco anos em Detroit — A. W. Kaiser, então residente no número 125 da Alfred Street. Tinha trinta e três anos de idade. Na sua presença não ocorrem eterealizações, mas a voz direta é quase tão boa quanto nas sessões com a Sra. Wriedt. Proponho-me agora relatar tudo o que tenho nas minhas notas relativamente aos fenómenos que ocorreram nas sessões com ele, em 1909. Recebia os clientes num quarto de dormir, e sentava-se na escuridão a cerca de um metro de distância; a trombeta geralmente ficava no chão entre os dois, ou ligeiramente de lado em relação à linha que os unia. Os primeiros cinco minutos eram ocupados com música produzida por uma simples caixa de música.

9 de Janeiro, das 16h00 às 16h50.

Condições atmosféricas pouco favoráveis; a nevar.

O primeiro espírito a manifestar-se foi o meu cunhado, que se identificou como "Harry", como o fazia por vezes com a Sra. Wriedt. Disse: "A Iola está aqui comigo." Seguiu-se um tal Sr. Kurgan. Afirmou não me conhecer, mas conhecer o Sr. Hodges. Tinha vivido em Detroit e falecera recentemente na Califórnia; era seu desejo que eu desse essa informação ao Sr. Hodges.

(Transmeti a mensagem ao Sr. Hodges, que confirmou a veracidade da história. Isto não teria grande importância, não fosse o facto de eu ter-me assegurado de que a voz não era a do médium.)

A seguir, surgiu Iola, mas deu muito pouca informação; depois, a minha mãe, que só permaneceu tempo suficiente para dizer algumas palavras. Após a sua partida, um espírito chamado "Tim", um dos habituais do gabinete dos Jonson, anunciou-se e falou durante alguns segundos. Disse que me vira numa sessão escura em casa dos Jonson. (Correto; foi a 4 de Janeiro.)

P.: "Quem era aquela mulher alta na casa dos Jonson a quem chamávamos 'Cleópatra'?"

R.: "Um grande espírito de uma esfera elevada."

Tim foi seguido pelo Dr. Jenkins, o espírito-guia do médium. Tinha uma voz forte e clara, diferente da de Kaiser. Tive uma breve conversa com ele:

P.: "Por favor, diga-me, Dr. Jenkins, o que significa quando me dizem que um espírito está na sexta esfera e no sétimo reino?"

R.: "As esferas estão divididas em reinos — sete no total."

P.: "É comum vermos casais, aqui na Terra, com níveis muito diferentes de desenvolvimento espiritual, embora muito ligados afectivamente. Se, na vida espiritual, estiverem em esferas ou reinos diferentes, poderão viver juntos?"

R.: "Certamente. Isso não impede que partilhem um lar."

P.: "E no caso de um homem que tenha casado duas vezes?"

R.: "Uma das esposas será mais atraída para ele do que a outra."

P.: "E a outra?"

R.: "Encontrará felicidade com outro."

P.: "Porque não podem os três viver juntos?"

R.: "Dois formam a união."

P.: "Têm casas do vosso lado?"

R.: "Sim. São formadas pelo pensamento, e variam em beleza conforme o grau de desenvolvimento espiritual dos que as habitam. Temos flores e florestas maravilhosas. Tudo é muito mais belo do que no vosso mundo. Adeus. Fizemos tudo o que podíamos por si."

11 de Janeiro de 1909, das 9h00 às 9h30.

Música durante cinco minutos. Depois, Josephine falou pela trombeta. Prometeu ajudar Iola a manifestar-se nas sessões com os Jonson. Perguntei-lhe a sua nacionalidade; disse que não era americana, mas que vivera nos Estados Unidos algum tempo antes de falecer.

Iola falou a seguir, mas na nossa conversa nada havia de interesse público. Perguntei-lhe quantas pessoas estavam então a viver na minha casa; ela respondeu: "Três, creio." (Correto.)

O Dr. Jenkins apareceu por fim, como era habitual. Explicou, em resposta às minhas perguntas, que os seres vivem juntos no mundo espiritual tal como na Terra, desfrutando de harmonia e paz. Duas pessoas podem estar em esferas diferentes e ainda assim viver juntas. As salas de receção e os grandes salões são circulares; os materiais dos edifícios são formados por concentração de vibrações.

P.: "Têm contrapartes de tudo o que existe neste mundo?"

R.: "Sim; temos florestas maravilhosas, rios, e música que não é de todo compreendida na Terra. Animais? Sim; mas, ao deixarem o corpo, deixam também de ser selvagens ou cruéis. As nossas florestas estão cheias de animais. Nenhum espírito morre."

2 de Fevereiro de 1909.

Condições atmosféricas muito boas; geada.

(*89*) O aspeto mais evidente desta sessão foi a manifestação de Thomson Jay Hudson. Não estava particularmente a pensar nele naquele momento, e o anúncio da sua presença causou-me grande surpresa. Agradeci-lhe por ter levado a mensagem para a Sra. Georgia desde Chicago, em Janeiro, e conversámos sobre os quadros das irmãs Bangs e os nossos futuros encontros em Rochester. Falou com clareza e permaneceu cerca de dez minutos. A propósito dos nomes dados nas mensagens recebidas pela Sra. Georgia, e para tentar encontrar alguma informação sobre ele em Detroit, perguntei-lhe se tinha uma irmã no mundo espiritual chamada "Hester" e um irmão chamado "William".

Respondeu: "Sim."

Perguntei: "Como poderia eu descobrir isso por meios normais? O Sr. Hodges saberia?"

Respondeu: "Com certeza que sim."

(No entanto, verifiquei que o Sr. Hodges nada sabia sobre os familiares do Dr. Hudson, e muito pouco sobre o próprio. Deve lembrar-se que Hudson, embora tenha vivido e morrido em Detroit, tinha uma opinião oposta à dos espiritualistas.)

Durante esta conversa, constatei que Hudson concordava comigo com firmeza quanto a ser pura tolice tentar converter alguém ao espiritualismo. A atitude correta era simplesmente partilhar com os outros o que se vira e ouvira nas investigações — e deixar por aí.

Outros visitantes foram o meu guia (Iola), o meu cunhado, a minha mãe e o Dr. Jenkins, o espírito-guia. Perguntei ao meu cunhado se, quando falava comigo sobre os nossos familiares, isso significava necessariamente que outros espíritos à sua volta compreendiam a conversa. Respondeu: "Não! É possível isolarmo-nos."

No final da sessão, sugeri ao médium que seria interessante se o pudesse ouvir falar ao mesmo tempo que Jenkins; também pedi que este último falasse a partir de uma posição oposta à da primeira vez. Ambos os pedidos foram satisfeitos.

É dever de todo o investigador considerar cuidadosamente, após cada sessão a que assiste, todas as possibilidades de fraude. Posso dizer, com sinceridade, que sempre segui este princípio. Ao considerar o registo acima — imperfeito, por motivos óbvios —, concentrei-me naturalmente no elemento principal, o facto aparentemente mais convincente do encontro: a manifestação de Thomson Jay Hudson. Não mencionei o seu nome nem à Sra. Wriedt nem ao Sr. Kaiser, embora soubesse que ele me acompanhava, por causa da promessa feita em Rochester e do êxito em transmitir uma mensagem desde Chicago à Sra. Georgia.

Em condições normais, era impossível os médiuns conhecerem esse acordo. Ele nunca se manifestou na casa da Sra. Wriedt, que vivia na mesma cidade que ele durante anos; e, no entanto, manifesta-se na casa de um jovem que só veio para a cidade três anos após a sua morte. Como se verá adiante, tornou a sua personalidade bem conhecida, e acabou por confirmar, em Rochester, que tínhamos conversado em Detroit.

Durante esta sessão, Jenkins disse: "Quanto mais se estuda este assunto [espiritualismo] na vida terrena, mais preparado se está para progredir quando se passa para o outro lado — para avançar na vida espiritual."

8 de Fevereiro de 1909, das 10h00 às 11h00.

Condições atmosféricas muito boas.

(*90*) Música durante alguns minutos, depois esperámos algum tempo. Passaram-se cerca de quinze minutos até ouvir a trombeta ser movida; então, o meu guia falou. Foi seguido pelo meu pai. Estas comunicações não foram evidenciais. Depois veio o Dr. Hudson; prometeu tentar levar a minha mensagem no dia seguinte à Sra. Georgia, em Rochester. Disse que a peça dela seria um grande sucesso e muito apreciada pelo público. (Os acontecimentos provaram que isto foi apenas parcialmente verdade. No mês seguinte, um conhecido empresário de Nova Iorque comprou a sua peça — a primeira dela; mas, até ao momento, não tive notícia de que tenha sido levada à cena.)

Perguntei como era possível que Iola, que estava no mundo espiritual há mais de trinta e quatro anos, não conseguisse identificar-se tão bem quanto ele, que apenas havia falecido há cerca de seis anos.

R.: "Porque estudei este assunto na Terra, e, ao deixá-la, empenhei-me profundamente em aprender mais sobre ele."

P.: "É verdade que tem, na vida espiritual, uma irmã chamada Hester e um irmão chamado William?"

R.: "Sim."

P.: "Consegue indicar alguém além do Sr. Hodges que possa confirmar isso em Detroit?"

R.: "Neste momento não me consigo lembrar."

Depois veio o Dr. Jenkins, que falou durante algum tempo. Entre outras coisas, perguntei-lhe:

P.: "Porque é que o meu guia não consegue responder a perguntas importantes sobre a sua identidade?" (referia-me às sessões com Kaiser). "Quando surge uma palavra importante, a sua voz, que até aí é clara, torna-se indistinta."

R.: "O senhor está muito ansioso por ouvir, e ela por transmitir a palavra. Isso faz com que ambos se tornem 'positivos', e a vibração desequilibra-se. O seu ente querido está, por assim dizer, a olhar através de uma nuvem e só consegue ver vagamente."

4 de Fevereiro de 1910, das 12h00 às 13h00.

Condições atmosféricas muito boas. Na companhia do Sr. Hodges.

(*91*) Vozes, alegadamente pertencentes aos seguintes espíritos, comunicaram connosco: o pai do Sr. Hodges, Iola, "Clytina", Sir Isaac Newton, Dr. Richard Hodgson e Dr. Jenkins. No caso do pai do Sr. Hodges, nada foi evidencial; Iola não acrescentou muito ao que já tinha dito, nem "Clytina". Esta última disse: "Alvidas está aqui." Como prova, isto não tem muito valor, já que o médium sabia das sessões de quatro anos que o Sr. Hodges tivera com o Sr. Cole, durante as quais Alvidas era o principal comunicador, e entidades circundantes (Diakka — espíritos ociosos e frívolos) provavelmente aproveitariam esse conhecimento.

As partes mais relevantes da sessão foram as visitas de espíritos que afirmaram ser Sir Isaac Newton e o Dr. Richard Hodgson. O primeiro usava uma voz fraca e envelhecida. Disse-me: "Sir Isaac Newton; é um prazer poder vir.

Desde que passei para este lado, tenho estudado as leis da gravitação, da luz e das cores; e desejo transmitir este conhecimento ao mundo que deixei. Isso seria possível se fosse formado o círculo adequado e as condições fossem boas, tal como aconteceu quando o espírito que acabou de estar aqui [Clytina] transmitiu as suas mensagens ao seu amigo. As forças estão a esgotar-se, e não posso ficar muito mais tempo. Adeus."

P.: "Um momento, Sir Isaac. Pode dizer-me, em poucas palavras, o que é a gravitação?"

R.: "A gravitação é uma força gerada pela rotação dos globos através do éter."

P.: "Posso então assumir que se enquadra no conceito de 'força eletromotriz', sendo o éter, por assim dizer, o rotor?"

R.: "Essa descrição está bastante próxima. Adeus."

(Não posso, obviamente, afirmar que o meu visitante era Sir Isaac Newton; de facto, à partida, parece altamente improvável; mas posso afirmar que o médium era incapaz de inventar esta teoria nova sobre a gravitação. Já ouvira falar dela por um homem em Inglaterra, que está atualmente a trabalhar com base nessa hipótese.

Até onde sei, nenhum americano desenvolveu uma teoria semelhante, e só uma pessoa neste país está envolvida nesse estudo. Este homem está confiante quanto ao sucesso, mas ainda não publicou uma única linha sobre o assunto; e, à exceção da sua família próxima, duvido que mais de dez pessoas saibam no que consiste a sua investigação. Pessoalmente, não vejo como possa estar correto, pois os cientistas repetidamente nos informaram de que o éter do espaço é isento de fricção. Caso contrário, é certo que os globos cessariam de girar.)

Sem dúvida, foi graças à presença do Sr. Hodges que se deu a visita do espírito que dizia ser Sir Isaac Newton. O Sr. Hodges tem-se dedicado, há anos, a tentar desvendar os segredos da natureza através dos gregos antigos, com o auxílio mediúnico do Sr. Cole.

Depois da partida de Sir Isaac, surgiu uma voz pela trombeta: "Dr. Richard Hodgson." Disse-lhe: "Fico muito contente por o ver; desejei várias vezes que isso acontecesse." Respondeu: "Sim, tentei impressioná-lo por três vezes."

P.: "Por favor, tente dizer-me algo que eu não saiba, mas que o Hyslop ou outro amigo saiba."

R.: "Pouco antes da minha morte, tive uma conversa com Hyslop, onde lhe disse que achava que seria o próximo membro da nossa Sociedade a deixar este plano." (Seguiram-se algumas outras perguntas e respostas, mas sem interesse público. O Dr. Hyslop disse-me que não se recorda da afirmação acima feita por Hodgson, tal como foi formulada; no entanto, tiveram muitas conversas sobre a vida futura e a transição para outro estado de consciência.)

O Dr. Jenkins, espírito-guia do médium, disse que o Dr. Hudson estava ausente, tentando impressionar uma "luz" (ou seja, médium) noutro local, para quem eu tinha enviado uma mensagem. Algumas horas antes, eu tinha-me concentrado numa mensagem dirigida à Sra. Georgia, que esperava que Hudson levasse. Disse também: "Ele [Hudson] está a preparar algumas boas provas para quando voltar a sentar-se em Rochester."

A Sra. Georgia e eu combinámos uma data e hora para a referida mensagem. Foi enviada da casa da Sra. Wriedt à hora combinada (tendo em conta a diferença de longitude). A Sra. Georgia desconhecia por completo o conteúdo da mensagem, bem como a cidade em que eu estaria na data pré-combinada. A mensagem não foi transmitida tal como a redigi, mas a caligrafia da Sra. Georgia revela conhecimento das minhas atividades, e há indícios gerais de que Hudson estava comigo. (*Ver Capítulo V.*)

Nessa mesma tarde (4 de Fevereiro de 1909), pelas 17h15, a Sra. Wriedt veio ao meu hotel, a meu convite, para ver o retrato de Iola com o "vestido lavanda-claro". Contou-me que perguntara ao seu espírito-guia, o Dr. Sharp, por que motivo ele não estivera presente na sessão da manhã. Ele respondeu que estivera ocupado a ajudar os amigos do Sr. Moore a irem ter com ele às 12 horas.

Ela queria saber o que isso queria dizer. Informei-a de que, àquela hora, eu estava com Kaiser. Verifiquei que os dois médiuns não se conheciam; viviam a mais de três quilómetros um do outro e podiam ter-se encontrado na mesma sala, mas não mantinham qualquer relação que levasse à partilha de experiências com clientes. Escusado será dizer que não forneci a nenhum deles as datas ou horários em que visitaria o outro.

5 de Fevereiro de 1909, das 9h50 às 10h45.

Condições atmosféricas pouco favoráveis; degelo; céu limpo.

Os meus visitantes neste dia foram o meu cunhado, Iola, o Dr. Hudson, o Dr. Hodgson e o Dr. Jenkins.

(*92*) Iola disse-me que me vira na noite anterior "a ler a mensagem". (De facto, tinha retirado a mensagem que tentara enviar de manhã e lido atentamente no meu quarto do hotel; isto com o intuito de reforçar a impressão junto da Sra. Georgia.)

Hudson apresentou-se com força. Disse que levara a mensagem, mas que achava que a "luz" não a tinha captado na totalidade. Sabia que a impressionara, mas acreditava que ela só apanhara parte. Depois acrescentou: "Tenho andado a tentar criar boas condições para si."

P.: "Quero descobrir por meios normais quem é Hester Hudson e quem é William Hudson."

R.: "Era isso que queria dizer. Já passou algum tempo desde que fui conhecido aqui, e não consegui impressionar ninguém."

P.: "Então, confirmo consigo que Hester era sua irmã e William seu irmão?"

R.: "Sim."

Hodgson manifestou-se com alguma força.

P.: "Pode dar-me uma prova da sua identidade?"

R.: "Sim; quando nos encontrámos em Boston, na casa da Sra. Piper, disse — na presença dela — que, se me fosse permitido comunicar após a minha morte, tentaria melhorar as condições para ela."

P.: "Mas eu nunca estive consigo numa sessão com a Sra. Piper."

R.: "Não, não. Eu disse isso na presença da Sra. Piper."

(De facto, nunca estive em sessão com a Sra. Piper; mas penso que esta afirmação, feita a 5 de Fevereiro de 1909, tem algum fundamento. Com efeito, na página 2 das *Proceedings of the Society for Psychical Research*, de Junho de 1909, o Professor William James escreve: "Hodgson dizia muitas vezes, em tom de brincadeira, que, se algum dia morresse e a Sra. Piper ainda estivesse a oficiar cá em baixo, iria controlá-la melhor do que ela alguma vez fora controlada nos seus transes, porque conhecia profundamente as dificuldades e condições deste lado.")

O Dr. Jenkins foi o último a manifestar-se.

P.: "Pode explicar-me os conceitos de reinos e esferas?"

R.: "Vou tentar. Podemos explicar-lhe um pouco sobre as sete primeiras esferas. Seria impossível para si compreender-me se tentasse abordar as vibrações além disso. As esferas não estão separadas por linhas bem definidas. Os reinos são estados ou condições, e reconhece-se o reino em que uma pessoa está pela cor que ela usa. Cada esfera, a partir da terceira, tem determinados reinos."

P.: "Então, se me dizem que uma pessoa está na sexta esfera, sétimo reino, e que o vestido que usa é da cor lavanda-clara?"

R.: "Está absolutamente correto. A primeira esfera é de escuridão — não uma escuridão material como a entende, mas ignorância e ausência de desejo de evoluir. Quando um espírito manifesta o desejo de ascender, inicia a sua progressão rumo a uma esfera superior."

P.: "Esses espíritos ligados à Terra, que habitam a primeira esfera, influenciam negativamente os que ainda estão na Terra?"

R.: "Sim, influenciam."

P.: "Mas presumo que não conseguem causar grande dano físico?"

R.: "Não."

P.: "Isso deve-se, suponho, ao facto de não compreenderem as vibrações superiores?"

R.: "Sim."

Jenkins continuou: "Os pensamentos dos mortais são muito poderosos. Suponha que quer que um determinado espírito venha a uma sessão, ou que esteja consigo — tudo o que tem de fazer é pensar nele — concentrar-se — uns minutos antes."

P.: "O grau de sucesso depende, suponho, da ligação entre ambos. Se duas pessoas estiveram muito ligadas, será mais fácil estabelecer essa ligação do que no caso de estranhos?"

R.: "Sim."

(O Dr. Jenkins, segundo Kaiser me disse, era Doutor em Teologia e ministro metodista. Faleceu por volta de 1894. Era bem conhecido do pai de Kaiser. Foi afastado do ministério por causa das suas ideias espiritualistas.)

Esta sessão marca o fim das minhas experiências, durante essa visita, com o Sr. Kaiser. Não consegui registar aqui tudo o que se passou. Muitas mensagens menores esqueci antes de poder anotá-las; só me foi possível reunir os pontos essenciais de cada sessão. Verifica-se que há algumas contradições e divergências entre Sharp e Jenkins. Foram omitidas mensagens privadas de Iola e de alguns outros.

10 de Janeiro de 1909. Fui com o Sr. Hodges à casa de Mdme. Julienne de Leamont, na 922 Cass Avenue, Detroit. A mediunidade desta senhora é de natureza peculiar. Possui seis globos vazios num suporte, sendo um, ao centro, muito maior que os restantes cinco. Quando as condições são favoráveis, os seis globos iluminam-se apenas com o toque das mãos da médium. Nessa ocasião, as condições atmosféricas eram más; chovia intensamente; mesmo assim, o globo maior iluminou-se ligeiramente, e um dos pequenos ficou quase totalmente iluminado.

Após esta manifestação, houve sussurros através de uma trombeta. O Dr. Kurgan falou com o Sr. Hodges. Quando terminaram a conversa, perguntei ao espírito:

P.: "Quando me falou ontem, como sabia que eu conhecia o Sr. Hodges?"

R.: "Porque o vi a falar com ele."

P.: "No escritório dele?"

R.: "Sim."

A sala estava escura, e havia seis ou mais pessoas presentes. No final da sessão, um dos senhores, conhecido por ter capacidades psíquicas, disse-me: "Senhor, vejo a figura do Presidente Lincoln atrás de si, segurando um livro aberto nas mãos." Nos dias anteriores, eu andava a tentar lembrar-me de uma certa passagem da *Ode a Lincoln*, de Walt Whitman. Ninguém, além de mim, sabia disso; nunca tinha visto aquele homem antes daquela noite — e mesmo assim, apenas por cinco minutos à luz. Não pude deixar de atribuir isto a algo mais do que simples coincidência. Dois dias depois, encontrei a passagem que procurava na biblioteca pública de Toledo.

CAPÍTULO IX

TERCEIRA VISITA À AMÉRICA

Regresso aos Estados Unidos — Objectivos da minha visita — A Sra. Georgia doente — A Sra. French ainda com capacidades, apesar dos seus oitenta anos — A Sra. Rossegue — A sua psicometria — Miss Ada Besinnet — Canto e assobio por espíritos — Luzes espirituais — Uma mesa pesada levantada do chão — O canto de Oma Yoant e Iola — A Sra. Wriedt acompanha um grupo a uma sessão com Ada Besinnet — A sua clarividência — Excelente prova dada ao Sr. Xander — Método de Black Cloud para anunciar a sua saída da médium — Comunicação pela trombeta — Escrita automática pela médium — Professor Hyslop — Não admite a possibilidade de materialização — Mais sessões com os Jonson — Grayfeather de novo — As travessuras de Viola — O seu desaparecimento de um local e reaparecimento instantâneo noutro — A impressionante materialização de Catherine — Descoberta da solidez parcial das formas espirituais — Edna, a freira — Privilégio concedido por Viola — A Sra. Wriedt assiste a uma sessão com os Jonson, e o seu guia, o Dr. Sharp, manifesta-se — Seguro o casaco de um espírito parcialmente materializado — Sou advertido pelo meu guia para não repetir certa experiência — As crianças dos Newton aparecem e dão uma bela prova — O Dr. Sharp volta a manifestar-se à Sra. Wriedt — Grayfeather: "Quero a minha sombra aqui" — Sessão a sós com a Sra. Jonson no gabinete — Materialização de interesse meramente científico — Testes com as Irmãs Bangs — Teste do retrato bem-sucedido em dois dias — Teste da carta demora três dias — Esgotamento dos médiuns e de mim mesmo — Escrita em ardósia através da mediunidade do Sr. P. O. Keeler — Sem provas de identidade, mas confirmação da presença de inteligências invisíveis — Regresso a Inglaterra.

A 10 de Dezembro de 1910, deixei Southampton para realizar uma terceira visita aos Estados Unidos com o propósito de estudar fenómenos psíquicos. Durante os vinte meses anteriores, discuti naturalmente as minhas experiências americanas com várias pessoas, mas sobretudo com um ilusionista, que considero ser o mais moderno e hábil da sua profissão.

(*309–310*) Este forneceu-me mais de uma centena de explicações para diversos pontos. Nenhuma das muitas sugestões que me foram apresentadas se ajustava aos casos de ação espiritual que presenciei; cada explicação era mais extraordinária do que a própria hipótese espiritualista. Sem dúvida, aqueles que comigo argumentavam encontravam-se em desvantagem

considerável: desconheciam totalmente as condições elétricas nos Estados Unidos, o país em si e os médiuns com quem eu contactara.

Seja como for, o efeito sobre o meu espírito foi o de reforçar a minha convicção na genuinidade dos fenómenos, e deixei Inglaterra sem uma única dúvida sobre o que presenciara em 1909, mas, ao mesmo tempo, decidido a pôr à prova todas as sugestões sempre que surgisse oportunidade.

Os objetivos principais da minha terceira visita eram: (1) entrevistar o meu guia através da mediunidade da Sra. Georgia e da Sra. Wriedt; especialmente, tentar descobrir qual era a sua ocupação e quais as funções dos outros membros da minha família e amigos na vida espiritual; (2) observar o desenvolvimento da mediunidade de Miss Ada Besinnet, a jovem e famosa médium de Toledo; e (3) realizar algumas experiências com o Sr. e a Sra. Jonson, não para testar a sua honestidade — da qual já estava plenamente convencido — mas para estudar mais de perto a tangibilidade das formas e, particularmente, os seus métodos de desmaterialização, que tanto me tinham surpreendido em 1909.

Como considerava possível passar alguns dias em Chicago, escrevi cartas destinadas a experiências com as Irmãs Bangs, colocando papel no interior para as respostas, selando os envelopes de tal forma que se tornasse impossível abri-los normalmente, em pouco tempo, sem se detetar tal facto. Adquiri também um reagente químico e alguma tinta, guardando-os num frasco de viagem com mola; a aplicação do reagente à tinta permitiria comprovar de imediato se a tinta das respostas coincidia com a que eu próprio colocara sobre ou perto das ardósias.

Ao chegar a Nova Iorque, segui para Rochester, onde cheguei a 20 de Dezembro de 1910. No dia seguinte, fui visitar a Sra. Georgia e encontrei-a gravemente doente. No dia seguinte foi transferida da sua residência para um hospital. O seu estado era tão crítico que foi necessário realizar uma cirurgia muito séria no espaço de uma hora; concluiu-se que, caso essa intervenção fosse adiada, morreria em poucas horas.

Permaneci em Rochester até 28 de Dezembro, altura em que a Sra. Georgia foi considerada "em boa recuperação"; depois, segui para Toledo, Ohio. Durante a minha estadia em Rochester, tive duas experiências interessantes. Na quinta-feira, 22 de Dezembro de 1910, graças à amabilidade de amigos, participei numa sessão com a venerável Sra. French, agora no seu octogésimo ano de vida, e ouvi as vozes de Red Jacket, Dr. Hossack e Bro. Riley.

As vozes eram débeis, mas o espanto é termos ouvido algo, considerando a idade avançada e a saúde debilitada da médium. Estávamos cinco pessoas em semicírculo, e passaram-se cinquenta minutos até ocorrerem fenómenos. Em *The Psychic Riddle*, o Dr. Funk fornece uma descrição tão detalhada do que acontece na presença da Sra. French que se torna supérfluo acrescentar mais testemunhos aqui.

(*98*) Na véspera de Natal, visitei uma psicometrista, a Sra. H. E. Rossegue, completamente desconhecida para mim; estava havia apenas três dias na cidade. Trago comigo um medalhão preso à corrente do relógio, que retirei e entreguei à senhora. Muito rapidamente, ela disse: "Isto não lhe pertenceu sempre. O espírito de uma senhora entrou consigo nesta casa. Estou a captar o carácter dela."

Seguiu-se uma descrição fiel da minha esposa, que não poderia ter sido mais precisa mesmo que a tivesse conhecido há vinte anos. Em seguida, fez uma descrição razoavelmente exata de alguns acontecimentos da minha própria vida. Depois regressou ao assunto do medalhão: "A anterior dona disto não está no mundo espiritual; está muito longe de si, muito longe; não é muito forte; sente que tem de voltar para junto de si..." Mais informações sobre mim seguiram-se.

P.: "O que está dentro do medalhão?"

R.: "Ouço: 'Foi meu, mas não sou eu.'"

O restante da leitura não tem grande interesse para os leitores. (O medalhão pertenceu à minha esposa durante mais de trinta anos. Depois de mo ter oferecido, colocámos dentro dele um retrato de Iola. O espírito dito presente era o da minha esposa, que dormia em Inglaterra naquele momento. "Foi meu, mas não sou eu." A hora a que isto foi dito era 18h30, hora de Nova Iorque, o que corresponderia aproximadamente às 23h30 em Inglaterra.)

A minha sessão seguinte teve lugar em Toledo, com Miss Ada Besinnet, na sexta-feira, 30 de Dezembro, às 20 horas. Atualmente, vive com os seus pais adotivos, o Sr. e a Sra. Murray Moore, em "The Colman", n.º 1923 da Vermont Avenue. Os outros participantes eram a Sra. Murray Moore e o Sr. e a Sra. Z. Os espíritos familiares que se manifestaram foram "Maud" (irmã da Sra. Moore), Oma Yoant (uma antiga colega de escola de Miss Ada), Pietro de Muria (o assobiador), "Leonore", Black Cloud (índio) e "Dan", o guia principal da médium.

(*313*) Depressa percebi que Miss Ada se tinha desenvolvido consideravelmente desde que me sentara com ela, dois anos antes. Sentei-me à sua direita e controlei a sua mão direita. Assim que a luz foi apagada, a mesa moveu-se dois pés e abriu-se ao meio (onde poderia ser colocada uma aba). Quando estávamos já acomodados, uma voz surgiu mesmo em frente a mim: "Iola está aqui." A Sra. Moore colocou um disco no grafofone, que ela própria operava, e um espírito, identificado como Oma Yoant, juntou-se com uma voz alta e rica, enchendo o espaço de som. Essa voz parecia vir de uma distância de cerca de um metro, do outro lado da mesa, à altura da minha cabeça.

Seguiram-se várias canções tocadas no grafofone, acompanhadas por canto de espíritos e pelos assobios magníficos de Pietro, que me pareceram ainda mais intensos e melodiosos do que dois anos antes. Os Z. trouxeram consigo vários discos novos, e os espíritos cantores, bem como Pietro, mostraram-se tão à vontade com estes como com os já familiares.

Uma pequena mão, com metade do tamanho da minha, acariciou suavemente a minha mão e joelhos. A certa altura, consegui segurá-la acima da mesa e tentei mantê-la, mas ela libertou-se com um puxão súbito para cima (não houve dissolução visível).

Um espírito índio, chamado "Silvermoon", lançou um potente grito de guerra a partir do teto.

O anel da Sra. Z. foi retirado do seu dedo e colocado, até onde coube, no meu dedo mindinho. A Sra. Z. contou-me que o espírito teve de aplicar força significativa, já que o anel estava muito apertado. Poucos minutos depois, foi retirado de mim e devolvido à Sra. Z.

Houve bastante comunicação por trombeta e canto em voz direta, independentemente da trombeta; quando isto acontecia, a trombeta era pousada nos braços de um dos participantes. Nenhuma das vozes parecia provir da zona da médium.

A minha mão esquerda foi pressionada várias vezes contra a mão direita da médium por uma mão feminina, alegadamente pertencente ao espírito "Leonore".

Durante a conversa, a mesa foi frequentemente sacudida como se em acessos de riso; estas manifestações ocorriam sempre em momentos apropriados, sempre que alguém dizia algo cómico. Foram vistas várias luzes espirituais.

O grafofone foi interrompido várias vezes quando se colocava um disco que os espíritos não apreciavam. Em certa ocasião, quando a Sra. Moore saiu da sala para ir buscar um disco que havíamos pedido, o aparelho foi ligado e desligado pelos espíritos várias vezes.

Um pandeireta foi arrancado da minha mão com força, como já tinha acontecido dois anos antes.

Perto do fim da sessão, a médium falou em transe e descreveu um velho parente meu que faleceu em 1904. Esta "fala em transe" e a "escrita automática" são desenvolvimentos recentes da mediunidade de Miss Ada.

Após duas horas e um quarto, a sessão terminou. A jovem médium saiu do transe em três minutos, sem qualquer sinal de sofrimento, aparentemente normal e capaz de participar na conversa geral.

(*314*) Proponho-me continuar o relato das minhas observações com Miss Ada Besinnet sem obedecer a uma sequência cronológica no restante texto, e depois apresentar os relatos das minhas sessões com os Jonson e os testes com as Irmãs Bangs. As experiências mais misteriosas e convincentes de todas, aquelas que me aproximaram mais do outro mundo, serão narradas no próximo capítulo, intitulado "As Vozes".

Não há fenómeno mais raro e eficaz do que o da "voz direta", que coloca o investigador, por assim dizer, na própria antecâmara da vida celestial. Os fenómenos testemunhados na presença da Sra. Wriedt, tanto em quantidade como em qualidade, superam em valor qualquer outra experiência das que registei. Nem metade ficou escrita, por razões de carácter privado; mas o que me foi possível divulgar constituirá um epílogo apropriado para esta narrativa dos factos que presenciei na minha busca pela verdade da imortalidade.

(*94*) Sábado, 31 de Dezembro de 1910. Sessão com Miss Besinnet. Participantes: Sra. Murray Moore, o Sr. e a Sra. Z., as suas sobrinhas e eu próprio. Desta vez, o círculo em torno da mesa estava completo. As condições atmosféricas eram muito boas. Controlei a mão direita da médium.

A Sra. Moore, como anteriormente, ficou responsável pelo grafofone. Foi várias vezes interrompida pelos espíritos, que paravam o aparelho sempre que não gostavam da melodia ou da canção.

Quando as luzes foram apagadas, a mesa moveu-se um pé e abriu-se onde se poderia colocar uma aba. Seguiu-se uma hora de canto e assobios espirituais em acompanhamento ao grafofone. O canto de Oma Yoant destacou-se especialmente; parecia vir de cerca de trinta centímetros acima do centro da mesa. O assobio manteve a mesma qualidade magnífica.

O anel da Sra. Z. foi retirado do seu dedo e passado para o de uma das suas sobrinhas, depois trazido até mim, sendo novamente colocado no meu dedo mindinho, como na noite anterior. Permaneceu ali entre dez e quinze minutos e foi depois devolvido pela "Leonore" à Sra. Z. Pequenas mãos acariciaram a minha mão e joelho várias vezes, e uma delas tocou-me no ombro.

De seguida, senti uma pequena mão a brincar com o meu medalhão. Com a mão esquerda controlando a mão direita de Miss Ada, estendi a mão direita por baixo da mesa e toquei uma mão minúscula, com menos de metade do tamanho da minha, que aparentemente tentava retirar o medalhão.

Perguntei: "Queres que te ajude a desapertá-lo?" Resposta: uma batida na mesa (indicando "Não"). Depois de cerca de quinze minutos de manuseamento, o movimento cessou. Voltei a colocar a mão por baixo da mesa e percebi que o medalhão já lá não estava; foi então passado de mão em mão por todos os membros do círculo e devolvido a mim, aberto. No momento anterior à sua devolução, várias luzes espirituais surgiram em redor do objeto.

Perguntei: —

"Quem tem feito isto? É a Leonore?"
Uma pancada na mesa.
"É a Iola?"
Três pancadas (indicando "Sim"); depois, um sussurro através da corneta: "Tentei mostrar-te o meu rosto no medalhão." Antes disso, vi, vagamente, a forma de uma mulher inclinada sobre mim, com as mãos nos meus ombros, ou a tentar fazê-lo.

O controlo de Miss Ada, "Nuvem Negra", bateu com força na minha mão esquerda com a sua; várias vezes, uma mão feminina suave pressionou a minha mão sobre a mão direita da médium. "Lua Prateada" soltou um forte grito de guerra a partir do tecto.

Quando a sessão estava quase a terminar, a mesa, que pesa mais de cinquenta quilos, foi levantada completamente do chão dois ou três centímetros por um segundo.

MISS ADA BESINNET
2 de Fevereiro de 1911. Com Miss Ada Besinnet e a Sra. Moore a sós, das 19h30 às 21h.

Nessa noite houve uma grande exibição de luzes espirituais; Iola tentou mostrar o seu rosto através delas. Suponho que houve, em momentos diferentes, cerca de cem luzes, do tamanho de uma moeda de vinte e cinco cêntimos; nenhuma emanava da médium. Uma canção foi cantada três vezes por Oma Yoant e também por Iola. Houve outras canções e assobios, com e sem o grafofone. Três novos cantores espirituais manifestaram-se. "Leonore" falou várias vezes através da corneta.

A médium foi tirada do transe, muito subitamente, por "Nuvem Negra", o seu controlo indígena, e levada para a sala de estar, onde foi deitada no sofá, "Nuvem Negra" murmurando o tempo todo através dos seus lábios. Enquanto passava pela mesa, entre as cadeiras, na sala da sessão completamente escura, não tropeçou nem bateu em nenhum móvel.

Sexta-feira, 3 de Fevereiro de 1911.

Com Miss Ada Besinnet, das 20h às 22h30.
O grupo era composto pelo Sr. e Sra. Newton, Sra. Wriedt e três amigos, além da Sra. M. Moore e de mim. A presença da Sra. Wriedt aumentou muito o poder da sessão. Quando os lugares estavam a ser organizados, sugeri que o Sr. Xander se sentasse ao lado da médium, o que fez, e conversou com um espírito quase toda a noite. As suas experiências nessa sessão dissiparam completamente quaisquer dúvidas que pudesse ter tido antes; é um homem de carácter forte e foi um belo exemplo do poder reconfortante e elevador do espiritualismo.

Sentei-me ao lado da Sra. Wriedt. À minha direita estava um homem que obteve uma prova convincente e reconfortante. Os dois filhos dos Newton, já no mundo espiritual, passaram flores e outros objetos entre o pai e a mãe. Iola deu-se a conhecer a mim e à Sra. Wriedt.

Mas a melhor prova do poder espiritual para o grupo como um todo foi para o Sr. Xander, através da Sra. Wriedt. Ele disse a um espírito: "Por favor, leva este anel à Sra. Wriedt e pergunta-lhe se consegue dizer-me de onde veio." Antes de o receber na mão, a Sra. Wriedt disse: "Vejo um relógio; as engrenagens foram todas retiradas e parece fundir-se enquanto o observo, como se estivesse no cadinho.

Vejo o rosto de um homem idoso [descrevendo-o], que foi dono do relógio." Recebeu o anel na mão e passou-mo. Depois de o devolver, o espírito levou-o de volta ao Sr. Xander, que disse: "Isto é uma das coisas mais notáveis que já me aconteceram. O relógio visto pela Sra. Wriedt pertencia ao meu pai, que ela descreveu corretamente. Depois de ele chegar às minhas mãos, mandei retirar o mecanismo e transformar a tampa neste anel."

Nessa noite houve muitas músicas no grafofone, acompanhadas por canto espiritual; Oma Yoant, como sempre, demonstrou o maior poder.

Por fim, ouvi a voz de Nuvem Negra: "Eu vou." Miss Ada saiu facilmente do transe, sem quaisquer efeitos negativos aparentes do uso da sua dádiva.

10 de Fevereiro de 1911. Sozinho com Miss Ada e a Sra. Moore, das 19h30 às 21h05. Informei os controlos, em voz alta, de que não queríamos muito canto espiritual, mas gostaríamos que as manifestações desta noite fossem mais de conversação e fenómenos mentais. Começámos com canções através do grafofone, uma canção indígena — a minha favorita — foi acompanhada por Oma Yoant com a sua voz forte e, em tons mais suaves, por Iola depois. Quando surgiam os meus trechos preferidos, Iola cantava diretamente para mim. Após este primeiro canto, ela falou comigo através da corneta, dizendo o quanto estava a esforçar-se para fazer o que eu queria (referindo-se às sessões de Jonson). Pietro, o assobiador, juntou-se apenas quando foi tocada *Cavalleria Rusticana* no grafofone.

Houve cerca de trinta boas luzes espirituais.

Três cartas escritas automaticamente pela médium foram-me entregues:

(1) O meu nome escreve-se Yoant.

(2) Tenho vindo até ti tantas, tantas vezes, mas parece que não me vês nem ouves e é tão difícil. Adoro vir à casa e aos entes queridos. Gostava tanto que tivesses um bom médium em casa, onde eu pudesse vir até ti como posso aqui. Há tantas dificuldades a ultrapassar quando regressamos aqui. Há tantas coisas que queremos dizer-te e sabemos o que queremos dizer quando nos preparamos para voltar, mas quando chegamos aqui tudo parece desaparecer e não conseguimos dizer o que queríamos. Tenho de ir agora, estarei contigo para te guiar em segurança até casa. Iola.

(3) [Escrita muito má.] Eu penso que vou agora, médium muito cansada; eu gosto de ti, gosto que tenhas vindo. Boa noite, adeus. B. C. [Nuvem Negra].

Qual será o destino desta jovem médium dotada, Ada Besinnet? A sua saúde está longe de ser boa. É cuidada com carinho pela Sra. Murray Moore e, até agora, não há motivo para preocupação; mas os fenómenos que ocorrem na sua presença são de tal modo extraordinários que o americano médio, ignorante e despreparado, não consegue aceitá-los. A sua mente pouco desenvolvida revolta-se contra o que, para ele, é uma proposta totalmente nova. Há menos de um ano foi tratada com insultos e hostilidade ativa por um grupo composto por aquilo a que um ianque chamaria "senhoras e cavalheiros".

O meu amigo, o Professor Hyslop, concluiu o seu longo exame à Miss Ada e ficou convencido da genuinidade de tudo o que ocorre; no entanto, como ainda não se educou ao ponto de compreender os fenómenos de materialização, o seu relatório não representa corretamente todos os dons dela. As pequenas mãos, o assobio extraordinário de Pietro, o canto de Oma Yoant (alto, claro e vindo do centro da mesa), e o parar, começar e trocar de discos do grafofone, não têm qualquer significado para um homem que não admite a palavra "materialização" no seu vocabulário.

Tal como o seu antecessor, Richard Hodgson, tem ainda muito que aprender; e os seus pontos de vista sobre fenómenos físicos são tão bem conhecidos que não acredito que algum médium de primeira categoria, cujos dons se manifestam nesse sentido, aceite sentar-se com ele. Duvido que a Sra. Wriedt consentisse em tê-lo na sua sala de sessões.

É algo que não preocupa os poderosos médiuns de Toledo e Detroit, se as Sociedades de Investigação Psíquica americanas ou londrinas acreditam neles ou não. Tivemos muitas conversas sobre este assunto e concordei com todos que era perda de tempo e energia submeter-se aos testes ridículos de pseudo-cientistas que nem sequer dominam os princípios fundamentais da força psíquica.

Espero que a Miss Ada continue a desenvolver os seus dons e a admitir apenas participantes que venham com boas recomendações. Ceticismo de mente aberta não deve ser um obstáculo, mas todas as pessoas hostis devem ser recusadas; a "doce jovem", como Iola lhe chama, não deve ser sujeita ao esforço de lutar contra sugestões malignas ou antagónicas. É curioso que, enquanto o grande segredo do conhecimento da vida imortal se encontra à volta dos Grandes

Lagos da América do Norte, onde as condições naturais de eletricidade são tão favoráveis a todas as formas de manifestação psíquica, o povo seja, neste tema, o mais ignorante, intolerante e fanático da terra civilizada.

Com nove em cada dez homens, mencionar o oculto é provocar um esgar de desdém; nesse aspeto, está pior agora do que estava Inglaterra há sessenta anos. O objetivo da vida é a busca do dólar todo-poderoso; o materialismo impera, e, tanto quanto pude ver, não há razão para esperar qualquer melhoria durante muitos anos.

É altamente improvável que os fenómenos que tive a sorte de presenciar com a Miss Besinnet tenham sido tão poderosos como os que, de tempos a tempos, foram obtidos pelo Sr. e Sra. Z. e outras pessoas que se sentaram frequentemente. Um turista de passagem não teria tanta sorte como velhos amigos; mas talvez o suficiente tenha sido dito para dar aos leitores uma ideia geral do que poderiam experimentar se fossem a Toledo. Um fenómeno que não presenciei foi os clarões de luz semelhantes a relâmpagos; é raro, mas foi visto pelo Dr. Hyslop em uma ou duas ocasiões.

Passo agora a descrever algumas sessões que tive com o Sr. e a Sra. Jonson, os médiuns referidos no Capítulo VI.

Terça-feira, 10 de Janeiro de 1911, das 20h20 às 22h15
Com o Sr. J. B. Jonson. Participantes: o Sr. e a Sra. Z. e eu. A Sra. Jonson encontrava-se na sala de sessões, a operar a caixa de música e a receber os espíritos à medida que se materializavam. As condições atmosféricas eram boas, mas não ideais; céu limpo, mas com degelo.

Apesar de esta sessão estar marcada, nada estava pronto. Tivemos de esperar quarenta minutos para aquecer a sala e, quando subimos, o gabinete estava cheio de cadeiras e outros objetos usados durante a tarde para a sessão da Sra. Jonson.

Grayfeather, o índio, incorporou-se em Jonson com facilidade e naturalidade, e dezanove espíritos individuais materializaram-se, alguns aparecendo duas ou três vezes. A luz era suficiente para ler o mostrador de um relógio com fundo branco. Jonson permaneceu sentado fora do gabinete, numa cadeira, durante cerca de metade da sessão.

Os meus amigos, o Sr. e a Sra. Z., tiveram a sorte de ver vários dos seus familiares, e eu fiquei mais do que satisfeito. As tropelias de Viola, uma das habituais do gabinete de Jonson, foram notáveis. Ela surgiu primeiro e mostrou o rosto aos três participantes do círculo, a uma distância de um ou dois centímetros dos seus rostos, permitindo-me examinar o seu longo cabelo, pegando nele com a mão. Fez três ou quatro visitas. Numa delas, ficou de pé fora das cortinas do gabinete a falar durante cerca de um minuto e, de repente, desapareceu daquele local e reapareceu imediatamente atrás da minha cadeira, com as mãos sobre os meus ombros e parte do seu cabelo sobre o meu ombro direito. A distância entre um ponto e outro era de cerca de dois metros. Como usava uma túnica branca e a luz era razoável, teria sido impossível não a ver a mover-se, se fosse um ser humano. Nós os três concordámos que não houve qualquer sinal de movimento visível desde o momento em que desapareceu até surgir com as

mãos sobre mim. Já descrevi desempenhos semelhantes deste espírito alegre e ativo no Capítulo VI.

Mas a manifestação mais extraordinária desta excelente sessão foi a materialização de uma irmã minha, Catherine, que faleceu com dois anos e meio, há cinquenta e cinco anos. Saiu primeiro do gabinete, disse o seu nome e falou em voz baixa: "Estamos todos aqui, pai, mãe e o irmão Alldin."

"Está a Iola aqui?"
"Sim, estamos todos aqui."

Desta vez, o rosto dela não estava muito nítido; voltou ao gabinete e, passados um ou dois minutos, reapareceu muito mais nítida. A Sra. Jonson teve uma forte intuição para a levar até uma zona com melhor iluminação, atrás das cadeiras, a uns dois metros da lâmpada. Fui à frente, Catherine atrás de mim, e a Sra. Jonson vinha atrás. Passámos por Jonson, em transe na sua cadeira, contornámos o Sr. Z., que estava sentado em frente dele, e parámos atrás do Sr. Z., onde a luz era suficiente para se ler um jornal.

A Sra. Jonson disse-me então para me virar; virei-me e vi-me diante de uma mulher com cerca de 1,63 m de altura, com um rosto extremamente bonito, expressivo, cheio de carácter, e cabelo ruivo-avermelhado. Beijámo-nos nos lábios; os seus lábios estavam quentes e húmidos. Voltámos então ao gabinete em ordem inversa. Quando o espírito estava a entrar pelas cortinas, pus a mão sobre o seu ombro branco e encontrei... nada! A minha mão não encontrou qualquer resistência. Não consegui detetar qualquer semelhança familiar.

(Conversei posteriormente sobre este episódio em Detroit com o Dr. Sharp, o guia da Sra. Wriedt, e com a própria Catherine. Perguntei a Sharp: "Porque foi tão fácil para a minha irmã materializar-se e vir até ao meio da sala, enquanto outros espíritos têm tanta dificuldade?" Ele respondeu: "São filhos da mesma mãe; é um facto que, quando irmão e irmã se encontram desta forma, é muito mais fácil do que entre amigos ou até parentes de afinidade mais distante." Perguntei a Catherine porque é que a minha mão passou através do seu ombro. Ela disse: "Não sou material"; mas noutra ocasião disse: "Estava apenas a começar a desmaterializar-me.")

O Sr. Z. disse-me que esta foi a melhor materialização que já tinha visto nas sessões de Jonson. Tanto ele como a Sra. Z. viram Catherine claramente do lugar onde estavam sentados e afirmaram que ela era um espírito muito belo.

Um parente meu já idoso saiu do gabinete. Fui com ela até à abertura, e ela beijou-me na face esquerda. No mesmo instante, pus o meu braço direito à volta da sua cintura e encontrei — nada! Mais tarde, voltou a aparecer, e pela segunda vez pude comprovar a sua falta de substância. Hipátia e Cleópatra também apareceram, esta última com uma pulseira dourada no braço esquerdo, exatamente como na minha imagem precipitada. Toquei na pulseira e encontrei — nada! Tal como numa visita anterior, em 1909, fez passes sobre Jonson e ficou ao seu lado quando ele estava de pé; tinha quase a mesma altura, cerca de 1,78 metros.

Nenhuma destas experiências causou qualquer dano ao médium.

O guia da Sra. Z., uma freira chamada Edna, quando apareceu, ergueu-se do tapete a cerca de sessenta centímetros à minha frente; usava uma cruz mais pequena do que a que tinha há dois anos, quando a vi pela última vez. Após permanecer dois ou três minutos, desmaterializou-se e, pouco depois, ergueu-se novamente no mesmo local.

O meu pai e a minha mãe vieram juntos, e uma menina com tecido escocês, identificada como guia de um artista no Canadá, apareceu ao Sr. e à Sra. Z.

Devo mencionar que, pouco depois de Grayfeather tomar posse de Jonson, fê-lo levantar-se e recolher magnetismo da Sra. Jonson e dos participantes, com as mãos. Esse magnetismo pareceu ser lançado para dentro do gabinete.

Quinta-feira, 19 de Janeiro de 1911. Com os Jonsons.
Participantes: o Sr. e a Sra. Z., as suas duas sobrinhas, a Sra. Wriedt e eu. As condições atmosféricas eram satisfatórias, mas a sessão não foi tão boa como a de 10 de Janeiro.

Grayfeather incorporou-se facilmente em Jonson; fê-lo levantar-se da cadeira e lançar as mãos como anteriormente, recolhendo magnetismo da esposa e dos participantes e lançando-o para o gabinete. Viola saiu do gabinete cedo e deslocou-se pela sala, observando atentamente os nossos rostos, como na sessão anterior. Com o seu consentimento, segurei nas suas madeixas longas de cabelo de ambos os lados da cabeça com ambas as mãos, puxei suavemente o seu rosto até ao meu e beijei-a.

Foi exatamente como beijar qualquer mortal comum. Esta experiência, feita no interesse da ciência, foi comentada com troça por "Kitty", do interior do gabinete, que exclamou: "Oh! oh! ele está no meio das raparigas!" Disseram-me depois que este é um favor que Viola por vezes concede a velhos amigos. A luz era suficientemente boa para se ver claramente o rosto e a figura até aos pés. Depois, retirou-se para o gabinete. Durante uma sessão posterior, em casa do Sr. Kaiser, em Detroit, Kitty falou comigo no escuro e, entre outras coisas, disse: "A Viola achou esse teu beijo mesmo muito agradável."

O Dr. Sharp, o controlo da Sra. Wriedt, apareceu conforme prometido em Detroit. Foi fácil reconhecer o rosto e a longa barba, tal como aparecem no retrato que está na sala de estar da Sra. Wriedt; no entanto, pareceu-me muito fantasmal, evidentemente não uma forma sólida. A Sra. Wriedt conversou com ele. Ouvi-o dizer: "Vim para cumprir a minha promessa"; mas não pôde permanecer muito tempo.

Hipátia e Cleópatra manifestaram-se, ambas muito reservadas. Não tive oportunidade de testar a sua tangibilidade. Amigos e familiares apareceram a todos os presentes.

Foi mencionado o nome Alldin. Aproximei-me do gabinete e vi a figura vaga de um homem, mas não consegui identificar o rosto. Estendi a mão esquerda e agarrei a lapela de um casaco de tweed. A peça escapou-se-me da mão após dois ou três segundos; não houve qualquer resistência, e a forma desapareceu.

O mesmo parente idoso que vi no dia 10 voltou a aparecer. Ouvi o nome claramente e vi a forma na abertura do gabinete. Aproximei-me; ela beijou-me, como faria em vida, e imediatamente pus a minha mão direita através da sua túnica branca. A mão avançou uns trinta

ou trinta e cinco centímetros sem encontrar resistência; depois, os dedos encontraram uma ligeira obstrução, algo dura. Nesse momento, a forma recuou bruscamente e desapareceu.

Após isto, uma forma branca tentou erguer-se do tapete fora do gabinete, mas falhou e afundou-se de novo.

Jonson saiu do transe muito subitamente. Foi a única ocasião em que houve sinal de que as minhas experiências o tinham perturbado. Recuperou em poucos minutos e ficou bem; mas o meu guia (que, presumivelmente, estava no gabinete e viu o que eu fazia naquele momento) referiu o incidente dias depois, em Detroit, e advertiu-me de que não poderia voltar a repeti-lo.

Sexta-feira, 3 de Fevereiro de 1911, das 14h30 às 16h40.
Sessão com Jonson. As condições eram boas. O grupo incluía a Sra. Wriedt, o Sr. e a Sra. Newton, uma amiga deles, o Sr. Xander, outro cavalheiro e eu. O acontecimento mais interessante desta sessão será descrito no próximo capítulo. Foi por mero acaso que consegui estar presente, e considero-me afortunado por ter testemunhado o ato final de um episódio encantador.

Todos os presentes receberam alguma manifestação. Para mim, vieram Cleópatra, um marinheiro chamado "Carey" e o Almirante T. Não consegui ver claramente nenhum dos rostos, exceto o de Ada Newton.

Grayfeather, falando pelos lábios de Jonson, mostrou-se muito indignado por o seu retrato não estar na sala de sessões; está na sala de estar no piso inferior. "Quero a minha sombra aqui." Seguiu-se uma descrição do que teria feito à sua mulher se ela não lhe tivesse obedecido. O Dr. Sharp apareceu — tal como antes, muito insubstancial — mas conseguiu falar um pouco, em sussurros, sobre um assunto que tínhamos discutido em Detroit.

Em ambas estas ocasiões, a Sra. Wriedt prestou grande auxílio, não só trazendo mais poder, como também ao captar nomes e dizer-nos quem estava presente e quem estava a sair do gabinete. Nem o Sr. nem a Sra. Jonson estavam muito bem; no geral, a luz era bastante inferior ao habitual.

Sábado, 4 de Fevereiro de 1911. A sós com os Jonsons. Das 14h às 15h15.
Tanto o Sr. como a Sra. Jonson estavam doentes, e Jonson não entrou em transe. Verificando que nada se conseguia obter fora do gabinete, sentámo-nos dentro dele. O único fenómeno que se produziu foi um sussurro através da corneta: "Iola."

Terça-feira, 7 de Fevereiro de 1911. A sós com a Sra. Jonson no gabinete.
Primeiro surgiu uma eterealização lamentável de Iola, sem qualquer semelhança com ela. Depois, ouviu-se a voz de Viola através da corneta, e em seguida Catherine e Alldin. Nenhum deles tinha muito a dizer, salvo promessas de ajuda nos experimentos esperados com os Jonsons.

Iola veio então para uma longa conversa, que durou quase, senão mesmo, meia hora. A maior parte foi de carácter privado. A voz vinha de cima da minha cabeça.

P.: "Onde passei a tarde de ontem?"

R.: "Com o Sr. e a Sra. Z. Tiveste uma tarde muito agradável com a família." (Correto.)

P.: "Sobre o que conversámos?"

R.: "Não consegui ouvir tudo corretamente."

Viola falou por um ou dois minutos, chamando-se a si própria "a papoose do Sr. Z."

Por fim, surgiu Hipátia, que disse que viria sempre que eu a chamasse e que ajudaria nos experimentos planeados.

Quarta-feira, 8 de Fevereiro de 1911. A sós com os Jonsons, das 17h45 às 18h25. Jonson estava doente, a pensar que seria lumbago, mas que acabou por revelar-se uma doença renal. Mesmo assim, decidiu sentar-se.

O único fenómeno que ocorreu foi a materialização da minha guia. Tentou quatro ou cinco vezes sair bem para fora do gabinete e para a luz. Vi-a claramente; os seus olhos eram luminosos e o rosto tinha aquele aspeto avermelhado e etéreo, com covinhas, tão comum nas formas materializadas. Proferiu uma frase que confirmou completamente a sua identidade, pois referia-se a acontecimentos noutra cidade; mas, embora fosse um rosto bonito, não era uma boa réplica de Iola.

Contudo, o porte e a altura estavam corretos. A certa altura, olhei para dentro do gabinete e não vi absolutamente nada, embora o seu vulto branco tivesse acabado de passar pelas cortinas. Jonson, sob controlo de Grayfeather, ajudava-a com o seu poder de um lado, e a Sra. Jonson do outro, cada vez que ela reaparecia do gabinete. Na segunda ou terceira vez que surgiu, deu-me a mão direita, que eu segurei; mas, para minha surpresa, foi arrancada da minha mão com alguma brusquidão.

Numa sessão posterior em Detroit, perguntei a Sharp como uma forma aparentemente tão frágil obtinha força para tal. Ele disse que a minha mão transmitia força à dela; mas Grayfeather acrescentou que a ajudara a libertar-se e comentou: "Eu retiro de ti para manter o espírito [a forma] de pé."

Sexta-feira, 10 de Fevereiro de 1911. Visitei os Jonsons às 14h.
Encontrei Jonson muito doente, completamente inapto para uma sessão. A sessão pública da noite anterior tinha sido razoavelmente bem-sucedida. Reservei toda a semana seguinte para sessões, mas ele nunca mais se sentou comigo, pois a sua enfermidade agravou-se. No sábado, 11 de Fevereiro, Grayfeather veio ter comigo em Detroit, a oitenta quilómetros de distância, e disse-me que o seu médium estava muito doente e já não poderia fazer mais por mim. Esse episódio é relatado no capítulo seguinte.

Assim terminaram as minhas experiências com estes excelentes médiuns. Agradeço-lhes a confiança em mim e a prontidão com que acederam a todos os meus pedidos. Gostaria de ter continuado os meus experimentos, estudando a desmaterialização de formas espirituais enquanto as segurava pela mão; mas isso não tem grande importância. Provei, de forma conclusiva, aquilo que suspeitava há dois anos — ou seja, que existem todos os graus de

substancialidade na materialização, desde a forma fantasmagórica pela qual se pode passar (fantasmas propriamente ditos — mais corretamente designados como "eterealizações") até uma forma totalmente sólida.

As habituais do gabinete de Jonson, como Viola, e especialmente Kitty (que raramente aparece), conseguem assumir a substância da mortalidade à vontade, e desfazê-la em fracções de segundo. O mesmo não acontece com os espíritos visitantes, aqueles que são parentes e amigos dos participantes. Apesar de visíveis da cabeça aos pés, são intangíveis, exceto, em alguns casos, nos rostos e mãos. Só com prática prolongada no mesmo gabinete é que se pode obter um elevado grau de substancialidade. Se os espíritos visitantes tentassem mais do que aquilo para que têm capacidade, falhariam por completo ou, como Kitty dizia muitas vezes, "não se manteriam coesos", mas "desfazer-se-iam por completo".

A genuinidade dos Jonsons só pode ser posta em causa por quem não sabe observar.

A materialização de espíritos tem apenas interesse científico; é um fenómeno que transmite, como nenhum outro, o poder dos seres invisíveis que nos rodeiam; mas o simulacro raramente é perfeito. Vi boas materializações da minha guia duas vezes em Inglaterra e uma vez na América. Em muitas ocasiões no Reino Unido vi-a, e ela identificou-se, mas não posso dizer que os rostos fossem boas cópias do original. É a "voz direta" que ocupa o primeiro lugar na manifestação espiritual. Nada torna a verdade do espiritualismo tão clara como a conversa com aqueles que já partiram; as intervenções dos espíritos materializados são geralmente muito breves e limitam-se quase exclusivamente a provar a sua identidade.

Sessões de teste com as irmãs Bangs.

Quando estive em Detroit, Michigan, pensei que não seria tempo mal gasto deslocar-me a Chicago por alguns dias para pedir às irmãs Bangs que me concedessem algumas sessões de teste. Cheguei, mediante marcação, à sua casa, na 1759 Adams Street West, às 10h da manhã de 28 de Janeiro de 1911; a porta foi-me aberta pela Sra. Bangs, a mãe. Como de costume, nenhuma das irmãs estava pronta e fiquei por minha conta durante uma hora, durante a qual fiz um reexame cuidadoso da sala de sessões e constatei que estava exatamente igual como a deixei em março de 1909. A Sra. Bangs foi chamada e ajudou-me a medir a sala; examinei minuciosamente a parte inferior da mesa e retirei a gaveta de May Bangs. Nela não encontrei nada de suspeito, apenas cinco lenços sujos, um ou dois lápis e um pequeno bloco de notas.

Por volta das 11h consegui reunir as irmãs Bangs e explicar o objetivo da minha visita. Disse-lhes:

"Certos caçadores de médiuns neste país, e um ilusionista de primeira linha em Inglaterra (que é sincero ao acreditar que vocês são ilusionistas como ele), têm espalhado rumores sobre vocês que muito prejudicam a vossa reputação. Um dos americanos de que falo escreveu um artigo numa revista inglesa, dizendo que, em junho de 1909, vocês o enganaram, citando extensamente outra pessoa que também afirma ter sido iludida por vocês há alguns anos.

Não creio que algum desses indivíduos tenha tido a coragem de vos enviar uma cópia das acusações. Vocês conhecem-me, e sabem bem que entrei nesta sala com plena confiança na

veracidade daquilo que vi convosco em 1909. Vocês são sensitivas, e devem saber qual é o meu estado de espírito neste momento. Peço-vos que me concedam um teste completo, tanto para uma imagem como para uma carta. Permitam-me alterar as vossas condições habituais e conduzir a sessão à minha maneira. Se recusarem, não pensarei pior de vocês, pois já vos testei anteriormente; mas o facto de recusarem será mencionado nos meus relatos desta visita à América."

A isto, Lizzie Bangs respondeu:

"Sr. Moore, confiamos em si e aceitaremos as suas condições; mas avisamo-lo de que o simples conhecimento do que esse homem disse na revista inglesa irá perturbar as condições de tal forma que duvido que obtenha sucesso. O homem que mencionou nunca esteve nesta casa. Conhecemos a descrição dele, e sentiríamos hostilidade se alguém assim entrasse. Nenhum arranjo foi feito para ele ou qualquer outro por parte do Dr. Funk, em 1909, como ele afirma; e nunca realizámos três sessões no mesmo dia para uma única pessoa, com o objetivo de obter um retrato." (E muito mais do mesmo género, tudo o que, creio eu, é inteiramente verdadeiro.) "Faça como entender e diga-nos o que devemos fazer."

Então procedi a selar os dois caixilhos da única janela da sala com cinco etiquetas, cada uma com cerca de vinte centímetros. Ao examinar essa janela, deparei-me com uma particularidade que tinha esquecido quando falei à London Spiritualist Alliance a 8 de dezembro, e que destrói por completo as teorias de "substituição" de uma imagem previamente preparada. May Bangs levou-me então até ao fundo do pequeno jardim e a um sótão, onde encontrei quarenta e uma telas empilhadas.

Escolhi duas ao acaso e voltei com ela para casa, onde me deixaram sozinho na sala de sessões. Marquei as minhas telas com as palavras "Próxima" e "Mais distante", acrescentando as minhas iniciais e a data. Chamei então as sensitivas e colocámos as telas na vertical sobre a mesa, perto da janela, com as faces voltadas uma para a outra, sendo a inscrição "Próxima" claramente visível.

A cortina foi descida até ao topo das telas, e cortinas foram penduradas dos lados; as três portas da sala foram deixadas abertas. Lizzie Bangs sentou-se no lado leste da mesa e segurou as telas juntas com a mão esquerda; May Bangs sentou-se no lugar do visitante, em frente às telas; e eu ocupei o lugar do lado oeste da mesa, onde May costuma sentar-se, segurando as telas com a minha mão direita. A janela tinha orientação a sul.

Estivemos sentados das 11h15 às 12h20 sem que houvesse grandes mudanças nas telas, apenas algumas ondas de cores claras que as atravessavam. No entanto, as mensagens recebidas dos guias foram encorajadoras. Um deles disse: "Continuem a sentar-se desta forma quando voltarem." As irmãs desceram para almoçar, e eu fiquei com as telas; trouxeram-me algo para comer.

Devo mencionar que May Bangs, a mais volátil das duas irmãs, estava particularmente agitada. Não conseguia manter-se no seu lugar, levantando-se frequentemente e caminhando pela casa, tanto de manhã como à tarde, dizendo várias vezes: "Sinto que estas condições estranhas não estão certas. Eu devia estar sentada onde o senhor está." Fiquei exasperado

com a sua inquietação constante durante a tarde e queixei-me à sua irmã. Lizzie disse: "Bem, se conseguir manter a minha irmã no lugar, digo-lhe com franqueza que eu não consigo."

Às 13h45, voltámos a reunir-nos. A primeira coisa que aconteceu foi uma aparência estranha e cremosa sobre o interior da tela "Próxima". É difícil de descrever. Parecia-se com correntes e manchas de creme claro a formar rostos, um dos quais reconheci imediatamente como sendo o do pai da Ida. A certa altura, surgiu na minha lateral da tela uma faixa vertical escura, com cerca de dez centímetros de largura, que permaneceu visível durante vinte e cinco minutos antes de desaparecer. Chegámos a pensar que a imagem começava a formar-se, mas esse aspeto desvaneceu-se.

Ambas as sensitivas, de forma independente, disseram ter visto a minha guia e descreveram-na a posar para o seu retrato. Lizzie Bangs descreveu a sua visão clarividente enquanto May estava fora da sala, e mais tarde May contou-me o que tinha visto, sem ter falado com a irmã. Eu já tinha combinado com a minha guia, em Detroit (através de voz direta), como deveria ser o retrato, e foi assim mesmo que as irmãs a descreveram. No fim, o próprio retrato confirmou a exatidão da clarividência das duas. Apenas um detalhe estava incorreto.

O Dr. Sharp (o controlo da Sra. Wriedt) apareceu na tela em formação, com o mesmo sorriso do retrato que está na sala da Sra. Wriedt.

Às 14h50, recebemos a mensagem: "Está demasiado concentrado. O magnetismo esgotou-se por hoje. Venha amanhã."

P.: "É necessário deixar aqui as telas?"

R.: "Seria melhor, mas não satisfaria o seu teste."

Assim, embalei as telas e levei-as para o meu hotel, a cinco quilómetros de distância, onde ficaram trancadas.

Segundo dia, domingo, 29 de janeiro de 1911.
Cheguei com as duas telas pouco antes das 16h e começámos a sessão às 16h15. Posicionei as telas como no dia anterior e pedi a Lizzie Bangs para as segurar do seu lado, enquanto eu fazia o mesmo do meu. May Bangs sentou-se em frente às telas, no lugar do visitante, como antes. As portas foram abertas e os selos da janela examinados. Pouco depois das telas estarem no lugar, a tela "Próxima" começou novamente a apresentar manchas no seu interior, tal como no dia anterior. Desta vez, além do rosto do pai da minha guia, apareceu também o do meu próprio pai, por um breve período. May Bangs, como antes, levantou-se várias vezes e circulou pela casa. Parecia absolutamente incapaz de permanecer sentada.

Por volta das 17h, foi-nos dito que estávamos "demasiado concentrados" e que devíamos levantar-nos das cadeiras e andar pela casa para "mudar as vibrações". Eu não saí da sala e nunca perdi as telas de vista; entre as 17h05 e as 17h55 fumei um charuto, sentado primeiro na cadeira do visitante, a cerca de setenta centímetros das telas. Lizzie Bangs voltou ao seu lugar por volta das 17h20, e eu retomei o meu, ambos apertando as telas. Cerca das 17h45, May Bangs foi chamada para ocupar o seu lugar habitual, e eu sentei-me na cadeira do visitante. Mesmo assim, ela não conseguia ficar quieta.

Parte do atraso deveu-se a um erro meu. Tinha ficado combinado em Detroit que Iola usaria ao pescoço uma corrente com um medalhão e que eu colocaria o meu relógio sobre a mesa, junto às telas, para que os artistas invisíveis pudessem extrair ouro dele. Fiz isso no dia anterior; mas nesse dia, às 17h30, ocorreu-me subitamente que me tinha esquecido do relógio. Coloquei-o então na mesa.

As primeiras alterações na tela manifestaram-se com uma luz rosada na parte inferior, após o surgimento de rostos sobre o esbranquiçado da tela. Por volta das 17h15, apareceu uma mancha negra no centro da tela, que aumentou em tamanho e intensidade. Isto é o oposto do que normalmente acontece nas precipitações em circunstâncias comuns — a sombra escura começa pelas extremidades da tela. Lizzie Bangs e eu observámos esse escurecimento até às 18h, quando já estava escuro lá fora, e fomos instruídos a acender a luz da sala. Para meu desgosto, a tela parecia estar em branco. Perguntámos:

"Devemos acender o globo?" (uma tentativa de conduzir a resposta).
Resposta: "Ainda não."

Poucos minutos depois, veio a mensagem para "pendurar o globo atrás das telas." Fi-lo pessoalmente. Em breve, os três estávamos nos nossos lugares. Foi-me dito para pegar no relógio com uma mão e apertar as telas com a outra. Às 18h05 o retrato começou. O rosto e a figura estavam terminados, tal como estão agora, às 18h20; mas havia uma mancha no pescoço e o topo da tela estava muito danificado. O fundo estava inacabado. Comentei isso.

A mensagem foi: "Cubram o retrato, apaguem as luzes e regressem mais tarde." Cobrimos a imagem, apagámos as luzes e descemos para o chá, depois de eu ter examinado os selos nos caixilhos da janela. Uma hora depois, voltámos, ligámos as luzes, descobrimos o retrato e verificámos que os defeitos tinham desaparecido; o fundo estava visivelmente melhorado, embora ainda inacabado. Foi-me dito para levar o retrato, e que o fundo seria terminado no hotel ou durante a viagem de regresso; seria "marmoreado". Parti com ambas as telas debaixo do braço. A próxima vez que vi o retrato foi em Londres, a 9 de março, e constatei que o fundo estava, de facto, marmoreado.

Durante a sessão, um grafofone tocava. A Sra. Bangs e dois cães entravam e saíam da sala. Em ambos os dias, tudo decorreu com a maior casualidade. As mensagens eram transmitidas por impressão, através de uma das irmãs, mas mais frequentemente por batidas numa ardósia. Obtive boas provas de que todas essas mensagens eram comunicações verdadeiras "do outro lado".

Ao sair da casa, para tentar predispor as irmãs com boa disposição para o teste da carta marcado para a manhã seguinte, entreguei-lhes um panfleto emitido pela Society for Psychical Research, de Londres, em janeiro de 1901, que as descrevia como embusteiras e impostoras de primeira ordem. Nunca acreditei nesse relato; e depois de ouvir o testemunho de um certo cavalheiro de Chicago, que conhecia bem o autor, estou agora certo de que toda a história é fruto da imaginação exaltada deste último.

Os leitores perdoar-me-ão por não revelar as medidas e outros detalhes da sala de sessões das irmãs Bangs, nem a natureza do produto químico que levei de Inglaterra para provar que a

tinta usada na carta-resposta era a mesma que eu colocara sobre ou perto das ardósias. Tenho bons motivos para não o fazer, tendo em conta as alegações feitas num artigo publicado na *The Annals of Psychical Science*, de junho a setembro de 1910.

Na segunda-feira, 30 de janeiro, comprei duas ardósias escolares articuladas e seis elásticos largos. A tinta a colocar sobre a mesa fora adquirida em Inglaterra, bem como um reagente químico capaz de provar rápida e eficazmente se a tinta usada na resposta era ou não a minha. Levei comigo uma curta carta, escrita em Inglaterra, que continha uma pergunta; incluí duas folhas em branco para a resposta; tudo foi colocado num envelope, selado de forma a não poder ser aberto sem ser detetado.

Assim preparado, e levando algumas flores, compareci na casa das Bangs à hora combinada — 11h. Lizzie Bangs só apareceu às 11h45, quando nos sentámos. Tinha movido a mesa para junto da parede oeste, ao centro. Coloquei May Bangs no lado norte da mesa, pedindo-lhe que não aproximasse demasiado a cadeira, e pedi a Lizzie que se sentasse no canto sudeste da sala, a cerca de um metro e meio de mim.

Sentei-me no lado sul da mesa, de costas para a luz, com o ombro esquerdo encostado à porta oeste. Dessa posição podia ver o corredor e a porta da casa de May Bangs, pois mantive aberta a porta norte da sala, bem como a porta leste (que dá acesso à casa de Lizzie Bangs), alvo de suspeitas.

Coloquei a minha carta entre as ardósias, e Lizzie Bangs segurou um canto enquanto eu esticava três elásticos no sentido longitudinal e três na transversal; depois, coloquei-as sobre a mesa, um pouco do meu lado do centro, com um pequeno tinteiro no topo, mais que meio cheio com a minha tinta, e cobri-o com um pano preto que se estendia até à borda das ardósias. Tudo decorria da forma mais informal possível. A Sra. Bangs (a mãe) entrava e saía da sala; ocasionalmente, um ou dois cães atravessavam o espaço. May Bangs saía frequentemente da cadeira e da sala; Lizzie apenas se levantou a meu pedido para dar corda ao grafofone, que tocou quase o tempo todo. Sempre que May se aproximava demasiado da mesa, era mandada recuar. Desde o início até ao fim, May Bangs não tocou nas ardósias nem no tinteiro.

O frasco de tinta original estava no meu bolso. Conversávamos continuamente. Falámos sobretudo do Relatório da S.P.R. que eu lhes tinha dado na noite anterior. Lizzie Bangs já ouvira falar dele, creio eu, pois contou-me histórias divertidas sobre o autor. May não conhecia o relatório — nunca lê nada. Com certeza o autor nunca lhes enviou uma cópia do panfleto, que foi publicado em Inglaterra.

Imaginem as condições: a mesa deslocada para uma parte da sala onde nunca estivera; a sensitiva, que normalmente trabalha sozinha no fenómeno da escrita dentro de envelopes selados, colocada de frente para a luz sul que entrava diretamente na sala; ambas as mulheres agitadas de indignação devido a ataques cobardes publicados em Inglaterra; a porta suspeita escancarada; a porta para o corredor também aberta; e Lizzie, a pessoa que, alegadamente, se esconde por trás da porta suspeita para escrever as respostas, presente na sala.

Lizzie disse-me:

"Não faz ideia de como esta mudança súbita e completa das nossas condições habituais nos afeta. Não temos objeção a alterações graduais dos nossos hábitos; por exemplo, os investigadores podem vir no primeiro dia e observar-nos tal como nos sentamos normalmente (no caso deste fenómeno, eu não estaria aqui, mas a fazer outro trabalho); no segundo dia, seria feita uma ligeira alteração, a sugerir pelos investigadores; no terceiro dia, mudava-se outro aspeto; no quarto, mais outro — e assim por diante, até que cada fase das nossas condições habituais fosse modificada. Mas vir de repente e mudar tudo num único dia é mais do que qualquer sensitiva consegue suportar — o esforço é demasiado grande. Se não me tivesse contado sobre essas calúnias, garanto-lhe que nunca teria aceite os seus termos. Nunca mais o faremos para ninguém."

Respondi-lhe:

"Sabia que só conseguiria obter este teste se vos desse razões sólidas para o justificar. Suspeita-se que você se senta, ou se agacha, atrás daquela porta [apontando], escutando e respondendo às cartas que a sua irmã lhe passa. Sei que isso é falso e, além disso, impossível, pois examinei esta sala em 1909 e novamente há alguns dias; é algo que simplesmente não pode ser feito. Mas temos de concluir este teste. Não posso passar mais do que um ou dois dias aqui. Tenho confiança de que teremos sucesso."

É um facto que, durante todo este trabalho exigente, sentia uma certeza de que seríamos bem-sucedidos. Talvez esse sentimento se devesse, em parte, às recordações do trabalho que fiz com estas verdadeiras sensitivas em 1909.

Às 12h20, as irmãs desceram, separadamente, para almoçar, tendo-me sido trazida comida à sala de sessões, onde permaneci a vigiar as ardósias. Os espíritos incentivavam o meu hábito de fumar em todas as ocasiões, e devo ter fumado bastantes charutos. Às 13h20 voltámos a sentar-nos, nas mesmas posições; May Bangs continuava tão inquieta como sempre, raramente permanecendo sentada mais do que alguns minutos. Às 14h15, recebemos a mensagem: "Estão demasiado concentrados; será melhor adiar a sessão para amanhã." Pergunta: "Como estão a correr as coisas?" Resposta: "Devagar, mas com segurança." Embalei as ardósias em papel, amarrei-as com um cordel e levei-as de volta ao hotel, onde ficaram trancadas. O pequeno tinteiro foi esvaziado e lavado por mim. Nos dias seguintes, as ardósias não foram removidas do papel, salvo numa única ocasião; o pequeno tinteiro não foi utilizado; o frasco de tinta que trazia na mala foi destapado e a rolha retirada.

Segundo dia — terça-feira, 31 de janeiro.
Sentámo-nos exatamente nas mesmas condições do dia anterior, das 11h às 12h05. A certa altura, May Bangs exigiu ver a carta, dizendo: "Como sei que há algo dentro das ardósias?" Fui eu próprio que abri as ardósias, sem que as irmãs lhes tocassem; e, depois de May Bangs verificar a presença da carta, voltei a colocar os elásticos como antes e embrulhei as ardósias em papel. Como sempre, o grafofone tocava, e as duas portas estavam escancaradas. May Bangs voltou a queixar-se:

"Estas condições estão todas erradas; não podemos continuar assim; eu devia tocar nas ardósias." Respondi: "Muito bem, poderás fazê-lo, se os controlos disserem que sim. Segura

esta ardósia [uma pertencente às irmãs Bangs]; eu segurarei a outra extremidade." Pegámos ambos na ardósia. Ouviram-se pancadas vigorosas, e as irmãs interpretaram: "Não é necessário." Com isso, a sensitiva ficou satisfeita. Às 12h05, voltaram a dizer-nos que estávamos "demasiado concentrados; ainda não foi possível escrever nada, mas as ardósias estavam a ser rodeadas com o magnetismo necessário.

Deveríamos andar pela casa para mudar a vibração." Como May Bangs tinha assuntos legais importantes a tratar na cidade, e Lizzie tinha muitas cartas para escrever, separámo-nos até às 19h, tendo eu, como sempre, levado as minhas ardósias e tinta para o hotel. Aproveitei para tratar de alguns assuntos comerciais na cidade.

Às 19h voltámos a sentar-nos. Cheguei alguns minutos antes e perguntei a May Bangs como tinha sido o seu passeio, perguntando em especial se o ar fresco lhe fizera bem. E então surgiu uma história de incrível imprudência. Depois de eu sair de casa, um homem em aparente aflição foi atendido, e implorou a May Bangs que lhe desse uma sessão para uma carta. Recusou-lhe duas vezes, por ter compromissos na cidade; mas, ao vê-lo afastar-se da porta com evidente desapontamento no rosto, cedeu.

Depois de responder a uma carta, ainda realizou uma segunda. Com isso, ficou sem tempo para tratar dos seus assuntos; e um segundo homem apareceu, para quem também deu uma sessão. Fiquei indignado. Ambas as irmãs admitiram o erro, e May Bangs disse: "Bem, Sr. Moore, sei que foi errado; mas quando vi lágrimas nos olhos daquele homem, não consegui resistir — e é só isso."

As minhas ardósias, embrulhadas em papel, foram colocadas na posição habitual sobre a mesa, com a minha mão sobre elas. Em poucos minutos, disseram-nos que o poder da sensitiva fora esgotado durante a tarde e que não valia a pena continuar. Ainda não havia escrita, mas fora feito progresso durante o dia ao rodear as ardósias com a força necessária para lidar com as condições alteradas. Pela terceira vez, saí com as minhas ardósias e a minha tinta.

Terceiro dia — quarta-feira, 1 de fevereiro de 1911.
Encontrámo-nos na sala de sessões às 11h. Fui informado de que alguns amigos viriam por volta do meio-dia, mas esperávamos que a resposta à minha carta estivesse terminada antes disso. As condições mantinham-se: portas abertas, grafofone a tocar e ambas as sensitivas presentes. May Bangs estava um pouco menos inquieta. Às 11h55, como não tinha sido dado nenhum sinal para abrir as ardósias, perguntei:

"Quando os visitantes chegarem, podem sentar-se connosco?"

Resposta: "Não podemos dizer até estarem na sala; estão agora lá fora."

Imediatamente se ouviu a campainha da porta da frente, e a Sra. Bangs deixou entrar um cavalheiro e uma senhora. As irmãs Bangs foram recebê-los, e eu segui-as, depois de recolher as ardósias e a tinta. Houve um intervalo de meia hora, durante o qual todos os cinco conversámos na sala de estar de Lizzie Bangs. A senhora visitante contou-me que tinham telefonado no dia anterior para marcar uma sessão. Tanto ela como o marido estariam dispostos a ajudar-me e a esperar pela sua vez.

Sentámo-nos todos em torno da mesa de sessões, e voltei a colocar as minhas ardósias e tinta sobre ela, na mesma posição de sempre, com uma mão por cima. O reagente químico que trouxera de Inglaterra permaneceu durante todas as sessões no bolso esquerdo do meu casaco. Às 12h40, Lizzie Bangs desceu para almoçar, e a inquieta May sentou-se parte do tempo com os visitantes e comigo à volta da mesa, e depois foi também comer, ou andar pela casa. Fumei e conversei com os visitantes, que descobri serem ambos mediúnicos.

Pouco depois da uma da tarde, o grupo de cinco pessoas reuniu-se à volta da mesa. Às 13h20, May Bangs disse, excitada:

"Se isto não resultar agora, recuso-me a sentar-me novamente; sinto-me como se estivesse a ser despedaçada." Chegou uma mensagem:

"Os visitantes devem ir para a sala da frente; os médiuns e tu [isso era eu] devem ir para a sala de estar das traseiras, que deve ser escurecida. Deves levar contigo os teus quadros e tinta."

Não era preciso dizer-me isso! Assim, os visitantes dirigiram-se à sala da frente e as irmãs Bangs acompanharam-me até ao quarto contíguo; este estava escurecido com as portadas, mas ainda havia luz suficiente para eu ver o papel branco em que os quadros estavam embrulhados, mesmo à minha frente, com uma das mãos sobre eles. A garrafa de tinta aberta estava junto ao meu cotovelo esquerdo, Lizzie Bangs a cerca de sessenta centímetros à minha esquerda e May, numa poltrona, a uns dois metros de distância. Após cinco minutos, Lizzie e eu vimos luzes, do tamanho de meia a uma moeda de dólar, a surgir e desaparecer em redor e atrás da cabeça de May Bangs. Mais tarde, uma forma etérea e ténue ergueu-se atrás dela. Não consegui ver o que essa aparição fez à médium, mas permaneceu durante alguns minutos e, às 13h45, ela disse que se sentia muito melhor; foi-nos dito para nos separarmos e distrairmos, mas que não devíamos reunir-nos na sala da sessão antes de uma hora.

Fechei a garrafa de tinta, peguei nos meus quadros e entrei em conversa com o cavalheiro que estava na sala da frente, o qual me distraiu ao relatar uma história muito interessante sobre a sua conversão ao espiritualismo. Lizzie Bangs afastou a sua atenção do teste entretendo a senhora na sua própria sala de estar, e May Bangs vagueava de um lado para o outro. Às 15h05, os cinco voltaram a reunir-se à volta da mesa da sessão. Coloquei os quadros sobre a mesa e abri a minha tinta, que até então estivera no meu bolso. Por volta das 15h10, chegou a mensagem:

"Estamos a fazer com que o seu químico atue de forma contrária ao que ele pretende."

Às 15h20, surgiu a ordem tão aguardada para "abrir os quadros".

Retirei o invólucro de papel, tirei os elásticos e abri os quadros com dobradiça. A carta não tinha sido adulterada. Abri-a com uma faca e reparei que, na segunda folha (isto é, a primeira destinada à resposta), uma parte ao centro da primeira página parecia apresentar uma espécie de escrita arranhada; tinha um aspeto diferente do que tinha quando a coloquei lá em casa.

Fui instruído a aplicar o meu químico na parte em branco de um terço da página onde estava escrita a pergunta, e também o apliquei em um terço da página da segunda folha, que me

parecia suspeita. Quando o primeiro papel secou, encontrámos o seguinte, em caracteres muito ténues, como uma escrita com leite, mas perfeitamente legível quando aquecido: — *Que isto te prove a minha presença aqui hoje. — IoLA.*

Depois de nos certificarmos bem desta escrita, examinei a segunda folha e encontrei uma mensagem privada de quatro linhas, em caracteres negros intensos, com uma caligrafia semelhante à que se encontrava habitualmente nas cartas de resposta das irmãs Bangs. Quando apliquei o químico sobre ela (já o tinha aplicado por baixo), o teste revelou que fora escrita com a minha tinta. Não havia resposta à pergunta contida na minha carta. Os quadros, a tinta e o químico estiveram inteiramente sob meu controlo durante os três dias da experiência.

A última tarefa foi examinar as casas e sentar-me junto à porta supostamente incriminatória, do lado de fora, para tentar perceber se conseguia ouvir a conversa na sala da sessão. Os visitantes e uma das irmãs Bangs conversavam no centro da sala. Percebi com facilidade que estavam a falar em tom normal, mas só consegui distinguir duas palavras durante uma conversa de quatro a cinco minutos.

Assim terminou um difícil teste de cinco dias. Ambas as irmãs estavam exaustas. May Bangs mal se aguentava em pé e Lizzie, embora calma, mostrava-se claramente no limite das suas forças. Eu próprio estava bastante debilitado e parti para o Leste na manhã seguinte.

É necessário abordar as seguintes afirmações do artigo publicado *The Annals of Psychical Science*, já anteriormente mencionado: — (1) Que existe "uma larga fenda numa porta" (p. 449). Não existe fenda em nenhuma porta, nem existia em 1909. (2) "Descobri depois vários minúsculos orifícios de alfinete na tira de madeira que separa as janelas" (p. 452). Existe apenas uma janela.

Se o autor se refere aos "caixilhos", não há tira de madeira visível a separá-los; há, no entanto, outro elemento que ele não conseguiu detetar, mas que não tem nada de suspeito. Está igual ao que estava em 1909. Nesta fase, seria imprudente revelar mais detalhes sobre a sala. Mas devo declarar esta minha convicção: ou o autor desse artigo nunca entrou na casa das irmãs Bangs, ou é incapaz de fazer observações simples com precisão.

O ataque a estas médiuns, sem lhes ter sido enviado um exemplar do artigo, publicado numa revista inglesa que se sabia que elas não iriam ler, é um ato que dispensa qualquer comentário meu. Pode ser deixado, com segurança, ao julgamento dos meus leitores.

A caminho da costa, vindo de Detroit, parei em Rochester e visitei a senhora Georgia no hospital. Deitada de costas, teve a gentileza de escrever para mim; a escrita em espelho ocupou sete páginas, durante três encontros, e revelou-se ser de Iola e Catherine. A minha guia fez referência ao tema do seu escrito de dois anos antes; e Catherine, tantas vezes mencionada nas páginas anteriores, usou o nome carinhoso por que era conhecida na minha família, em vida.

Tenho o prazer de dizer que o esforço não prejudicou a convalescente; mas, segundo as últimas informações, não voltou a produzir fenómenos desde a minha partida. Não resta

grande dúvida de que, à medida que a sua saúde e ânimo regressarem, ela recuperará o seu dom de mediunidade e usá-lo-á em benefício da sua mãe e amigos íntimos.

(*101*) A última experiência que tive antes de deixar a América foi com o Sr. P. O. Keeler, o conhecido médium de escrita em quadros, que reside no número 1362 da Parkwood Street, Washington, D.C. Na altura, encontrava-se de visita a Brooklyn. O encontro foi na sexta-feira, 24 de fevereiro de 1911, entre as 15h e as 16h. A janela junto à qual estava colocada a mesa tinha orientação oeste; o sol entrava abundantemente, inundando a mesa e o quarto de luz.

Sentámo-nos frente a frente, numa pequena mesa de cerca de sessenta centímetros de largura. Depois de limparmos os quadros em conjunto, Keeler pediu-me que pegasse num bloco que estava sobre a mesa, destacasse folhas e escrevesse os nomes dos espíritos em cinco ou seis desses papéis; cada bilhete devia ser dobrado da forma que eu achasse melhor, e os nomes deviam ser escritos como se eu estivesse a dirigir-me à pessoa em vida.

Levantei-me da mesa, virei as costas ao médium e escrevi sete nomes — cinco de mulheres, dois de homens; dois dos bilhetes continham o nome de um mesmo espírito, a minha guia, um com o nome terreno e outro com o nome espiritual, "Iola" — indicando, assim, apenas seis indivíduos diferentes. Coloquei esses bilhetes em monte no centro da mesa. Keeler disse: "Nada acontecerá durante um quarto de hora ou mais, pois os espíritos têm de ser convocados." Após um intervalo de dez minutos, tocou com a ponta do dedo na parte exterior de cada bilhete, sem, no entanto, os manusear ou puxar para o seu lado da mesa. Passaram mais cinco minutos, e ele pareceu incomodado por nada acontecer, tornando-se inquieto e agitado. Devem ter decorrido vinte e cinco minutos desde o momento em que pus os bilhetes sobre a mesa quando ele foi inspirado a dizer: "Acrescente os nomes de um ou dois cavalheiros; dizem que, entre estes nomes, há mais senhoras do que o adequado."

Seguindo o meu costume inalterável de não enganar propositadamente um médium, já tinha dito a Keeler que dois dos papéis continham os nomes da mesma pessoa, a minha guia; acrescentei que, como tinha falado com ela de manhã, tinha razões para acreditar que ela estava presente (o que, soube mais tarde, era verdade).

No meu colo, enquanto estava sentado de frente para o médium, fora do seu campo de visão, escrevi os nomes de dois homens e aditei esses papéis aos outros que estavam sobre a mesa; antes de o fazer, tinha puxado o monte de papéis para mais perto de mim do que do médium. Keeler não tinha as mãos sobre a mesa enquanto escrevia os dois nomes adicionais.

Pouco depois, o médium avisou-me de que, quando a escrita nas lousas começasse, ela prosseguiria de forma contínua e rápida. Tocou nos novos papéis com a ponta do dedo e, passados alguns minutos, sentiu-se impelido a escrever um nome numa lousa suplente. Disse: "O que é isto?" Olhei, e vi o nome do meu irmão, Alldin; depois, um a um, escreveu seis nomes nesta lousa.

Cada nome que escrevia, eu tinha de procurar entre os papéis, o que fiz no meu colo, onde lhe era impossível ver a escrita. Depois de refeito, cada papel que tinha sido aberto e voltado a fechar era colocado sobre um par de lousas, preparadas para esse fim entre nós (com um

pedaço de giz de ardósia dentro), e estas não foram manuseadas de forma alguma pelo médium.

Com o tempo, seis papéis, contendo os nomes de seis indivíduos, foram colocados sobre o par de lousas. Estávamos sentados havia cerca de quarenta minutos quando Keeler subitamente levantou o par de lousas com uma mão em cada um dos dois cantos mais próximos dele, com os polegares por cima e os dedos por baixo, e deu-me a outra extremidade para segurar, o que fiz da mesma forma, apertando as duas lousas uma contra a outra. A escrita começou imediatamente, e podia ouvir-se claramente; não havia pressão descendente enquanto decorria.

Assim que sentiu que uma lousa estava cheia, o médium pousou-a à sua direita sem olhar para ela, pegou noutra, colocou sobre esta um pedaço de giz, cobriu-a com a lousa original (sobre a qual os papéis estavam dispostos) e deu-me novamente a outra extremidade para segurar; a escrita pôde ser ouvida novamente a decorrer muito rapidamente. Precisamente o mesmo aconteceu com essa lousa; uma terceira foi usada, e assim sucessivamente, até cinco lousas terem sido preenchidas com mensagens de oito indivíduos. O médium sentiu-se então impelido a escrever a palavra "All" numa lousa extra. Disse-me que isto significava que a sessão estava terminada.

Devem notar-se os seguintes pontos:

Manifestou-se um espírito que não foi identificado de forma alguma. Era o filho do cavalheiro que tinha marcado o encontro comigo na tarde anterior.

Um espírito manifestou-se cujo nome estava escrito num papelinho em cima da mesa, mas não nas ardósias.

Uma ardósia, cheia de escrita cerrada, tinha duas cartas escritas em ângulos retos uma em relação à outra, com caligrafias diferentes. Quando uma dessas cartas foi concluída, Keeler foi impulsionado a mover a ardósia para uma posição retangular; agarrámos nas ardósias pelos cantos opostos, com a minha mão esquerda onde antes estava a sua mão direita, e assim por diante. As cartas nas ardósias estavam muito próximas umas das outras.

Numa das ardósias havia uma carta da minha irmã Catherine; no canto superior esquerdo havia um retrato cuidadosamente desenhado da cabeça e ombros de um homem, e por baixo dele, o desenho de uma flor "não-me-esqueças". Não reconheço o rosto do homem.

Uma carta tinha duas assinaturas — o nome terreno e o nome espiritual do meu guia. Num pós-escrito, havia uma alusão ao nosso encontro daquela manhã.

Todos os nomes indicados nas assinaturas estavam corretos, com exceção de um. Eu tinha escrito "Miss Bowman"; a assinatura era "Mary Bowman". O primeiro nome da senhora não era Mary. Esta nota estava na mesma ardósia que continha uma carta do meu cunhado, que viveu na mesma casa com ela durante alguns anos.

Todas as cartas eram muito banais. Junto-as abaixo. Nenhuma delas contém provas de identidade. Tenho a certeza de que a minha guia não escreveu a carta com a sua assinatura. O

trabalho foi, indubitavelmente, realizado por seres invisíveis e inteligentes que ouviram a conversa, leram os nomes e frases curtas nos papelinhos, e escreveram as respostas.

Segurámos as ardósias a cerca de vinte e três centímetros acima da mesa; as mãos de Keeler nunca se moveram enquanto as segurava. Durante toda a hora, o médium apenas se levantou uma vez — para baixar o estore cerca de trinta centímetros, a fim de nos proteger do brilho do sol poente.

No total, a escrita nas ardósias continha 474 palavras e dois desenhos, tudo realizado num período que não excedeu dez minutos, incluindo quatro interrupções necessárias para mudar de ardósia.

Já vi outras pessoas obterem provas de identidade através da escrita em ardósias com o médium Sr. P. O. Keeler; mas os únicos indícios que recebi foram as cartas de Henry Usborne e Miss Bowman na mesma ardósia. Isso não é suficiente para provar o ponto, já que o primeiro nome da senhora está incorreto e a associação dos nomes de ambos os indivíduos pode ter sido acidental.

Conteúdo das Ardósias

(1)

Boa tarde, caro Almirante. Fico muito contente por o papá ter vindo a conhecê-lo tão bem. Espero que possam ser de ajuda e companhia mútuas. Fico sinceramente feliz por o cumprimentar. Estou bastante familiarizada com esta vinda.

Sinceramente,
Bailey Slayden

(2)

Boa tarde. Não é maravilhoso podermos encontrar-nos desta forma? Tantas pessoas pensam que estou morta, e presumo que já se estejam a esquecer de mim. Hei-de encontrá-las quando vierem para este lado e surpreendê-las. Fico feliz por conseguir escrever tão bem com este pequeno pedaço de lápis. Sinto-me mais ou menos como me sentia quando tinha corpo físico. Que possa voltar um dia e escrever melhor. Tem pela frente uma vida de grande utilidade neste campo de trabalho.

Henry Usborne
Ajudá-lo-ei sempre.
Mary Bowman

(3)

Esta é, provavelmente, a experiência mais notável que alguém pode ter. Sinto-me tão eu mesmo como me sentia anteriormente. Esta maravilhosa transição da Terra para o estado espiritual não me transformou noutra pessoa. A sua visita de hoje tornar-me-á mais feliz do que alguma vez fui. Voltarei novamente. O seu livro será um grande sucesso em todos os aspectos.

Afectuosamente,
Septimus P. Moore

Nota — O médium sabia (e, consequentemente, os seus espíritos familiares também sabiam) que eu estava a recolher material para um livro. Em ângulo reto com a carta acima, e com uma caligrafia muito diferente, encontrava-se a seguinte carta:

Meu Protegido

Oh, não fique só, pois o tempo não pode quebrar
O laço que nos une na cadeia da memória,
Mesmo que a morte a doce voz pareça calar
Em espírito, os seus acentos despertarão novamente.

Fico feliz por não me relegar para o esquecimento do túmulo,
Tenho vida, a centelha imortal, o espírito não pode perecer.
Estou viva, feliz e contente. Gostaria que estivesse aqui comigo.
Nunca me lamente como se estivesse morta.

(Assinado) [O nome terreno de Iola]
IOLA

Não tivemos nós uma conversa encantadora esta manhã?

(Considerando a comunicação próxima que mantive com a minha guia ao longo dos dois meses anteriores, esta carta é absolutamente absurda. Não fornece qualquer prova de identidade; mas é uma clara evidência da presença de seres invisíveis, ou de um ser, na sala, que ouviu a nossa conversa, viu o nome e escreveu o texto.)

Sinto-me grata às forças superiores pelo belo privilégio de vos conhecer e de comunicar convosco, ainda que de forma tão breve. Não poderei escrever muito em breve, mas mesmo algumas palavras servirão para expressar a minha existência. Esforçai-vos por, de alguma forma, estabelecer meios de comunicação quando regressardes. Estimaria muito esse privilégio aí. Estou em paz e não sofro as dores, contrariedades e dificuldades tão comuns à vida terrena. Estou muito feliz por terdes vindo até aqui.

Devotamente,
Catherine Moore

(No canto superior esquerdo desta ardósia apareceu o desenho de uma cabeça, com um ramo de não-me-esqueças por baixo. Do lado esquerdo da cabeça há uma sombra da mesma face, o que é muito notável.)

Caro Irmão,
Não é maravilhoso que eu consiga escrever nesta ardósia com este pedacinho de lápis? Não estou dentro da ardósia, estou do lado de fora. Escrevo isto através da lei da quarta dimensão no espaço. Senta-te com as ardósias no teu próprio quarto. Talvez então possa escrever para ti. Estou em paz e contente aqui. Estou muitas vezes perto de ti.
Irmão, Alldin Moore

Por baixo, a lápis vermelho e com caligrafia diferente:
Saúdo-te.
Tio Major

Não tenho dúvidas de que o Sr. Keeler acreditava genuinamente que surgiriam provas da identidade dos espíritos invocados; contudo, tal não se verificou no meu caso, como aconteceu com outros. Esta sessão foi uma exibição impressionante do poder espiritual; e, na minha opinião, é isso o máximo que se pode razoavelmente esperar deste tipo de fenómeno. As condições atmosféricas eram perfeitas.

Os leitores devem ter sempre em mente: (1) que havia luz plena, (2) que as ardósias foram mantidas acima da mesa, sem qualquer pano ou cobertura sobre elas. Li relatos de sessões anteriores de escrita em ardósias com Eglinton, Davey e outros. Nenhuma explicação que tenha lido se aplica ao caso desta manifestação do poder espiritual através de P. O. Keeler.

Parabenizo sinceramente este médium dotado por possuir uma faculdade que permite àqueles que trabalham através dele demonstrarem, de forma convincente, a presença e atividade das inteligências invisíveis que nos rodeiam.

Parti para Inglaterra na manhã seguinte.

CAPÍTULO X

AS VOZES

Sr.ª. Wriedt — No auge das suas capacidades mediúnicas — Nada acontece sem que haja alguém com ela que possa falar e ouvir — A sua rotina diária — Uma sessão pública — A sua personalidade revela-se apenas de uma forma — Registos das minhas sessões em Janeiro e Fevereiro de 1911 — Vozes dos chamados "mortos" não identificadas — William James — Richard Burton — O suicida — As vozes podem ser ouvidas com luz plena — A escuridão é preferível — Edna — Silvermoon — A minha irmã Catherine — Chegada do Dr. John de Ontário — Vozes ouvidas simultaneamente em inglês e alemão — Galileu — Grego e latim falados — Ada Newton — A sua mensagem para o pai — Dr. Graham, de Toronto — Os seus comentários sobre uma nefrocolopexia realizada no hospital — Ada Besinnet senta-se com a Sra. Wriedt pela primeira vez — Pansy — Iola manifesta-se em todas as sessões — Demonstra familiaridade com os meus arredores em Portsmouth — O Sr. R., um agricultor surdo, senta-se comigo — Duas vozes a falar novamente em simultâneo — Não há ciúmes na vida espiritual — Professor E. J. Stone, F.R.S. — O meu guia sabe o que eu estava a fazer noutra cidade dois dias antes — Dr. Sharp, o espírito-guia, afirma que esteve comigo em Chicago — Iola: "Não entendo porque

não me consegues ver" — Grayfeather visita-me em Detroit — O seu aviso sobre Jonson — Teste a Iola sobre o que consegue ver no meu quarto — A Sra. Wriedt em Nova Iorque — O médium Sr. A. W. Kaiser — Evoluiu bastante desde 1909 — Dr. Jenkins, o seu espírito-guia principal — Catherine e outros a preparar condições para experiências finais com Jonson — Sir Isaac Newton — Espíritos imitadores — Gravidade e anti-gravidade — Espíritos elevados impressionam os mortais — Lombroso — Experiência com o Dr. Jenkins — Anti-gravidade e a nota musical — Despedida de Jenkins — Epílogo.

Na bela cidade de Detroit, no estado do Michigan, vivem cerca de meio milhão de habitantes. Mais de um terço são católicos romanos inteligentes, conscienciosamente contrários à exibição de fenómenos psíquicos. Numa simpática vivenda, construída segundo o seu próprio projeto, a cerca de cinco quilómetros da Câmara Municipal, vive, sem ser incomodada, Sr.ª. Wriedt, uma chamada "médium de trompete", cujo misterioso poder descrevi no Capítulo VIII desta obra.

Provavelmente fez mais bem do que qualquer outro médium no mundo, sendo o meio passivo que proporcionou consolo aos enlutados e levou centenas à certeza da proximidade dos espíritos dos seus entes queridos que já passaram pela mudança que chamamos "morte". Da minha parte, só posso dizer que, na sua presença, obtive provas do estado seguinte de consciência tão claras e marcantes que a mínima dúvida deixou de ser possível. Saí da sua casa, em Fevereiro de 1911, com a certeza de um homem que já não alimenta "crença", mas que sabe qual é o seu destino quando o túmulo se fecha e o seu espírito deixa o plano terrestre.

Sr.ª. Wriedt tem quarenta e nove anos, é uma mulher de constituição frágil, muito propensa a bronquite e nevrite. No ano passado (1910), foi-lhe diagnosticada nevrite na base do cérebro pelos médicos, e teria morrido não fosse a benevolência do Sr. C. A. Newcomb, um investigador de fenómenos psíquicos, que chamou um especialista de renome e salvou-lhe a vida. Desde a sua recuperação, os seus poderes tornaram-se ainda mais notáveis do que antes da doença; tive a sorte de me sentar com ela, nesta que foi a minha terceira visita aos Estados Unidos, enquanto se encontrava no auge das suas faculdades mediúnicas.

Quando soube que eu estava nas redondezas, escreveu-me a convidar para ser seu hóspede. Aceitei este amável convite e passei vinte dias na sua casa, onde fiquei instalado num quarto próximo da sala das sessões. Posso acrescentar que me senti mais confortável nessa casa do que em 1909, quando fiquei nos dois melhores hotéis da cidade.

Ela não tem empregada; com a ajuda do marido, realiza todas as tarefas da casa entre as sessões. Na minha opinião, isto é-lhe benéfico, pois afasta completamente a sua atenção das questões psíquicas: provavelmente a sua vida é sabiamente guiada pelo seu espírito-guia, o Dr. Sharp, e por outros bons espíritos.

Não consegue atender nem metade das pessoas que pedem sessões, mas faz o possível para satisfazer todos; os mais pobres são frequentemente recebidos gratuitamente. O valor habitual por sessão é de um dólar; contudo, uma vez por semana realiza uma sessão pública, na qual ninguém é convidado a pagar mais de cinquenta cêntimos. Nessas ocasiões, os mais necessitados são muitas vezes convidados a participar sem qualquer custo.

A Sra. Wriedt não consegue obter fenómenos quando se senta sozinha. Há cerca de doze anos, foi-lhe pedido, a título experimental, que se sentasse com sete surdos-mudos de Flint, no Michigan. Ninguém na sala conseguia pronunciar uma palavra articulada, exceto ela. Dois dos presentes ficaram assustados por terem sido tocados pela trombeta; não se obtiveram outros resultados. Naturalmente, não se esperava que os participantes ouvissem nada; mas o ponto relevante da história é que a própria médium não ouviu uma única palavra. Se houver apenas uma criança na sala, que consiga falar e ouvir normalmente, ocorrem manifestações.

As minhas experiências com esta médium extraordinária, em 1909, foram insignificantes comparadas com as desta minha terceira visita à América. Todos os meus familiares de quem desejava notícias falaram comigo em algum momento, abordando todo o tipo de assuntos de interesse familiar. Iola falava diariamente, durante bastante tempo, muitas vezes aparecendo diante de mim como uma figura radiante em vestes brancas, embora com os traços faciais invisíveis, articulando claramente as suas frases em inglês puro. Como já referi num capítulo anterior, a Sra. Wriedt fala com sotaque yankee; o inglês não era falado por nenhum dos espíritos amigos dos participantes americanos. A maioria das minhas sessões foi com a médium sozinha, ocasião em que Iola se manifestava e explicava acontecimentos ocorridos até cinquenta anos antes.

Quando eu era rapaz, ocorreu um episódio familiar confuso que me deixou bastante perplexo. Até então (1911), nunca suspeitara da verdadeira razão. A minha guia, ao longo de quatro ou cinco encontros, resolveu o enigma e trouxe três testemunhas do além que falaram extensivamente para provar que ela tinha razão. Foram dadas datas e explicadas motivações.

Eu tinha apenas conhecimento suficiente do que se passara naquela altura para, agora que certos episódios foram esclarecidos, me sentir seguro de que tudo o que disseram era verdade. Ninguém vivo sabe disso, além de mim; mas estou certo de que a explicação, dada com grande seriedade e abundância de pormenores por estes visitantes do estado seguinte de consciência, é a correta.

Se não tivesse mais nenhuma experiência a registar em apoio das doutrinas do espiritualismo, esta história — contada com clareza e demonstrando profundo conhecimento da vida terrena, com todos os seus erros e fracassos — teria sido suficiente para consolidar a minha crença para sempre. Poderia servir como matéria-prima para um romance com uma boa lição moral.

Antes de relatar as minhas sessões com a Sra. Wriedt, procurarei descrever a rotina diária habitual na sua casa.

Às seis da manhã, ela e o marido levantam-se, tratam das tarefas domésticas e preparam o pequeno-almoço, que é tomado por volta das oito ou oito e meia. A Sra. Wriedt arruma a mesa e começa a tratar dos quartos. Toca o telefone. Talvez o Sr. Wriedt consiga atender; mais provável é que tenha saído para fazer compras. "É a Sra. Wriedt?" "Sim." "Pode dar-me uma sessão?" "Lamento, mas não posso atender ninguém nos próximos dez dias." "Não me pode ver nem por meia hora?" "Não, minha senhora." "Quanto cobra por uma sessão?" "Um dólar." "Pois bem, acho que uma boa sessão vale um dólar!" Depois, a Sra. Wriedt sobe para os seus aposentos.

Batem à porta. "Posso ver a Sra. Wriedt?" "Não, senhor; eu sou a Sra. Wriedt, e tenho compromissos marcados para os próximos dez dias." Após alguma tentativa de persuasão, o visitante vai-se embora. Terminadas as limpezas, digamos por volta das dez e meia, a Sra. Wriedt certifica-se de que o marido está em casa e depois vem ter comigo: "Almirante, creio que agora podemos fazer uma sessão, e faremos outra, se desejar, esta noite." Sentamo-nos durante cerca de quarenta e cinco minutos.

Depois, a Sra. Wriedt prepara o almoço, põe a mesa e responde, talvez, a dois ou três telefonemas; por vezes são pedidos de sessões, mas frequentemente são conversas com amigos em dificuldade, que sabem poder contar com a sua imediata simpatia. O almoço é por volta do meio-dia ou pouco depois. Às uma e meia, após arrumar a mesa, a Sra. Wriedt veste-se para a tarde. Às duas menos um quarto ou às duas em ponto, entra um grupo para uma sessão previamente combinada, que dura entre uma e uma hora e meia. Durante esse tempo, duas ou três pessoas são recebidas na sala de visitas pelo Sr. Wriedt, aguardando a sua vez. Os telefonemas, atendidos por ele, surgem a uma média de um por hora.

Terminada a primeira sessão, entra de imediato o segundo grupo, e inicia-se nova sessão. O Sr. Wriedt vem conversar comigo, e ambos ouvimos claramente a voz alta do "Dr. Sharp", o espírito-guia (a cerca de doze metros de distância), através da porta trancada da sala de sessões. Eventualmente, a Sra. Wriedt consegue então proporcionar-me uma conversa de meia hora com os meus amigos do além; depois, desce para preparar o chá, tendo o marido já informado dos telefonemas recebidos durante a tarde. O chá decorre por volta das seis ou seis e um quarto. Às oito horas há sempre uma sessão marcada com antecedência, que geralmente dura duas horas. Assim termina o dia de trabalho, e a médium deita-se por volta das onze da noite.

Uma noite, participei numa sessão pública em que estavam presentes doze pessoas, além da médium e de mim. Dois jovens, irmão e irmã, sentaram-se à minha esquerda; tinham sido convidados pela Sra. Wriedt, pois eram demasiado pobres para pagar a tarifa habitual. "Black Hawk", um espírito indígena, soltou um grito de guerra quando os fenómenos estavam a decorrer lentamente, o que assustou tanto uma senhora que foi necessário abrir a porta e trazer-lhe água para a acalmar.

Outra senhora, ao ouvir a voz infantil do seu filhinho, falecido há pouco tempo, caiu na cadeira a chorar de alegria. A sua vizinha tentou tranquilizá-la, dizendo: "Procure acalmar-se, minha senhora, ou vai perturbar as condições para os outros participantes." O choro cessou. À medida que os presentes iam saindo da sala, alguns pagavam à médium, que nunca pede pagamento; a mãe enlutada não deu nada. Tive a liberdade de perguntar à Sra. Wriedt quanto recebera nessa noite. Ela disse-me que três dólares e meio. Três pessoas tinham saído sorrateiramente da sala sem dar um cêntimo; no entanto, todas tinham sido visitadas por alguém do "outro lado" que viera falar com elas, e a sessão durara duas horas.

As falhas na obtenção de fenómenos com a presença da Sra. Wriedt rondam os cinco por cento. Se ela faz demasiado durante o dia, o "Dr. Sharp", o seu guia espiritual, não fala à noite e nenhum espírito se manifesta. Os seus rendimentos médios anuais, quando está de boa saúde, são de sete dólares por dia. No entanto, conta com amigos abastados e generosos que

nunca permitiriam que passasse necessidades, tal é o apreço que têm pelas bênçãos que ela distribui à sua volta.

Geralmente, eu sentava-me sozinho com a Sra. Wriedt; o esforço era grande. O meu sistema físico era muito exigido e acabei por adoecer. Este foi o preço inevitável por fenómenos extraordinários. O "Dr. Sharp" não permitia que a sua médium fosse drenada, e, sendo eu o único participante, tive de suportar as consequências; só recuperei completamente a saúde seis semanas depois de ter regressado a Inglaterra.

A ordem habitual das sessões era a seguinte: levava molhos de narcisos ou outras flores para a sala e colocava-os numa pequena mesa. Tendo verificado que conseguia ouvir as vozes à luz do dia através da trombeta (embora com dificuldade), decidimos sentar-nos às escuras — a Sra. Wriedt numa cadeira em frente a mim, a cerca de um metro e meio de distância, a mesa com as flores à minha esquerda (geralmente), e do lado oposto uma cadeira vazia, formando uma espécie de círculo, no centro do qual se colocava uma trombeta telescópica. Ao fim de alguns minutos, podiam ver-se fantasmas a circular perto de nós; apareciam primeiro junto às flores e voltavam a elas de tempos a tempos para obter força. Nunca consegui identificar um rosto, embora outros o tenham feito; mas sabia quem estava diante de mim pela altura, constituição e modo de falar do espírito, pois muitas vezes falavam enquanto estavam de pé com a trombeta.

A Sra. Wriedt senta-se onde os participantes preferirem, mas este arranjo revelou-se o mais eficaz.

O "Dr. Sharp", o guia espiritual, que por vezes falava através da trombeta e outras vezes sem ela, costumava manifestar-se logo no início da sessão com voz alta e clara; voltava frequentemente no fim da sessão para se despedir ou esclarecer alguma dúvida causada por declarações ambíguas de um dos espíritos.

Depois da fase das aparições, e de o "Dr. Sharp" terminar de falar, ouviam-se sussurros através da trombeta e iniciava-se a conversa. Quando eu estava sozinho, esta troca costumava durar entre quarenta e cinquenta minutos. O "adeus" do "Dr. Sharp" era o sinal para abrir a porta; se ele não regressasse, esperávamos cinco minutos após a última comunicação, e pedíamos que nos fosse indicado com batidas se a sessão estava terminada. Na ausência de resposta, assumíamos que não valia a pena esperar mais.

Tirava notas imediatamente após as sessões, na sala de estar dos fundos. Só participei uma vez numa sessão pública, mas muitas vezes sentava-me no meu quarto à noite, a ler e a escrever, enquanto decorriam sessões grandes entre as 20h e as 22h, e ouvia claramente as vozes, não apenas do "Dr. Sharp", mas também de outros espíritos. Curiosamente, nunca vi fantasmas no meu quarto, e até a minha guia apenas conseguia manifestar-se por meio de batidas.

Nos relatos das sessões que se seguem, surgirão por vezes nomes ilustres. Todo o investigador sabe como, no trabalho psíquico, os espíritos podem assumir identidades alheias; e não estou preparado para afirmar que aqueles que se apresentaram eram realmente as personalidades famosas que diziam ser. Prefiro manter a mente aberta quanto a isso. Posso,

contudo, dizer que, considerando o reduzido número de investigadores e o desejo dos habitantes do mundo espiritual de darem a conhecer a sua existência aos vivos, não vejo qualquer impossibilidade em que até Galileu se manifestasse na sala de sessões da Sra. Wriedt para dar sinais da sua presença.

A Sra. Wriedt nunca entra em transe. Participa nas conversas com os espíritos e, por vezes, anuncia o nome e descreve um espírito antes de este se dar a conhecer. A sua personalidade apenas se evidencia numa coisa: nas expressões usadas pelos espíritos. Os meus amigos falavam inglês puro, mas por vezes usavam construções frásicas que nunca teriam utilizado em vida. Por exemplo, a minha guia, ao responder à pergunta "Como está fulano?", dizia: "Oh! Ele está a portar-se muito bem!" Durante a sua vida, duvido que "Iola" alguma vez tivesse usado tal expressão. Já ouvi a minha mãe dizer: "Fulano sente-se sozinho" — uma palavra que certamente não fazia parte do seu vocabulário enquanto viva.

Já referi que nunca consegui identificar os meus visitantes pelas vozes; é como ouvir uma mensagem ao telefone de longa distância.

1 de Janeiro de 1911. Cheguei a Detroit e instalei-me em casa dos Wriedt. Houve uma sessão às 21h. Presentes: o Sr. e a Sra. Newton, o Sr. H. C. Hodges e eu. As condições atmosféricas eram desfavoráveis.

Os dois filhos falecidos do casal Newton manifestaram-se, o Sr. Hodges foi visitado por três espíritos que falaram com acentuado sotaque yankee, e eu recebi comunicações da "Iola", do irmão dela e do irmão de um familiar meu por afinidade, todos a falar inglês puro. "Iola" fez referência à sessão da noite anterior com a Srta. Ada Besinnet.

Segunda-feira, 2 de Janeiro de 1911, das 10h50 às 11h50. Primeiro manifestou-se o "Dr. Sharp", com voz alta e distinta. Esclareceu a identidade de um dos visitantes da noite anterior. Depois surgiu Sir W. W., que trouxe consigo o Sr. W. E. Gladstone. Viram-se muitos discos luminosos redondos e grandes, bem como algumas aparições em forma completa. Nunca consegui identificar nenhum espírito pelo rosto, mas percebia que tinham feições.

Estive quase a reconhecer o rosto completo de Mr. Gladstone; era uma figura alta, que permaneceu cerca de dois minutos. Depois de desaparecer, falou através da trombeta. Nem preciso dizer quão surpreendido fiquei com esta aparição e voz. Nunca falei com Mr. Gladstone em vida, e não via razão para ele vir até mim, salvo talvez o facto de um parente afastado dele ser meu amigo e um investigador fervoroso de fenómenos psíquicos; também porque sempre admirei Gladstone como homem e grande estadista, e tinha pensado nele muitas vezes durante a recente luta política.

Permaneceu cerca de vinte minutos e falou sobre a situação atual, sobre a Rainha Vitória, o Rei Eduardo e o nosso atual soberano, o Rei Jorge. Disse:

"No meu tempo, costumávamos lisonjear-nos, pensando que ninguém nos poderia suceder, mas estávamos enganados. O que pensa do governo atual?"

Respondi: "Na minha opinião, senhor, é o gabinete mais brilhante que alguma vez governou a Grã-Bretanha; mas gostaria que o Chanceler do Tesouro se exprimisse com mais moderação, pois isso dar-lhe-ia mais influência."

Ele respondeu: "Não concordo; nesta altura, ele precisa de falar com franqueza. O seu discurso sobre o perigo católico foi admirável; não pode haver predominância religiosa. Precisamos de autonomia para a Irlanda." Falou com grande apreço do governo atual e enviou mensagens ao Sr. W. T. Stead.

(Nota — A Sra. Wriedt e o seu marido nada sabem sobre política inglesa. A Sra. Wriedt ouvira falar bastante de Mr. Stead.)

A médium disse então: "Estou a ouvir o nome F—. Alguém relacionado com F— está a aproximar-se." Respondi (reconhecendo o nome como sendo o de um parente próximo): "É a mais velha ou a mais nova das duas filhas que estão no plano espiritual?"

Uma voz respondeu: "Bom dia, tio; sou a E—" (o apelido ficou indistinto).

Pergunta: "És a E— S—?"

Resposta: "Sim."

Pergunta: "Estás feliz?"

Resposta: "Muito mais feliz do que na Terra."

Pergunta: "Vês a Iola com frequência?"

Resposta: "A tia? Oh, sim!"

Seguiu-se uma conversa sobre a irmã dela, também no plano espiritual, e a minha sobrinha partiu.

(Nota sobre a evidência de identidade neste caso: o reconhecimento por parte de E— S— de que era filha de F—, sobrinha minha e também de Iola — tudo correto.)

Depois surgiu um homem que não conseguiu dar o seu nome, mas disse que me conhecera num país estrangeiro, onde jantara comigo; fumámos juntos "na estufa". Disse: "Antes de chegares a casa, eu já tinha falecido. Foste enviado para aquele local. Foste meu hóspede. Morri subitamente."

Pergunta: "És o Richard Hodgson?"

Resposta: "Não. Não foi na América."

(Ainda não identifiquei este visitante, mas julgo saber de quem se trata.)

2 de janeiro de 1911, das 19h15 às 20h15. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, às escuras. Depois de alguns familiares se manifestarem, a médium ouviu os nomes Henry e James (Henry é meu cunhado). Em seguida, uma voz chegou até mim pela trombeta:

"Sou o Professor James."

Discutimos as experiências do Professor Hyslop com a Srta. Ada Besinnet, que estavam prestes a acontecer. Depois, perguntou:

"Acha que Stead gostaria que eu participasse no seu círculo? Conheço o filho dele aqui."

Respondi: "Sim; vou perguntar-lhe." Ele disse: "Obrigado. Feliz Ano Novo para si."

A médium disse: "Ouço o nome 'Alexander'."

Respondi: "Conheço dois Alexanders."

Um sussurro pela trombeta: "Sou o Alexander Usborne; a rapariga da M. [Iola] trouxe-me aqui."

Tivemos uma breve conversa sobre a sua bondade para comigo quando era rapaz, e despediu-se com votos de bom ano.

Depois manifestou-se Sir Richard Burton. Eu disse:

"O senhor interessava-se por este assunto em vida."

Resposta: "Sim, interessava-me."

Pergunta: "Foi uma pena que a sua esposa tenha destruído o seu manuscrito."

Resposta: "Uma grande pena; mas as mulheres às vezes fazem coisas estranhas." Seguiram-se saudações de Ano Novo.

Pouco depois, a médium disse: "Há aqui um homem que foi baleado" — (pausa) — "ele deu um tiro em si próprio. Parece ter-se suicidado."

Um sussurro pela trombeta: "George. Estive contigo no *Penguin*."

Respondi de imediato: "És o George —; não te arrependes do teu ato impensado?"

Então veio esta resposta notável: "Não, não me arrependo. Fui..." (com ênfase) "impelido a fazê-lo" (um gemido).

"Almirante, ela não quis casar comigo, porque eu não tinha dinheiro suficiente; e havia um homem mais rico que eu em segundo plano" (outro gemido).

Pergunta: "Em que esfera estás?"

Resposta: "Na quarta." Pergunta: "Quais são os teus deveres?"

Resposta: "Ajudo onde posso. Almirante, ajuda-me com os teus pensamentos. Adeus."

(Este episódio remete-me a vinte anos atrás, ao dia em que um oficial sob o meu comando se suicidou na sua camarata. Foi realizada uma investigação e encontraram-se cartas que provavam que ele havia recebido recentemente uma mensagem de uma jovem a retirar-lhe a promessa de casamento. Não acredito que ele esteja na quarta esfera, nem perto disso; e, se mantiver esta atitude de ausência de arrependimento, levará muitos anos até lá chegar.)

A médium disse então: "Estou a ouvir o nome de C."

Uma voz: “Sou o Sr. C.”

Pergunta: “É o arquiteto?”

Resposta: “Sim.”

Pergunta: “Não o conheci em vida, mas ouço falar muitas vezes da Sra. C.”

Resposta: “Sim, a minha esposa é uma mulher extraordinária — extraordinária! Mas agora está a perder o juízo.”

(A senhora em questão tem quase cem anos de idade. O Sr. C. foi trazido por Iola, que falava ao mesmo tempo que ele, independentemente da trombeta.)

A médium: “Ouço o nome ‘Greenleaf’.

Não sei se ouvi bem.” Uma voz: “*Greenfield*. Sou a Sra. M.” Pergunta:

“Qual Sra. M.? — há duas.” O espírito indicou a sua residência e disse: “Já nos encontrámos.”

(Existem duas Sras. M. — irmãs, ambas vivas. Conheci esta senhora por duas vezes. *Greenfield* é o nome do meu genro, que é parente da Sra. M., e foi claramente usado como referência para captar atenção. Parece tratar-se de um caso de espírito encarnado a viajar durante o sono. Em Inglaterra, era cerca das 2 da manhã, do dia 3 de janeiro. Uma conversa com Iola sobre assuntos de família encerrou a sessão.)

Quinta-feira, 12 de Janeiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 14h15 às 15h40.

Comecei por experimentar a trombeta com luz plena, colocando a extremidade estreita junto ao ouvido esquerdo e apoiando a extremidade larga no encosto de uma cadeira, estando a Sra. Wriedt sentada muito próxima de mim, à minha direita. Ouvi satisfatoriamente as vozes do “Dr. Sharp” e da “Iola”.

Terminada esta experiência, apagámos as luzes e sentámo-nos no escuro; nada ocorreu durante meia hora, após a qual duas aparições surgiram perto de mim, mas os rostos não eram reconhecíveis.

As vozes começaram com a da minha guia, com quem conversei durante cerca de vinte minutos; depois manifestou-se uma irmã minha que falecera com dois anos e meio, mas que crescera no plano espiritual. Ambas fizeram referência a uma sessão a que tinham comparecido, para me encontrar, em casa dos Jonson, dois dias antes.

A seguir, surgiu um velho clérigo, na escola de quem estudei entre os seis e os dez anos e meio. Deu o nome de Thompson e depois acrescentou “John Thompson”. Este último, o seu filho, ainda é vivo. O “Dr. Sharp” esclareceu a situação dizendo: “O homem que veio foi o Dr. Thompson; era um ministro, doutor em teologia, ou algo do género. Estudaste na escola dele com o filho, John Thompson; para chamar a tua atenção, pronunciou ‘John Thompson’, mas quem se manifestou foi o pai.”

Quarta-feira, 18 de Janeiro de 1911, das 14h30 às 16h. Presentes: os meus velhos amigos o Sr. e a Sra. Z., duas sobrinhas deles, e eu. Foi uma sessão extraordinária.

Os meus amigos são antigos residentes em Toledo. Há muito que desejavam participar numa sessão com a Sra. Wriedt, mas diversos impedimentos atrasaram o encontro — e coube-me a mim proporcioná-lo. Já me tinha sentado com eles em várias outras salas de sessões e conhecia os nomes dos seus familiares no além, bem como dos seus guias. A Sra. Wriedt nunca os tinha visto, nem sabia absolutamente nada sobre eles. As três senhoras têm capacidades mediúnicas.

Em poucos minutos começaram a surgir aparições. Várias dirigiram-se ao grupo dos Z., incluindo uma freira — guia da Sra. Z. — que deu corretamente o seu nome, "Edna", foi plenamente reconhecida e falou durante algum tempo. Colocando-se à nossa frente, pronunciou uma bênção em latim, que depois repetiu em inglês.

Um guia indígena chamado "Silvermoon" deu o seu costumeiro grito de guerra a meio da sessão, exibiu um grande disco luminoso e, após uma breve conversa, desapareceu.

Todos os familiares dos Z. de quem eu tinha ouvido falar manifestaram-se e falaram através da trombeta. Mencionaram corretamente, pelo nome, várias pessoas ainda vivas, bem como outras já falecidas. Fui apresentado a todos.

Um espírito, cujo nome era desconhecido, juntou-se a nós numa canção que estávamos a entoar.

Os únicos fenómenos dirigidos a mim foram uma eterealização, que fez uma vénia ao nome "pai", e a manifestação da minha irmã Catherine, que disse:

"Tenho cinquenta e seis anos, se contarmos segundo o tempo da vida terrena."

(Ao regressar a casa, consultei a Bíblia da família e verifiquei que ela nascera a 7 de dezembro de 1853.) Disse também:

"A Iola está sentada naquela cadeira ao teu lado." Havia, de facto, uma cadeira vazia entre mim e as flores. Esta demonstração de força espiritual foi tanto mais notável quanto as condições atmosféricas não eram favoráveis — o tempo estava a amolecer.

Sábado, 14 de Janeiro de 1911, das 16h50 às 17h50. Sessão a sós com a Sra. Wriedt.

Depois de já ter experimentado ouvir vozes com luz por três vezes, concluí que o processo era demasiado moroso e decidi trabalhar sempre no escuro. Com luz, só conseguia distinguir claramente as vozes do "Dr. Sharp" e da "Iola".

Manifestaram-se quatro espíritos — uma tal de Maria Havergal, um juiz (cujo nome não consegui perceber, para seu visível incómodo), Catherine e "Iola". Esta última falou durante meia hora, de pé à minha frente, sendo visível uma forma radiante, embora sem traços faciais discerníveis. Após a sessão, fui subitamente impressionado com o nome do juiz.

Leve degelo, o tempo começava a melhorar.

Durante a noite, o pequeno agregado familiar aumentou com a chegada do Dr. John, médico vindo de Ontário.

Domingo, 15 de Janeiro de 1911, 11h50. Sessão com o Dr. John e a Sra. Wriedt.

Apareceu uma bela aparição, que não foi identificada. De seguida, o Sr. Gladstone falou, louvando sobretudo Mr. Lloyd George e a sua "franqueza", e também enviou conselhos a Mr. Stead. Fomos então interrompidos e tivemos de abrir a porta; após fechá-la, já não ocorreram fenómenos. A sessão durou apenas cerca de quinze minutos.

Após o almoço, um grupo de dez pessoas reuniu-se com a Sra. Wriedt, das 14h às 16h15. Das 16h40 às 17h45, o Dr. John e eu tivemos uma boa sessão com ela. Primeiro manifestou-se o "Dr. Sharp", que explicou a sua ausência da manhã dizendo que, naquele momento, assistia a uma cerimónia de elevação da mãe do Dr. John à sexta esfera. Era o aniversário dela na Terra.

A senhora idosa apareceu então, efusiva, feliz e muito emocionada, falando sobretudo em alemão, mas também em inglês. Descreveu ao filho tudo o que acontecera, os parentes presentes na cerimónia, entre outros pormenores.

Que o leitor imagine uma cena em que uma senhora de idade, tendo vivido um dia emocionante, repleto de carinho e elogios dos seus entes queridos, deseja partilhá-lo com um familiar próximo que não pôde estar presente — e compreenderá o teor deste encontro entre uma mãe no plano espiritual e um filho devoto ainda na Terra. Para mim, tudo foi tão natural quanto possível. Sentado ali na escuridão, esqueci que a voz clara e vibrante diante do Dr. John pertencia a alguém há muito falecido.

O visitante seguinte foi um dos guias do Dr. John, o Dr. L., que falou brevemente com ele e também comigo.

Depois manifestou-se uma irmã do Dr. John, que repetiu muito do que a mãe dele já dissera e manteve uma conversa com o irmão que durou cerca de dez minutos, inteiramente em alemão. A sua voz soou alta e clara através da trombeta.

Enquanto isto acontecia, a minha guia conversava comigo em voz baixa, diretamente, sem recurso à trombeta. Dois espíritos comunicavam em simultâneo — em línguas diferentes!

A seguir, surgiu novamente o juiz do dia anterior, que se revelou ser Sir William Dobson, antigo Chefe de Justiça da Tasmânia. Continuava visivelmente incomodado pelo facto de eu não ter percebido o seu nome na primeira vez. Conversámos brevemente sobre amigos em comum e depois despediu-se. Com ele manifestou-se uma sobrinha do Dr. John, falando em inglês. Mais uma vez, decorriam duas conversas simultâneas com dois participantes diferentes.

Galileu então anunciou-se com clareza e falou alto através da trombeta, em inglês. Disse: "Inventei o telescópio e fui perseguido pelas minhas crenças." Falou com amargura da sua perseguição e declarou: "Queimaram-me na fogueira." Respondi: "Ora, não foi assim tão mau." Ele replicou: "Bem, era isso que queriam." Mencionou Marconi e comentou: "Ele não está a aperfeiçoar uma coisa de cada vez, mas a dispersar-se por diversas experiências." (Não faço ideia a que se referia.)

Pergunta: "O facto de o mundo ser redondo já era conhecido, não era, por Platão, Pitágoras e Hipátia?"

Resposta: "Platão sabia, mas tinha medo de o dizer abertamente. Não conhecemos Hipátia por esse nome; chamamo-la de..." (Nome indistinto; não consegui perceber.)

Pergunta: "Refiro-me à filha de Teão."

Resposta: "Sim, sei; a filha de Teão."

Pergunta (do Dr. John): "Como teve a ideia de que a Terra gira em torno do Sol?"

(Galileu passou então a descrever uma visão que teve no seu quarto, a linguagem que ouviu durante essa visão, e um pergaminho que lhe foi mostrado para ler. Falou em grego e latim. Não consegui acompanhar, e penso que o Dr. John também não, pois falava depressa e de forma pouco clara.)

Pergunta: "Marte é habitado?"

Resposta: "Marte é habitado e, um dia, entrará em contacto com a Terra por meio da eletricidade."

Pergunta: "As ondas etéricas da telegrafia sem fios passam por cima ou através da Terra, montanhas e mares?"

Resposta: "Por cima. São intercetadas por uma camada de resistência etérica e depois desviadas para baixo." (Esta é a melhor interpretação que consigo dar do que foi dito.)

Pergunta: "Existe um planeta para além de Neptuno?"

Resposta: "Não."

Galileu foi seguido pelo pai de Iola, com quem tive uma conversa sobre assuntos familiares — muito convincente quanto à identidade, embora sem interesse para o público.

Durante esta sessão, as condições atmosféricas eram perfeitas; o ar seco e calmo, temperatura entre 5° e 15°, e o sol brilhou quase o dia todo.

Segunda-feira, 16 de Janeiro de 1911. Sessão de meia hora com a Sra. Wriedt, às 11h, a sós.

O "Dr. Sharp" apareceu e disse que talvez fosse melhor adiarmos, pois eu não estava bem; mas acabou por permitir a entrada da "Iola". A minha guia surgiu diante de mim em forma fantasmagórica e deu-me muita informação sobre a história familiar. Perguntei-lhe se se lembrava das brincadeiras que tínhamos em crianças, nas férias, numa certa casa em Londres.

Ela respondeu: "Oh, sim; mas já falei contigo sobre isso há dois anos." (É verdade que a escrita da Sra. Georgia, de fevereiro de 1909, contém referências a esse assunto.)

Segunda-feira, 16 de Janeiro de 1911. O Dr. John e eu sentámo-nos com a Sra. Wriedt das 16h50 às 17h50.

Primeiro, uma voz infantil dirigiu-se a mim: "Sou a Ada Newton, e quero que diga ao meu papá que o mano tirou de mim o anel que ele me deu, pois quer entregá-lo ao papá pessoalmente."

Pergunta: "Como era o anel, querida?"

Resposta: "Era um anelzinho fino, com aro de ouro."

Pergunta: "Tinha alguma marca?"

Resposta: "Sim; por dentro tinha um 'um' e um 'quatro' e um 'k'."

Pergunta: "A Sra. Wriedt vai contar à tua mãe, querida."

Resposta: "Quero que diga ao meu papá."

Houve um intervalo de cerca de quinze minutos. Depois veio o "Dr. Sharp". Perguntou-me se não sentia dores nas pernas. Respondi que sim. Disse que eu era frequentemente "utilizado", mas que devia recuperar o meu magnetismo dez minutos após sair da sala, acrescentando: "Ficará bem se tomar aquele medicamento." (Graças ao Dr. John, tinha duplicado a dose do meu remédio habitual para a gota às 9h da manhã.)

Disse: "Acredito que tenho o chamado 'dom da cura'."

Resposta: "Já não muito. Perdeu muita da sua vitalidade. Há dez ou doze anos, tinha esse poder."

A seguir manifestaram-se dois espíritos em simultâneo — uma irmã do Dr. John, falando alto pela trombeta, e "Iola", em voz direta. Expliquei a esta última como tinha compreendido parte da conversa da manhã; a voz da irmã do Dr. John era tão forte que impedia ouvir claramente a minha guia. As duas conversas duraram cerca de dez minutos.

Depois surgiu o Dr. Graham, antigo amigo pessoal do Dr. John e reputado médico em Toronto, falecido há onze anos. Disse: "Não foi excelente a operação desta tarde? Reparaste como ele teve cuidado em não puxar demasiado os intestinos e o rim para a esquerda, para evitar forçar a ligação com a bexiga? Nunca vi uma operação tão bem executada. Que habilidade! Vais lá amanhã? Devias."

(Às três da tarde, o Dr. John regressara do hospital, onde assistira a uma importante operação de nefrocolopexia. Estava muito interessado, pois o procedimento fora realizado pelo próprio inventor da técnica e correu bem. Seguiu o conselho do Dr. Graham, alterou os planos e permaneceu mais um dia, indo ao hospital na manhã seguinte.)

A sessão terminou com uma visita da mãe de "Iola". As condições atmosféricas continuavam perfeitas.

A Sra. Wriedt e eu contactámos a Sra. Newton por telefone a respeito da mensagem de Ada. A verdadeira explicação foi-me dada pelo Sr. Newton a 22 de Janeiro de 1911. No dia 29 de Dezembro de 1910, numa sessão em casa dos Jonson, o Sr. Newton deu à sua filha no plano espiritual um pequeno anel, que ela levou consigo para o gabinete. Pouco depois, voltou e mostrou o anel no dedo. O Sr. Newton instruiu-a para procurar, no plano espiritual, a dona

original do anel e entregá-lo — uma senhora muito querida por ele. Acrescentou que não sabia se o anel tinha alguma marca no interior, mas, se tivesse, estava provavelmente tão gasto que já não seria visível.

O destino quis que eu fosse testemunha da continuação deste pequeno e comovente episódio. Por acaso, consegui assistir a uma sessão na casa dos Jonson, no dia 3 de fevereiro, acompanhado pelos Newton. O filho deles materializou-se e aproximou-se do pai, dizendo, em voz muito baixa:

"Avó Newton envia o seu amor."

O pai estendeu a mão; o anel foi deixado nela. Ele entregou-mo de imediato e, quando consegui luz suficiente para o examinar, vi que era exatamente como descrito pela Ada: um anel "fino, com aro de ouro" e, no interior, a inscrição "14 K". Ada apareceu depois do irmão, mas mal conseguiu falar.

Disseram-me os presentes que a materialização de Ada em 29 de dezembro fora de uma beleza notável — tinha uma coroa de flores na cabeça e trazia flores nas mãos. No dia 8 de fevereiro (quando a vi), também estava muito bonita. O ponto essencial desta história é que o "anelzinho fino de aro dourado" fora usado, toda a vida, pela mãe do Sr. Newton. Este facto era desconhecido por mim, pelos Jonson e pela Sra. Wriedt. Fiquei grato por os guias espirituais dos Newton me terem permitido testemunhar esta prova tão elegante.

Terça-feira, 17 de Janeiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt às 11h. A única entidade a manifestar-se foi a "Iola", com quem tive uma breve conversa; na prática, foi uma sessão sem resultados.

Às 16h50 voltámos a tentar. "Dr. Sharp" e "Iola" apareceram. Discutimos as impressões que surgiram em algumas das minhas fotografias antigas, ao longo dos últimos sete anos. Ela afirmou que o poder para isso provinha de alguém no meu agregado familiar que é médium. "Dr. Sharp" aconselhou-me a não fazer mais sessões no dia seguinte, pois estava demasiado fraco. A esta altura, sentia-me tão esgotado que mal me aguentava de pé, e segui o seu conselho.

Domingo, 22 de Janeiro de 1911, das 14h às 16h.
Com a Sra. Wriedt. O grupo era composto por Miss Ada Besinnet (a célebre jovem médium de Toledo), o Sr. e a Sra. Murray Moore (pais adotivos dela), dois amigos deles de Detroit, e eu. Curiosamente, os Moores e Ada nunca tinham conhecido a Sra. Wriedt — e foi graças a mim que se encontraram. Sentei-me ao lado da Miss Ada. O seu guia espiritual é um índio chamado "Black Cloud", que fala através dela. Ela começou a entrar em transe ao meu lado, quando ouvi uma voz baixa:

"Eu não te ponho a dormir. Eu... vou."

A jovem permaneceu acordada até ao final da sessão.

"Dr. Sharp" apareceu duas vezes e cerca de dez espíritos, entre familiares e amigos do grupo, identificaram-se com êxito.

A minha guia veio cedo e conversou com Miss Ada; depois dirigiu-se à outra ponta do círculo e identificou-se à Sra. Moore. Ela e Miss Ada cantaram juntas um trecho de uma canção indígena. Outro espírito cantou algumas linhas de "Home Again" com a jovem médium. "Silvermoon" também apareceu (ele manifesta-se com frequência nas sessões de Ada), deu o seu grito de guerra, conversou brevemente, mostrou o seu disco luminoso e desapareceu.

Para mim, o momento mais interessante da sessão foi a manifestação de uma rapariga indígena chamada "Pansy". "Pansy" era um dos espíritos familiares de Maggie Gaule e, desde a trágica morte dessa médium em 1910, tornou-se mais livre para se manifestar por conta própria. Atualmente, parece acompanhar o Professor Hyslop nas suas investigações — e fazer troça dele.

Depois de se anunciar, disse que viera com o Chefe Jim (James Hyslop). Dirigiu-se à Sra. Moore e disse:

"Quero contar-te uma coisa, mas não contes a mais ninguém — é um segredo entre nós. Agora..." (virando a voz para nós), "vocês aí, tapem os ouvidos enquanto eu falo com a 'squaw'."

(Naturalmente, não o fizemos e ouvimos com atenção.)

"Sabes quem te pôs ideias na cabeça para responderes ao Chefe Jim?"

(Todos soltaram uma gargalhada.)

"Eu disse que era segredo para a 'squaw'!" (indignada)

"Vocês não escutem! Tapem os ouvidos, estou a dizer-vos."

Depois, para a Sra. Moore:

"Sabes quem te pôs essas ideias na cabeça para dizeres ao Chefe Jim? Foi a Maggie Gaule."

Disse outras coisas engraçadas que divertiram o grupo inteiro.
(James Hyslop tinha acabado de deixar Toledo após uma análise exaustiva a Miss Ada Besinnet, e travara várias discussões com a Sra. Moore, que frequentemente contestava os seus argumentos.)

As condições atmosféricas estavam perfeitas.

Segunda-feira, 23 de Janeiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 19h10 às 20h10.

Após vinte minutos de espera, tive uma longa conversa com a minha guia. Ela disse:
"Como eu gostava de poder escrever-te uma cartinha de vez em quando e deixá-la aos cuidados da Miss Searle."

(Fiquei confuso durante um ou dois minutos, sem perceber a que se referia.)

Perguntei: "Não percebo bem."

Resposta: "Miss Searle — a pequena estação dos correios."

(O posto de correios mais próximo da minha casa é uma loja dirigida por uma senhora chamada Miss Searle. Considero isto uma prova extraordinária, pois revela familiaridade da minha guia com os arredores da minha residência.)

E ainda:

"Como eu gostava de poder dar um pequeno passeio contigo pelo caminho de Southsea até Portsmouth."

(Isto é também uma excelente prova. Uma vez — e apenas uma — caminhei com a Iola de Southsea até Portsmouth. Foi em 1861, e nessa altura não havia estrada, apenas um trilho.)

"Dr. Sharp" apareceu para esclarecer partes da conversa que eu não tinha entendido. Condições atmosféricas perfeitas.

Terça-feira, 24 de Janeiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 17h às 17h40. Catherine manifestou-se por alguns minutos; depois Iola, que cantou alguns compassos de uma canção.

Pergunta: "Se eu colocar uma linha de cartões sobre a cómoda do meu quarto, podes pegar num deles?"

Resposta: "Não posso fazer isso, porque tu não és médium de materialização."

De seguida, deu-me informações sobre o estado de saúde da minha esposa — mais tarde verifiquei que estavam corretas.

Perguntei então pela Sra. Georgia, que estava internada num hospital em Rochester.

Resposta: "Ela está muito melhor."

Pergunta: "Achas que os seus poderes voltarão?"

Resposta: "Oh, claro, à medida que a força física regressar."

Pergunta: "Vale a pena ir a Rochester?"

Resposta: "Penso que não. Ela ainda não tem força suficiente."

Pergunta: "Vês com frequência a...?" (a minha filha casada)

Resposta: "Todos os dias."

Pergunta: "Sabes qual dos filhos dela nasceu no teu aniversário?"

Resposta: "O segundo." (correto)

Pergunta: "Qual é o nome dela?"

Foi dado um nome carinhoso, que estava correto.

Quarta-feira, 25 de Janeiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 18h30 às 18h55.
Condições atmosféricas más. Tempo abafado e húmido. Degelo.

Tudo o que obtive nesta ocasião foram belas luzes espirituais, do tamanho aproximado de moedas de cinquenta cêntimos, geralmente à altura ou abaixo dos meus joelhos. A médium, no entanto, viu uma forma e mencionou o nome de uma jovem mulher, "Victoria". Este foi o meu terceiro fracasso com a Sra. Wriedt.

Quinta-feira, 26 de Janeiro de 1911. Condições atmosféricas desfavoráveis.
Um velho agricultor, o Sr. R., foi visitar a Sra. Wriedt, talvez com esperança de uma sessão; havia ainda outro visitante, de quem nos conseguimos livrar. Descobrimos que o Sr. R. era bastante surdo, sobretudo do ouvido esquerdo, mas um excelente participante. Sugeri à médium que ele se juntasse à sessão para me ajudar com o seu magnetismo. Foi convidado e sentou-se no lugar de honra, junto às flores. Eu fiquei à sua esquerda, com a médium em frente.

Hora: das 14h30 às 15h30.
"Dr. Sharp" apareceu por alguns minutos e depois enviou a minha guia, que falou durante cerca de vinte minutos, em pé diante de mim — uma figura pequena e delgada. O filho do Sr. R. comunicou com o pai, de forma independente da trombeta, ao mesmo tempo que Iola falava comigo — duas vozes simultâneas.

Entre outras coisas, Iola disse:
"O teu hábito de fumar não impedirá que eu te visite aqui ou em casa."
Respondi: "Tens a certeza? Estive hoje a pensar nisso."
Iola: "Sim, eu sei disso; não me faz mal."

(*Nota: eu não tinha feito qualquer pergunta. A minha guia respondeu a uma dúvida mental que eu tivera horas antes, enquanto passeava. Esta foi a terceira ou quarta vez em que Iola respondeu verbalmente a pensamentos meus, formulados muito tempo antes.*)

Logo depois, surgiu uma voz:
"William, William."

Perguntei: "Sim, qual é o teu nome?"

Resposta: "Roberts."

Pergunta: "'Robarts', queres dizer?"

Resposta: "Não."

Então, uma voz no meu ouvido esquerdo — a da minha guia — disse:

"Está certo. É 'Bobarts'."

Pergunta: "Como estás, A—?" (chamando-o pelo nome próprio)

Resposta: "Estou a incomodar?"

Pergunta: "Não, estou muito contente por te ver."

Resposta: "William, não tens ideia de quanto todos nós estamos a tentar ajudar-te. Pensei que, ao princípio, me considerarias inoportuno."

Pergunta: "De modo algum, A—; fico contente por te ver."

Resposta: "Voltarei um dia. Adeus."

(*Nota: este último visitante era um parente por afinidade, mas éramos praticamente estranhos. Curiosamente, usou o apelido pelo qual a sua família era conhecida no início do século XIX. Tivemos ainda uma conversa sobre as filhas dele no plano espiritual. O marido da filha mais nova acabara de voltar a casar.*)

Pergunta: "Como está a H—?"

Resposta: "Muito bem."

Pergunta: "Ela sabe das últimas mudanças em relação ao filhinho?"

Resposta: "Sim, e está muito contente."

(A filha H— manifestou-se depois.)

"Que alegria ver-te, tio!"

Pergunta: "Muito contente por te ver, H—. Já sabes das novas disposições sobre o teu filhinho?"
Resposta: "Sim; gosto muito dela. No mundo espiritual não há ciúmes. Adeus, tio. Fui trazida pelo pai."

(*Nota: [1] Eu não dissera nada sobre o segundo casamento do marido dela; [2] ela identificou corretamente o nosso grau de parentesco.*)

Um conhecido do Sr. R., falecido havia cerca de uma semana, manifestou-se e conversou com ele, animadamente, durante uns cinco minutos.

Depois surgiu Sir W. W., a quem disse:

"Bem, Sir W., já falei consigo antes; foi o senhor que trouxe o Sr. Gladstone no outro dia."

Resposta: "Sim, tive muito gosto nisso; ele foi o nosso Primeiro-Ministro na Terra, e é um primeiro-ministro aqui."

Pergunta: "Na Terra, nós não concordávamos sobre este tema, pois não?"

Resposta: "Não; mas agora estou-lhe muito grato, e feliz por termos trocado correspondência naquela altura. Desejo-lhe todo o sucesso. Adeus."

Surgiram muitas luzes espirituais, algumas do tamanho de moedas de meia coroa. (Como esperava, não fui energeticamente solicitado durante esta sessão; mas o Sr. R. desceu, atirou-se para uma poltrona e dormiu durante uma hora e meia. Ao lanche, agradeci-lhe a ajuda, e ele disse:

"Waal, waal, fiquei mesmo esgotado; mas se te ajudei, então fico mesmo contente.")

Sexta-feira, 27 de Janeiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 9h30 às 10h. Condições atmosféricas desfavoráveis; degelo e alguma chuva. Muitas flores sobre a mesa.

A médium disse: "Vejo um homem baixo e atarracado, com barba; é bem-apessoado; tentou eterealizar-se." (Não foi reconhecido.)

A minha guia tentou materializar-se junto às flores e noutras partes da sala; esforçou-se por mostrar o rosto. Após cerca de quinze minutos de espera, falou durante uns vinte minutos sobre assuntos sem interesse para o leitor, mas que para mim foram muito convincentes, pois demonstravam claramente que tinha conhecimento de tudo o que eu fazia e do que se passava na minha casa (o que viria a ser confirmado).

A Sra. Wriedt disse: "Vejo o nome 'Stone'."

Uma voz: "O meu nome é Stone."

Pergunta: "Só conheço um 'Stone'. Era o Astrónomo Real no Cabo da Boa Esperança."

Resposta: "Sou eu, e estou muito contente por estar aqui esta manhã. Resolvi vir graças à nossa antiga ligação. O Sr. Gladstone falou-me de si; está muito interessado nestes fenómenos."

Pergunta: "G. está certo ao supor que há estrelas de primeira magnitude sem paralaxe?"

Resposta: "Está."

Pergunta: "Falei recentemente com Sir Isaac Newton, e ele disse que a gravidade podia ser contrariada pelas vibrações de uma nota musical." *(Ver sessões com "Kaiser.")*

Resposta: "Ah! ah! Newton teria alguma dificuldade em explicar isso!"

Pergunta: "Existe algum planeta para além de Neptuno?"

Resposta: "Sim, mas é inabitado."

(Mencionei Galileu, e Stone disse: "Ah, ele é um espírito bem conhecido por aqui.")

Pergunta: "Sabe algo sobre Marte?"

Resposta: “Marte será, um dia, ligado à Terra por via elétrica. Os seus habitantes são baixos, de pele escura e têm organismos adaptados à atmosfera rarefeita e ao calor intenso. Ainda continuo a trabalhar em problemas astronómicos. Adeus.”

(109) Terça-feira, 7 de fevereiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 13h30 às 14h30.
Apenas se manifestaram a minha guia e o Dr. Sharp.

Iola deu-me informações sobre o estado de saúde da minha esposa que, à chegada a Inglaterra, verifiquei estarem corretas.

Pergunta: “O que me viste a fazer no domingo à tarde?”

Resposta: “Estavas com o Sr. e a Sra. Z.”

Pergunta: “Para onde fui com o Sr. Z.?”

Resposta: “A casa da Sra. J.” (Correto.)

Pergunta: “Sim, mas para onde mais fomos?”

Resposta: “A casa de uns jovens — sobrinhas, creio eu.”

Pergunta: “Sobre o que conversámos, eu, o Sr. e a Sra. Z.?”

Resposta: “Tanto quanto consegui perceber, sobre o teste Bangs e os fenómenos, em geral.”

(*O que aconteceu foi o seguinte: o Sr. Z. veio buscar-me de automóvel, logo no início da tarde, e visitámos, primeiro, a cunhada dele e duas sobrinhas viúvas de idade avançada, incluindo a Sra. J., todas residentes na mesma casa. Depois, fomos à casa das duas filhas mais novas dele, que moravam noutra zona da cidade. Por fim, seguimos para a casa dos próprios Z., onde os três mantivemos uma longa conversa — principalmente sobre as recordações extraordinárias da Iola, que, durante semanas, me vinha dando informações corretas sobre acontecimentos de quase meio século atrás.*

O teste Bangs e os fenómenos em geral foram, sem dúvida, mencionados. Este episódio mostra que a leitura da mente pouco explica, visto que os acontecimentos de domingo à tarde em Toledo — a 80 a 100 km de distância — estavam claramente presentes na minha consciência, e, mesmo assim, a descrição recebida por voz não foi totalmente exata. Mostra também que nem mesmo um guia vê ou ouve tudo, mas apenas retém um conhecimento geral do que afeta o seu protegido nas atividades do quotidiano.)

Dr. Sharp apareceu e disse algumas palavras. Afirmou ter estado presente quando a imagem foi precipitada em Chicago, e disse que a admirou. Declarou que as irmãs Bangs estavam muito exaustas, mas voltou a elogiá-las pelo bem que faziam.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 1911, das 19h15 às 20h25. Sessão a sós com a Sra. Wriedt.
Primeiro surgiu o Dr. Sharp, que me assegurou que estivera comigo em Chicago, e que o seu rosto fora impresso na tela, perto de mim — assim como o rosto do pai de Iola.

Depois vieram familiares e amigos, que falaram sobre assuntos privados. A confirmação de que os rostos do pai de Iola e do meu pai tinham sido impressos na tela em Chicago foi plena. A minha guia referiu-se ao meu pai pelo seu nome próprio (bastante invulgar), sem qualquer indicação da minha parte.

Condições atmosféricas boas.

Quarta-feira, 8 de fevereiro de 1911, das 9h15 às 10h05. Sessão a sós com a Sra. Wriedt.
O Dr. Sharp manifestou-se no início e no fim da sessão. Iola falou sobre assuntos privados durante pelo menos meia hora. Ocorreram várias tentativas de eterealização. A minha guia materializou-se particularmente bem em forma — o rosto tornou-se visível, mas, por mais que me esforçasse, não consegui distinguir os traços com nitidez suficiente para garantir identificação. Ela queixava-se frequentemente, em tom de genuína preocupação:
"Não consigo perceber porque não me consegues ver."

(110) Sábado, 11 de fevereiro de 1911, das 13h15 às 14h15. Sessão a sós com a Sra. Wriedt.
O Dr. Sharp apareceu com saudações calorosas. Referindo-se a algumas sessões recentes em Toledo, disse:

"Admiral, extraíram-lhe muita energia. Era necessário; a força tem de vir de alguém. Vou trazer-lhe um índio."

Seguiu-se uma troca de perguntas e respostas sobre o tema da materialização. (*Na véspera, estivera com Jonson. Ele não se sentia bem — suspeitava de lumbago.*)

Então ocorreu um incidente surpreendente. "Grayfeather" (o guia espiritual de Jonson, que nunca antes se havia manifestado junto de Sr.ª. Wriedt) falou em voz alta:

"Chefe vindo de além do grande lago, quero dizer-te algo. O meu médium não está em condições, por uma ou duas semanas. Sinto muito. Fiz tudo o que pude por ti, mas não posso mais. Não mato o meu médium por ninguém. Entendes, chefe. Joe (Jonson) está pior do que ontem. Impeli-te a afastar-te. Ele não sabe que estou aqui, nem que tu estás. Descobri com 'doce anjo' onde estavas. O problema é nos rins, não é lumbago, e está mal desde que pendurou aquele papel na parede. Não posso fazer mais por ti. Lamento."

Pergunta: "E quanto ao coração do Sr. Jonson, Grayfeather?"
Resposta: "Ele não tem coração, e os rins estão todos em apuros. A 'squaw' Jonson também está doente."

Sr.ª. Wriedt comentou: "Pergunto-me se isso será mesmo verdade."
Respondi: "Acredito que sim."

Grayfeather: "Nunca minto. Se digo que não posso fazer nada, é porque não posso."

Disse então: "Lembro-me de teres contado uma história perfeitamente verdadeira há dois anos, Grayfeather. Obrigado pela mensagem. Escreverei ao teu médium esta tarde. Diz-me: como foi que a minha guia conseguiu soltar a mão dela da minha, no outro dia?"

Grayfeather: "Eu ajudei-a, e retirei energia das tuas pernas para a manter de pé. Extraí muito de ti. Se não o fizesse, a forma espiritual desmoronar-se-ia."

Pergunta: "Então é prejudicial para o médium quando uma forma se desmaterializa rapidamente?"

Resposta: "Devem desaparecer lentamente. Chefe, posso visitar-te além do grande lago?"

Pergunta: "Ficaria muito feliz, Grayfeather, se o fizeres. Muito obrigado. Até à próxima. Espero regressar dentro de dois anos."

Resposta: "Não sei se Joe ainda estará aqui nessa altura..." (com tristeza) "Quando ele se for, eu vou também."

(*Um aspeto notável da visita de "Grayfeather" foi que a sua voz direta era muito semelhante à voz que usa ao falar através do organismo de Jonson em Toledo.*)
No final da sessão, escrevi a Jonson, dando-lhe conta do aviso de Grayfeather. Dois dias depois, a 13 de fevereiro à tarde, fiz-lhe uma visita. Encontrei-o finalmente disposto a encarar com seriedade a sua doença. Cancelámos todos os compromissos. Não voltei a vê-lo desde então.

A minha guia apareceu para uma longa conversa.

Pergunta: "Sabes onde estive ontem?"

Resposta: "Sim."

Pergunta: "Houve apenas um fenómeno na casa de Jonson?"

Resposta: "Sim, a trombeta; eu disse 'Iola'." (*Correto.*)

Pergunta: "E à noite, onde estive?"

Resposta: "Na casa da jovem doce." (*Correto, referindo-se à sessão com a jovem médium Ada.*)

Pergunta: "Quem escreveu aquelas mensagens para mim?"

Resposta: "A médium escreveu todas; escrita automática."

Domingo, 12 de fevereiro de 1911. Sessão de meia hora com a Sra. Wriedt pela manhã.

Dr. Sharp surgiu primeiro:
"Lamento o estado das tuas pernas. Tens sido terrivelmente drenado. Vais para Rochester."

Pergunta: "Como sabe disso, doutor?"

Resposta: "Iola contou-me. Aquela médium (Sra. Georgia) está muito melhor, e penso que talvez consigas obter algo."

Depois, conversei com a minha guia, principalmente sobre impressões em fotografias antigas.

Grayfeather apareceu inesperadamente:

"Chefe, lamento que as tuas pernas estejam tão mal."

Em resposta às minhas perguntas sobre Jonson, disse:

"Ele anda por aí, sorri, tenta parecer bem, mas devia estar deitado, na cama. Vim, chefe, magnetizar-te as pernas."

(*Estava a pensar se conseguiria regressar em segurança a Toledo. O meu comboio partia dali a uma hora. Depois da sessão, senti-me melhor do que em muito tempo, e consegui cumprir a viagem e os compromissos da tarde sem dificuldade.*)

Terça-feira, 14 de fevereiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 14h15 às 15h15.

Dr. Sharp falou com entusiasmo sobre Jonson, Dr. John e as mensagens de Grayfeather: "Esperamos evitar qualquer cirurgia. Não queremos que ele morra, sabes? O Dr. John recebeu a tua carta e ficou muito satisfeito."

Pergunta: "Porque razão uma figura histórica como Galileu viria até mim?"
Resposta: "Não podem vir personificações até ti. Se Galileu sentisse que poderia ajudar os que continuam o seu trabalho, fá-lo-ia. O Sr. Gladstone também veio até ti, até ao Coronel —, e a muitos outros."

Antes de o controlo terminar, Iola falou, e Sharp disse:
"Acho melhor eu ir agora."
Seguiu-se uma longa conversa com a minha guia.

Dr. Sharp regressou para me dar informações muito interessantes sobre o meu filho e outros membros da família.

Desta vez, a Sra. Wriedt, por iniciativa própria, decidiu trazer as flores. Com algum esforço, comprou um monte de narcisos e outras. Ao despedir-se, Iola disse:
"Obrigada, Sra. Wriedt, por tudo o que fez e pelas flores."

Quarta-feira, 15 de fevereiro de 1911. Sessão com a Sra. Wriedt, das 11h30 às 12h15. As condições não eram boas (degelo).

A minha guia foi a única a manifestar-se. Assim que nos sentámos, a médium exclamou:
"Oh, há uma luz maravilhosa à altura dos seus joelhos!"

Como Iola disse que trouxera Grayfeather consigo, presumo que era o "tratamento" a decorrer.

Segundo um acordo prévio, testei Iola sobre três fotografias tipo *carte-de-visite* que tinha colocado sobre o aparador do meu quarto na noite anterior.

Pergunta: "De quem eram as fotos e como estavam dispostas?"

Resposta: "A minha, segurando uma carta, estava à direita; a do chapéu estava no centro; a da crinolina, à esquerda." (*Correto.*)

Pergunta: "A da esquerda era a tua irmã?" (*uma menina com vestido de crinolina antiquado*)

Resposta: "Sim, sim, eu disse isso. Com os dois pôneis."

(Fiquei confuso por um momento, até me lembrar que, na mesa junto à fotografia, havia duas pequenas estátuas de bronze em forma de cavalos.)

Pergunta: "Não compreendo… pôneis?"

Resposta: "Sim, dois cavalinhos em cima da mesa."

Iola falou durante trinta e cinco minutos sobre assuntos familiares. Entre outras coisas, disse:

"Gostava que ficasses em Rochester no domingo e falasses na igreja."

Respondi: "Receio que não possa, tenho compromissos em Nova Iorque na segunda-feira."

(Isto revelou-se um erro; o compromisso era na terça.)

Iola: "Bem, não quero pedir-te nada que seja inconveniente."

(Depois da sessão, consultei o meu caderno e percebi o erro. No dia seguinte, pedi desculpa a Iola por ter recusado, e expliquei como se deu a confusão. Ela respondeu: "Eu sabia disso, mas não insisti porque não tinha a certeza se algo novo teria surgido para alterar os teus planos.")

Quinta-feira, 16 de fevereiro de 1911. Sessão com a Sra. Wriedt, das 11h30 ao meio-dia.

A minha guia descreveu corretamente o que eu fizera na noite anterior: "visitas, jantar com amigos, conversa."
Também descreveu com exatidão a disposição das cartas no aparador ao meu regresso a casa.

Antes de ela falar, surgiu um homem dizendo ser pai de um Almirante F. da nossa Marinha.

Pergunta: "Quer que diga isso ao seu filho?"

Resposta: "Oh, não; ele não compreenderia."

(*Não vi utilidade nesta visita. O nome estava correto; conheço o oficial em questão.*)

(111) Quinta-feira, 16 de fevereiro de 1911, das 14h às 15h45. Sessão com a Sra. Wriedt, o Sr. e a Sra. Z.

Dr. Sharp surgiu primeiro e falou bastante. Disse que Grayfeather seria chamado.

Houve várias eterealizações, mas nenhuma me satisfez muito.

Cerca de vinte minutos após o início, Iola apareceu. Após espalhar umas gotas de água das flores (algumas tocaram em mim e na Sra. Z.), fez um pequeno e elegante discurso, agradecendo ao casal Z. pela gentileza demonstrada durante a minha estadia em Toledo.

Pansy voltou.

É-me impossível transmitir o que esta rapariga indígena disse. Com os seus "yah" (em vez de "yes") e risadinhas, e os comentários sobre o Chefe Jim — a quem chamou "penso rápido" — manteve-nos a rir durante dez minutos. A sua maneira era inimitável. Disse que a sua amiga "Maggie Gaule" se manifestara após a morte, em Nova Iorque, onde tinha muitos amigos.

Depois vieram:

- Vários familiares do casal Z., e dois amigos.
- Silvermoon, com o habitual grito de guerra e cântico. Mostrou um disco fraco e partiu.
- Edna, a freira, que se eterealizou e falou com os Z.

Grayfeather manifestou-se e disse que Jonson não estava pior:
"Acho que o vi escrever esta manhã — talvez para o Dr. John. A 'squaw' Jonson está preocupada com o Joe. Ele faz o melhor que pode."

Depois, dirigindo-se a mim:
"Chefe, magnetizo-te as pernas. Fui até ao teu wigwam [casa]; fica num terreno irregular. A casa estava toda fechada. Vi a tua esposa a pôr o chapéu. Acho que havia três 'squaws' dentro. Vi uma sala lá em baixo, com uma grande lareira. Três retratos da Iola lá. Subi escadas, rodando, rodando, até encontrar o teu quarto. Cama grande, com colunas. Cama de madeira."

P.: "Não, Grayfeather, não é madeira; os botões parecem dourados."

R.: "Isso não é ouro, chefe — é lacado."

P.: "Viste Hipátia e Cleópatra?" (referindo-se aos quadros)

R.: "Não! Que me interessam essas squaws?"

(*Tenho três retratos precipitados da minha guia na biblioteca do rés-do-chão e uma cópia. O 'à volta, à volta, à volta' é bem ilustrativo, pois há cinco lances de escadas desde essa sala até ao meu quarto; a cama de madeira não entendo bem.*)

Quinta-feira, 16 de fevereiro de 1911. Sessão de cerca de meia hora com a Sra. Wriedt. A minha guia surgiu e falou exclusivamente sobre assuntos de família.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1911. Sessão a sós com a Sra. Wriedt, das 11h00 às 12h00. Conversas com Iola e o pai dela sobre assuntos familiares. Parti para Rochester à tarde.

(112) A Sra. Wriedt veio visitar amigos em Nova Iorque no dia 28 de fevereiro de 1911. A senhora anfitriã teve a amabilidade de me permitir uma sessão privada com a médium na manhã do dia 24 de fevereiro, das 10h05 às 11h15. Condições atmosféricas perfeitas.

A esta altura, a minha guia estava já muito hábil no uso da voz direta, com ou sem a trombeta. Contudo, não esperava que demonstrasse tanto poder como nesta sessão. Após cinco minutos de silêncio, ela deu sinal através da trombeta e falou durante cinquenta minutos sobre assuntos privados importantes.

P.: "O que estava eu a fazer na noite anterior?"

R.: "Às 8h20, visitámos uma casa em [nome omitido]..."

Seguiu-se um pequeno relato que demonstrava familiaridade com os moradores da casa e conhecimento preciso dos seus objetivos de vida. Não tive dúvidas de que estivera comigo nessa visita.

Dr. Sharp surgiu em seguida por cinco minutos e despediu-se calorosamente, no seu estilo habitual. Parti para Inglaterra na manhã seguinte.

Reflexões finais sobre as minhas experiências com a Sra. Wriedt na América:

Não tenho qualquer dom mediúnico recetivo e não reivindico maior acuidade sensorial do que a média dos homens da minha idade. Tenho consciência de que, durante as sessões com esta médium extraordinária, posso ter perdido muito daquilo que homens mais jovens ou com um mínimo de clarividência teriam ouvido ou visto. Por vezes, outros ouviram mensagens que me escaparam e viram formas e rostos que eu não consegui distinguir. Por isso, o relato que deixo não é uma medida plena do que habitualmente ocorre na sua presença.

Nenhuma outra médium me aproximou tanto da vida espiritual. Foi graças à Sra. Wriedt que obtive a certeza absoluta da proximidade dos meus entes queridos já falecidos, e sinto-me profundamente grato por ela me ter facilitado tanto essa descoberta. É uma posse de valor incalculável — sobrevive ao tempo e coloca o homem afortunado que a detém numa posição de certeza de que a morte não tem aguilhão, nem a sepultura vitória; de que tudo o que é, está certo; de que tudo coopera para o bem; e de que a nossa breve passagem pela Terra, enquanto adquirimos a nossa individualidade, é apenas o prelúdio de uma vida mais elevada e com maiores possibilidades de utilidade e crescimento.

A Sra. Wriedt acredita que não existem entidades malignas. Nenhuma jamais entrou na sua sala. Demorei algum tempo a explicar-lhe que essas entidades existem — em grande número — e que é graças à vigilância do Dr. Sharp que são mantidas afastadas. As comunicações espirituais na presença dela expressam todas as emoções humanas, exceto a raiva. Moderação, tato e bondade são as palavras de ordem. É, sem dúvida, abençoada por ser um instrumento

passivo de consolo e descanso para centenas de pessoas, e de esperança para milhares que entraram em contacto com o seu poder mediúnico. Espera-se que a sua vida, frágil como é, possa ser preservada por muitos anos. Estou também profundamente grato ao seu jovial guia, o Dr. Sharp, que agora considero um velho amigo.

A. W. Kaiser

Escrevi sobre este médium no Capítulo VIII.
É um jovem honesto e viril. Desde 1909, desenvolveu-se bastante. A sua forma de mediunidade é a "voz directa", através da trombeta no escuro; não há eterealizações. As sessões são breves.

Vive na Cass Avenue, 297, em Detroit. Descobri que ele não se recordava de mim até estarmos quase no fim da primeira sessão, quando as comunicações dos espíritos que me falaram o fizeram lembrar-se dos nossos encontros anteriores. Ele não entra em transe e ouve tudo o que se passa, tal como a Sra. Wriedt.

O MÉDIUM DA TROMBETA KAISER

Segunda-feira, 28 de Janeiro de 1911. Estive sozinho com Kaiser, das 10 às 11 da manhã. As condições atmosféricas estavam perfeitas.

Iola apareceu e falou sobre a próxima reunião em casa dos Jonson; depois, um irmão meu; a seguir, Kitty, uma das frequentadoras habituais do gabinete dos Jonson, que disse que faria o seu melhor para garantir boas condições para as minhas próximas experiências em Toledo.

Depois veio um cunhado; depois, uma rapariga indígena, guia de Kaiser, chamada "Leota"; apresentou-se com uma pequena nota aguda, "Who! who! who!", mas tinha pouco a dizer. Em seguida, manifestou-se Grayfeather: "Eu ajudo-te; eu tento criar boas condições para tu sentares com o meu médium." Foi seguido pela minha irmã Catherine, que disse: "Estamos todos aqui."

P.: "No outro dia, na casa dos Jonson, depois de te beijar, pus a mão no teu ombro e não senti nada. Como explicas isso?"
R.: "Estava a começar a desmaterializar-me."

Por fim, o espírito de controlo do Sr. Kaiser, Dr. Jenkins, que falou bem e claramente, e moveu-se à minha volta a meu pedido, mostrando que podia falar de qualquer ponto da sala.

O médium estava sentado de frente para mim, com os nossos joelhos separados por cerca de setenta e cinco centímetros.

Terça-feira, 24 de Janeiro de 1911. Com Kaiser, das 10h28 às 11h.

Primeiro Iola e o seu irmão; depois, o Dr. Richard Hodgson, que cumprimentou.

P.: "Sabes o que o Hyslop tem feito ultimamente?"

R.: "Sim; está a investigar." (O nome ficou indistinto.)

P.: "A investigar o quê?"

R.: "Em Toledo, a investigar a Ada."

P.: "Queres dizer Ada Besinnet?"

R.: "Sim."

(Dois dias antes, o Professor Hyslop deixara Toledo após uma semana de sessões com a Srta. Ada. Desde então, publicou um relatório sobre a sua notável mediunidade.)

Depois surgiu Catherine, que disse também estar a tentar ajudar a criar boas condições para as minhas experiências finais com Jonson. Foi seguida por Sir Isaac Newton. Repeti a nossa conversa de 4 de Fevereiro de 1909 (ver *Light*, 1909, página 814, e Capítulo VIII deste livro), que ele confirmou. Eu disse:
"Estamos sempre com dificuldades em relação a personificações."

Ele respondeu: "Há de facto personificações, mas nunca ocorrem com investigadores sinceros."

P.: "Sabes se a 'Cleópatra' e a 'Hipátia' que se manifestam comigo são personificações ou não?"

R.: "Não posso dizer sem investigar; mas, vindo elas ter contigo, não acredito que sejam."

P.: "Existe um planeta para além de Neptuno?"

R.: "Existe; e os astrónomos do vosso lado estão, creio eu, à procura dele neste momento."

P.: "O Galileu veio ter comigo outro dia e disse que não existia. As ondas etéreas da telegrafia sem fios passam através da terra e das montanhas ou por cima?"

R.: "Como o éter está em todo o lado, elas passam através de tudo; as vibrações das ondas etéreas para telegrafia sem fios são análogas aos raios X, que, como sabes, conseguem atravessar obstáculos sólidos. Existem divergências de opinião do nosso lado, tal como do vosso. Muitos homens de ciência continuam a trabalhar aqui e a fazer experiências no plano terrestre. Eles influenciam os mortais."

P.: "Tenho um amigo em Inglaterra, a viver em Wiltshire, que tem trabalhado há muito sobre a teoria da gravitação que me deste da última vez que nos encontrámos."

R.: "Sim, eu sei; fui eu que o influenciei."

P.: "Refiro-me ao Almirante F."

R.: "Sim. Tenho trabalhado há bastante tempo aqui na gravitação e na anti-gravitação."

P.: "Duvido que o meu amigo tenha consciência de estar a ser influenciado."

R.: "Talvez não; mas isso não nos preocupa desde que a influência seja eficaz."

Depois apareceu "Blackfoot", um dos guias indígenas de Kaiser, e Leota, com o seu pequeno som "Who! who! who!" Ambos disseram que tentariam ajudar a criar boas condições para as

experiências com Jonson. Por fim, o espírito de controlo, Dr. Jenkins, manifestou-se e disse: "Estamos a tentar criar condições perfeitas para as materializações de Jonson."

P.: "Consegues falar atrás de mim enquanto seguro nas mãos do médium?"

R.: "Vou tentar." (Esta experiência não teve sucesso.)
Condições atmosféricas excelentes.

Quarta-feira, 25 de Janeiro de 1911. Sozinho com Kaiser, das 10h20 às 11h.

Primeiro, manifestaram-se três familiares; depois, Tim O'Brien, um dos frequentadores habituais dos Jonson, que veio explicar que ele e todos os outros estavam a fazer o seu melhor para criar condições perfeitas para as minhas experiências em Toledo.

Foi seguido por Lombroso, o cientista italiano, que disse que atualmente se encontrava a trabalhar na quarta esfera. Quis declarar que "estava satisfeito com a expressão da verdade que transmitiu no plano terrestre." (Isto foi repetido a meu pedido.)

Acrescentou que "as condições astrológicas estavam especialmente favoráveis ao desenvolvimento psíquico." Observei que "Eusapia Palladino não possuía um poder psíquico tão forte como os médiuns desta região", com o que ele concordou.

Lombroso foi seguido por Leota, com o seu "Who, who!", e depois apareceu Blackfoot, que foi enfático: "Eu criar boas condições para o chefe e ajudá-lo nas experiências com o 'Doutor' [Jenkins] e na casa dos Jonson."

Por fim, surgiu o Dr. Jenkins. Perguntei-lhe acerca dos espíritos que se fazem passar por outros. Ele disse: "Eles não se manifestam a investigadores de mente séria. O teu desenvolvimento aqui elevar-te-á rapidamente na nossa vida." Esperava conseguir trazer Sir Isaac Newton no dia seguinte.

P.: "Poderás tentar falar atrás de mim enquanto seguro as mãos do médium?"

R.: "Vou tentar."

Aproximei a minha cadeira da de Kaiser e segurei ambas as suas mãos nos joelhos. Após um intervalo de cerca de dez minutos, o Dr. Jenkins falou distintamente, primeiro atrás e acima do meu ouvido esquerdo, depois atrás e acima do direito. Disse então: "Queria que me ouvisses de ambos os lados"; a trombeta foi então deixada cair sobre as nossas mãos unidas, batendo-me na cabeça ao passar.

As condições atmosféricas eram boas.

Quinta-feira, 26 de Janeiro de 1911. Sozinho com Kaiser, das 22h12 às 22h45. Condições atmosféricas desfavoráveis.

Blackfoot, o índio, rosnou em jeito de cumprimento e disse que achava que Sir Isaac Newton viria; ele tinha dito que sim.

Um irmão meu, que raramente se manifesta, apareceu com promessas de ajuda.

ANTI-GRAVITAÇÃO

Depois veio Sir Isaac Newton. Pedi-lhe, se fosse possível, que me explicasse o que queria dizer, numa visita anterior, sobre a anti-gravitação. Ele respondeu: "Estamos a investigar as forças que podem ser geradas para se oporem à gravidade. Existem tais forças. Por exemplo, supondo que se obtém uma nota musical com vibrações iguais às da gravidade, tem-se uma força suficiente para contrariar a gravidade. Se se obtém uma nota musical com vibrações superiores às da gravidade, tem-se uma força anti-gravitacional." A meu pedido, repetiu as palavras "nota musical" duas vezes.

Continuou: "Constrói-se um sino e toca-se. As vibrações 'sonoras' desse sino encontram as vibrações sonoras normais e sobrepõem-se a elas. Estou a influenciar o teu amigo neste assunto."

(Escrevi as minhas notas na sala ao lado imediatamente após a sessão, e concluo que tanto eu como Kaiser estávamos, de certo modo, ainda sob a influência do espírito que ouvimos falar tão claramente momentos antes. Estou certo de que captei com precisão as palavras da mensagem. Kaiser concordou. Pensámos que ele poderia querer dizer: "Existem vibrações musicais que, quando postas em movimento, permitem que objectos próximos superem a força da gravidade." Mas não posso oferecer explicação. Afirmo que estas foram as palavras que ouvi, e deixo-as como estão.)

P. (a Sir Isaac): "Estou certo ao supor que as manifestações psíquicas ocorrem com mais facilidade nesta região, junto aos grandes lagos da América, do que noutros locais?"

R.: "Sim; isso deve-se às condições eléctricas."

Depois Leota soltou o seu "Who, who!" e disse que estava a ajudar a criar boas condições. Foi seguida pelo Dr. Jenkins, que disse: "Hoje de manhã faremos pouco, pois estamos a reunir forças espirituais para te auxiliar nas tuas investigações num futuro próximo. Visitarei-te em Inglaterra; todo o mundo espiritual te irá apoiar no teu trabalho, eu sei, e também ajudará o belo espírito que te acompanha. Adeus."

Como já expliquei acima, as experiências finais a que estas notas se referem — que eu pretendia realizar com Jonson — nunca chegaram a concretizar-se, devido ao seu estado de saúde grave. A minha guia referiu por duas vezes recear que a condição de Jonson não o permitisse, e assim foi.

Não tenho qualquer dúvida de que o Sr. Kaiser é um verdadeiro médium. Tem agora trinta e cinco anos e muito tempo pela frente para se desenvolver como médium, tal como a Sra. Wriedt. Está bem protegido pelo Dr. Jenkins e acredito que terá sucesso. Este médium também é generoso para com os pobres, recebendo muitos sem cobrar. Desejo-lhe todo o sucesso e uma longa vida de utilidade no exercício do seu dom.

EPÍLOGO

Quando me despedi da Sra. Wriedt em Nova Iorque, a 24 de Fevereiro, não imaginei que a voltaria a ver durante muitos anos. Sabia que seria improvável poder deixar Inglaterra durante muito tempo, devido ao estado precário de saúde da minha esposa; no futuro, teria de depender de impressões mentais enviadas pela minha guia para comunicar com o mundo espiritual. Contudo, aconteceu que o Sr. W. T. Stead a convidou para passar algum tempo na sua casa de campo, perto de Londres, nos meses de Maio, Junho e Julho de 1911; graças à sua cortesia, pude novamente usufruir do privilégio de ouvir "As Vozes" e obter mais provas da acção espiritual através da mediunidade dela.

A Sra. Wriedt chegou à casa do Sr. Stead às 13h, na terça-feira, 23 de Maio, e, depois do chá, duas senhoras e eu conseguimos convencer a médium a dar-nos a oportunidade de testar o seu dom numa sala fortemente magnetizada no primeiro andar da casa.

Era de esperar que a capacidade da Sra. Wriedt estivesse bastante reduzida devido à mudança de clima, ou até desaparecesse por completo. Tinha passado dois dias em nevoeiro no mar; fora conduzida por Londres pelo seu anfitrião; e tudo ao seu redor era totalmente novo. É verdade que a casa ficava num local muito tranquilo, a cerca de trezentos pés acima do rio Tamisa, e as influências psíquicas dentro da casa eram das melhores.

Entrámos numa sala completamente escura às 17h05 e permanecemos até às 18h20. Pouco depois de nos sentarmos, "Julia" falou através da trombeta, dando à Sra. Wriedt as boas-vindas. Foi seguida pelo Sr. William Stead, que também saudou a médium; falou com muita clareza e enviou mensagens ao pai. "Julia" convidou-me para a reunião no seu "Gabinete" na noite seguinte.

Depois surgiu "Iola", com quem marquei encontro para as onze da manhã seguinte. Queria especialmente obter algumas informações sobre a minha família. Depois de ela aceitar o encontro, disse estas palavras enigmáticas: "Houve muitas mudanças." Antes de a sua voz se ouvir, a médium disse: "Vejo o nome de –" (o nome terreno de Iola).

Ela também viu o nome de Stuart Knull, que, sem dúvida, era Sir J. Stuart Knill, o falecido Lord Mayor de Londres. Eu conheci-o em vida, tal como o meu pai. O espírito confirmou o seu nome.

Formas muito ténues foram vistas junto ao gabinete por Sr.ª. Wriedt e pelas duas senhoras presentes, ambas com capacidades mediúnicas. Eu só consegui ver uma; a médium demonstrou boa clarividência às duas senhoras. O tempo estava seco e enevoado.

Esta sessão foi, para nós, bastante satisfatória. Ficou claro que o dom de Sr.ª. Wriedt não estava suspenso, e combinámos realizar três sessões no dia seguinte — (1) uma sessão privada para mim às 11h da manhã; (2) uma sessão para um oficial distinto, que vivia a cerca de trinta quilómetros dali, às 14h; (3) a reunião do "Gabinete da Júlia" à noite.

Quarta-feira, 24 de Maio de 1911
Estive sozinho com Sr.ª. Wriedt das 10h50 às 12h15.

Primeiro apareceu a mãe de Iola, falando muito baixo; não consegui perceber o que dizia. Para minha grande surpresa, Grayfeather surgiu com a sua voz forte, para explicar que a Avó

— acabara de me falar sobre "o pequeno papoose". "Estava ao seu cuidado, no 'Jardim de Infância'. Não sofreu qualquer dor, pois morreu durante o sono. Devo dizer isso ao pai."

(Doze dias antes desta sessão, a minha neta mais nova, com cinco meses de idade, foi, como pensávamos, sufocada num incêndio que deflagrou junto ao seu berço. No entanto, as provas apresentadas no inquérito indicavam que a sua vida terminara antes de o fogo a atingir. A médium não sabia absolutamente nada sobre esta tragédia, e as senhoras da casa apenas tinham conhecimento de alguns factos básicos, que nunca mencionaram a Sr.ª. Wriedt.)

A voz de Grayfeather era forte e bastante semelhante à que ouvira em Detroit. Disse que o seu médium (Jonson) estava melhor. O Dr. John tinha-lhe feito bem. "Ele não foi para a cama até tarde ontem à noite." (Ao meio-dia em Inglaterra, são 6h da manhã em Toledo.) O índio prometeu magnetizar-me para que eu pudesse participar nas três sessões desse dia sem sofrer efeitos negativos.

Depois apareceu Iola, que falou durante meia hora sobre assuntos pessoais. Confirmou o que Grayfeather dissera sobre o bebé estar aos cuidados do familiar mencionado e afirmou que isso fora feito para o seu bem. Fisicamente, era uma criança normal, mas psiquicamente não o era. Se tivesse crescido, seria muito mediúnica; agora iria crescer e desenvolver-se no mundo espiritual.

P.: "Mas não é necessária a experiência terrena?"

R.: "Não; será criada aqui."

Iola agradeceu a Sr.ª. Wriedt pela bela moldura que comprara para o seu retrato em Detroit. Disse: "Oh, Sr.ª. Wriedt, gastou demasiado dinheiro nessa moldura." (Isto revela um conhecimento notável do que viu em Detroit duas semanas antes. A informação era totalmente correta.)

Iola foi seguida pelo Dr. Sharp, que disse que auxiliaria os espíritos na sessão da tarde, mas que não se manifestaria se tivesse de falar na reunião do "Gabinete da Júlia" à noite.

O último espírito a manifestar-se foi o Sr. W. E. Gladstone, que me ofereceu promessas amáveis de apoio. Falou de Iola e de um amigo comum. (As vozes, tanto nesta ocasião como na noite de 23 de Maio, eram de tom baixo; com essa exceção, foi uma excelente sessão.)

Quarta-feira, 24 de Maio de 1911. Das 14h05 às 16h15.
Participantes: as duas senhoras da casa, Sir H— S—, o seu amigo, e eu próprio. Quatro espíritos falaram com entusiasmo, mas não conseguiram identificar-se com clareza suficiente para satisfazer Sir H—. No entanto, a esposa do amigo dele, sem dúvida, comunicou com ele.

Iola manifestou-se e disse aos visitantes que os tinha visto a olhar para o seu retrato. Não sei ao certo se se referia ao seu último retrato, exposto na sala de conferências da *London Spiritualist Alliance*, ou às imagens na minha biblioteca. Ambos os cavalheiros tinham visto todas.

A certa altura, disse a Sir H—: "Não viste a coroa à volta da minha cabeça?" — o que remeteria para o retrato em exposição.

Contei a um dos nossos visitantes a história de como Grayfeather tentou instruir-me, em Janeiro de 1909, sobre como me comportar numa sessão; mal eu começara a minha pequena brincadeira, ouviu-se um grito forte à minha frente: "Eu aqui!", e o índio estava entre nós. Disse pouco mais e retirou-se.

Uma das senhoras teve uma conversa clara com o seu marido já no plano espiritual, o que lhe deu grande alegria, partilhada pela filha, que também estava presente.

A ansiedade dos espíritos em identificarem-se perante Sir H— causou alguma confusão na pronúncia dos seus nomes. Espero que ele e o seu amigo voltem a sentar-se com Sr.ª. Wriedt.

A reunião da noite contou com os membros do Gabinete da Júlia e comigo, sob a presidência do Sr. W. T. Stead. Estavam presentes dez pessoas além da médium. Todos eram mediúnicos, exceto um cavalheiro e eu. As condições atmosféricas eram excelentes. Sentámo-nos das 19h15 às 21h15.

Um dos presentes ficou no gabinete e tirou apontamentos em taquigrafia; desempenhou essa tarefa difícil com destreza, e é graças a ele que posso fornecer este relato detalhado.

Após os habituais momentos religiosos que marcam as reuniões do Gabinete da Júlia, a sala foi completamente escurecida; havia duas trombetas de alumínio no chão. Sr.ª. Wriedt viu primeiro uma senhora que falecera de hidropisia e cuja inicial era "E." Eu identifiquei-a como sendo a Avó —, que cuidava da minha pequena neta e que me falara na reunião daquela manhã.

Cantámos então, e um dos espíritos juntou-se a nós, usando uma das trombetas.

"Júlia" falou de seguida através da trombeta e saudou o círculo, terminando com um afetuoso "meu querido Sr. Stead". A voz era algo ténue. Prosseguiu:

"Vou ajudar-vos em cada pormenor. Sucesso, sucesso! A vitória foi alcançada. Sr. K—, a nossa taça está cheia. Estou muito feliz esta noite. É uma alegria falar com o Sr. Stead. Não vos vou reter. Adeus, voltarei novamente."

Depois veio o Dr. Sharp (o espírito-guia de Sr.ª. Wriedt). "Boa noite, amigos. Sou escocês; melhor será esperarmos um pouco. Como está, Sr. Stead? Como está, irmão K—? Pois bem, isto é um encontro feliz. Como estão, senhoras?"

Sr. Stead: "Pensei que, depois de ter sido imitado em Nova Iorque outro dia, poderia ser imitado aqui também."

R.: "Ninguém conseguiria imitar-se nesta sala! A verdade prevalece; médiuns, voltarei novamente."

Sr.ª. Wriedt descreveu um cavalheiro idoso cujo nome era John Cooper. Esse era o nome de um antigo colega de escola meu. Quando o disse, ouviram-se três batidas fortes na mesa.

Uma senhora recebeu boas provas da presença do seu filho. Depois veio William, o filho de Mr. W. T. Stead, que teve uma longa conversa com o pai, de carácter inequivocamente evidencial. Foi um dos melhores episódios da minha coleção. Nenhum adulto racional poderia duvidar que ali estavam pai e filho a falar frente a frente.

Durante toda esta sessão notável, ouviam-se pancadas por toda a sala — na mesa, nas paredes, no chão. Correntes de ar circularam em torno do círculo, soprando no rosto dos participantes — um fenómeno que já presenciei nas sessões de Husk, mas nunca com tanta intensidade. Com frequência, duas e por vezes três vozes falavam simultaneamente em diferentes pontos do círculo. Isso tornava-se algo confuso.

O espírito conhecido por "Tio", do grupo de Husk, falou e identificou-se. Disseram que John King também estava presente. Ebenezer (outro membro do grupo de Husk) falava constantemente através da trombeta.

Uma Voz: "Boa noite, boa noite. Sou Stuart Mill."

Sr. Stead: "John Stuart Mill! É a primeira vez que está aqui?"

R.: "É a primeira vez que tive oportunidade de me apresentar."

P.: "Foi deputado por Westminster. Sabe o que decidiram hoje sobre o Projeto de Lei do Sufrágio Feminino?"

R.: "Sim! Estou muito interessado, e quero vê-lo aprovado."

P.: "Vai vencer."

R.: "Sim; cumprirei o meu dever e defenderei os direitos das mulheres aqui."

P.: "Hoje fizeram uma reunião para decidir se dariam tempo ao projeto de lei do sufrágio feminino."

R.: "Darão. Eu tratarei disso."

P.: "O Sr. Asquith é contra."

R.: "Sim; mas ele não é o poder que governa o mundo."

P.: "Mas é o Primeiro-Ministro."

R.: "Tem muito a dizer, mas eu vou tentar influenciar a Imprensa."

P.: "E o seu amigo, Lord Morley?"

R.: "Sim, ele é fiel." (Muito se perdeu aqui por causa de outro espírito a falar do outro lado do círculo.)

P.: "Tem a certeza de que o projeto de lei avançará?"

R.: "Vitória! Temos de vencer. Lutem pelo que é justo, defendam o que é correcto."

Miss Frances Havergal (prima da minha esposa) apareceu, mas, em vez de me dirigir a palavra, conversou com um homem sentado a pouco mais de meio metro à minha esquerda. Não conseguiu dizer muito.

(Mr. Stead mostrou-se contra dois espíritos falarem ao mesmo tempo, pois achava confuso para o taquígrafo. Disse ao espírito: "Pode retirar uma das trombetas, se quiser.")

Após uma comunicação privada de um jovem no plano espiritual à sua mãe ainda viva, uma voz alta exclamou: "Eu venho, eu venho; sou Grayfeather. Como está, grande chefe dos grandes papéis?"

Sr. Stead: "Fico feliz por ouvi-lo falar."

R.: "Eu aqui estou, Grande Chefe Steady; falo contigo um pouco e depois vou. A mim, não me importa."

P.: "Consegues bater-me com a trombeta na cabeça?"

R.: "Sim." (Mr. Stead foi ligeiramente tocado pela trombeta.)

Houve alguma conversa do lado oposto do círculo com outros espíritos, o que irritou Grayfeather, que disse: "Eu digo para calarem; eu digo que o homem na caixa não pode escrever, ele não ouve" (referindo-se ao taquígrafo no gabinete). "Eu digo isto, Chefe Steady. Vais andar muito de um lado para o outro; não vais comer muito. Vais aqui, vais ali, falar — falar — falar."

Sr. Stead: "Receio ter muito que fazer."

R.: "Vais partir para outro país."

P.: "Sobre o que vou falar?"

R.: "Guerra — luta — fogo! — de verdade, confusão. Mais uma vez antes de fechares os olhos [morte]. Vais viajar por muitos lugares. Vais perder um chefe em breve, e isso vai magoar-te profundamente." (Aqui outra voz mencionou o nome de um grande estadista.) "Estou muito contente por vir."

P.: "Consideras isto tão bom como Detroit?"

R.: "Muito melhor. Como estás, K—?" (Um médium profissional presente.)
Ao círculo: "Digo para calarem; ouçam o que dizem à pequena squaw com o xaile ao pescoço" (uma senhora idosa presente); "o teu coração está doente por causa do estômago — todos os teus problemas vêm daí. Digo-te que sentes palpitações, e ele falha — são os nervos — o estômago é a causa. Bem, adeus, Chefe Steady; adeus, Chefe Moore; adeus, chefe na caixa. Vou atravessar o oceano."

(Relatei isto com algum detalhe, com o apoio das notas do taquígrafo, porque considero este episódio notável. Grayfeather, como já referi várias vezes, é o espírito-guia de Jonson, médium de materializações em Toledo, Ohio, com grande poder. Estava connosco apenas enquanto Jonson não necessitava dos seus serviços — ou seja, entre as 5h e as 14h, hora de Toledo. Manifestou-se três vezes nesse dia — (1) às 11h; (2) às 15h; (3) às 20h, hora de Inglaterra — e a sua voz foi por vezes tão forte que se poderia ouvi-la da porta da casa. E, no entanto, estava num ambiente completamente estranho, tendo como únicos amigos na sala Sr.ª. Wriedt e eu. Identificou rapidamente o outro médium presente, Sr. K—, e dirigiu a sua atenção ao dono da casa. Chamou ao gabinete "caixa", como é seu hábito ao utilizar o organismo de Jonson.

Vindo de uma cidade a seis mil quilómetros de distância para um local onde era um completo desconhecido, foi capaz de falar sobre a morte de um bebé inglês; indicar quem cuidava dele; demonstrar conhecimento da ocupação de um homem de letras inglês; prever a morte de um estadista inglês; dar informações sobre a saúde do seu próprio médium; e diagnosticar a condição de uma senhora inglesa.

Foi terno, compassivo, clarividente e autoritário. Tudo considerado, este dia foi repleto dos mais extraordinários exemplos de poder invisível, mostrando o que até um espírito de índio norte-americano pode fazer em condições favoráveis. Neste caso, as condições atmosféricas eram excelentes; a casa, sossegada e afastada de qualquer perturbação; a sala de sessões não tinha outra função; havia flores em abundância; e todos os presentes acreditavam plenamente nos factos do espiritualismo.)

Sr.ª. Wriedt (para Mr. Stead): "Conhece o nome de um homem chamado W—?"

Mr. Stead: "Sim. G— W—, o deputado por C—."

Sr.ª. W.: "Ele está aqui."

Mr. Stead foi tocado no joelho.

Voz: "Sou G— W—."

P.: "Como estás?"

R.: "Não sei — não sei."

P.: "Sabes onde estás agora?"

R.: "Estou contigo. És o Stead? Que mudança — que mudança!"

P.: "Podemos ajudar-te de alguma forma? Lembras-te da luta?"

R.: "Desejei muitas vezes falar contigo, mas pensei... eu sabia que muitas vezes..." (aqui, vozes de outros espíritos do lado oposto do círculo abafaram esta resposta). "Estavas enganado; queria que me dissesses algo."

P.: "Nunca me deste essa oportunidade."

R.: "Agora estou num lugar onde sei tudo."

P.: "Tens alguma mensagem para amigos teus?"

R.: "Eles zombariam disso. Uma língua calada faz uma cabeça sábia. Estou onde a morte não é o fim."

P.: "Mas deixaste pessoas para trás. Há uma dúzia de candidatos ao teu lugar hoje."

R.: "Isso não me preocupa."

P.: "Não preferes nenhum candidato? Quem gostarias que te sucedesse?"

(O Sr. G— W—, deputado no Parlamento, falecera cerca de uma semana antes desta sessão.)

O Sr. W. E. Gladstone manifestou-se, repreendendo gentilmente Mr. Stead pela pressa em publicar a sua mensagem na íntegra. Referiu-se a Mr. Lloyd George. "Disse hoje ao Almirante Moore que queria vê-lo." (Correto.)

P.: "Quer vê-lo pessoalmente?"

R.: "Sim, e vou explicar-lhe porque disse o que disse."

P.: "Ele gostaria muito de falar consigo sobre a situação."

R.: "Lloyd George portou-se muito bem. Foi excelente. Estou a apoiá-lo, e vou ajudá-lo a seguir em frente. É um jovem muito inteligente."

Uma voz: "Bjornstjerne Bjornson."

Mr. Stead: "Tente falar pela trombeta; ficaríamos encantados se tiver alguma mensagem para a Sra. Ankers."

Sr. K—: "O corpo astral de Ella Ankers está aqui, e disse a Miss S—..."

Uma voz: "Vim interromper para dizer ao Sr. Stead que ela está aqui, e que tudo está a correr bem; e que as interrupções aconteceram porque tiveram de usar a senhora ao mesmo tempo que outra pessoa usava a trombeta."

Um espírito apareceu agora, identificando-se como Von Bussow. Parecia italiano pelo seu modo de falar. E penso que M. Berteaux se manifestou (era Ministro da Guerra em França e morrera dias antes, vítima de um acidente com um avião que se desviou).

O Cardeal Newman apareceu então e deu uma bênção em latim. Disse: "O meu acólito está aqui."
Cantámos, e um espírito juntou-se a nós através da trombeta.

Mãos tocaram nos participantes durante toda a noite, mas eu não recebi nenhuma dessas manifestações.

Um espírito apareceu e assobiou *"Believe Me, If All Those Endearing Young Charms"* através da trombeta, e depois cantou a canção em dueto com a sua filha, que também estava presente.

Voz: "Achei que devia fazê-lo para que pudesses ouvir. Como estás, Harry?" (marido da senhora). "Deus te abençoe."

Outra Voz: "Sr. Stead e senhores, é para mim um grande prazer estar aqui na presença de uma audiência tão inteligente. Já passou bastante tempo desde que ouvi o nosso bom estadista — falar, e há muito que não o ouvia a si."

Mr. Stead: "Não sei quem é, mas confio."

R.: "Sou Sir Henry Irving."

P.: "Tem alguma mensagem para a minha filha?"

R.: "Quero que todos aqui esta noite compreendam: está bem — está tudo bem com o trabalho que começaram; terminarão com a mais brilhante carreira que qualquer homem nesta cidade — neste continente... Está bem convosco, está bem comigo. Tudo correrá bem nesta Terra. Estas flores na mesa são brancas; não sei os seus nomes, mas chamá-las-ei lírios." (Havia alguns lírios e muitos narcisos.)

"Os lírios do vale irão murchar,
As flores da floresta hão-de definhar;
Mas o amor verdadeiro dura para sempre,
Quando tudo o resto desaparecer."

R.: "Formaram uma corrente."

Mr. Stead: "Tem alguma palavra para a minha filha?"

R.: "Os melhores votos, diz-lhe, de Dante."

P.: "Não compreendo. Refere-se ao poeta italiano Dante?"

R.: "Oh! Está tudo bem."

Outra voz: "É melhor que ela tome a decisão e corte o laço. Lembrem-se: está para breve o dia que há de chegar."

Iola manifestou-se então para mim. Apresentei-lhe o Sr. Stead; trocaram cumprimentos.

Mr. Stead: "Conheces a Júlia?"

R.: "Amo-a."

Um membro do círculo disse: "O Rupert estava a falar connosco através da outra trombeta ao mesmo tempo."

Sr. K—: "O Dr. Quain está aqui e diz 'que a energia está a esgotar-se. Encerrem o círculo.'"

Poucos minutos depois, acendemos as luzes e descemos para o jantar. Durante a refeição, ouviram-se pancadas e batidas por toda a sala — na mesa, no chão, nas paredes. Estava sentado na cabeceira da mesa, e a única forma de descrever os sons sob a minha cadeira é compará-los a marteladas vindas de debaixo do chão, como se estivessem a escorar o soalho.

Depois do jantar, sentámo-nos em círculo e ouvimos mensagens de clarividência e clariaudiência vindas do Sr. K—; os ruídos cessaram por completo.

Assim terminou aquela que foi, talvez, a mais convincente de todas as experiências públicas da minha formação espiritual. Sr.ª. Wriedt estivera sob o teto do Sr. Stead durante trinta e duas horas; deu quatro sessões bem-sucedidas, e todas as dúvidas quanto à manifestação do seu dom no clima inglês dissiparam-se por completo. Quanto tempo durará, é outra questão. Mr. Stead permaneceu ao lado dela durante toda a noite.

Na manhã de quinta-feira, 25 de maio de 1911, um médico vindo da África do Sul chegou à casa de Mr. Stead por marcação. Fora apresentado como um homem em profundo sofrimento

pela perda recente da irmã, falecida num acidente dois meses antes. Chegou com cerca de 45 minutos de atraso, o que o deixou bastante perturbado. Nada conseguiu obter.

Após cerca de vinte minutos de sessão, Sr.ª. Wriedt desceu rapidamente até mim (eu acabara de chegar) e pediu-me para subir até à sala da sessão e ajudar, o que fiz de bom grado. Sentámo-nos os três durante meia hora, falando sobre as condições necessárias, a importância da passividade, entre outros pontos que considerávamos essenciais para que alguém na sua posição pudesse estabelecer contacto com o familiar falecido. Do ponto de vista de fenómenos, a sessão foi um fracasso.

Aconteceu que Mr. Stead, com grande consideração, me disse, na despedida da noite anterior: "Amanhã, convida quem quiseres." Assim, convidei cordialmente o visitante desapontado a regressar às 18h30, dizendo-lhe que Sr.ª. Wriedt nunca tivera dois insucessos no mesmo dia, e que provavelmente ele chegara tarde de propósito, para que nos pudéssemos encontrar.

A tarde foi passada por Sr.ª. Wriedt e por mim em Londres. Visitámos as salas da *London Spiritualist Alliance*, depois um conhecido médico (A. W.) na Harley Street, e por fim a *Royal Academy* e o meu clube. Assim que entrou no consultório do Dr. A. W., Sr.ª. Wriedt começou imediatamente a descrever com precisão os seus amigos e pacientes, bem como as respectivas doenças.

O Dr. W. é investigador de fenómenos psíquicos e especialista em nervos; o seu consultório está carregado de influências espirituais, e é comum ouvir-se fortes pancadas quando discute espiritualismo com os amigos. No entanto, não estava preparado para esta sessão espontânea. Por fim, tive de retirar a médium, com a promessa do médico de que compareceria à sessão em casa de Mr. Stead naquela noite.

Voltámos por volta das 18h, e às 19h10 todos os membros do círculo já tinham chegado.

Quinta-feira, 25 de Maio de 1911, das 19h20 às 21h15.
Círculo composto por sete homens e três mulheres, incluindo Sr.ª. Wriedt. Condições atmosféricas boas; noite seca e estrelada. O principal interesse desta sessão centrou-se no êxito alcançado pelo Dr. K., o senhor vindo da África do Sul. Um dos presentes era um cavalheiro bengali; pelo menos meia hora foi ocupada por um espírito árabe a tentar fazer-se reconhecer por ele, sem sucesso. O Dr. Sharp interveio e tentou esclarecer a situação. Disse que o nosso visitante espiritual era um "cavaleiro árabe" e guia do participante bengali; mas pouco mais conseguimos apurar. Sharp conversou bastante com o Dr. A. W. e referiu (como já me dissera anteriormente mais do que uma vez) que nascera em Glasgow — cidade natal do Dr. A. W.

Dois amigos manifestaram-se ao Dr. W., falando com sotaque escocês, mas ele não conseguiu identificá-los; talvez o tenha feito posteriormente.

Iola apareceu e falou ao cavalheiro bengali e ao Dr. W. Ela parecia considerar que o visitante indiano, por ser o mais estranho ao grupo, merecia especial atenção. Curiosamente, manteve-se

próxima do Dr. W. para obter força, sem se aproximar de mim, embora tenha dito: "Estou em frente de ti." Pedi-lhe que trouxesse um certo espírito na manhã seguinte.

Um espírito infeliz manifestou-se ao Dr. K. Depois de várias tentativas falhadas, conseguiu dizer o seu nome próprio. Nunca ouvi uma conversa mais humana do que a que se seguiu.

P. (Dr. K.): "Estás feliz?"

R.: "Sim, querido (soluços audíveis na trombeta), agora que vejo que estás mais feliz do que estavas. Fico feliz por te ver. Oh, Robert, que despesa fui para ti, e agora quem cuidará das tuas roupas? Robert, foi difícil separar-me de ti tão de repente — difícil — difícil — partir..."

(Houve aqui uma confirmação daquele facto bem conhecido na história psíquica: o sofrimento dos espíritos por saberem que os seus entes queridos na Terra sentem intensamente a sua perda.)

Dean Swift falou. Em resposta a uma pergunta minha, disse que se encontrava na quinta esfera, segundo plano.

P.: "Qual é a vossa cor nesse segundo plano?"

R.: "O que vocês chamariam cor de 'pombo'."

Fez um discurso excelente sobre os benefícios do espiritualismo. Dr. Sharp entrou pela segunda vez, falando alto e claramente sem o uso da trombeta. Discursou sobre o destino das crianças pequenas que passam para a vida espiritual, sendo criadas na esfera "jardim de infância" ou "celestial". Pensei que se dirigia a mim, por isso perguntei: "Quem está a cuidar da nossa pequenina?" A resposta foi imediata: "Avó —", confirmando assim, com grande precisão, a informação dada anteriormente por Grayfeather e Iola.

(As vozes nesta noite eram ouvidas a maior altura na sala do que em ocasiões anteriores, sinal do poder crescente de Sr.ª. Wriedt à medida que se habituava ao ambiente.)

O acto final da sessão foi a trombeta atingir o taquígrafo, que estava sentado à mesa, a escrever à mão, no escuro, a cerca de dois metros e meio da médium. Quando acendemos as luzes, a trombeta estava partida em três no chão.

Sexta-feira, 26 de Maio de 1911. Sozinho com Sr.ª. Wriedt, às escuras, das 11h05 ao meio-dia.
Havia muitos narcisos sobre as mesas.

Iola foi a primeira a manifestar-se, conversando de forma clara sobre vários assuntos privados durante cerca de vinte minutos. Depois, deu-se uma eterealização junto das flores. Esforcei-me por identificá-la, mas apenas consegui ver uma pequena cabeça. A médium disse ver o rosto de um bebé. Iola regressou e afirmou que era o nosso bebé, trazido pela sua mãe, que podia ouvir tudo o que eu dizia. Ausentou-se em seguida para tentar trazer o espírito chamado "Lucille", que eu pedira, mas voltou cerca de quinze minutos depois dizendo que não a encontrara. Continuou depois a conversar até que a energia se esgotou. Voltei a Southsea nessa tarde.

Aqui termina a narrativa da minha formação em espiritualismo. Posso vir a ver e ouvir muitos mais fenómenos através de Sr.ª. Wriedt e de outros médiuns, mas não considero necessário registar mais nada para o público. Não tenho a certeza de não ter sido já demasiado extenso. De qualquer modo, relatei o que sei ser verdade. Se as minhas experiências forem úteis para aqueles que ainda estão "em cima do muro", fico satisfeito; se ofereci uma palavra de conforto aos enlutados, estou mais do que recompensado pelo esforço.

Iniciei esta investigação por motivos científicos, não por necessidade pessoal de consolo — pois não a tinha. Nenhum homem foi mais abençoado do que eu com a ausência de perdas daqueles que ama. Contudo, devo reconhecer que, ao longo destes sete anos de investigação, fui assimilando gradualmente uma filosofia sobre este grandioso tema do estado de consciência após a morte, a qual substitui a religião ortodoxa. Pretendo tratar disso no capítulo final.

CAPÍTULO XI
ANÁLISE E CORRELAÇÕES

Os incidentes numerados — Fenómenos mentais — Fenómenos físicos — Nenhuma investigação é útil sem a consideração de ambos os tipos — Richard Hodgson, Thomson Jay Hudson e James Hyslop — Miss Ada Besinnet — Considerações sobre leitura mental — Análise dos fenómenos mentais — Análise dos fenómenos físicos — Correlações — O suposto livro "Dope" — Um grupo de investigadores em cada cidade americana — Dificuldade em assumirem-se publicamente — Apenas se encontram médiuns verdadeiramente poderosos na América do Norte — Alegadas conluios entre médiuns — Provas em contrário — Os espíritos-guia comunicam-se certamente entre si — Grayfeather ficou magoado — Correlações numerosas nas minhas notas — Ilusionistas são pessoas úteis — Não podem causar dano a médiuns como os mencionados neste livro — Um ilusionista convenceu-me, finalmente, em 1909, da autenticidade das Irmãs Bangs.

Ao somar os incidentes numerados — aqueles que me parecem um pouco mais notáveis do que outros fenómenos mencionados ao longo do meu relato — verifico que quarenta pertencem à categoria denominada "mental" e setenta e cinco à dos fenómenos "físicos", dentro das minhas variadas experiências. Considero como fenómenos mentais: clarividência, clariaudiência, clarsenciência, mesas girantes, escrita automática, escrita inspirada, ouija, planchette — porque estou convencido de que o objeto material movido é posto em movimento pelo médium, cujo cérebro é influenciado por uma inteligência invisível.

Na maioria dos casos, o médium não tem consciência do que a sua mão está a fazer; contudo, são os seus músculos que atuam de forma subconsciente. Na tiptologia (mesas girantes), o médium está muitas vezes consciente da letra que se aproxima, e por vezes até de uma palavra inteira; na escrita automática, o mais frequente é não ter qualquer consciência do que está a escrever até ler o que escreveu. Quando escreve de forma inspirada, o médium está sempre consciente do que está a fazer e frequentemente constrói as frases utilizando o seu próprio vocabulário e estilo.

Os fenómenos físicos são completamente distintos. Neles é exercida uma força, dirigida com inteligência por seres invisíveis — uma força dinâmica que não pode ser atribuída ao médium (pressupondo a honestidade deste), e que produz resultados como telecinesia, materialização, eterealização, a voz direta na trombeta ou independentemente dela, escrita entre ardósias, precipitação de imagens, passagem de matéria através de matéria, entre outros.

Se nos propomos a obter provas da existência de espíritos desencarnados, estaremos a andar às cegas se não considerarmos tanto os exemplos físicos como os mentais da ação espiritual. Os fenómenos mentais estão especialmente sujeitos à influência da personalidade do médium, mas por maior que seja essa influência, ela não é capaz de construir uma forma humana — nem mesmo uma mão, uma garganta, uma boca ou um rosto; também não possibilita que uma voz cante, assobie ou fale ao experimentador e lhe forneça informações concretas.

Por isso, quando ouço alguém estabelecer doutrinas sobre qualquer tipo de fenómeno espiritualista sem ter feito um estudo cuidadoso da energia física exercida pelo invisível, sorrio, e tento, assim que posso, afastar-me da sua companhia. Richard Hodgson e Thomson Jay Hudson foram expositores honestos dos fenómenos mentais, mas nenhum deles sabia nada de relevante sobre os fenómenos físicos. James Hyslop, actual secretário e chefe prático da American Society for Psychical Research, escreve abundantemente.

No entanto, tudo o que afirma é como palha ao vento, pois é lamentavelmente ignorante quanto à materialização e a todas as outras formas de manifestação física. O seu recente relatório sobre a Srta. Ada Besinnet (a quem chama Srta. Burton) é um exemplo chocante de incredulidade obstinada. É inconcebível que a voz forte e rica de Oma Yoant possa ser confundida com a da médium por um observador que está a controlar a sua mão direita, ou que os assobios de "Pietro", vindos do alto, tenham qualquer ligação directa com a jovem. Ada, no seu estado normal, não possui qualquer aptidão para cantar ou assobiar. Não nego que as inteligências invisíveis que realizam tais manifestações possam estar a utilizar algo do organismo da médium. Não conseguimos obter esses fenómenos sem a sua presença; é evidente, portanto, que de forma misteriosa ela os auxilia inconscientemente. Como, não sabemos; talvez saibamos no futuro, se a sua vida for poupada. Por agora, é puro disparate atribuí-los à histeria, pois ainda não temos qualquer indício do seu verdadeiro mecanismo.

Entre os incidentes numerados, atribuo especial importância aos seguintes de carácter mental: (1), (3), (4), (5), (7), (8), (9), (18), (14), (34), (35), (36), (42), (45), (48), (49), (50), (54), (55), (58), (93); e aos seguintes de carácter físico: (2), (16), (20), (23), (24), (29), (31), (33), (57), (59), (66), (68), (69), (70), (76), (79), (80), (81), (84), (91), (94), (95), (96), (99), (100), (101), (102), (104), (105), (106), (108), (110), (112), (113), (115).

Para brevidade, proponho-me considerar apenas estes cinquenta e seis incidentes. Os mesmos argumentos que aplico a eles servirão também para os restantes cinquenta e nove.

Antes de prosseguir, devo explicar o que entendo por "leitura mental": trata-se da alegada capacidade de a mente consciente do médium ler a mente consciente do participante. Já a perceção, por parte de um espírito, daquilo que está na mente do experimentador, é um

fenómeno comum — mas trata-se de algo supranormal e constitui prova da existência de inteligência desencarnada.

Não existe qualquer prova fiável de que a mente subconsciente (ou subliminar) de um participante possa ser acedida pela mente consciente de um médium (fora de transe). Existe alguma evidência de que a mente subliminar de um médium (em transe) possa sondar a mente subliminar do participante; mas, mais uma vez, trata-se de um fenómeno supranormal — apenas significa que dois espíritos encarnados podem comunicar entre si tal como uma inteligência desencarnada pode comunicar com uma inteligência encarnada.

Está razoavelmente bem estabelecido que pessoas em forte sintonia entre si conseguem comunicar ocasionalmente por pensamento; também que pessoas com menos ligação podem trocar mensagens esporádicas se houver uma preparação prévia em relação ao momento. Esta chamada "telepatia" requer investigação cuidadosa. Não é de todo certo que não exista um terceiro interveniente — um espírito desencarnado — que leve a mensagem de um para outro, como sucedeu no caso de Sr.ª. Georgia, Hudson e eu próprio.

O que quero deixar claro é que não existe qualquer tipo de evidência fiável de que a mente subliminar de um visitante possa ser acedida por um médium fora de transe. Creio que aquilo em que o visitante está a pensar no momento — a sua consciência superior — pode, por vezes, ser parcialmente adivinhado por um médium. Esse fenómeno é raro. Só consigo recordar um caso pessoal em que interpretei um episódio com base nesta teoria.

Em contrapartida, tive centenas de situações em que a minha consciência superior estava preenchida com recordações de pessoas já falecidas, cujos nomes e descrições me eram familiares, e no entanto o médium nada transmitia que indicasse qualquer ligação entre essas entidades desencarnadas e eu. Fiz perguntas cujas respostas estavam, por assim dizer, na ponta da língua — mas as respostas não foram satisfatórias; em muitos casos, erradas; noutros, nenhuma resposta surgiu.

As teorias da leitura mental e da telepatia, como explicações para aquilo que são, aparentemente, fenómenos supranormais, estão completamente esgotadas. Thomson Jay Hudson foi o principal apóstolo desse tipo de crítica. Ele próprio regressou desse além do qual, em vida, pensava que nenhum viajante jamais retornava, para reconhecer o seu erro — através da minha pena.

Análise dos fenómenos mentais

Os incidentes 1, 8, 4 e 5 pertencem ao mesmo grupo — clarividência — mas os fenómenos são exibidos por três médiuns diferentes. O leitor notará que a minha mente nada teve a ver com esses casos.

No incidente (1), quando Dora Hahn escolheu uma certa fotografia, eu desconhecia qual tinha ela na mão e esperava uma imagem completamente diferente. Ela não só trouxe o retrato até mim com plena confiança como também indicou o grau de parentesco, tendo regressado à mesa para pegar noutro retrato da mesma pessoa falecida. Eu encontrava-me a 3.400 milhas da minha casa e era um completo desconhecido para a médium. Se uma inteligência desencarnada,

que me conhecia e à minha esposa em criança, não guiou essa escolha, então o espiritualismo não existe.

(B) Clarividência de Sr.ª. Conklin: sendo eu um perfeito estranho para a médium, as respostas corretas obtidas tornam-se incompreensíveis a não ser que se aceite a hipótese da presença de um espírito.

(4) Ao fechar os olhos, retirei à médium qualquer hipótese de leitura mental ou muscular. Estou consciente de que alguns investigadores poderão atribuir o ocorrido a essas causas, e eu próprio não daria tanta importância à sessão se tivesse visto o cartão antes de o meu dedo ter sido colocado sobre a letra por Hough.

(5) As mesmas observações aplicam-se aos incidentes (8) e (4). Se um médium, fora de transe, é capaz de ler com precisão absoluta a mente consciente de um desconhecido nas primeiras horas após o seu encontro, então não estamos perante nada de supranormal. Contudo, na minha opinião pessoal, tal façanha é impossível.

(7) Entrevista com o Dr. S. e festa de fim de ano de Maggie Gaul: que pista teria Maggie Gaul, caso necessitasse de ajuda? Apenas a minha afirmação de que conhecia o Dr. Hodgson e o Dr. Savage. Este é um caso muito curioso quando examinado a fundo, pois eu não conhecia, em vida, o espírito que me acompanhou à casa; a minha mente não poderia ter influenciado o episódio; nunca me ocorrera que aquele jovem falecido tivesse qualquer interesse por mim, nem eu por ele.

Era apenas o pretexto para uma história psíquica interessante, contada pela pena ágil do pai e referida no seu gabinete. Como poderia a médium saber, por meios normais, que eu escrevera ao Dr. Hodgson? Se o espírito do jovem Savage, sempre vigilante em relação ao pai, me viu e ouviu no gabinete da igreja, e me acompanhou ao hotel e durante toda a tarde e noite, tudo se explica. Note-se a leitura da carta selada da jovem e a sua rápida intuição quanto à ligação entre os homens sentados de cada lado de mim; o conhecimento de que eu trouxera fotografias para testes desde além-mar; e o objectivo da minha visita aos Estados Unidos. Estes elementos são inexplicáveis por qualquer teoria que não admita a presença de pessoas invisíveis entre nós.

(8) e (9) Envolvem dois médiuns, um privado, outro profissional, ambos presentes na mesma casa. Nenhum me tinha visto antes desse dia. Cada pessoa na casa do juiz Dailey era-me estranha, incluindo o próprio anfitrião.

Como explicar o marinheiro encharcado visto pela minha amável anfitriã quando me cumprimentou pela primeira vez? — o nome "Leroy", que, invertido, se aproxima de "Carey", o nome verdadeiro? — a clarividência de Sr.ª. Dailey durante o almoço e a subsequente escolha de fotografias na sala de estar?

Que explicação natural pode justificar a previsão feita por May Pepper durante a refeição, pronunciada com a certeza de quem sabe, e que se revelou correta? Que a médium leu a carta no meu bolso (clarividência pura), não duvido; mas como é que isso a ajudou a escolher três fotografias viradas para baixo, uma hora mais tarde? Sem hesitação, digo que a única

explicação plausível é a presença de espíritos interessados em mim, que impressionaram ambas as senhoras.

(18) e (14) Note-se o erro, rapidamente corrigido, quanto à identidade dos pais da criança R., e a informação dada pela minha tia E., confusa para a médium, que conhecia a aversão dos americanos aos casamentos entre primos direitos.

(34) A mensagem do "tufão": pergunto a qualquer crítico honesto — como poderia isto ser atribuído à ação de qualquer mente mortal? Os tufões são raros no mar da China em Maio. Tanto eu como o meu parente "A" tínhamos servido nessa zona e sabíamos disso. Leia-se os livros russos *De Libau a Tsushima* e *Rasplata* como confirmação dos factos.

(35) A mesa girante com os Endicotts: observe-se o número de respostas correctas; o nome difícil "Kilmarnock"; o conhecimento do conteúdo do meu bolso; o nome certo do meu genro; e, sobretudo, a minha incapacidade, em sessões posteriores, de obter informações igualmente precisas.

(36) O leitor deve examinar cuidadosamente este teste com fotografias. Poderia ele ter sido realizado por qualquer mulher viva sem ajuda externa? Quem a ajudou? Não fui eu, pois desconhecia completamente quais as imagens que ela tinha nas mãos.

(42) Chamo a atenção para o comportamento extraordinário do meu parente A.; as suas impressões corretas sob controlo de uma inteligência desencarnada; e a confirmação por Sr.ª. Arnold seis semanas depois.

(45 e anteriores) A identificação satisfatória de Thomson Jay Hudson, cujos pormenores eram novos tanto para a médium como para mim; e a escrita automática invertida feita no escuro. Observe-se que Sr.ª. Georgia já tinha demonstrado a sua capacidade de escrever com ambas as mãos.

Observa-se a experiência desejada por Hudson, a incapacidade da médium de encontrar o suporte da placa, o ataque histérico de Sr.ª. Georgia, a nossa relutância em testar a proposta de Hudson e, por fim, o seu insucesso.

Hudson transmite uma mensagem e Sr.ª. Georgia escreve automaticamente. Será razoável duvidar de que não se tratou apenas de um ato de telepatia? E quanto à descrição do chão e do quarto do hotel? Até a cadeira foi descrita com precisão.

Há uma prova melhor ainda do que esta de que Hudson era um mensageiro e que a chamada telepatia não esteve presente em nenhum dos casos. Note-se o seguinte excerto: "Ele deve falar de Hudson, sou eu, no seu discurso; muitas pessoas aceitaram a minha hipótese sobre o subconsciente. Quero que ele diga que teve notícias minhas… A minha rapariga vai posar para ele aqui (em Rochester) e em Nova Iorque para James e Hyslop em conjunto. Trarei F. W. H. Myers e o Dr. Hodgson se puder."

Poucos dias depois, encontrava-me em Rochester, onde o Dr. Austin, pastor da Igreja Espiritualista de Plymouth, teve a gentileza de organizar um pequeno encontro no Hotel Seneca para me receber. Falei à assembleia sobre vários assuntos, principalmente sobre o

regresso do espírito de Thomson Jay Hudson, mostrando aos presentes na sala de baile do hotel o manuscrito original obtido através do espelho automático. Esta pequena reunião foi totalmente espontânea, embora a data do meu discurso na igreja (26 de fevereiro) já estivesse marcada há algum tempo. Hudson foi mencionado em ambos os discursos.

O encontro previsto em Nova Iorque aconteceu de forma completamente inesperada; não foi o Professor James, mas sim o Dr. I. K. Funk quem se juntou a mim como terceiro visitante.

Repare-se que duas horas após Sr.ª. Georgia escrever esse texto, o Dr. Jenkins (controlo de Kaiser) em Detroit disse-me que Hudson estava ausente a tentar impressionar "uma luz" noutra cidade, a quem eu tinha enviado uma mensagem. E na manhã seguinte (dia 5), Hudson veio ter comigo em Detroit e relatou que tinha entregue a mensagem, mas não acreditava que "a luz" a tivesse captado na totalidade. Sabia que a tinha impressionado, mas achava que ela só captou parte da mensagem.

Os elementos apresentados no texto para estabelecer a identidade do Sr. Myers não poderiam ter vindo da mente da médium nem da minha, pois ambos os desconhecíamos. De onde vieram então?

"Ele tem o rebento do carvalho no bolso, uma bolota dourada." Eu não tinha reparado na forma do pendente da corrente, nem sequer tinha pensado nisso, por isso não pode ser atribuído à leitura da minha consciência superior por parte da médium. Esta desconhecia completamente o conteúdo dos meus bolsos. Pode haver dúvidas de que esta informação tenha tido origem numa inteligência invisível?

"Grayfeather" aparentemente vê-me noutra sessão, na biblioteca pública de Toledo. Qualquer que seja a explicação para este incidente notável, deverá dever-se de algum modo a uma inteligência invisível. A explicação mais plausível é que o meu guia tenha informado Grayfeather. Se este, ao usar o organismo de Jonson, conseguiu ler a minha mente subconsciente, o episódio tem um carácter claramente espiritualista; com certeza os eventos do dia anterior não estavam presentes na minha consciência superior. Porque terá então Grayfeather falhado ao dizer o nome de um dos meus acompanhantes, que, aliás, estava a pouco mais de um metro de distância, a ouvir?

Se a leitura da mente tem algo a ver com estas manifestações, por que motivo Sr.ª. Rossegue não conseguiu adivinhar quem estava retratado no medalhão? O nome e a relação estavam completamente presentes na minha consciência superior, e eu esperava recebê-los a qualquer momento. Em vez disso, a médium ouve uma voz: "Era meu [o medalhão], mas [a imagem] não sou eu." A identidade do rosto no medalhão não foi revelada.

Análise de Fenómenos Físicos:

O incidente (2) deve ser analisado em conjunto com o (15). Neste último, Iola admite ter-se materializado em Nova Iorque, e conta uma história sobre uma bengala, danificada ligeiramente ao passar pela mente da médium, mas suficientemente precisa para provar que esteve comigo na noite em que desembarquei, quando ocorreu o incidente (2). A altura e a

figura que vi na sessão de materialização estavam corretas; seria absurdo supor que a forma graciosa e os movimentos pudessem ser simulados por um homem.

A vibração intensa de uma forma é sempre uma boa prova da sua realidade como materialização. É muito comum quando o corpo inteiro é formado e não apenas uma parte, e ocorreu frequentemente nas manifestações de Craddock. A confiança com que o espírito se colocou ao meu alcance, longe de qualquer cúmplice possível, é um facto a considerar, já que os médiuns nunca me tinham visto antes daquela noite e nada sabiam sobre mim. Tinha desembarcado de Inglaterra naquela manhã.

A aparição e identificação do Capitão D., antigo companheiro de mesa do meu parente A. Até esse momento, o meu parente escarnecia do espiritualismo e considerava-o uma fraude. Nunca mais o ouvi zombar sobre o assunto desde essa noite de 6 de fevereiro de 1905, quando os controlos trabalharam especialmente para ele e lhe apresentaram, diante dos seus olhos, dois ou três amigos falecidos recentemente.

Duas formas espirituais surgiram ao mesmo tempo, sendo vistas simultaneamente por vizinhos no círculo. A desmaterialização deliberada da criança da minha vizinha, junto ao corpo da mãe, foi um espetáculo notável; quando vi o pequeno rosto, parecia completo em todos os detalhes. Como explicar o conhecimento que Joey tinha de algo que uma senhora dissera a cem milhas dali, dias antes? Foi uma observação insignificante, que nem sequer tinha ficado gravada profundamente na minha memória.

Esta foi uma das boas materializações de Iola. Note-se que era ligeiramente inferior ao tamanho real. O nome do meu amigo nas Fiji era "Seed", que os leitores certamente reconhecerão como pouco comum. Não pensava nele há anos. O facto de os espíritos familiares falarem dentro do gabinete enquanto retirávamos a médium do transe foi um fenómeno convincente.

Outra excelente manifestação de Iola.

A sessão experimental com Husk fala por si e não requer qualquer análise. Foi demonstrada uma grande força nessa ocasião; a poltrona levantada por cima da minha cabeça e colocada sobre a mesa pesava mais de trinta libras, e o próprio Husk deve pesar onze ou doze pedras. As vozes atrás de Husk eram muito nítidas, e era absolutamente certo que ele nada tinha a ver com o canto nem com a sua própria levitação. Note-se a posição da sua cadeira quando as luzes foram acesas.

Embora eu, normalmente, não possua qualquer faculdade mediúnica, houve uma ou duas ocasiões em que tive visões clarividentes durante uma sessão. Neste caso, vi nitidamente uma luz a emanar da médium. Não tenho dúvidas de que se tratava do meu guia, que frequentemente se posicionava, ou flutuava, atrás de mim nas sessões. Ela foi muitas vezes descrita por clarividentes.

Na maioria das sessões com Husk, as formas femininas materializadas apresentam ligaduras na parte inferior do rosto, sendo visíveis apenas o nariz e a parte superior da face; foi isso que tornou impossível para mim afirmar que a materialização de Iola tivesse sido alguma vez

verdadeiramente satisfatória. No entanto, nesta ocasião, outra parente apareceu sem qualquer ligadura.

A semelhança era notável, e o teste foi muito importante para mim, já que a senhora em questão, em vida, se opunha firmemente às minhas convicções, e, nessa altura, não tinha ainda falecido há três meses. Os controlos demoraram cerca de meia hora a preparar esta manifestação. Manifestei grande satisfação com a sua aparição. O "Tio" disse-me que não teria sido possível sem o meu "grande poder"; presumo que se referia ao poder de "transmissão", pois certamente não possuo qualquer outro tipo de poder.

O excesso de ansiedade do meu guia em se manifestar acabou por prejudicar esta sessão, mas não deixou de ser bastante interessante. As materializações de Cleópatra e Josefina foram impressionantes, e a súbita desmaterialização de Edna foi um dos fenómenos mais extraordinários que já presenciei; ela encolheu-se como se tivesse uma dobradiça no centro do corpo.

Nesta sessão, a atenção deve ser dirigida especialmente às desmaterializações, que pareceram ser exibidas expressamente para meu benefício.

Esta foi uma das sessões mais marcantes que alguma vez tive. Iola transmitiu-me uma mensagem privada através de uma canção, cantada por um espírito, acompanhando o fonógrafo. Este episódio foi referido por Sr.ª. Georgia, no seu texto automático, duas semanas depois, em Rochester, de uma forma que tornou a ligação entre os dois eventos absolutamente inconfundível.

Estas manifestações de ação espiritual são inexplicáveis segundo qualquer teoria de fraude. Uma pessoa que se deixasse enganar ao ponto de permitir a um médium executar tal artimanha teria de ser considerada incapaz de gerir os seus próprios assuntos e, portanto, inapta a viver em liberdade. Se sou essa pessoa, tal facto ainda não foi descoberto pela minha família, amigos ou colegas oficiais. O selo da carta não mostra sinais de ter sido violado; a resposta escrita é sensata e está acima do nível mental da médium; o meu cartão e outro papel foram encontrados dentro do envelope, juntamente com as cartas, e um papel foi transferido para o meu chapéu na sala da frente. Um dos aspetos mais curiosos é que a médium, sentada comigo na sala, conseguiu dizer-me, em sequência, as perguntas que eu tinha feito.

O retrato de perfil do meu guia não requer qualquer análise. O fenómeno ocorreu exatamente como o descrevi e, sendo em plena luz do dia, não posso ser acusado de me ter enganado em qualquer pormenor desta impressionante demonstração de poder espiritual. A teoria da "imagem preparada" e todas as histórias ocas da prestidigitação caem por terra. Ninguém jamais reproduziu ou irá reproduzir este episódio nas mesmas condições.

O leitor deve notar que me encontrava sentado entre a porta que se queria implicar e a mesa, com May Bangs do outro lado da mesa. Qualquer coisa que fosse passada por baixo da porta, para ou de May Bangs, teria de passar por mim.

Por um golpe de sorte, como hoje considero, o rapaz que recebeu a encomenda das Bangs Sisters para duas telas em forma de painel esqueceu-se de dizer que deveriam ser cobertas

com papel. Quando voltou à loja para as ir buscar, corrigiu o erro; o papel foi então esticado à pressa e chegou ainda molhado. Recebi-as pessoalmente e mantive-as sob meu controlo até serem colocadas na janela.

Não tenho qualquer explicação para este incidente. A médium nunca teve as mãos próximas do tinteiro; o episódio deu-se em plena luz do dia. Como já mencionei, a janela dava para sul. A tinta borbulhou no tinteiro até quase desaparecer por completo.

Sobre este outro episódio, só posso dizer que houve luz suficiente durante todo o tempo, e como havia apenas uma pessoa na sala, era impossível haver erro.

A luz durante esta sessão não era tão boa como na anterior, mas o fenómeno da desmaterialização das flores foi ainda mais notável — se tal é possível — pois estavam quase a tocar-me, a uma distância tal da médium que lhe seria impossível tocá-las, alcançar o vaso ou mesmo vê-las.

O interesse desta sessão residiu na clara diferença entre a forma de falar dos espíritos ingleses e americanos; no reconhecimento desse facto por parte do velho cavalheiro americano que me acompanhava; e no pequeno incidente através do qual Sir A. G. se identificou.

Aqui surgem incidentes verdadeiramente notáveis: (a) A visita de Sir Isaac Newton, que transmitiu muita informação; (b) o Dr. Jenkins (controlo), que, sem saber o que eu tinha feito noutra casa naquela manhã, me diz o que Hudson está a fazer e por que motivo está ausente; (c) e ainda acrescenta que "Hudson está a preparar bons testes para quando voltares a sentar-te em Rochester", o que se veio a confirmar inteiramente, se tivermos em conta os resultados obtidos.

A principal característica desta sessão foi a remoção do meu medalhão da corrente do relógio, o seu subsequente percurso e o regresso até mim. Note-se que a minha guia possuía, em vida, um medalhão exatamente igual. O tamanho da mão que o retirou da corrente era menos de metade do tamanho da minha. O Dr. Hyslop tentou convencer-me de que este episódio poderia dever-se a um ataque de histeria por parte da médium. Não entendo como qualquer grau de histeria pode diminuir o tamanho da mão de uma senhora ou permitir-lhe alcançar quatro pés de distância.

Neste outro caso, também não vejo como a histeria da Srta. Ada poderia conceder a identidade que o Sr. Xander tanto desejava e efetivamente obteve; nem como poderia permitir a Oma Yoant e outros espíritos cantar. A clarividência de Sr.ª. Wriedt nessa ocasião deve ser tratada como um episódio à parte.

Considero que esta manifestação de Catherine foi uma das melhores materializações obtidas através de qualquer médium nos tempos mais recentes. A cabeça e o busto pareciam estar completos; o rosto e o cabelo chamaram particularmente a minha atenção e estavam perfeitos em todos os detalhes. Foi a primeira vez que percebi com certeza que as formas não são totalmente tangíveis. As travessuras de Viola, neste caso, foram provas muito convincentes da sua extraordinária capacidade de assumir e abandonar, à vontade, a aparência da mortalidade.

Quanto às experiências com as irmãs Bangs, descritas nos pontos (99) e (100), os relatos já apresentados são suficientemente detalhados e não creio que qualquer análise adicional beneficie o leitor.

Na sessão de escrita em ardósia com P. O. Keeler, no final de maio de 1911, perguntei à minha guia se tinha estado presente nessa ocasião. Disse-me que sim, mas que a suposta carta com o seu nome não era dela. Todas as cartas foram escritas pelo controlo de Keeler, como eu já suspeitava. "Mas", acrescentou Iola, "o Sr. Keeler é um médium extraordinário." Concordo inteiramente. A ausência de identidade nas cartas não invalida o seu valor como prova de actividade espiritual. Estava certo de que (a) as ardósias estavam limpas, (b) Keeler não tinha qualquer intervenção na escrita e (c) uma quantidade significativa de texto foi produzida num curto espaço de tempo, tudo audível para mim, sem qualquer pressão sobre as ardósias que segurava nas mãos.

Esta sessão com Sr.ª. Wriedt foi rica em acontecimentos. Destaco as manifestações do Professor James, do Capitão Alexander Usborne, de Sir Richard Burton e de um infeliz suicida.

Numa sessão com um estranho, o Dr. John, ambos recebemos visitas de amigos pessoais, e também de uma figura histórica igualmente interessante para os dois. Duas vozes falaram simultaneamente em línguas diferentes — por duas vezes.

Ada Newton transmitiu um facto desconhecido tanto da médium como do Dr. John e de mim próprio. O Dr. Graham (um médico ainda bem recordado em Toronto) apareceu e comentou uma operação que testemunhara poucas horas antes no hospital. Nestes casos, Sr.ª. Wriedt não teve qualquer papel ativo e, mesmo admitindo, hipoteticamente, que conhecesse todas as circunstâncias, de onde vinham então as diferentes vozes?

Iola respondeu a uma pergunta que eu tinha em mente antes da sessão. Um agricultor surdo foi energeticamente convocado. Duas vozes falaram ao mesmo tempo. A minha sobrinha visitou-me. Também recebi a visita do Professor E. J. Stone, F.R.S., antigo astrónomo real no Cabo da Boa Esperança. Todos estes acontecimentos exigiriam muitas explicações alternativas se a hipótese de fraude — quer deste, quer do outro lado da vida — fosse tida como base da investigação.

Grayfeather visitou-me na casa de Sr.ª. Wriedt e fez um aviso em relação ao seu médium, Jonson. Isto foi totalmente inesperado e, sob todos os pontos de vista, extremamente interessante. Como será visto no epílogo do último capítulo, Grayfeather veio a Inglaterra em maio de 1911 e demonstrou um conhecimento preciso do que aqui se passava. Manifestou-se três vezes num único dia na casa de campo do Sr. Stead.

Este é um caso extraordinário de poder espiritual: (a) porque Sr.ª. Wriedt estava num ambiente completamente novo; (b) a sala era pequena e não estava magnetizada; e (c) na noite anterior, quando fez uma sessão para os seus simpáticos anfitriões, não houve qualquer fenómeno.

As visitas de Sir Isaac Newton, nos pontos (118) e (115), confirmaram o que dissera anteriormente e incluíram conversas sobre as suas experiências no campo do problema da antigravidade. Falta ainda provar se há algum propósito concreto nestas comunicações. Parece provável que, até se descobrir uma forma de contrariar localmente a gravidade, os aeroplanos nunca terão verdadeiro sucesso. Quer tenha sido ou não realmente honrado com uma visita de Sir Isaac Newton, uma coisa é certa: as sugestões que ele fez acerca de uma nota musical capaz de contrariar as vibrações da gravidade não tiveram origem em mim nem na médium.

Correlações

Por correlação, entendo a interligação entre diferentes sessões, provando que os espíritos têm consciência, ao manifestar-se através de um médium, de que já se manifestaram noutras ocasiões e por intermédio de outros médiuns. Este é um argumento muito importante a favor da hipótese espiritualista, se se conseguir demonstrar que os médiuns não trocaram informações entre si — por carta ou telegrama — acerca do consulente.

Devo aqui acrescentar que não desconheço o alegado facto de que, nos Estados Unidos, existiria um volume secreto chamado "Dope Book" — ou, segundo outros, "Blue Book" — mantido por todos os médiuns, contendo os nomes de residentes de diferentes cidades e os seus vários níveis de credulidade.

Nunca encontrei uma pessoa fiável que o tivesse visto, e duvido seriamente da sua existência. Parece-me que, se tal registo estivesse realmente impresso, já teria vindo a público e seria de conhecimento geral. Todos os investigadores sabem que os médiuns profissionais não são propriamente pessoas capazes de ocultar algo deste género; a sua existência acabaria por ser revelada, se não por eles próprios, então pelos tipógrafos. Registos como este implicariam uma organização vasta e custos consideráveis, que os médiuns dificilmente poderiam suportar. No entanto, é dever de todos os que afirmam ter recebido provas do sobrenatural investigar cuidadosamente qualquer alegada estratégia que possa pôr em causa o seu testemunho. Assim, não podemos ignorar com segurança as repetidas declarações de críticos de poltrona, que afirmam existir uma fonte de informação comum a todos os médiuns sobre potenciais clientes.

Agora, se um livro destes estiver em circulação, a sua utilidade é muito duvidosa, mesmo entre os cidadãos dos Estados Unidos, pelo simples facto de que os médiuns, regra geral, não sabem os nomes das pessoas que se sentam com eles, nem quando estas tencionam aparecer; não há tempo, depois de estarem todos sentados, para se estudar um volume tão abrangente como o que se diz ser esse livro. No caso de visitantes ocasionais oriundos de países estrangeiros, um livro desses é totalmente inútil.

Tomemos o meu próprio caso. Em 1904, ninguém na América sabia que eu estava prestes a visitar o país, nem sequer que eu tinha qualquer interesse em investigação psíquica. Em 1908-1909, apenas dois ou três amigos de confiança sabiam da minha intenção de viajar, sendo que me deslocaria a locais não visitados em 1904-1905. Enquanto investigadores, não era minimamente provável que se dessem ao trabalho — mesmo que tivessem vontade e não

tivessem sido avisados em contrário — de se dirigirem aos médiuns e lhes fornecerem, gratuitamente, informações sobre mim, de quem, aliás, pouco sabiam.

Em 1910-1911, foram tomadas precauções rigorosas. É verdade que, nessa visita, fui às mesmas cidades que em 1908-1909; mas nenhum médium profissional sabia da minha vinda, e não ocorreu qualquer incidente que indicasse conhecimento preciso ou recordação da minha visita anterior.

Quanto aos médiuns particulares, como a Sra. Georgia e a Srta. Ada Besinnet, é completamente impensável que se preocupem minimamente com qualquer "Livro de Batota", caso este exista. Não se pode provar com precisão matemática, mas estou igualmente certo de que os Jonson, as Irmãs Bangs, a Sra. Wriedt e o Sr. Kaiser não obtiveram informações sobre mim por meios ilícitos. Os fenómenos que ocorreram refutam tal suposição.

Médiuns com grande prática e poder psíquico elevado são notoriamente esquecidos em relação ao que acontece na sua presença; mesmo que quisessem lembrar-se, seria impossível recordarem-se das personalidades dos milhares de espíritos que se manifestam aos seus clientes num só ano; e, se isto é verdade para pessoas do seu próprio país, quanto mais difícil será recordar o que se passou com turistas ocasionais.

Além disso, são pessoas indolentes, que nunca escrevem uma carta ou enviam um telegrama se o puderem evitar; quanto a telegramas, o custo é equivalente ao valor que cobram por uma sessão. Sabendo que eu estava no país apenas por pouco tempo e que não era provável que voltasse, por que razão, em nome do bom senso, haviam de comunicar os meus movimentos ou os pormenores intricados das minhas sessões com eles a outros médiuns que poderiam suspeitar que eu iria visitar? E se o fizessem, de que modo isso beneficiaria os seus interesses numa visita minha que só ocorreria anos depois?

Em cada cidade há um pequeno grupo de senhoras e cavalheiros que investigam de forma rigorosa. O grupo de uma cidade não conhece os das outras. Tão ofensiva é a atitude do americano médio perante o espiritualismo que, como regra, o verdadeiro investigador mantém os seus estudos em segredo — não tanto por recear o ridículo, mas porque sabe que uma confissão pública da sua crença no sobrenatural enfraqueceria a sua influência nos assuntos públicos. Foi graças à amabilidade desses investigadores americanos que só tive contacto com os melhores médiuns.

Um espírito brincalhão disse uma vez: "Há três fases na evolução de qualquer nova descoberta: (1) 'É tudo mentira'; (2) 'É obra do diabo'; (3) 'Sempre soubemos disso'." A América encontra-se na fase (1), a Grã-Bretanha na fase (2). E o mais curioso disto tudo é o seguinte: o segredo está na América.

Apenas os médiuns nascidos nos Estados Unidos, e criados nesse ambiente elétrico, possuem poder psíquico suficiente para induzir os espíritos desencarnados a fazerem o esforço de se manifestar de forma clara e eficaz. Podem, como no caso de Dan Home e da Sra. Wriedt, exercer o seu dom na Inglaterra, mas raramente se mantém como no seu país de origem.

Mas, voltando à questão da possível conivência entre médiuns, deixem-me ilustrar o meu ponto. Como poderiam as Irmãs Bangs saber que eu lhes iria aplicar testes? Como poderiam saber que tipo de retrato eu pretendia? Sabiam que se tratava do meu guia, mas nada mais. Nem sequer tinha comigo uma fotografia, como aconteceu em 1909. Todo o arranjo da sessão para o retrato — a pose, o medalhão, a corrente e o vestido — fora combinado entre mim e Iola em Detroit, através da voz direta.

O cético típico da SPR diria: "Ah, sim; mas claro que a Sra. Wriedt escreveu todos esses pormenores às Irmãs Bangs no dia anterior." Terá mesmo? Ouçam este episódio. Na tarde do primeiro dia, 28 de Janeiro, o rosto do Dr. Sharp apareceu por breves instantes no tecido moteado, como referido no incidente (99). Lizzie Bangs então disse: "Estou a ser impressionada pelo Dr. Sharp" (pausa); "ele diz que quer esclarecer algo" (pausa). "É sobre o dinheiro pago pelo seu retrato.

Devemos dizer-lhe que dissemos à Sra. Wriedt para afirmar, caso alguém perguntasse, que pagou trinta dólares por esse retrato. Nós não cobramos nada pela sessão, mas éramos tão incomodadas por médiuns a pedirem-nos para posar, como colegas psíquicas, que quisemos deixar claro que não estávamos dispostas a usar o nosso dom gratuitamente para eles nem para mais ninguém."

Nota: (1) Dois anos antes disto (1909), as Irmãs Bangs disseram-me que tinham feito o retrato do Dr. Sharp gratuitamente para a Sra. Wriedt. (2) Nesta visita (1911), não se fizera qualquer alusão ao Dr. Sharp ou ao seu retrato.

Mas, cerca de uma semana antes da mensagem supracitada do Dr. Sharp à Lizzie Bangs, perguntei à Sra. Wriedt, na sua sala de estar em Detroit:

"Quanto pagou às Irmãs Bangs por aquele belo retrato do Dr. Sharp?"

Ela respondeu: "Trinta dólares."

Eu disse: "Que curioso; elas disseram-me que o fizeram gratuitamente."

A Sra. Wriedt ficou visivelmente embaraçada e o assunto foi mudado.

Quando a impressão do Dr. Sharp foi transmitida por Lizzie Bangs, fiquei encantado, julgando ter recebido um teste magnífico. Nessa noite, escrevi à Sra. Wriedt a relatar o que a médium de Chicago dissera, certo de que ela confirmaria a história. Encontrei-a a 8 de Fevereiro. Imaginem o meu espanto quando ela me disse, com toda a gravidade, que a história era falsa.

Disse: "Almirante, se isso fosse verdade, eu tê-lo-ia dito, pois não minto nem sequer por conveniência das Irmãs Bangs; paguei, como lhe disse, trinta dólares. É verdade que esse valor é inferior ao que normalmente cobravam em Lily Dale. Alguns retratos, do mesmo tamanho, custavam quarenta e cinco dólares."

Pergunto então: isto parece ser conluio entre a Sra. Wriedt e as Irmãs Bangs? O Dr. Sharp, que invariavelmente demonstra grande estima pelas Irmãs Bangs, disse, de forma espontânea, quando se materializou a 8 de Fevereiro, na casa dos Jonson, em Toledo: "A questão do preço

do meu retrato será esclarecida." E quando lhe voltei a perguntar, no dia 7 de Fevereiro, em Detroit, respondeu:

"Aquelas pobres raparigas têm tanto que fazer que se esqueceram."

Isto é perfeitamente plausível; nenhuma das irmãs tem boa memória.

A propósito, posso afirmar que o retrato em questão é a melhor precipitação que alguma vez vi realizada na presença das Irmãs Bangs. Como retrato, não posso opinar, mas como obra de arte tem um valor muito superior à modesta quantia paga por ele. Considero-o digno de valer pelo menos cem dólares como pintura.

Tenho outros dois que são quase tão bons; custaram-me trinta e cinco dólares cada. Foram avaliados aqui como cópias coloridas de fotografias, e a estimativa mais baixa foi de cem dólares (cerca de vinte libras). Estão ambos reproduzidos neste livro, mas as versões a preto e branco feitas a partir de fotografias em carbono não conseguem transmitir o seu verdadeiro valor artístico.

De qualquer modo, esta não é a questão principal. Eu não tinha mencionado uma única palavra às Irmãs Bangs sobre o dinheiro pago pela Sra. Wriedt pelo retrato; a impressão transmitida por Lizzie Bangs apanhou-me completamente de surpresa. Compreendo facilmente que o velho espírito-guia, devotado à sua médium e com grande consideração pelo bom trabalho realizado pelas Irmãs Bangs, tenha ficado incomodado com a conversa que ouvira entre mim e a Sra. Wriedt, e tenha tentado esclarecer a situação. Qual a verdade do caso, realmente, não era da minha conta, e nem sequer me passava pela cabeça no dia 28 de Janeiro de 1911.

Passo agora a outro indício da ausência de conluio entre a Sra. Wriedt e as médiuns de Chicago. Eu e Iola tínhamos combinado em Detroit que o retrato seria inteiramente espiritual — o que implicava que o cabelo estaria solto. Acontece que mais tarde me arrependi disso e desejei, mentalmente, que esse pormenor fosse de algum modo evitado, pois não imaginava que ficasse bem. Como descrevo no Capítulo IX, as irmãs viram a figura de forma clarividente.

Inicialmente, o cabelo estava solto; voltei a manifestar mentalmente a minha objeção, e as clarividentes viram-no puxado para trás da cabeça, uma delas dizendo: "Ela percebe que não gosta do cabelo solto, e por isso arranjou-o de forma diferente." E de facto, arranjou-o de tal modo que agora se pode confundir com o estilo mais moderno de penteado. Há uma grinalda de flores no topo da cabeça que me evoca uma associação pessoal, embora não estivesse, por assim dizer, "no programa".

Apesar do meu esforço para analisar todas as possíveis explicações normais, não encontro uma única evidência nas minhas anotações que demonstre correspondência entre os Jonson e a Sra. Wriedt, nem entre as Irmãs Bangs e os Jonson, ou entre estes e a Sra. Wriedt. O que leva alguns principiantes a confundir as manifestações com possível conluio entre médiuns é o facto de os espíritos-guia de diferentes médiuns se encontrarem ocasionalmente e, não tenho dúvida, trocarem ideias e informações no "além". Se os médiuns já se conheceram, esse contacto espiritual torna-se ainda mais fácil. Mas, em vez de se apresentar isto como

argumento contra a veracidade do espiritualismo, é na verdade uma das melhores provas a seu favor.

Detroit fica a quase 100 quilómetros de Toledo por caminho-de-ferro, e a cerca de 70 em linha reta. Os espíritos habituais do gabinete dos Jonson manifestam-se por vezes nas sessões da Sra. Wriedt e do Sr. Kaiser. Um dos melhores exemplos disso está nas minhas notas públicas: o discurso do guia dos Jonson, Grayfeather, a 11 de Fevereiro de 1911, durante uma das minhas sessões privadas com a Sra. Wriedt. Falando praticamente com a mesma voz que usa ao manifestar-se através de Jonson, e numa altura em que Jonson estava doente, lembra-me a origem da doença do médium: "desde que pendurou aquele papel na parede" — um episódio que o próprio Jonson já me tinha contado pelo menos duas vezes.

As sessões com a Sra. Wriedt convencem por si mesmas. Não é preciso amarrá-la, amordaçá-la ou sujeitá-la aos diversos métodos ridículos usados por pseudo-cientistas. Ela só fala uma língua — o "yankee". É fisicamente incapaz de articular inglês britânico correto ou a linguagem dos indígenas. Nenhuma pessoa sensata poderia suspeitar que ela estivesse a imitar Iola, Grayfeather ou qualquer um dos espíritos ingleses que me visitam.

Há correlações por todo o lado nas minhas notas. Hudson transmite mensagens de Chicago e Detroit para Rochester, e identifica-se de forma coerente nas três cidades através de três médiuns diferentes, que não se conhecem entre si. Iola, através da escrita da Sra. Georgia em Rochester, refere-se a um incidente específico que ocorreu dias antes na sala de sessões da Srta. Ada Besinnet, sendo que estas duas médiuns privadas não se conhecem. Em Detroit, ela menciona frequentemente eventos em que participou durante sessões com a Sra. Georgia, os Jonson e as Irmãs Bangs. Ajuda a precipitar um retrato num vestido cor de lavanda pálido em Chicago. Pergunto a dois espíritos-guia em Detroit, e confirmam-me que essa é a cor correspondente à sexta esfera, sétimo reino — posição que Iola sempre afirmou ocupar no mundo espiritual.

Ela é capaz de me dizer a qualquer momento o que tenho feito, e demonstra um conhecimento íntimo da minha vida, dos meus amigos e dos meus percursos, que é nada menos que surpreendente. Relata-me, em Detroit, a explicação de uma série de acontecimentos ocorridos há cinquenta anos, dos quais eu só tinha conhecimento parcial, e traz três outros espíritos que confirmam a sua história.

Estou numa sessão com os Jonson em Toledo numa tarde de sábado, quando Cleópatra se manifesta e diz: "Vou para o Oeste contigo." No domingo à noite, Cleópatra aparece a May Bangs, com quem estou a fazer uma sessão em Chicago. Nem haveria tempo para uma carta chegar, mesmo que os Jonson tivessem querido escrever, o que tenho a certeza que não aconteceu.

Grayfeather, o guia espiritual dos Jonson, manifesta-se na casa de campo de W. T. Stead, na Inglaterra, onde a Sra. Wriedt é convidada, identifica-se e participa nas sessões. Recorde-se que este indígena não é guia da Sra. Wriedt, e só recentemente visitou pela primeira vez a sua sala de sessões em Detroit. Enquanto esteve em Inglaterra, o seu discurso não se limitou a temas americanos; recolheu informações de Julia e de outros espíritos, e demonstrou um

conhecimento bastante aceitável dos assuntos britânicos. Também se manifesta através de Kaiser em Detroit.

Numa das minhas sessões privadas com a Sra. Wriedt na casa de campo de Stead, Grayfeather veio até mim e, falando de forma distinta, disse: "Chefe, só venho quando estás cá; os grandes chefes do teu país não gostam de índios. Gladstone, ele viu-me e disse: 'Sai daí!' E tu, almirante, teu amigo, disseste: 'Grayfeather, vai-te embora!'"

P.: "A quem te referes, Grayfeather?"

R.: "Refiro-me ao almirante de Portsmouth. Ele está aqui agora. Trouxe-o até ti."

Então, um oficial distinto identificou-se perante mim — alguém que tinha morrido subitamente três meses antes em Portsmouth. Conversámos sobre diversos assuntos. Perguntei-lhe se não gostava de Grayfeather. A sua resposta foi: "O seu modo de falar é muito brusco."

O espírito-guia "Tio" refere-se, numa das sessões de Husk, a ter-me visto no dia anterior numa sessão em que o médium era Williams.

John King (Sir Henry Morgan), o guia principal de Husk, assume o controlo dos fenómenos físicos nas sessões da Sra. Wriedt em casa do Sr. Stead, e cumprimenta os participantes que conheceu no círculo de Husk, chamando-os pelo nome.

Abdullah, um dos espíritos-guia de Craddock, manifesta-se em duas sessões dos Jonson em Toledo, Ohio.

Concluirei este tema das correlações com a narração de outro incidente ocorrido numa das minhas sessões privadas com a Sra. Wriedt, em Inglaterra.

No dia 10 de Junho de 1911, a minha guia falou comigo durante cerca de trinta a quarenta minutos. Entre outras coisas, disse: "Fui ter com o teu primo aqui há dias e falei-lhe do pai dele e de familiares no Canadá."

P.: "Que nome lhe deste?"

R.: (O espírito deu então um dos nomes que usou em vida.)

Escrevi a esse meu primo, que me informou que, de facto, tinha participado numa sessão com a Sra. Wriedt (na mesma sala) cerca de duas semanas antes. Um espírito apareceu e deu o seu nome completo e o da sua irmã. Referiu-se ao seu "retrato". Ele não percebeu a que se referia. (Este senhor nasceu seis anos depois da morte de Iola e nunca ouvira falar dela na família.)

Os nomes que me deu estavam todos corretos, e um deles era o nome pelo qual o pai dele chamava Iola — um nome raramente usado pela família. Eram seis nomes no total.

Os esforços de ilusionistas sérios nunca devem ser desprezados por quem investiga o espiritualismo. Se conseguem desmascarar um médium fraudulento, tanto melhor para nós. Desde que relatem com verdade o que viram e como o explicam, não podem, de forma alguma, prejudicar os médiuns genuínos. Infelizmente, nem todos se limitam aos truques no palco e

acabam por levar os seus enganos legítimos para a vida privada, onde já não o são — e muitas vezes enfraquecem a sua própria credibilidade ao adotarem, de início, teorias de fraude sem sequer terem presenciado os fenómenos em discussão.

Quando um homem sobe ao palco e diz: "Senhoras e senhores, vejam que não tenho nada comigo," e depois tira três ou quatro coelhos dos bolsos do casaco, está a fazer algo perfeitamente legítimo; mas se esse mesmo homem, nessa mesma noite, escreve a um amigo a dizer: "Garanto-te que esses médiuns que viste são uns vigaristas", sem nunca ter estado sequer a seis mil quilómetros deles, está pura e simplesmente a mentir. Não pode saber, porque não os viu; pode dizer "alguém me contou", mas isso não serve de resposta ao seu interlocutor, que presenciou os fenómenos sob condições que excluem a fraude.

As explicações de ilusionistas nem sempre funcionam contra o espiritualismo; podem, na verdade, confirmar as nossas experiências de forma bastante prática. Dou um exemplo pessoal. No verão de 1909, chegou-me a notícia de que May Bangs tinha ido a tribunal em Chicago e teria negado que os retratos obtidos na sua casa se deviam a qualquer processo oculto. Regra geral, não acredito no que leio nos jornais americanos, mas esta notícia saiu no *Progressive Thinker*, uma publicação dedicada à divulgação do espiritualismo. Conhecia o editor e sabia que acreditava na genuinidade dos fenómenos de retrato e escrita das Irmãs Bangs; era impossível ignorar tal relato vindo do seu próprio jornal. Confesso que durante alguns meses fiquei bastante confuso.

Troquei longa correspondência com um ilusionista que afirmava ter descoberto o segredo da produção das imagens precipitadas. Deve ter pensado que eu era um aluno muito aplicado, pois chegou a propor-me que escrevesse um livro sobre o que presenciara, com as suas explicações sobre "como tudo se fazia". Creio que trocámos quase uma centena de cartas.

No fim, convenceu-me de que não sabia absolutamente nada do assunto. Depois, reproduziu o efeito no palco — de início de forma tosca, mas mais tarde, com esforço, de forma bastante satisfatória. O princípio eu já conhecia. Fora descoberto por um amigo espiritualista com base nos meus próprios modelos. As "condições" do ilusionista eram tão diferentes das sessões das Irmãs Bangs como uma caldeira de locomotiva difere de um bule de chá. Fez o melhor que pôde, mas os seus esforços e explicações apenas fortaleceram a convicção que já mencionei.

A questão da alegada "confissão" de May Bangs acabou por se resolver com a descoberta de que a notícia no *Progressive Thinker* era incorreta; chegou a Inglaterra prova abundante de que a médium nunca negara o seu dom; e assim o assunto ficou encerrado.

O ponto da minha história é este: foi um ilusionista que, no fim, me convenceu de que as manifestações espirituais que observei em 1909 com as Irmãs Bangs eram genuínas. A sua incapacidade para explicar, de forma satisfatória, os fenómenos por meios normais foi o que me permitiu regressar a Chicago com confiança.

Talvez ainda tenha algo a dizer sobre os ilusionistas americanos antes da publicação deste livro. Este capítulo conclui o relato dos factos que posso expor publicamente e que me levaram à certeza de que a imortalidade do ser humano é uma realidade; de que é possível, aqui e

agora, comunicar sem grande dificuldade com o estado de consciência que se segue; e de que a morte, tal como o sono, é apenas um episódio na evolução do ego.

CAPÍTULO XII

CONCLUSÕES

A minha história está contada, e um dever cumprido. Possuo outras provas que não podem ser tornadas públicas. É-me indiferente que este livro tenha sucesso ou não. As novas ideias demoram a ser assimiladas — mas a verdade acabará por prevalecer. A minha formação foi longa. Há sessenta anos, seria considerado louco. Abraham Lincoln era espiritualista — houve uma sessão na Casa Branca. Lincoln interessava-se tanto por fenómenos físicos como mentais. Longfellow também era espiritualista. Aceitação e resignação. As cinco perguntas tolas — "De que serve tudo isto?" O hino da Ressurreição. A Guerra Civil Americana. O Bispo de Londres. As Igrejas não oferecem consolo. Uma objeção ao espiritualismo que não deve ser ignorada — a doutrina da Igreja Católica Romana. O que essa Igreja exige dos seus fiéis. O homem como seu próprio salvador. Hoje há mais tolerância para diferentes formas de culto. O Arcebispo Magee sobre a Expiação. A ressurreição de um ser sobrenatural não encoraja o homem. Seres com mais de três dimensões não conseguem explicar-se a quem vive apenas em três. O tempo é uma noção mortal. Exemplos da atividade de seres de mais dimensões. Reflexões e perguntas curiosas — com respostas. O luto exagerado dos vivos afeta negativamente os espíritos. O riso na sala de sessões. As esferas e os reinos. A primeira tentativa de ascensão assemelha-se ao inferno da teologia cristã. A quebra da regra de ouro. Os reinos distinguem-se por cores. Espíritos malignos não têm conhecimento vibratório suficiente para causar dano físico na Terra. Os perigos do espiritualismo. Sir James Simpson. Espíritos benfeitores. Benefícios do espiritualismo. É correto chamar os espíritos? As provas só são dadas a alguns. Milhares receiam relatar as suas experiências. O maior sensitivo. Sir Lewis Morris. Os argumentos dos eclesiásticos não convencem os materialistas.

A minha história está contada; terminou a narração da minha aprendizagem e cumpri um dever. Em 1904 fui levado a investigar o espiritualismo; em 1911 concluí os meus estudos e estou convencido da sua veracidade. Mesmo que nunca mais volte a ver outro médium, as provas que obtive são suficientes para me convencer do que há para além da vida. Irei para o túmulo com a certeza de que, passados apenas uns dias, despertarei com a mesma individualidade que possuía antes de o sopro vital abandonar o meu corpo.

Nos meus registos encontro algumas contradições e muitas incoerências que não compreendo. Isso é inevitável. Existem diferenças de opinião no outro mundo, tal como neste. A comunicação com os que estão "do outro lado" não é tão simples que nos permita esperar respostas claras e distintas a todas as perguntas, como se estivéssemos a lidar com habitantes de um estado de consciência limitado a três dimensões.

Aqueles a quem pedimos informações dizem-nos, com franqueza, que não podem responder a muitas questões devido às nossas capacidades mentais limitadas. "Não conseguirás compreender estas coisas até cá chegares" — é uma resposta frequente. No entanto, descubro que certos princípios gerais percorrem todos os fragmentos de conhecimento que me foram concedidos, os quais me ensinam que a escatologia cristã, tal como é hoje interpretada, está profundamente errada.

Alguém poderá perguntar: "É tudo isto que relata no seu livro o conjunto das provas que o levaram a acreditar na proximidade dos espíritos desencarnados e na persistência da sua personalidade após a morte?" Não, leitor, não é. Tenho provas muito melhores nos meus cadernos de apontamentos do que aquelas que publiquei; milhares de mensagens privadas entrelaçadas com os factos públicos que partilho. Tenho também centenas de relatos sinceros, narrados por homens e mulheres de todos os níveis de inteligência e crença religiosa, sobre as suas experiências. Tudo isso é de natureza privada.

O mundo ainda não está preparado para uma revelação geral de todas as visões de que os investigadores dedicados desfrutam sobre o mundo vindouro; seria imprudente divulgar a uma audiência cética os detalhes sagrados que constituem as razões mais fortes para a fé pessoal. Enquanto nove décimos dos habitantes do mundo civilizado continuarem despreparados, ignorantes e submetidos ao jugo clerical, tais revelações causariam mais dano do que benefício — mesmo na Inglaterra, provocariam raiva, desprezo e troça. Não é função de um investigador provocar tal reação. O seu dever é relatar, da forma mais clara possível, tudo o que viu e ouviu, excluindo os assuntos familiares e íntimos, e deixar as consequências ao critério dos leitores. Não lhe compete preocupar-se com a crença ou descrença desses leitores, nem enveredar por qualquer forma de propaganda.

Estou certo de que quem ler o meu livro não me achará descortês se afirmar que me é indiferente que acreditem ou não no que nele está escrito. Se acreditarem, estarão mais preparados para as experiências que poderão viver por si próprios, caso sigam o mesmo caminho. Se não acreditarem, isso apenas indica que ainda não se encontram num estado de espírito apto para assimilar uma ideia nova.

Há tempo de sobra; se rejeitarem as minhas experiências por as acharem inverosímeis, os seus filhos e netos não o farão. A Natureza é uma mãe prudente; não tenciona que verdades novas sejam absorvidas rapidamente. O facto de o mundo ser redondo era conhecido por alguns mil anos antes de Cristo, mas passaram séculos até que essa verdade fosse aceite no Ocidente; de facto, ainda hoje há pessoas aparentemente inteligentes em Inglaterra que não acreditam nisso — eu próprio conheci pelo menos uma.

Do mesmo modo, decorreram séculos até que fosse geralmente aceite que a Terra gira em torno do Sol. O fluxo e refluxo da controvérsia acabou por convencer as massas de que assim é.

O espiritualismo paira no ar há pelo menos quatro mil anos, mas ainda não chegou o tempo da sua plena assimilação. A sua aceitação será mais rápida na Grã-Bretanha do que nos Estados Unidos; mas, em nenhum dos países, ganhará raízes profundas durante muitos anos — talvez

não antes do fim deste século. A maré da crença e da negação fluirá e recuará até que, ao fim de muitas décadas, se alcance um consenso geral.

Não é do interesse público que factos tão revolucionários sejam facilmente aceites. Imagine-se o que sucederia se todos os habitantes das Ilhas Britânicas tomassem, de repente, consciência do que os espera após a morte e da proximidade dos entes queridos que perderam. Multidões correriam a procurar médiuns, abandonando os seus deveres e ocupações legítimas pelo frenesim das sessões.

A miséria e a carência extrema são o fado infeliz de centenas de milhares neste país. Eles acreditam que já nada pode piorar a sua situação; então por que não cortar o frágil fio que os prende à vida presente e arriscar os perigos do além, com esperança de alcançar a felicidade? Não! A Natureza abomina esses terramotos súbitos na continuidade do processo evolutivo.

A publicação deste livro é um dever, mas trará pouco benefício visível. Anos mais tarde, outros viajantes, regressando de terras distantes imbuídos das condições elétricas como as que existem na América do Norte, relatarão os retratos que viram ser precipitados, as formas que viram materializar-se, os cânticos que ouviram de vozes invisíveis e as mensagens que escutaram com informações concretas de importância pública e privada. Nessa altura, haverá mais pessoas preparadas do que há hoje; olharão para os registos de antigos investigadores e descobrirão que um velho oficial da Marinha, já reformado, tivera as mesmas experiências. Isso fá-los-á pensar:

"Poderão estes fenómenos insólitos ocorrer a duas ou mais pessoas que não se conheciam, e que viveram em épocas diferentes, sem que haja alguma verdade no que relataram?"

Novas investigações seguir-se-ão (esperemos que com métodos mais sensatos do que os usados hoje), e haverá mais discussões acesas. Os ilusionistas continuarão a aproveitar-se do tema. Mas o desfecho é certo: a verdade, por mais que tarde, acabará por vencer. O espiritualismo será aceite como um facto e transformará profundamente a visão horrenda que hoje temos da morte e do juízo final.

Quando alguém se propõe descrever acontecimentos fora da experiência humana comum, tem o dever de se apresentar; se não o fizer, quem lê tem todo o direito de pôr em causa a sua capacidade de observação. E quanto mais extraordinárias forem as experiências relatadas, mais necessária será essa justificação. Deve demonstrar que tem, pelo menos, a mesma capacidade de ver e ouvir que qualquer profissional ou homem de negócios médio.

Aos dezasseis anos, entrei na secção de levantamentos da Marinha, e estive ligado ao departamento hidrográfico do Almirantado, de uma forma ou de outra, durante trinta e cinco anos. Quando me retirei, tinha comandado seis navios de levantamento hidrográfico e dirigido cinco missões de levantamento no Oceano Pacífico, Austrália, China, e nas costas da Escócia e Inglaterra. A vida de um topógrafo náutico é um longo treino da capacidade de observação; não há profissão onde tanto se exija aos olhos — e poucas em que tanto se peça aos ouvidos.

Os olhos humanos, olhando diretamente para a frente de um observador, captam, com maior ou menor precisão, todos os objetos dentro de um arco de cento e sessenta graus. Aqueles

situados dentro de oitenta graus podem ser vistos com considerável nitidez. É tarefa do explorador registar tudo o que pode ver de relance dentro desse arco; quem adquire destreza nesse domínio é quem melhor se sai na arte da cartografia e na recolha de notas que, mais tarde, servirão de base às informações necessárias à navegação dos navios que o seguirão. Se não tiver boa visão ao longe e ao perto, boas capacidades naturais de observação, e precisão no registo do que observa, fracassará nesta profissão. Eu não fracassei.

Não pretendo afirmar que, ao andar na rua, o topógrafo náutico ou explorador seja mais atento do que o homem comum; mas afirmo que, numa missão específica, ele vê de facto mais. O meu principal objetivo, enquanto estava no ativo, era cartografar o máximo possível no menor tempo viável, de modo a tirar o maior proveito dos intervalos de bom tempo.

Desde que me reformei, a minha busca tem sido outra: determinar se existe ou não um campo de consciência à nossa volta, habitado por seres inteligentes que pensam como nós, falam como nós, têm memória e conhecimentos terrenos; seres capazes de se identificar como pessoas que conhecemos e que, portanto, podem razoavelmente ser considerados espíritos desencarnados de antigos habitantes deste mundo. Esta busca requer todas as capacidades de observação que um investigador pode reunir: é um estudo difícil, muitas vezes frustrante, repleto de desilusões e aparentes incoerências. São necessários registos rigorosos, análise crítica e discernimento — qualidades idênticas às exigidas a um topógrafo naval. Uma ocupação não é má introdução à outra.

As minhas capacidades naturais de visão e audição são hoje semelhantes às do homem médio da minha idade, mas acredito que a profissão que desempenhei me proporcionou a formação ideal para a investigação psíquica. Iniciei esta jornada sem procurar consolo e sem ideias pré-concebidas sobre o estudo do oculto. Em suma, creio que os meus registos são tão fiáveis como os de qualquer um dos meus predecessores que se dedicaram a este ramo de investigação tão fascinante.

Tenho plena consciência de que, se tivesse publicado este livro há sessenta anos — ou mesmo numa data mais recente — ele poderia ser usado como prova da minha insanidade, e, se alguém estivesse suficientemente interessado em apoderar-se dos meus modestos bens, tê-lo-ia conseguido com a ajuda de três médicos. Muito provavelmente, teria sido encerrado num asilo. Nos Estados Unidos, esse seria o meu destino ainda hoje. Felizmente, não vivo nesse país obscuro, mas sim num território verdadeiramente livre, onde não se está amarrado ao dogmatismo da ignorância.

A América deu ao mundo alguns grandes poetas e espiritualistas, mas o materialismo generalizado das massas impede que esses homens exerçam a influência que teriam se vivessem neste país. Uma das maiores almas do século XIX — talvez mesmo a maior — Abraham Lincoln, era espiritualista no íntimo; mas nem o conhecimento deste facto faz com que os céticos superficiais hesitem no seu desprezo escarninho. Não creio que existam, em toda a América do Norte, mais de duzentas e cinquenta mil pessoas que se assumam como espiritualistas.

A seguinte história foi publicada por uma jovem médium por quem o grande Presidente nutria sincero respeito:

"A Sra. Lincoln recebeu-nos cordialmente e apresentou-nos a um cavalheiro e a uma senhora presentes, cujos nomes esqueci. O Sr. Lincoln ainda não estava presente. Enquanto todos conversavam animadamente sobre assuntos gerais, a Sra. Miller (filha do Sr. Laurie) sentou-se ao piano de cauda duplo, num dos cantos da sala, como que à espera de alguém, aparentemente sob controlo espiritual. A Sra. Lincoln falava connosco num tom afável quando, de repente, as mãos da Sra. Miller caíram sobre as teclas com a força de um mestre, e os acordes de uma marcha grandiosa preencheram a sala.

À medida que as notas ritmadas se elevavam e decaiam, todos ficámos em silêncio. A extremidade mais pesada do piano começou a subir e descer, em perfeita cadência com a música. De súbito, tudo cessou, e o Sr. Lincoln apareceu à entrada da sala. (Contou-nos depois que as primeiras notas da música chegaram aos seus ouvidos quando estava a começar a descer a grande escadaria, e que manteve o passo ao ritmo da música até entrar na sala.)

O Sr. e a Sra. Laurie, bem como a Sra. Miller, foram devidamente apresentados. Em seguida, fui conduzida até ele e apresentada. Ele estava ali, alto e gentil, com um sorriso no rosto. Colocando a mão sobre a minha cabeça, disse num tom bem-humorado: 'Então esta é a nossa pequena Nettie, de quem tanto ouvimos falar?' Só consegui sorrir e responder: 'Sim, senhor', como qualquer rapariga de escola, e ele conduziu-me amavelmente a um escabelo. Sentando-se numa cadeira, com o escabelo a seus pés, começou a fazer-me perguntas sobre a minha mediunidade, num tom gentil; e penso que deve ter-me achado tola, pois as minhas respostas não iam além de um 'sim' ou 'não'. Ainda assim, a sua maneira era calorosa e amável, e então sugeriu-se que formássemos um círculo. Ele perguntou: 'Ora bem, como é que isso se faz?', olhando para mim.

O Sr. Laurie veio em meu auxílio, explicando que estávamos habituados a formar um círculo e a dar as mãos, mas que não achava necessário fazê-lo naquela ocasião. Ainda ele falava, e eu já perdera a consciência do que me rodeava e entrara em transe. Durante mais de uma hora falei com ele — soube mais tarde pelos meus amigos que a conversa se centrou em assuntos que ele parecia entender na perfeição, embora eles próprios pouco compreendessem até que o tema chegou à Proclamação da Emancipação, então prestes a ser emitida.

Foi-lhe transmitido, com solenidade e firmeza, que não deveria abrandar os termos da proclamação, nem adiar a sua aplicação como lei para além do início do ano seguinte; foi-lhe assegurado que esse seria o momento culminante do seu mandato e da sua vida. Disseram-lhe que, embora estivesse a ser aconselhado por forças influentes a adiar a aplicação da medida, na esperança de substituí-la por outras ou retardar a sua execução, não deveria escutar tais conselhos, mas manter-se firme nas suas convicções, desempenhando corajosamente a tarefa e cumprindo a missão para a qual uma Providência superior o tinha elevado. Os presentes afirmaram que, naquele momento, deixaram de ver a jovem tímida — e reconheceram, na força da linguagem e na importância da mensagem transmitida, uma presença masculina enérgica que parecia vocalizar ordens divinas.

Nunca esquecerei o ambiente à minha volta quando voltei a mim. Estava de pé, diante do Sr. Lincoln, que se recostava na cadeira, com os braços cruzados sobre o peito, olhando-me fixamente. Dei um passo atrás, confusa com a situação, sem me lembrar logo de onde estava, e observei o grupo ao meu redor, mergulhado num silêncio absoluto. Demorei um momento a reorientar-me.

Um dos senhores presentes disse então, em voz baixa: 'Sr. Presidente, reparou em algo peculiar no modo como foi interpelado?' O Sr. Lincoln endireitou-se como que a sacudir um feitiço, olhou para o retrato em tamanho real de Daniel Webster, pendurado sobre o piano, e respondeu: 'Sim, e é muito singular, muito mesmo', com ênfase marcada.

O Sr. Somes perguntou: 'Sr. Presidente, seria impróprio perguntar-lhe se tem havido alguma pressão para adiar a aplicação da Proclamação?' Ao que o Presidente respondeu: 'Nestas circunstâncias, a pergunta é perfeitamente legítima, já que estamos entre amigos' — disse ele, sorrindo para o grupo. 'Está a exigir de mim toda a coragem e força para resistir a essa pressão.'

Nesse momento, os cavalheiros reuniram-se em redor dele e trocaram palavras em voz baixa, sendo o Presidente o que menos falou. Por fim, voltou-se para mim e, colocando a mão sobre a minha cabeça, proferiu estas palavras que jamais esquecerei: 'Minha criança, tens um dom muito singular; mas não tenho dúvidas de que vem de Deus. Agradeço-te por teres vindo cá esta noite. Isto é mais importante do que talvez qualquer um aqui compreenda. Agora tenho de vos deixar, mas espero voltar a ver-te.' Apertou-me gentilmente a mão, cumprimentou o restante grupo e partiu."

Lincoln e os fenómenos físicos

Lincoln não se recusava a estudar os fenómenos físicos da investigação psíquica. Eis outro excerto revelador:

Foi nesta sessão que a Sra. Belle Miller deu uma demonstração do seu poder como médium de "movimento", divertindo e cativando os presentes ao fazer o piano "dançar pela sala", como foi descrito de forma humorística em vários artigos recentes da imprensa. A verdadeira descrição é a seguinte: a Sra. Miller tocava piano (um piano de cauda de três cantos), e, sob a sua influência, o instrumento "subia e descia", acompanhando perfeitamente o ritmo da sua execução.

O Sr. Laurie sugeriu que, como prova adicional da força invisível que movia o piano, a Sra. Miller (sua filha) colocasse a mão sobre o instrumento, mantendo-se a uma distância de um braço, para mostrar que não estava fisicamente a provocar o movimento, servindo apenas como intermediária. O Sr. Lincoln então colocou a mão debaixo do piano, na extremidade mais próxima da Sra. Miller, que, por sua vez, colocou a sua mão esquerda sobre a dele, demonstrando que não aplicava qualquer força ou pressão. Nessa posição, o piano subiu e desceu várias vezes a seu comando. A pedido do Sr. Laurie, o Presidente mudou de posição para outro lado do piano, com o mesmo resultado.

Com um sorriso peculiar, o Presidente disse: "Creio que podemos manter este instrumento no chão." E, então, subiu para o piano, sentando-se com as pernas penduradas de lado — tal como fizeram também o Sr. Somes, S. P. Ease e um soldado fardado como major (que, se ainda viver, certamente recordará esta cena insólita), vindo do Exército do Potomac. Apesar deste enorme peso adicional, o piano continuou a oscilar até os participantes se verem obrigados a "abandonar o local".

Estávamos todos convencidos de que não havia qualquer artifício mecânico para produzir tal resultado, e o Sr. Lincoln declarou-se completamente convencido de que o movimento se devia a alguma "força invisível". Quando o Sr. Somes comentou: "Quando relatar esta experiência aos meus conhecidos, Sr. Presidente, dirão com ar sabichão: 'Foste sugestionado, e, na verdade, não viste o que pensas ter visto'", Lincoln respondeu calmamente: "Devias trazer cá essa pessoa e, quando o piano parecer erguer-se, que ela meta o pé debaixo do móvel — ficará, sem dúvida, convencida pelo peso da evidência que lhe cairá em cima da compreensão."

Lincoln e Longfellow: o espiritualismo nas grandes mentes americanas

Lincoln não foi o único génio americano a dar provas da sua crença no espiritualismo. Por altura do renascimento espiritualista em Rochester, Nova Iorque, o poeta Longfellow perdeu um filho. Provavelmente nunca ouvira falar do movimento espiritualista que então agitava regiões distantes do seu local de residência, mas ao refletir sobre a perda da sua filha, foi inspirado a escrever o seu célebre poema *Resignação*:

Vemos, mas turvos, através de névoas e vapores,
Em meio a este campo encharcado;
O que nos parecem tristes fúnebres fulgores,
Podem ser lampiões de um céu elevado.

Não há Morte! O que julgamos é transição;
Esta vida de fôlego tão mortal;
É só o prelúdio da imortal ascensão;
É mero subúrbio da vida imortal.

Depois, referindo-se diretamente à sua perda:

Não como criança voltaremos a encontrá-la;
Pois, em êxtases de loucura;
Em nossos braços então iremos abraçá-la;
Ela já não será criança dessa loucura;

Mas como donzela na morada do Pai, nessa mansão,
Vestida de graça e puro candor;
Linda na plenitude da alma em expansão,
Veremos enfim seu semblante em candor.

O homem que escreveu estes versos era, sem dúvida, espiritualista. Sabia que a filha continuava viva e próxima, que ela cresceria no mundo espiritual, e que dentro de poucos anos se reencontrariam face a face — sem ter de esperar milhões de anos e um "dia do juízo final".

Muitos outros americanos ilustres no campo do Direito, da Ciência e das Artes deram publicamente testemunho das suas experiências e declararam-se espiritualistas no verdadeiro sentido da palavra.

As cinco perguntas tolas

Estas cinco questões foram-me frequentemente colocadas, e presumo que outros investigadores não tenham tido mais sorte. Tentarei respondê-las, para poupar tempo e discussões futuras:

1. Qual é a utilidade de tudo isto?
2. Por que razão é necessária a escuridão?
3. Por que motivo os médiuns precisam de ser pagos?
4. Por que são quase sempre pessoas ignorantes e incultas?
5. Por que razão não são dadas informações úteis e materiais nas sessões?

1. Qual é a utilidade de tudo isto?

Não é útil saber que os nossos entes queridos, que julgávamos perdidos, continuam vivos e atentos a nós? Não é consolador que haja provas de que a ligação de amor não se quebrou? A doutrina escatológica das igrejas não ensina isso; ao contrário, propaga uma ideia bem diferente. Fala-se de uma separação da alma e do corpo, sim — mas essa alma vai para uma região desconhecida, onde aparentemente nada tem para fazer até uma data remota, talvez daqui a bilhões de anos, em que será reunida ao corpo no dia do Juízo Final. Nesse dia, o seu destino é selado: ou será uma ovelha, recebendo felicidade eterna, ou será um bode, lançado ao inferno.

Recentemente, o livro *Hymns Ancient and Modern* foi revisto e o hino nº 499 foi mantido por consenso. Eis alguns dos seus versos:

Na manhã da Ressurreição
Alma e corpo se reencontrarão;
Sem mais tristeza, sem mais choro,
Sem mais dor.

Por um tempo ficarão separados,
E a carne guardará o seu sábado,
Esperando em santa quietude,
Envolta em sono.

... Até que o último e mais radiante Dia da Páscoa
Nasça.

Naquela feliz manhã de Páscoa
Todos os túmulos devolverão os seus mortos;
Pai, irmã, filho e mãe,
Reunir-se-ão de novo.

Se este hino significa algo, é que até um dia indefinido de ressurreição, pai, irmã, filho e mãe não se reencontrarão, nem terão qualquer comunicação entre si. Que consolo pode isso dar à alma enlutada que fica para trás? Aqueles que acreditam nessa doutrina perniciosa são, entre todos, os mais dignos de compaixão.

Toda a doutrina da ressurreição corporal e do juízo final, tal como ensinada pelas igrejas, é bárbara e não oferece qualquer conforto verdadeiro ao sobrevivente que chora. Mas aqueles que, através da experiência e da investigação, se convenceram das grandes verdades do espiritualismo, encaram a morte física de forma muito diferente. A criança perdida não desapareceu — apenas se retirou da vista, estando agora numa região de consciência feliz, onde tem oportunidades mais amplas e maiores possibilidades de desenvolvimento do que possuía na Terra. A partir desse local, em certas condições favoráveis, pode comunicar, às vezes até por voz, e sempre por impressão, com os seus pais e outros entes amados que ficaram.

Será possível sobrestimar o valor desse conhecimento? Quantos pais e amantes já salvou da loucura? Quantos suavizou na dor aparentemente insuportável da perda? E quantos concedeu esperança, ao saberem que, em apenas alguns anos, reencontrarão aquele que tanto amam?

Cinquenta anos atrás, quando a grande nação americana atravessava os tormentos de um enorme conflito, o seu destino estava nas mãos de um homem tão grande quanto bom — Abraham Lincoln — que acreditava na comunicação com o outro mundo. Durante essa gigantesca luta, um milhão de homens aptos e em plena força da vida partiram para a vida além. O poeta Walt Whitman, na sua ode ao herói, escreveu assim sobre eles:

Vi corpos de batalha, miríades deles,
E os esqueletos brancos de jovens — vi-os,
Vi os destroços e destroços de todos os soldados mortos da guerra;
Mas vi que não eram como se pensava;

Eles próprios repousavam em paz — não sofriam;
Os vivos é que ficaram e sofreram — a mãe sofreu,
E a esposa e a criança sofreram, e o camarada pensativo sofreu,
E os exércitos que ficaram sofreram.

"Qual é a utilidade de tudo isto?" Acham que não serve de nada para a esposa e o filho que ficaram e sofreram saber que aquele a quem amavam continua vivo e próximo, embora invisível? Como já referi, não fui levado a este conhecimento por necessidade de consolo — mas qualquer dia posso necessitar dele. Ninguém sabe que desgraças o esperam; eu, por exemplo, não posso escrever com paciência sobre os espíritos ainda não desenvolvidos que, habitando o plano terrestre, gritam com desprezo: "Qual é a utilidade de tudo isto?"

Em 8 de junho de 1902, o Bispo de Londres pregou um sermão eloquente na Catedral de São Paulo sobre a "Bênção da Paz". Recordou as muitas mortes sofridas na luta contra os Boers:

Quem poderá esquecer as listas de mortos e feridos,
E as páginas ilustradas cheias de fotografias
De tantos, ainda com feições de rapazes,
Que já partiram?

E recitou:

Ó vento amargo, que sopra para o poente,
Que trazes dos vales esta noite?
Naquela antiga mansão cinzenta, que fogos ardem,
Que cintilam de luz festiva?

Na grande janela, ao cair do dia,
Vi um velho de pé;
A cabeça altiva, o olhar vibrante,
Mas a lista tremia-lhe na mão.

Ó vento do crepúsculo, nenhuma palavra se ouviu,
Nem júbilo nem lamento?
"Uma grande luta e uma morte nobre", murmurou ele;
"Confia nele, não teria falhado."

E no quarto escuro onde jazia a mulher,
Para quem a vida findou?
No seu coração ela embala um filho morto, a chorar,
"Meu filho, meu pequenino."

Sim, é ao recordarmos tudo o que a guerra significa para ambos os lados e para todas as classes — tanto para a grande mansão devastada como para a pequena casa humilde que chora o rapaz enviado da aldeia ou da cidade populosa, agora tombado no veld africano — é aí que, por contraste, compreendemos o que dizemos ao olharmo-nos nos olhos e murmurarmos "a bênção da paz".

O bom bispo, de cujo sermão este é um excerto, afirmou frequentemente: “O que um homem é cinco minutos antes da morte, é também cinco minutos depois.” Essa frase surgiu-lhe do coração, não da Bíblia ou do Livro de Orações. Os relatos da sua missão mostram que é um médium psíquico, sem o saber. Prega contra o espiritualismo — sendo ele próprio um espiritualista.

Mas e quanto à dor na mansão, na cabana e no lar boer? Não conseguimos imaginar o consolo que seria para o pai e a mãe em luto saberem que o filho está vivo e próximo, mesmo que o seu corpo jaza insepulto no campo de batalha? Saber que, dentro de poucos dias, talvez possam vê-lo e falar com ele? E, em todo o caso, saber que em breve se reunirão num lugar de onde não mais se separarão?

Quando o espiritualista responde à pergunta “Qual é a utilidade de tudo isto?” — se tiver paciência para tal — alguns membros da Igreja replicam: “Não precisamos do espiritualismo para nos ensinar isso; faz parte da nossa religião.” Que erro notável! Existe algum ensinamento na doutrina da Igreja que leve a crer que os nossos entes queridos falecidos estão por perto e que podem comunicar connosco?

O Credo dos Apóstolos diz: “Creio na … comunhão dos santos … ressurreição do corpo e vida eterna.” O Credo Niceno — historicamente mais satisfatório — nada diz sobre a comunhão dos santos, terminando com: “E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir.” Mas onde está qualquer alusão à comunhão com os pecadores? Ou a uma vida espiritual à nossa volta? A um estado de consciência tão real quanto o nosso? A uma região habitada por aqueles que conhecemos e, por vezes, amámos, quando ainda estavam no plano terreno?

É ao espiritualismo que cabe ensinar-nos sobre essa comunhão com os que partiram antes de nós, e sobre o bem que pode advir tanto da comunicação dos mortos connosco como da nossa comunicação com eles. Nem a Igreja Anglicana nem a Igreja Romana oferecem consolo verdadeiro a quem está de luto.

A “ressurreição” mencionada nos credos refere-se, sem dúvida, à ressurreição do corpo físico. É bem possível — e, a meu ver, muito provável — que São Paulo estivesse a referir-se à ressurreição do espírito humano, não do corpo físico. Era um médium dotado e um estudioso brilhante, pouco propenso a acreditar em tal absurdo. Mas, se era esse o seu verdadeiro pensamento, não o expressou com clareza — e a Igreja adotou a visão de que os espíritos não se manifestam aos vivos senão naquele dia terrível em que uma parte da humanidade — passada e presente — será destinada à felicidade eterna, e a outra ao tormento eterno.

A quem pergunta, com desdém: “Qual é a utilidade de tudo isto?”, respondo: “Nenhuma — para si; mas muito — para os que se preparam para assimilar as grandes verdades do espiritualismo.”

2. Por que razão é necessária a escuridão?

Já tentei responder a isso nas páginas 10 a 12. Certamente poucos desconhecem que os raios solares têm efeitos destrutivos sobre muitas coisas. Acenda uma lareira numa sala e alimente

bem o fogo, com o sol a incidir diretamente sobre ele: se o deixar assim durante meia hora, o fogo extinguir-se-á. As mensagens por rádio percorrem distâncias muito maiores durante a noite do que de dia. Todos os mamíferos se desenvolvem no ventre materno em completa escuridão — por que motivo haveria de ser diferente para os seus "simulacros" espirituais?

Quanto às eterealizações, é evidente que não seriam visíveis se não houvesse escuridão; também não seria possível ver muitas das formas menos densas de materialização à luz. É inútil queixarmo-nos das "condições". Certas manifestações são possíveis — outras não. As imagens podem ser precipitadas à luz do sol — quanto mais luz, melhor. Não sabemos porquê — tal como ainda não sabemos por que certas manifestações espiritualistas só ocorrem melhor na escuridão. Talvez um dia o descubramos.

Há muitas outras perguntas sem resposta, como estas: "Por que prosperam os maus?" ou "Por que me é dado ver apenas um lado da Lua?"

(3) Por que razão os médiuns devem ser pagos?

De todas as cinco perguntas, esta é, na minha opinião, a menos sensata e lógica. Esperam, porventura, que pessoas que desenvolveram dons extraordinários vos sirvam gratuitamente? Haverá alguém de sensibilidade que deseje ocupar o tempo de um médium — ou consumir-lhe a vitalidade — para seu próprio conforto, sem qualquer pagamento? Certamente que não!

Se acham que os médiuns deveriam prestar os seus serviços sem retribuição, por que razão não se opõem a pagar ao vosso padre, ao vosso médico ou ao vosso advogado? E por que não recusam pagar o carvão que aquece as vossas casas?

O exercício de dons psíquicos é perfeitamente legítimo se realizado com integridade. Quando seres humanos se reúnem com a intenção deliberada de atrair entidades sub-humanas ou espíritos da segunda esfera (espíritos inferiores), tal prática chama-se "magia negra" e é prejudicial. É, de facto, errado ceder parte da nossa vitalidade para permitir a manifestação de espíritos que não sejam humanos e decentes. Mas se tiverdes garantido que a comunicação é com espíritos desencarnados que outrora viveram na Terra — sem crimes que os remetam à segunda esfera — então estais a participar de uma relação legítima e potencialmente benéfica.

Os médiuns, uma vez desenvolvido o seu dom, raramente se adaptam a outras profissões. Terá alguém o direito de lhes dizer: "Sois impostores porque aceitais pagamento pelo vosso trabalho"? Essa ideia é absurda.

(4) Por que razão os médiuns são sempre ignorantes e incultos?

Resposta: Não são. Há tantos sensitivos entre os abastados, proporcionalmente, como entre os pobres e não instruídos. Muitos dos mais favorecidos desconhecem possuir tais dons, mas existem milhares em todo o mundo que os conhecem e os utilizam, discretamente, em benefício dos seus amigos íntimos. Esses médiuns privados são pouco conhecidos do público.

É necessária grande audácia para alguém pedir a um amigo que se esgote a si mesmo, usando os seus recursos espirituais exclusivamente para nosso proveito. O dom psíquico deve ser

exercido voluntariamente — e, muitas vezes, sob sigilo. Ainda não atingimos, mesmo na Inglaterra, um grau de tolerância em que um homem ou mulher, inserido no que se chama "a sociedade", possa assumir publicamente a posse de faculdades consideradas "estranhas".

Há, no entanto, um outro lado desta questão. O médium inculto tem um valor inestimável precisamente por causa da sua ignorância. Em transe, e mesmo fora dele, transmite nomes, factos e descrições de pessoas sobre as quais, no seu estado normal, não poderia ter qualquer conhecimento. A evidência que provém de uma fonte assim é muito mais valiosa do que aquela que vem de um médium culto, cuja mente subconsciente esteja repleta de referências literárias e memórias. Esta é uma das razões que tornam os fenómenos produzidos através de Sr.ª. Wriedt tão importantes: ela é, intelectualmente, uma tábua rasa.

Sr.ª. Wriedt, ao chegar a Inglaterra como convidada de Mr. W. T. Stead, tinha apenas um conhecimento superficial da história dos Estados Unidos — e nenhum da história britânica. No entanto, menos de duas semanas após a sua chegada, manifestou-se através dela o espírito de um eminente inglês, recentemente falecido, que me confidenciou um erro cometido em vida — um mal entendido com outro homem igualmente notável, a quem conheço pessoalmente.

Pediu-me que, em tempo oportuno, transmitisse esse pedido de desculpas ao amigo ofendido. Mais tarde, confirmei que tudo o que me fora dito era verdade. Sr.ª. Wriedt não fazia ideia de quem era o espírito, nem ouviu a mensagem — que foi transmitida por "voz direta". A autenticidade do fenómeno teria algum peso mesmo que ela tivesse ouvido a mensagem e soubesse quem era o espírito; mas ganha um peso muito maior por estar completamente alheia a tudo.

O maior sensitivo da História foi Jesus de Nazaré. E quem escolheu Ele para o acompanhar na sua missão? Foram os ricos? Os nobres? Não. Escolheu os pobres e simples. Três dos seus discípulos foram especialmente próximos nas ocasiões mais espirituais: Pedro, Tiago e João. Eram eles os mais sensíveis espiritualmente entre os doze.

(5) Por que razão não é transmitida nenhuma informação útil ou material?

Resposta: Nas sessões públicas e mistas, os esforços dos espíritos-guia centram-se, acima de tudo, em provar de forma simples e direta a imortalidade da alma. Ajudam os espíritos desencarnados a identificar-se junto dos seus entes queridos, pois este é o primeiro e mais importante passo.

Em sessões privadas, por vezes surgem pequenos contributos de interesse científico. Algumas das mensagens que recebi através do Sr. A. W. Kaiser, em Detroit, creio que um dia terão valor real. Mas, em geral, as informações científicas e os anúncios de descobertas não nos chegam por via mediúnica. Elas são antes impressas diretamente no pensamento daqueles que os espíritos julgam mais aptos a recebê-las e aplicá-las.

Quando os cientistas deixam este mundo e passam para o estado seguinte de consciência, continuam o seu trabalho — mas agora auxiliando mentes afins ainda encarnadas. Milhares de

pessoas são diariamente inspiradas por estes investigadores invisíveis. Alguns estão conscientes desse auxílio, outros não.

Há boas razões para acreditar que, neste momento, Sir Isaac Newton continua a desenvolver a sua investigação sobre gravitação e antigravitação, transmitindo ideias a um cientista na Terra. Um amigo meu, residente em Wiltshire, trabalha há mais de quinze anos sobre essa teoria. Asegura-me que, pelas suas próprias capacidades, nunca teria conseguido realizar tal trabalho. Tem certeza de que está a ser ajudado por uma mente superior, embora desconhecida. Diz-se que tanto Edison como Marconi estavam conscientes de receber orientação invisível.

É, pois, absurdo perguntar: "Por que não nos dizem os espíritos algo realmente útil, ou que esteja acima da nossa compreensão?" As grandes mentes da esfera espiritual não se manifestam através de sessões abertas. Em vez disso, sopram inspiração aos trabalhadores da Terra nas suas horas silenciosas, no retiro dos seus gabinetes e bibliotecas.

Uma objeção digna de atenção

Entre todas as objeções feitas ao estudo e prática do espiritualismo, há uma que não deve ser ignorada. Trata-se daquelas frequentemente levantadas por católicos romanos e anglicanos de tradição alta: dizem que os espíritos com quem lidamos não são humanos, mas sim demónios astutos, que conhecem os nossos pensamentos, conhecem a nossa vida ao pormenor, e se fazem passar por entes queridos através de representações dramáticas para nos enganar.

Curiosamente, os católicos romanos são, de certa forma, os que mais validam o espiritualismo — porque aceitam a veracidade dos fenómenos. Na verdade, têm dificuldade em detetar fraudes óbvias, precisamente por estarem convencidos de que as manifestações espiritualistas são reais. O Sr. Godfrey Raupert é, neste país, o principal defensor da teoria dos demónios. Disse-me, certa vez, estar seguro de que todas as fotografias mediúnicas obtidas por Richard Boursnell eram genuínas. No entanto, sei por experiência própria que algumas não o eram. Mas tentar convencê-lo disso seria inútil.

Raupert afirma ter encontrado inúmeros espíritos malignos nas suas investigações. Ora, sabemos que existem legiões de espíritos malévolos na segunda esfera. Mas eles raramente incomodam aqueles que não os acolhem. Como é que ele, então, se tornou tão íntimo deste tipo de entidades? Eu, pessoalmente, não terei encontrado mais do que meia dúzia ao longo de sete anos de investigação.

Sempre admirei a coerência da Igreja Católica Romana. Diz-nos ela: "Aceitai-me por inteiro — ou procurai noutra parte a vossa força e consolo espirituais." Os seus sacerdotes proíbem expressamente a prática do espiritualismo, com base nessa convicção.

Mas o espiritualismo será o único alvo da objeção da Igreja?

Vejamos o que mais exige a Igreja Romana dos seus fiéis:

1. A crença na existência real de um Diabo pessoal;

2. A rejeição total da teoria da evolução do corpo humano a partir de formas inferiores de vida;

3. A crença na inspiração verbal da Bíblia — isto é, que cada palavra foi ditada diretamente por Deus, sem qualquer interferência humana nas ideias ou estilo.

Quanto à primeira, não vale a pena discutir. Quanto à segunda, a evolução do homem é um facto comprovado, tal como a composição química da água. Nenhuma pessoa instruída duvida disso. A Igreja estaria tão bem servida em exigir que os seus fiéis nunca aprendessem a ler e a escrever.

Tudo o que tenho a dizer quanto ao ponto (8) é que, se isto for verdade, a Igreja não tem o direito de afirmar que apenas espíritos malignos comunicam com o homem; pois este livro maravilhoso está repleto de espiritualismo de capa a capa e, se todos os espíritos com quem me comuniquei provêm do Pai da Mentira, então o espírito que libertou Pedro da prisão também teria vindo da mesma origem. Na Bíblia há exemplos de espíritos bons e maus, por vezes surgindo três de uma vez, como aconteceu com Abraão; outras vezes com trombetas, como nos dias de hoje. Existem inúmeros exemplos de clarividência, clariaudiência, escrita inspirada, discurso inspirado, provas, telecinesia — na verdade, todos os fenómenos conhecidos pelo investigador moderno.

A Igreja Romana não conseguirá convencer os seus fiéis a fecharem os olhos e ouvidos tanto aos ensinamentos de Charles Darwin como às crescentes evidências do espiritualismo. Gostaria que o Pontífice tivesse emitido uma injunção como esta: "A investigação de fenómenos espiritualistas é perigosa para pessoas nervosas, excitáveis, que não se prepararam para tal através do estudo e da contemplação, e só deve ser empreendida com grande cautela." Esta teria sido uma atitude sensata e teria tido certamente efeitos benéficos; pois existe o mal no abuso de tudo — tanto no espiritualismo como no álcool — e, sem dúvida, há pessoas que não deveriam tocar em nenhum dos dois.

Não preciso dizer que nego totalmente a veracidade da doutrina católica romana que considera o espiritualismo como obra insidiosa de demónios. Se pensasse que havia um pingo de verdade nisso, não estaria a escrever este livro. É sobretudo com base nos meus registos pessoais que posso contradizer categoricamente os emissários de Roma.

Seria necessário um exército de demónios detetives para descobrir tanto sobre a minha vida e os meus amigos como aquilo que me foi relatado por voz direta em Detroit, Michigan. Mais cedo ou mais tarde, surgiria uma falsidade, e a fraude seria descoberta. As comunicações que recebi encaixam-se entre si de forma admirável, e relatam acontecimentos que abrangem meio século. Mesmo estes alegados demónios têm os seus limites; um esquema de mentiras tão complexo acabaria por se trair a si próprio com o tempo.

E pergunto: qual poderia ser o motivo de uma conspiração tão perversa? Será do interesse dos demónios conduzir um homem, passo a passo, ao conhecimento da imortalidade? Não lhes convinha mais inculcar-lhe que a aniquilação seria a doutrina mais verdadeira?

"Sim," responde o católico romano, "mas enquanto se te apresentam sob a aparência de mestres benéficos e visitantes angelicais, esses demónios — em quem acreditamos — estão a afastar-te da doutrina ortodoxa de que o homem só pode ser salvo pelo sangue de Cristo e pela Sua graça. Nenhum visitante do mundo espiritual, como bem sabes, ensina que o homem só pode alcançar a salvação por meio de Cristo."

É precisamente esta visão dos católicos romanos que me levou a afirmar anteriormente que as suas objeções à investigação e prática do espiritualismo não podem ser ignoradas; pois representam verdadeiramente a sua crença honesta, e essa crença é partilhada por milhares na Igreja Anglicana.

É correto dizer que nenhum visitante do mundo espiritual ensina que a salvação só pode ser obtida através de Cristo. Ensina-se, universalmente, que o homem é o seu próprio salvador e que pode alcançar a felicidade ou sofrer pela sua própria conduta. Isso, por si só, é prova da genuinidade dos médiuns. Sem dúvida, seria mais popular, e mais lucrativo, se os guias e outros espíritos aderissem à teologia das Igrejas Ocidentais; mas não o fazem, nem em países protestantes, nem em países católicos.

Em toda a parte onde se faz sentir a influência espiritualista, o ensinamento, nos seus pontos essenciais, é unitário. Jesus Cristo é reverenciado, e o seu exemplo sagrado não é posto em causa; mas não se oferece ao homem esperança de progresso por outro meio que não o esforço próprio. Os seus pecados não são perdoados por qualquer sacrifício de um ser sem pecado. O homem colhe aquilo que semeia. O arrependimento no leito de morte é inútil; ele não pode escapar às consequências de violar as leis da natureza, e leva consigo para a vida seguinte um registo indelével de tudo o que fez neste estado de consciência.

Ao mesmo tempo, é-lhe dada esperança. Se fizer reparações, sempre que possível, por ter quebrado a regra de ouro, e se tiver um desejo sincero de evoluir, ser-lhe-ão dadas oportunidades para tal. Cada alma vai para "o seu lugar". Nenhum padre pode evitar o destino de um homem; só ele o pode fazer, obedecendo às leis da natureza nesta vida e fazendo o seu melhor no além para subir em desenvolvimento espiritual.

Não é surpreendente, portanto, que a Igreja Católica continue a fazer todos os esforços para impedir os seus fiéis de se tornarem espiritualistas; para ser coerente, não pode agir de outra forma. A sua oposição não pode alterar a verdade última; e, por tudo o que sabemos, até poderá servir como um travão útil ao excesso de entusiasmo, sendo um dos muitos instrumentos utilizados pela Providência para adiar o momento em que todos os homens aceitarão, voluntariamente, as verdades do espiritualismo.

Entretanto, nada se ganha tentando converter eclesiásticos ou materialistas. A sua atitude mental de hostilidade pode impedir que ocorram manifestações, anulando os benefícios que, de outro modo, poderiam ser obtidos por investigadores sinceros. Se um homem consegue realmente convencer-se de que todas as manifestações de espíritos são obra de demónios, está inapto para apreciar os fenómenos subtis e delicados que se observam e ouvem por intermédio de bons médiuns.

Este registo de factos da experiência de um investigador não é lugar para discutir diferentes formas de religião. Todas as formas de culto, desde que não acompanhadas por barbaridades, devem ser respeitadas, se forem sinceras.

O grande poeta americano disse:

O reino da violência está morto,
Ou, certamente, a morrer no mundo;
Enquanto o amor triunfante reina em seu lugar,
E num céu mais claro, por cima,
Suas benditas bandeiras se desfraldam.

E, sobretudo, graças a Deus por isto:
A guerra e o desperdício das crenças em choque
Agora terminam em palavras e não em atos,
E ninguém sofre perdas nem sangra
Por pensamentos que os homens chamam de heresias.

E ainda:

Não apenas a uma Igreja, mas a sete,
A voz profética falou do céu;
E a cada uma veio a promessa,
Diversificada, mas sempre a mesma:
Para aquele que vencer estão
O novo nome escrito na pedra,
A veste branca, a coroa, o trono,
E eu dar-lhe-ei a Estrela da Manhã!

Acredito que todos os locais de culto onde centenas se reúnem em oração e louvor, ainda que o ritual seja fraco e a liturgia errónea, estão repletos dos bons espíritos dos que partiram. O meu parente A. diz-me que sente a presença deles em qualquer congregação devota. Fica com frio à medida que eles retiram energia dele, mas esse sentimento é substituído, ao término do serviço, por uma sensação de paz e serenidade indescritíveis.

É importante salientar que os teólogos da Igreja Anglicana não estão, de forma alguma, de acordo quanto à natureza dos sofrimentos vicários de Cristo. Um eminente clérigo, o Arcebispo Magee, escreveu o seguinte na sua pequena obra *The Atonement* (p. 108):

Esta ideia de que Cristo sofreu a mesma pena, ou uma pena equivalente, àquela que nos é devida, e de que esse sofrimento é uma satisfação para a justiça de Deus, é totalmente indefensável; pelo menos, não consigo tentar defendê-la. Aliás, vou mais longe, e digo que esta ideia de transferir certas quantidades exatas e matematicamente equivalentes de sofrimento moral de uma pessoa para outra, como se fossem pesos numa balança ou quantidades químicas num laboratório, parece-me impensável; nem sequer a consigo imaginar.

As pessoas não são coisas; sentimentos pessoais, estados, condições não podem ser trocados como se fossem substâncias materiais. Aquele que toma o meu lugar no sofrimento não toma,

nem pode tomar, os meus sofrimentos. Estes não podem ser os mesmos para ele como seriam para mim, simplesmente porque ele não sou eu. No lugar dele, eu não sentiria exatamente o mesmo que ele; poderia sentir mais, poderia sentir menos; sentiria certamente de forma diferente. A minha pena, portanto, não pode ser-lhe transferida. E quanto a essa transferência ser um ato de justiça, nego-a totalmente. A analogia grosseira e absurda tantas vezes usada para a explicar — a de um mestre-escola que, tendo ameaçado um castigo por alguma falta, aceita castigar um aluno forte, que não cometeu a falta, no lugar de um aluno doente que a cometeu, e depois vangloria-se de ter mantido a sua palavra, alegando que a sua justiça foi plenamente satisfeita — parece-me um verdadeiro insulto à nossa inteligência.

Vindas, como são, de um Arcebispo de York, estas são palavras importantes. O Dr. Magee nega que os alegados sofrimentos vicários de Cristo tenham expiado os pecados da humanidade. Na sua pequena obra, percebe-se que acredita que a morte de Cristo teve algum efeito na reconciliação do Todo-Poderoso com o homem pecador. Qual foi esse efeito, confessa-se totalmente ignorante.

No capítulo sobre a "Expiação" do livro *Lux Mundi*, um autor apresenta exatamente a visão oposta. Na realidade, não foi Cristo, mas Paulo quem insistiu que as razões místicas da morte do grande Mestre se tornassem matéria de dogma na nova Igreja. Todas as teorias em torno da crucificação estão num labirinto sem saída. O mesmo se aplica às doutrinas relacionadas com o Espírito Santo, que, segundo o Credo Niceno, é o pai de Jesus e, no entanto, procede d'Ele.

Nenhuma doutrina tão contraditória surge dos espíritos. Em todo o mundo civilizado, estão de acordo em que o homem não pode esconder-se por detrás de Deus ou de outro homem para se livrar das consequências dos seus atos. Os efeitos seguem estritamente as causas, e ele tem de sofrer por ter prejudicado o seu semelhante ou a si próprio, mais ou menos consoante o motivo das suas ações e o grau do mal causado.

Alguns ministros da Igreja Anglicana acreditam no espiritualismo e tentam diariamente reconciliar as suas evidências com os dogmas da Igreja. É uma tarefa muito difícil; mas parece-me seguro prever que o Cristianismo, tal como é atualmente ensinado, terá de abandonar grande parte do seu dogma ultrapassado nos próximos anos e assimilar os ensinamentos das entidades invisíveis que nos rodeiam. Homens reflexivos começam a perceber que a ressurreição de um Deus não serve de incentivo para um homem, ao passo que a ressurreição espiritual de um homem que possuía atributos divinos oferece esperança de que outros possam ser igualmente favorecidos.

Já houve muitos avatares ao longo da história; muitos nasceram a 25 de dezembro e de uma virgem; muitos foram crucificados ou sofreram mortes ignominiosas; muitos ressuscitaram e desapareceram de forma milagrosa. Jesus de Nazaré foi o último dos avatares. Como homem arquetípico, a sua vida, morte e ressurreição espiritual são de enorme valor para a humanidade; todos podem tentar alcançar o seu nível elevado. Mas se ele foi sobrenatural, de uma natureza infinitamente superior à dos que veio ensinar, o seu ministério não pode ter um efeito duradouro.

A investigação psíquica ainda está na sua infância, e seria puro dogmatismo tentar prever o que o futuro trará. Até agora, apenas alguns indivíduos aqui e ali foram favorecidos com provas que lhes permitiram chegar a uma convicção positiva da existência de um estado de consciência seguinte. Mas há alguns pontos no estudo que parecem razoavelmente claros, tão evidentes que há pouca probabilidade de serem refutados por futuros avanços do conhecimento. Um deles é que os investigadores lidam com inteligências que operam em mais de três dimensões e que não conseguem descrever, a não ser simbolicamente, quais são as suas ocupações. Quando entram na atmosfera do plano terrestre, regressam à linguagem, pensamento e ações terrenas; se forem experientes, habituados a visitas constantes, conseguem fazê-lo de forma tão eficaz que a ilusão de estarem a ocupar um corpo terrestre é completa.

É impressionante! Ao mesmo tempo, realizam atos que demonstram possuir capacidades não limitadas pelas nossas três dimensões. Aparecem e desaparecem em frações de segundo; precipitam imagens completas, mesmo estando outro quadro fechado sobre o original; desmaterializam flores; transportam substâncias ponderáveis através de paredes; formam-se como fantasmas por onde o observador pode atravessar; movimentam objetos numa sala; cantam sem garganta; assobiam sem interrupção e falam durante uma hora sem vacilar na voz.

Poucas semanas antes destas linhas serem escritas, encontrava-me numa sala escura com a Sra. Wriedt, entre duas mesas. Numa delas havia uma grande taça cheia de rosas; na outra (atrás de mim) vasos com cravos. Um fantasma aproximou-se de mim e falou através do trompete. Ouvi então as rosas na taça a serem mexidas; passado cerca de cinco minutos, uma rosa com um caule muito espinhoso foi colocada na minha mão. Quando as luzes foram acesas, uma rosa e um cravo estavam no chão aos meus pés. O cravo teria sido retirado do vaso atrás de mim, mas não ouvi qualquer movimento ou ruído. A flor que segurava era a melhor da taça à minha frente — uma rosa vermelha completamente aberta.

É frequente criticar-se os espíritos por não explicarem o que estão a fazer. Como poderiam? Imagine o leitor tentar explicar a um ser bidimensional como se ocupa. Por exemplo, se pegar numa folha de papel e perguntar ao seu amigo bidimensional como uniria duas esquinas em diagonal, ele só conheceria um método — o de traçar uma linha de um canto ao outro. Mas o leitor, operando em três dimensões, sabe que pode unir os pontos dobrando a folha.

Como explicar isso ao ser que só compreende comprimento e largura? É impossível! Fiz inúmeras perguntas a espíritos sobre fenómenos físicos; a resposta é sempre a mesma: "Não conseguimos explicar-te como estas coisas são feitas em termos que possas compreender. Só quando vieres para cá é que poderás aprender."

Na verdade, algumas coisas são explicadas com alguma clareza. A minha guia, depois de passar para a vida espiritual — segundo me conta — esteve durante muitos (anos terrestres) a trabalhar no "jardim de infância" de uma esfera celestial, a ensinar crianças; agora estuda pintura e música — quando não está ocupada a observar e influenciar a minha família. Isto é uma declaração geral. Se insistisse na pergunta, ela não conseguiria explicar que tipo de pintura ou música. Podemos estar certos de que não significa exatamente o mesmo que significaria na Terra.

Fui frequentemente informado de que o Tempo não existe no mundo espiritual, e espero que o Espaço tenha também um significado muito diferente do que entendemos. Se o passado, o presente e o futuro são um só, a visão do futuro, a profecia e todos os tipos de presciência não devem ser tão difíceis para os espíritos.

Muitas questões e reflexões curiosas surgem na mente do investigador à medida que se aprofunda no tema:

(a) Os espíritos demonstram invariavelmente grande prazer em vir ter connosco, agradecendo a oportunidade de comunicar com o plano terrestre. Porquê?

(b) Espíritos que se manifestam pela primeira vez têm sempre um discurso ensaiado, aparentemente preparado antes de entrarem na atmosfera terrestre. Uma vez proferido, retiram-se; se lhes forem feitas perguntas, não conseguem responder de forma inteligível e partem. Após cerca de vinte visitas, adquirem uma facilidade de fala verdadeiramente espantosa; conseguem argumentar, contrariar as nossas opiniões e dar as suas, dizendo muitas vezes, no final: "Bem! Se calhar tu é que tens razão!"

(c) Quando se coloca uma questão concreta, como um nome ou lugar, os espíritos frequentemente demonstram dificuldade em responder de forma clara. A explicação mais recorrente é que perguntas específicas criam uma condição "positiva" que perturba as vibrações necessárias à comunicação. Tal perturbação impede a fluidez da mensagem, especialmente quando o espírito ainda não está habituado a interagir com o plano terrestre. Esta dificuldade tende a diminuir com visitas repetidas.

(d) Quando há ansiedade excessiva, tanto do espírito como do interlocutor, geralmente ocorre um fracasso na comunicação. Os espíritos, nas primeiras manifestações, comportam-se como gaguejadores, tendo dificuldades em expressar-se. Por vezes, a informação desejada é transmitida apenas em sessões posteriores, quando já não se espera nenhum teste. Espíritos familiares, com experiência em visitas anteriores, não enfrentam estas dificuldades com a mesma intensidade.

(e) Todas as manifestações com médiuns fiáveis ocorrem de forma delicada. Embora possam ocorrer toques, movimentos de objetos ou mesmo contacto físico mais intenso, não se verificam danos permanentes. Este facto é apontado como evidência da natureza benigna e controlada das manifestações genuínas.

(f) Os espíritos não conseguem relatar com clareza informações sobre esferas superiores àquela em que residem. Esta limitação é notável, considerando que, segundo relatos, espíritos de diferentes esferas podem coabitar ou interagir, ainda que com restrições.

(g) É raro um espírito fornecer o seu apelido logo na primeira visita. Mesmo nomes próprios podem variar: um indivíduo que em vida era chamado "William" pode inicialmente identificar-se como "Ernest", por exemplo. Uma explicação plausível é o esforço deliberado para afastar a possibilidade de leitura mental por parte do médium ou do participante. Em outros casos, pode dever-se simplesmente à dificuldade de articulação no momento.

(h) O toque ou apreensão de uma forma ectoplásmica pode, por vezes, causar danos ao médium. Contudo, quando tal ocorre com intenção honesta e não hostil, raramente há consequências negativas. A atitude do participante é, portanto, determinante. Situações de confiança e respeito mútuo tendem a permitir experiências mais profundas e reveladoras, sem prejuízo para os envolvidos.

(i) Comportamentos desonestos por parte dos participantes — como fornecer nomes falsos, negar reconhecer espíritos, ou expressar descrença hostil — prejudicam seriamente as manifestações e podem levar à sua interrupção total. A integridade do ambiente mental e emocional da sessão é fundamental para o êxito da experiência.

(j) Acredita-se que o espírito humano, em geral, toma consciência do novo estado de existência no terceiro dia após a morte física. Embora não seja uma regra absoluta, vários testemunhos relatam experiências significativas nesse período. Esta ideia é frequentemente relacionada simbolicamente com o relato bíblico da ressurreição de Jesus, sugerindo uma possível correspondência esotérica.

(k) Quanto aos bebés falecidos, parece não haver perda significativa de experiência devido à morte precoce. Presume-se que o seu desenvolvimento continua no além, em esferas apropriadas ao seu nível de consciência.

(l) Em sessões com médiuns fiáveis, não se ouvem palavras ásperas, opiniões dogmáticas, críticas negativas ou sentimentos falsos. O ambiente é consistentemente calmo e respeitoso.

(m) Emoções intensas e prolongadas de tristeza por parte dos familiares ainda vivos podem interferir negativamente com o progresso espiritual do falecido, impedindo o seu avanço para estados mais felizes.

(n) Está-se a tornar cada vez mais evidente que espíritos pouco desenvolvidos podem beneficiar de visitas ao plano terrestre, o que contribui para a sua evolução no estado seguinte.

(o) O espírito do "Homem Vermelho" (referência a guias espirituais indígenas) é considerado particularmente útil em sessões mediúnicas, auxiliando frequentemente nos fenómenos.

(a) Este é um resultado bastante inesperado do nosso contacto com os espíritos. Perguntei muitas vezes por uma explicação. Eles dizem: "Cada boa ação ajuda o avanço de um espírito nas esferas, e as manifestações que contribuem para provar aos mortais que existe vida para além da morte são boas ações. Ao entrarmos em contacto com os familiares que deixámos para trás, ao falar com eles, e assim por diante, tornamo-nos depois mais capazes de os impressionar silenciosamente nos seus próprios lares. Por isso, agradecemos-lhes por nos proporcionarem essas oportunidades."

(b) É perfeitamente natural que um espírito, ao manifestar-se pela primeira vez, enfrente grandes dificuldades para se fazer compreender. A atmosfera do plano terrestre é, para eles, densa e confusa; e, ao que parece, a única forma de conseguirem comunicar é preparar antecipadamente algumas palavras antes de entrar nesse ambiente. Melhoram a cada visita, até que, eventualmente, conseguem conversar com tanta facilidade como se ainda fossem

mortais. Muitos não conseguem comunicar de todo; alguns mal se conseguem dar a conhecer; embora, por outro lado, eu tenha conhecido alguns que, logo na primeira sessão, permaneceram vários minutos e responderam a algumas perguntas.

(c) Perguntas muito específicas — como nomes, datas e lugares — parecem criar uma condição "positiva" que perturba as vibrações necessárias à comunicação, a menos que o espírito já tenha sido treinado por três ou quatro visitas. Tenho várias exceções anotadas, como Galileo, Stone e Sir Isaac Newton; mas, em geral, os espíritos não conseguem conversar de forma coerente sem prática considerável.

(d) Seja qual for a dúvida que possamos ter sobre muitos assuntos, neste ponto não há incerteza. A passividade do participante é absolutamente essencial para o sucesso. Notei muitas falhas causadas pela agitação mental dos participantes, e presumo que a calma seja igualmente necessária "do outro lado".

(e) A delicadeza dos fenómenos continua a surpreender-me. Os trompetes, por exemplo, são frequentemente largados de alturas de três ou quatro metros, e pousam sem causar qualquer dano aos presentes, aos objetos na mesa ou no quarto. É raro até um principiante se assustar numa sessão.

(f) Esta é a minha experiência: um espírito da terceira esfera, por exemplo, não consegue dar informações sobre espíritos da quinta ou sexta.

(g) Acredito que o motivo principal para isso é eliminar da mente do participante a hipótese de leitura mental e dar-lhe confiança na autenticidade da comunicação. Pode acontecer também que o espírito, como um gago, não consiga pronunciar o nome certo e acabe por dizer outro no impulso do momento.

(h) Aqui, penso que a intenção é tudo. Se um participante agarra uma forma com hostilidade e com o propósito de expor uma fraude, pode causar danos consideráveis ao médium; mas, se o fizer com sentimentos amigáveis e simpáticos, apenas para estudar o grau de materialização das formas, os controladores podem inspirar a esposa do médium a não se opor à experiência. Não causei qualquer dano ao Sr. Jonson nas minhas tentativas de resolver este mistério científico; e, graças à confiança amável que a sua esposa demonstrou em mim, fiz descobertas que, incidentalmente, provam a integridade de tudo o que acontece quando o seu marido está em transe. O meu amigo Grayfeather (o seu guia espiritual) nunca me censurou; pelo contrário, veio até Inglaterra para manifestar a sua boa vontade.

(i) A mentira e o engano por parte do participante arruínam invariavelmente os fenómenos. Fornecer nomes falsos; recusar-se a reconhecer espíritos amigos; armar armadilhas; fazer comentários depreciativos sobre o que está a acontecer; inquietação e desconfiança mental — tudo isso interfere e impede os controladores de demonstrar o poder das inteligências invisíveis que nos rodeiam.

(j) Por duas ou três vezes fui informado de que o espírito do ser humano geralmente toma consciência do novo ambiente no terceiro dia após a morte física. Uma vez, uma senhora contou-me que conseguira impressionar a sua irmã ainda viva com a convicção de que estava

viva "no terceiro dia." Fiz averiguações dois meses depois e verifiquei que era verdade. Sabemos que nem sempre é assim. Como será demonstrado no Apêndice desta obra, pode levar semanas, meses ou mesmo anos até que os "mortos" despertem. Muito raramente se manifestam no mesmo dia da morte; ainda mais raramente, na mesma hora — ou minuto. No entanto, creio que a história da ressurreição de Jesus possui um significado esotérico, tal como muitos outros relatos do Antigo e do Novo Testamento.

(k) Durante as minhas investigações, ocorreu um triste acidente com um bebé da minha família, que causou a sua morte súbita. A Sra. Wriedt chegou a Inglaterra poucos dias depois; e, na sua presença, pude comunicar com os meus familiares, que me informaram, por voz direta, sobre o acolhimento do bebé no estado seguinte. Houve várias comunicações, cujo conteúdo essencial foi este: "Esta criança foi retirada por um propósito; embora fisicamente normal, era psiquicamente anormal; se tivesse vivido até à maturidade, teria sido um sensitivo altamente desenvolvido.

Não perde nada por não ter tido a experiência terrena; crescerá no jardim de infância, parte do que se designa como 'vida celestial', onde se desenvolverá tão rapidamente como se tivesse permanecido na Terra; num aspeto — o da fala articulada — desenvolver-se-á ainda mais depressa [não consigo compreender isto, e limito-me a registar o que a voz me disse]. As crianças na vida espiritual — nesta esfera celestial — crescem totalmente isentas das emoções terrenas. São os anjos de Deus. Nada sabem do amor como os mortais o compreendem, até que, num futuro distante, encontrem a sua alma gémea.

O bebé por quem chorais está aos cuidados de [nome de um parente próximo], que se encarregará da sua educação. Neste momento é demasiado pequeno para ser ensinado, mas tem compreensão suficiente para saber que é amado. Serás informado, de tempos a tempos, sobre o seu progresso." Foi-me pedido que transmitisse isto ao pai e lhe dissesse que a sua criança estava "sem mácula." Foi eterealizada, trazida à sala e colocada entre um monte de narcisos.

(l) Esta pode não ser a experiência de todos os investigadores, mas é a minha. As únicas notas dissonantes que ouvi foram exclamações impacientes por parte de espíritos que não conseguiam fazer-se ouvir ou entender. Alguns parecem acreditar que não há qualquer dificuldade do nosso lado; têm a certeza de que pronunciaram claramente o seu nome, quando, na verdade, eu só ouvi um som indistinto. Notei também que os meus amigos espirituais evitam cuidadosamente julgar seja quem for, mudando de assunto quando lhes é feita uma pergunta cuja única resposta implicaria censura. Apenas uma vez ouvi a minha guia desviar-se desta norma.

A Sra. Wriedt perguntou-lhe: "Miss Iola, pode dizer-me o que pensa da história que uma senhora me contou ontem?" (E relatou então uma narrativa incrível, como tantas vezes ouvimos de pessoas neuróticas ou histéricas.) A resposta foi: "Essa mulher é insana?" — mas, apercebendo-se do tom, ela corrigiu-se: "Não posso dizer, Sra. Wriedt, a menos que investigue todos os factos, mas creio que a senhora que lhe contou isso necessita de atenção médica."

(m) Este é um fenómeno comum e um dos episódios mais comoventes da sala de sessões. Nada é tão tocante como ouvir um espírito a soluçar através do trompete quando um homem ou mulher em sofrimento procura falar com ele. O luto exagerado tem um efeito profundamente negativo sobre os espíritos desencarnados; impede-os de progredir, e eles permanecem presos à Terra até que sintam que os que deixaram estão razoavelmente reconciliados com a sua partida.

Choca os anti-espiritualistas, que não compreendem a filosofia por detrás destas manifestações, ouvir risos numa sessão mediúnica. No entanto, o riso gera as melhores vibrações possíveis, sendo mais eficaz na promoção de fenómenos do que qualquer outro som. O violoncelo, o órgão, o canto e até o fonógrafo são úteis, mas nada supera o riso. É um ato egoísta impedir a elevação de um espírito através de um luto desesperado, quando se sabe que apenas um véu nos separa e que, dentro de alguns anos, reencontraremos esse amigo, inalterado exceto pelo progresso espiritual que tiver feito entretanto.

(n) É frequente um espírito de esferas inferiores expressar imensa gratidão por ter tido contacto com alguém do plano terrestre e despedir-se pedindo orações ou pensamentos positivos dos presentes.

(o) Todos os indígenas norte-americanos foram espiritualistas em vida, e permanecem ligados ao território que lhes é familiar. Encontrar-se-á sempre um ou dois na "equipa espiritual" de qualquer médium. Trabalham nos bastidores, por assim dizer, intervindo especialmente quando o círculo se torna demasiado silencioso ou excessivamente concentrado. A sua presença é frequentemente sinalizada por longos e sonoros acessos de riso; os participantes são animados e distraídos do pior dos hábitos: pensar obsessivamente num espírito específico que desejam ver.

As Esferas e os Reinos

Tenho de admitir que, neste momento, não sei com precisão o que é uma "esfera", embora tenha segurança quanto ao significado de "reino". Um reino é um nível de progresso espiritual — a "câmara da alma". Todos os guias espirituais com quem me comuniquei concordam neste ponto. No entanto, não consegui esclarecer de forma exata o que significa "esfera". Pelo que compreendo, o termo designa uma "condição ou lugar de compreensão", ou seja, o conhecimento que os espíritos podem alcançar através do estudo diligente das vibrações no estado de consciência seguinte. Não existem reinos em esferas inferiores à quinta — alguns dizem mesmo à sexta —, e um espírito pode atingir a sexta esfera sem estar ainda em nenhum reino.

Há alguma contradição nas respostas dos espíritos quanto à questão de saber se a Terra é considerada a primeira esfera, ou se essa designação pertence à esfera imediatamente superior. Adotei a primeira perspetiva, e por isso refiro-me à Terra como a primeira esfera. A segunda é uma de escuridão mental. Cada ser humano vai para "o seu lugar", onde encontrará espíritos afins — o tipo de sociedade para o qual está preparado com base na sua vida e ações na Terra. Ninguém se encontra lá no que possamos chamar de miséria absoluta, e esta esfera é visitada por espíritos missionários das esferas superiores, que procuram despertar nos seus

habitantes o desejo de ascender a um nível mais elevado de desenvolvimento. Está repleta daqueles que cometeram crimes, que pecaram conscientemente contra o próximo — em suma, dos que violaram deliberadamente a "regra de ouro" enquanto estavam encarnados. Esta esfera é o equivalente mais próximo, no além, ao "inferno" da teologia cristã, mas não é o mesmo conceito.

O verdadeiro sofrimento surge quando a centelha divina do desejo de ascender se acende na alma do pecador; nesse momento começam a angústia, o remorso e o arrependimento pelas ações cometidas na Terra. O verdadeiro "inferno" manifesta-se quando o espírito inicia a subida a partir da segunda esfera, ao perceber a magnitude dos seus erros e o peso de tentar reparar as consequências dos seus próprios atos.

Todo aquele que não tenha causado deliberadamente dano ao próximo atravessa a segunda esfera e segue diretamente para a terceira. Pode permanecer aí por muitos anos terrestres. Não é porque não tenha cometido crimes ou violado a regra de ouro que está imediatamente apto para subir às esferas superiores. Existem pecados de omissão, além dos de comissão. Pode ter induzido outros ao erro e necessitar de voltar a comunicar com o plano terrestre para reconhecer as suas falhas. Podem existir inúmeras razões para o atraso no seu progresso.

E assim sucessivamente até às esferas superiores. Disseram-me que não existe uma linha rígida entre uma esfera e a seguinte; o facto de duas pessoas ligadas por laços afetivos se encontrarem em esferas diferentes, a partir da segunda, não impede que vivam juntas, tal como acontece na Terra. Aqui, também, por vezes vemos um homem grosseiro viver felizmente com uma mulher espiritualizada, e vice-versa. Pelo que me foi transmitido, homens de ciência que ainda desejam influenciar os vivos ou continuar as suas experiências no plano terrestre habitam frequentemente as quarta e quinta esferas durante longos períodos.

Os reinos distinguem-se por cores, começando no infra-vermelho e terminando no ultra-violeta. Conheço um homem no segundo reino da sexta esfera que me disse que a sua cor é o vermelho. A minha guia encontra-se no sétimo reino da sexta esfera e a sua cor é lavanda pálido; disse-me que a cor do reino acima do seu é branco cristalino.

Fiquei bastante surpreendido ao encontrar homens, que pouco esperava que progredissem rapidamente no mundo espiritual, na sexta esfera (sem reino). Fui informado pelos guias que tais espíritos trabalharam arduamente para adquirir conhecimento sobre as vibrações superiores. Parece que não conseguimos julgar a diferença de carácter com base na esfera, depois de um espírito ter ascendido acima da terceira.

Suponho que um homem possa dedicar toda a sua atenção a aprender essas vibrações, enquanto outro, igualmente bom, ou talvez melhor, possa permanecer voluntariamente numa esfera inferior — digamos, a quarta — porque deseja manter-se mais próximo do plano terrestre, com a intenção benéfica de transmitir as suas novas descobertas às mentes dos mortais.

Coloca-se a questão: "Porque razão os espíritos maus e pouco desenvolvidos da segunda esfera causam tão pouco dano real aos que estão na Terra?" Que causam dano por impressão, é certo, mas, considerando a sua proximidade, não tanto quanto seria de esperar. A quantidade

de força exercida numa sessão mediúnica — em levitações, movimentação de móveis e afins — se fosse usada com malícia, poderia destelhar uma casa, matar pessoas durante o sono ou tirar a vida a crianças a qualquer momento. Uma vez, fiz esta pergunta a um guia Quacre. A resposta dele foi: "Os espíritos na segunda esfera não têm conhecimento suficiente das vibrações para causar dano físico."

Os espíritos elevados podem sempre descer às esferas inferiores e comunicar com os que estão no plano terrestre. Podem ajudar significativamente no progresso dos seus amigos quando estes passam para o mundo espiritual.

Estes são os fragmentos de ensinamento que aprendi durante a minha formação. Não representam muito, e podem não estar completamente certos. Torna-se-me cada vez mais claro que, neste momento, é impraticável para os espíritos explicarem, em termos terrenos, os mistérios do estado seguinte.

Deve dizer-se desde já que a raiz de todo o fenómeno espiritualista bem-sucedido é a "simpatia." Os nossos amigos do outro lado são atraídos por nós por essa força misteriosa e poderosa. Pode ser chamada de "magnetismo." É mais potente no caso de familiares — mãe e filho, marido e mulher, irmãos, irmãs, etc. — mas também é forte entre aqueles que partilham gostos, profissões e interesses semelhantes. Dois membros da mesma profissão serão atraídos um para o outro — o gerente para o seu diretor, o reitor para o seu vigário, o coronel para o seu subalterno, o almirante para o seu subordinado.

Artistas visitam artistas; filantropos materializam-se para filantropos, autores para autores, mesmo que nunca se tenham conhecido deste lado da sepultura. Um homem ou mulher que tenha estado a meditar sobre os escritos de algum poeta famoso já falecido pode ser visitado por esse mesmo poeta. Os pensamentos chegam ao seu destino mesmo que os separem anos de existência terrena. Na terra do verão (Summerland), o tempo deixa de existir; as crianças parecem crescer e os idosos rejuvenescer, e o tempo só é contabilizado quando regressam à atmosfera deste mundo.

Porque não conseguimos nós, mortais, ver os habitantes da terra do verão? A resposta não é difícil. Eles operam em mais do que três dimensões. Imaginemos uma multidão de seres inteligentes que só conhecem duas dimensões, e outra multidão que opera em três. Coloquemos ambos em proximidade, com os últimos encerrados num espaço delimitado por barreiras definidas — paredes, por assim dizer — onde a altura ou a profundidade é adicionada ao comprimento e à largura. Não ficariam os primeiros intrigados com a sua incapacidade de ver os segundos, separados por uma parede vertical que representa a terceira dimensão? Estendamos este argumento e suponhamos que os que passaram para além da nossa vista estão agora numa região que não conseguimos conceber, onde uma quarta dimensão se junta às que conhecemos. O mortal comum não os pode ver, tal como o ser bidimensional não pode ver o tridimensional.

Durante o curto período em que tenho realizado investigações, aprendi algo sobre os perigos graves a que todos os médiuns estão sujeitos. A passividade e consequente perda de autocontrolo tornam a mente do sensitivo tão impressionável como o cilindro de cera de um

fonógrafo. A exaltação não pode ser desfrutada sem uma fase correspondente de depressão. É durante essa fase que se abre a oportunidade para a incursão de inteligências de ordem inferior.

Um insulto real ou imaginado, inflamado por um espírito inferior, pode originar uma verdadeira alucinação; e durante dias, talvez meses, a palavra do sensitivo, no que toca aos assuntos mundanos, não é mais fiável do que os murmúrios caóticos de um louco. A mulher que esteve a atingir altos voos de mediunidade simbólica em semi-transe pode despertar e relatar uma história coerente sem o mínimo fundamento na realidade. Isto é doloroso; mas é um reflexo fiel de um dos preços que temos de pagar pela comunicação com o invisível.

Muitas dessas entidades mais próximas do plano terrestre são aquilo a que Jackson Davis chama "Diakka" — seres nem bons nem muito maus; espíritos desocupados, que entram quando o portão da razão está desguarnecido, e por vezes causam grande mal às suas vítimas — os sensitivos. Quando houver um colégio para médiuns, e forem treinados para se protegerem contra este mal insidioso, poderemos eliminar um dos mais sérios entraves ao nosso estudo.

Quanto à teoria do diabo, recordo-me da época em que Sir James Simpson, de Edimburgo, introduziu os anestésicos na prática médica. Durante pelo menos quinze anos, foi opinião comum em toda a Grã-Bretanha que qualquer tentativa de aliviar a dor física por meios artificiais era obra do diabo. Era vontade de Deus que sofresses, e quanto mais sofresses, melhor para ti. Fosse a extração de um dente, a amputação de um membro ou qualquer outra operação cirúrgica, quanto mais dor suportasses, melhor. Centenas de milhares recusaram o alívio oferecido, especialmente em casos de parto, embora Simpson assegurasse calmamente que umas quantas inalações de clorofórmio não causavam qualquer dano à mãe nem à criança.

Pois bem, aqui estamos hoje, com todas essas ideias disparatadas varridas. Quem se submetesse a uma operação séria sem anestesia seria considerado louco, e justamente acusado de dificultar o trabalho do cirurgião. Pessoalmente, não acredito num Príncipe das Trevas, embora admita plenamente a existência do mal. Penso que há perigos na busca dos fenómenos espiritualistas, tal como há perigos no excesso em qualquer área, e não aconselharia pessoas de mente fraca, crianças ou até jovens adultos com vidas intensas a envolverem-se nisso; mas rejeito por completo a doutrina de que o espiritualismo seja, em si, mau ou contrário à vontade de Deus.

Espíritos que se fazem passar por outros existem, sem dúvida, e são frequentemente um grande incómodo; mas podem ser testados e afastados sem grande dificuldade. Muitos assumem o papel de personagens públicas distintas e mantêm o disfarce com bastante habilidade. Não vejo por que razão devemos indignar-nos com isso. Imaginemos um grupo de pessoas no além a observar este mundo, exclamando indignadamente: "Vejam aquele impostor do Irving; está a fazer-se passar por Macbeth. Acha ele que nos engana assim tão facilmente? Vejam o seu andar, ouçam a sua voz. Macbeth? Nada disso! É o Henry Irving, e mais ninguém." Quando um espírito, numa sessão pública, dá um nome conhecido da história, é fácil testá-lo com perguntas repentinas que não conseguirá responder se for um espírito a fingir. O mesmo procedimento pode ser adotado em círculos privados.

A crença em espíritos ministrantes, que pairam em redor e orientam os passos dos mortais, está demasiado enraizada no coração dos homens para ser descartada nos dias de hoje. As nossas investigações confirmam o que até agora era apenas uma intuição piedosa. O falecido Dr. Ellicott, bispo de Gloucester — a quem o mundo protestante tanto deve — disse-me, pouco antes de morrer, que sabia qual o parente que o acompanhava, e acrescentou que não precisava de provas fornecidas pela investigação espiritualista para saber que era assim.

Este prelado, em certa ocasião, descia uma colina em Bristol a cavalo, com o seu criado atrás, quando passou por uma pesada máquina de tração que subia lentamente, puxando rodas grandes e pesadas. Ao chegar ao fundo da colina, sentiu-se impelido a virar por um beco à direita. O seu criado mal tinha entrado nesse beco quando uma das rodas, tendo-se soltado acidentalmente da máquina, passou velozmente pela entrada do beco e por cima do exato ponto da estrada onde o bispo cavalgava poucos segundos antes. O bispo atribuiu essa impressão súbita, que aos olhos de quem assistisse pareceria simples distração, à intervenção do seu "anjo da guarda" ou espírito ministrante.

Creio que não é geralmente sabido que os espíritos encarnados podem, muitas vezes, dar um impulso aos espíritos desencarnados no seu progresso, através do contacto com eles — sobretudo pelo perdão de ofensas. Há muitos relatos de espíritos que se materializam em sessões para pedir perdão àqueles a quem prejudicaram. Vi um caso assim em Nova Iorque. Não será reconfortante saber que o pecador não foi além de qualquer possibilidade de resgate, que ainda está ao alcance do perdão de um mortal, o qual pode ajudá-lo no seu desenvolvimento?

Outro benefício do espiritualismo é que induz uma disposição mental serena e equilibrada, desprovida de dogmas, de ambições excessivas ou de inquietações. O homem adquire a convicção interior de que nada tem assim tanta importância; esta vida é apenas uma breve jornada disciplinar, que conduzirá seguramente a algo melhor se ele der o seu melhor no lugar onde se encontra e se exercer simpatia e caridade. A sua doutrina é a de Tiago, o parente e discípulo de Jesus: "A religião pura e imaculada perante Deus, nosso Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e conservar-se incontaminado do mundo." Nada de serviços de maldição ou de credos atanasianos.

Com Tiago também dirá: "A língua, porém, nenhum homem a pode domar; é um mal incontrolável, cheia de veneno mortal. Com ela bendizemos o Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. Da mesma boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não convém que isto seja assim."

Para o espiritualista, a morte não é um mal nem é temida, pois sabe que, mantendo-se íntegro, ficará muito melhor no outro lado. É espantosa a unanimidade com que os espíritos respondem sobre este ponto. Nenhum deseja regressar; todos os que vi ou ouvi afirmam que a única tristeza que sentem é pela dor dos que deixaram para trás.

A crueldade e o dogma são grandes barreiras ao contacto com bons espíritos, e os ministros das Igrejas Católicas são, geralmente, pouco bem-sucedidos nas suas sessões. Pessoas cuja profissão exige que condenem os outros por não pensarem exatamente como elas não podem

esperar colher benefício de fenómenos tão subtis, onde a simpatia é o factor essencial de sucesso. É óbvio que os materialistas — que, por norma, entram nas sessões como críticos hostis — raramente recebem qualquer manifestação pessoal; mas o cético honesto, que mantém a mente aberta e permanece passivo, não prejudica o círculo.

"É correto chamar de volta aqueles que já partiram, e que estão a progredir para esferas superiores?" A minha resposta é: "Não os chamamos de volta. Não podemos evocar a presença de espíritos. Eles vêm, atraídos pela simpatia." De facto, um grande desejo de ver um espírito específico costuma criar uma barreira que impede precisamente essa manifestação.

Este aviso é frequentemente dado pelos guias nas sessões. Se o participante não estiver mentalmente passivo, não receberá visitas dos seus amigos do outro lado. Aqueles no estado seguinte sabem melhor — são os melhores juízes sobre como tais visitas afetarão o seu progresso. As experiências mais convincentes que tive foram inesperadas e não procuradas. Espíritos que já ascenderam a esferas mais altas podem — segundo me informaram — sempre regressar e manifestar-se àqueles que desejam impressionar. No meu caso, acredito que o motivo foi provar a imortalidade a alguém que considerava as provas existentes insuficientes.

Optei por limitar estas notas à minha experiência pessoal; mas as opiniões que aqui expresso têm também por base narrativas verídicas de outros investigadores. Há milhares de pessoas neste país que podem apoiar as minhas conclusões com as suas próprias provas. A evidência acumulada da presença de espíritos que realizam trabalhos benéficos junto de famílias — por impressão e orientação em momentos críticos — é vasta, e não pode ser ignorada por nenhum investigador inteligente. Milhares de homens e mulheres mentalmente sãos nas Ilhas Britânicas podem atestar a veracidade do que afirmo. Nenhuma necessidade particular de consolo me levou a abraçar a fé espiritualista.

O sensitivo está no seu melhor precisamente quando o consolo é mais necessário; por isso, estou certo de que as minhas experiências são modestas em comparação com as de centenas de outras pessoas que, perante uma perda súbita, procuraram o contacto psíquico e obtiveram provas incontestáveis de que aqueles que amavam ainda estão vivos, atentos aos seus interesses e cheios de afeto. Não sou um propagandista, e tenho uma aversão profunda à discussão com críticos ou céticos, por mais honestos que sejam.

Há um vasto número de pessoas que não têm o dom de discernir a veracidade ou não dos fenómenos psíquicos. Há cinco anos, tentei convencer outros. Já não o faço; a perda é deles, que infelizmente não conseguem ver o que é óbvio para quem foi treinado em hábitos de investigação rigorosa. A minha vida foi passada a explorar e a fazer cartografia; se não tivesse hábitos de observação exata, teria perdido a minha profissão há mais de vinte anos.

Os sensitivos nascem, não se fazem. Quando bem instruídos, estão em guarda contra as impressões dos espíritos inferiores do outro mundo e recebem imensos benefícios dos superiores. Tenho um parente — já anteriormente mencionado — um profissional, que me conta que, quando está sozinho no campo, longe de todas as distrações e em clima calmo e estável, é invadido por uma sensação de harmonia e sons melodiosos que desafiam qualquer descrição. As

melodias chegam-lhe frequentemente naquele estado semiacordado que se segue a uma noite de descanso.

Sente-se reconfortado ao assistir a um serviço religioso, não por causa do próprio serviço — pois não tem simpatia por dogmas ou rituais de qualquer espécie — mas porque espíritos elevados se encontram por perto, extraindo-lhe energia, deixando-lhe o corpo físico muito frio, mas proporcionando-lhe um renovado bem-estar mental. É provável que os *Diakka* e espíritos malévolos não consigam entrar numa igreja, e que os seres humanos cansados e sobrecarregados sejam grandemente ajudados nas suas orações sinceras pela presença de espíritos superiores, que se manifestam em qualquer local de culto, independentemente da denominação ou do tipo de sacerdote, ou quão erróneo seja o seu ensino a partir do púlpito.

Até ao momento, não foi dado qualquer tipo de prova a mais do que umas poucas pessoas de cada vez. É uma lei natural que nenhuma grande verdade seja assimilada sem esforço árduo. Se o conhecimento de um contacto direto com os nossos entes queridos que já partiram fosse facilmente obtido, a fé universal nessa possibilidade não seria duradoura. Até mesmo uma verdade tão simples como a da rotação da Terra em torno do Sol levou mais de dezasseis séculos a ser aceite de forma geral, depois de a ideia ter sido inicialmente proposta.

Numa questão tão solene e vital como a comunicação com os espíritos, nenhum homem pode aceitar as provas de outro como base para formar a sua própria fé. Este trabalho só pode servir como corroboração de testemunhos já recolhidos — ou que venham a ser — pelos próprios leitores.

Devemos evitar sobrepor aos belos ensinamentos que nos é permitido descobrir dogmas e anátemas dirigidos a quem não partilha das nossas crenças. Jesus de Nazaré, o maior sensitivo que alguma vez iluminou a Terra, deve ser o nosso guia — mas não o Cristo interpretado pelas chamadas Igrejas Católicas. O verdadeiro espiritualista compreenderá facilmente a vida altruísta daquele espírito terrestre elevado que, voluntariamente, viveu como mendigo para ensinar amor e caridade à humanidade, para demonstrar o carácter efémero do corpo físico e o dever do homem para consigo próprio e para com o próximo durante a sua breve e transitória passagem por este mundo. Precisamos de um colégio para sensitivos, mas não de igrejas, rituais, sacerdotes e, acima de tudo, não de credos. As únicas igrejas nas quais o espiritualista pode adorar com coerência são as dos Unitários, embora nada o impeça de adotar elementos dos ensinamentos católicos que tratem de verdades simples e elementares, proclamadas pelo mais elevado espírito com que o mundo alguma vez contactou. Em meio à confusão religiosa, o espiritualista carrega em si a convicção de que:

Com a manhã sorriem os rostos angélicos
Que há muito amou, e perdeu por um tempo.

Depois de todos estes anos de investigação, sabemos muito pouco; temos apenas vislumbres do estado seguinte. E nunca saberemos muito mais se as pessoas não registarem as suas observações no momento em que os eventos ocorrem, com todos os detalhes possíveis. As dificuldades para descobrir qualquer lei que governe os fenómenos psíquicos são enormes, pois é praticamente certo que todas as manifestações espirituais envolvem operações em mais de

três dimensões — uma condição que nos é completamente desconhecida. Só com registos cuidadosos, feitos dentro de quarenta e oito horas após os acontecimentos, poderemos avançar no conhecimento.

As revistas e jornais estão cheios de histórias maravilhosas sobre sonhos, visões, fantasmas e afins, todas referidas como tendo acontecido "há vários anos," ou "ao meu avô," ou "à minha avó"; essas não ajudam. A natureza humana é tal que nenhuma história diminui com o tempo. Não dou qualquer valor à precisão de tais narrativas casuais. É raríssimo encontrar memória fidedigna de detalhes de um evento ocorrido há vinte anos; a tendência para exagerar é uma das falhas humanas mais comuns, e poucas pessoas mantêm registos, mesmo dos acontecimentos notáveis do seu tempo.

Milhares de pessoas deixam de relatar as suas experiências psíquicas por medo do ridículo ou — o que é ainda mais significativo — por receio de perderem o seu emprego. É um facto triste que, com poucas e brilhantes exceções, temos contra nós praticamente todos os professores de ciência e de religião.

Isto é deveras notável, considerando que, em ambas essas áreas da atividade humana, os estudiosos lidam precisamente com o invisível. Tomemos alguns exemplos científicos: telegrafia sem fios e outras funções da eletricidade, astrofotografia, gravitação (que talvez se revele como força eletromotriz), vibrações no éter, fusões de gases — tudo isto deveria alertar quem trabalha nessas áreas para não rejeitar de forma leviana as evidências de telepatia entre espíritos encarnados e desencarnados, pois o testemunho é abundante e fácil de obter.

Ainda mais incoerente é a atitude dos líderes religiosos. Todo o edifício da sua fé baseia-se no invisível; o fundamento das suas crenças e a única justificação das suas aspirações são as intervenções místicas de um poder invisível junto de um certo povo semita ao longo de cinco mil anos. E, no entanto, quando lhes são apresentadas provas de que esses fenómenos ainda ocorrem, agora entre outras nações, recusam-se a examinar o assunto.

Uma das fações religiosas, de facto, admite que o que chamam erroneamente de "milagres" ainda ocorre, mas declara que são obra do diabo; enquanto que as igrejas reformadas afirmam que as manifestações espirituais cessaram com a missão dos apóstolos e apenas duraram durante o período descrito naquela coleção de escritos de inspiração desigual a que chamamos Bíblia.

É difícil acreditar que, daqui a duzentos anos, alguém aceitará que, no ano de 1911, mais de metade da população das Ilhas Britânicas acreditava que o espírito humano deixava de funcionar assim que o corpo exalava o último suspiro; que, num momento futuro, contado em centenas de milhões de anos, voltaria a ter atividade no mesmo corpo antigo, sendo então julgado pelos pecados ou boas ações cometidos num passado remoto, durante uma existência de setenta anos ou menos. Se isto não é o que se quer dizer com "ressurreição do corpo" e "dia do juízo final," então gostaria de saber qual é a interpretação esotérica do Credo dos Apóstolos e das várias orações e hinos dedicados ao tema.

Confesso com franqueza que, até estudar o espiritualismo, não sabia ler corretamente a Bíblia. Este livro está repleto de manifestações ocultas de uma capa à outra. No Novo Testamento temos registos fragmentários da vida do maior sensitivo que alguma vez viveu. Após um longo período de iniciação, Ele escolheu doze homens de temperamento psíquico — na sua maioria ignorantes, e por isso mais passivos — e começou a ensinar. Quando as condições eram favoráveis — como nos é claramente dito — Ele conseguia realizar atos supranormais: reanimar os aparentemente mortos, curar doentes, devolver a visão aos cegos e expulsar espíritos malignos dos que estavam possuídos.

Em determinada ocasião suprema, é dito — e trata-se do episódio mais bem autenticado da sua vida — que subiu a um monte com os seus três melhores médiuns e realizou aquilo a que hoje chamaríamos uma sessão de materialização, durante a qual dois sensitivos ilustres de uma era remota apareceram. Após a sua morte, surgiu materializado em algumas ocasiões perante aqueles que considerou dignos da manifestação; e, por fim, foi elevado e desapareceu da vista, sem jamais regressar em forma corporal.

Não somos obrigados a acreditar que ressuscitou um cadáver que jazia no túmulo há três dias, pois o episódio da ressurreição de Lázaro nem sequer é mencionado nos Evangelhos Sinópticos. A biografia deste grande e santo espírito está, sem dúvida, impregnada de várias lendas de autenticidade duvidosa; mas os factos essenciais — pelo menos os relatados pelos três Evangelhos Sinópticos — carregam o selo da verdade. As nossas experiências, embora mais fracas e limitadas, autorizam-nos a aceitá-los como credíveis.

Mas embora tenha sido, provavelmente, o espírito mais elevado que alguma vez habitou a Terra, Jesus Cristo não foi o único grande mestre da história. O bardo galês Sir Lewis Morris escreve:

Outros vieram antes de Cristo. Ó querido Mestre falecido, cuja palavra
Muito antes da doce voz no Monte, já despertava e tocava os corações jovens;
Tu que falaste da alma e da vida; com os membros já frios da morte iminente,
Entregaste, com um sorriso de fé, o último sopro da tua vida terrena;
E tu, ó sábio de língua de ouro, que com brilho de pensamento e de palavra,
Cantaste sobre a Nobre República, a mais elevada ética jamais cantada;
Nas tuas páginas brilham as palavras do teu Mestre, sublimes e refinadas,
Na música da linguagem perfeita, inspirada por uma mente fiel;
E vós, videntes de Israel e doutores, cujo sopro deu vida nova
Aos ossos mortos da Lei com o alento de um amor maior;
Ou tu, grande Santo do Oriente, cujos passos milhões seguiram,
Até passarem da vida, como um sonho inocente, para se perderem em Deus;
E tu, antigo mestre, cujas palavras mortas, embora sem vida presente,
Mantêm milhões a trabalhar nos reinos pacíficos do Ateísmo;
Acaso direi que vós, como os demais, não falastes nada do divino,
Que nenhum raio de sol velado brilhou através da névoa do vosso ensino?
Não! Pensar assim seria duvidar de Deus. Contudo é estranho, e certo,
Que nenhum mestre antigo foi tão cheio de misericórdia como o nosso, nem tão puro.

Caros estudantes, proponho-vos que o materialismo e o haecquelismo dos nossos dias não se combatem com as doutrinas arcaicas das chamadas Igrejas Católicas. Credos Atanasianos, Serviços de Cominação e artigos de fé criados por homens são armas enferrujadas para resistir aos argumentos dos materialistas.

A crença irracional na ressurreição do corpo, contida no Credo dos Apóstolos e em hinos publicados recentemente, é inútil para contrariar a ideia de que a nossa consciência individual se extingue. Muitos ainda recordam a famosa condenação da cremação feita pelo bispo Wordsworth, alegando que essa prática destruía o indivíduo destinado a ressuscitar para o julgamento final. Mas tais apelos obtusos são inúteis. Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos. As histórias repulsivas do Javé colérico e ciumento dos israelitas em breve deixarão de convencer todos, exceto os mais profundamente ignorantes.

Pois não gosto do credo de quem se atreva a afirmar
Que Deus só vem até nós em tempos distantes, há séculos atrás.

E pergunto-vos: o que será do ensino generalizado que diz que Deus fez a si mesmo um sacrifício neste planeta insignificante de um sistema solar relativamente pequeno, para redimir o pecado do primeiro homem? Como já observou James Robertson, "uma andorinha não faz a primavera" — e a ressurreição corporal de Deus, mesmo que verdadeira, é um fenómeno que, por si só, não garante que um mortal possa também ressuscitar.

Não. Precisamos hoje de alimento mais substancial para manter viva a nossa fé no reencontro com os que amámos neste plano terreno. Se o único argumento fosse a ressurreição corporal, seríamos dos homens os mais desgraçados. Mas, felizmente, não é nisso que nós, espiritualistas, acreditamos. Estamos convencidos de que já acumulámos provas suficientes de que há uma evolução mais racional à nossa frente; que a morte é uma transformação semelhante ao nascimento — como, aliás, está declarado nos próprios livros que são diariamente mal interpretados — e que de facto ressuscitamos, não neste corpo "natural" que agora habitamos, mas num "corpo espiritual", um veículo de matéria altamente subtil, invisível para os mortais pelos canais sensoriais comuns, mas tão real quanto o corpo que hoje possuímos — e muito mais vivo do que alguma vez fomos. Podemos, portanto, unir-nos ao cântico triunfante de Morris:

Exultai, ó pó e cinzas! Regozijai-vos, todos vós que estais mortos,
Pois também vós viveis, vós que jazem por baixo, tal como nós que caminhamos por cima.
Assim como Deus vive, também vós estais vivos; estais vivos e ativos hoje,
Não como vivem aqueles que respiram e se movem, mas vivos e conscientes como eles.
E vós também, ó vivos, exultai. Jovens e velhos, exultai e alegrai-vos;
Pois o Senhor dos vivos e dos mortos ainda vive: ouvimos a Sua voz.
Ouvimos a Sua voz, e ouvimo-la ressoar cada vez mais amplamente,
Das planícies do poente até aos cumes do mais longínquo oriente.
Foi dada tanto aos vivos como aos mortos; para eles continua a soar,
E nenhum silêncio há-de quebrar a voz clara da Vontade Infinita.

APÊNDICE A
DESPERTANDO OS CHAMADOS "MORTOS"

Em 1 de janeiro de 1909, graças à amabilidade do Sr. E. C. Randall, de Buffalo, Nova Iorque, tive a oportunidade de conhecer o Sr. Leander Fisher, professor de música naquela cidade. Este cavalheiro, então com mais de cinquenta anos, participou em algumas sessões notáveis entre os anos de 1875 e 1900, organizadas com o propósito específico de ajudar os chamados "mortos" a tomarem consciência da sua nova condição, facilitando assim a sua passagem natural para a vida espiritual.

Os acontecimentos dessas reuniões, especialmente por volta do ano de 1890, foram fielmente registados; ele mostrou-me uma pilha de documentos com cerca de sessenta centímetros de altura, nenhum dos quais havia sido publicado. Pedi autorização para levar alguns desses documentos para Inglaterra, com o objetivo de informar os meus compatriotas sobre este trabalho de "missão", uma fase da manifestação espiritual até então desconhecida por eles, pelo menos no que dizia respeito à "voz direta". O Sr. Fisher e o Sr. Randall selecionaram doze registos e mandaram copiá-los para mim. Esses documentos estão agora incluídos neste Apêndice do meu livro.

Na minha opinião, não é aconselhável que qualquer investigador inclua no corpo principal da sua obra experiências que não tenha presenciado pessoalmente. Contudo, não deve supor-se que tenho qualquer dúvida quanto à veracidade rigorosa destes documentos. O elevado carácter do Sr. Leander Fisher é garantia suficiente da sua autenticidade. Como se poderá observar nos registos, por vezes encontrava-se em transe, mas outras vezes permanecia em estado normal e participava nas conversas. O Sr. e a Sra. Bailey, bem como a Sra. Fisher, sua mãe — todos de reputação irrepreensível em Buffalo — estavam sempre em estado normal, tal como a Sra. Eggleston, a estenógrafa, cujo depoimento acrescenta valor ao manuscrito.

Fiz perguntas sobre se alguns dos espíritos que tinham sido assim, com tato, levados a reconhecer que haviam entrado num novo estado de consciência, tinham sido devidamente identificados. A resposta foi que muitos o foram, mas que, após algumas verificações bem-sucedidas, se considerou inútil continuar a procurar os parentes e locais de residência terrena dos restantes. Tais investigações exigiam muito tempo e esforço, e acabavam sempre por confirmar os relatos. Além disso, essas verificações pouco valor tinham para além dos céticos, para quem a personalidade de "Eva" era desconhecida; os registos tinham utilidade apenas para o círculo e não se esperava que viessem a público. Satisfaziam os participantes, e isso bastava.

O livro *Pensamentos da Vida Interior*, de D. E. Bailey (Colby and Rich, editores, Boston, 1886), ainda presente em muitas bibliotecas, constitui uma boa introdução à narrativa das sessões.

As experiências do Sr. E. C. Randall com a Sra. French, médium de Rochester, mencionadas noutra parte deste livro, foram semelhantes às dos Bailey e dos Fisher com a Sra. Swain; mas, naturalmente, o grande encanto — a presença do espírito de "Eva" — não estava disponível.

DECLARAÇÕES JURADAS

Estados Unidos da América
Estado de Nova Iorque
Condado de Erie
Cidade de Buffalo

Leander Fisher, devidamente juramentado, declara que tem mais de cinquenta anos de idade e reside no número 143 da Avenida Hodge, na cidade de Buffalo.

Declara que Marcia M. Swain faleceu na cidade de Buffalo por volta do ano de 1900, com oitenta e um anos de idade, e que conhecia a referida Marcia M. Swain desde cerca de 1875. Era uma mulher de grande refinamento e qualidades raras, além de ser uma grande médium; e, trabalhando com ela de forma habitual, tivemos a voz independente de espíritos entre os anos de 1875 e 1900, um período de vinte e cinco anos.

Durante esses vinte e cinco anos, Daniel E. Bailey, então residente na Avenida Porter, número 507, Mary E. Bailey, sua esposa, e Sarah M. Fisher, minha mãe, trabalharam connosco regularmente. O Sr. Daniel E. Bailey era um homem de grande fortuna e, ao falecer na década de 1890, deixou uma provisão para o sustento de Sr.ª. Swain durante o restante da sua vida. Nunca foi uma médium pública, nem realizava sessões por dinheiro; dedicou os últimos anos da sua vida, em conjunto com o nosso grupo, a tentar compreender a morte, assim chamada, e a condição do indivíduo após a dissolução física.

As sessões com a Sra. Swain eram por vezes realizadas na minha casa, mas com mais frequência na residência de Daniel E. Bailey, na Avenida Porter, que chegou a publicar alguns dos ensinamentos recebidos através de Eva, sua filha na vida espiritual, e do grupo de espíritos que com ela trabalhava, controlando os círculos da Sra. Swain.

Certas fases dessas sessões não foram tornadas públicas, nomeadamente o nosso trabalho de missão.

Não é do conhecimento geral que muitas pessoas, após a chamada morte, não despertam imediatamente na esfera em que passam a habitar, e são então trazidas a círculos como o nosso (em vibrações materiais), onde eram despertadas. Sem compreenderem que haviam deixado o corpo físico, ficavam confusas quanto à situação. Era nosso dever e prazer, com a ajuda de amigos espirituais, levá-las a uma plena consciência da sua condição e sugerir-lhes o caminho para uma maior compreensão da vida espiritual, promovendo assim o seu progresso.

Durante anos, Aline M. Eggleston, atualmente residente na Tryon Place, número 217, em Buffalo, trabalhou como estenógrafa e, graças à prática, tinha a capacidade de escrever no escuro, registando em taquigrafia as nossas conversas com os espíritos. Anexos encontram-se os registos taquigráficos de doze sessões, com datas entre 1889 e 1891, que ilustram o chamado "trabalho de missão" entre os espíritos.

O espírito referido nos registos como Tom, por vezes entrava em transe e tomava posse do organismo físico de um dos membros do nosso círculo, conversando com outros espíritos. Esta é uma explicação necessária dos registos taquigráficos.

Tenho conhecimento de que há poucos lugares no mundo onde este tipo de “trabalho de missão” seja compreendido ou realizado. Tive o privilégio de participar, muitas vezes nos últimos dezoito anos, em sessões com Edward C. Randall, de Buffalo, que tem desenvolvido trabalho semelhante com Emily S. French, de Rochester — a melhor médium viva atualmente — com resultados superiores aos que alcancei com Marcia M. Swain.

Os doze relatórios estenográficos anexos são cópias dos originais que estão em minha posse, e esses doze relatórios são registos verdadeiros das conversas que tiveram lugar entre nós e os espíritos nas datas ali mencionadas.

Leander Fisher
Assinado e juramentado perante mim,
no dia 11 de fevereiro de 1909.
E. C. Randall,
Comissário de Juramentos,
na e para a cidade de Buffalo, N.Y.

N.º 266, Avenida Parkdale,
Buffalo, N.Y.
17 de junho de 1911

Prezado Senhor,

Vimos por este meio certificar as manifestações de vozes independentes de espíritos, que ocorreram na casa do Sr. Daniel Bailey, na Avenida Porter, nesta cidade.

Participámos regularmente neste círculo duas vezes por semana, durante cerca de dois anos, sendo a Sra. Eggleston responsável por transcrever as conversas diretamente em escrita estenográfica.

Como as mesmas pessoas estavam presentes em cada sessão e as condições rigorosas eram estritamente cumpridas, garantimos que as vozes espirituais não podiam ser senão genuínas. Não havia qualquer possibilidade ou razão para fraude.

Com os melhores cumprimentos,
L. H. Eggleston
Aline S. Eggleston

Juramentado perante mim no dia 17 de junho de 1911.
Daniel Hurley,
Notário Público, Condado de Erie, N.Y.

Quinta-feira à noite, 18 de julho de 1889

Uma alma aflita aproxima-se. Foi atropelada por um comboio e teve a perna cortada. Foi lançada para uma via secundária e perdeu a consciência; e, enquanto inconsciente, outro comboio passou por cima dela e matou-a. — *Eva*

Espírito (S.): Oh — oh — tenho de morrer sozinho? — morrer sozinho — morrer sozinho — morrer sozinho — oh — foi horrível — horrível — onde está? — onde está o comboio? — onde está o comboio? — oh, nunca irei conseguir chegar a casa — tenho de ir para casa — tenho de ir para casa — para casa — para casa —

Sr. B.: Foste muito gravemente ferido, amigo, não foste?

S.: Oh, sim — pensei, quando vi — oh, Deus! — quando vi aquilo a vir aos solavancos e senti o impacto —

Sr. B.: Pensaste que ias perder a perna, não foi?

S.: Sim.

Sr. B.: Mas agora sentes-te melhor, não é verdade?

S.: Sim.

Sr. B.: Foste bastante ferido.

S.: Oh, lá vai ele — lá vai — oh, meu Deus — meu Deus —

Sr. B.: Mas já passou tudo agora.

S.: Oh, a minha perna está partida — está toda esmagada.

Sr. B.: Sim, mas dentro de pouco tempo estará tudo bem.

Sra. B.: Está aqui um bom médico que te vai tratar como deve ser.

S.: Oh, doutor, acha que me pode ajudar? Dói-me — dói-me —

Sr. B.: Não vai doer-te muito mais. Essa dor vai desaparecer em breve.

Sra. B.: Este médico já ajudou muitas pessoas com membros partidos.

S.: Oh, está esmagada — deve estar esmagada.

Sr. B.: Sim; mas não tão mal que não possa recuperar dentro em breve.

S.: Vais ter de a amputar? Oh, preferia que me matasses a ficar aleijado para o resto da vida. — Não quero que me cortem a perna. — Não posso aceitar isso.

Sr. B.: Não; não será necessário amputar. Dentro em breve tudo estará bem.

S.: Oh, aí está — aí — oh — oh —

Sr. B.: Não te sentes melhor?

S.: Sim, sinto-me melhor. Sinto como se estivesse a ser apertado num torno. — Sabes por que é que isso acontece?

Sr. B.: Foste gravemente ferido, e a memória do que aconteceu volta e faz-te sentir assim. — Pensaste que ias morrer, não foi?

S.: Sim, pensei mesmo que ia morrer; mas quando tudo passou percebi que só estava ferido.

Sr. B.: Bem, quando pensaste que ias morrer, acreditavas que haveria vida depois da morte, não era?

S.: Não pensei nisso naquela altura.

Sr. B.: Nunca pensaste nisso?

S.: Sim, às vezes.

Sr. B.: Acreditava que existia vida após a morte?

Espírito (S.): Bem, eu queria viver depois da morte, se pudesse ser feliz; se não pudesse, então não queria continuar a viver.

Sr. B.: Mas não faz diferença se uma pessoa é feliz ou infeliz; se é uma das leis que vivemos após a morte, então temos de viver, e a nossa felicidade depende da vida que levámos enquanto estávamos na Terra. Se fomos bondosos com muitas pessoas, teremos uma vida feliz no além. Mas muitas vezes, quando as pessoas morrem repentinamente ou são mortas, não percebem que fizeram a passagem. Não sabem que morreram. A vida espiritual é-lhes tão natural — parece-se imenso com a vida terrena, pelo menos durante algum tempo.

S.: É mesmo?

Sr. B.: Sim, muitas vezes não sabem que morreram. Sentem-se como sempre se sentiram.

S.: Bem, se fizeres alguma coisa por esta perna, eu agradeço.

Sr. B.: Tendo em conta a gravidade do ferimento, preferias não ter morrido?

S.: Bem, preferia viver, se pudesse. — Fico feliz por não ter morrido.

Sr. B.: Ficarias surpreendido se te dissesse que morreste, não ficarias?

S.: Claro que ficaria. Estou tão vivo como sempre estive. — Estou tão dorido e combalido.

Sr. B.: Mas tu morreste.

S.: Morri?

Sr. B.: Sim; és agora um espírito, na vida espiritual. — Para ti é tão real como a vida na Terra, não é?

S.: Não, nada me parece real. Não vejo nem sinto nada além do estrondo e do embate daqueles comboios.

Sr. B.: Tens amigos no plano espiritual que te trouxeram aqui para seres ajudado. — Aqui podes libertar-te de tudo isso, para que nunca mais te incomode. — Sabes, quando voltas à

Terra (nós ainda somos mortais; ainda não fizemos a transição), assumem-se as condições terrenas.

S.: Fazem isso?

Sr. B.: Os amigos espirituais fazem isso. — Eu não te posso ver; não estive propriamente a fazer nada por ti. — São os amigos espirituais que te estão a ajudar.

S.: Porque dizes isso? Disseste que me ajudarias, e esta senhora aqui também disse que me ajudaria; e ajudaram-me.

Sr. B.: Pode ser que o tenhamos feito inconscientemente; mas ajudamos os teus amigos a ajudarem-te ao estarmos aqui e criarmos as condições adequadas.

Tom (em transe): Eu vou dizer-te uma coisa, George; a Lizzie está aqui, e veio buscar-te.

S.: A Lizzie veio por mim?

Tom (s.): Claro que sim; e vais viver com ela, e vais ser muito feliz.

S.: Bem, eu vou. — Quero ser feliz.

Tom (s.): E vais mesmo ser. — Daqui a pouco já não vais sentir nenhuma dessas sensações desagradáveis; porque, George, quando aquele comboio passou sobre a tua perna, sabes, atirou-te para a outra linha, e vinha aí outro comboio que acabou contigo.

S.: Isso é verdade?

Tom (s.): Sim, é verdade, George; mas não te preocupes, porque chegaste a um lugar maravilhoso. — A Lizzie está à tua espera. — Vais ser tratado aqui e preparar-te para ir ter com ela.

S.: Bem, eu vou.

Tom (s.): Pois claro que vais; e ela está tão contente por estares a ir ter com ela. A pequena Dottie também está aqui.

S.: Oh, Dottie! Dottie! Bem, então já não me importo — fico feliz. A Lizzie sabe que o comboio passou por cima de mim?

Tom (s.): Sim, ela sabe, porque nós sabemos sempre quando algo acontece àqueles que amamos. Ela estava mesmo lá. Ela soube quando aconteceu: mas tu não sabias, por isso ela mandou trazer-te aqui para aprenderes o que se passou e seres ajudado.

S.: A Lizzie está aqui, e eu posso ir para o céu?

Tom (s.): Claro que podes ir para o céu. Não me admirava que já conseguisses ver alguma coisa. Olha para cima, à tua direita.

S.: Isso faz-me doer a cabeça.

Tom (s.): É porque ainda não estás completamente bem. É muito duro sair tão repentinamente. É um grande choque para o espírito; e trouxeram-te aqui para te equilibrares espiritualmente, e depois vais estar em boas condições para subir até onde está a Lizzie.

S.: Eu vou.

Tom (s.): George, o Avô também está aqui; e o Richard está aqui.

S.: Oh, o Richard está aqui? Diz-lhes que quero vê-los.

Tom (s.): Vais vê-los dentro de pouco tempo. — Eles sabem que primeiro precisas de estar preparado para ires ter com eles. Tens de compreender que fizeste a transição.

S.: Oh — oh — estou a cair — estou a cair —

Tom (s.): Está tudo bem, George; não te assustes.

S.: Pensei que estava a cair sem fim, sem nunca parar.

Tom (s.): Oh, não, George; não te assustes quando isso acontecer. — Não te vai fazer mal.

S.: Não me lembro de ti.

Tom (s.): Nem eu te conheço.

S.: Fala comigo como se me conhecesses.

Tom (em transe): Bem, tudo o que sei é o que os teus amigos me disseram.

S.: Eles estão a falar contigo?

Tom (s.): Disseram-me, antes de eu vir aqui, que tu vinhas, e que eu te veria; e disseram-me que o teu nome era George, que a Lizzie estava aqui, e a pequena Dottie também; e contaram-me sobre o teu avô, e sobre o Richard, e que eu devia dizer-te isso.

S.: Bem, agradeço-te.

Tom (s.): Oh, não tens de quê.

S.: Sim, estou-te muito agradecido.

Tom (s.): Todas estas boas pessoas aqui estão sentadas para ajudar almas como tu, que passaram por acidentes assim e não sabem que já saíram do corpo.

S.: Que bondade a vossa.

Tom (s.): Fizeste a transição chamada morte, mas não existe morte, apenas uma mudança. Eu também já fiz essa mudança. Sou um espírito a falar através deste jovem aqui.

S.: Estás a falar através dele? Mas como fazes isso?

Tom (s.): Vê agora — consegues ver-me bem? Olha com atenção que eu vou sair dele e mostrar-te.

S.: Vais sair dele?! Oh, meu Deus, o que queres dizer?

Tom (s.): Agora vê — olha bem —

S.: Oh, céus! Oh, céus! Isto é muito estranho.

Sr. B.: O que é que vês?

S.: Oh, é um homem — o fumo tomou a forma de um homem.

S.: Meu Deus! Oh, meu Deus! É maravilhoso!

Sr. B.: E agora, o que vês?

S.: Ora, ele voltou para dentro dele como vapor.

Tom (s.): Vês como eu te disse? É assim que se faz. Eu estou na vida espiritual.

S.: Consegues entrar em toda a gente assim?

Tom (s.): Oh, não. Só naqueles cujo organismo está preparado para isso. Chamamos-lhes instrumentos. Vocês chamam-lhes médiuns.

S.: Médiuns de pancadas?

Tom (s.): Não. Ele é um por quem conseguimos falar e usar o corpo dele dessa forma.

S.: Esse jovem está morto?

Tom (s.): Oh, não, ele não está morto — ainda está na vida terrena. Precisamos mostrar estas coisas para que possas compreendê-las, percebes? Bem, veja-se só! Está aqui uma velhinha com um aspeto muito engraçado, e ela diz para eu te dizer que a "Tia Polly está aqui".

S.: Tia Polly! Tia Polly! Ela está aqui?

Tom (s.): Talvez ela se mostre a ti.

S.: Não a consigo ver em lado nenhum.

Tom (s.): Olha só um pouco para cima, à tua direita.

S.: Oh, sim, vejo-a, mas está tão longe.

Tom (s.): Ela vai aproximar-se dentro de pouco. Sentou-te no colo muitas vezes.

S.: Sim, isso é verdade — é mesmo verdade.

Tom (s.): Agora olha, George.

S.: Eles vivem lá em cima, nesse mundo?

Tom (s.): Vais para lá ter com eles dentro de pouco.

S.: Quando é que vou?

Tom (s.): Tens de te preparar primeiro.

S.: Como é que me preparo?

Tom (s.): Vamos mostrar-te como.

S.: Oh, mostra-me, por favor.

Tom (s.): Foi por isso que foste trazido aqui esta noite — para aprenderes sobre isso — tens de aprender primeiro, sabes? Vais para um lugar lindo e vais ser muito feliz. Tens de ultrapassar este choque. Sabes, foi um grande choque para o teu espírito deixar o corpo da forma como deixaste — tão repentinamente — por isso foste trazido aqui para seres equilibrado, porque não sabias que tinhas feito a transição. Agora não vais ter mais problemas — tratámos de tudo contigo.

S.: O doutor disse uma coisa que me incomodou. Disse que ia deixar-me bem, e depois, quando eu fiquei bem, disse que não fez nada por mim; mas acho que teve pena de mim, e disse que não fez nada porque não queria receber pagamento.

Tom (s.): Estas pessoas não estão aqui por dinheiro, George, porque, sabes, mesmo que quisesses, não podias pagá-las. Já deixámos o dinheiro para trás. Estas boas pessoas têm uma filha brilhante e maravilhosa que está na vida espiritual, e eles estão a ajudar deste lado enquanto ela ajuda do teu lado da vida. Eles também estão aqui por ela.

S.: Do meu lado da vida?

Tom (s.): O teu espírito saiu do teu corpo e agora tens um corpo espiritual. É parecido com o teu corpo antigo. O teu corpo espiritual está agora revestido de matéria terrena para que possas falar com estas pessoas; mas dentro de pouco essa matéria vai ser retirada, e então já não conseguirás falar com elas. Vai ser uma nova experiência para ti. Foi isso que sentiste quando achaste que estavas a cair. Era a matéria terrena que te reveste a ser retirada, e cada vez que a tiram sentes-te melhor.

S.: Oh, isso é bom, não é? Gostava que falasses com eles por mim.

Tom (em transe): Oh, eles ouvem tudo o que dizes.

S.: Eles virão ter comigo?

Tom (s.): Sim, virão. Agora olha.

S.: Sim, estou a ver.

Tom (s.): Vês todas aquelas mãos a acenar-te, a chamar-te?

S.: Não há caminho nenhum para lá chegar.

Tom (s.): Oh, há sim.

S.: Não vejo estrada nenhuma até lá acima.

Tom (s.): Não precisas de estrada.

S.: Então como é que irei?

Tom (s.): Eu levo-te e mostro-te o caminho. Vai haver muitos a ajudar-te. Há uma menina muito simpática que também vem aqui; talvez ela te ajude.

Maggie (em transe): Sim, querido senhor, se vieres comigo, eu levo-te, mas terás de dar a volta por ali e descer uma pequena colina; vens comigo?

S.: Claro que sim, querida menina, vou contigo. Conheces os meus amigos?

Maggie (s.): Sim, conheço-os, porque todos nós conhecemos aqueles que é certo conhecermos. Agora vem. Aqui está a minha mão e aqui estão algumas flores; vou colocá-las no teu peito, e depois vais sentir-te melhor, porque vais cheirar o perfume destas flores lindas, e isso dar-te-á força. Primeiro temos de descer aquela pequena colina, e depois vou mostrar-te algo muito bonito, e então, dentro de pouco tempo, levo-te até à estrada que conduz aos teus amigos, e eles virão ao teu encontro. Agora vem. Boa noite a todos.

Domingo à noite, 25 de maio de 1890

Eva: Esta noite vou apresentar um que faleceu durante o sono, e não percebe que fez a transição.

S.: Bem, se isto não é o cúmulo do diabo!

Sr. B.: O que é que é o cúmulo do diabo?

S.: Quem é você?

Sr. B.: O meu nome é Bailey.

S.: O que está a fazer aqui? Porque é que aquela rapariga não traz o pequeno-almoço?

Sr. B.: Ela ainda não ouviu o teu pedido.

S.: Bem, já era tempo; toquei aquela campainha até ficar farto.

Sr. B.: Ela não ouviu a campainha. Aconteceu-te alguma coisa.

S.: Bem, alguma coisa vai acontecer contigo ou com outra pessoa muito em breve!

Tom: Bem, gostava de saber por que é que andas para aí aos gritos assim.

S.: Sai daqui!

Tom: Não, não saio; e tu não me podes obrigar a sair. Gostava de saber onde pensas que estás, afinal.

S.: Quem és tu?

Tom: Vais descobrir muito em breve; e não vou sair. Tu és só um homem, e há milhões como tu.

S.: Tu és apenas um idiota do caraças. Moisés! Moisés! Vem cá! Mete este miserável na rua!

Tom: Vai ser preciso mais do que o Moisés — Moisés e Aarão juntos não conseguiam pôr-me na rua!

S.: Bem, bem, isto é estranho! Mas que diabo querem estas pessoas, deixar-me aqui tanto tempo?

Tom: Não achas que quando estás sozinho estás em boa companhia?

S.: Não percebo que negócio tens tu aqui.

Tom: Tenho aqui negócio, e vou ficar até estar pronto para sair.

S.: Sai desta casa!

Tom: Nem pensar. Vim aqui para te ajudar.

S.: Que maneira mais estúpida de ajudar alguém! Sai desta casa, seu ladrão!

Tom: Eu não manchava a minha língua com essa linguagem. Não é digno de um cavalheiro como tu.

S.: Que direito tens tu de estar aqui?

Tom: Acho que não estás bem da cabeça. Vamos ter de levar-te para um asilo.

S.: Que atrevimento! Que atrevimento! Seu miserável, sai daqui!

Tom: Isso mesmo, deita cá para fora o que tens na mente; talvez depois fiques mais calmo. Achas que é correto dizer aos outros coisas que não gostarias que te dissessem a ti?

S.: Oh, seu insolente! Seu insolente!

Tom: Se dissesses a verdade, talvez me afetasse; mas como sei que não estás a dizer a verdade, não me afeta nada.

S.: Quanto mais depressa saíres daqui, melhor para ti, seu cachorro irlandês!

Tom: Não estou minimamente alarmado ou incomodado com a tua brilhante conversa. Sei que é muito engenhosa, vinda de um homem com a tua capacidade e inteligência; mas, mesmo assim, não me afeta nem um pouco.

S.: Que direito tens tu de estar aqui, na minha casa?

Tom: Talvez, se soubesses ser civilizado, se tivesses algum controlo sobre a tua língua e dissesses coisas decentes, descobrisses isso.

S.: O que queres? O que te trouxe aqui, afinal?

Tom: Vim aqui para falar contigo.

S.: Não quero ter nenhuma conversa contigo, a menos que tenhas algum assunto importante.

Tom: Tenho, sim, um assunto especial contigo.

S.: Então diz já o que é — já!

Tom: Não te precipites. Há tempo de sobra. Uma das maiores coisas que tens de aprender é manter a calma e ter uma língua educada. O teu problema é que, na última parte da tua vida, passaste tanto tempo a mandar nas pessoas que isso te ficou entranhado — tornou-se uma segunda natureza.

S.: Chega da tua insolência!

Tom: Anos atrás...

S.: Sai da minha casa!

Tom: Mas eu não vou sair. Anos atrás, quando trabalhavas para o Sr. Smith, tinhas de fazer o que ele dizia.

S.: Seu patife! Moisés! Moisés! Vem cá!

Tom: James! Ouve aqui, James! James!

S.: Com quem é que estás a falar?

Tom: Contigo. Esse é o teu nome.

S.: Que direito tens de me chamar assim?

Tom: Quero saber que mal há em chamar um homem pelo nome dele.

S.: Não tolero isso!

Tom: Lembras-te do que puseste dentro do barril quando trabalhavas para o Sr. Smith?

S.: O que é que sabes disso? O que é que isso te interessa?

Tom: Achas que isso ficaria bem no jornal? Não dava uma bela manchete? "O que James escondeu no barril quando trabalhava para o Sr. Smith." Em letras grandes. Quanto me dás para pôr isso no jornal? Era uma bela publicidade, não achas? O que pensaria o diácono Jones disso?

S.: Quem diabo te contou isso tudo?

Tom: Talvez tenha sido o próprio diabo — quem sabe?

S.: Acho que tu és o diabo em pessoa. Sai daqui!

Tom: Bem, se eu sou o diabo, nunca estive em tão má companhia na vida. Acho que tu até podias ensinar ao diabo uns truques que ele ainda não sabe — porque ele nunca teria pensado em esconder aquilo num barril.

S.: Parece que estou à mercê desta criatura vil.

Tom: Chamaste-me criatura vil? Tenho pena de ti. Perdoo-te antes mesmo de me pedires perdão.

S.: E por que raio é que havia de te pedir perdão? Não quero mais conversa contigo — nenhuma.

Tom: Diz-me lá, o que achas de feijões?

S.: Menina, não podias chamar o meu criado?

Sra. E.: Não, não posso, porque não sei onde está o teu criado; mas este irlandês com quem tens falado pode dizer-te, se ao menos o ouvires. Ele é um bom homem e quer ajudar-te.

S.: Ele tem uma maneira muito estranha de mostrar a sua bondade, na minha opinião.

Sra. E.: Isso é porque não o compreendes. Se o ouvires com atenção, verás que ele tem razão.

(*Margazona fala em língua indígena*)

S.: O que se passa com ele? Está maluco. Deus Todo-Poderoso! O que é que se passa com ele?

Sra. B.: É um índio a falar contigo.

S.: Meu Deus! Pensei que ele era irlandês.

Sra. B.: Era há uns minutos atrás.

Sr. B.: Ele muda. Pode ser tanto irlandês como índio. Vais ver que ele é um bom amigo para ti.

S.: Não percebo nada disto. Não sei o que se passa aqui. Não vejo ninguém do meu convívio.

Tom: Olha, vou dizer-te uma coisa.

S.: Meu Deus! Ele mudou outra vez.

Tom: Ouve aqui.

S.: O que é que se passa contigo?

Tom: Não querias tu, durante a tua vida, saber o que tinha acontecido à Sarah?

S.: És o diabo?

Tom: Não, não existe tal figura como o diabo.

S.: Que língua era essa que estavas a falar?

Tom: Eu não estava a falar. Era o Margazona.

S.: Mas o som saiu do mesmo sítio. Meu Deus!

Tom: Claro. Não achas que isso é possível? Alguma vez ouviste falar da lei do controlo espiritual?

S.: Já ouvi essas baboseiras.

Tom: Já ouviste falar de espíritos a voltarem e a controlarem os mortais para falarem por eles? Foi isso que eu fiz. Sou um espírito a falar através do corpo deste jovem, e aquele que ouviste há pouco era outro espírito.

S.: És um espírito muito estranho.

Tom: Claro que sou, e tu também és. E eu vi a Sarah.

S.: Onde a viste?

Tom: No mundo espiritual.

S.: Falas por enigmas, homem. Que raio queres que eu acredite? O que é que estás a tentar dizer?

Tom: Quero dizer exatamente o que disse. Sabes que a Sarah desapareceu da tua vida de forma muito misteriosa, e nunca mais tiveste notícias dela. Agora, repara, eu não te conheço, nunca me viste antes; mas foi isto que ela me contou. És um completo estranho para mim. Ela diz que costumavas amá-la, e que ela desapareceu muito de repente da tua vida, e que tu sofreste muito com isso.

S.: Muito bem, onde é que ela está?

Tom: Ora, ela morreu — como vocês dizem.

S.: Onde morreu ela?

Tom: Lembras-te do George, não lembras?

S.: Com certeza que me lembro.

Tom: Pois foi ele que a levou.

S.: Oh, maldito seja ele.

Tom: Lembras-te que ele disse que nunca te deixaria ficar com ela? Ele levou-a e manteve-a em cativeiro; e depois voltou, para que não suspeitasses de nada. Passado algum tempo, abandonou-a. Agora diz-me: não estou a dizer-te a verdade?

S.: Tanto quanto sei, é verdade.

Tom: E depois de ele a ter deixado, ela morreu com grande sofrimento e agonia; mas agora está livre do sofrimento, é um espírito muito brilhante e bonito, e quer ajudar-te.

S.: Como é que ela me pode ajudar se é um espírito?

Tom: Porque não haveria de poder ajudar-te na mesma? Achas que, quando as pessoas morrem, perdem o afeto ou o interesse pelos seus entes queridos?

S.: Como é que eu havia de saber?

Tom: Vou dizer-te uma coisa, James. Lembras-te daquela sensação estranha que sentiste na cabeça quando te deitaste e depois, de manhã, tocaste a campainha e ficaste tão agitado?

S.: Esta manhã — claro que me lembro.

Tom: Adormeceste de novo depois de tocares a campainha, e tiveste um derrame — uma apoplexia — e morreste nesse estado inconsciente; e, quando as pessoas morrem nesse estado, não percebem que fizeram a transição, tal como tu.

S.: Eu?

Tom: Sim; e é por isso que, quando chamas pelo Moisés, ele não vem, e quando tocas para o pequeno-almoço, ele não chega — porque eles não te conseguem ouvir.

S.: Ora, ora! Como pode isso ser?

Tom: Apenas saíste do teu corpo. Sentes-te exatamente na mesma, e as pessoas que saem assim não percebem que já saíram. Agora, para te provar que o que estou a dizer é verdade, posso rever a tua vida toda e ver tudo o que aconteceu. Posso voltar à tua infância, se for preciso, e dizer-te pensamentos que nunca contaste a ninguém; mas penso que há certas coisas que não gostarias que as pessoas aqui presentes soubessem. Ainda assim, direi se for necessário, para te provar que é tudo verdade.

S.: Bem, o que mais quero saber é se morri de apoplexia, como disseste.

Tom: Sim, deixaste o teu corpo.

S.: Pode um homem morrer e não sentir nenhuma mudança?

Tom: Claro que pode, porque é apenas mudar de uma casa para outra. Quando deixas uma casa aqui na Terra para ir viver noutra, não sentes nenhuma mudança em ti — continuas a sentir-te igual.

S.: Mas nós sabemos que mudámos — sabemos que passámos de um lugar para outro.

Tom: Muito bem; mas quando te deitas e adormeces à noite, ninguém sabe bem o que acontece — é como estar morto para tudo. E tu morreste durante o sono, nesse estado inconsciente, sem saber que ias fazer a transição.

S.: Bem, vou ficar para sempre neste quarto? Não há luz além disto?

Tom: Há sim — há a luz da eternidade, onde a alma pode desabrochar plenamente. Foi a Sarah que ajudou para que fosses trazido aqui esta noite, para que pudesses aprender a encontrar essa luz.

S.: Não posso vê-la, se tudo isto for verdade?

Tom: Não sei.

S.: Depois de me dizeres tudo isto — que ela vive, que eu estou vivo e morto e vivo — e agora dizes que não sabes se posso vê-la? Se disseste a verdade, devias saber se posso ou não vê-la.

Tom: Não posso dizer-te se vais ser autorizado a vê-la neste momento, porque somos regidos por leis.

S.: Estou farto de leis — farto de leis — leis!

Tom: Vais ter de submeter-te às leis do teu ser. Se viveste uma vida boa, pura e honrada, tudo será claro e brilhante; mas se levaste uma vida egoísta e dupla, terás de ultrapassá-la. Terás de trabalhar muito para corrigir os erros que cometeste. Terás de enfrentar cada ato da tua vida. Eles podem erguer-se como obstáculos no teu caminho e impedir-te de alcançar

quem desejas ver; mas com paciência, trabalho e arrependimento sincero, conseguirás ultrapassar essas coisas. Mas tens de deixar para trás o teu orgulho e vaidade.

S.: Não quero permanecer mais tempo neste quarto.

Tom: O que vais fazer quando saíres? Se falares com alguém, não te conseguem ouvir.

S.: Oh, estou a sufocar — sinto que não consigo continuar — estou a ir — a ir — às vezes nem consigo falar — sinto-me tão preso — esmagado!

Margazona: Foste trazido aqui por amigos espirituais bondosos que querem mostrar-te como podes melhorar a tua condição. O teu espírito está revestido de matéria terrena para que possas falar; quando essa matéria se for, já não conseguirás falar. Isso explica a sensação que estás a ter.

S.: Se ao menos eu pudesse sair deste estado sufocante!

Margazona: E para onde irias?

S.: Não sei — não sei. Porque não me dizem?

Tom: Queres que fale contigo agora?

S.: Sim, fala — fala para sempre.

Tom: Estarias disposto a conversar um pouco com este pobre irlandês?

S.: Qualquer coisa, desde que me tire desta sensação de sufoco — isto está a sufocar-me, está a sufocar-me.

Tom: Meu caro senhor, lamento por ti, mas não tens ninguém a quem culpar senão a ti próprio. Envolveste-te numa capa de egoísmo tão espessa que estás como uma múmia, enrolada em múltiplas camadas. Essa capa de egoísmo precisa agora de ser desfeita, pouco a pouco, através de atos de altruísmo. Para quem viveu uma vida inteira de egoísmo, é das coisas mais difíceis realizar um ato verdadeiramente desinteressado.

S.: Em nome de Deus, não há saída para isto?

Tom: Há, sim. Mas tiveste, durante a tua vida terrena, compaixão por alguém que se atravessasse no teu caminho? Sentiste alguma piedade, alguma empatia? Se sim, então isso te será devolvido aqui. Se não, como podes esperar colher o que nunca semeaste?

S.: Não podes dizer-me outra coisa senão atirar-me à cara o que já passou?

Tom: É sempre melhor que se diga a verdade. Foi-te dada a oportunidade de corrigir os erros, mas tens de começar do início, subir a escada passo a passo.

S.: O que posso eu fazer, fechado neste quarto?

Tom: Ser-te-á mostrado o caminho.

S.: Se ao menos eu pudesse sair daqui!

Tom: Vou levar-te a uma escola onde serás ensinado. Queres vir comigo?

S.: Irei, só para me livrar disto.

Tom: Vais para te libertares do que te incomoda?

S.: Claro — claro!

Tom: Ou vais com o propósito de fazer o bem e de seguir o que é certo?

S.: Claro que sim.

Tom: Irás trabalhar por amor, por altruísmo? Irás descer às profundezas da dor e do desespero para levantar uma alma caída?

S.: Bem, se for necessário e tiver mesmo de ser, irei. Mas como começo uma coisa dessas?

Tom: Levar-te-ei a essa escola de crescimento espiritual, onde serás ensinado a reparar os erros e a progredir, passo a passo, até alcançares a Sarah. Ela está muito acima de ti na escala da evolução da alma. Tens de trabalhar para chegar até onde ela está, pois ela não pode descer e viver na tua esfera — é um espírito demasiado puro e luminoso.

S.: Como poderei então alcançá-la?

Tom: Serás ensinado nessa escola. Agora deixarei que o jovem te conduza. Irás?

S.: Jovem senhora, acha que ficará tudo bem?

Sra. E.: Sim, senhor, certamente que sim.

S.: Então irei.

Tom: E estás disposto a comprometer-te?

S.: Nunca fiz promessas, mas tentarei fazer o melhor que puder. Nunca fiz uma promessa na vida que tenha servido para algo ou que tenha cumprido.

Tom: Então é altura de começares. Haverá muitas coisas a puxar-te para trás, e quero que sigas em frente.

S.: Irei contigo, e farei o melhor que puder. Parece-me tudo escuro. Não sei para onde me vais levar, mas irei e darei o meu melhor.

Tom: Farei tudo o que puder para ajudar-te, porque lamento a tua situação, e nada me dará mais prazer do que guiar-te até à luz e melhorar a tua condição.

Sarah: James — James —

Tom: Ouviste a Sarah falar contigo?

S.: Sarah — querida Sarah, és tu?

Sarah: Sim, James, sou eu.

S.: Oh, os anos! Os anos! Os anos de tristeza, Sarah! Porque não me ouviste? Vamos — vamos.

Tom: Vês? Não te disse? Ouviste a Sarah falar contigo?

S.: Ouvi-a — ouvi-a.

Tom: Pois agora farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ajudar e para a ajudar, porque sei que isso a fará muito feliz. Agora despede-te destes bons amigos, porque eles também te ajudaram.

S.: Boa noite, jovem senhora.

Sra. E.: Boa noite. Fico feliz por estares a iniciar a tua jornada — sei que no fim será algo belo.

Quinta-feira à noite, 29 de maio de 1890

Eva: Esta noite temos uma pessoa que foi levada repentinamente, e será um pouco agressiva.

S.: Vou entrar nesta casa — acho que consigo — tenho de comer qualquer coisa — não vale a pena, estou quase a morrer de fome — vou entrar, de qualquer maneira — tenho mesmo de comer — Deixa ver, não como há três dias — Estou cansado — estou cansado — Andar por aí é duro. Oh, ali está uma mulher! Ó senhora?

Sra. B.: Que se passa?

S.: Queria só um bocado de comida.

Sra. B.: Lamento, amigo, não tenho nada contigo agora. Se tivesse, dar-te-ia.

S.: Oh, isso é conversa.

Sra. B.: Trarei algo da próxima vez.

S.: Eu quero é agora. Tenho de comer alguma coisa.

Sra. B.: Se soubesse que vinhas, teria preparado algo.

S.: Podes muito bem dar-me qualquer coisa, ou trato de me servir sozinho.

Sra. B.: Podes servir-te de tudo o que encontrares.

S.: Oh, que amável da sua parte, não é? Mas não te preocupes, estou bem agora.

Sra. B.: Oh, não estou preocupada.

S.: Olha, senhora, posso dar um salto à outra sala? E quando aquele homem vier, diz-lhe que não estou aqui, está bem?

Sra. B.: Sim, podes.

S.: Larga-me! Tira as mãos de cima de mim! Tira as mãos de cima de mim!

Sra. B.: Vamos tomar conta de ti, não deixaremos que te façam mal. Ninguém te vai fazer mal.

S.: Eu mato-te, por Deus! Deixa-me em paz! Deixa-me em paz! Eu não fiz nada — eu não fiz nada. Sou inocente. Essa é a vossa suposta amizade. Porque me mentiste?

Sra. B.: Eu não te menti.

S.: Mentiste, sim! Foste tu que lhe disseste onde eu estava!

Sra. B.: Não, ninguém vai fazer-te mal, prometo. Vamos proteger-te. Podes acreditar no que eu digo.

S.: Se eu tivesse a minha pistola! Mas o que é isto? O que se passa?

Tom: Boa noite! Fico feliz por te ver.

S.: O que é que queres de mim?

Tom: Nada além de bem. Só quero ter uma conversa agradável contigo. Não quero nada de ti a não ser o bem. Não faria mal nem a um fio do teu cabelo.

S.: Vais tirar-me daqui?

Tom: Claro que sim.

S.: Muito bem, vamos então. Vamos embora.

Tom: Ninguém te vai fazer mal agora enquanto eu estiver por perto, por isso não tens razão para estar assustado. Eu tomo conta de ti.

S.: Não me enganes.

Tom: Oh, não te vou enganar.

S.: Já fui enganado e traído tantas vezes...

Tom: Estou a dizer-te que ninguém te vai magoar. Tenho muita coisa para te contar, sabes?

S.: O que é que fizeram com aquilo?

Tom: Bem, é melhor não falarmos sobre isso já.

S.: Porquê?

Tom: Porque agora estás em segurança. Estás num lugar onde nenhum homem, mulher ou criança te pode magoar.

S.: Olha, não tentes atrair-me para nada. Eu não fiz nada, sabes?

Tom: Eu sei tudo sobre isso. Estou a dizer-te, homem, que agora estás fora de perigo. Nenhum mortal pode fazer-te mal. Vou provar-to em breve, mas tens de te manter calmo e não te enervares. Garanto-te que vou cuidar de ti e tirar-te desta situação.

S.: Não posso sair já?

Tom: Ainda não.

S.: Mas fizeram alguma coisa a respeito disso?

Tom: Claro que sim; achas que uma coisa dessas podia acontecer sem que se tentasse encontrar o culpado?

S.: Acho que o melhor seria eu fugir do país. Oh! Mas o que é que estou a dizer?

Tom: Estás entre amigos aqui, e podes libertar a mente, porque vamos cuidar de ti.

S.: Devia fugir do país, sabes... oh, Deus! O que é que estou para aqui a dizer?

Tom: Agora já não há necessidade de fugires do país.

S.: Porquê?

Tom: Porque isso já não é necessário. Agora estás fora de perigo.

S.: Mas não posso ficar aqui para sempre, sabes?

Tom: Claro que não vais ficar aqui para sempre.

S.: O que queres dizer com "fora de perigo"? Que garantias me dás de que estou realmente seguro?

Tom: Posso dar-te esta garantia. Diz-me, John, achas que se pode prender um homem morto?

S.: Não muito facilmente.

Tom: Pois é exatamente tão fácil prender-te agora como prender um homem morto.

S.: O que é que queres dizer com isso?

Tom: Quero dizer que é tão fácil apanharem-te como apanhar um morto.

S.: Não entendo isso. Acho que estás a gozar comigo.

Tom: Não me admiro que não entendas; mas, escuta, John, meu caro amigo, aconteceu-te algo de que ainda não te apercebeste.

S.: Eu tenho noção de muita coisa que me aconteceu.

Tom: Sim, mas não tens noção de tudo o que aconteceu.

S.: Por Deus, queria era estar morto!

Tom: E o que dirias se estivesses?

S.: Não diria nada. Que poderia eu dizer se estivesse morto? Raios partam! Achas que eu ia dizer alguma coisa se estivesse morto? Estou farto disto!

Tom: Tenho pena de ti, e vou fazer o que puder para te ajudar a sair deste estado desagradável.

S.: O que é que propões fazer?

Tom: A primeira coisa é que compreendas a tua condição.

S.: Já estou consciente da minha condição.

Tom: Não, meu caro senhor, ainda não totalmente. Agora deixa-me explicar-te, John...

S.: Que gestos são esses que estás a fazer?

Tom: Que tipo de gestos pensas que fiz?

S.: Vi-te virar a cabeça, a olhar à volta.

Tom: Estava apenas a receber instruções.

S.: Ah, já percebi a tua. Estou-te a apanhar, pouco a pouco.

Tom: Nunca tiveste um amigo melhor, nem na Terra nem no Céu, do que eu posso ser para ti.

S.: Espero bem que sim, mas começo a ficar desconfiado de ti.

Tom: Tenho algo muito estranho para te dizer agora, e sei que à partida não vais conseguir aceitar, até que te prove — e posso prová-lo. Posso confirmar tudo o que digo. Sabes, John — é esse o teu nome...

S.: Pois claro, é o meu nome.

Tom: Sabes que vi uma menina, e ela disse-me que se chama Bertha?

S.: Bertha quem?

Tom: Bertha Blake.

S.: Quando é que a viste?

Tom: Reconheces o nome?

S.: Bem, sim... Mas como é que tu a viste? A Bertha Blake é a minha filha.

Tom: Eu sei que é, porque ela disse-me que tu eras o pai dela.

S.: Mas ela morreu...

Tom: Pode ter morrido para os teus sentidos físicos, por assim dizer; mas o espírito dela vive, e não está tão longe que o amor que sente por ti não a traga de volta para junto dos que deixou.

S.: Ela era o meu anjinho... Mas o que é que isso tem a ver com a minha situação? Podes dizer-me como posso escapar?

Tom: Agora já não tens de fugir de nada do lado mortal da vida.

S.: Como é que isso ficou resolvido, se já não tenho com o que me preocupar?

Tom: Ficou resolvido quando pagaste com a tua própria vida.

S.: O que queres dizer com isso? Falas de forma tão estranha... Espero mesmo que sejas um amigo, mas não percebo nada do que dizes.

Tom: É verdade, meu amigo. É um enigma, eu sei. Mas deixa-me dizer-te, John: muitos, quando perdem a vida repentinamente, e partem com raiva ou medo, não compreendem de imediato que fizeram a transição chamada morte. Muitos passam assim, e tu és um deles. Abandonaste a tua forma mortal.

S.: Queres dizer que... morri?

Tom: Sim, morreste.

S.: Como? Quando? De que forma?

Tom: A única coisa que é a morte é deixares o corpo antigo, saíres da habitação de barro.

S.: Mas tem de haver alguma mudança.

Tom: Não há nenhuma mudança imediata, a não ser à medida que vais percebendo as coisas com os teus sentidos espirituais, à medida que reconheces o que te rodeia — coisa que ainda não fizeste. Foste trazido aqui precisamente para isso: para tomares consciência do que aconteceu contigo.

S.: Não me sinto diferente.

Tom: Claro que não. Quando se deixa o corpo da forma como tu deixaste — morreste de forma súbita. Foste alvejado pelos homens que te perseguiam.

S.: Foi isso?

Tom: Foi sim.

S.: Aquela dor aguda... foi um tiro?

Tom: Exatamente.

S.: Eu senti... E estou igual?

Tom: Igual. Porque é que haverias de estar diferente?

S.: Porque, se estou morto, devia estar diferente. Tenho a certeza de que devia sentir alguma mudança.

Tom: Foi só um passo. Se fosses diferente, não serias o Sr. Blake — serias outra pessoa.

S.: Vejo tudo da mesma maneira. Porque é que me falaste da minha filha?

Tom: Porque ela está ansiosa para que compreendas a tua nova condição, e quer que comeces a trabalhar na nova vida que agora começaste, para que, depois de fazeres reparações pelos erros do passado, possas alcançar o lugar onde ela está.

S.: De que forma posso fazer essas reparações?

Tom: Serás ensinado e guiado por espíritos amigos e bondosos.

S.: Terei de ficar aqui para sempre?

Tom: Não.

S.: Para onde irei?

Tom: Serás conduzido e instruído por esses espíritos amigos, cuja missão é ajudar almas perdidas como a tua a sair das trevas para a luz.

S.: Oh, mas sinto-me tão...

Tom: É apenas uma parte da tua antiga sensação, da velha condição a sobrepor-se a ti. Mas isso passará. Continuas a ter os teus pensamentos, os teus sentimentos — são teus. Levas contigo as tuas experiências, os teus atos, os teus pensamentos.

S.: Acho que nunca te vi antes.

Tom: Não, meu caro senhor.

S.: Então como sabes tanto sobre o que me aconteceu?

Tom: Porque os espíritos que estão contigo — que te são próximos e conhecem toda a tua vida — é que me informam.

S.: Estou com fome.

Tom: Isso ainda faz parte da tua antiga condição terrena. Com o tempo, tudo isso desaparecerá, e deixarás de sentir fome. Como esta senhora te disse, se soubéssemos que vinhas, ela teria trazido o que precisasses. Porque é essa a missão destes amigos aqui — prestar auxílio a almas terrenas, confusas, doentes de espírito, como tu. Eles trabalham deste lado da vida, e muitos outros espíritos bondosos trabalham do outro lado — do teu lado. Ambos estão unidos no mesmo esforço: elevar e ajudar as almas perdidas a reencontrar o caminho.

S.: Qual é a penalidade por este ato da minha vida?

Tom: Pagaste a penalidade no plano terreno, por assim dizer, ao entregares a tua vida; no lado espiritual da vida, terás de trabalhar para desfazer todos os erros cometidos enquanto estavas no corpo. Levar-te-ei a uma escola onde serás ensinado e instruído sobre o que fazer.

S.: Não quero ser enganado; não quero desculpas. Se estás a pensar levar-me daqui, não quero ser enganado.

Tom: Meu caro senhor, não tenho qualquer intenção de te enganar em nada, e agora já não podes ser magoado. Ninguém do lado mortal da vida pode fazer-te mal, e no lado espiritual também não te acontecerá nenhum mal. Todo o desconforto que possas sentir será o reflexo dos teus próprios atos enquanto estavas no corpo. Enviaste-os adiante. As pessoas, todos os dias, estão a enviar atos e ações que, inevitavelmente, as esperam quando fazem a transição. Isso é tudo o que encontrarão. Falo como alguém que fala por experiência própria, pois já passei pelas condições físicas da imortalidade e regresso, como espírito, para ajudar um irmão a erguer-se.

S.: E tu também já morreste?

Tom: Fiz a mudança chamada morte e voltei à Terra usando o organismo deste jovem aqui, para poder comunicar com os que ainda estão no plano terreno — pois é aí que estás neste momento. Simplesmente saíste do teu corpo, mas não te afastaste da Terra.

S.: Que música é essa?

Tom: É uma caixa de música que estas pessoas mantêm aqui a tocar.

S.: É muito bonita, realmente.

Tom: Gostarias de ver-me, Sr. Blake?

S.: Mas eu estou a ver-te.

Tom: Oh, não, não estás a ver-me; estás apenas a ver o jovem.

S.: O jovem?

Tom: Sim, o jovem cujo organismo estou a utilizar para falar contigo. Agora olha bem para a cabeça do jovem, e eu mostrar-me-ei. Observa, e verás.

S.: Oh, isso é mesmo muito estranho! É maravilhoso! Como é que consegues fazer isso? É uma coisa extraordinária!

Sra. F.: Viste alguma pessoa?

S.: Sim, senhora. A senhora não viu?

Sra. F.: Não.

S.: Bem, suponho que já o tenha visto antes, não?

Sra. F.: Não, nunca vi esse espírito; não conseguimos ver como tu consegues, porque ainda estamos no corpo físico. Está tudo escuro para nós. Podemos ouvir-te falar, mas não conseguimos ver-te.

S.: Jovem, isso dói-te?

Sr. F.: O quê, exatamente?

S.: Quando aquele homem saiu de ti.

Sr. F.: Oh, não, de todo.

S.: Como te sentiste?

Sr. F.: Bem, não sei se consigo descrever, mas senti algo como pequenos choques elétricos — algo desse género.

S.: É a coisa mais incrível que já vi na minha vida.

Sr. F.: Somos pessoas que têm amigos no mundo espiritual, e sentamo-nos aqui com o propósito de comunicar com os nossos amigos do além. A minha irmã, que faleceu, vem falar

connosco da mesma forma que tu estás a falar agora, e a filha desta senhora também. Somos aquilo a que se chama espiritualistas; não sei se já ouviste falar disso.

S.: Já ouvi e vi muitas coisas sobre isso, mas nunca vi um espírito entrar e sair de uma pessoa daquela forma.

Sr. F.: Nós ainda não deixámos o corpo; ainda não fizemos a transição chamada morte, como tu fizeste; por isso, não conseguimos ver essas coisas como tu consegues. Não te conseguimos ver — apenas ouvir-te.

S.: Bem, estou surpreendido por ter feito essa mudança — morrido, ou lá o que for. Mas também estou aliviado, porque agora nada poderá ser tão desagradável como aquilo por que passei; e começo a sentir que, de facto, algo mudou.

Sr. F.: Sim, foste trazido até aqui para compreenderes o que te aconteceu. Esta senhora tem uma filha que é um espírito muito brilhante e que já está no mundo espiritual há muitos anos; e o trabalho dela é recolher almas presas à Terra e trazê-las à casa do pai — e aqui falamos com elas e ajudamo-las a compreender a sua nova condição.

Tom: Então, viste-me agora?

S.: Vi, sim. É mesmo muito estranho.

Tom: Não te disse que podia provar-te tudo o que te dizia?

S.: Bem, até agora cumpriste o que disseste.

Tom: Os teus amigos amam-te, Sr. Blake.

S.: Espero bem que sim.

Tom: Cometeste muitos erros na tua vida terrena.

S.: Suponho que essa seja uma maneira suave de o dizer, mas sei que fiz muitas coisas más e erradas.

Tom: Tenho pena de ti.

S.: Não creio que isso me ajude em nada.

Tom: Oh, sim, ajuda. A bondade, o amor e a compaixão fazem muito bem — em todo o lado. Existe muito disso deste lado, mas no lado terreno ainda é pouco.

S.: Sim, fiz muitas coisas más; mas não acredito que uma pessoa consiga agir de forma diferente. Não serve de nada. Não acredito que seja possível alguém fazer algo diferente do que acaba por fazer. Deus pôs-nos neste mundo e colocou-nos em situações em que somos forçados a agir; e depois exige arrependimento por algo que não conseguimos evitar. É aí que está o problema. Já tentei por mim, e também pelos que me são queridos; mas se sabes daquilo que falámos no início, sabes que não pude evitar — fui forçado. Tive de o fazer. E agora, que posso eu fazer?

Tom: Sim, compreendo; e agora a tua experiência passada deve servir de guia para o futuro. Se fores para o campo e plantares um jardim com sementes, e com essas sementes nascerem muitas ervas daninhas, és obrigado a arrancá-las se quiseres que as sementes cresçam fortes e saudáveis. Assim também aconteceram muitas "ervas daninhas" na tua vida, e agora tens de trabalhar para as arrancar.

S.: Bem, mais vale arrancar ervas daninhas do que não fazer nada. Se souber como, fá-lo-ei.

Tom: Isso é apenas uma metáfora.

S.: Eu sei, e aceito-a.

Tom: Sim, Bertha, ajudarei o teu pai o melhor que puder.

S.: O que disseste?

Tom: Disse à Bertha que faria tudo para te ajudar; ela está muito ansiosa.

S.: Disseste-lhe?! Porque não a posso ver?

Tom: Porque estás num estado diferente, e um espírito não pode ver outro a não ser que estejam no mesmo estado — isto é, os espíritos em estados inferiores não conseguem ver os que estão em estados superiores, a não ser que consigam elevar-se o suficiente para que esses possam apresentar-se a eles. Talvez, se a chamares, ela consiga falar contigo; mas claro, não sei se conseguirá ou não.

S.: Bertha! Bertha! Se estás aqui, Bertha, fala com o papá.

Bertha: Papá — papá —

S.: Daria todos os anos da minha vida — faria qualquer coisa — tudo, não importa o quê, só para abraçar-te uma vez mais, minha querida. Bertha! Bertha! Ela deixou-me?

Tom: Ela não te deixou, mas não consegue falar mais contigo agora. Ouviste a sua voz, e disseste que darias todos os anos da tua vida para poder abraçá-la de novo. Pois bem, vais poder abraçá-la, mas terás de lutar por isso — vale o esforço. Há um longo caminho entre ti e ela, que terás de percorrer; muitos obstáculos surgirão, que terás de ultrapassar; mas sabes o que está no fim desse caminho. E cada passo que deres levar-te-á mais perto dela.

S.: Deus me ajude.

Tom: Deus vai ajudar-te. Deus é amor, e Ele ajudar-te-á, e todos nós te ajudaremos. Agora vou deixar o jovem e levar-te à escola.

S.: Pois bem, irei contigo. Estou pronto e disposto a fazer tudo o que puder.

Tom: Agora despede-te destes bons e generosos amigos que aqui ficaram sentados e te deram da sua força e da sua energia, para que pudesses falar e compreender a tua situação. E partiremos.

S.: Adeus, amigos, e obrigado.

Amigos: Adeus; volta sempre.

Obrigada, querida mamã, e a todos os queridos amigos presentes, pela vossa amável ajuda no nosso trabalho. Muitas pessoas foram beneficiadas pelo que foi dito esta noite. — Eva.

Terça-feira à noite, 10 de Junho de 1890.

Tenho hoje um caso muito triste de uma mãe que matou os filhos e depois se suicidou. Devem tratá-la com muita ternura. — Eva.

S.: O que foi que eu fiz? — Oh, meu Deus! O que foi que eu fiz? — Oh, olha para os meus queridos! Oh, Deus! Porque é que eu fiz isto? — Oh, bebé! bebé! bebé! Mas o que havia eu de fazer? Oh, se ao menos tivesse pedido ajuda; mas oh! o orgulho no meu coração. Foi tão difícil! Foi tão difícil! Oh, bebé! bebé! Se ao menos pudesse descansar — descansar —

Sr. B.: Poderás descansar dentro de pouco tempo.

S.: Oh, senhor! Mas o que será de mim? — Diga-me, senhor, o que posso fazer?

Sr. B.: Cometeste um erro muito triste.

S.: Fiz uma coisa horrível.

Sr. B.: Mas pode ser corrigido.

S.: Não consegui evitar — não consegui evitar. Foi horrível! horrível!

Sr. B.: Estavas quase fora de ti com tanto sofrimento.

S.: Estava praticamente louca. Não conseguia vê-los morrer à fome — não conseguia! E não consegui pedir ajuda. Oh, senhor, tenha pena de mim — tenha pena de mim.

Sr. B.: Tenho pena de ti.

S.: Oh, nunca encontrarei descanso.

Sr. B.: Vais encontrar descanso, e voltarás a ver os teus pequeninos. Eles estão felizes e serás reunida a eles.

S.: Oh, senhor, eu não queria fazer isso. Fiz por amor — porque os amava tanto! — tanto!

Sr. B.: Eles amam-te também, e voltarás a tê-los contigo.

S.: Oh, senhor, reze por mim — reze por mim.

Sr. B.: Sim, vamos ajudar-te.

S.: Oh, todos vocês acham que sou má.

Sr. B.: Não, sentimos pena de ti. Sabemos que cometeste um erro, mas não o fizeste com maldade.

S.: Oh, senhor, eu não queria fazer isto.

Sra. B.: Aconteceu-te alguma coisa?

S.: Tentei tirar-me a vida. Achei que seria melhor para todos nós. Oh, a pobreza, a necessidade, o sofrimento! E eu não conseguia pedir pão.

Sr. B.: Tiraste mesmo a tua vida.

S.: Tentei, senhor.

Sr. B.: Eu sei, mas conseguiste.

S.: Consegui?

Sr. B.: Sim.

S.: Mas eu ainda sou eu mesma.

Sr. B.: Eu sei, mas agora estás na vida espiritual.

S.: Oh, não — não — não podia estar a sofrer assim.

Sr. B.: Sim, porque entraste na vida espiritual com os mesmos sentimentos que tinhas quando deixaste esta vida. Deixar o corpo não muda os sentimentos de uma pessoa.

S.: Onde está o meu bebé?

Sr. B.: Os teus bebés estão a ser cuidados e estão felizes, e tu vais vê-los daqui a algum tempo.

S.: Oh, mostre-mos.

Sr. B.: Eles não podem aproximar-se de ti agora, enquanto estiveres nesse estado de espírito.

S.: Oh, agradeço-vos — agradeço-vos — agradeço-vos muito. Têm pena de mim, não têm? Oh, rezem por mim — rezem por mim.

Sra. B.: Sim, vamos rezar por ti, e vamos ajudar-te — para que possas reencontrar os teus filhinhos.

S.: Foi algo terrível! Mas fiz por causa do amor profundo que sentia pelos meus pequeninos, e pensei que tinha de acabar com o sofrimento deles.

Sr. B.: Tens amigos espirituais que têm pena de ti, e foram eles que te trouxeram aqui esta noite.

S.: Quem me trouxe?

Tom: Boa noite, senhora Lacy.

S.: Boa noite, senhor.

Tom: Estou mesmo muito feliz por estares aqui, porque estes bons e amáveis amigos vão fazer muito para te ajudar. Sinto muito por ti, e posso dizer-te algo muito bonito. Lembras-te do George?

S.: Oh, claro que me lembro. Se ao menos ele tivesse vivido...

Tom: Sim, eu sei; mas ele sente muita pena de ti e, sabes, os pequeninos estão com ele.

S.: Oh, isso é maravilhoso! Oh, graças a Deus por isso!

Tom: E tu também estarás com eles, com o tempo. Irão reunir-se e serão felizes.

S.: Como é que sabes?

Tom: Porque sei.

S.: Deus perdoar-me-á?

Tom: Sim, porque Deus é um Deus de amor.

S.: Mas como poderia eu evitá-lo? O que poderia ter feito?

Tom: Eu sei que foi um erro muito triste; mas, dadas as circunstâncias, o teu temperamento e a tua natureza, não sei se poderias ter agido de outra maneira.

S.: Estou muito arrependida, mas que posso eu fazer?

Tom: Agora, mantém-te calma, e os amigos vão ajudar-te; mas deixa-me dizer-te, senhora Lacy, que entraste na vida espiritual.

S.: Bem, o senhor disse-me isso; mas tudo parece tão turvo.

Tom: Isso deve-se à tua condição; porque saíste deste mundo daquela forma, e a tua mente estava tão perturbada antes de partires, que levaste esse estado contigo. Foste trazida até aqui para seres conduzida a um lugar onde possas libertar-te disso. Amigos espirituais bondosos e amorosos trouxeram-te até este lugar, onde poderás receber amor, compaixão e a ajuda de que precisas para começares a sair destas condições desagradáveis que te rodeiam.

S.: Bem, é mesmo disso que preciso, senhor, de compaixão — compaixão...

Tom: Entraste agora numa vida onde todos se amam, onde todos trabalham para ajudar os outros, quando alcanças a verdadeira atmosfera espiritual. Claro que ainda há muitas mentes obscurecidas, como a tua, no plano terrestre; mas, com o tempo, poderás libertar-te disso e ascender a essa atmosfera espiritual, onde serás cuidada com ternura, e terás todo o amor e compaixão que a tua alma tanto deseja, e onde serás muito feliz.

S.: Tu sabes isso?

Tom: Sim, porque eu próprio entrei nessa vida, e falo por experiência.

S.: Falas com bondade, e agradeço-te tanto.

Tom: Foste uma daquelas almas infelizes apanhadas pelas circunstâncias. Não as podias controlar; elas é que te controlaram, até ao ponto de te levar a fazer o que fizeste.

S.: Esforcei-me tanto — tentei tanto; mas parecia que tudo estava contra mim.

Tom: Teria sido melhor se tivesses deixado o orgulho de lado; mas isso fazia parte da tua natureza, herdada do teu pai — sabes bem o quão orgulhoso ele era.

S.: O meu pai era um homem muito orgulhoso. Que luz é esta? Que luz foi aquela que vi?

Tom: É a luz dos amigos espirituais que te amam.

S.: Oh, que linda! Que linda!

Tom: Fica atenta a essa luz; talvez vejas alguém que conheças. O George trouxe os pequeninos.

S.: Ela desapareceu — foi-se — já não está.

Tom: O teu nome é Lucy?

S.: Sim, senhor.

Tom: O George disse: "Diz à querida Lucy que a amo, e que tenho pena e compaixão por ela."

S.: O George está no céu?

Tom: Está num lugar muito luminoso e bonito. Não existe um "céu" como te ensinaram; mas existe um lugar muito brilhante e belo onde se pode viver e ser muito feliz.

S.: Oh, vi a luz outra vez — vi-a outra vez.

Tom: Fala com o George. Ele pode ouvir-te.

S.: Ele pode ouvir-me?

Tom: Oh, sim, fala com ele.

S.: Não me sinto capaz de lhe falar.

Tom: Vais sentir-te melhor se o fizeres. Ele ama-te, e não te culpa pelo que aconteceu.

S.: George — George — George — Parece quase um pecado chamar por ele.

Sra. B.: Oh, não; ele gosta que o chames.

Tom: Ele consegue ver-te.

S.: Não o vejo.

Tom: Não, agora não; mas com o tempo conseguirás vê-lo. No entanto, terás de sair do estado em que te encontras neste momento, e eu sei que vais esforçar-te para alcançar o lugar onde ele e os pequeninos estão, porque eles estão à tua espera; mas precisas de te preparar — vais ter de trabalhar para corrigir os erros.

S.: Nunca poderei desfazê-lo, já está feito.

Tom: Mas podes fazer uma reparação.

S.: Faria tudo o que pudesse para o corrigir.

Tom: Os amigos ajudar-te-ão.

S.: Lá está ele! Lá está ele!

George (sussurrando): Lucy, querida!

S.: Oh, George!

Não a materializaremos de novo esta noite. Ela encontra-se agora num estado em que os seus amigos podem colocá-la num sono magnético e controlar o seu pensamento. — Eva.

Domingo à noite, 21 de Setembro de 1890.

Temos uma pessoa que caiu pelas escadas e morreu; estava embriagada no momento. E há outra pessoa que achamos que podemos trazer ao mesmo tempo. — Eva.

S.: Oh! Acho que desmaiei — creio que estive inconsciente — pergunto-me onde estará a velha. Sabem onde ela está?

Sra. E.: Não, não sei. Ela ralha contigo às vezes, não é?

S.: Sim, acho que sim. Não me importava de ter partido o pescoço, se ela não soubesse.

Sr. E.: Não soubesse o quê?

S.: Que eu caí pelas escadas.

Sr. F.: Caíste?

S.: Sim.

Sr. F.: Como foi que caíste pelas escadas?

S.: Não sei. Ai, caramba! Isso dói.

Sr. F.: Que pena! Podemos fazer alguma coisa por ti?

S.: Pergunto-me onde ela está?

Sr. F.: Não sei. Tinhas bebido um pouco?

S.: Ela disse que sim.

Sr. F.: Mas tu sabes se tinhas ou não, não sabes?

S.: Bem, não consigo evitar muito bem.

Sr. F.: E se tivesses partido o pescoço?

S.: Não faria grande diferença. Ela ralhava comigo na mesma. Quando estava bêbado, ralhava por eu estar bêbado, e quando não estava, ralhava porque eu não estava.

Sr. F.: Bem, talvez lhe tenhas dado motivo. Ela já te ralhava antes mesmo de começares a beber?

S.: Bem, sabes, ela é uma boa mulher — é uma boa mulher.

Sr. B.: Disseste que não te importavas de ter partido o pescoço, não foi?

S.: Bem, se ela soubesse que eu caí daquelas escadas, digo-te já que me fazia a vida negra.

Sr. F.: Tens medo dela?

S.: Oh, deixa lá. Não falemos mais disso.

Sr. F.: E se realmente tivesses partido o pescoço? Talvez tenhas mesmo.

S.: Parti alguns ossos; sinto-me todo dorido.

Sr. F.: Vamos ajudar-te no que pudermos. [À parte] Ele não é estranho?

S.: Quem é estranho?

Sr. F.: Bem, não falas lá muito claro.

S.: Falo tão claro como qualquer um, não falo?

Sr. F.: Não; falas como alguém que bebeu demais.

S.: Bem, estou só um pouco cansado, sabes?

Sr. F.: Ah, pensei que ias dizer "tocado"!

S.: Vai dar ao mesmo.

Sr. B.: Dá mais ou menos no mesmo, não é?

S.: Sabes como é.

Sr. B.: Sim.

Sr. F.: Como te chamas?

S.: O meu nome é Drake.

Sr. F.: Onde vivias?

S.: Vivo aqui.

Sr. F.: Como se chama o lugar?

S.: O nome do lugar é — ora — como é que isto se chama?

Sr. F.: Isto chama-se Buffalo.

S.: Acho que não.

Sr. F.: Então como se chama?

S.: Bem, acho que não é — acho que não é Buffalo, de certeza! Tu sabes, não sabes?

Sr. F.: Ora, não! Se não é Buffalo, não sei o que é.

S. Nº 2: Olá! És tu, Drake?

S. Nº 1: Olá! Quando chegaste?

S. Nº 2: Já estou aqui há algum tempo, mas não consigo encontrar ninguém. Sabes onde estão os meus?

S. Nº 1: Claro que sim; sei que a tua mulher foi para Nova Iorque. Ouviu dizer que estavas morto.

S. Nº 2: Quem lhe disse que eu estava morto?

S. Nº 1: Ouviu dizer. Vendeu tudo e foi para Nova Iorque.

S. Nº 2: Diz-me, Drake, estás bêbado, não estás?

S. Nº 1: Sim, acho que sim. Caí pelas escadas e magoei-me.

S. Nº 2: Fico feliz por te ver, velho amigo.

S. Nº 1: Também fico feliz por te ver.

S. Nº 2: Lamento ver-te assim tão maltratado.

S. Nº 1: Não estou nada maltratado. Não estou, pois não?

Sr. B.: Não, só estás cansado.

S. Nº 1: Sim, estou cansado. Sabes bem, não sabes? Aposto que sabes!

S. Nº 2: Diz-me, como é que achas que a minha mulher ouviu dizer que eu tinha morrido, se eu não estou morto? Drake, não percebo nada disto.

S. Nº 1: Eu digo-te. Acho que vou ter de me deitar um bocado; mas se perguntares ali adiante, acho que te podem dizer onde podes encontrar os teus.

S. Nº 2: Como está, senhor?

Sr. F.: Como está?

S. Nº 2: Pode dizer-me alguma coisa sobre a minha família, a senhora John Williams? Ela vivia nesta casa?

Sr. F.: Como se chama o local?

S. Nº 2: O nome do local é Williamsport.

Sr. F.: Bem, irei informar-me.

S. Nº 2: O Drake sabia tudo sobre a minha família; mas agora não consigo fazer nada com ele — está bêbado.

S. Nº 1: Não digas mentiras. Mentes como o diabo, e sabes disso!

Sr. F.: Fico muito feliz por poder ajudar-te; mas penso que te aconteceu algo de que não tens consciência, e é por isso que não consegues encontrar os teus familiares na tua antiga casa.

S. Nº 2: O Drake disse que informaram a minha mulher, durante a minha ausência, de que eu estava morto, e não consigo compreender isso.

Sr. F.: Estiveste doente, ou aconteceu-te algo que pudesse levar alguém a dar essa notícia à tua esposa?

S. Nº 2: Oh, não!

Sr. F.: Estiveste em perigo? Sofreste algum acidente?

S. Nº 2: Não, nada disso.

Sr. F.: Alguma vez tiveste problemas de coração?

S. Nº 2: Não, sou um homem perfeitamente saudável, senhor.

S. Nº 1: Não andes a inventar histórias. Estás é com a cabeça avariada. É um bom tipo, mas nem sempre diz as coisas como elas são.

Sr. F.: Sr. Drake, porque pensa que ele não está bem da cabeça? (Sem resposta.)

Bom, vou dizer-te, Sr. Williams: estás em Buffalo neste momento; alguma coisa te deve ter acontecido para estares aqui.

S. Nº 2: Não consigo entender nada disto.

S. Nº 1: Decidiste logo que nunca irias entender.

Sr. B.: Sr. Williams, passaste pela mudança a que chamamos morte. Estás agora na vida espiritual. Qual foi o último dia do mês de que te lembras?

S. Nº 2: Bem, seria por volta do dia 30.

Sr. B.: De que mês?

S. Nº 2: Agosto.

Sr. B.: Hoje é dia 21 de Setembro, e estás em Buffalo.

S. Nº 2: Bem, mas o que raio me aconteceu?

S. Nº 1: Eu digo-te o que se passa contigo: estás fora de ti.

Sr. B.: Sr. Williams, fizeste a passagem chamada morte sem te dares conta — foi tudo tão repentino; e como a vida em que estás agora é tão semelhante à que deixaste, ainda não percebeste a diferença.

S. Nº 2: Estás mesmo a dizer-me a verdade? Não estás a brincar comigo?

Sr. B.: De forma alguma. Muitas pessoas, quando partem subitamente, não se apercebem que morreram durante algum tempo. E tu foste trazido aqui para que possas tomar consciência da tua condição.

Sr. F.: E, Sr. Williams, o Sr. Drake caiu das escadas e morreu, mas ainda não sabe que passou por essa mudança.

S. Nº 2: Isso é possível?

S. Nº 1: Eu caí, mas não morri.

Sr. F.: Sr. Drake, quando caíste das escadas, morreste.

S. Nº 1: Olha que não, acho que não.

Sr. F.: Oh sim; e é por isso que consegues ver o Sr. Williams. Sabes que o Sr. Williams morreu.

S. Nº 1: Sei que ele não morreu; vejo-o perfeitamente.

Sr. F.: Sim, porque ele está morto — e tu também.

S. Nº 1: Achas que me vais enganar? A velha disse que eu estava morto e que queria era ver-me enterrado.

Sr. F.: Sr. Drake, é mesmo verdade — senão, como poderias ver o Sr. Williams? Sabes que ele está morto, e se estivesses vivo, não podias vê-lo.

S. Nº 2: Vá, Drake, vamos descobrir a verdade sobre isto.

Sr. B.: Suponho que já ouviste falar de espiritualistas, Sr. Williams?

S. Nº 1: Sim, senhor.

Sr. B.: Somos espiritualistas, sentados aqui num círculo, numa sala completamente escura. Consegues ver-nos?

S. Nº 2: Sim, consigo ver-vos.

Sr. B.: Nós nem conseguimos ver a nossa própria mão à frente dos olhos. E estás a provar-nos a verdade do espiritualismo ao seres um espírito que fala connosco.

S. Nº 2: Fala como um cavalheiro — tenho de admitir...

Sr. B.: Estamos a dizer-te a verdade; e antes de saíres deste lugar, estarás convencido de que é mesmo verdade.

S. Nº 2: Mas não vejo nada que indique que morri; embora, ainda assim, haja algo de estranho.

Sr. B.: Talvez os teus amigos espirituais consigam mostrar-te. Levanta uma das tuas mãos e olha bem para ela — vê se não desaparece parte dela.

S. Nº 2: Oh, a minha mão está parcialmente desaparecida! Como é possível?

Sr. B.: É porque és um espírito; e para que possas falar connosco, eles revestem-te temporariamente com matéria, e, a meu pedido, retiraram-na por um momento.

S. Nº 2: Se passei pela morte e consigo conversar convosco, então não será possível também conversar com a minha família?

Sr. B.: Seria, se eles criassem as condições adequadas; mas como não sabem como fazê-lo, provavelmente não conseguirão.

S. Nº 2: Disseste que estou revestido temporariamente?

S. Nº 1: Sim. Ahahahah! Veste a roupa! Veste a roupa!

Sr. B.: Realizamos estes círculos com os nossos amigos espirituais do outro lado, que te trouxeram aqui para te ajudar a perceber a tua condição.

S. Nº 2: Bem, isso é muito simpático da vossa parte. Digo-vos, isto é muito sério.

Sr. F.: O Sr. Drake ainda não sabe que passou por essa mudança; não tem noção disso.

S. Nº 2: Ouve lá, Drake!

S. Nº 1: Que queres?

S. Nº 2: Anda, levanta-te, Drake, vamos raciocinar juntos, pode ser? Estas pessoas estão a dizer-me coisas incríveis; dizem que tu e eu morremos. Vamos lá, sim?

S. Nº 1: Agarra-te a mim e levanto-me já. Bem, sinto-me melhor agora — muito melhor. Que se passa?

Sr. F.: Morreste quando caíste das escadas.

S. Nº 1: Bem, não faz grande diferença.

Sr. F.: Acho que agora vais estar melhor.

S. Nº 1: Pior do que estava, não posso estar. Estão mesmo a dizer que estou morto?

Sr. B.: Sim.

S. Nº 1: E como terá reagido a velha?

Sr. B.: Não sabemos; estamos em Buffalo, não conhecemos ninguém de Williamsport.

S. Nº 1: Gostava de ter uma bebida.

Sra. B.: Há ali um pouco de água.

S. Nº 1: Naquela tina?

Sra. B.: Sim, é água limpa.

S. Nº 1: Acho que vou beber um pouco. Diz lá, Williams, porque estás aí sentado a chorar?

Sra. B.: Não vale a pena chorar, Sr. Williams, porque agora entraste numa vida muito mais bela do que aquela que deixaste.

S. Nº 1: Bem, sim, acho que está tudo certo.

Sra. B.: Bebeste um pouco?

S. Nº 1: Sim, senhora; e sinto-me melhor.

Tom: Agora, vou dizer-vos uma coisa, senhores — venho falar convosco um pouco.

S. Nº 1: Força.

Tom: Ambos entraram numa nova vida.

S. Nº 1: Bem, isso é o que eu queria há muito tempo — uma nova vida. Digo-vos, a vida antiga era uma vida de cão.

Tom: Fizeste com que fosse difícil, ao colocares no teu corpo o que não devias.

S. Nº 1: Pois, acho que é verdade.

Tom: Sr. Drake, gostarias de ver a Lucy?

S. Nº 1: Claro que sim, adoraria vê-la.

Tom: E o John, gostavas de o ver?

S. Nº 1: O John é um tipo porreiro.

Tom: Se te esforçares, talvez com o tempo consigas ir para onde eles estão. Quero que tu e o Sr. Williams venham comigo. Vou ficar responsável por vocês e levar-vos a um lugar onde vão aprender sobre esta nova vida — sobre os deveres que ela exige, e o que precisam fazer para corrigir os erros da vida anterior.

S. Nº 1: Bem, isso é bom mesmo. Parece-me bem. Acho que vou contigo. Anda, John, vamos ver o que ele quer fazer connosco.

Tom: Vou levar-vos a um sítio onde poderão descansar, desintoxicar-se primeiro; depois, levo-vos a uma escola onde irão aprender, porque agora entraram numa nova vida e, com trabalho, podem alcançar algo muito bom — mas terão de trabalhar.

S. Nº 1: Acho que já somos velhos demais para ir para a escola.

Tom: Oh, não esta escola — porque entraram numa vida completamente nova e têm de a aprender. E há muitos bons amigos espirituais que vos vão tratar bem e ajudar-vos. Entraram agora numa vida que é muito natural — em muitos aspetos, igual à que deixaram — e têm de a começar onde deixaram a outra. Agora, Sr. Williams e Sr. Drake, vou mostrar-vos como sou enquanto espírito.

S. Nº 1: Já te estou a ver.

Tom: Não, só estás a ver o jovem.

Sr. B.: Este não é o homem que vos falou há pouco. Este é um espírito.

S. Nº 1: Bem, vejo-o na mesma. Não parece espírito nenhum.

Sr. B.: Observa a cabeça do jovem e verás.

S. Nº 1: Bem, isso é mesmo estranho! Olha, sabias que podias ganhar uma fortuna eterna com isso?

Sr. B.: Ele não o consegue fazer por si. O que vês?

S. Nº 1: Parece um pouco de fumo, que se transforma num homem.

Sr. B.: Esse homem é o espírito que estava a falar contigo. Observa-o — vais vê-lo a voltar para dentro do corpo do jovem.

S. Nº 1: Voltar para dentro dele?! Vá lá! És um tipo bem grande. Agora volta para dentro.

Sr. B.: Esse espírito é maior do que o jovem, não é?

S. Nº 1: Oh, sim. Bem, isso é mesmo estranho! Meu Deus! Meu Deus! Olha, Williams, juro por Deus que viste algo que nunca viste antes. É assim que vocês fazem aqui? Saem e voltam a entrar?

Sr. B.: Oh, não — só este.

S. Nº 1: Diz-me, Williams, não é coisa mais estranha? Agora está a entrar outra vez. Parece uma tartaruga.

Sr. B.: O Sr. Williams está a ver?

S. Nº 1: Sim, está a olhar.

Tom: Então, viram-me agora?

S. Nº 1: Se eras tu, então vi-te.

Tom: Era eu. Agora, vêm comigo, não vêm?

S. Nº 1: Terei todo o gosto em ir contigo.

Tom: E o Sr. Williams?

S. Nº 2: Sim, senhor, irei consigo.

Tom: Ajudarei ambos no que puder.

S. Nº 1: Olha, digo-te uma coisa — fico mesmo feliz se houver algo melhor nesta vida para mim. A anterior foi muito dura, e eu não queria ser um peso para os outros. Diziam que eu estava sempre bêbado e isso tudo, mas eu não conseguia evitar. Digo-te, costumava ficar mesmo tocado.

Tom: Agora vais ficar melhor. Vais conseguir livrar-te desse vício.

S. Nº 1: Olha, estou-me a desfazer todo. Não é esquisito?

Reunimos esta noite um bom número de pessoas como estas, e todas receberam instruções ao mesmo tempo. — Eva.

Quinta-feira à noite, 18 de Setembro de 1890.

Estamos a trazer uma alma pobre que faleceu há pouco tempo; achamo-lo muito peculiar. O pai, a mãe e a irmã dele estão aqui. — Eva.

S.: Olha! Aquele tipo foi-se embora com as minhas botas. Por Deus! Vou-lhe dar uma carga de pancada.

Sra. B.: Ele não vai ficar com as tuas botas. Tens de ficar com as tuas próprias botas.

S.: Sim, eu quero-as. Gostava de saber como é que ele ficou com as minhas botas. Aposto cem dólares em como foi a Sal que lhas deu.

Sr. E.: Porque é que ela lhe havia de dar as tuas botas?

S.: É mesmo coisa dela.

Sr. E.: Deve ser muito generosa, não é?

S.: Oh, ela não percebe nada. Esse é o problema dela.

Sr. F.: Se ela não percebe nada, então talvez não seja responsável pelo que faz.

S.: Alguém devia ensiná-la qualquer coisa. Olha! Anda cá! Devolve-me já essas botas, seu idiota! Volta aqui com elas!

Sra. B.: Ele é um pouco estranho, não achas?

S.: Quem é estranho?

Sra. B.: Muita gente.

S.: Isso é verdade.

Sr. E.: Não achas que tu próprio és um bocadinho estranho?

S.: Bem, se sou, é problema meu.

Sr. E.: Pois, deve ser. Tu pareces ser do tipo espertalhão.

S.: Isso também é problema meu.

Sr. F.: Sim, eu sei. Estás cheio de assuntos para tratar.

S.: Mais do que tu, de certeza.

Sr. E.: Oh, não, estou bastante ocupado.

S.: Sim, dizes isso, mas deixemos que os outros decidam.

Sr. B.: Pareces ser um tipo bem-disposto.

S.: Ora, de que serve ser outra coisa? Mas eu quero as minhas botas.

Sr. F.: Gostava de saber para que queres tanto as botas?

S.: Quero-as porque são minhas. Não chega como razão?

Sr. F.: E se o outro tipo não tiver nenhumas? Não o deixavas ficar com elas?

S.: Não. Se quisesse que ele ficasse com as botas, dava-lhas eu mesmo.

Sr. F.: Deixa-o usá-las por um tempo, assim amacia-as para ti.

S.: Eu não quero as botas amaciadas!

Sr. F.: Bem, já foram, e acho que vais ter dificuldades em recuperá-las.

S.: Quando o apanhar, vai ver!

Sra. B.: Se foi a Sal que lhas deu, ele não tem culpa.

S.: E tu o que sabes sobre isso?

Sra. B.: Nada, só acho que não devias bater-lhe se foi ela que lhas deu.

S.: Não sei se deu ou não, pensei que talvez tivesse dado.

Sr. F.: Se fosse a ti, não me irritava tanto.

S.: Eu nunca me irrito.

Sr. F.: Estás calmo?

S.: Não, não estou muito calmo.

(Sr. F. faz algum ruído.)

S.: O que é isso — tens dor de barriga? [Para o Sr. B.] Ele está doente?

Sr. B.: Oh, não! Ele está bem. Vais ouvir falar dele em breve.

S.: Já ouvi tudo o que queria ouvir dele.

Sr. B.: Vais ouvir mais. Repara nele e vê se te fala da mesma forma de antes. Ele é muito peculiar. Consegue falar como índio, irlandês ou yankee.

S.: E consegue falar americano?

Sr. B.: Sim, falou contigo em “americano”.

S.: Sim, falou.

Sr. B.: Também consegue falar irlandês.

S.: Pode ser que perceba isso — já tive umas experiências nessa área.

Sr. B.: Quando ele fala irlandês, diz coisas com muito bom senso. Vai contar-te coisas que tu não sabes.

S.: Bem, eu sei quase tudo.

Tom: Então vem cá! Quero ver um homem que sabe quase tudo!

S.: Trovões e danação!

Tom: Vira-te, deixa ver se tens uma corcunda nas costas! Com tanto saber, devias estar deformado.

S.: Valha-me Deus! Este tipo é tramado, não é?

Tom: Anda cá, John!

S.: Espera aí — quero ver o que esta jovem está aqui a fazer! Que estás a fazer, menina?

Sra. E.: Estou a tentar registar o que este senhor diz. Às vezes é bem difícil — não achas?

S.: Consegues acompanhar o rrrrip? Vai em frente! Deixa voar! — deixa voar!

Sr. B.: Este irlandês parece conhecer-te. Devem ser velhos conhecidos.

S.: Nunca o vi na vida!

Sr. B.: Então como é que ele sabia o teu nome?

S.: Ah, adivinhou!

Sr. B.: Ele também pode adivinhar o teu apelido. E o nome do teu pai, da tua mãe e da tua irmã.

S.: Diz lá, conheces o meu pai? Ouve aqui, seu irlandês filho da mãe!

Sra. B.: Ele é um cavalheiro, mesmo sendo irlandês!

S.: Olha, Pat, ele acalmou-se!

Sra. B.: Se falares com ele com educação, ele responde-te.

S.: Então, senhor cavalheiro, conhece o meu pai? Conhece a minha mãe?

Tom: Claro que sim; já os vi.

S.: Quando é que os viste?

Tom: Vi-os aqui.

S.: Não, não viste!

Tom: Ouve, não me venhas contradizer!

S.: Claro que vou! Nunca viste o meu pai e a minha mãe aqui!

Tom: Não sabes!

S.: Sei, sim! Pensas que sou um idiota?

Tom: Não, mas acho que estás a ser muito tolo.

S.: Oh, vá lá! — oh, vá lá!

Tom: Vou-te dizer o que acho que és: és um perfeito idiota convencido!

S.: Convencido?

Tom: Sim, porque achas que és muito esperto, que sabes tudo; mas, no fundo, ainda nem sabes o abecedário!

S.: Eu nunca disse que sabia tudo, mas já vi muita coisa. E estou a ver que queres arranjar confusão comigo.

Tom: Não, não quero!

S.: Estás a provocar uma briga — é isso que os irlandeses fazem! Ai, malditos sejam, odeio-os!

Tom: Gostava de saber o que tu és. Se eu tivesse feito a cena que tu fizeste na casa da Sue, como tu fizeste, não falava muito de confusão.

S.: Estava só a divertir-me um pouco, só isso.

Tom: Sim, divertiste-te bastante à custa da Mag. Foste mesmo mesquinho com ela; se eu lá estivesse, tinha-te torcido o pescoço!

S.: Não conseguias!

Tom: Achas mesmo que não?

S.: Para isso era preciso alguém à altura!

Tom: Vem cá agora mesmo!

S.: Bem, talvez vá, talvez não vá! Achas que dizes "vem cá" e eu obedeço? Se me queres, és tu que vens cá fora!

Tom: Estou a observar-te para ver de que é que és feito.

S.: Então continua a olhar!

Tom: Tens um grande caroço de vaidade de um lado da cabeça.

S.: Ai tenho? De que lado?

Tom: Do lado direito, para te ser mais fácil alcançá-lo.

S.: Não te pus nada no caminho. Foste tu que decidiste arranjar confusão comigo.

Tom: Não; só que és uma curiosidade para mim, nunca vi ninguém como tu.

S.: Também não acho que tenhas visto. E eu também nunca vi ninguém como tu.

Tom: Então estamos os dois a aprender. Estamos a ter esta noite uma experiência que vai ser útil para ambos. Diz-me lá, quem é a Lucy?

S.: Lucy quem?

Tom: Então não sabes quem é?

S.: Conheço uma Lucy, mas ela não está aqui.

Tom: Não está?

S.: Não; como podia estar?

Tom: Podia estar aqui, tal como tu estás.

S.: Oh, não — ela morreu há muito tempo!

Tom: E como é que tu chegaste aqui?

S.: Vim a pé, claro.

Tom: Vieste descalço ou com as botas?

S.: Isso não é da tua conta.

Tom: Olha para os teus pés agora e vê o que tens calçado.

S.: Ora, tenho meias calçadas!

Tom: Onde estão as tuas botas?

S.: Aquele idiota ficou com elas! Já te tinha dito! Não perguntes mais sobre isso. Mas as minhas meias não têm buracos — as tuas é que devem ter!

Tom: Como sabes?

S.: Aposto contigo! Tira as tuas botas e vamos ver!

Tom: Não vais ver. Mas vou-te mostrar uma coisa!

S.: O que é que me vais mostrar?

Tom: Olha bem para a cabeça do jovem — já vais ver.

S.: Ahahahah! O idiota pôs fogo na cabeça!

Sr. B.: É o irlandês a sair de dentro dele!

S.: Oh, céus! Isso é mesmo estranho, não é? Bem, aquilo é o próprio diabo!

S.: Aquilo não é homem nenhum!

Tom: É sim, é o homem que esteve a falar contigo. Observa, e vais vê-lo voltar para dentro do corpo.

S.: Isso é engraçado!

Sr. B.: Já voltou?

S.: Não, ainda está ali de pé. Nunca vi nada assim na vida. Olha! Está a ser sugado para dentro! Está a ser sugado! Isso é um truque bem feito.

Sr. B.: Não é truque nenhum. Não há truque nisso.

S.: Então como é que ele sai pela cabeça e volta a entrar?

Sr. B.: É um espírito.

S.: Um espírito?!

Sr. B.: Sim, este espírito irlandês toma posse do corpo do jovem e fala através dele.

S.: Bem, isso é mesmo esquisito, pela minha alma! Nunca vi tal coisa. É muito estranho!

Sr. B.: Dá que pensar, não dá?

S.: Sem dúvida.

Sr. B.: Este espírito viu o teu pai, a tua mãe e a tua irmã — e pode contar-te coisas sobre eles.

Tom: Então, viste-me?

S.: Claro que sim.

Tom: Vês? Então não preciso de usar meias.

S.: Não usas?

Tom: Claro que não; porque sou um espírito na vida espiritual. Não precisamos de usar roupas materiais como aquelas que usavas quando tinhas um corpo.

S.: Porque é que entras nesse homem e sais dele dessa maneira? Onde está o homem?

Tom: O homem está aqui na mesma. Estou apenas a usar o organismo dele para falar contigo. Porque, se te falasse como espírito, enquanto não estivesses preparado e não compreendesses o que te aconteceu, não me perceberias.

S.: O que é que me aconteceu?

Tom: Bem, aconteceu-te algo, e eu vou dizer-te o que foi.

S.: O senhor disse que podias dizer-me alguma coisa sobre os meus — o meu pai e a minha mãe.

Tom: Sim, posso.

S.: O que é que me podes dizer sobre eles?

Tom: Estão felizes, mandam-te o seu amor e querem ajudar-te em tudo o que puderem.

S.: Bem, por Deus, às vezes preciso mesmo de ajuda. Digo-te, tive uma vida dura, mas não vou desistir.

Tom: Ouve, John, a Hannah está aqui.

S.: Está? Como é que ela está?

Tom: Está linda.

S.: Está feliz?

Tom: Sim, muito feliz.

S.: Fico contente por ela estar feliz. Bem... bem... bem. Isto é estranho, não é?

Tom: Não, não tem nada de estranho. Achavas que o teu pai, a tua mãe e os teus entes queridos deixavam de existir depois de morrerem?

S.: Bem, não sabia... supunha que tinham ido para o céu.

Tom: Achas que, por terem deixado o corpo velho, se iriam esquecer de que te amavam?

S.: Não sei...

Tom: Achas que, se saísses do teu corpo, te irias esquecer da pequena Flora?

S.: Bem, se continuasse a ser eu próprio, claro que não.

Tom: E quem é que sai do teu corpo, senão tu próprio?

S.: Isso não sei dizer.

Tom: Não podia ser ninguém a não ser tu. Ouve, John, tenho algo estranho para te contar. Vai parecer-te estranho.

S.: Diz-me.

Tom: Mas não te entusiasmes. Sabes, John, há muitas pessoas que morrem, saem do corpo, e nem sequer sabem disso?

S.: Talvez não saibam de nada; talvez seja o fim delas.

Tom: Oh, não. Se fosse o fim, também teria sido o meu. E eu já estou fora do corpo há bastante tempo. Sei que vivemos para sempre, continuamos a crescer, a progredir e a aprender cada vez mais sobre o maravilhoso conhecimento de Deus.

S.: Isso é bom, desde que todos fiquem bem; mas se forem parar ao tal "Diabo", já não é tão agradável.

Tom: Isso não existe. Esses ensinamentos são errados. Mas, claro, cada um colhe aquilo que semeia. Como te dizia, às vezes as pessoas passam pela mudança chamada morte e nem se apercebem.

S.: Sim, disseste isso.

Tom: Já vi muitos assim, e esta noite estou a viver essa mesma experiência. Estou a contactar um espírito que deixou o corpo sem se dar conta. Esse espírito volta à Terra e fala com os vivos com a mesma confiança que tinha em vida, o que é natural, pois retoma o último pensamento que teve antes de sair do corpo. Ele chegou cansado, tirou as botas, deitou-se, e

pensou: "Agora vou levantar-me e ver o grão." Depois andou à procura das botas, mas não as encontrava. Conheces alguém assim?

S.: Bem, isso aconteceu-me. O que é que estás a tentar dizer com isso? Claro que perdi as botas.

Tom: Lembras-te de as ter tirado e de estares cansado?

S.: Sim, lembro-me de as tirar.

Tom: E de te teres deitado no sofá, e de te sentires estranho?

S.: Sim.

Tom: Pois, rebentaste com a caldeira.

S.: O que disseste?

Tom: Deixaste o corpo.

S.: Deixei o corpo?

Tom: Sim, deixaste.

S.: Queres dizer que estou morto?

Tom: Sim, é isso.

S.: Oh, Deus Todo-Poderoso! Jesus Cristo!

Tom: Porque falas assim? É por isso que não consegues encontrar as botas. O teu pai, a tua mãe, a Lucy e todos os teus amigos estão aqui esta noite. Foram eles que permitiram que viesses até aqui, para que pudesses falar com estas pessoas e elas contigo, e para que compreendesses o que te aconteceu.

S.: Isto é inacreditável! Meu Deus! Se estou morto...

Tom: John...

S.: Vá, continua.

Tom: Agora olha bem para a tua mão, com atenção, e vais ver o material a dissolver-se — o material com que o teu espírito está revestido, que te permite falar. Agora, observa bem e vais ver esse material a derreter-se da tua mão. Estás a ver?

S.: Sim, sim. Desapareceu — desapareceu. Por Deus! Desapareceu. Eu não estou todo a desaparecer, pois não? Estou a desaparecer todo?

(Ele é desmaterializado e depois rematerializado.)

S.: Bem, estou aqui outra vez. Isto é mesmo um hino de louvor. Não vale a pena falar mais.

Tom: Estás a ver, John? Revestiram agora o teu espírito com esse material, para que possas falar. Está a ser feito aqui um grande trabalho. Reúnem-se aqui espíritos que tentam ajudar

aqueles que não compreendem que já fizeram a mudança, e procuram elevar essas pobres almas em sofrimento, na escuridão e no desespero, até à luz radiante, dando-lhes todo o consolo, amor e bondade que conseguirem.

S.: Bem, se estou morto — e acho que estou — então suponho que sim, estou morto.

Tom: Fizeste a mudança que chamam de morte, mas não existe morte real; continuas a ser o mesmo, John, tão vivo como sempre.

S.: Onde estão o meu pai e a minha mãe? Diz-lhes que quero vê-los.

Tom: Não sei se poderás vê-los já, mas podes falar com eles, e eles ouvem cada palavra que dizes, porque foram eles que permitiram que estivesses aqui esta noite. Tinham consciência do teu estado e quiseram ajudar-te a sair dele (esse é o grande trabalho que aqui se faz). Foste trazido para aqui porque este é o local onde as condições são criadas para que o teu espírito possa ser revestido com o material que te permite falar, como fizeste esta noite. O teu pai, a tua mãe e todos os teus amigos estão muito ansiosos por que compreendas o teu estado, para que possas assumir os deveres correspondentes à vida que agora começaste.

S.: Bem, não sei... é um pouco chocante descobrir que se está morto. O que vem agora?

Tom: Vais rever toda a tua vida — os teus actos e feitos. Pintaste quadros, por assim dizer?

S.: Não, nunca pintei um quadro na vida.

Tom: Não nesse sentido. Mas os pensamentos, actos e feitos de uma pessoa ficam registados. Pertencem-te, fazem parte da tua vida. Todas as tuas experiências são tuas, e irás revê-las. Terás o tipo de lugar que construíste para ti. Será como tu. Reconhecerás o teu lar, porque será como tu. Olha, John, olha ali para a tua direita e diz-me se vês alguma coisa.

S.: Sim, vejo a lua.

Tom: Está cheia?

S.: Sim.

Tom: Então não é a lua, porque neste momento ela está apenas no primeiro quarto aqui.

S.: Bem, é uma lua cheia, de qualquer forma.

Tom: Parece-te uma lua? Então observa agora.

S.: Sim, estou a ver.

Tom: O que vês?

S.: Vejo a minha mãe! Vejo o meu pai! Pai! Eu não consegui evitar...

Sr.ª. F.: Ele vai ficar feliz por saber que falaste com ele.

S.: Porque é que eles se vão embora? Porque é que desaparecem?

Tom: Eles não se foram embora. Entraram no teu estado, assumiram a condição que te envolvia, e por isso é que os conseguiste ver. Mas quando essa condição se afastou deles, deixaste de os ver, e pensaste que tinham ido embora. Mas continuam aqui, na mesma.

S.: Vou conseguir vê-los?

Tom: Oh, sim, daqui a algum tempo. Vais ser orientado e ensinado sobre o que fazer. Serás acompanhado por espíritos bons e bondosos, e eu também te ajudarei no que puder. Quando sair do corpo do jovem, dou-te a mão e mostro-te o que fazer em primeiro lugar.

S.: Isso é muito gentil da tua parte.

Tom: Oh, não. Faço-o com gosto. Não és o único que recebeu uma lição esta noite; há muitos outros que também não compreendem que já fizeram a mudança, e vou levar-vos a todos, porque sei que me seguirão.

S.: Sinto-me muito trémulo.

Tom: Sim, esse material vai ser retirado de ti, e depois virás comigo.

Mãe (s.): John!

S.: Quem é?

Tom: Não sabes quem é?

S.: Sim, sei. Mãe! Mãe! Bem, espero que esteja tudo bem... mas é muito estranho, não é?

Mr. B.: Sim, é uma experiência estranha; mas entraste numa vida bela, e ficarás contente quando compreenderes o que ela é.

S.: Vens comigo?

Tom: Sim, vou ajudar-te; vai correr tudo bem. Agora despede-te dos amigos bondosos, porque também te ajudaram.

S.: Boa noite, amigos!

Amigos: Boa noite!

Quinta-feira à noite, 25 de Setembro de 1890

Eva: Esta noite traremos uma senhora.

S.: Oh, amigos! Amigos!

Amigos: Boa noite!

S.: Boa noite! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

Mr. F.: O que se passa?

S.: Ai, meu Deus! O que hei de fazer? O que hei de fazer?

Mr. F.: Podemos ajudar-te?

S.: Não sei...

Mr. F.: O que se passa?

S.: Não consigo fazer nada. Não sei... não entendo; suponho que devo estar morta. Não consigo aceitar. Não pode ser — não pode ser!

Mr. F.: Não estás morta. Estás tão viva como sempre estiveste.

S.: Ai, meu Deus! É a coisa mais horrível de sempre!

Mr. F.: O quê, morrer?

S.: Claro que sim!

Mr. F.: Ora, não pode ser assim tão horrível.

S.: Oh, sim, é. Vocês não sabem nada do que é. É horrível!

Mr. F.: Entraste agora numa vida que é muito bela.

S.: Oh, não. Estamos apenas cortados e privados de tudo o que amávamos. Digo-vos, caros amigos, vocês não sabem o que isto é.

Mr. F.: Há uma vida bela diante de ti, que ainda não consegues ver.

S.: Não consigo compreender isto.

Mr. F.: Sentimos muito por ti e vamos ajudar-te em tudo o que pudermos.

S.: Não creio que possam ajudar-me.

Mr. F.: Não tens amigos que tenham morrido e que gostarias de ver?

S.: Sim, tive imensos amigos, mas não consigo que me vejam.

Mr. F.: Daqui a pouco tempo os teus amigos virão ter contigo; porque, sabes, todos nós temos de passar por essa mudança. Acho que seria bom para ti tentares observar o que está à tua volta e interessares-te por algo na vida em que estás agora.

S.: Como posso interessar-me, se tudo o que me interessa está no mundo, e eu estou num estado em que não consigo fazer nada? É a coisa mais horrível que já conheceste.

Mr. F.: Deve ser, e sentimos muito por ti. Mas tens de perceber que há alguém que se preocupa muito contigo, porque estás a comunicar com pessoas que ainda não passaram por essa mudança — nós somos mortais.

S.: A sério?

Mr. F.: Sim, e existem leis para comunicar com mortais, e tu podes aprender essas leis.

S.: Diz-lhe para vir aqui. Quero falar com ele.

Mr. F.: Quem?

S.: O James.

Mr. F.: Não o conheço. És uma perfeita desconhecida para nós, e estamos aqui sentados com o propósito de comunicar com espíritos.

S.: Foi tão difícil morrer. Eu estava determinada a não morrer.

Mr. F.: Foi isso que tornou tudo mais difícil para ti.

Mr. B.: Não tens amigos no mundo espiritual, que partiram antes de ti, e que gostasses de ver?

S.: Tenho amigos, sim.

Mr. B.: Não gostarias de os ver?

S.: Oh, quase já me esqueci deles; o mundo era-me tão querido.

Sr.ª. B.: Este senhor tem uma filha lá, e ela não voltaria cá por nada.

S.: Talvez ela não estivesse na mesma situação que eu.

Sr.ª. B.: Ela tinha tudo o que o coração podia desejar.

S.: Sinto que deve ter sofrido.

Sr.ª. B.: Sofreu, claro, quando partiu; mas agora não voltaria, porque é tão bonito onde ela está. Hás de vê-la; ela disse-nos que vinhas cá esta noite. É um anjo maravilhoso.

S.: Ainda não a vi.

Sr.ª. B.: Vais vê-la.

Tom: Olha, Miss Nellie...

S.: Sim, senhor?

Tom: Sabes que a pequena Lulu está aqui?

S.: Não a vejo.

Tom: Pois, não a vês, mas ela está aqui.

S.: Gostava mesmo muito de a ver.

Tom: Ela é uma criaturinha adorável. Tu amavas-a, não era?

S.: Eu amava-a — eu amo-a — continuo a amá-la.

Tom: E ela também te ama. E sabes, ela está mesmo feliz por teres vindo ter com ela.

S.: Não devia estar feliz, porque ela deve saber a desilusão que foi para mim — teria sido melhor eu ter ficado.

Tom: Ela ama-te tanto, e compreende que o teu corpo estava doente e já não podia manter o teu espírito. E, se tivesses recuperado, terias sido sempre uma inválida; já não conseguirias viver como antes de adoeceres.

S.: Acreditas mesmo nisso?

Tom: Eu sei. A Lulu contou-me que, se não tivesses morrido, terias sido uma inválida para o resto da vida; e o James ter-se-ia cansado de ti.

S.: Não acho que ele pudesse... Como é que poderia? Como é que poderia?

Tom: Ter-se-ia cansado de ti porque já não podias acompanhá-lo como antes; e sabes que ele era um rapaz irrequieto, sempre a querer sair e fazer coisas.

S.: Ele era cheio de vida, mas não era frívolo.

Tom: Era, nesse sentido. E deixa-me dizer-te: vais abençoar o dia em que entraste nesta nova vida. A avó Perkins está contente por estares aqui.

S.: Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

Tom: Não te lembras da avó?

S.: Claro que me lembro.

Tom: Tens aqui muitas pessoas que te amam. Nem sonhas com metade das coisas belas que existem na vida que agora começaste.

S.: Não as vejo.

Tom: Pois, porque estás num estado de grande agitação. Não querias morrer.

S.: Eu não queria morrer. Estava mesmo ali — não foi justo tirarem-me.

Tom: Sabes bem que foste descuidada, imprudente, apanhaste aquele frio e ficaste com aquela tosse.

S.: Quem é que está a tocar piano?

Sr.ª. B.: Não sei.

S.: É tão bonito, não é?

Sr.ª. B.: Eu não o consigo ouvir.

Mr. B.: Essa música é para ti. É música celestial.

S.: É celestial — mesmo muito. Acho que o senhor sabe quem está a tocar, não sabe?

Tom: Oh, sim; é a Flora!

S.: Meu Deus! Que coisa linda!

Tom: Lembras-te da Flora?

S.: Claro que me lembro! Ela consegue tocar assim?

Tom: Agora consegue.

S.: Oh, é maravilhoso!

Tom: Esta é uma vida belíssima em que entraste, quando a começares a compreender e crescer nela — porque é tudo crescimento; a cada dia e a cada hora da tua existência agora, algo novo entrará na tua vida e tornar-te-á mais feliz. Foste trazida aqui esta noite com o propósito de começares a libertar-te daquele estado desagradável em que deixaste o corpo.

S.: Posso ir até àquela sala onde está a Flora?

Tom: Sim; os teus amigos vão cuidar de ti, ensinar-te sobre a nova vida e mostrar-te muitas coisas belas que te vão interessar. E tenho a certeza de que, dentro de pouco tempo, vais começar a sentir que tudo está certo e bem contigo.

S.: Ouve! Ouve! Não é lindo? Podias... por favor... ir comigo?

Tom: Sim, vou contigo.

S.: Acho que não consigo ir até lá. É difícil, não é? Podes ajudar-me?

Tom: Vou levar-te até um jardim maravilhoso—

S.: Não! Não! — Eu quero ir onde está a Flora!

Tom: Terás de esperar um pouco. Uma das coisas que terás de aprender é a paciência.

S.: Quero ir agora! Tenho de ir! — Tenho de ir!

Tom: Vais ter de trabalhar para chegar onde ela está.

S.: Por favor, leva-me até ela, podes?

Tom: É muito belo o lugar onde ela está, mas ela só lá chegou através da paciência e do esforço. Terás de cumprir alguns deveres primeiro, antes de receberes essa recompensa.

S.: Tenho de estar sozinha?

Tom: Oh, não! Vais ter amigos bondosos e carinhosos que te vão ensinar, à medida que o teu espírito puder assimilar, os deveres da vida que agora começaste.

S.: Queria tanto que me levasses até lá! Por favor, não podes?

Tom: Fala com a Flora — ela pode ouvir-te.

S.: Achas mesmo que ela me ouve?

Tom: Claro que sim, ela ouve-te!

S.: Flora! — Flora! Ela não me ouve...

Tom: Oh, sim, ela ouve-te!

S.: Então porque é que não me responde?

Tom: Talvez agora não consiga. Chama por ela outra vez.

S.: Flora!—

Flora (espírito): Vem! — vem! —

S.: Vais levar-me agora?

Tom: Sim, vou levar-te; mas vai demorar um pouco a chegar lá. Não a ouviste? Ela disse-te para ires.

S.: Leva-me! — leva-me! — por favor, leva-me!

Tom: Ela disse-te para ires.

S.: Não consigo ir sozinha. Leva-me! — leva-me! — por favor, leva-me!

Tom: Sim, levo-te; mas não podes ir para lá de imediato. Vou levar-te a um lugar onde vais aprender como ir ter com ela.

S.: Faz isso — por favor, faz!

Tom: Sim, farei. Quero que compreendas que entraste numa vida muito bela — uma vida de progresso infinito, onde a cada passo algo maravilhoso te será revelado, sobre as glórias e maravilhas do grande universo que te rodeia. Queres ir agora?

S.: Sim.

Tom: Despede-te destes amigos bondosos com um "boa noite", e vamos.

S.: Boa noite, amigos! Boa noite! — boa noite!

Amigos: Boa noite! Volta a visitar-nos!

Domingo, 19 de Outubro de 1890

Eva: Trazemos uma jovem senhora que se sente muito mal. Ela não sabe que já fez a mudança.

S.: Meu Deus! Sinto-me como uma errante. Não tenho lar — ninguém me dá atenção!

Mr. B.: Vem e fica comigo; dou-te um lar! Vamos cuidar de ti.

S.: Em casa não me dão atenção.

Mr. B.: O problema é que algo te aconteceu.

S.: Sei que me aconteceu alguma coisa, mas não consigo dizer o quê.

Mr. B.: Não te lembras de teres estado doente?

S.: Sim, senhor, estive doente.

Mr. B.: E se te dissesse que talvez tenhas passado para o outro lado?

S.: Passado para onde?

Mr. B.: Feito a mudança chamada morte.

S.: Não creio que possa ser.

Mr. B.: Sabes que estiveste muito doente.

S.: Sim, estive mesmo muito doente; mas não consigo dizer—

Mr. B.: Fizeste mesmo a mudança chamada morte.

S.: Oh, que coisa horrível! — não é? Isto é o céu?

Mr. B.: Ainda não; mas em breve encontrarás o céu que criaste para ti. Cada um, na vida terrena, constrói o seu próprio céu.

S.: Não consigo imaginar tal coisa! Eu não quero morrer! Não posso morrer! — não posso morrer!

Mr. B.: Tinhas medo de morrer?

S.: Sim, senhor; não queria morrer. Não posso morrer! — não posso morrer!

Mr. B.: Mas já fizeste a mudança; já passaste por tudo.

S.: Oh, não, não, não! Estou aqui na mesma!

Mr. B.: Tu não sabes onde estás. Em que lugar achas que estás?

S.: Ai, meu Deus! Parece-me tudo tão terrível!

Sr.ª. B.: A nossa filha está do outro lado. Ela disse-nos que vinhas. Está na vida espiritual também, e está muito feliz.

S.: Eu não queria ir para a vida espiritual. Não pode ser! Só de pensar que estive doente, fui negligenciada, e está tudo errado! Ninguém me reconhece sequer!

Mr. B.: A razão pela qual não te reconhecem é porque não te conseguem ver. Quando estavas na vida terrena, também não conseguias ver os teus amigos que já tinham partido; eles não conseguiam fazer-te entender — tu não os vias.

S.: Eu sei que não os via.

Mr. B.: Pois agora acontece-te o mesmo — eles não te conseguem ver; fizeste a mudança que se chama morte.

S.: Não pode ser! — não pode ser! Eu queria tanto fazer aquela viagem!

Mr. B.: Querida amiga, que viagem ias fazer?

S.: Ia para a Califórnia.

Sr.ª. B.: Eu estive lá no outono passado.

S.: Não é um país maravilhoso?

Sr.ª. B.: Sim. E ainda podes ir.

S.: Oh, espero bem que sim! — espero bem que sim!

Sr.ª. B.: Tenho a certeza que sim.

S.: Em que altura do ano estiveste lá?

Sr.ª. B.: Em novembro.

S.: Estava bonito?

Sr.ª. B.: Sim, embora tenha chovido uma parte do tempo.

S.: Já ouvi dizer que lá têm uma época de chuvas. Oh, eu queria tanto ir! Tinha o coração mesmo voltado para isso!

Sr.ª. B.: Podes ir em vida espiritual, e a muitos outros lugares também.

S.: Não sinto nada que me faça acreditar que estou morta; estou tão viva como sempre. Não me digam isso — não consigo suportar!

Mr. B.: Esperavas viver depois da morte, não era?

S.: Eu não sabia. Não conseguia imaginar como seria.

Mr. B.: Pois claro que não! Tu apenas deixaste o teu corpo antigo quando passaste para o outro lado, e agora tens um corpo espiritual; continuas a ser a mesma pessoa.

S.: Oh, sinto-me tão miserável! Tão infeliz! O que hei de fazer?

Mr. B.: Onde vivias?

S.: Vivia mesmo aqui.

Mr. B.: Como se chama a cidade?

S.: Ora, vivia aqui mesmo em Nova Iorque.

Mr. B.: Agora estás em Buffalo, Nova Iorque. Sabes onde fica Buffalo?

S.: Sim, senhor, já lá estive.

Mr. B.: Pois é aí que estás agora.

S.: Não, senhor — não, senhor.

Sr.ª. B.: Estás na Porter Avenue, no terceiro andar da casa deste senhor.

S.: Não percebo nada disto.

Sr.ª. B.: A filha deste senhor vai explicar-te tudo; vais vê-la — é um espírito lindo, como tu.

S.: Oh, não — não — não...

Mr. B.: Vais libertar-te rapidamente desses sentimentos negativos, e vais ficar feliz por saberes que fizeste a mudança. Entraste numa nova vida, e foste trazida aqui para seres orientada nela.

S.: Uma nova vida?

Mr. B.: Sim, um novo ambiente; estás agora na vida espiritual.

S.: Não vejo nada de novo. Sinto apenas que estive muito doente, e estou muito cansada. Sinto-me mal, e os meus amigos negligenciaram-me.

Mr. B.: Não, não te negligenciaram. Enterraram o teu corpo antigo.

S.: Ai, meu Deus! Isso é horrível! Estou cheia de medo!

Sr.ª. B.: Oh, não tenhas medo; tens amigos carinhosos que vão cuidar de ti. Não há nada a temer.

S.: Se ao menos alguém rezasse por mim...

Sr.ª. B.: Nós vamos rezar por ti.

S.: Oh, façam-no. Acham que vou recuperar? Peçam ao Senhor que me devolva a saúde, por favor.

Sr.ª. B.: Sim, vais recuperar muito em breve.

S.: Oh, é tão gentil da sua parte...

Sr.ª. B.: Quero ser. Quero fazer tudo o que puder para te ajudar.

Mr. B.: Falo contigo assim porque acredito que será para teu bem.

S.: Sei que algo me aconteceu, mas não me parece que tenha sido a morte.

Mr. B.: Claro, não tens uma ideia concreta do que é a morte; não tens como saber. Mas sendo algo inevitável, o melhor é aceitar a situação e fazer o melhor que puderes.

S.: Quem são essas pessoas que vejo?

Mr. B.: Nós não as conseguimos ver, porque estamos numa sala completamente escura. Mas para ti não está escuro, pois não?

S.: Não; não está muito claro, mas também não está escuro.

Sr.ª. B.: Querida amiga, alguma vez ouviste falar em espiritualistas?

S.: Sim, senhora.

Sr.ª. B.: É isso que somos, e estamos aqui sentados a tentar ajudar-te.

S.: Isso explica porque falam de forma tão estranha.

Sr.ª. B.: Estamos aqui sentados para criar as condições que te permitem falar connosco. Daqui a pouco, já não vais conseguir falar connosco.

S.: Isso é uma coisa muito estranha, não é?

(Ela é desmaterializada.)

S.: Oh, sim, aconteceu-me alguma coisa.

Mr. B.: Durante uns momentos, não conseguías falar connosco, pois não?

S.: Não, algo pareceu cair de mim; mas continuava a ser eu, na mesma.

Mr. B.: Estás parcialmente materializada para poderes comunicar connosco, e o que sentiste a cair foi o material com que o teu espírito está revestido. Nós somos mortais, aqui.

S.: E eu podia falar com os meus amigos?

Mr. B.: Eles não sabem que estás com eles. Não compreendem como criar as condições necessárias para que lhes possas falar.

S.: Isso é uma coisa terrível...

Mr. B.: Não tens amigos na vida espiritual, que ames e que gostasses de ver?

S.: Claro que sim, tenho amigos que foram para o céu.

Mr. B.: E não gostarias de os ver?

S.: Não sei... Sim, acho que sim.

Mr. B.: Eles continuam a amar-te, tal como antes.

S.: Que coisa estranha! Oh, como estou infeliz!

Mr. B.: Não devias estar infeliz, porque entraste numa vida muito mais bela do que aquela que deixaste.

S.: Não me parece nada diferente.

Mr. B.: Mas vai parecer.

S.: O que devo fazer? Para onde posso ir?

Tom: Eu digo-te o que deves fazer e para onde ir.

Mr. B.: Este é o Tom. Ele será um amigo bondoso e bom para ti.

Tom: Sim, eu costumava viver em Nova Iorque.

S.: A sério?

Tom: Sim. E vou mostrar-te para onde ir e o que fazer. Estás mesmo muito em baixo, não estás?

S.: Oh, sim, estou. Sabes, aquele senhor disse que eu fiz a tal mudança chamada morte...

Tom: Oh, isso não é nada.

S.: Isso é tudo. É uma coisa horrível — horrível!

Tom: Não, não é; é algo muito belo, quando se compreende. Mas tu ainda não compreendes. Sinto muito por ti. Estou na vida espiritual há bastante tempo, e posso levar-te a lugares lindíssimos.

S.: Podes mesmo?

Tom: Oh, sim.

S.: Tão bonitos como a Califórnia?

Tom: Depois de veres o que eu te posso mostrar, nem vais querer olhar para a Califórnia. Aposto que preferes ver o rosto do Harry do que qualquer coisa na Califórnia. Não te esqueceste do Harry?

S.: Oh, não.

Tom: O teu problema foi que tinhas a mente toda presa àquela viagem à Califórnia, e não conseguias pensar em mais nada. Por isso é que não vias nada de belo à tua volta. A culpa foi tua.

S.: Oh, não me ralhes...

Tom: Não te estou a ralhar, mas se tivesses seguido o conselho da tua mãe e não tivesses ido àquela festa, não terias apanhado aquele resfriado nem adoecido. Mas insististe em ir.

S.: Eu não sabia que ia apanhar frio.

Tom: Eu sei que não sabias; mas não seguiste o conselho da tua mãe — e isso acontece com muita gente. Não ouvem os conselhos que lhes dão, e depois vêm as consequências.

S.: O que estão todas aquelas pessoas a fazer?

Tom: São espíritos.

S.: Ai, meu Deus!

Tom: Não tens medo deles, pois não?

S.: Não sei.

Tom: Não tens razão nenhuma para ter medo. Eles só querem ajudar-te.

S.: Porque é que sinto parte de mim a derreter?

Tom: Isso é o material com que os espíritos amigos revestiram o teu corpo espiritual. Quando esse material se dissipa, dá-te essa sensação de que estás a derreter.

S.: Achas que vou ser feliz?

Tom: Tenho a certeza que sim, quando saíres do estado em que te encontras agora. Entraste numa vida bela, onde vais aprender e receber tudo o que é para o teu bem.

S.: Há quanto tempo estás morto?

Tom: Quem, eu?

S.: Não, esta senhora (referindo-se à Sr.ª. B.).

Tom: Essa senhora não está morta.

S.: Disseste-me que estavas morto.

Sr.ª. B.: Querida amiga, este espírito está a controlar o corpo deste jovem.

S.: Como assim?

Tom: Queres ver-me?

S.: Eu estou a ver-te.

Tom: Não, o que estás a ver é o jovem por quem eu falo. Agora põe a tua mão aqui neste jovem, e eu mostro-te a mim mesmo como espírito, dou-te a minha mão, e então verás a diferença. Agora, põe a mão no jovem.

S.: Sim, vou pôr.

Tom: Pronto, sentes, não sentes?

S.: Sim, sinto. A tua mão está normal.

Tom: Essa é a mão do jovem. Agora olha para a cabeça dele, e eu vou mostrar-me a ti como espírito, e dou-te a minha mão.

S.: Sim, faz isso.

Tom: Agora, não te assustes...

S.: Oh, vejo a coisa mais maravilhosa diante de mim.

Mr. B.: Diz-nos o que vês.

S.: Vi-o sair mesmo da cabeça dele. Que coisa estranha! Isso fez-me arrepiar.

Mr. B.: Não tenhas medo.

S.: Sim, vou dar-te a mão. Oh! Que diferença, não é? Oh, meu Deus! Meu Deus!

Mr. B.: Agora podes vê-lo voltar.

S.: Oh! Não é lindo? Quantos são! É um espectáculo maravilhoso! Ele deve ter muito poder. Era certamente um homem.

Sr.ª. B.: É o espírito a voltar para o corpo do jovem. Ele vai falar contigo dentro de pouco.

Tom: Então, viste como te disse?

S.: Sim, vi. É algo extraordinário. Nunca imaginei que fosse possível — e há tantos!

Tom: Oh, sim, são os amigos espirituais.

S.: Acho que tenho de tentar reconciliar-me... mas estou tão desiludida.

Tom: Sinto muito por ti, e vou tirar-te desta atmosfera, onde poderás começar a libertar-te dessa desilusão. Vou levar-te a um lugar lindo, e a minha senhora, Jennie, vai ajudar-te; ela vivia em Nova Iorque, era uma senhora distinta. Não terás medo de ir comigo, pois não?

S.: O Senhor aceitar-me-á?

Tom: Claro que sim, Ele aceita toda a gente.

S.: Oh! A sério?

Tom: Claro que sim.

S.: Nem sempre fiz o que era certo.

Tom: Então terás de enfrentar tudo o que fizeste de errado. És o teu próprio salvador. Estás disposta a trabalhar e corrigir os actos que achas que não foram certos?

S.: Oh, sim.

Tom: Não podes esperar que as coisas sejam como as imaginavas — Deus sentado num trono. Mas vou levar-te a um lugar maravilhoso, adaptado às tuas necessidades actuais; e vais ficar tão encantada com tudo o que te rodeia que isso te ajudará a esquecer a tua desilusão.

S.: Quem são aquelas senhoras tão distintas?

Tom: São amigas espirituais queridas, que te vão ajudar. E sabes, vais poder ver o Harry e a Lizzie também.

S.: Oh, espero que sim.

Tom: E não só isso. Depois de te ambientares e aprenderes algumas das leis da vida em que entraste, poderás visitar os teus amigos e envolvê-los numa influência doce, ajudando-os na tristeza e nas dificuldades; poderás até preparar um lugar para eles, para que, quando fizerem a mesma mudança que tu, já tenhas um espaço belo à espera deles. E talvez um dia eu possa ir contigo até à tua mãe, para te ajudar a confortá-la, porque ela está muito triste e solitária. Talvez consiga ajudar-te a fazer com que ela sinta a tua presença, num sonho ou de alguma forma que lhe traga consolo. Vou ajudar-te no que puder, porque gosto de ajudar quem atravessou a mudança e procura condições mais luminosas.

S.: Oh! Que flores lindas, não são?

Tom: Nem imaginas quantas coisas belas existem nesta nova vida que agora começaste.

S.: Que lindas flores que a jovem lançou sobre ti!

Sr.ª. B.: É a filha deste senhor, que está a ajudar-te. Foi ela quem te trouxe aqui esta noite. Está muito feliz.

S.: Acho que deve estar mesmo feliz por ter flores tão bonitas. Oh, olha para o botão de rosa que ele dá à senhora!

Sr.ª. E.: Quem me deu o botão de rosa?

S.: Um senhor. Quem é que traz as flores?

Tom: São muitos. Trazem as flores como oferendas de amor aos amigos, para fortalecer as suas almas e ajudá-los na jornada da vida.

S.: Oh, como tudo está a ficar bonito, não está?

Tom: Eu disse-te que tinhas entrado numa vida maravilhosa.

S.: Oh, está a ficar mesmo belo! Quem faz aquela música tão bonita?

Tom: É feita por muitos cujas almas estão em harmonia com a doce melodia das esferas.

S.: Achas que posso ir ali, onde estão aquelas senhoras?

Tom: Oh, sim, com o tempo. Levar-te-ei a um lugar lindo, onde poderás descansar um pouco; depois poderás entrar numa escola onde serás ensinada por essas senhoras maravilhosas.

S.: Podemos ir agora?

Tom: Sim. Despede-te destes bons amigos que te ajudaram e apoiaram; depois dou-te a mão e vamos. Confias em mim, não confias?

S.: Sim, acho que sim.

Sr.ª. B.: O Tom é um bom amigo para ti.

Tom: Levar-te-ei até àqueles que cuidarão de ti.

S.: Boa noite!

Amigos: Boa noite!

Quinta-feira à noite, 23 de Outubro de 1890

Eva: Trouxeram-nos uma alma aflita, que vamos tentar materializar; e talvez, com a ajuda do Tom, consigamos trazê-la até nós esta noite.

S.: Como estão, amigos?

Amigos: Como está?

S.: Gostava de ficar aqui um bocadinho.

Sr.ª. B.: Claro, és bem-vindo a ficar o tempo que quiseres.

S.: Não se passa nada, mas gostava de ir para a outra sala.

Sr.ª. B.: Está bem; vai para onde quiseres.

S.: Se alguém perguntar por mim, digam que não estou aqui.

Sr.ª. B.: Sim, eu digo.

S.: Tenho um pouco de sangue em mim; matei um coelho.

Sr.ª. B.: Vamos proteger-te aqui.

S.: Obrigado, minha senhora; é muito gentil. Oh!!! — Fechem a porta, por favor!

Sr.ª. B.: Sim, vamos fechar a porta; não precisas de estar minimamente alarmado; estás perfeitamente seguro aqui.

S.: Não há nada de errado, sabes.

Sr.ª. B.: Eu só queria garantir-te que estás perfeitamente seguro aqui. Se alguém vier, eu despachá-los-ei.

S.: Sim, faz isso, por favor. Não é nada; apenas tivemos uma pequena discussão, sabes, só isso.

Mr. F.: O que fizeste ao teu coelho?

S.: Ah, deixei-o lá fora. Não sabia se repararias no sangue nas minhas calças. Oh! Não vi nada; não, não vi nada.

Mr. F.: O que te faz parecer tão nervoso?

S.: Estou um pouco nervoso, sim; mas é só isso.

Tom: Pois, eu declaro, John! O que estás aqui a fazer?

S.: Não digas nada sobre mim.

Tom: Gostaria de saber o que fazes aqui?

S.: Parei só um instante para descansar; estava muito cansado.

Tom: És bem-vindo para descansares aqui, porque são bons amigos; recebem toda a gente de braços abertos e nunca dizem com quem estão, por isso não precisas de te alarmar.

S.: A senhora parecia gentil; disse que não contaria – não faz mal.

Tom: O que se passa contigo?

S.: Não há nada a contar.

Tom: Pois não; tenho a certeza de que matar um coelho não é nada de especial para um homem.

S.: Não, isso não é nada. Só pensei que poderiam achar estranho. Oh! Posso subir um momento?

Sr.ª. B.: Sim, podes subir se quiseres.

S.: Não digas que há alguém lá em cima. Vejo-os a chegar! Oh Deus, vejo-os a chegar!

Tom: Agora fica quieto; nada te fará mal. Não sabes que estás fora de perigo agora?

S.: Sim, acho que aqui está tudo bem; é muito calmo e agradável.

Tom: Claro que é, e estamos todos fechados aqui, sem luz; vês? Estás seguro.

S.: Não tenho estado muito bem.

Tom: Pareces mal; pareces estar muito nervoso. Dizes-te John, não é?

S.: Sim; mas isso não importa.

Tom: Não quero contar a ninguém, só que a Sarah me disse que te chamas John. Lembras-te da Sarah?

S.: Ah, sim, lembro-me muito bem; mas como ela te contou?

Tom: Como é que uma pessoa conta algo a outra?

S.: Queres dizer Sarah Mansfield?

Tom: Sim.

S.: Ela morreu há algum tempo.

Tom: Ela está viva como sempre.

S.: Bem, talvez esteja; não sei. Oh!!!

Tom: Por que gritas assim?

S.: Não vi nada.

Tom: Claro que não há nada para veres; acho que tens tremores, não tens?

S.: Oh, não, não.

Tom: Tens bebido demais?

S.: Oh, não, não.

Tom: Então por que gritas de vez em quando?

S.: É só um pouco de nervosismo.

Tom: Olha, John, acho que devias dizer a verdade; se alguém faz algo e confessa, fica muito melhor do que esconder-se assim.

S.: Não estou a esconder nada; não, não, não estou.

Tom: Não adianta tentares manter isto em segredo mais tempo.

S.: Acho que vou-me embora.

Tom: Não, quero que fiques; vou cuidar de ti. Serei um dos melhores amigos que alguma vez tiveste.

Sr.ª. B.: Conta-nos o teu problema.

S.: Não há problema nenhum.

Tom: John, tenho algo para te contar. Há muito tempo havia uma menina chamada Lucy. Lembras-te?

S.: Lembrar-me de que Lucy?

Tom: Da tua Lucy.

S.: Claro que me lembro dela.

Tom: Não te lembras de a embalares ao colo e de lhe contares histórias?

S.: Sim, mas isso não interessa; não fales nisso.

Tom: A pequena Lucy é agora um espírito muito lúcido e ama o pai.

S.: Não, ela não podia fazer isso.

Tom: Pois faz.

S.: Tens um pouco de água? Gostava de tirar esta mancha.

Sr.ª. B.: Há ali uma bacia com água limpa.

S.: Não fica bem. Oh!!!

Tom: Pois eu declaro! És o homem mais nervoso que alguma vez vi. O que se passa?

S.: Estou a tentar lavá-la.

Tom: Para que queres lavá-la?

S.: Não fica bem; fui descuidado quando matei aquele coelho.

Tom: Não creio que devesses preocupar-te com isso.

S.: Bem, pode meter-me em sarilhos; prefiro tirá-la. Oh! Não! Não! Oh!!!

Tom: Olha, John, quero que me ouças um pouco; tenho uma história para te contar. Porque foste aí àquele sítio?

S.: Silêncio!

Tom: Agora nada te pode fazer mal.

S.: Como sabes alguma coisa sobre isso?

Tom: Porque conheço toda a tua vida passada e tudo sobre ti, como se tivesse vivido contigo; posso entrar no teu ambiente e perceber a tua condição; e neste momento consigo tomar o teu passado e lê-lo como um livro aberto.

S.: Por favor, não fales tão alto.

Tom: As tuas queridas amigas Sarah e Lucy, e muitas outras, estão aqui neste momento.

S.: Oh, não mo digas!

Tom: Não tens medo delas, pois não?

S.: Tenho sim; oh Deus, tenho medo.

Tom: Do que tens medo? Elas amam-te e vieram ajudar-te. Diz, John, sabes que algo muito estranho te aconteceu?

S.: Bem, não interessa. Sei que sabes tudo, por isso vou entregar-me. Podes prender-me, se quiseres.

Tom: Não quero prender-te. Estás perfeitamente seguro aqui, John. Já pagaste a tua pena.

S.: Oh, estou cansado e farto disto.

Tom: Sim, eu sei; e os teus amigos lamentam-se por ti e vão ajudar-te.

S.: Tortura! tortura! Oh, não me fales.

Tom: Sinto muito por ti; mas não sabes que há uma oportunidade para ti? — uma oportunidade de reparar este erro?

S.: Não há hipótese — nenhuma hipótese.

Tom: Oh, há sim, John.

S.: Depois de todos estes anos de tortura? É inútil. Mais vale entregar-me; não posso mais encobrir — não mais — não mais.

Tom: Por que fizeste isso? Conta tudo aos amigos e sentir-te-ás muito melhor; depois tenho algo para te dizer que te fará sentir melhor. Vamos lá, John, fa-lo por causa da Lucy e da Sarah, porque ambas te amam; e aqui tens uma oportunidade, somos todos amigos. Diz, John, alguma vez pensaste como seria quando chegares à mudança chamada morte?

S.: Oh, pensei e pensei até que ficou gravado no meu coração e no meu cérebro.

Tom: Alguma vez pensaste, ou conseguiste perceber, que às vezes as pessoas fazem essa mudança chamada morte sem se aperceberem?

S.: Não, não sei isso.

Tom: Sabes, já tive essa experiência com muita gente? Entrei em contacto com muitas almas que fizeram a mudança chamada morte — ou seja, que largaram o corpo — e não sabiam. Mas os amigos delas veem e percebem a condição — os amigos que já passaram para além do corpo e subiram a esferas superiores — e ficam tristes ao ver a condição em que estão aqueles que amavam e continuam a amar. É assim com os teus amigos neste momento; eles percebem a tua condição; amam-te, talvez mais do que nunca.

S.: Isso pareceria impossível, se eles soubessem.

Tom: Eles sabem, e veem a infeliz sequência de circunstâncias que te forçou a agir assim; sentem piedade por ti e desejam pôr-te no caminho certo, para que possas, tanto quanto possível, compensar os erros que cometeste, de modo que a tua alma e espírito possam desdobrar-se e crescer, e que possas reparar os atos que praticaste enquanto estavas no corpo.

S.: Eu não fiz nada. Falas como se tivesse feito algo. Oh!!! Lá está ele! Matei-o! Matei-o! Matei-o! Disse-o. Não podia suportar mais. Não posso viver e ver aquele rosto — não, não, não. Faz de mim o que quiseres.

Tom: John, sabes que fizeste a mudança chamada morte?

S.: Não sei. Coisas horríveis me aconteceram e ocuparam a minha vida. O que posso fazer? Já te disse. Já o disse. Fico contente por o ter dito. Podes chamar as autoridades quando quiseres.

Tom: As autoridades da vida terrena não têm agora qualquer poder sobre ti. Estás num lugar onde não podem tocar-te nem te fazer mal, porque deixaste o teu corpo antigo.

S.: Será?

Tom: Foi isso.

S.: Bem, pouco importa — pouco importa.

Tom: Foste trazido aqui esta noite, sem o saberes, por aqueles cujo poder de vontade é tal que podem rodear alguém e conduzi-lo a este lugar, onde foste trazido para ser ajudado e assistido a sair da condição terrível em que te encontravas.

S.: Aceitarei quaisquer condições, não importa quais. Estou tão fatigado. Tentei e tentei encobrir tudo. Tu sabes como é. Já te contei.

Tom: Eu sabia como era antes de me contares. Sou um espírito, tal como tu; e os teus amigos no plano espiritual prepararam-me em parte para falar contigo, desejaram que te ajudasse e ensinasse a sair das condições terríveis em que te colocaste pelos atos cometidos enquanto estavas no corpo.

S.: Será bom se me conseguires ajudar a apagar estas manchas de sangue. Não pedirei mais; gravaram-se na minha alma.

Tom: Posso e ajudo-te; mas terás de trabalhar quando estiveres preparado e capaz de servir os outros, pois há muitos em condições semelhantes à tua; e aquele que passou além dessas condições pode voltar a elas para auxiliar outros. Esse será o teu trabalho quando estiveres suficientemente preparado, pois terás compaixão de quem, como tu, cometeu erros.

Tom: Agora nada te pode fazer mal.

S.: Como sabes alguma coisa sobre isso?

Tom: Porque conheço toda a tua vida passada e tudo sobre ti, como se tivesse vivido contigo; posso entrar no teu ambiente e perceber a tua condição; e neste momento consigo tomar o teu passado e lê-lo como um livro aberto.

S.: Por favor, não fales tão alto.

Tom: As tuas queridas amigas Sarah e Lucy, e muitas outras, estão aqui neste momento.

S.: Oh, não me digas!

Tom: Não tens medo delas, pois não?

S.: Tenho sim; oh Deus, tenho medo.

Tom: Do que tens medo? Elas amam-te e vieram ajudar-te. Diz, John, sabes que algo muito estranho te aconteceu?

S.: Bem, não interessa. Sei que sabes tudo, por isso vou entregar-me. Podes prender-me, se quiseres.

Tom: Não quero prender-te. Estás perfeitamente seguro aqui, John. Já pagaste a tua pena.

S.: Oh, estou cansado e farto disto.

Tom: Sim, eu sei; e os teus amigos lamentam-se por ti e vão ajudar-te.

S.: Tortura! Tortura! Oh, não me fales.

Tom: Sinto muito por ti; mas não sabes que há uma oportunidade para ti — uma oportunidade de reparar este erro?

S.: Não há hipótese — nenhuma hipótese.

Tom: Oh, há sim, John.

S.: Depois de todos estes anos de tortura? É inútil. Mais vale entregar-me; não posso encobrir isto por mais tempo — não mais — não mais.

Tom: Por que fizeste isso? Conta tudo aos amigos e sentir-te-ás muito melhor; depois tenho algo para te dizer que te fará sentir melhor. Vamos lá, John, faz por causa da Lucy e da Sarah, porque ambas te amam; e aqui tens uma oportunidade, somos todos amigos. Diz, John, alguma vez pensaste como seria quando chegares à mudança chamada morte?

S.: Oh, pensei e pensei até que ficou gravado no meu coração e no meu cérebro.

Tom: Alguma vez pensaste, ou conseguiste perceber, que às vezes as pessoas fazem essa mudança chamada morte sem se aperceberem?

S.: Não, não sei isso.

Tom: Sabes, já tive essa experiência com muita gente? Entrei em contacto com muitas almas que fizeram a mudança chamada morte — isto é, largaram o corpo — e não sabiam. Mas os amigos delas veem e percebem a condição — os amigos que já passaram para além do corpo e

subiram a esferas superiores — e ficam tristes ao ver a condição em que estão aqueles que amavam e continuam a amar. É assim com os teus amigos neste momento; eles percebem a tua condição; amam-te, talvez mais do que nunca.

S.: Isso pareceria impossível se eles soubessem.

Tom: Eles sabem, e veem a infeliz sequência de circunstâncias que te obrigou a agir assim; sentem piedade por ti e querem pôr-te no bom caminho, para que possas, tanto quanto possível, compensar os erros que cometeste, de modo que a tua alma e espírito possam desdobrar-se e crescer, e que possas reparar os atos que praticaste enquanto estavas no corpo.

S.: Eu não fiz nada. Falas como se tivesse feito algo. Oh!!! Lá está ele! Matei-o! Matei-o! Matei-o! Disse-o. Não podia suportar mais. Não posso viver e ver aquele rosto — não, não, não. Faz de mim o que quiseres.

Tom: John, sabes que fizeste a mudança chamada morte?

S.: Não sei. Coisas horríveis me aconteceram e entraram na minha vida. O que posso fazer? Já te disse. Já o disse. Fico aliviado por o ter dito. Podes chamar as autoridades quando quiseres.

Tom: As autoridades da vida terrena não têm agora qualquer poder sobre ti. Estás num lugar onde não podem tocar-te nem te fazer mal, porque deixaste o teu corpo antigo.

S.: Será?

Tom: Foi isso.

S.: Bem, pouco importa — pouco importa.

Tom: Foste trazido aqui esta noite, sem o saberes, por aqueles cujo poder de vontade é tal que podem rodear alguém e conduzi-lo a este lugar, onde foste trazido para ser ajudado e assistido a sair da condição terrível em que te encontravas.

S.: Aceitarei quaisquer condições, não importa quais. Estou tão fatigado. Tentei e tentei encobrir tudo. Sabes como é. Já te contei.

Tom: Eu soube como era antes de me contares. Sou um espírito, tal como tu; e os teus amigos no plano espiritual prepararam-me para falar contigo, desejavam que te ajudasse e ensinasse a sair das condições terríveis em que te colocaste pelos atos cometidos enquanto estavas no corpo.

S.: Será bom se me conseguires ajudar a apagar estas manchas de sangue. Não pedirei mais; gravaram-se na minha alma.

Tom: Posso e ajudarei; mas terás de trabalhar quando estiveres preparado e capaz de servir os outros, pois há muitos em condições semelhantes à tua; e aquele que já passou além dessas condições pode voltar a elas para auxiliar outros. Esse será o teu trabalho quando estiveres suficientemente preparado, pois terás compaixão de quem, como tu, cometeu erros.

S.: De facto, ajudaria.

Tom: E ajudando os outros desta forma, ajudar-te-ás a ti próprio a apagar essas manchas tão gravadas na tua alma. Foste atraído a este lugar por aqueles que te amam; e o teu espírito foi revestido com matéria, para que pudesses falar e praticamente libertar o peso terrível que sobrecarregava a tua alma. E quando essa matéria for retirada de ti, eu tomarei conta de ti, e sentirás que parte — ainda que pequena — desse peso terrível que se prendia à tua alma foi removida.

S.: Espero e rezo que seja assim. Obrigado, senhora, vou-me embora.

Tom: Antes de partires, não gostarias de ver-me?

S.: Não, não; vem cá. Vamos.

Tom: Diz "boa noite" aos amáveis amigos, pois ajudaram-te muito. E ficarás disposto, pois, a tentar chegar aos que te amam?

Domingo à noite, 26 de outubro de 1890.

Esta noite trouxemos um homem que caiu numa cuba de líquido a ferver. Teremos de desmaterializá-lo várias vezes, devido ao modo anormal como morreu.

Eva.

S.: Hum! — Oh! (Ele tem de emitir esses sons antes de conseguir reunir forças para falar. Eva.)

S.: Pois, lembro-me de ter caído! Oh, sim, caí! O que me aconteceu? Sinto-me tão estranho.

Sr. B.: Lembras-te de ter caído na cuba?

S.: Sim, lembro-me; mas sinto-me esquisito. Sinto aquela queimadura. (Ele está desmaterializado.) Sinto-me melhor agora. Foi uma queda horrível; senti-a bater em mim.

Bem, isto é muito estranho! Caiu tudo de mim e tenho carne nova!

Sr. B.: Tens carne em ti agora, não tens?

S.: Sim, isso faz-me sentir melhor. Aquele desprender-se foi muito mau. Onde estão os rapazes?

Sr. B.: Presumo que estejam na fábrica. Onde estavas quando te magoaste?

S.: Estava ali — vês? Fui lá arranjar qualquer coisa, escorreguei e caí.

Sr. B.: Não te sentiste muito mal quando caíste na cuba de líquido a ferver?

S.: Como diabo foi possível eu estar vivo?

Sr. B.: Ficarias surpreendido se descobrisses que não viveste?

S.: A minha pele está a desprender-se!

(Temo-lo materializado e despojado dele doze vezes desde que falei contigo. É um caso grave, por o corpo dele ter ficado convertido em carvão; na dissolução do espírito do corpo, é natural que os gases saiam e ajudem o espírito a tomar posse do corpo espiritual. Dentro de nós há um corpo espiritual que tomamos quando deixamos o corpo velho. Num caso assim, a saída é muito lenta; e, embora não sofram, ficam em transe muito tempo até concluir-se o processo; ao trazê-los aqui e materializá-los, pondo-lhes e tirando-lhes matéria, a morte torna-se mais natural. — Eva.)

S.: Suponho que posso voltar ao trabalho agora?

Tom: Ainda não. Espera até te sentires um pouco melhor.

S.: Oh, sinto-me muito bem agora!

Tom: Mas é melhor descansares mais um pouco.

S.: Tenho descansado.

Tom: Sim, sei; mas não te apresses.

S.: Sinto-me mais ou menos tão bem como sempre.

Tom: Pode ser; mas acho melhor não te apresses demasiado. Conseguirão safar-se sem ti um dia ou dois, não achas?

S.: Sim, acho que conseguem; mas gostava de ver alguns rapazes.

Tom: Podes esperar um dia ou dois, suponho?

S.: Não me sinto totalmente bem — era isso.

Tom: Pensei que não seria bom apressares-te.

S.: Devo ir com calma.

Tom: Sim, vai com calma.

S.: De onde vens?

Tom: Vim de Nova Iorque.

S.: Foste? É uma cidade grande, não é?

Tom: Sim, é um lugar enorme.

S.: Já lá estive. Faz-se muito negócio lá, não faz?

Tom: Oh, sim! Há lá muita atividade.

S.: Uma vez pensei em ir viver para lá.

Tom: Há muita vida lá; há muito para ver e aprender.

S.: Às vezes as pessoas aprendem o que não querem saber, também, não é?

Tom: Não creio que muitas aprendam o que não querem; penso que a maioria procura aprender o que mais deseja; mas tal nem sempre é o melhor para elas.

S.: Mas quando alguém é assaltado, não quer aprender isso, especialmente se o roubarem de tudo o que tem.

Tom: Não; mas podes ser roubado noutros locais, além de Nova Iorque, e também assassinado.

S.: Oh, sim!

Tom: Sabes que houve um homem na tua cidade que foi assassinado?

S.: A que pessoa te referes?

Tom: Não conheces o Sr. Thompson?

S.: Sim, conheço o Sr. Thompson. Sim, essas coisas acontecem por todo o lado; mas acho que não há tantos casos em parte alguma como em Nova Iorque.

Tom: Sabes, lá há tantas pessoas reunidas, de tantas nacionalidades; existe um elemento violento.

S.: Sim, é verdade. Oh, digo-te que vi coisas duras quando lá estive!

Tom: Há quanto tempo é que lá estiveste?

S.: Estive lá há dois anos. Mora lá?

Tom: Morava lá.

S.: Qual era a tua profissão?

Tom: Era cocheiro.

S.: Para alguns daqueles figurões, suponho?

Tom: Sim; a minha senhora era uma mulher muito rica e, claro, eu via muito do grande mundo.

S.: Acho que não gostava disso.

Tom: Nem sempre gostamos das condições em que a vida nos coloca; mas descobri que o melhor é aproveitar ao máximo o que temos, porque não adianta lamentar-se se não podemos mudar.

S.: Sim; mas se não gostas, podes sair— não podes?— e experimentar outra coisa.

Tom: Sim; mas por vezes não há mais nada a fazer. Qual era o teu ofício?

S.: Oh, eu não tinha grande ofício!

Tom: O que fazias?

S.: Trabalhava na fábrica de sabão; mas lá tínhamos um bom patrão. Oh, ele era um tipo simpático!

Tom: Como se chamava?

S.: Chamava-se Rogers. Conhece-lo, não conheces?

Tom: Não, não o conheço.

S.: Gostava de saber o que aquelas pessoas estão a fazer ali. Estarão numa reunião campal, ou que diabo será?

Tom: Observa e talvez consigas ver outra coisa. O que te parece que estão a fazer?

S.: Só te perguntei. Pensei que pudesses saber.

Tom: Eu sei; e daqui a pouco direi tudo. Queria ouvir a tua opinião.

S.: Não tenho opinião. Nunca tive uma na vida.

Tom: Quantos anos tens?

S.: Tenho vinte.

Tom: És um jovem, pois não?

S.: Pois devia ser! Não suponhas que sou velho, suponho?

Tom: Eu sabia que não eras velho.

S.: Ora, não conheço ninguém aqui! Como, diabos, vim aqui parar?

Tom: Estas são pessoas boas e amáveis que te ajudaram. Sabes que estiveste muito doente.

S.: Eu sabia que tinha caído. Pensei que já estava acabado, de certeza.

Tom: Sabes que caíste naquela cuba de sabão quente?

S.: Pensei que ia cair nela. Como aconteceu? Acho que ainda estou meio fora de mim.

Tom: Caiste nesse sabão. Isso é motivo suficiente para deixar qualquer homem doente por um tempo, não é?

S.: Pois devia ser. Mas eu não caí no sabão; se tivesse caído, estaria morto como um peixe.

Tom: Não suponhas que, se tivesses caído naquele sabão, estarias morto, pois não?

S.: Claro que estaria!

Tom: Não, não terias morrido; mas isso teria separado o teu espírito do corpo, porque teria tornado o corpo inabitável para o espírito; mas ainda assim continuarias vivo. Olha, Rob, sabias que, às vezes, quando as pessoas sofrem acidentes terríveis e morrem, não sabem o que lhes aconteceu?

S.: Suponho que sim.

Tom: Agora quero fazer-te uma pergunta séria: alguma vez tiveste ideia de como seria a mudança chamada morte?

S.: Não, não saberia dizer.

Tom: Não; és um homem sem ideias; claro que não tiveste ideia sobre esse assunto.

S.: Sabes por que sou um homem sem ideias?

Tom: Não — porquê?

S.: Bem, acontecesse o que acontecesse, a velha tia Sarah dizia: "Que ideia! — que ideia!" — e eu fartava-me disso.

Tom: Não te censuro. Bem, não direi "ideia"; direi: alguma vez tiveste pensamento sobre esse assunto?

S.: Não me lembro de ter pensado muito nisso.

Tom: Ias à igreja?

S.: Às vezes. E tu, vais à igreja?

Tom: Não; mas costumava — agora vou, mas não a uma igreja como a que pensas.

S.: Que igreja acharias que eu pensaria?

Tom: Não a igreja que tens na tua cidade. Agora compreendes, não compreendes?

S.: Sim; és um homem perspicaz.

Tom: És um bom rapaz.

S.: Não são muitos os que me dizem isso.

Tom: Foste um pouco selvagem, mas tinhas um bom coração. Se tivesses um cêntimo no bolso e viesses um homem com fome, dar-lhe-ias metade; quem sabe se não lhe darias tudo e ficarias sem nada.

S.: Isso é conversa fiada irlandesa.

Tom: Há aqui um tipo chamado Ned.

S.: Não conheço nenhum Ned.

Tom: Bem, eu conheço. Ele quer que te pergunte se te lembras da vez em que tu e ele foram nadar ali junto ao rio — no rio, quero dizer?

S.: Já suspeitava que ele diria "junto ao rio".

Tom: Ele disse isso; mas achei que soaria estranho. Aquele Ned era um tipo cómico, não era?

S.: Sim, lembro-me de ele nadar junto ao rio.

Tom: Olha, Bob, o que quer dizer o Ned? Ele está a segurar um daqueles velhos chapéus bizarros que já vi.

S.: Pois, era isso que ele vestira no baile.

Tom: Também trajaste uma capota naquele baile?

S.: Claro que sim. Mas diz lá, afinal, do que estás a falar?

Tom: Estou a falar do Ned.

S.: Mas ele está morto.

Tom: Não está morto – apenas se afastou do corpo. Nunca te vi antes, e tu nunca me viste; só sei que o Ned está aqui e ergueu uma velha capota.

S.: Isto é muito estranho. Não sei o que pensar.

Tom: Dizia-te que, por vezes, quando as pessoas sofrem acidentes e o corpo se torna impróprio para o espírito ali permanecer, o espírito sai do corpo, e é isso que chamamos morte. E muitas vezes, quando o espírito se separa do corpo de forma tão repentina, elas não se apercebem, não é como uma doença que gradualmente liberta o espírito de modo natural. Mas, quando sai por acidente – atropelamento, afogamento ou cair num tanque de sabão quente – nada sentem. Foi isso que te aconteceu agora; não achas que caíste nesse tanque de sabão quente?

S.: Não pensei que fosse cair.

Tom: Mas agora não sabes que caíste, pois não?

S.: Como poderia estar viva se tivesse caído?

Tom: Podes estar viva, porque o espírito nunca morre. Ficarias assustada se descobrisses que o teu espírito se libertou do corpo?

S.: Oh, não.

Tom: Então não te importarias muito, pois não?

S.: Importar-me-ia, mas não teria medo.

Tom: Porquê?

S.: Morrer é uma coisa terrível, sabes.

Tom: Ah, não; morrer naturalmente é belo, mas é um choque tremendo para o espírito sair de forma súbita ou por acidente. E, por isso, vou dizer-te, Robert, foi um grande choque para o teu espírito.

S.: Para o meu espírito!? O que queres dizer com isso?

Tom: Foi um choque para o teu espírito quando caíste naquele tanque de sabão quente, porque o teu espírito se separou do corpo.

S.: O que queres dizer?

Tom: Quero dizer que fizeste a mudança que chamamos morte, meu querido rapaz, pois não és senão um rapaz.

S.: Bem, tu também não és muito mais que um rapaz, és?

Tom: Claro que sou.

S.: Não pareces.

Tom: É que tu não me vês.

S.: Acredito que sim.

Tom: Sei que pensas que me vês, mas vês apenas o jovem cujas faculdades de fala estou a usar para falar contigo.

S.: Pois, o que me disseste?

Tom: Disse que fizeste a mudança chamada morte.

S.: Fiz a mudança chamada morte!

Tom: Sim.

S.: Queres dizer que morri?
Tom: Morreste, mas não estás morto; o teu espírito apenas deixou o corpo; sentes-te exatamente como antes até te aperceberes da tua condição e explorares os teus novos arredores e tudo o que pertence à vida espiritual que agora começaste a viver.

S.: Bem, isto parece-me muito estranho.

Tom: Trouxeram-te aqui para que te apercebesses disso e fosses encaminhado para os teus amigos espirituais, interessados na tua condição. Agora vou mostrar-te a mim mesmo como espírito, para que percebas a diferença entre mim e o jovem.

S.: Isto está pegajoso, não está?

Mr. B.: Observa-o atentamente e diz-nos o que vês.

S.: Ali, esse homem sai mesmo de dentro dele – é um caso claro, vi-o com os meus próprios olhos.

Mr. B.: Sim, é o espírito que ocupou temporariamente o jovem para falar contigo; ele controlou-o.

S.: Ele fez isso!?

Mr. B.: Sim, e em breve regressará para falar contigo outra vez.

S.: Já voltou para dentro dele. Gostava de saber o que se passa com a minha mão; sinto-a meio dormente.

Tom: Isso passará em breve; foi um choque muito grande para o teu espírito morreres assim (uso estes termos para que me percebas melhor) e os efeitos ainda se fazem sentir. Mas, dentro de pouco tempo, essa sensação desaparecerá e sentir-te-ás melhor. Viste-me, Robert?

S.: Vi alguém, se eras tu.

Tom: Sim, era eu; chamo-me Tom.

S.: Tom quem?

Tom: Agora não importa – não saberias; mas podes chamar-me Tom. Sou um espírito e vim aqui controlar este jovem e falar contigo.

S.: É isso que fazes sempre?

Tom: Não sempre, mas na maior parte do tempo ajudo espíritos que morrem sem se aperceberem disso, para se familiarizarem com os novos arredores e iniciarem a vida em que agora entraram. Gostarias de ver o Ned?

S.: Bem, não sei; é tudo um pouco misterioso. Sei que algo me aconteceu, pois vi coisas que nunca vira antes; mas não entendo. Lembro-me de cair e agora lembro-me de bater; recordo-o muito bem. Rob, acho que és um cadáver.

Tom: És um cadáver bem animado. Estás vivo na mesma, apenas entraste numa nova vida. É como entrar numa cidade ou país estranho; ficas baralhado. Se fosses para a China e só viesses chineses, sem perceber uma palavra do que dizem, ficavas muito confuso. Então, será de estranhar que, ao deixares o teu corpo de forma tão súbita, te sintas estranho? Dir-te-ei, Robert, que te levarei a ver coisas muito bonitas e tentarei ensinar-te tudo o que puder sobre a vida que agora começaste.

S.: Onde me levas?

Tom: Levar-te-ei a um lugar adequado à tua condição atual. Cuidarei de ti até conseguires andar sozinho.

S.: Oh, eu posso andar muito bem.

Tom: Sim; mas falo em sentido figurado — quero dizer até compreenderes melhor as tuas novas condições e o meio em que te encontras.

S.: Bem, acho que terei de aceitar.

Tom: Há muitas coisas luminosas e belas à tua espera.

S.: Espero que sim.

Tom: Esta é uma vida magnífica em que agora entraste, uma vida em que podes aprender sobre a sabedoria e a glória deste vasto universo; não tudo de uma vez, mas dia a dia, hora a hora, surgirá sempre uma nova lição, para que descubras cada vez mais os maravilhosos poderes que possuis nessa centelha divina — a alma.

S.: Bem, não percebo muito de divindade, mas se houver algo agradável para ver, gostaria de ver.

Tom: Levar-te-ei a contemplar coisas muito apetecíveis que certamente te interessarão.

Jimmy: Quando souberes que tens razão, mantém-te firme, custe o que custar, e vencerás. Quando deixares de respirar neste corpo mortal, verás que deixaste um caminho luminoso atrás de ti, e essa luz será guia para os outros.

Quinta-feira à noite, 4 de dezembro de 1890.
Estamos prestes a materializar bastantes espíritos esta noite. Aquele que vai falar morreu enquanto experimentava um par de sapatos. Digo-vos isto para perceberdes a sua maneira peculiar de falar. A experiência dele servirá de auxílio aos outros. — Eva.

S.: Não consigo calçar isto — é demasiado pequeno. Dá-me outro par!

Sr.ª. B.: Claro, terás outro par. Este é pequeno demais, não é?

S.: Sim, é pequeno demais. Onde foi ele?

Sr.ª. B.: Foi buscar outro par.

S.: Diz-lhe para os trazer depressa — não quero ficar aqui o dia todo!

Sr.ª. B.: Acabou de sair para buscar um de tamanho maior. Que número calças?

S.: Oh, pfft! Isto nem cabe! Diz-lhe para vir cá! Onde está ele?

Mr. F.: Vai aparecer em breve. Esse par não serve?

S.: Não; não serve a nenhum homem decente! Não presta para nada!

Sr.ª. B.: Talvez traga um par que te sirva melhor. Que número calças, afinal?

S.: Calço o que me serve.

Sr.ª. B.: Ele está a tentar encontrar o número certo.

S.: Parece que o está a fabricar!

Mr. F.: Talvez tenhas de ir a outra loja.

S.: Pois, acho que tenho. Não hei de esperar aqui muito mais.

Mr. F.: Acho que seria bom repousares um pouco. Estás com um aspeto pálido. Não te sentes bem?

S.: Não estou muito bem — mas estou razoavelmente bem. Não tenho nada de grave.

Mr. F.: Mesmo assim, repousa um pouco.

S.: Se esperasse por ele teria de descansar até ao fim dos tempos! Então, fala tu com ele!

Mr. F.: Tens alguma urgência especial? Algo importante para fazer?

S.: Tenho, sim! Dá-me os meus sapatos velhos e vou embora! Onde estão os meus sapatos antigos?

Sr.ª. B.: Talvez os tenha levado para usar de modelo.

S.: Ou quero uns sapatos novos, ou quero os meus velhos. Preciso de calçado. Não suporto isto por mais tempo! Rapaz, diz a esse homem para me trazer os sapatos!

Tom: Fica aí sossegado um instante.

S.: Vás lá dizer-lhe para trazer os meus sapatos?

Tom: Não sei. Eu não trabalho aqui.

S.: Então para que estás aqui a intrometer-te?

Tom: Entrei e vi que estavas inquieto por causa dos sapatos, por isso pensei falar contigo.

S.: Já cá estou quase todo o dia.

Tom: Parece muito tempo, não parece?

S.: Claro que é muito tempo!

Tom: Vais sair daqui bem. Se não tiveres os sapatos, terás outra coisa que te satisfará tanto como eles.

S.: O que será?

Tom: Algo que te surpreenderá bastante.

S.: Acho que não! Acho que não!

Tom: Não acreditas em surpresas?

S.: Não.

Tom: Aposto que ficarás muito surpreendido antes de acabar comigo.

S.: O que vais fazer?

Tom: Vou dizer-te algo que te interessará imenso.

S.: Oh, pfft!

Tom: Não achas que posso?

S.: Acho que não.

Tom: Sabes, vejo algo estranho em ti?

S.: Eu também vejo algo estranho em ti! Vejo que és um patife inútil!

Tom: Estás muito enganado. Se eu não soubesse que estavas enganado, talvez me pusesse um pouco atrevido contigo; mas sinto pena de ti.

S.: Não tenho nada de mal para que te precises compadecer de mim.

Tom: Sinto pena de ti porque te expressaste sobre mim de forma que não devias, pois não sabes.

S.: Desculpa se disse algo que não devia. Não quero magoar-te.

Tom: Ó homem, queria dizer-te que há uma mulher junto a ti, e ela diz que se chama Becky.

S.: Junto a mim?

Tom: Sim.

S.: Oh, não; não vejo ninguém.

Tom: Não faz diferença se não a vês — ela está lá na mesma. O cego não vê os belos pássaros e as flores, mas eles existem na mesma, não existem?

S.: Não percebo nada disto. Quero os meus sapatos. Não quero ficar aqui de meias. Se tens algo a ver com o patrão, diz-lhe para trazer os meus sapatos!

Tom: Queria tanto dizer-te o que vi em ti. Queria falar-te da Becky.

S.: Que Becky é essa?

Tom: Não conheces a Becky que é tua — tua mulher?

S.: Sim, senhor.

Tom: Pois, ela está mesmo ao teu lado.

S.: Oh, não! não!

Tom: Ela diz que te chamas George.

S.: Como sabes?

Tom: A Becky disse-mo. Sabes que nunca me viste antes.

S.: Não, acho que nunca te vi.

Tom: Nem eu te vi antes.

S.: Não viste?

Tom: Não!

S.: Como sabes então todas estas coisas?

Tom: Ela disse-mo.

S.: Não percebo como ela te pode dizer isso.

Tom: Diz que vais à igreja metodista. Vais?

S.: Sim. E tu?

Tom: Não vou.

S.: Porquê?

Tom: Porque não acredito.

S.: A que igreja vais então?

Tom: Vou à igreja de Deus — a natureza.

S.: Igreja de Deus — a natureza? O que queres dizer com isso?

Tom: Deus é a natureza. Não achas que Deus se senta num trono?

S.: A Bíblia fala do trono de Deus.

Tom: Para que quer um trono? Não achas que Deus é um homem sentado num trono?

S.: Não, não acho que seja homem; acho que é Deus.

Tom: Tem de ser homem se lhe chamas "ele". "Ele" não seria "ela", seria? Chamas sempre Deus de "ele" ou "lhe".

S.: Deus é o Pai Todo-Poderoso de todas as coisas, o Criador. "Deus" é só o nome dado ao Criador; foi Ele que criou tudo.

Tom: Se Ele é o Pai, então é homem. Todos os pais são homens, não são?

S.: Falas em sentido humano; não falas em sentido divino.

Tom: Como podemos compreender algo que não seja humano, com o nosso intelecto humano?

S.: Deus é Espírito — o Espírito de Deus.

Tom: Se Deus é espírito, a Becky também é espírito, não é?

S.: Acredito que a Becky está com Deus. É um anjo.

Tom: Então achas que não há anjos, apenas o que está com Deus? Como lhes chamas quando estão com "o outro"?

S.: Há anjos de Deus e anjos das trevas.

Tom: Quem os tornou anjos das trevas?

S.: Os seus próprios pecados.

Tom: O que os levou a pecar?

S.: Rebelaram-se contra Deus.

Tom: Não percebo isso. Não sei como se pode ferir Deus, por mais que se faça.

S.: Eles não ferem Deus; ferem-se a si mesmos.

Tom: Então Deus deveria acolhê-los e cuidar deles. Alegro-me que não exista um diabo, pois todos são salvos; mesmo que cometam erros na vida terrena, há sempre uma oportunidade para todos; não é preciso acreditares nisto ou naquilo para seres salvo.

S.: Achas isso?

Tom: Sei que é assim, pois já estive lá e vi.

S.: Estiveste onde?

Tom: No mundo espiritual.

S.: Como pudeste fazer isso?

Tom: Não vai toda a gente ao mundo espiritual quando morre? Estou vivo, mas deixei o meu corpo velho. Agora não uso o corpo; ele não me pertence, está apenas emprestado.

S.: Como se empresta um corpo?

Tom: Não é bem emprestado; controlo este jovem para falar contigo; sou um espírito a controlá-lo, e foi por isso que pude falar-te da Becky; e por isso ela me pôde dizer que te chamas George e eras metodista. Posso dizer-te muito mais.

S.: Pois, diz; eu ficaria feliz por te ouvir.

Tom: Não sabes que na tua Bíblia, em que tanto acreditas, se conta que anjos vieram ter com o Jacob, comeram e jantaram com ele, e ele fez aquele grande bolo de milho?

S.: Bolo de milho!

Tom: Não sei se era bolo de milho ou de centeio; não faz grande diferença. Acreditas nisso?

S.: Está escrito nas Escrituras.

Tom: É por isso que acreditas?

S.: Tu não acreditas na Bíblia?

Tom: Acredito nela, até certo ponto.

S.: Acreditas na Bíblia?

Tom: Em parte sim, em parte não.

S.: Acho que és incrédulo.

Tom: Não, acredito na verdade. Não acredito em nada que não seja verdade, e tu? Gostarias de acreditar em algo que não fosse verdadeiro?

S.: Não.

Tom: Mas a maioria das pessoas acredita.

S.: Ah, sim, acreditam em muitas coisas falsas; mas não sabem que são falsas, pensam ser verdade.

Tom: Então está tudo bem, pois não podem evitar, pois não? Como sabes que a Bíblia é verdadeira?

S.: Vê há quanto tempo é o livro dos livros — o Deus dos livros. Não há livro igual.

Tom: Quem o tornou assim?

S.: Foi escrito pelos dedos de Deus. Ele inspirou os seus profetas.

Tom: Acho que teve azar às vezes, porque fez os profetas dizer e fazer coisas terríveis; se hoje fizessem essas coisas, iriam parar à prisão. Olha o teu sábio Salomão, por exemplo. Digo-te que a Bíblia foi feita por homens e padres, e são eles que a mantêm viva; foram acumulando ignorância e superstição até formarem um fogo tão grande que ainda arde, e levará tempo até a verdade o extinguir; mas a verdade extinguirá, porque a verdade e o bem prevalecerão.

S.: Não acreditas no Novo Testamento?

Tom: Tão pouco quanto acredito no Antigo. Descobri que é tudo um embuste. Creio que, quando uma pessoa morre e entra na vida espiritual, como eu, e encontra tudo diferente do que é ensinado na Bíblia, isso prova inequivocamente que há um erro.

S.: Parece muito estranho ter morrido e continuares a falar assim.

Tom: Para eu falar contigo e fazer-me entender, tenho de controlar o organismo deste jovem.

S.: Sim, já ouvi falar disto. Já ouvi falar de médiuns fingidos.

Tom: Então terão de haver fingidos na Bíblia, porque não sabes que o Cristo disse — não sei se disse, não lá estava, mas dizem que disse — que "os jovens sonharão sonhos, terão visões e falarão em línguas diversas"? O que queria dizer isso, se não controlo?

S.: Queria dizer que era o espírito de Deus sobre eles. Sabes que, no dia de Pentecostes, sobre eles repousaram línguas de fogo.

Tom: Eu pensaria que lhes haveria de queimar as línguas. Não queria línguas de fogo sobre mim. Agora usa a razão. Dize-me, George, quem é a Nellie?

S.: Nellie quem?

Tom: A tua pequena Nellie.

S.: Ela era a minha pequena Nellie?

Tom: Está aqui. Oh, que menina adorável, não é? E ama o pai. Achas que está salva ou perdida? Agora imagina, George, segundo a tua crença, esta criança estaria perdida porque esqueceste de a batizar. Achas que há um Deus que destruiria uma criança inocente só porque não cumpriu certas formas concebidas pelo homem?

S.: Oh não, pensamos que o batismo é um mandamento e deve ser obedecido.

Tom: Gostarias de me ver, George?

S.: Vejo-te.

Tom: Oh não, não quando controlo o jovem; não me podes ver agora.

S.: Compreendo-te agora.

Tom: Olha para o jovem e verás a minha forma.

S.: Sim, vou olhar. Isto é realmente estranho!

Sr.ª. F.: Vejo algo como um vapor branco que depois toma forma de homem. É o espírito que controla o organismo deste jovem; ele está na vida espiritual.

S.: Estou realmente interessado. Ele costuma vir controlar o jovem?

Sr.ª. F.: Só quando nos sentamos assim; ele faz isso para ajudar almas que foram para a vida espiritual sem se aperceberem de que mudaram, o que chamamos morte.

S.: Parece muito estranho. Não consigo entender.

Sr.ª. F.: Com o tempo compreenderás; foste trazido aqui para entenderes a tua condição.
Tom: Não achas muito estranho que as pessoas possam deixar o corpo sem se aperceberem?

S.: Parece muito estranho.

Tom: Já vi muitos assim.

S.: O jovem sabe que tu o controlas?

Tom: Ah, sim.

S.: Tu não o controlas o tempo todo, pois não?

Tom: Oh, não.

S.: Ele consegue falar por si próprio?

Tom: Oh, sim, falou contigo quando chegaste; não te lembras?

S.: Claro que me lembro; tinha-me esquecido disso. Podes contar-me mais sobre a minha mulher?

Tom: Oh, sim.

S.: Ela está feliz?

Tom: Está muito feliz, e ficará ainda mais quando perceberes melhor a tua condição.

S.: O que é que ela pensa da minha situação? O que quer dizer com isso?

Tom: Lembras-te que te dizia que muitos deixam o corpo — morrem, como dizes — e não se apercebem de que fizeram a mudança chamada morte?

S.: Queres dizer que estão conscientes de existir e não sabem que morreram? Como é possível?

Tom: Porque permanecem no plano terrestre. Muitas vezes, quando as pessoas morrem subitamente, não se apercebem, sentem tudo tão natural. Ficam num estado quase de transe e não percebem o que as rodeia. Os seus sentidos ainda não estão abertos ao mundo espiritual. Têm de ser postos em contacto com o material, ver as suas condições removidas; depois diz-lhes que fizeram a mudança chamada morte e preparam-nos para serem entregues a espíritos que os ensinarão os deveres da vida em que entraram.

S.: Isso parece muito estranho, não parece?

Tom: É muito estranho para quem não fez essa mudança. Estas pessoas sentadas aqui não fizeram a mudança chamada morte.

S.: Não, claro que não.

Tom: Eu fiz a mudança chamada morte e controlo o jovem; viste-me quando o deixei?

S.: Vi.

Tom: Estas pessoas aqui não me podiam ver, mas tu consegues. Agora pensa por um momento: qual será a razão de tu me veres e elas não?

S.: Não sei mesmo como consegues apresentar-te à minha vista e não à delas.

Tom: Imagina que saías e contavas às pessoas que viste um espírito e que esse espírito falou contigo; o que é que elas dir-lhes-iam?

S.: Duvidariam de tal história. Há muitos que acreditam no sobrenatural, e muitos que não acreditam.

Tom: Mas os teus amigos sabem que és um homem honesto e íntegro; não é estranho que não acreditem em ti se contares a tua experiência, quando acreditam em coisas tão incríveis, sem sentido, impossíveis, escritas num livro que ensinaram a considerar como a palavra de Deus? Isso não é justo, quanto mais não seja. Mas as pessoas não pensam por si; seguem o que lhes ensinaram. Os costumes e religiosidades variam de país para país; cada um tem a religião que o seu desenvolvimento mental lhe permitiu. Mentes iluminadas não se satisfazem com esse livro que aceitam sem questionar, porque usam a razão e percebem coisas nele que não podem ser verdade, pois contrariam as leis da natureza. George, sabes onde te encontras presentemente?

S.: Sim, estou na loja de calçado do Parson.

Tom: Em que cidade?

S.: Em Cincinnati. Porque fazes tais perguntas?

Tom: Já não estás em Cincinnati, amigo meu, nem numa loja de calçado.

S.: Então onde estou?

Tom: Estás em Buffalo, Nova Iorque.

S.: Não percebo nada disto.

Tom: Não podes perceber. Ficarias triste se soubesses que deixaste o teu corpo velho, que fizeste a mudança chamada morte?

S.: Não sei.

Tom: Pois, tu fizeste.

S.: É verdade?

Tom: É verdade, amigo meu.

S.: Como aconteceu?

Tom: Quando estavas na loja de calçado a experimentar um par de sapatos, tiveste um colapso e morreste sem voltar a ganhar consciência; deixaste o corpo quase imediatamente. Neste momento, amigos espíritos amáveis revestiram o teu corpo espiritual com matéria que te permite falar como estás a falar agora. E, quando regressaste e te expressaste no plano terrestre, assumiste o teu último pensamento, que era "experimentar um par de sapatos".

S.: É misterioso; não consigo perceber.

Tom: Não consegues porque tudo isto é tão natural. És o George de sempre; o George deixou o corpo; conservas a tua individualidade; és também o mesmo que eras em vida. Há um grupo de espíritos benevolentes (que tu chamarias anjos, tal é o seu brilho), cuja missão é apoiar e auxiliar espíritos como tu, que mudaram sem saber; e foste trazido aqui esta noite para tomares consciência desse facto. Serás entregue a amigos espíritos bondosos, que te ensinarão os deveres da vida em que agora entraste.

S.: Estou contente por saber que os espíritos dos meus amigos se interessam por mim e me vão ajudar.

Tom: Entraste agora numa vida de progresso; é uma vida maravilhosa, e vais ver os teus amigos. Muitos amigos espirituais que te auxiliarão são aqueles que nunca te conheceram em vida. E quero dizer-te, meu amigo, que todos são salvos e, com o tempo, todos são felizes. Não é o que acreditas que te salva, mas o que fazes. Se levares uma vida altruísta e tentares ajudar os outros ao máximo, espalhas o bem à tua frente e acumulas muito no celeiro da natureza para quando fizeres a mudança chamada morte. Serão quadros luminosos a iluminar o teu caminho. Se levares uma vida egoísta e errada, pintas quadros escuros; pois a vida que levas no corpo molda o início da próxima vida.

S.: Sim, sinto que algo diferente certamente me aconteceu.

Tom: Vamos levar-te para onde possas preparar-te, tu e todos os que aqui estão, e ficarás mais familiarizado com as tuas condições, porque agora conseguirás compreender-me melhor como espírito, tendo entrado em contacto comigo desta forma, do que se eu não tivesse falado assim contigo.

S.: Obrigado — agradeço-te. Deve ser música celestial. Só percebo um ou outro acorde. É proveniente da banda celestial, não é?

Tom: Sim, das esferas superiores; chega-te pelos fios do amor e da simpatia. Agora olha, George!

S.: Vejo muita gente — um enorme séquito. Iremos ter com eles?

Tom: Sim. Agora despede-te dos amigos bondosos, e partiremos.

S.: Adeus, amigos!

Quinta-feira à noite, 16 de julho de 1891.

Temos esta noite uma companhia muito estranha — pessoas de todas as classes. Não têm consciência de terem feito a mudança. — Eva.

S.: Vou ser… d—d se não ficar com aquele porco. És um mentiroso! O porco não é teu.

Mr. B.: Foste tu que o criaste?

S.: Não; mas o porco é meu na mesma.

Mr. B.: Então como é que é teu?

S.: Porque eu o comprei.

Mr. B.: Pagaste por ele?

S.: Não sei se isso é da tua conta. Se o comprei, comprei-o.

Mr. B.: Às vezes as pessoas compram coisas e não pagam por elas.

S.: Não quero insinuações dessas agora. Comprei aquele porco, e vou mesmo ficar com ele.

Mr. B.: Se é teu, deves ficar com ele.

S.: É o meu porco, e ele vai perceber que dois também sabem disparar.

Mr. B.: Às vezes só um tem oportunidade de disparar.

S.: Ele fugiu com o porco. Vou acertar-me com ele; o meu sangue ferveu.

S. nº 2: Parece muito estranho — ninguém neste mundo faz o que peço.

Sr.ª. B.: O que queres que te façam?

S.: Quero a carruagem e os cavalos à porta; quero sair. É muito estranho quantas vezes toquei para chamarem a carruagem.

Sr.ª. B.: Talvez a campainha esteja avariada.

S.: Tem de se fazer qualquer coisa. Não suporto isto por mais tempo.

Tom: O que vais fazer?

S.: Comércio nenhum é da tua conta. Sai daqui depressa — desaparece o mais rápido possível.

Tom: Não vou embora. Até gosto da tua aparência e quero conversar contigo.

S.: Não quero nada de ti.

Tom: Eu quero algo de ti.

S.: Que impertinência!

Tom: O que se passa contigo? Não precisas de te armar em fina agora.

S.: Sai da minha casa! Que autoridade tens para aqui estares, vadiola?

Tom: Não sou vadiola.

S.: És um atrevido.

Tom: Pois não, não sou mais atrevido do que tu.

S.: Não quero mais nada de ti, senhor. Vai-te embora.

Tom: Não tenho medo de ti. Não importa se és rico; vais ver que não podes levar o dinheiro quando morres. Não te valerá de nada, por isso usá-lo em benefício alheio enquanto podes, porque, se não o fizeres, arrepender-te-ás.

S.: Que atrevimento!

Tom: Vê lá que estás chocado, não é? Às vezes dá jeito levar um choque. Não és melhor do que ninguém. Eu não me gabaria tanto.

S.: Quem te deu autoridade para me falar assim?

Tom: Não sabes o que fez a tua avó?

S.: Sei.

Tom: Vais sair desta casa, senhor?

S.: Isso não é da tua conta, senhor.

Tom: O teu nome é Bridget.

S.: Sai daqui imediatamente.

Tom: O Bill diz que te chamas Bridget. Sabes, lembras-te do Bill, não lembras-te?

S.: Hannah! Hannah! Vens cá?

Tom: Não conheces o Bill? Refiro-me ao teu primeiro marido.

S.: Hannah! Hannah!

Tom: Ah, podes chamar pela Hannah à vontade; ela não está por aqui e é surda como a campainha. Que é que achas que o Bill diria se te visse agora?

S.: Vais sair desta casa?

Tom: Não posso; estou a divertir-me bem demais.

S.: És um vagabundo, é isso que és.

Tom: Não te lembras do Bill? Que é que achas que ele diria se te visse agora?

S.: Ai de mim! Gostava que aquela rapariga aparecesse.

Tom: O Bill nunca costumava chamar-te Blanche.

S.: Cala a boca? Deixas de falar comigo?

Tom: Não; tenho algo muito importante para te dizer.

S.: Quem és tu, afinal?

Tom: Chamo-me Tom.

S.: Tenho a certeza de que ninguém te deixou entrar aqui, e que direito tens de vir cá?

Tom: Tive de entrar aqui para falar contigo.

S.: Gostava que saísses desta casa imediatamente.

Tom: Olha, eu sei sobre aquela caixa; e se eu saísse e contasse aos jornais o que sei dela, o que é que pensarias disso? Achas que soaria bem?

S.: Serias um tolo se fizesse uma coisa dessas. Que disparates me estás a dizer?

Tom: Acho que estou a falar com sentido. Lembras-te do Bob Jackson?

S.: Estou quase em desespero. O que queres — dinheiro?

Tom: Não, não quero dinheiro nenhum.

S.: Ai de mim! Gostava que estivesses morto.

Tom: Estou morto. Tens medo de mim? Queres que te diga a tua sorte?

S.: És um vidente?

Tom: Pois sim. Acho que há coisas que não querias que te fossem contadas.

S.: Dou-te dinheiro para ires embora e ficares sossegado.

Tom: Não quero dinheiro nenhum.

S.: O que queres? Para que vieste aqui?

Tom: Vim para te ajudar.

S.: Não quero ajuda de alguém como tu. Não sabes com quem estás a falar; disso tenho a certeza.

Tom: Oh, mas sei.

S.: És apenas um vagabundo insolente.

Tom: Posso contar-te tudo sobre a tua vida passada.

S.: Já ouvi o suficiente. Não quero ouvir mais nada.

Tom: Quando vivias na aldeia com o Bill, não vivias como agora, não?

S.: Isso é da tua conta?

Tom: Não; apenas acho que não devias fingir ser aquilo que não és. És falsa de alto a baixo. De que te serve viver essa vida dupla que levas, apenas pelos poucos anos que viverás neste mundo? O que é que achas que te acontecerá quando morreres? Não podes levar contigo esse ambiente requintado. Também não podes levar o dinheiro que tens agora — parte dele, se o obtiveste da forma como suspeito. Eu sei como conseguiste parte do teu dinheiro; e de que te serve tudo isso?

S.: Ai, misericórdia! Não consigo compreender por que me fala assim. Quem te contou tudo isto? Estás a confundir-me com outra pessoa.

Tom: Oh, não; não estou!

S.: Estás certamente!

Tom: Então achas, mas não. Sei por que penteias o cabelo desta forma — porque tens uma cicatriz bem do lado direito da cabeça, que escondes com o cabelo, e não querias que ninguém a visse.

S.: Dou-te dinheiro se te fores embora do país.

Tom: Quanto me dás?

S.: O que te satisfaria?

Tom: Bem, não me satisfarias dessa maneira, porque quero ajudar-te.

S.: Eu nunca te fiz mal.

Tom: Oh, não! E não quero fazer-te qualquer mal. Não te faria mal por nada, porque tenho pena de ti. Tenho pena de quem tenha levado a vida que tu levaste — e que agora levas, pois vives uma vida falsa. De que serve fingir ser aquilo que não és? Ninguém é melhor do que outro: somos todos filhos de Deus.

S.: Como sabes isto?

Tom: Bem, estou a receber grande parte disso do Bill — ele diz que foi o teu primeiro marido. Claro que podes achar isto estranho.

S.: Acho mesmo muito estranho. Acho que és um homem muito estranho.

Tom: Achas que o Bill está morto. Pois, o corpo dele está morto, mas ele vive na mesma; e eu sou um desses seres. Na minha condição atual, posso comunicar-me com espíritos.

S.: Pensei que fosses um tipo esquisito.

Tom: Sim, posso comunicar-me com espíritos; e por isso pude dizer-te o que disse. Gostarias de me ver?

S.: Vejo-te; e queria nunca te ter visto.

Tom: Não me vês.

S.: Sim, vejo-te; e lamento ter-te visto um dia: queria que nunca tivesses entrado na minha vida.

Tom: Não me vês, porque sou um espírito, e estou a controlar este jovem para falar contigo.

S.: Isso é horrível! É terrível! É horrendo!

Tom: É verdade. Muitas coisas horríveis são verdade, e há coisas que não são verdade e que são horríveis. Mas tu não me vês, porque estou a controlar este jovem para falar contigo; e eu quero que me vejas.

S.: Gostava que fosses embora.

Tom: Para quê?

S.: Porque falas de forma tão estranha.

Tom: Serei um dos melhores amigos que alguma vez tiveste. Ficarás ainda mais assustada quando descobrires o que te aconteceu, e vais querer que te ajude nessa altura; por isso é melhor olhares para mim quando tiveres a oportunidade. Agora vou largar o jovem; olha para mim, e verás que sou diferente do rapaz.

Sra. B.: Oh, sim; olha para ele e diz-nos como é que ele se parece!

Sr. B.: O Tom é um espírito lindo.

S.: Oh, meu Deus! — oh, meu! Oh, isso é horrível!

Sr. B.: Não há motivo para ter medo. É lindo!

S.: Oh, isto é muito estranho!

Sr. B.: Não parece ele lindo agora? Não parece bom? Ele é bom.

S.: Já foi embora para sempre?

Sr. B.: Não; ele voltará outra vez para falar contigo; e ficarás muito contente por isso.

Tom (retornando ao Sr. F.): Então, viste-me?

S.: Vi uma coisa muito estranha.

Tom: Viste um espírito, e esse fui eu. Estou morto.

S.: Morreste! Não te compreendo nem entendo de todo.

Tom: Não achas que, quando morres, vais ser um espírito?

S.: Talvez; mas não posso afirmar.

Tom: O que é que achas que te vai acontecer quando morreres?

S.: Não sei.

Tom: Não achas que devias pensar nisso?

S.: Talvez devesse.

Tom: Não podes viver para sempre; e quando morres não podes levar o teu dinheiro contigo — então, o que terás? Onde estarás e o que farás então? Terás de deixar tudo para trás quando morreres.

S.: Suponho que terei de o fazer.

Tom: Claro que terás; e quanto tens guardado do outro lado para ti? Quanto bem fizeste na tua vida? Cada vez só pensaste em ti.

S.: Ai de mim! Assustas-me tanto.

Tom: Por que razão haveria de te assustar? Tenho pena de ti, e a tua irmã Rebecca também tem.

S.: Nunca ninguém me falou assim antes.

Tom: É o meu prazer, como espírito, ajudar almas pobres como tu, porque és pobre.

S.: Por vezes pensei tentar a religião e viver uma vida melhor.

Tom: A religião não te fará bem.

S.: Então, por que me falas assim? Pensei que quisesses que eu ganhasse religião.

Tom: Não; mas quero que vivas uma vida mais altruísta e sejas gentil com quem te rodeia. É a minha missão ajudar almas pobres como tu. Há muitas pessoas que fazem a mudança chamada morte sem dar conta; e sabes que é muito mau ficar zangada; sabes que, da última vez que o médico te viu, ele disse-te para evitar isso, porque tens problemas no coração.

S.: Não consigo evitar ficar zangada. Sei que tenho mau feitio, mas não posso evitar.

Tom: Aquela discussão que tiveste com o James, o teu cocheiro, foi muito má para ti; e muita gente morre sem saber que está morta — não é curioso?

S.: Pois, parece-me estranho.

Tom: E essas pessoas que estão mortas e não sabem vão à solta, e expressam os pensamentos que tinham na mente antes de fazerem a mudança chamada morte; sabes que simplesmente morrer não muda nada. Continuas o mesmo indivíduo; o espírito só se liberta do corpo físico. Agora não deves assustar-te quando te digo que fizeste essa mudança chamada morte, e que por isso não conseguias que ninguém te prestasse atenção, porque não sabiam que ali estavas.

S.: Oh, meu Deus!

Tom: É verdade.

S.: Oh, não — oh, não — não é verdade.

Tom: É assim, ou como é que estarias a falar comigo deste modo, e como me verias como espírito? Nunca tinhas visto um espírito antes, pois não?

S.: Nunca vi nada assim antes.

Tom: Se não tivesses saído do teu corpo antigo, não me verias assim.

S.: És um homem muito estranho. Nunca vi ninguém assim na minha vida.

Tom: Não, claro que não, porque nunca viste ninguém desta forma antes.

S.: Não pode ser.

Tom: É mesmo assim.

S.: Oh, não.

Tom: Levanta a mão agora e verás algo a sair dela.

S.: Vejo. Oh, misericórdia! Estou a desfazer-me.

(Ela desmaterializa-se e rematerializa-se.)

S.: Oh, nunca imaginei que a morte fosse assim. Deve ser por ter mudado de alguma forma.

Tom: Sim, mudaste; mas não te apercebeste dessa mudança, porque morreste muito subitamente de raiva, e isso foi ruim para ti.

S.: O que hei de fazer?

Tom: Queres expulsar-me agora?

S.: Não, não vás.

Tom: Apenas olha à tua volta agora.

S.: Estranho — estranho.

Tom: Sim, deixaste tudo para trás; não podes levar nada contigo; na vida em que agora te encontras tudo é conhecido, e as boas ações contam mais do que a riqueza; já não precisas de dinheiro; entraste numa nova vida — uma vida de eternidade.

S.: O que hei de fazer? O que hei de fazer? O que será de mim?

Tom: Encontrarás muito do que te será desagradável, porque toda a tua vida passada surgirá diante de ti como um livro aberto, e cada erro terá de ser corrigido, e cada falta terá de ser expiada por trabalho e sincero arrependimento da alma; serás ajudada e assistida por muitos espíritos elevados, que já passaram pelos vales até aos píncaros da sabedoria. Se desejares de

coração, isso te será oferecido; segue as instruções que te forem dadas, e poderás resolver os erros do passado.

S.: Sinto-me terrivelmente.

Tom: Sim, estás só, por assim dizer, num país estranho. Quantos atos de bondade praticaste em vida que enviaste à frente? Eles seriam de grande benefício e ajuda para ti agora. Todo o mal deve ser enfrentado e superado por trabalho e arrependimento, e quando eu deixar o jovem, seguirás comigo.

S.: Para onde? Para onde?

Tom: Levar-te-ei onde possas ser ajudada, pois não desejas permanecer nesta condição desagradável; levar-te-ei onde serás auxiliada e instruída sobre a tua nova vida, e como corrigir os erros do passado. Agora estás a ser amparada por espíritos que vestiram o teu corpo espiritual com condições terrenas, para te permitir falar e conversar comigo e com estes amigos da maneira como fizeste.

S.: Não entendo nada disto.

Tom: Não, mas hás de entender.

S.: Estou perdida — completamente perdida.

Tom: Sim; mas serás capaz de compreender melhor com o passar do tempo. Não consegues entender plenamente a tua condição de imediato; mas quando te digo que fizeste a mudança chamada morte, e que estás na vida espiritual, isso é verdade; e quando te digo que muitos fazem essa mudança sem perceberem, porque a vida parece tão semelhante à que tinham, isso também é verdade.

S.: Oh, meu Deus! Quando me dizes isso, parece que algo me cobre por completo.

Tom: Sim; e agora vou deixar o jovem, e levar-te e entregar-te aos que te auxiliarão e ajudarão. Vais comigo?

S.: São estranhos?

Tom: Sim; mas ajudar-te-ão.

S.: Tenho medo.

Tom: Não tenhas medo; eles ajudam-te com amor, bondade e simpatia; só querem tirar-te desta condição escura.

S.: Bem, tenho de o fazer; tudo o resto me abandonou. Foi embora; estou sozinha; não tenho casa. Não vás embora, senhor; não vás.

Tom: Não vou embora; e se o fizer, deixarei contigo aqueles que cuidarão de ti gentilmente. A tua irmã ama-te muito, e ela gostaria que seguisses e cumprisses todas as instruções que te forem dadas, para que possas alcançá-la o mais rápido possível.

S.: Diz-lhe para vir ter comigo.

Tom: Ela virá a seu tempo, quando estiveres preparada para ir ter com ela. Agora vou deixar o jovem, e partiremos.

Por estas conversas com o Tom, conseguimos atraí-los para correntes magnéticas em grupo, para alcançarmos as suas condições; e seria impossível explicar quantos conseguimos atingir desta forma simples.
— Eva.

APÊNDICE B

AS CONDIÇÕES ELÉTRICAS DA ATMOSFERA NO NORTE DOS ESTADOS UNIDOS

Referi no meu livro as condições elétricas da atmosfera em determinados dias nos estados do Norte da América e no Canadá. Acredito que a estas condições se deve a capacidade dos médiuns de nos aproximar tanto do mundo espiritual. Bulwer Lytton tinha consciência disso e declarou-o ao Comité Dialético.

A carta em anexo é de um cavalheiro residente na cidade de Nova Iorque. Ele não é espiritualista.

Mr. James Higgins está, ouso dizer, enganado ao supor que nisso é de algum modo peculiar. Menos de vinte e quatro horas antes de ter o prazer de o conhecer, encontrei um cavalheiro italiano que vivera algum tempo em Nova Iorque; relatou-me uma experiência semelhante.

Descobriremos, com o passar do tempo, que a comunicação com o novo estado de consciência se realiza com a máxima facilidade em condições atmosféricas muito secas e calmas, como as que se encontram em torno dos grandes lagos da América do Norte e nas margens dos grandes desertos de África e Austrália. Durante os dois meses em que a senhora Wriedt esteve na casa do senhor W. T. Stead, em Inglaterra, houve seca.

"Wall Street, Nova Iorque, 9 de Maio de 1911.

Caro Senhor,

Perguntou-me sobre as minhas experiências aqui em Nova Iorque, ao receber choques elétricos ao tocar em objctos metálicos numa sala. Grande parte do meu trabalho faz-se na biblioteca de um escritório de advocacia na Wall Street, nesta cidade.

Trata-se de uma sala ampla, com tapete grosso e macio no chão, e em três das paredes estantes metálicas cheias de livros. Há também um telefone móvel na sala, cujo suporte é de metal. Muitas vezes preciso de retirar livros das estantes e de usar o telefone. Numa dia claro, com pouca humidade na atmosfera, verifico que recebo um choque agudo e desagradável se atravessar a sala e tocar numa das estantes para retirar ou repor um livro, e sucede-me o mesmo ao agarrar o suporte do telefone. Isto tem-me acontecido com tanta frequência que, num dia como o que descrevi, tenho cuidado para não tocar nas estantes ao usar os livros, e envolvo um lenço na mão com que agarro o suporte do telefone, para gáudio dos meus colegas de trabalho.

Sei que outras pessoas no escritório também já receberam choques da mesma forma, mas não tão frequentes nem tão fortes como eu. Na verdade, presumo ser particularmente suscetível à eletricidade na atmosfera.

O meu pai embarcou hoje para Nápoles no Heretic, da White Star Line. Ele espera chegar a Londres dentro de um mês e faz votos de que possa ter o prazer de o ver lá.

Com os melhores cumprimentos,

Muito sinceramente seu,

[Assinado] James C. Higgins.

Ao Almirante W. Usborne Moore,
8 Western Parade,
Southsea,
Hants,
Inglaterra.

APÊNDICE C

O Sr. Hereward Carrington e a Fraude

No corpo deste livro aludi aos métodos indignos de anti-espiritualistas que afirmam explicar "como a coisa é feita" e atribuir todos os fenómenos a meios normais. Aqui proponho dar um breve relato de um exemplo concreto desse género.

Depois de ter visto o Dr. I. K. Funk em Março de 1909, quando conversámos sobre os fenómenos que ocorrem na presença das irmãs Bangs, ele pagou as despesas de um ilusionista, o Sr. Hereward Carrington, para visitar Chicago, pedindo-lhe que observasse as irmãs Bangs e lhe relatasse os fenómenos por ele obtidos em sua presença. O Dr. Funk já as tinha investigado várias vezes; como se verá abaixo, formara uma opinião elevada sobre a genuína mediunidade delas. Ao marcar encontro com as médiuns, ele não revelou o nome do enviado e supôs que o Sr. Carrington se apresentaria incógnito.

O Sr. Carrington foi a Chicago e a outros locais a tratar dos seus assuntos e, por fim, enviou ao Dr. Funk um relatório de carácter negativo. Este foi deixado de lado como sem valor.

Creio que o Sr. Carrington desconhecia que eu já tivera investigado as irmãs Bangs em Janeiro e Março de 1909; e, até à publicação do meu relatório de 1911 na revista Light, ele ignorava que eu lhe pagara uma segunda série de visitas em Janeiro deste ano (ver páginas 331 a 346 deste livro).

Nunca conheci o Sr. Carrington e não guardo qualquer animosidade contra ele. Limito-me a relatar factos e comentar os seus procedimentos obscuros, tal como o próprio descreve nos Annals of Psychical Science, Julho–Setembro de 1910, um jornal inglês do qual é agente na América.

Depois de esperar um ano e três meses após a sua investigação, o Sr. Carrington publicou um extenso artigo nessa revista, acusando as irmãs Bangs de fraude. Não sei se esse artigo

corresponde exatamente ao seu relatório ao Dr. Funk, mas este só o leu em Abril de 1911 e desaprovou a sua publicação.

Como foi publicado num jornal inglês, as irmãs Bangs nada souberam dessa produção caluniosa; fui eu o primeiro a informá-las, em Janeiro de 1911. O esquema da sala apresentado no artigo está errado: a janela e as portas estão nos locais equivocados; a mesa tem o tamanho errado e está num sítio em que nunca esteve; até há uma porta desenhada onde, na realidade, existe um lavatório fixo. O plano indica uma sala sem mobiliário, quando, na verdade, ela está cheia de mobília.

No seu artigo, o Sr. Carrington afirma ter dado nomes falsos. Isso (se de facto lá esteve) garantiria maus resultados, ou nenhuns resultados. A princípio pensei que essa pudesse ser a explicação; mas tive de abandonar essa teoria, menos lisonjeira para o autor.

O plano falso sugere que ele nunca entrou na casa; esta explicação é confirmada pelas irmãs Bangs e pela sua incapacidade de corrigir os erros na correspondência abaixo.

Estou relutante em afirmar categoricamente que um homem até então considerado honesto por aqueles que com ele conviveram pudesse falsificar um relatório de uma sessão sem nunca ter estado na casa; mas não podemos esquecer que lhe era exigido um relatório, pois o Dr. Funk pagara a sua viagem. O facto de ter publicado essa difamação sem dar às suas vítimas a oportunidade de a ler é contra ele. Quem possa tramar tal truque a duas mulheres — duquesas, costureiras ou médiuns — não merece a atenção de pessoas de espírito justo.

Contudo, gostaria de acreditar que, tendo decorrido tanto tempo (culpa do Sr. Carrington), as irmãs Bangs possam ter esquecido que "sentados" receberam numa dada data; os seus clientes chegam a cerca de mil por ano. Tentemos aceitar que ele entrou na sala de sessões.

Agora, qual é a alternativa? Se ele se sentou com May Bangs, como afirma, e ainda assim não consegue descrever com precisão a sala e os seus elementos, que confiança podemos ter de que o seu relato da própria sessão seja exato? Afirmo que qualquer investigador que faça acusações tão graves contra duas mulheres desprotegidas e não as sustente cabalmente, dando uma descrição completa e rigorosa da sala — especialmente das portas, da janela e da mesa — é indigno de crédito e, no que toca a assuntos psíquicos ou de qualquer outra natureza, as suas evidências não merecem o mínimo valor.

O seguinte é a correspondência publicada em Light, referindo-se à página 346 deste livro:

De "Light", 15 de maio de 1911.

AS IRMÃS BANGS E A FRAUDE

Senhor: — Na investigação psíquica está-se verdadeiramente "entre o diabo e o mar profundo"! Se alguém acredita e defende um médium, como eu o fiz no caso de Eusapia Palladino, é logo rotulado de "observador distraído" ou "conivente com o médium"; por outro lado, se descobre fraude, é igualmente criticado — um vil "caçador de médiuns" cujos resultados não são dignos de crédito! Sem dúvida, navega-se aqui entre Escila e Caribdis — e bem pior!

Sinto que devo responder o mais brevemente possível aos artigos do Vice-Almirante W. Usborne Moore, publicados em edições recentes de Light, a que o Dr. Funk me chamou a atenção. Se estou em falta por não ter enviado uma cópia do meu relatório às irmãs Bangs, o Almirante Moore terá igual culpa por não me ter enviado a sua crítica — até porque nem sempre recebo a Light. Contudo, julgo absurdo enviar uma cópia do meu relatório a todos os médiuns expostos.

Poderia analisar detalhadamente os relatórios do Almirante Moore e apontar exatamente onde, a meu ver, emergiu a fraude nas suas sessões de escrita em ardósias; mas tal parece-me desnecessário. Eu não as considero genuínas, o Almirante Moore sim; outros, além de mim, detetaram fraude; o Almirante Moore não — deixemos assim.

Se as irmãs Bangs alguma vez consentissem realizar sessões em condições de prova rigorosas, ficaria extremamente satisfeito e disposto a investigá-las com o máximo cuidado e paciência, publicando um relatório favorável caso não detete fraude — tal como fiz no caso de Eusapia. Não guardo ressentimento contra as irmãs Bangs; antes pelo contrário, o seu trabalho fascina-me sobremaneira.

Devo corrigir uma ou outra afirmação no meu próprio relatório que mereceram críticas justas. (1) Afirmei existir "um espaço na porta atrás de Miss Bangs". Não existe (ou existia) tal espaço. O que quis dizer foi sob a porta — entre o bordo inferior da porta e a faixa de madeira sobre a qual ela assenta. Julgo que mede cerca de dois terços de polegada numa extremidade, afunilando para meia polegada na outra. Isto existia quando lá estive e, sem dúvida, ainda existe.

(2) Quanto à "faixa de madeira que divide as janelas", poderia ter-me expressado com mais clareza. Há uma única janela, como indica o Almirante Moore, voltada para o jardim traseiro. Conta quatro vidraças — duas na parte superior e duas na inferior — divididas por uma faixa de madeira com cerca de uma polegada de largura. Foi essa a faixa que descobri perfurada com pequenos furos. Contudo, uma vez que declarei não atribuir especial significado a esses furos, não percebo porque lhes foi dado tanto relevo.

Em relação à minha presença em Chicago na altura, as dúvidas do Almirante Moore são no mínimo curiosas. Talvez o Dr. Funk o pudesse confirmar; ou então a Sra. Francis — viúva de John B. Francis, editor do Progressive Thinker — a quem também fiz questão de apresentar-me. Ou será que a tela que comprei às irmãs Bangs nessa ocasião, e que ainda conservo, convenceria o Almirante Moore? Diz-se que "ver para crer" — e, no caso do Almirante, é mesmo em mais de um sentido.

Por fim, desejo afirmar o seguinte: se este fenómeno das "retratos espirituais" puder, em condições praticamente idênticas, ser reproduzido por fraude, então, sem dúvida, o seu valor probatório esvai-se. Se se demonstrasse que fenómenos precisamente semelhantes aos de Eusapia pudessem ser produzidos por truques até agora não suspeitados, renunciaria de imediato à minha crença no seu poder. Ainda continuo a acreditar nas suas capacidades porque nenhuma prova contrária foi apresentada. Mas no caso das irmãs Bangs a situação é um pouco diferente.

Durante anos, estes "retratos espirituais" foram a maravilha e o objeto de inveja de todos os ilusionistas e médiuns na América. Tentaram duplicar o seu trabalho, sem êxito. Eu próprio estava "na dúvida" quanto aos retratos e assim o declarei no meu relatório. Após as minhas sessões, o Sr. David P. Abbott e eu trabalhámos juntos nesse problema; mas tive de interromper por falta de tempo, cabendo ao Sr. Abbott prosseguir sozinho. Creio poder afirmar com segurança que ele já conseguiu duplicar exatamente os retratos das irmãs Bangs — e por meio de truque. Não se utilizam químicos, nem fotografia solar, nem pulverizações — nada disso. Escolhem-se duas telas, marcam-se e colocam-se num cavalete iluminado, que é inspecionado. Por trás, coloca-se uma forte lâmpada de arco. Os investigadores podem circular em volta da tela durante todo o processo, observando-a por cima, por baixo, por trás e por todos os lados.

Uma imagem forma-se lentamente no espaço interior — entre as duas telas — com o mesmo acabamento e textura dos retratos das Bangs. Pode fazer-se aparecer gradualmente, abrir os olhos à vontade, etc., exatamente como fazem os seus retratos. O processo é, de facto, externamente idêntico na aparência. Face a isto, julgo que a autenticidade dos "retratos espirituais" das Bangs pode ser seriamente posta em causa! Quanto à escrita em ardósias, estou certo de que poderia reproduzi-la sob as mesmas condições. — Atentamente,

Hereward Carrington.

Senhor: — Tenho a honra de lhe enviar uma carta que acabo de receber do conceituado autor e investigador psíquico Rev. I. K. Funk, D.D. Não restam dúvidas de que o Dr. Funk pediu ao Sr. Hereward Carrington que visitasse as irmãs Bangs. A questão é: "Será que ele chegou a entrar na casa?" As irmãs Bangs negam-no. Lizzie garantiu-me veementemente que o teria reconhecido e que nunca posaram para ele em momento algum. Pessoalmente, pelo que conheço de ambos, não vejo razão para dar mais crédito ao Sr. Carrington do que a Lizzie Bangs.

O que o Dr. Funk designa por "escrita em ardósias" é o fenómeno de escrita espiritual dentro de envelopes selados colocados entre ardósias articuladas, não a "escrita em ardósias" de que costumamos ouvir falar em casos como os de Eglinton, Keeler, os Campbell, etc. — Atentamente,
W. Usborne Moore, Vice-Almirante.

Segue-se a carta do Dr. Funk:

Meu caro Almirante: — Acuso receção da sua carta referente ao artigo do Sr. Carrington, nos Annals of Psychical Science, sobre as irmãs Bangs. Realizei vários testes à mediunidade dessas irmãs, tanto na pintura de retratos como na escrita em ardósias. Testemunho com agrado que não encontrei outros médiuns capazes de me fornecer resultados tão satisfatórios. Em nenhum caso detetei fraude, embora antes da minha primeira visita tivesse lido atentamente o exposé do Dr. Krebs, que me foi facultado pelo Dr. Hodgson.

Certamente não tentaram qualquer dos truques descritos pelo Dr. Krebs, nem aqueles mencionados pelo Sr. Carrington. Tendo sido prevenido contra eles, teria sido extraordinariamente incompetente se tivesse caído nos mesmos.

Costuma ser-me habitual, ao realizar investigações — especialmente quando não consigo explicar certos resultados — convidar outros investigadores perspicazes a efetuarem testes, muitas vezes indicando-lhes os ensaios específicos a realizar. Pedi ao Sr. Carrington que visitasse as senhoras Bangs e efetuasse determinadas investigações, tal como pedi a si e a outros. Nunca solicitei a ninguém que fosse a um médium sob nome falso, pois há muito acredito que a fraude gera fraude nestas investigações. Quando concluir as minhas investigações com estes notáveis médiuns, publicarei de bom grado os resultados exatos.

Está livre para fazer uso de qualquer parte desta carta que considere adequado. — Com a mais elevada consideração,

(Assinado) I. K. Funk.

Nova Iorque, 18 de abril de 1911.

De "Light", 27 de maio de 1911.

SR. HEREWARD CARRINGTON E A FRAUDE

Senhor: — O Sr. Carrington afirma com toda a calma na edição de 13 de maio, p. 226: "Disse que havia uma fenda na porta atrás da Srta. Bangs. Não existe (ou não existia) tal fenda. O que eu quis dizer foi por baixo da porta — entre a aresta inferior da porta e a faixa de madeira sobre a qual esta assenta. (2) Quanto à 'faixa de madeira que divide os vidros das janelas', poderia ter-me expressado com mais clareza. Há uma única janela, como diz o Almirante Moore. Há quatro vidraças. Essas vidraças são divididas por uma faixa de madeira com cerca de uma polegada de largura. Foi essa a faixa que encontrei perfurada por pequenos orifícios", etc.

Aqui vemos admissões curiosas. "Em 'uma porta'" significa "por baixo de uma porta"; "janelas" significa vidraças!

Eu examinei esta sala em 1909, três meses antes da alegada visita do Sr. Carrington, e voltei a inspecioná-la em 1911. Nada foi alterado. Afirmo, sem o menor receio de contradição, que: (1) por baixo da porta existe um espaço ligeiramente inferior a um terço de polegada, uniforme em toda a largura (sem afunilar); (2) esse espaço sobre o limiar é apenas suficiente para a espessura do tapete que lá está colocado; se as irmãs Bangs algum dia pusessem ali um tapete turco ou mesmo um Axminster com feltro por baixo, teriam de cortar parte do limiar ou retirar mais madeira da base da porta; (3) a réstia que separa os vidros tem menos de uma polegada de espessura; (4) não há orifícios suspeitos nela; (5) esta janela está inteiramente visível a partir da Wood Street, pois a casa das irmãs Bangs fica numa esquina!

Quanto à minha presença em Chicago nessa altura, as dúvidas do Sr. Carrington são, no mínimo, uma "isca" posta no caminho com toda a força. Nunca afirmei que ele não estivesse em Chicago — lá esteve, e, sem dúvida, divertiu-se. A questão é: "Terá ele alguma vez entrado na casa das Bangs?" Acredito que não, pois o seu plano é errado e as suas explicações subsequentes são pueris.

E quanto à tela que alegadamente me venderam as irmãs Bangs? Resposta: não me convenceria, pois sei que em Chicago há várias lojas onde se encontram telas idênticas. Pelo que me consta, as irmãs Bangs não lhe venderam nenhuma tela. Que ele apresente o recibo do pagamento!

Não guardo qualquer rancor pessoal contra o Sr. Carrington; não o conheço pessoalmente. Se ele conseguir apresentar um plano correto da sala e descrever os móveis nela existentes — o que, creio, está fora do seu alcance — não insistirei nas falhas de um ou dois centímetros aqui e ali; talvez então conclua que, de facto, esteve dentro da casa. Mas mesmo assim não teríamos avançado muito, pois os erros que já cometeu no seu artigo e nesta sua carta colocam-no na pior das luzes enquanto observador de fenómenos psíquicos ou de qualquer outro tipo.

Sendo o Sr. Carrington colaborador da Light e representante dos Annals of Psychical Science nos Estados Unidos, não seria razoável supor que já tivesse lido as minhas acusações contra ele nas edições de 17 de dezembro de 1910, 25 de março de 1911 e 1 de abril de 1911? Se alguém devia ter-lhe enviado esses números, era o editor da revista onde publicou o seu artigo desonesto.

Ele menciona o Sr. Francis; tenho uma carta desse senhor, datada de 16 de setembro de 1909 (três meses depois da visita do Sr. Carrington a Chicago), na qual escreve: "Quero dizer-lhe com toda a franqueza que acredito que os retratos espirituais das irmãs Bangs são produções genuínas oriundas do mundo espiritual." A ênfase é minha. Posso depositar essa carta consigo, se assim desejar.

Os dois últimos parágrafos da carta do Sr. Carrington contêm outra "isca". O truque Abbott-Marriott é bem conhecido em Inglaterra; já o testemunhei muitas vezes e supera em habilidade quase todos os truques de prestidigitação de que tenho memória. Quando os meus amigos me perguntam como aparecem os retratos das Bangs, digo-lhes: "Vão ver as pinturas espirituais do Dr. Wilmar."

Mas as condições não se assemelham às das irmãs Bangs nem de longe. É necessário um cavalete robusto, e a imagem surge na tela errada. Conheço o método, conhecia-o antes de conhecer o Dr. Wilmar; foi descoberto através de exposições dos meus próprios modelos e por um dos nossos melhores médiuns em transe (cuja modéstia me impede de nomear), por volta da ocasião em que o Sr. David Abbott o identificou.*

Tenho apreço pelo Sr. Abbott; ele confessou que todas as suas teorias sobre os retratos das irmãs Bangs anteriores a 1909 estavam completamente erradas. Pergunto-me: por que razão este diligente prestidigitador não foi ainda ter sessões com as irmãs Bangs? Ele vive a uma distância razoável. Se o fizer, descobrirá que a sua teoria mais recente está tão podre como as anteriores.

Para concluir, digo apenas que as irmãs Bangs não realizam "escrita em ardósias" e que nenhum investigador psíquico nos Estados Unidos a quem eu tenha conhecido se importa minimamente com as crenças do Sr. Carrington. Ele não tem influência e não avança um milímetro a causa do espiritualismo.

Ainda não terminei com este perito da S. P. B., mas temo que a minha carta já esteja demasiado longa; posso aguardar. — Atentamente,
W. Usborne Moore, Vice-Almirante.
8 Western Parade, Southsea.
13 de maio de 1911.

Na edição seguinte da Light, de 3 de junho de 1911, o Editor encerrou a correspondência sobre este assunto, convidando simultaneamente o Sr. Carrington a responder nas suas páginas à carta acima. Até à presente data (10 de agosto de 1911) não houve qualquer resposta. — W. U. M.

E disse o rei ao homem de Deus que viesse consigo, se refrescasse, e que lhe daria recompensa.

E o homem de Deus respondeu ao rei: "Ainda que me dês metade da tua casa, não entrarei contigo, nem comerei pão nem beberei água neste lugar;

porque assim me ordenou a palavra do Senhor, dizendo: 'Não comerás pão nem beberás água, nem voltarás pelo caminho por onde vieste.'"

E ele foi por outro caminho e não voltou pelo mesmo caminho que tinha vindo a Betel.

Havia em Betel um velho profeta; e um dos seus filhos contou-lhe tudo o que o homem de Deus fizera naquele dia em Betel, e também as palavras que ele dissera ao rei.

E o pai perguntou-lhes: "Por que caminho foi ele?" E os seus filhos mostraram-lhe o caminho por onde viera o homem de Deus desde Judá.

Então ele disse aos seus filhos: "Selai-me a jumenta." E selaram-lhe a jumenta, e ele montou nela.

Seguiu-o, pois, e encontrou-o sentado debaixo dum carvalho; e perguntou-lhe: "És tu o homem de Deus que vieste de Judá?" E ele respondeu: "Sou eu."

Então lhe disse: "Vem comigo e come pão." E ele replicou: "Não posso voltar contigo, nem entrar contigo, nem comerei pão nem beberei água contigo neste lugar;

porque a palavra do Senhor me havia dito: 'Não comerás pão nem beberás água neste lugar, nem voltarás pelo caminho por onde vieste.'"

Mas o velho profeta mentiu-lhe, dizendo: "Também eu sou profeta, como tu és; e um anjo falou comigo pela palavra do Senhor, dizendo: 'Traz este homem de volta à tua casa, para que coma pão e beba água.'"

Ele voltou, pois, com ele e comeu pão na sua casa, e bebeu água.

E sucedeu que, enquanto estavam sentados à mesa, veio ao velho profeta a palavra do Senhor:

"Assim diz o Senhor: Porque foste desobediente à minha palavra e não guardaste o mandamento que te dei,

antes voltaste atrás e comeste pão e bebeste água no lugar de que te ordenara: 'Não comerás pão nem beberás água', o teu corpo não entrará na sepultura dos teus pais."

E foi depois de haver comido e bebido que o velho profeta preparou a jumenta para o profeta que o trouxera de volta.

Logo que aquele partiu, um leão o encontrou pelo caminho e matou-o; e o seu corpo ficou estendido na estrada, e a jumenta ficou de pé junto dele; e o leão também ficou ali.

Passou gente por ali, viu o corpo na estrada e o leão junto dele, e anunciaram-no na cidade onde vivia o velho profeta.

Quando o profeta que o trouxera de volta ouviu o que se passara, disse: "É o homem de Deus que foi desobediente à palavra do Senhor; por isso o Senhor o entregou ao leão, que o despedaçou, conforme a palavra que o Senhor lhe havia falado."

Então disse aos seus filhos: "Selai-me a jumenta." E selaram-na.

Foi ter com o corpo do homem de Deus e encontrou-o estendido na estrada, com a jumenta e o leão junto dele; o leão não comerá o corpo, nem lhe fez mal à jumenta.

O profeta tomou, pois, o corpo do homem de Deus, pô-lo na jumenta e trouxe-o de volta para a cidade do velho profeta, para o lamentar e enterrar.

E sepultou-o na sua própria sepultura, e choraram-no, dizendo: "Ai, meu irmão!"

Depois de o enterrar, disse aos seus filhos: "Quando eu morrer, sepultai-me na sepultura onde está o homem de Deus, e deitai os meus ossos junto aos seus ossos.

Pois a palavra que ele clamou pela palavra do Senhor contra o altar em Betel e contra todas as casas dos lugares altos que há nas cidades de Samaria certamente se cumprirá."